



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em Psicologia

Aniele Fischer Brand

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E A
INCORPORAÇÃO, INCULCAÇÃO E ENCARNAÇÃO DO
HABITUS MILITAR: um estudo etnográfico na PMSC**

Tese submetida ao Programa de Pós
Graduação em Psicologia, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Doutora em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Suzana da
Rosa Tolfo

Co-orientadora: Profa. Dra. Ione
Ribeiro Valle

Florianópolis

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Brand, Aniele Fischer

O PROCESSO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E A INCORPORAÇÃO,
INCULCAÇÃO E ENCARNAÇÃO DO HABITUS MILITAR : um estudo
etnográfico na PMSC / Aniele Fischer Brand ; orientadora,
Suzana da Rosa Tolfo ; coorientadora, Ione Ribeiro Valle. -
Florianópolis, SC, 2014.

717 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Identidade. 3. Socialização. 4.
Habitús. 5. Polícia Militar. I. Tolfo, Suzana da Rosa. II.
Valle, Ione Ribeiro. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

Aniele Fischer Brand

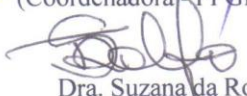
**O PROCESSO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E A
INCORPORAÇÃO, INCULCAÇÃO E ENCARNAÇÃO DO
HABITUS MILITAR: um estudo etnográfico na PMSC**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutora e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

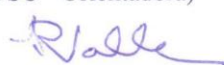
Florianópolis, 11 de março de 2014.



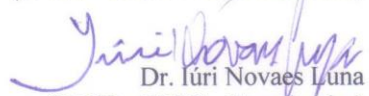
Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



Dra. Suzana da Rosa Tolfo
(PPGP - UFSC - Orientadora)



Dra. Ione Ribeiro Valle
(PPGE – UFSC - Co-orientadora)



Dr. Iuri Novaes Luna
(PPGP - UFSC - Examinador)



Dra. Marina Keiko Nakayama
(EGC - UFSC - Examinadora)



Dr. David Le Breton
(LCSE – Université de Strasbourg - Examinador)



Dra. Simone Ghisi Feuerschütte
(ESAG - UDESC – Examinadora)

Dedico este trabalho ao meu pai,
minha mãe, minha irmã, meus avôs (*in
memorian*), minhas avós e a minha
sobrinha por serem o que tenho de
mais importante na vida!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida auxiliando no meu percurso.

Aos meus amigos e mentores espirituais, pela intuição e energias positivas que me deram disposição, tranquilidade e confiança para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, Ronaldo e Rosani, pelos anos de dedicação e amor. Por cada lágrima de saudade e ‘aperto no coração’ enquanto estive na França no período de estágio doutoral. Por compreender cada ‘por favor, abaixa a televisão...’ e pelo o carinho e preocupação ao perguntarem ‘falta muito?’. Enfim, por serem meus exemplos de vida!

A minha irmã e melhor amiga, Ariane, pelo amor, companheirismo, cumplicidade, por compreender os momentos de ausência enquanto a dedicação estava voltada para os estudos e por ter me dado o melhor presente enquanto estive fora: minha afilhada. E ao meu cunhado, Alexandre, pela amizade.

A minha sobrinha e afilhada, Laura, por ter trazido luz a nossa família.

As minhas avós, Elza e Therezinha, exemplos de amor, dedicação e determinação.

Aos meus avôs Antônio (*in memoriam*) e Otto (*in memoriam*), que mesmo longe fisicamente estão sempre presentes na mente e no coração.

Aos meus familiares, cada qual com sua importância no meu trilhar.

Aos meus amigos, que compartilharam durante estes quatro anos de doutorado minhas conquistas e minhas angústias. A compreensão pela ausência do convívio em muitos momentos e por serem meu porto seguro nas horas difíceis.

Aos amigos que fiz na França que muito acrescentaram no meu caminho, principalmente, ao Flávio, irmão e companheiro para todas as horas; Beta, Angélica, Luísa, Cidinha, Lúcia, Umit e Priscila, por terem se tornado uma família de coração, por compartilharem a ausência dos que estavam longe e ajudar a diminuir a saudade, fazendo com que os dias fossem mais leves e divertidos. A vocês, ‘minhas estrelinhas’, merci beaucoup!

Ao amigo, Fabiano, e as amigas Tiana (*in memoriam*) e Glória, por terem feito parte da minha trajetória.

Aos colegas e amigos do doutorado e do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito - NETCOS por compartilharem conhecimentos e contribuírem para o meu crescimento acadêmico, especialmente a Joana, Laís, Silvana, Thiago, Silvia, Fernanda, Magda, Cinara e Karina (*in memoriam*).

Aos colegas do GEPEFESC, que juntamente com a professora Ione, receberam-me da melhor forma possível.

A Professora Suzana da Rosa Tolfo, pela amizade, orientação, dedicação, pelos conhecimentos compartilhados e por acreditar em mim e no meu trabalho. Obrigada por ter sido uma verdadeira mestre.

A Professora Ione Ribeiro Valle, pela confiança, por ter me acolhido como uma de suas ‘pupilas’ com muito carinho e contribuído de forma significativa para o meu crescimento acadêmico.

Ao professor David Le Breton, pelo acolhimento na França, por todos os conhecimentos repassados e por possibilitar que um grande sonho fosse alcançado.

A professora Marina Keiko Nakayama, pela amizade, conhecimentos repassados e por ter me ajudado em muitos momentos difíceis durante o trajeto.

A Professora Simone Ghisi Feuerschütte, por ter sido umas das responsáveis por eu seguir a vida acadêmica. Seu incentivo no início da vida acadêmica foi fundamental.

Ao Professor Iuri Novaes Luna, pela disposição em participar da banca e estar disposto a contribuir para o crescimento do trabalho. E a professora Andrea Valéria Steil, pelo aceite como membro suplente da banca.

A Polícia Militar de Santa Catarina, que abriu suas portas para realização deste trabalho. A cada comandante, instrutor, professor, coordenadoras pedagógicas, bibliotecárias, e, principalmente, aos alunos soldados, por terem colaborado com a pesquisa e feito parte do meu dia a dia intensamente durante os nove meses de pesquisa em campo.

A coordenação, professores e funcionários do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, por todo auxílio e conhecimento repassado.

Aos professores e funcionários da Université de Strasbourg por me receberem como aluna, auxiliando no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo apoio financeiro e por proporcionar meu desenvolvimento acadêmico na França.

A todos que durante meu percurso, auxiliaram-me direta ou indiretamente no doutorado.

[...] mon corps a été lâche quand mon âme était forte, et quand ma main ne tremblait plus, mon âme vacillait! J'ignore le secret de ces combats et de ces alternatives.

(Balzac, 1977)

RESUMO

O presente trabalho abordou o processo de construção da identidade militar dos policiais, no que tange as transformações da ‘saída do mundo civil’ para a ‘entrada no mundo militar’, descrevendo como se dá o processo de incorporação do *habitus militar*. Para se tornar um “ser militar”, o sujeito que adentra a esta instituição passa por um processo de socialização, com vistas a adquirir as disposições necessárias para assumir este novo papel. Como base para esta discussão, a tese fundamentou-se nos conceitos de identidade trabalhados na perspectiva interacionista simbólica e do *habitus*, a partir do estruturalismo construtivista. Partindo do pressuposto de que o corpo é o dispositivo pelo qual estas disposições são reveladas, buscou-se compreender a relação e importância do corpo para a atuação profissional do policial militar. O estudo foi realizado no Centro de Ensino da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), no Curso de Formação de Soldados (CFSD). A pesquisa foi definida como qualitativa e descritiva. Para alcançar-se o objetivo proposto, foi utilizado o método etnográfico, por meio da observação participante em um dos onze pelotões do CFSD que haviam no Centro de Ensino no momento da coleta, composto por quarenta e um alunos soldados. Foram coletados dados tanto de fontes primárias, quanto secundárias. Os dados coletados foram categorizados e analisados de forma descritiva e teórica. As categorias principais identidade e *habitus* foram desmembradas em subcategorias com suas unidades de análise. Para análise dos dados foi feita triangulação das informações, por meio da sistematização decorrente da utilização de diferentes procedimentos: observação, fotos, vídeos, áudios, análise de documentos, questionários, entrevistas, conversas informais e, a articulação entre eles. Constatou-se com o estudo, que a passagem do ‘mundo civil’ para o ‘mundo militar’, pressupõe diversas mudanças, tanto físicas, como psicológicas e sociais. Conclui-se, então, que a formação identitária militar do policial, inicia-se quando o indivíduo começa incorporar, encarnar e inculcar o *habitus militar*, por meio do processo de socialização secundária que ocorre durante o CFSD e, que, o corpo, é o dispositivo para que estas disposições sejam reveladas. No entanto, este *habitus* não estará ainda totalmente ‘cristalizado’ com o término do curso. Ele será aprimorado no decorrer do cotidiano desses indivíduos a partir das interações que irão ocorrer também no campo profissional após formados.

Palavras-chave: Identidade; Socialização; *Habitus*; Campo; Capital; Corpo; Polícia Militar

RÉSUMÉ

Cette étude porte sur le processus de construction de l'identité militaire des policiers, en terme de transformations effectuées pour “sortir du monde civil” et “entrer dans le monde militaire”, décrivant comment opère le processus d'incorporation de l'habitus militaire. Pour devenir un “corps militaire”, le sujet qui est admis dans cette institution passe par un processus de socialisation, pour acquérir les dispositions nécessaires à ce nouveau rôle. Comme base de cette discussion, la thèse s'est fondée sur le concept d'identité dans la perspective d'interactionnisme symbolique et sur le concept d'habitus dans la perspective du structuralisme constructiviste. En supposant que le corps est le dispositif par lequel ces dispositions sont révélées, nous avons cherché à comprendre la relation et l'importance du corps pour la performance professionnelle de la police militaire. L'étude a été menée au “Centro de Ensino da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC)”, dans le “Curso de Formação de Soldados (CFSD)”. La recherche a été définie comme qualitative et descriptive. Pour atteindre l'objectif proposé, on a utilisé la méthode ethnographique, de l'observation participante, d'un groupe de quarante et un élèves soldats par le “Curso de Formação de Soldados (CFSD)”. Les informations recueillies constituent des sources primaires et secondaires. Ces données ont été classées et analysées de façon descriptive et théorique. Les catégories principales identité et habitus ont été divisées en sous-catégories avec leurs unités d'analyse. Pour l'analyse on a utilisé la triangulation de l'information par la systématisation des différentes procédures : observation, photos, vidéos, audio, analyse de documents, questionnaires, entretiens, conversations informelles et la relation entre eux. Il a été constaté dans l'étude, que le passage du “monde civil” au “monde militaire” suppose plusieurs changements, tant physiques, que psychologiques et sociaux. Puis, il s'ensuit que la formation identitaire du policier, commence lorsque l'individu commence à incorporer, incarner et inculquer l'habitus militaire, à travers le processus de socialisation secondaire qui se produit au cours de le “CFSD”, et que le corps est le dispositif de sorte que ces dispositions sont révélées. Cependant, cet habitus n'est pas encore pleinement “cristallisé” à la fin du cours. Il sera renforcé au cours de la vie quotidienne de ces policiers dans les interactions qui se produisent également dans le domaine professionnel après l'obtention du diplôme.

Mots-clés: Identité; Socialisation; *Habitus*; Champ; Capital; Corps; Police Militaire

ABSTRACT

The present study approached the construction process of the military identity of police officers, towards the transformations of the “exit of the civil world” to the “entry of the military world”, describing how is the incorporation process of the military habitus. To become a “military being”, the subject that enters this institution goes through a process of socialization, in order to acquire the dispositions necessary to take over this new role. Based on this discussion, the thesis was built on identity concepts of the symbolic interactionist perspective and habitus concepts of constructivist structuralism. Having in mind that the body is the device from which these dispositions are revealed there was a search to comprehend the relation and importance of the body to the professional performance of the military police officer. The study was conducted at “Centro de Ensino da Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC)”, in “Curso de Formação de Soldados (CFSD)”. The research was defined as qualitative and descriptive. To reach the proposed objective, a ethnographic method was utilized, through participant observation in one of the eleven platoons of “CFSD” that were at “Centro de Ensino”, during data collection, composed by forty one student soldiers. Data were collected from primary and secondary sources. The data collected were categorized and analyzed descriptively and theoretically. The main categories, identity and habitus where dissembled in subcategories with its analysis units. For data analysis a triangulation of information was made, through the systematic derived from the utilization of different procedures: observation, photos, videos, audios, documents analysis, questionnaires, interviews, informal conversations and the articulation between them. Because of the study it was evidenced that the path from the ‘civil world’ to the ‘military world’ presupposes several changes, physical, as well as, psychological and social. Thus it is concluded that the identity development of the police officer begins when the individual starts to incorporate, embody and inculcate the military habitus through the process of secondary socialization that occurs during “CFSD” and that the body is the device that reveals these dispositions. However, this habitus will not be completely ‘crystallized’ with the end of the course. It will be improved along with the everyday of these individuals through the interactions that will occur, also, in the professional field after they are graduates.

Key Words: Identity; Socialization; *Habitus*; Field; Capital; Body; Military Police

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O <i>habitus</i>	62
Figura 2: Postos e Graduações	268
Figura 3: Fluxograma do Livro de Conduta.....	360
Figura 4: Componentes básicos das emoções	506
Figura 5: Teorias Gerais da emoção	507
Figura 6: Frase de inculcação	519

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Disciplinas oferecidas no módulo 1	88
Quadro 2: Disciplinas oferecidas no módulo 2	90
Quadro 3: Disciplinas oferecidas no módulo 3	91
Quadro 4: Categorias de análise	124
Quadro 5: Elementos da trajetória dos alunos soldados	178
Quadro 6: Tipos de comportamentos desviantes	240
Quadro 7: Transgressões Disciplinares	358
Quadro 8: O corpo e suas relações no processo de incorporação do <i>habitus</i> militar e da formação identitária	651

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Horas diárias de acompanhamento em campo	676
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Religião	125
Gráfico 2: Idade	126
Gráfico 3: Filhos	127
Gráfico 4: Naturalidade	127
Gráfico 5: Residência em Florianópolis em função do CFSD	128
Gráfico 6: Graduação.....	128
Gráfico 7: Ano de Obtenção do título.....	129
Gráfico 8: Especialização	130
Gráfico 9: Cursos Complementares	130
Gráfico 10: Participação em eventos	131
Gráfico 11: Frequência anual de participação em eventos	131
Gráfico 12: Idioma estrangeiro	132
Gráfico 13: Hábito de Leitura	133
Gráfico 14: Hábito de Assistir Televisão.....	133
Gráfico 15: Hábito de Viajar.....	134
Gráfico 16: Escolaridade Pai	134
Gráfico 17: Escolaridade Mãe	135
Gráfico 18: Escolaridade Avô Paterno.....	136
Gráfico 19: Escolaridade Avó Paterna.....	136
Gráfico 20: Escolaridade Avô Materno	137
Gráfico 21: Escolaridade Avó Materna	137
Gráfico 22: Escolaridade Irmãos	138
Gráfico 23: Profissão Pai	139
Gráfico 24: Profissão Mãe	139
Gráfico 25: Profissão Avô Paterno	140
Gráfico 26: Profissão Avó Paterna.....	140
Gráfico 27: Profissão Avô Materno	141
Gráfico 28: Profissão Avó Materna	141
Gráfico 29: Profissão Irmãos	142
Gráfico 30: Profissões afins.....	143
Gráfico 31: Parentes na Polícia Militar.....	143
Gráfico 32: Parentes na Polícia Civil.....	144
Gráfico 33: Parentes na Polícia Federal	144
Gráfico 34: Parentes nos Bombeiros.....	145
Gráfico 35: Parentes na Marinha	145
Gráfico 36: Parentes no Exército	146
Gráfico 37: Parentes na Aeronáutica	146
Gráfico 38: Parentes na Guarda Municipal.....	147
Gráfico 39: Parentes em Profissões Afins.....	147
Gráfico 40: Vínculo anterior com órgão militar ou afim	148
Gráfico 41: Última profissão antes de ingressar na PMSC	148

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Aula de Defesa Pessoal	102
Foto 2: Treinamento no Paintball 1	103
Foto 3: Hematomas resultantes do treinamento no paintball	103
Foto 4: Treinamento de tiro no estande	103
Foto 5: Treinamento de técnica de descida	104
Foto 6: Treinamento de técnica de descida 2	104
Foto 7: Aula Teórica	104
Foto 8: Curso de Ajuda Humanitária	105
Foto 9: Confraternização de final de ano	105
Foto 10: Missão recebida de guarda de material	107
Foto 11: Treinamento no Rio Vermelho 1	109
Foto 12: Treinamento no Rio Vermelho 2	110
Foto 13: Treinamento no Rio Vermelho 3	110
Foto 14: Incursão diurna 1	112
Foto 15: Incursão diurna 2	112
Foto 16: Incursão diurna 3	113
Foto 17: Incursão diurna 4	113
Foto 18: Incursão diurna 5	114
Foto 19: Incursão diurna 6	114
Foto 20: Incursão noturna 1	115
Foto 21: Barreira policial 1	116
Foto 22: Barreira policial 2	116
Foto 23: Barreira policial 3	117
Foto 24: Barreira policial 4	117
Foto 25: Barreira policial 5	118
Foto 26: Chegada no CFAP 1	214
Foto 27: Chegada no CFAP 2	214
Foto 28: Separação dos pelotões	215
Foto 29: Instruções Iniciais	215
Foto 30: Formação do pelotão	216
Foto 31: Instrução de posicionamento	216
Foto 32: Conformando o “sentido”	217
Foto 33: Conformando o “descansar”	217
Foto 34: Conformando continências	218
Foto 35: Corpos recém conformados	218
Foto 36: Almoço no ‘rancho’	223
Foto 37: Simulação de atendimento pré-hospitalar 1	232
Foto 38: Simulação de atendimento pré-hospitalar 2	232
Foto 39: Simulação de confronto 1	233
Foto 40: Simulação de confronto 2	233
Foto 41: Simulação de jogo de futebol 1	234
Foto 42: Simulação de jogo de futebol 2	234
Foto 43: Aula de direção defensiva	235

Foto 44: Treinamento de ajuda humanitária	235
Foto 45: Simulação de colocação de algema	236
Foto 46: Simulação de resgate de companheiro	236
Foto 47: Simulação de abordagem 1	237
Foto 48: Simulação de abordagem 2	237
Foto 49: Formatura de fogo	283
Foto 50: Manuseio da arma	298
Foto 51: Treinamento no estande de tiro 1	299
Foto 52: Treinamento no estande de tiro 2	299
Foto 53: Treinamento no estande de tiro 3	300
Foto 54: Treinamento no estande de tiro 4	300
Foto 55: Treinamento no estande de tiro 5	301
Foto 56: Treinamento no estande de tiro 6	301
Foto 57: Abordagem 1	312
Foto 58: Abordagem 2	312
Foto 59: Abordagem 3	313
Foto 60: Percurso incursão diurna 1	313
Foto 61: Percurso incursão diurna 2	314
Foto 62: Instruções para a incursão diurna	315
Foto 63: Instruções para a incursão noturna	315
Foto 64: Disciplina	333
Foto 65: Treinamento no Rio Vermelho 4	334
Foto 66: Treinamento no Rio Vermelho 5	334
Foto 67: Treinamento no Rio Vermelho 6	335
Foto 68: Treinamento no Rio Vermelho 7	335
Foto 69: Agentes químicos	336
Foto 70: Interação	336
Foto 71: Treinamento no Rio Vermelho 8	337
Foto 72: Alunos soldados em forma no hasteamento da bandeira	409
Foto 73: Missa de formatura	413
Foto 74: Benção aos alunos soldados	413
Foto 75: Movimentos padronizados 1	414
Foto 76: Corpos conformados	414
Foto 77: Padronização dos corpos 1	415
Foto 78: Padronização dos corpos 2	415
Foto 79: Movimentos padronizados 2	416
Foto 80: Movimentos padronizados 3	416
Foto 81: Juramento 1	417
Foto 82: Juramento 2	417
Foto 83: Entrega kit	418
Foto 84: Kit para exercício da função	418
Foto 85: Aluno destaque	419
Foto 86: Movimentos padronizados 4	419
Foto 87: Padronização dos corpos 3	420
Foto 88: Padronização dos corpos 4	420

Foto 89: Emoção.....	421
Foto 90: Pelotão formado	421
Foto 91: Movimento de força	489
Foto 92: Movimento de agrupamento.....	490
Foto 93: Movimento de descida 1	490
Foto 94: Movimento de descida 2	491
Foto 95: Movimento de cotovelo	491
Foto 96: Movimento mão 1	492
Foto 97: Movimento mão 2	492
Foto 98: Movimento de rastejar	493
Foto 99: Movimento de subida	493
Foto 100: Aula teórica	519
Foto 101: O suor na incursão 1	522
Foto 102: O suor na incursão 2	522
Foto 103: O suor da pesquisadora.....	523
Foto 104: O suor na incursão 3	523
Foto 105: Chegada ao CFAP	595
Foto 106: Aguardando para formação matinal nos primeiros dias de curso	596
Foto 107: Treinando ficar em forma	596
Foto 108: Treinando marchar.....	597
Foto 109: Alinhamento ‘em forma’ nos primeiros dias	597
Foto 110: ‘Em forma’ nas olimpíadas.....	598
Foto 111: Interação inicial 1	598
Foto 112: Interação inicial 2	599
Foto 113: Formando o ‘espírito de corpo’	599
Foto 114: Treinando ‘o andar com arma’ 1	600
Foto 115: Treinando ‘o andar com arma’ 2	600
Foto 116: Treinando ‘o olhar’	601
Foto 117: Treinando a resistência física 1	601
Foto 118: Treinando a resistência física 2	602
Foto 119: Treinando a resistência física 3.....	602
Foto 120: ‘Em forma’ em dia de manutenção do Quartel Escola	603
Foto 121: Fazendo a manutenção do Quartel Escola	603
Foto 122: Interação na festa de encerramento do ano	604
Foto 123: Treinando abrodagem	604
Foto 124: Treinando a resistência física 4.....	605
Foto 125: Praticando o Alinhamento	605
Foto 126: Treinando direção defensiva.....	606
Foto 127: A prática do tiro sob o olhar do instrutor 1	606
Foto 128: A prática do tiro sob o olhar do instrutor 2	607
Foto 129: Treinando colocação de algema.....	607
Foto 130: Praticando a colocação de algema sob o olhar dos instrutores	608
Foto 131: Aula de defesa pessoal.....	608
Foto 132: ‘Em forma’ na visita técnica ao presídio	609
Foto 133: Visita técnica ao presídio 2.....	609

Foto 134: ‘Em forma’ no estande de tiro	610
Foto 135: Praticando tiro	610
Foto 136: Conferindo os tiros	611
Foto 137: Aula de meditação e relaxamento com professora convidada 1	611
Foto 138: Aula de meditação e relaxamento com professora convidada 2	612
Foto 139: Treinando incursão	612
Foto 140: Treinamento no Rio Vermelho 9	613
Foto 141: Treinamento no Rio Vermelho 10	613
Foto 142: Atividade prática com a taser 1	614
Foto 143: Atividade prática com a taser 2	614
Foto 144: Treinando subida	615
Foto 145: Treinando descida	615
Foto 146: Alinhamento ‘em forma’ no quinto mês	616
Foto 147: Treinamento de atendimento pré-hospitalar	616
Foto 148: Manutenção do quartel 3	617
Foto 149: Manutenção do quartel 4	617
Foto 150: Estágio supervisionado em jogo de futebol	618
Foto 151: ‘Em forma’ no Rio Vermelho	618
Foto 152: Treinamento no Rio Vermelho 11	619
Foto 153: Treinamento no Rio Vermelho 12	619
Foto 154: ‘Em forma’ para atividade prática	620
Foto 155: Alinhamento ‘em forma’ no sétimo mês	620
Foto 156: Aula teórica	621
Foto 157: ‘Pagando’ apoio	621
Foto 158: Atividade prática de barreira policial	622
Foto 159: Treinamento no estande de tiro 7	622
Foto 160: Simulação de confronto no paintball	623
Foto 161: ‘Em forma’ no paintball	623
Foto 162: Incursão diurna 7	624
Foto 163: Incursão noturna 2	624
Foto 164: Atividade prática com o radar	625
Foto 165: ‘Em forma’ na visita técnica à Polícia Militar Rodoviária	625
Foto 166: Recebendo a carteira funcional	626
Foto 167: Apreensão em incursão noturna	626
Foto 168: Prática em barreira policial noturna	627
Foto 169: Prática de abordagem	627
Foto 170: Percurso da viatura para visita técnica ao Batalhão de Choque	628
Foto 171: Percurso a pé para visita técnica ao Batalhão de Choque	628
Foto 172: ‘Em forma’ para apresentação do pelotão	629
Foto 173: Hasteamento da bandeira no Batalhão de Choque	629
Foto 174: Visita técnica ao Batalhão de Choque	630
Foto 175: Avaliação no estande de tiro	630
Foto 176: Alinhamento ‘em forma’ no nono mês	631
Foto 177: Expectativa na escolha de vagas	631
Foto 178: Treinamento de Ajuda Humanitária	632

Foto 179: Final do treinamento de Ajuda Humanitária.....	632
Foto 180: Aguardando autorização para ‘avançar ao rancho’	633
Foto 181: Almoçando no ‘rancho’	633
Foto 182: Palestra aos alunos soldados	634
Foto 183: Ensaio para formatura 1.....	634
Foto 184: ‘Em forma’ no ensaio para formatura	635
Foto 185: Movimentos sincronizados no ensaio para formatura.....	635
Foto 186: Movimentos padronizados no ensaio para formatura	636
Foto 187: Missa de formatura 2	636
Foto 188: Missa de formatura 3	637
Foto 189: Cerimônia de formatura do CFSD	637
Foto 190: Ritual de ‘revista à tropa’ na formatura do CFSD	638
Foto 191: Emoção partilhada com os familiares na formatura do CFSD.....	638
Foto 192: Juramento na formatura do CFSD	639
Foto 193: Alinhamento dos corpos conformados após nove meses de formação	639

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	35
2 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E O HABITUS: “dois lados de uma mesma moeda”?.....	43
2.1 A identidade E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	43
2.2 <i>habitus</i> , campo e capital	52
2.2.1 O HABITUS	57
2.3 O corpo como ferramenta do policial militar.....	66
3 O CAMPO DE PESQUISA: A POLÍCIA E SUA HISTÓRIA ...	71
3.1 A Polícia Militar De Santa Catarina (PMSC)	71
3.1.1 Tornando-se um militar: O Sistema de Ensino da Polícia Militar de Santa Catarina.....	74
3.1.2 O Quartel Escola: O Centro de Ensino da Polícia Militar (CEPM)	75
3.1.3 Tornar-se um Praça: O Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP).....	76
3.1.4 Desenvolvendo o ‘EU’ Militar: O Curso de Formação de Soldados (CFSd)	85
4 EM CAMPO COM OS MILITARES: A TRAJETÓRIA DA PESQUISA	93
4.1 A entrada no campo.....	94
4.2 Os sujeitos da pesquisa.....	98
4.3 A observação participante: partindo para o campo com os ALUNOS SOLDADOS	98
4.4 O questionário	118
4.5 Dialogando com os militares: As entrevistas	119
4.6 Registro, tratamento e análise dos dados	121

5 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E O HABITUS: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	125
5.1 Os alunos soldados	125
5.2 OS POLICIAIS (ALUNOS SOLDADOS) E SUA TRAJETÓRIA: da infância ao "ser" policial	149
5.3 O CURSO DE FORMAÇÃO DE SOLDADO: início de uma nova etapa.....	210
5.3.1 Farda, Arma, favela, gás: ‘a primeira vez, a gente nunca esquece’	281
5.3.1.1 A formatura de fogo: a farda e seu poder	281
5.3.1.2 ‘Atenção, ao meu comando, fogo!’	298
5.3.1.3 “O jogo agora, é a vera”, será que estou preparado?.....	311
5.3.1.4 A aproximação com a dor como aprendizado: Fica, fica, fica!	332
5.3.2 O FON, o FOP e o PAD: entre a punição e o reconhecimento.....	353
5.3.3 Os relacionamentos	371
5.3.3 Policial militar, super herói?	382
5.3.4 Atenção pelotão, sentido!.....	403
5.3.5 A formatura	412
5.4 AS MUDANÇAS NO TRAJETO: do "ser civil" ao "ser militar".....	430
5.4.1 O ANTES E O DEPOIS: A VISÃO SOBRE A POLÍCIA MILITAR	456
5.5 O POLICIAL MILITAR E A PSICOLOGIA.....	465
5.6 O POLICIAL MILITAR E SEU CORPO: O INCORPORADO, O ENCARNADO E O INCULCADO.....	473
5.6.1 O uso de medicação	473
5.6.2 O repouso	477
5.6.3 A ornamentação do corpo	481
5.6.4 Os movimentos do corpo	489
5.6.5 Os cuidados com o corpo.....	497
5.6.6 A gestualidade.....	501
5.6.7 A Expressão dos sentimentos.....	506
5.6.8 O sangue.....	514
5.6.9 O suor	518

5.6.10 A lágrima	523
5.6.11 O nascimento	527
5.6.12 A morte	529
5.6.13 Os Sentidos (visão, olfato, paladar, audição, tato).....	535
5.6.14 O volume do corpo	540
5.6.15 A cor do corpo	545
5.6.16 A deficiência do corpo	554
5.6.17 A orientação sexual	559
5.6.18 A Polícia Militar e a mulher	569
5.7 O CURSO DE FORMAÇÃO DE SOLDADOS, A PESQUISA E A PESQUISADORA.....	585

6 A PASSAGEM DO “MUNDO CIVIL” PARA O “MUNDO MILITAR” SOB O OLHAR DA PESQUISADORA

6.1 O primeiro mês	595
6.2 O segundo mês	600
6.3 O terceiro mês	604
6.4 O quarto mês	610
6.5 O quinto mês	612
6.6 O sexto mês	616
6.7 O sétimo mês	621
6.8 O oitavo mês.....	626
6.9 O nono mês.....	631

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

APÊNDICES	663
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	664
APÊNDICE B – Diário de Campo.....	665
APÊNDICE C – Questionário Perfil dos Respondentes.....	666
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista alunos soldados	671

APÊNDICE E – Roteiro de entrevista comandante do CFAP	675
ANEXOS	679
ANEXO A – CERTIFICADO DO CURSO DE DIREÇÃO TÁTICA ANTI-SEQUESTRO	680
ANEXO B - MODELO DA PÁGINA DE FATOS OBSERVADOS NEGATIVOS (FON) DO ALUNO	681
ANEXO C - MODELO DA PÁGINA DE FATOS OBSERVADOS POSITIVO (FOP) DO ALUNO.....	682
ANEXO D – CANÇÃO DO POLICIAL MILITAR	683
ANEXO E – CANÇÃO DA POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA	684
ANEXO F – EDITAL N° 008/CESIEP/2011	685
ANEXO G – APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA	717

1 INTRODUÇÃO

“São 3h da madrugada, olho para o lado e vejo meu companheiro de viatura cansado, dirigindo o veículo a piscadas de sono. Está frio e já tomei todos os cafês possíveis para despertar este sono que chega implacável. Nem me entupindo de comida alivia a ansiedade.

Meu pensamento está na minha família que deixei em casa para dedicar a uma causa maior: A Segurança da Comunidade. O bairro onde eu moro já não é exemplo em segurança, inclusive muitas vezes tenho que disfarçar o fato de ser policial para não levantar a atenção de meus vizinhos.

Quando eu entrei para a polícia, ninguém falou que eu teria que passar por esta angústia. Esqueceram de falar também sobre as noites solitárias e de tédio. Naqueles tempos, o policial ainda era um ponto de referência em seu Bairro, era visto como um amigo. Sempre que alguém ficava doente ou em outra emergência procurava auxílio ou orientação do policial do seu bairro, mas hoje há uma barreira a ser quebrada. Lembro também que naquela época, quando acontecia uma ocorrência envolvendo arma de fogo durante o serviço, era fato para se comentar por semanas, uma vez que não ocorria com frequência e ainda causava certo espanto. Hoje, meu colete balístico tornou-se indispensável para o trabalho.

Ninguém falou também que os fantasmas das mortes que vivenciei e das pessoas que prendi iriam ser meus companheiros de pesadelos e, que por muitas noites sonharia com a minha própria morte. Que a doutrina militar forjaria minha maneira de ser e de me relacionar com as pessoas e com a minha família pelo resto da vida.

Faz oito horas desde o início do meu turno de trabalho e ainda faltam quatro para terminá-lo. Neste tempo, um colega de outra viatura acabou se machucando em uma ocorrência em que precisou usar a força física para conter uma briga e, outro trocou tiros com indivíduos suspeitos que estavam com um carro bem mais potente que nossas viaturas. Minha atenção está muito elevada criando uma tensão emocional que me deixa alerta para qualquer movimento. Com sorte isto apenas me trará uma gastrite, mas se for como os outros, terei úlcera.

Desde o momento que coloquei a minha farda para trabalhar é como se um peso enorme estivesse sobre os meus ombros, como se a farda acumulasse quilos além do peso normal durante esses anos. Fico pensando em quando irá chegar a hora, neste turno de serviço, de

colocar à prova se realmente estou preparado para agir, quando nesta noite vou ter que encarar a morte de perto.

Se há uma coisa que passa na mente de todos os policiais é a morte, mas ninguém se permite ou é permitido comentar sobre o assunto, afinal, ser policial militar é superior a “essas coisas” emotivas, e qualquer sinal de sentimento é visto como uma fraqueza. Não é permitido ter medo ou outras emoções, pois demonstrar sentimentos pode ser visto com olhos de críticas no meio militar.

Policial Militar inclusive é superior ao tempo, diziam nossos superiores para justificar a antiga proibição de usar guarda-chuva em dias de chuva quando se estava fardado. Muito melhor seria se nos explicassem que o medo é uma reação fisiológica importante, que devemos aceitá-lo e respeitá-lo, pois ativa uma resposta imediata ao perigo, necessária a sobrevivência de qualquer ser humano.

Para ser policial além do uniforme e da arma é preciso ter “coração” e uma alma de policial. É se importar com as pessoas e ajudá-las nos momentos que mais precisarem. Enfrentar o perigo é fácil, difícil é ver tanta violência, fome e pobreza e não poder fazer nada.

Vejo muita gente escrevendo sobre o que é ser policial ou sobre a instituição policial, tecendo críticas infundadas inconsequentes ou superficiais, mas a coisa é muito mais complexa do que parece.

[...]

*Existe uma minoria de policiais “com sorte”, que passarão seus 30 anos de trabalho sem precisar enfrentar a morte, mas mesmo sem ter que enfrentá-la viverão a angústia de sua espera perguntando-se durante todos os dias de suas carreiras: **quando acontecerá comigo?**¹*

Minha espera terminou numa noite dessas e apesar de ter imaginado todas as situações possíveis e tentar me preparar mentalmente, nada aconteceu do jeito que esperava. Estava de folga e saí com amigos numa dessas raras noites em que deixamos o trabalho de lado.

Precavido que sou escolhi o posto de gasolina que mais circulavam viaturas policiais para abastecer meu carro. O posto estava muito cheio de pessoas o que me garantia ainda mais segurança. Quando procurávamos algo para comprar dentro da loja de conveniência adentrou um marginal armado e de capacete anunciando o assalto. Em poucos 20 segundos, toda minha vida se resumiu em um filme em minha cabeça, nestas horas, age-se por instinto, todos os movimentos e ações parecem estar em “slow motion”.

¹ Grifo do autor

Consegui sair sem ser percebido e vislumbrei a chance de prender o criminoso, na vivência mais real da constelação de meu Arquétipo de Herói. Não percebi que havia outros marginais dando cobertura ao que entrou na loja de conveniência para assaltar e, ao dar voz de prisão ao assaltante, me vi envolvido em uma troca de tiros com quatro marginais.

Quando você mata alguém, mesmo que seja em função de seu trabalho e para defender-se, sua vida muda completamente, parece que perde um pouquinho de sua humanidade como se fosse perdido um pequeno pedaço de sua alma. Mas, você também se sente mais leve, como se depois de ter enfrentado a morte pudesse enfrentar qualquer coisa.

Chega um momento na vida de um policial na qual se vê cercado de inúmeros questionamentos e dúvidas. Depois de conviver alguns anos entrando em favelas, assistindo a fome em sua manifestação mais cruel, vendo pessoas definhando, drogadas ou abandonadas à própria sorte, isto te afeta. Violência e mortes absurdas, produto de uma sociedade que perdeu o significado de “Ser” humano para amar o “Ter” dinheiro e poder.

Neste ponto há uma escolha a fazer e as opções vão mais além do que se “omitir, corromper, ou ir para a guerra” tiradas do filme Tropa de Elite. Alguns se entregam ao uso abusivo de drogas e álcool, outros deixam o sentimento virar loucura ao ponto de necessitar de internação psiquiátrica ou mesmo matar algum inocente e outros chegam à medida mais extrema: o suicídio.

Dentre as alternativas possíveis procurei respostas nas Ciências Humanas, na descoberta do conhecimento através da dedicação ao estudo, buscando o que precisava para entender o que estava se passando comigo e tudo a minha volta. Confesso, contudo, que algumas alternativas dependendo da situação, por muitas vezes parecem bem tentadoras.

Hoje percebo que gosto muito de meu trabalho e se há algo que sei fazer bem é ser policial. Tenho orgulho do que faço e sinto certa revolta quando vejo a imagem dos policiais maculada na mídia, a mercê da irresponsabilidade de alguns formadores de opinião. Neste trabalho aprendi a ser mais sensível a fraternidade e a cada dia que passa respeito mais a vida.

Procuro não pensar naquelas pessoas que morreram em ocorrências. É inevitável, todos têm sua hora e somente Deus sabe qual. Procuro pensar nas pessoas que salvei e todas as famílias que ajudei a manter felizes por força do meu trabalho e dedicação.

Escrevi este livro como forma de agradecer a grande dívida que tenho com meus colegas policiais, por tudo que me proporcionaram nestes anos de trabalho. Toda experiência que adquiri não tem preço, ajudou a tornar-me uma pessoa mais madura diante da vida e me preparou para enfrentar todos os obstáculos existentes nesta caminhada.

Pensei em contribuir com o que avalio ser o melhor que aprendi em termos de segurança pública e faço sugestões para mudança da cultura policial, ainda muito enraizada em práticas ultrapassadas e na falta de um pensar crítico sobre as condições de trabalho.

Esse livro é um chamado à redenção da verdade daqueles de caráter cujas mordidas das injustiças calaram por anos de sofrimento e terror, num verdadeiro devaneio de assédios e descasos. É um legado e uma contribuição, pois acredito que tudo o que fizemos ecoa na eternidade.

Neste livro, além de buscar descrever todo o contexto da atividade do policial militar enveredo todas as proposições e discussões acerca deste universo de coisas para propor uma sistematização e construção científica do que entendo por CIÊNCIA POLICIAL.

Contudo, é preciso de um esforço em conjunto de todos os operadores e dos estudiosos da segurança no sentido de buscar o devido reconhecimento da comunidade científica sobre essa tão importante ciência que flutua ainda muito fragmentada entre os bancos acadêmicos das forças policiais e das universidades.”

(Alaor Antonio Bittencourt)²

A insegurança e o medo fazem parte do dia a dia das pessoas, pois muitas vezes são vítimas de violências decorrentes das limitações na segurança pública. Estima-se que mais de um milhão de pessoas morrem por ano vítimas de algum tipo de violência e outras milhares ficam feridas (OMS, 2002). De acordo com a OMS (2002), a violência está mundialmente entre as principais causas de morte de pessoas com idade entre 15 e 44 anos.

Segundo Lima e Bueno (2013) os dados publicados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública em 2013, reforçam a sensação de que vivemos em uma sociedade com medo e aflição diante da possibilidade cotidiana de ser vítima e refém do crime e da violência. Asseveram que os dados também indicam que o sistema brasileiro de segurança pública é ineficiente, paga mal aos policiais e convive com padrões operacionais

² Relato de um policial na apresentação do livro SOS Segurança Pública, 2010.

de letalidade e vitimização policial, com baixas taxas de esclarecimentos dos delitos e precárias condições de encarceramento.

A segurança é essencial à vida em sociedade e cabe ao Estado, por meio de suas instâncias formais, defender e proteger os indivíduos, grupos e a própria sociedade. A Polícia Militar, como uma das instituições mais importantes para este fim, compete a responsabilidade de garantir a segurança e a ordem. Em Santa Catarina, a missão da Polícia Militar é “proporcionar segurança ao cidadão, preservando a ordem pública através de ação de polícia ostensiva, de forma integrada com a sociedade, visando o exercício pleno da cidadania”(PMSC, 2014). Aos profissionais policiais, responsáveis por assegurar essa missão por meio de suas funções, cabe o compromisso de estarem preparados para exercer as atividades que lhes compete. No entanto, as principais críticas da população e dos segmentos civis organizados à segurança pública são relativas às práticas correntes de brutalidade policial, de uso excessivo da força e demais empregos arbitrários do poder de polícia, como um dos efeitos perversos do "despreparo" e da "baixa qualificação profissional" de policiais militares (MUNIZ, 2001). Além disso, a violência está cada vez mais presente na sociedade, o que nos faz refletir sobre a importância de discussões acerca do papel e das ações da segurança pública. Bittencourt e Vieira (2010) salientam que pesquisas no âmbito da polícia militar são fundamentais devido a escassez de estudos científicos relacionados ao tema.

Por outro lado, no que tange aos profissionais, o Anuário resultante do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2013 apresenta um levantamento sobre letalidade e vitimização na ação policial no Brasil e suas consequências para as políticas de segurança pública e demonstra que os policiais estão matando e morrendo numa proporção muito maior do que qualquer padrão internacional.

Quando se considera a violência no cotidiano com dados estatísticos, de acordo com Lima e Bueno (2013), verifica-se que a taxa de homicídios dolosos no país cresceu 7,8% entre 2011 e 2012 e atingiu 24,3 ocorrências por 100 mil habitantes e as mortes por arma de fogo representaram, em 2011, 70,4% dos homicídios. Já a taxa de estupros ultrapassou, em 2012, a de homicídios e alcançou 26,1 ocorrências por 100 mil habitantes, o que implica em cerca de 50.617 estupros cometidos no Brasil. O número de presos do país em 2012 foi de 549.786, num crescimento de 6,8% em relação ao ano anterior. O Anuário demonstra ainda, que considerando as taxas de mortes por homicídio da população e de policiais, o risco de um policial morrer assassinado no Brasil é 3 vezes maior do que o de um cidadão

“comum”, sendo que a maior parte das mortes desses policiais militares ocorrem fora de serviço.

Diante deste contexto de violência e busca incessante por uma Segurança Pública de qualidade, a atuação da Polícia Militar torna-se fundamental nesse processo. No entanto, para que se tenha uma prestação de serviços adequada à sociedade, é necessário que esses profissionais estejam preparados para assumir esse papel. Para Muniz (2001), o processo formativo dos policiais militares é uma das questões mais candentes que mobilizam o debate público sobre a reforma das polícias brasileiras. Segundo a autora, há um descompasso entre a destinação das polícias de “servir e proteger” o cidadão preservando a ordem pública, e os conhecimentos, técnicas e hábitos aprendidos pelos policiais militares, que ainda estariam refletindo as doutrinas e mentalidades herdadas do passado autoritário do país.

Por outro lado, percebe-se, conforme o relato apresentado na abertura desse trabalho, que o cotidiano do policial militar requer tanto formação teórica-prática, quanto uma incorporação de novas disposições para o exercício de suas funções e preparo físico, psicológico e social. Essas disposições portam a história individual e coletiva e são internalizadas ao ponto de agirmos sem pensar. Ou seja, são as rotinas corporais e mentais produto de um processo de aprendizagem, do qual reflete uma atitude “natural” de nos conduzirmos em um determinado meio (THIRY-CHERQUES, 2006).

Em estudos realizados na área militar, Castro (2004) e Takahashi (2002) demonstram o processo de socialização e construção da identidade social militar e levantam a necessidade de realização de estudos que abordem este tema. Os autores, no entanto, desenvolvem suas pesquisas na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman) e na Academia da Força Aérea, respectivamente. No presente trabalho, o estudo teve como foco os militares da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina. A tese aborda o processo de construção da identidade militar dos policiais, no que tange as transformações da ‘saída do mundo civil’ para a ‘entrada no mundo militar’, descrevendo como se dá o processo de incorporação do *habitus militar*. Assim como Castro (2004) e Takahashi (2002) afirmam que é no interior das academias militares que os futuros oficiais aprendem os valores, crenças, atitudes e comportamentos apropriados à vida militar, por aproximação a presente pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo realizado na Centro de Ensino da Polícia Militar de Santa Catarina.

Para se tornar um “ser militar”, o sujeito que adentra a esta instituição passa por um processo de socialização, com vistas a adquirir

as disposições necessárias para assumir este novo papel, que é ao mesmo tempo individual e social. A partir do momento em que essas disposições vão sendo incorporadas, um novo *habitus* vai sendo consolidado e uma identidade profissional em processo se forma. Sendo assim, partimos do pressuposto de que o sujeito que antes era um “ser civil”, passa a ser um “ser militar”. Como se dá a consolidação deste *habitus*? Como é o processo de construção da identidade militar dos policiais? Como estes corpos vão se moldando às novas disposições adquiridas? Como é o cotidiano desses sujeitos que são ao mesmo tempo ‘ser civil’ (pai/mãe, filho(a), esposo(a), irmão(ã)) e ‘ser militar’ (policial militar), que deixam seus lares e família diariamente para muitas vezes enfrentarem o perigo e até mesmo a morte?

Diante destes questionamentos, realizou-se um estudo sobre o processo de formação identitária do policial militar a partir de dois eixos teóricos, traçando um paralelo entre o conceito de identidade e o de *habitus*. Como base para esta discussão, optou-se para fundamentar a tese os conceitos de identidade trabalhados na perspectiva interacionista simbólica e do *habitus*, a partir do estruturalismo construtivista. A proposta baseia-se no pressuposto de que os conceitos sejam inter-relacionados e não vistos de forma isolada, num determinismo extremista objetivista ou subjetivista, sem aproximações entre matrizes epistemológicas que privilegiam a compreensão do sujeito como sujeito social.

Dessa forma, o estudo privilegiou uma lógica relacional, em que o sujeito é formado levando-se em consideração tanto as questões subjetivas como as objetivas, em que ora irão se sobrepor as questões individuais ora as questões sociais e da estrutura.

Primeiramente a discussão é centrada no conceito de identidade a partir da perspectiva interacionista simbólica, perpassando pelas contribuições de Anselm Strauss, Erving Goffman, Peter Berger, Thomas Luckman, Jean Claude Kaufmann e Claude Dubar. Em seguida, foi apresentado o conceito central de *habitus* a partir dos estudos de Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant. Acreditando ser o corpo o dispositivo pelo qual estas disposições são reveladas, buscou-se compreender a relação e importância do corpo para a atuação profissional do policial militar. Para a discussão do corpo utilizou-se principalmente dos conceitos de Marcel Mauss e David Le Breton.

Por fim, no que diz respeito a relevância do estudo, considerando o novo papel que a Polícia Militar de Santa Catarina está assumindo na sociedade, de uma polícia cidadã, voltada para o desenvolvimento intelectual dos profissionais que nela trabalham, bem como de uma

polícia que preza pelo uso racional das técnicas aprendidas em detrimento do uso abusivo da força, o tema demonstrou-se relevante socialmente haja vista a possibilidade da polícia e da sociedade utilizar os dados para ações e mudanças na polícia. A partir das reflexões feitas no trabalho, pode-se contribuir com questões que venham auxiliar as discussões da reforma cultural e estrutural a qual a Polícia Militar vislumbra atualmente. Contribui também cientificamente à medida que trouxe para a discussão teórica o processo formativo do Policial Militar, aspecto fundamental no que se refere à Segurança Pública. Além disso, a tese pôde ser caracterizada, ainda, como inédita, pois estudou as interfaces dos conceitos de identidade e *habitus*, utilizando-se do corpo do policial militar para identificar de forma prática, o processo de incorporação, inculcação e encarnação do *habitus* militar na formação identitária profissional. Buscou-se com esta abordagem relacional entre os conceitos de *habitus* e identidade, contribuir com um avanço teórico nas discussões sobre o conceito de *habitus* trabalhado a partir do estruturalismo construtivista, considerando-se aspectos ambivalentes nas relações e a pluralidade do contexto histórico/social atual.

2 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E O HABITUS: “dois lados de uma mesma moeda”?

Nesta seção são expostos primeiramente os conceitos de identidade e socialização e em seguida, é apresentado o conceito de *habitus*. No decorrer do texto, é feita uma articulação entre os conceitos de identidade e *habitus*, propondo-se uma interface entre as perspectivas apresentadas. Por fim, acreditando-se que o processo da formação identitária profissional do policial se dá a partir da incorporação, inculcação e encarnação do *habitus militar*, discorre-se sobre o corpo e sua importância para a atuação do policial militar.

2.1 A IDENTIDADE E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

O conceito de identidade enquanto objeto de investigação nas Ciências Sociais é relativamente recente, a primeira vista, no entanto, está em discussão desde a Antiguidade (KAUFMANN, 2004). Kaufmann (2004) acrescenta ainda, que antes de se tornar um conceito, a identidade fora um termo usual, de senso comum, uma categoria administrativa. Era utilizado como forma de identificação do indivíduo, tais como as placas metálicas dos soldados mortos nos campos de batalha, a identificação pelos papéis aos muito ricos, que queriam que suas propriedades e transmissão fossem protegidas, ou aos muito pobres, em que o interesse do Estado era a mobilidade que ela induzia³, a caderneta de trabalho, os registros paroquiais, o bilhete de identidade.

Erik Erikson é reconhecido por ter introduzido este conceito nas ciências humanas em 1950, com sua obra ‘Infância e Sociedade’ (KAUFMANN, 2004; MUCCHIELLI, 2002). De acordo com Kaufmann (2004) por meio da identificação, Erikson retoma de Freud a ideia de processo, abrindo-o ao contexto social. Articulando-se em torno dos termos identidade e crise e tomando o exemplo da adolescência, um importante trabalho de Erikson para o conceito identidade, é o livro ‘Identity: youth and crisis’. Erikson (1976) relaciona identidade com

³ Os miseráveis, gente errante, eram tentados para melhor viver a deixar suas comunidades de origem. Os primeiros papéis de identificação estiveram ligados a uma ruptura de ligação com essas comunidades. De acordo com o édito real de 1775 evocado por Tocquville (1986, p.1067, *apud* KAUFMANN, 2004, p. 18) “os camponeses que se afastassem da sua paróquia sem estar munido dum atestado assinado pelo pároco e pelo síndico, deveriam ser perseguidos, presos e julgados prebostalmente como vagabundos”.

uma das crises do desenvolvimento. A crise a ser suplantada na adolescência é a busca da identidade *versus* a confusão de papéis. Se o indivíduo elabora bem esta crise ele avança para a identidade adulta, caso contrário, ele vivencia uma confusão de papéis.

Já George Mead (1963), no seu posicionamento social em relação ao conceito de identidade, introduz a noção de interação para pensar a relação do homem com o mundo em termos de símbolos, ou seja, de significado (LE BRETON, 2004). Le Breton (2004) discorre, ainda, que para o autor o significado não é inerente à natureza das coisas, ele reflete a interpretação do indivíduo e engaja seu comportamento.

Para Mead (1963) indivíduo, sociedade e história não devem ser separados na análise. O indivíduo é um vasto sistema de interações internas em ação sobre um ambiente social e marcado por um contexto histórico preciso. Para Mead (1980) a subjetividade é expressa nas relações sociais por meio da capacidade cognitiva individual. Conforme aponta Le Breton (2004), no clássico texto ‘L’esprit, le soi et la société’ Mead (1963) propõe que há no ato um domínio que não é observável do exterior, mas que no entanto pertence ao ato. Ou seja, o ato externo que observamos constitui uma parte do processo que se iniciou no interior do indivíduo, com suas atitudes (MEAD, 1963).

Para Le Breton (2004) a primeira tarefa de Mead é extrair o pensamento dominante de sua época no que tange a psicologia, o behaviorismo, no qual a definição de homem é de uma máquina sem consciência de si, inteiramente regido pelo exterior por uma soma de reflexos.

Segundo Kaufmann (2004), Mead não se utilizava do termo ‘identidade’, mas sim do termo ‘Si’, que seria um processo que resulta da interação entre o ‘Mim’ e o ‘Eu’. O Mim representa a atitude adaptativa que temos perante o mundo organizado incorporado a nossa conduta social. Isso quer dizer, representa a pessoa que tem consciência de pertencimento a um grupo social e age dentro das normas deste grupo. Já o Eu, representa a consciência espontânea da individualidade, funciona como processo de representação imaginativa que temos de nós mesmos, ou seja, representa o sujeito que age e só depois da ação tem consciência do seu ato (ZANATTA, 2011). Mais tarde, seguidores do pensamento de Mead como Erving Goffman e Anselm Strauss passam a utilizar o termo identidade.

Apesar de haver na literatura diversos conceitos e discussões sobre o que seja a identidade, a presente tese analisou-a a partir das contribuições da perspectiva interacionista simbólica. Nessa perspectiva, a identidade é vista como produto da socialização, ou seja, os indivíduos

adotam papéis sociais correspondentes às diferentes instituições em que atuam, sejam eles: a família, o mercado de trabalho, ou qualquer outra esfera da sociedade (ZANATTA, 2008; 2011).

Embora cada autor explore aspectos específicos em seus estudos, Zanatta (2008; 2011) salienta que Strauss (1999), Goffman (1963, 1985), Berger e Luckman (2012) e Dubar (2013), centrais na discussão sobre identidade, partem de uma ideia comum em suas análises. Os autores percebem a identidade como produto dos processos de socialização.

As identidades individuais somente podem ser entendidas concomitantemente a atividade coletiva (ZANATTA, 2011; STRAUSS, 1999). Segundo Strauss (1999, p.27) “a estrutura social e a interação estão intimamente associadas, e também afetam reciprocamente uma a outra”. Para o autor, essa concepção é temporal, sendo a estrutura moldada pelos atores por meio da interação. Strauss (1999) interessa-se principalmente pela interação que ocorre entre as pessoas como membros de grupos.

Strauss (1999) assevera, ainda, que o ponto central para qualquer discussão da identidade é a linguagem e dizer que os homens utilizam a linguagem equivale a dizer que precisam avaliar o passado, o presente e o futuro. Ou seja, o passado e o futuro incidem e influenciam a ação do presente. Dessa forma, a comunicação consiste não apenas na transmissão de ideias da mente de uma pessoa para outra, mas também é significativa de sentidos compartilhados. Considerando a linguagem como um processo essencial no processo de interação, existem, por exemplo, regras sociais compartilhadas nos processos de comunicação para o modo de guiar uma conversa, seja para iniciá-la, terminá-la, interrompê-la, bem como existem convenções para forçar as pessoas a ocupar ou aceitar diversas posições. De acordo com Dewey (1925), as perspectivas que um grupo compartilha são internalizadas por meio da participação social. Diante do exposto e conforme demonstra Zanatta (2011), pode-se fazer uma aproximação da sociologia com a psicologia social a partir do momento em que a interiorização do processo de interação pressupõe uma identificação com a representação simbólica que a vivência em distintos espaços sociais proporciona.

Com a avaliação do passado, presente e futuro, Strauss (1999) traz a noção do *self*. Segundo o autor, durante uma sequência de ação, o indivíduo pode, por meio de avaliações das ações realizadas no passado imediato, guiar e mudar o curso de suas ações. A autoavaliação conduz a certas decisões tais como proceder bem, fazer melhor, fazer correções, evitar erros, arrepende-se, levando com isso, a uma constante avaliação

entre extremos, como, por exemplo, pode ou não pode, quer ou não quer, deve ou não deve (STRAUSS, 1999). Dessa forma, a interação revela-se num processo em que os atos, por meio da autoavaliação constante, são situacionais, ou seja, o sujeito irá agir de determinada forma ou não, dependendo da situação em que se encontra. Goffman (1963) também compartilha desta perspectiva, ao trazer o conceito de atores que desempenham papéis no processo de interação. Sendo assim, após uma autoavaliação crítica não se pode prever totalmente qual nova identidade será, pois as carreiras humanas tem sempre um caráter inacabado (STRAUSS, 1999).

Strauss (1999) em suas pesquisas reforça a importância da interação para o estudo da identidade. Para o autor, a análise do processo interacional pode ser feita de diversas formas, no entanto, afirma que o primeiro passo é a motivação. A busca de motivos é a busca de uma resposta a uma indagação, no qual o conjunto de interpretações irá gerar uma declaração de motivos, ou seja, toda interpretação de uma situação tem como parte integrante uma interpretação de como a pessoa se comportou e de como está pronta a se comportar. Dessa forma, os sujeitos desempenham papéis de acordo com o que os motiva em cada situação de interação.

Para o autor o ato de identificar objetos permite a pessoa organizar sua ação em relação a esses objetos, sejam eles físicos ou humanos. Ou seja, a partir do momento que um objeto ou situação pareça familiar ao indivíduo, o mesmo terá mais facilidade no curso de suas ações. Strauss (1999) exemplifica com uma situação cotidiana bem definida de um casal. Ao entrar em casa no final do dia, o homem beija sua esposa que vem até a porta cumprimentá-lo, faz algumas observações rotineiras e senta-se para assistir televisão enquanto sua esposa termina o jantar. Ocorrendo o mesmo processo todos os dias, ambos identificam a situação global, reconhecem a divisão do trabalho com a qual ambos concordam e, de um modo geral, sabem o que antecedeu e o que virá.

Os objetos/situações envolvidos nesse processo são reconhecidos e nomeados por convenção (sala, tv, cumprimentos, beijo). Parte-se ainda do pressuposto, que na linha de ação de ambos, as identidades tanto do *self* quanto do outro são conhecidas. O marido reconhece a si mesmo e a esposa em face um do outro nessa sequência de atos familiares e vice-versa. Supondo-se que determinado dia, ao chegar em casa a esposa não aja como de costume e a situação pareça pouco familiar, o marido se vê num problema de definição, que fará com que tenha que responder a uma série de questionamentos que envolve a

identificação correta dos gestos, dos objetos, dos eventos, das pessoas e da situação. Neste processo, questões centrais para solução satisfatória da situação dizem respeito à identidade pessoal e aos motivos (STRAUSS, 1999). Ou seja, neste momento, segundo o autor, num sentido genérico, o marido sabe quem é a esposa, pois conhece seu nome, seu *status* (filha, esposa, mãe), seus traços e gestos característicos. No entanto, ele não sabe em qual dos seus possíveis papéis a esposa está atuando naquele instante e por quais motivos. Isto quer dizer, que a familiaridade com objetos ou situações, torna-as naturalizada, comum, pois a sequência lógica de ações e consequências já são previamente conhecidas num geral.

De acordo com o autor, para maioria dos sociólogos, o processo interacional é estruturado, pois é introduzido na interação um peso maior a estrutura social, do que as relações interpessoais, dando-se mais atenção às pessoas como membros de grupos e organizações sociais. Dessa forma, as pessoas são vistas mais como desempenhadoras de papéis do que como indivíduos. Ou seja, duas pessoas em interação nunca são apenas pessoas, mas representantes de grupos.

No entanto, Strauss (1999, p.84) salienta que “é útil pensar que a interação é não só estruturada no sentido de que os participantes representam posições sociais; mas também, ao mesmo tempo, que não é tão estruturada”. O autor desenvolve seu argumento com base em Hughes (1945) este observa que a pessoa a qual representa um determinado *status* (homem, mulher, civil, militar, pai, mãe, filho, etc.) possui vários atributos, como habilidades, idade, sexo, classe. Hughes (1945) afirma ainda, que pessoas de mesmo *status* trabalham juntas com mais facilidade e ausência de embaraços, ao modo que na ausência de algumas dessas qualificações ou na presença de algumas outras, a interação possa ser perturbada. Sendo assim, a violação de alguns aspectos do *status* pode causar o que o autor chama de dilemas de *status*.

O autor exemplifica com uma interação médica entre homem e mulher, no qual uma mulher médica que trabalha numa clínica onde trabalham outros médicos do sexo masculino altera o clima, ou seja, a presença da mulher pode impedir certas brincadeiras masculinas e evocar ações sexuais. Esse fato é observado no estudo de Takahashi (2002) em que a presença de cadetes femininas, por exemplo, incomodava os cadetes masculinos que faziam parte da turma.

Strauss (1999) conceitua dois tipos de relações possíveis de *status*: interação de estrutura simples e interação de estrutura múltipla e afirma que independente do tipo, ambas são estruturadas convencionalmente, pois identidades familiares são assumidas e postas

em ação. A interação de estrutura simples ocorre quando apenas um conjunto de muitas relações possíveis de *status* acontece, ao passo que a interação de estrutura múltipla acontece quando advém de relações variadas, em que atuam por exemplo tanto o sexo quanto a situação profissional. O autor conclui então, que a interação é um processo tanto estruturado, quanto interpessoal, no qual as pessoas não agem apenas e sempre como representantes de *status*. A partir dessa afirmação, pode-se constatar a influência da estrutura no processo de socialização e, ao mesmo tempo, fazer uma aproximação ao objeto de estudo de Pierre Bourdieu, conforme veremos adiante.

No que tange ao processo de transformações da identidade, Strauss (1999) aborda questões referente à mudança e desenvolvimento pessoais, sejam estas mudanças de autoconcepção ou de comportamento e, para isto, traz o conceito de desenvolvimento e treinamento. O processo de desenvolvimento para o autor apresenta um movimento progressivo com relações discerníveis entre o começo, o meio e o fim. Segundo ele, a psicologia social aborda geralmente duas concepções de desenvolvimento e seu intuito é comparar estas duas a uma terceira.

A primeira concepção de desenvolvimento, o autor utiliza como metáfora uma ‘pista de corrida’, na qual do seu começo ao fim, há diversos corredores, alguns apenas começando, outros já terminando a mesma. Sendo o final da pista o objetivo a ser alcançado, quanto mais perto o corredor está dele, mais avançado se encontra. Ou seja, em relação a determinadas tarefas, algumas pessoas estão mais, outras menos desenvolvidas. Para segunda concepção, o autor faz referência à metáfora do ‘ovo cru’. Tendo diante de si um ovo cru, a pessoa pode escolher comê-lo cozido, mexido, frito, fazer diversos tipos de omelete, porém, independente do tratamento que se dê a esse ovo, não importa o modo como mude de aparência, ele continua em sua essência sendo um ovo. Isto quer dizer que pode parecer que uma pessoa mude consideravelmente durante sua vida, mas admite-se que a pessoa essencial é a mesma. Nessa concepção, o núcleo essencial da personalidade é afirmado cedo na vida e mudanças posteriores da organização inicial da personalidade são variantes, embora complicadas.

Strauss (1999) conclui que normalmente o desenvolvimento é visto ou como o atingimento de um fim, ou como conjunto de variações sobre temas básicos e afirma que nenhuma dessas duas concepções (p.101) “capta o caráter aberto, experimental, exploratório, hipotético, problemático, tortuoso, mutável e apenas parcialmente unificado dos cursos humanos da ação”.

O autor conceitua o desenvolvimento como uma série de transformações relacionadas entre si e afirma que as transformações de identidades podem ser planejadas ou estimuladas por representantes institucionais ou fora da estrutura social mais visível. Assevera, ainda, que as mudanças de identidade estão invariavelmente associadas com posição social em organizações formais.

Quanto ao treinamento, Strauss (1999) afirma que independente da idade, o treinamento é parte integrante do ensino ao inexperiente e é necessário um guia ao aprendiz durante este percurso, não somente no que diz respeito a alguém que lhe ensine as habilidades, mas que o oriente em relação a algumas coisas surpreendentes que estão acontecendo e requerem explicação. Ou seja, “como as sequências de etapas são de certa forma obscuras, e as próprias respostas são coisas incomuns, alguém deve estar preparado para prever, indicar e explicar os sinais” (STRAUSS, 1999, p.117). No decorrer desse processo, cenários são criados para que o aprendiz coloque em prática essas novas habilidades, o que ocorria por exemplo, nas aulas práticas dos alunos soldados. Observa-se assim, que o quadro institucional no qual é realizado o treinamento irá afetar consideravelmente o seu processo e resultado.

Outro aspecto fundamental para a construção da identidade, segundo Strauss (1999), é a afiliação ao grupo, como forma de gerar uma identificação simbólica entre os participantes. A afiliação a um grupo ou estrutura social permanente inevitavelmente implicará a passagem de um *status* para o outro. No caso da presente pesquisa do *status* de ‘ser civil’ para o *status* de ‘ser militar’. Dessa forma, as novas avaliações feitas por esses sujeitos, suscitarão essa nova identidade militar que está se formando. Essas transformações de um *status* para outro, implica não só mudança de ação ou comportamento, mas também das razões verbalizadas que são associadas a eles (STRAUS, 1999). É necessário um período de transição neste processo de transformação, que é visto na presente pesquisa por meio do Curso de Formação que os alunos soldados passam. No que tange ao processo de transformação, Strauss (1999, p.115) partilha da mesma ideia de Erikson de que “o senso de identidade nunca é obtido e mantido para sempre”, implica em crise(s).

Shibutani (1955) enfatiza que as pessoas participam de diferentes ‘mundos sociais’, em consequência, é importante saber no instante de praticar um ato de qual mundo social se está participando. Ao encontro dessas ideias, Strauss (1999) discorre que as identidades implicam não

apenas histórias pessoais, mas também histórias sociais e traz a questão da temporalidade quando afirma

os indivíduos mantêm suas filiações aos grupos que, por sua vez, são produtos de um passado. Se quisermos entender as pessoas, seu desenvolvimento e suas relações com outros importantes, devemos estar preparados para considerá-las inseridas num contexto histórico (p.163).

Percebe-se assim, que a identidade pessoal está interligada com a identidade de grupo e situada num contexto histórico e de identificação social. Neste sentido, considerando a temporalidade, a historicidade torna-se essencial para a compreensão do processo de interação e para a análise da identidade, pois os indivíduos estão inseridos num contexto histórico. Portanto, o pressuposto de discussão do autor é de uma estrutura de caráter arraigado formado bem cedo na vida e de que as continuidades da experiência pessoal estão relacionadas sistematicamente com as fornecidas pela estrutura social, mas que no entanto não são asseguradas por ela.

Goffman (1985) partilha o olhar sociológico sobre o processo de interação com Strauss (1999), no entanto, os autores discordam sobre a função que exerce a história na formação das identidades (ZANATTA, 2011). Segundo a autora, Goffman apesar de não negar o passado, desconsidera-o, pois refere-se a um ator situado no presente para compreender a ação em uma interação específica. Para Goffman (1985) a interação é um encontro em que os atores desempenham papéis, ou seja, ele considera que em cada situação de interação os atores estão desempenhando, por exemplo, o papel de pai, mãe, homem, mulher, médico, policial, esposa, filho. Podemos comparar a definição de desempenho de papéis de Goffman, ao que Strauss (1999) define como *status* e Bourdieu (2004) posições, conforme será abordado posteriormente.

Para Berger e Luckmann (2012) a identidade também decorre dos processos de socialização. Conforme os autores, a realidade é construída socialmente. De acordo com Dubar (2013) eles retomam e prolongam as análises de Mead e introduzem uma distinção entre socialização primária e socialização secundária.

A socialização primária é a primeira socialização do indivíduo na infância, por meio do qual se torna um membro da sociedade adquirindo saberes básicos. Já a socialização secundária é todo processo posterior de incorporação de saberes especializados de novos setores do mundo

objetivo de sua sociedade, de um indivíduo já socializado (BERGER; LUCKMANN, 2012). Dubar (2013) assevera que Berger e Luckmann têm o interesse de construir uma teoria operacional da socialização secundária que não seja somente reprodução dos mecanismos da socialização primária.

De acordo com Berger e Luckmann (2012) pode haver uma ruptura com a socialização secundária em relação à socialização primária (DUBAR, 2013), no que tange por exemplo, a visão de mundo, o que necessitará de muitos choques biográficos para desintegrar a realidade maciça interiorizada durante a primeira infância. Esses choques acompanham um processo de transformação do mundo e reestruturação de identidade, sendo necessário para o êxito, dentre outros, uma distância de papéis, um engajamento pessoal, um processo institucional de iniciação e a existência de uma estrutura de plausibilidade, definida por Dubar (2013) como “laboratório de transformação”. Na presente pesquisa este “laboratório de transformação” pode ser definido como sendo o Curso de Formação de Soldados (CFSD), no qual mudanças irão ocorrer na identidade, em alguns casos mais bruscos que outros. Segundo Dubar (2013, p. 124-125)

a transformação de identidade, depende da articulação duradoura de um “aparelho de legitimação” e de uma “reinterpretação da biografia passada” em torno de uma estrutura do tipo “antes eu achava.... agora eu sei”. [...] A socialização secundária nunca apaga totalmente a identidade “geral” construída no fim da socialização primária. Entretanto ela pode transformar uma identidade “especializada” em outra, mesmo muito diferente, em condições institucionais bem definidas.

Percebe-se assim, que toda atividade humana é sujeita a habituação e toda ação repetida frequentemente torna-se um modelo que pode ser reproduzido sem esforço pelo sujeito e ser apreendido por este como modelo para futuras ações, ou seja, assim como no conceito de *habitus* (BOURDIEU, 2004), a ação torna-se natural pelo sujeito que a pratica (BERGER; LUCKMANN, 2012).

Nesse sentido, buscou-se por meio do conceito de identidade na perspectiva interacionista, observar os processos de socialização no CFSD que culminarão na formação identitária militar expressas em rituais de passagem. Segundo Strauss (1999) há impossibilidade de

compreender as identidades individuais sem entender a atividade coletiva. Partindo do pressuposto de que a formação da identidade militar se dará a partir da incorporação do *habitus militar*, a seguir foi definido o conceito de *habitus* a partir da perspectiva estruturalista construtivista.

2.2 *HABITUS*, CAMPO E CAPITAL

Um autor central nesta perspectiva que trabalha o conceito de *habitus* é Pierre Bourdieu. Para que se entenda o conceito de *habitus* do autor, faz-se necessário retomar alguns conceitos principais de sua obra à luz dos autores que o embasaram, pois o contexto sócio-histórico se apresenta relevante, haja vista que “uma teoria nunca se elabora num vazio social: inscreve-se num contexto particular, que modela as problemáticas” (BONNEWITZ, 2003).

Bourdieu desenvolve uma proposição teórica específica para fundamentar suas pesquisas, apropriando-se e redefinindo algumas contribuições de três grandes sociólogos: Marx, Weber e Durkheim (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010; BONNEWITZ, 2003). De acordo com Bonnewitz (2003), as relações entre Bourdieu e o marxismo não são simples de descrever. De Marx há a forte influência do paradigma da dominação e das relações de força e conflitos sociais daí gerados. No entanto, conforme Gonçalves e Gonçalves (2010) e Bonnewitz (2010), Bourdieu estabelece rupturas e questionamentos quanto a tradição marxista. Valle (2007, p.123) destaca que

As análises marxistas vêem o mundo social como um espaço unidimensional, onde tudo é orientado e conduzido, direta ou indiretamente, em função do modo de produção econômica e das contradições dele geradas. Para Bourdieu, o mundo social é um espaço multidimensional, que não pode ser reduzido a um determinismo econômico de classe, pois se apresenta diferenciado em campos relativamente autônomos, no interior dos quais os indivíduos ocupam posições determinadas.

Apesar das críticas, há uma familiaridade entre a sociologia de Bourdieu e o marxismo. Ambos pensam a ordem social por meio do paradigma da dominação, ou seja, não é possível ter acesso a uma compreensão clara do espaço social sem evidenciar os antagonismos de

classe. Além disto, a sociologia de Bourdieu também tem uma vocação crítica e, consequentemente, um uso político (BONNEWITZ, 2003).

Segundo Gonçalves e Gonçalves (2010) a partir das críticas a Marx, e visando superar seu limite analítico, Bourdieu utiliza de Weber as noções de representação⁴ e de legitimidade⁵. Para os autores, essas noções de Weber são aplicadas em Bourdieu para a compreensão dos mecanismos de dominação e de seu processo de produção, transmissão e manutenção na sociedade.

Já no que diz respeito a Durkheim, conforme Gonçalves e Gonçalves (2010), Bourdieu retoma a discussão e defesa da constituição da Sociologia como ciência, buscando identificar as “leis objetivas” que orientam a realidade social, no entanto, evita “armadilha do positivismo absoluto e do universalismo atemporal” (BONNEWITZ, 2003, p.26).

Em seu livro *Coisas Ditas*, Bourdieu (2004, p.41) discorre sobre as contribuições desses autores da seguinte forma: “De minha parte, mantenho com os autores uma relação muito pragmática: recorro a eles como “companheiros” [grifo do autor], no sentido da tradição artesanal, como alguém a quem se pode pedir uma mão nas situações difíceis”, ou seja, apesar das críticas feitas a cada um desses autores, Bourdieu aproveita o que de melhor cada um tem a contribuir sob o seu ponto de vista.

Bourdieu desenvolve diversas críticas tanto epistemológicas, quanto metodológicas e umas das principais delas é quanto a oposição entre os partidários da abordagem objetivista ou positivistas e os partidários da abordagem subjetivista (BONNEWITZ, 2003). Para Misoczky (2011) uma das maiores dificuldades no entendimento das formulações de Bourdieu é o fato de que o autor articula duas tradições epistemológicas opostas: o positivismo e a hermenêutica. Segundo a autora, entre os obstáculos a serem superados no caminho de uma ciência da sociedade se encontrava a oposição entre duas dimensões teóricas aparentemente contrárias: objetivismo e subjetivismo. Enquanto que na perspectiva objetivista predomina a concepção de que a realidade social se constitui de conjuntos de relações e forças que se impõem aos agentes, para as abordagens predominantemente subjetivistas, a realidade social é o agregado de inumeráveis atos de interpretação por meio dos quais as pessoas, em conjunto, constroem linhas significativas de ação (MISOCZKY, 2011).

⁴ Em relação ao sentido conferido pelos agentes para suas ações (dimensão simbólica) (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010, p. 38).

⁵ Qualidade de adesão, aceitação e reconhecimento de algo pelos agentes (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010, p. 38).

O objetivismo considera que “os fatos falam por si mesmos” e reflete o empirismo. Os procedimentos desta forma são determinados pelas ciências naturais ou físicas. Tais procedimentos consistiriam em procurar leis objetivas que governam todos os comportamentos humanos, independentemente dos sujeitos e de suas representações, ou seja, insiste-se nos determinismos que pesam, de fora, sobre os sujeitos (BONNEWITZ, 2003). Já o subjetivismo é a tendência a privilegiar o individual e a centrar a análise sobre o sujeito, principalmente sobre sua personalidade. O subjetivismo na sociologia se traduz pelas teorias individualistas que insistem sempre na noção de liberdade do sujeito, indicando com isso, que o sujeito está livre de qualquer determinação (BONNEWITZ, 2003).

Desse modo, o mundo social seria passível de duas leituras aparentemente contraditórias: uma estruturalista e outra construtivista. Conforme demonstra Misoczky (2011), Bourdieu defende que a oposição entre essas duas abordagens é artificial e mutiladora (WACQUANT, 2006). É a partir de sua abordagem metodológica denominada conhecimento praxiológico que Pierre Bourdieu busca superar este dilema clássico do pensamento sociológico (VALLE, 2007).

O conhecimento praxiológico não se restringiria a identificar as estruturas objetivas externas aos indivíduos, tal como o faz o objetivismo, mas buscaria investigar como essas estruturas encontram-se interiorizadas nos sujeitos constituindo um conjunto estável de disposições estruturadas que, por sua vez, estruturam as práticas e as representações das práticas. Essa forma de conhecimento buscaria apreender, então, a própria articulação entre o plano da ação ou das práticas subjetivas e o plano das estruturas. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004, p. 26). Tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas, nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade (BONNEWITZ, 2003).

Bourdieu (2004) utiliza a expressão estruturalismo construtivista para caracterizar o seu trabalho, expressando desta forma, a articulação dialética entre objetivismo e subjetivismo. Conforme o autor

por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não

apenas nos sistemas simbólicos - linguagem, mito, etc., estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupo, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais (BOURDIEU, 2004, p.149).

De acordo com Misoczky (2011), para efetivar esta síntese dialética entre objetivismo e subjetivismo, Bourdieu precisou desenvolver um conjunto teórico-conceitual que se ancora nas noções de capital, campo e *habitus*. Bourdieu e Wacquant (1992) salientam que os conceitos de *habitus*, campo e capital não podem ser definidos em isolamento, pois estão interligados.

No que diz respeito ao capital, Bourdieu não limita seu uso somente à área econômica. Conforme Bonnewitz (2003, p. 53-54) é possível distinguir quatro tipos principais de capital: o **capital econômico**, que é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelos conjuntos de bens econômicos (renda, patrimônio, bens materiais); o **capital cultural**, que corresponde ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família, podendo existir sob três formas: em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por exemplo a facilidade de expressão em público); em estado objetivo, na forma de bens culturais (a posse de quadros, de obras); e ainda, em estado institucionalizado, ou seja, socialmente sancionado por instituições (títulos acadêmicos, por exemplo); o **capital social**, que se define essencialmente como o conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção deste capital implica um trabalho de instauração e manutenção das relações, ou seja, um trabalho de sociabilidade (convites recíprocos, lazer em comum); e por fim, o **capital simbólico**, que corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra ou ao reconhecimento. Segundo Bourdieu (1996), o capital simbólico fornece poder ou legitimidade (poder simbólico), ao agente ou grupo que o possui, a partir de seu reconhecimento dentro de determinado campo, ou seja, é o poder

atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento.

O campo por sua vez, é tanto um campo de forças, cujas necessidades se impõem aos agentes que nele se encontram envolvidos, quanto um campo de lutas, no qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo desta forma, para a transformação ou conservação de sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p.50).

Segundo Thiry-Cherques (2006) o campo pode ser conceituado como um segmento do social, cujos indivíduos e grupos têm disposições específicas, a que Bourdieu denomina *habitus*. A teoria do *habitus* e a teoria do campo são entrelaçadas, ou seja, uma é o meio e a consequência da outra. O conceito de *habitus* constitui uma via de mão dupla com a noção de campo e para entendê-los, não se pode dissociá-los (WACQUANT, 2006). Thiry-Cherques (2006) acrescenta, também, que o campo é delimitado pelos valores ou formas de capital que lhe dão sustentação, isto é, relacionam-se com os gostos compartilhados que fazem sentido ao grupo.

O que determina a existência de um campo e demarca os seus limites são os interesses específicos, ou seja, os investimentos econômicos e psicológicos entre os agentes dotados de um determinado *habitus* e as instituições inseridas nesse campo. O interesse é condição de funcionamento de um campo (campo científico, campo da alta-costura, campo intelectual, campo artístico, campo militar), na medida em que isso é o que estimula as pessoas, o que as faz concorrer, rivalizar e lutar (BOURDIEU, 2004). Os campos resultam de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo. Cada campo cria o seu próprio objeto (artístico, educacional, político) e o seu princípio de compreensão, os campos são “espaços estruturados de posições” em um determinado momento e podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes. São microcosmos sociais, com valores, objetos e interesses específicos (BOURDIEU, 2004).

Para Thiry-Cherques (2006) o conceito de campo é fruto do “estruturalismo genético” de Bourdieu. Um estruturalismo que se detém na análise das estruturas objetivas dos diferentes campos, mas que as estuda como produto de uma gênese, isto é, da incorporação das estruturas preexistentes (BOURDIEU, 2004). O autor discorre ainda, que os agentes aceitam os pressupostos cognitivos e valorativos do campo ao qual pertencem e o direito de entrada no campo é dado pelo reconhecimento dos seus valores fundamentais e pelo conhecimento das

regras do jogo. Portanto, percebe-se que todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo *habitus*. O campo estrutura o *habitus* e o *habitus* constitui o campo (BOURDIEU, 2009). Desta forma, a seguir será abordado o conceito de *habitus*, haja vista ser uma das categorias do presente estudo.

2.2.1 O HABITUS

O *habitus* é um conceito central da sociologia bourdieusiana, que fornece a articulação, a mediação, entre o individual e o coletivo e garante a coerência entre a concepção da sociedade e a do agente social individual (BONNEWITZ, 2003). Conforme o autor, o conceito de *habitus* permite compreender de que maneira o homem se torna um ser social e é um fator explicativo da lógica de funcionamento da sociedade.

Bourdieu (2003) compartilha da ideia de Marcel Mauss de que as estruturas sociais imprimem suas marcas no corpo. Assim como Mauss reconhece a dimensão corporal da *hexis* como porte ou postura, a noção de *habitus* serve para referir o funcionamento sistemático do corpo socializado (BOURDIEU, 2003).

Parece-me, com efeito, que os utilizadores da palavra *habitus* se inspiravam numa intenção teórica próxima da minha, que era a de sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objeto [...] no caso como Mauss, o qual reconhece a dimensão corporal da *hexis* como porte ou postura, a noção serve para referir o funcionamento sistemático do corpo socializado (BOURDIEU, 2003, p. 62).

Bourdieu (re)introduziu em 1962 no artigo *Célibat et condition paysanne*, a antiga noção aristotélico-tomista de *habitus*. O autor descreve a disjunção traumática entre as competências e expectativas incorporadas do homem rural e das mulheres locais, que, estando mais abertas à influência cultural da cidade, tinham passado a perceber e avaliar esses homens sob uma ótica urbana que desvalorizava radicalmente os seus modos, tornando-os, “incassáveis”(WACQUANT, 2002b; 2006, grifo do autor). Neste artigo publicado posteriormente com o nome *Le paysant et son corps*⁶, Bourdieu (2006) demonstra como as

⁶ Traduzido para o português como ‘O camponês e seu corpo’.

posições econômicas e sociais influenciam no crescimento da taxa de celibato, graças a mediação da consciência incorporada que os homens adquirem de sua posição social.

Baseado em um estudo realizado nos anos 1960 no Béarn, cidade no Sudoeste da França, o autor retrata a cena de um baile local⁷ e demonstra o choque cultural entre o campo e a cidade e a consequente desvalorização dos jovens do campo quando as categorias urbanas de julgamento penetram no mundo rural. O camponês internaliza a imagem desvalorizada que os outros formam de si a partir das categorias urbanas, e passa a perceber seu próprio corpo como um corpo “encamponizado”, carregado dos traços das atividades e das atitudes associadas à vida rural. A má consciência que o camponês tem de seu corpo leva-o a romper a comunhão com ele e a adotar uma atitude introvertida que amplia a vergonha e o sem-jeito produzidos pelas relações sociais marcadas pela extrema segregação dos sexos e pela repressão do compartilhamento das emoções (BOURDIEU, 2006).

Com base em uma observação feita por um sujeito em sua pesquisa, Bourdieu (2006) demonstra como as técnicas corporais constituem verdadeiros sistemas solidários a todo um contexto cultural e que a observação popular apreende essa *hexis*, que serve de fundamento aos estereótipos:

“Os camponeses de antigamente”, dizia um idoso da cidadezinha, “andavam sempre com as pernas arqueadas, como se tivessem os joelhos virados para dentro, com os braços curvados” (P. L.-M.: 88 anos, natural de Lesquire; residente no bourg; solteiro; educação: nível primário). Para explicar essa atitude, ele alude à postura do ceifeiro. A observação crítica dos moradores da cidade, hábeis para perceber o *habitus* do camponês como uma verdadeira unidade sintética, dá ênfase à lentidão e ao peso do andar; o homem da *brane* [região das montanhas] é, para o habitante do *bourg*, aquele que sempre caminha em um solo

⁷ Na sociedade antiga, o casamento era, sobretudo, assunto da família, ao passo que hoje a busca do parceiro é, como se sabe, reservada à iniciativa do indivíduo. Em virtude da separação radical entre a sociedade masculina e a sociedade feminina, em virtude do desaparecimento dos intermediadores e do afrouxamento dos laços sociais tradicionais, os bailes que periodicamente se realizam no *bourg* ou nos vilarejos vizinhos se tornaram a única ocasião socialmente aprovada de encontro entre os sexos (BOURDIEU, 2006, p. 84).

irregular, acidentado e lamacento, mesmo quando anda no asfalto da *carrère* [rua principal]; é aquele que arrasta galochas enormes ou botas pesadas, mesmo calçando seus sapatos de domingo; é quem sempre avança com passos lentos e largos, como quando anda com uma vara no ombro, virando-se às vezes para chamar o gado que o segue. [...] por um lado, essa etnografia espontânea dos moradores da cidade apreende as técnicas corporais como elemento de um sistema e postula implicitamente a existência de uma correlação, no nível do sentido, entre o peso do andar, o mau corte da roupa e a falta de jeito na expressão; por outro lado, essa etnografia indica que é, sem dúvida, no nível dos ritmos que se encontraria o princípio unificador (apreendido de maneira confusa pela intuição) do sistema das atitudes corporais características do camponês (BOURDIEU, 2006, p.85).

Dessa forma o autor afirma ser a *hexis corporal*, antes de tudo, um *signum social* e demonstra por meio de outros relatos, que aquilo que se denomina “jeito camponês” é, sem dúvida, “o resíduo irreduzível de que mesmo aqueles camponeses mais abertos ao mundo moderno, isto é, mais dinâmicos e inovadores em sua atividade profissional, não chegam a se livrar” (BOURDIEU, 2006, p.86).

Co. dançava de forma conveniente, mas sem que jamais tivesse podido – e isso apenas por sua classe – fazer um convite a outras moças, senão às camponesas, para uma dança (P. C.).

Dele se diz o seguinte: *n'ey pas de hère*, ou seja, ao pé da letra, “ele não é de feira” (para ir ao festival, vestia-se o que se tinha de melhor), ele não é bem apresentável. Assim, particularmente atentas e sensíveis, devido a toda sua formação cultural, aos gestos e atitudes, aos trajes e ao conjunto do comportamento (*tenue*), prontas para deduzir a personalidade profunda a partir da aparência (*apparence*) exterior, as moças, mais abertas aos ideais da cidade, julgam os homens segundo critérios que lhes são alheios; avaliados segundo esse padrão, eles são desvalorizados.

Com isso, Bourdieu (2006) afirma que o camponês é levado a introjetar a imagem que os outros fazem dele, mesmo quando se trata de um mero estereótipo, passando a perceber seu corpo como corpo cunhado pela impressão social, corpo rude, carregando o traço das atitudes e atividades associadas à vida camponesa, e, em consequência, fica embaraçado em relação a seu corpo e em seu corpo.

Esses relatos demonstram de que forma as práticas cotidianas vão se interiorizando e enfatizam, assim como no conceito de Bourdieu (1980), que o *habitus* é um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização.

Os condicionamentos associados de uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expreso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente reguladas e regulares, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizada de um maestro (BOURDIEU, 1980, p. 88-89).

Na medida em que os comportamentos e valores aprendidos são considerados óbvios, naturais, quase instintivos, a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar-se explicitamente das regras que é preciso observar para agir (BONNEWITZ, 2003).

O autor distingue, a partir dos conceitos de Bourdieu, dois componentes do *habitus*: o *ethos* e a *hexis corporal*. O *ethos* designa os princípios ou os valores em estado prático, a forma interiorizada e não-consciente da moral que regula a conduta cotidiana, ou seja, são os esquemas em ação, mas de maneira inconsciente. Já a *hexis corporal* diz respeito às posturas, disposições do corpo, interiorizadas pelo indivíduo ao longo de sua história. Bourdieu (2007) identifica ainda como elemento do *habitus* o *eidós*, que seria um modo de pensar específico, apreensão intelectual da realidade. Para o autor, o *habitus* é simultaneamente a referência pela qual percebemos e julgamos a

realidade e o produtor de nossas práticas e está na base do que define a personalidade de um indivíduo.

O *habitus* é a categoria mediadora entre o objetivo e o subjetivo e a utilização do seu conceito auxiliou Bourdieu a romper com o determinismo estruturalista de sua época (WACQUANT, 2006).

O *habitus* é condicionante e condicionador das nossas ações e é adquirido mediante a interação social sendo, ao mesmo tempo, o classificador e o organizador desta interação (THIRY-CHERQUES, 2006). Conforme Bourdieu (2007), o *habitus* como sistema de disposições de ser e de fazer constitui uma potencialidade, um desejo de ser que, de certo modo, busca criar as condições de sua realização. Segundo Wacquant (2007) o *habitus* pode ser entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funcionam em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações que torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças a transferência analógica de esquemas adquiridos numa prática anterior.

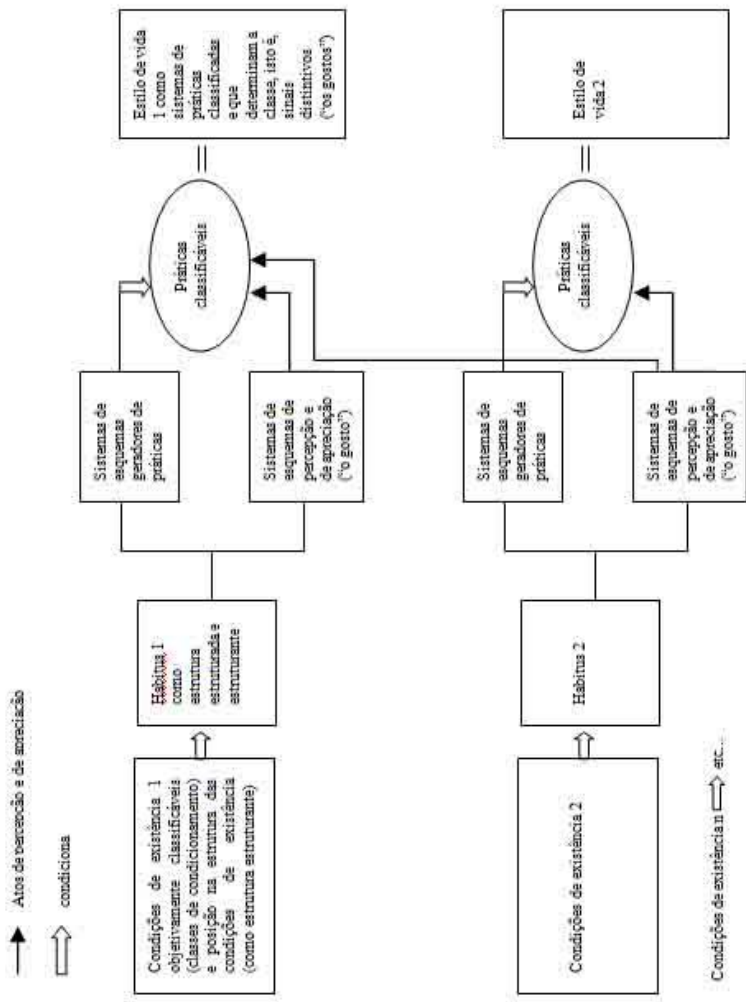


Figura 1: O habitus
Fonte: Adaptado de Bourdieu (2008)

Portanto, conforme figura 1, o *habitus* é princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação de tais práticas, sendo nessas relações, que se constitui o estilo de vida. Bourdieu (2008) exemplifica que a visão de mundo de um velho artesão marceneiro, sua maneira de administrar o orçamento, o tempo ou o corpo, sua utilização da linguagem e sua escolha de roupas estão presentes em sua ética do trabalho impecável, aplicado, caprichado e bem acabado.

Bourdieu discorre sobre o *habitus* primário e o *habitus* secundário (BOURDIEU; PASSERON, 1977; WACQUANT, 2013). O *habitus* primário diz respeito às disposições adquiridas lentamente e de forma imperceptível quando criança na imersão familiar. Este *habitus* constitui a base social da personalidade do indivíduo, segundo o autor. Já o *habitus* secundário pressupõe as disposições adquiridas em processos de interação social subsequentes, por meio de trabalho pedagógico especializado nos diversos campos sociais que o indivíduo pertence (WACQUANT, 2013).

De acordo com o autor, há três formas de detectar o sistema de esquema que compõe o *habitus*: a primeira, sincrônica e indutiva, é traçar conexões entre padrões de preferência, expressões e estratégias sociais, dentro e entre domínios de atividade, de modo a deduzir a sua matriz partilhada, como é feito nos estudos de Bourdieu sobre o sentimento de honra entre os cabilas e em A Nobreza do Estado; o segundo, diacrônica e dedutivo, percebido em seu livro “A Distinção”, é mapear as trajetórias sociais dos agentes, de modo a reconstituir a sequência e sedimentação de camadas de disposições ao longo do tempo; por fim, a terceira, experimental, assumida por Wacquant em seu livro “Corpo e Alma” e com contribuições do trabalho “Fighting Scholars”, diz respeito a estudar instituições e programas pedagógicos voltados a estabelecer um *habitus* específico, submetendo-se a eles na primeira pessoa, ou seja, por meio da observação participante.

Wacquant (2013) afirma, ainda, que os estudos de campo demonstram que se pode diferenciar analiticamente e documentar empiricamente, três componentes do *habitus*: o primeiro é cognitivo e consiste nas categorias de percepção por meio do qual os indivíduos apreendem o mundo, distinguem seus componentes e lhes dão padrão e significado, ou seja, é preciso dominar o sistema classificatório que separa e relaciona as coisas, pessoas e atividades em um campo semântico distinto. O segundo componente identificado nos estudos corporais é o conativo, ou seja, consiste nas capacidades, habilidades sensório-motoras, destrezas, que são aperfeiçoadas para uma ação

específica. No entanto, segundo o autor, para se transformar em um membro de pleno direito de um determinado microcosmo, não é suficiente ser capaz de interpretá-lo e atuar nele em conformidade com as regras; é preciso também aspirar estar nele, o que representa o terceiro componente, o afetivo. O terceiro componente do *habitus* implica a aquisição das próprias energias de vida direcionadas para os objetos ou situações específicas, ou seja, para fazer um pugilista, um pianista, um militar, um professor, entre outros, adepto, é necessário adquirir na prática os construtos cognitivos distintos, os movimentos hábeis, bem como desenvolver o desejo adequado para ‘apostar nos jogos sociais’ correspondentes. De acordo com Wacquant (2014) todos os componentes envolvidos na constituição do *habitus* são essencialmente coletivos. As categorias de percepção se discernem e são ensinadas por meio de atividades conjuntas; as habilidades são aprendidas através da observação e aperfeiçoadas, agindo-se em conjunto com os membros; e, os desejos são despertados e canalizados para seus objetos próprios na interação repetida com outros participantes compartilhando o *illusio*⁸ específico para o universo estudado.

No que diz respeito à relação do *habitus* com o corpo, podemos destacar um trabalho desenvolvido por Löic Wacquant em 2000, sob o título *Corps et âme: carnets ethnographiques d’ un apprenti boxeur*⁹ que relata uma pesquisa de três anos e meio em uma academia, no qual o propósito era aplicar e desenvolver a teoria do *habitus*. De acordo com o autor (2002a) o livro retrata um estudo da produção social do *habitus pugilístico*. Wacquant (2002a) relata por meio de uma citação de Bourdieu (2007, p.171) o que quis demonstrar e indicar com sua pesquisa com os boxeadores:

Por meio de um jogo de palavras heideggeriano, poder-se-ia dizer que a disposição é exposição. Justamente porque o corpo está (em graus diversos) exposto, posto em xeque, em perigo no mundo, confrontado ao risco da emoção, da ferida, do sofrimento, por vezes da morte, portanto obrigado a levar o mundo a sério (e nada é mais sério do que a emoção, que atinge o âmago

⁸ A *illusio* é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo merece ser jogado, é dar importância para um jogo social e admitir, portanto que os alvos engendrados merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e os alvos (BOURDIEU, 1996).

⁹ Corpo e alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe.

dos dispositivos orgânicos), ele está apto a adquirir disposições que constituem elas mesmas aberturas ao mundo, isto é, às próprias estruturas do mundo social de que constituem a forma incorporada

Para Bourdieu (2007) a nossa presença no mundo opera por meio do conhecimento pelo corpo. Segundo o autor, o corpo está no mundo social, no entanto o mundo social também está no corpo, sob forma de *hexis* e *eidos*. O mundo é compreensível e dotado de sentido, porque o corpo ficou desde sua origem exposto as suas regularidades (BOURDIEU, 2007). Tendo então adquirido um sistema de disposições ajustado a tais regularidades, o corpo se acha inclinado e apto a antecipá-las em condutas que mobilizam um conhecimento pelo corpo, capaz de garantir uma compreensão prática do mundo. Ou seja, se o agente possui uma compreensão imediata do mundo familiar, isso ocorre porque as estruturas cognitivas aplicadas por ele constituem o produto da incorporação das estruturas do mundo no qual ele age, e também porque os instrumentos de construção empregados para conhecer o mundo são construídos pelo mundo (BOURDIEU, 2007). Assevera então, que a função da noção de *habitus* restitui ao agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador, sendo que essa capacidade de construir a realidade social, ela mesma socialmente construída, não é de um sujeito transcendental, mas de um corpo socializado, investindo na prática dos princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no curso de uma experiência social situada e datada.

Wacquant (2002a) desta forma, afirma que para adentrar um dado universo como analistas sociais devemos obter conhecimento desse universo por meio dos corpos, ou seja, deve-se adquirir, e então investigar e problematizar, as categorias práticas, as sensibilidades e as habilidades que os nativos desenvolveram na e pela prática. Deve-se, também, elucidar a *illusio* como essa maneira de estar no mundo que emerge de ser de um certo mundo. Já que, conforme Bourdieu (2007) e Wacquant (2002a), aprendemos pelo corpo, o próximo capítulo traz conceitos específicos sobre o corpo, bem como sua relação e importância para a profissão de policial militar.

2.3 O CORPO COMO FERRAMENTA DO POLICIAL MILITAR

O corpo é fundamental para o exercício da função de policial militar. Flores-Pereira, Cavedon e Davel (2006) afirmam que o corpo humano pode ser entendido sob a perspectiva anatômica do esqueleto, músculos, órgãos, sistemas, líquidos e peles, mas também como artefato impregnado de símbolos, representações e de significados. Sendo assim, quando nos deparamos nas organizações com demais corpos, estamos diante não somente de pessoas com constituições biológicas, mas de sujeitos repletos de símbolos e significados, que trazem consigo diversos aspectos subjetivos.

Desde o edital para inscrição no Concurso Público para o Curso de Formação de Soldados (CFSD), exige-se um corpo saudável, com características específicas para investidura no cargo. Além das fases de prova objetiva com conhecimentos específicos, do Questionário de Investigação Social (QIS) e do Exame de Avaliação Psicológica, há também, em caráter eliminatório, o Exame de Saúde e o Exame de Avaliação Física.

De acordo com o item 9.2.2 do Edital nº 008/CESIEP/2011 (ANEXO F), os candidatos que obtiverem o conceito NÃO APTO no Exame de Saúde serão considerados reprovados no Concurso Público. O Item 9.4. do mesmo, discorre sobre os exames necessários a serem entregues no dia da inspeção de saúde.

Segundo o item 9.9 do Edital, o candidato será considerado NÃO APTO pela Junta de Inspeção de Saúde Especial para o serviço e o cargo de soldado da Polícia Militar, bem como para frequentar o CFSD, se:

- a. Não preencher os índices mínimos e/ou incidir nas condições incapacitantes ou exceder a proporcionalidade de peso e altura exigidos pelo presente Edital de Concurso Público;
- b. Apresentar alterações nos exames complementares consideradas incompatíveis com o serviço e o cargo de Soldado da Polícia Militar, bem como para frequentar o Curso de Formação de Soldados;
- c. [...].
- d. Incidir em condição clínica que embora não conste do presente Edital, seja considerada inapto para o serviço e o cargo de Soldado da Polícia Militar, bem como para frequentar o Curso de

Formação de Soldados, pela Junta de Inspeção de Saúde Especial.

Para aprovação no Concurso Público para a PMSC e ingresso no CFSD, os candidatos devem preencher um vasto requisito. Os índices mínimos exigidos para o exame de saúde podem ser observados no anexo f, de acordo com o EDITAL n° 008/CESIEP/2011.

Quanto ao Exame de Avaliação Física, as exigências também são diversas. Esta fase do concurso visa avaliar a capacidade dos candidatos para desempenharem as tarefas típicas do cargo. Os itens 10.3 e 10.4 do Edital n° 008/CESIEP/2011 (ANEXO F) descrevem a respeito.

Por meio dessas exigências que constam no edital, é possível afirmar o quanto o corpo é requisito para o exercício da função de policial militar. No entanto, partimos do pressuposto que este corpo objeto, material, do qual são exigidas diversas condições físicas, é também um corpo subjetivo, dotado de diversas sensações, aprendizagens e emoções. O corpo está exposto ao mundo, a sensação, ao sentimento, ao sofrimento, a dor (BOURDIEU, 2007). Para Corbin (2009) o corpo ocupa um lugar no espaço e é ele mesmo um espaço com seus desdobramentos. A pele, as ondas sonoras da voz, a aura de sua perspiração. Esse corpo material, físico, pode ser contemplado, sentido, tocado. É esta ‘coisa’ que os outros veem e sondam em seu desejo, mas que ao mesmo tempo desgasta-se com o tempo. É objeto da ciência, o qual os cientistas manuseiam, dissecam, medem sua massa, sua densidade, seu volume, sua temperatura, analisam seu movimento e transformam-no. No entanto, este corpo apenas objeto dos anatomistas e dos fisiologistas é diferente do corpo subjetivo do prazer, da dor, do sentimento e das sensações.

Um trabalho pioneiro sobre o corpo, foi desenvolvido por Marcel Mauss (1950) e publicado sob o título ‘Les Techniques du Corps’, primeiramente no ‘Journal de Psychologie’ em 1934 e representa o primeiro esforço em estudar o corpo humano a partir da perspectiva de artefato (FLORES-PEREIRA, 2007). Neste trabalho que influenciou diversos pesquisadores contemporâneos, o autor abordava os modos como o corpo é a matéria-prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais. Além disso, chama a atenção para a mutabilidade das técnicas corporais a partir do contexto sócio-histórico-cultural em que se vive, ou seja, trabalha a ideia de que mais do que obedecer a uma demanda biológica, as técnicas do corpo são constituídas a partir da construção cultural que permeia o tempo-espaço habitado por esses sujeitos (MAUSS, 2003; FLORES-PEREIRA, 2007).

Para Mauss (1934), as técnicas corporais variam de acordo com o sexo e a idade. Primeiramente os princípios de classificação das técnicas do corpo se dividem em quatro ‘pontos de vista’: divisão das técnicas corporais entre os sexos; variação das técnicas corporais com a idade; classificação das técnicas corporais por comparação ao desempenho, e; forma de transmissão das técnicas. Quanto a estas categorias, o autor considera que existe uma sociedade dos homens e uma das mulheres, o que implica diferentes técnicas corporais para cada uma delas. Observa, ainda, a importância de se estudar as formas pelas quais as técnicas corporais são transmitidas e o processo de educação e adestramento, que leva os indivíduos de uma sociedade a aprender e saber o que fazer com o corpo nas situações sociais. Conforme o autor, as técnicas corporais podem ser classificadas em relação ao seu desempenho, em comparação com os resultados do adestramento. Ou seja, os resultados obtidos com este adestramento do corpo estão diretamente relacionados com o desempenho das aplicação das técnicas corporais durante o processo.

Além desta classificação, Mauss (1934) faz uma enumeração biográfica em quatro grupos que inclui: técnicas de nascimento e obstetrícia, no qual aborda formas diferentes de nascimento dos bebês, a forma de segurar a criança e a do corte do cordão umbilical; técnicas da infância, que dizem respeito ao modo como as crianças são transportadas pela mãe, tempo e tipo de amamentação e desmame; técnicas da adolescência, que é um momento importante de educação do corpo, pois é nesta fase que se aprenderá as técnicas do corpo que serão mantidas na vida adulta, e; técnicas da idade adulta, as quais o autor explora um pouco mais e as subdivide em sete grupos: técnicas do sono, técnicas de repouso, técnicas de atividade ou movimento, técnicas de cuidados com o corpo, técnicas de consumo, técnicas de reprodução e técnicas de medicação. Para Flores-Pereira (2007) é desta forma que Mauss (1934) trabalha a ideia de que mais do que obedecer a uma demanda biológica, as técnicas do corpo são constituídas a partir da construção cultural que permeia o tempo-espço habitado por esses sujeitos, trazendo pela primeira vez aos estudos do corpo a noção da natureza social do *habitus*.

Com o intuito de desenvolver uma pesquisa para entender como o corpo pode ser considerado um artefato e em decorrência da ausência de estudos no campo da cultura organizacional a respeito, Flores-Pereira (2007) buscou subsídios na Antropologia. A partir da análise de estudos que consideram o corpo como um artefato em relação à cultura local, ela desenvolveu um entendimento do ‘corpo artefato’ a partir de dois aspectos particulares: artefato dinâmico e artefato hierarquizado.

No que diz respeito ao artefato dinâmico, uma das tendências de estudo abordada pela autora, refere-se a representantes do estruturalismo e do simbolismo, que demonstram uma constante troca de significado entre o mundo “natural” e o social. Por meio do estabelecimento de relações entre o corpo humano e a sociedade, pensavam a cultura a partir da forma como contexto cultural é impresso nas dinâmicas do corpo. Os estudos abordavam as práticas (medicação, repouso, ornamentação, movimento, cuidados, consumo, sexualidade, gestualidade, expressões dos sentimentos, dentre outros); os produtos (sangue, sêmem, suor, lágrimas, urina, fezes, dentre outros); os processos (menstruação, ereção, gravidez, nascimento, morte, dentre outros); e, os sentidos (visão, olfato, paladar, audição, tato) (FLORES-PEREIRA, 2007). Autores como Hertz (1980), Le Breton (2002) e Mauss (1934) estudavam suas práticas, Farmer (1988) os produtos, Leal (1995) e Lock (1996) seus processos e Achutti (1995) os sentidos. Para este corpo que é estudado a partir de suas práticas, produtos, processos e sentidos, Flores-Pereira (2007) oferece a nomenclatura de ‘corpo artefato dinâmico’. Algumas destas categorias foram adotadas na presente tese, para analisar o processo de incorporação, encarnação e inculcação do *habitus* militar.

Quanto ao artefato hierarquizado, discorreu sobre a preocupação da Antropologia Estrutural com os processos sócio-culturais de classificação. Autores como Émile Durkheim e Marcel Mauss preocupavam-se, por exemplo, com o que denominavam função classificadora (FLORES-PEREIRA, 2007). Para os autores “toda classificação implica uma ordem hierárquica da qual nem o mundo sensível nem nossa consciência nos oferecem um modelo” (DURKHEIM; MAUSS, 1978, p. 403). A possibilidade de pensar o corpo humano a partir desse referencial teórico se faz presente em estudos das Ciências Humanas e Sociais com autores como (SCHEPER-HUGHES; LOCK, 1987; SCHIEBINGER, 1987; FISCHLER, 1995; BOURDIEU, 1999; SANT'ANNA, 2001; FARIAS, 2002; FRY, 2002; GOLDENBERG; RAMOS, 2002). Nesta perspectiva, acredita-se que o corpo deve ser pensado na forma de artefato para o qual é atribuída uma ordem hierárquica social, permitindo com isso, o reconhecimento de hierarquias sociais, desigualdades étnicas, opções sexuais e relações de poder (FLORES-PEREIRA, 2007).

A autora acrescenta, ainda, que estudos os quais pensam o corpo como algo sobre o qual é aplicada essa função classificadora tratam, por exemplo, temas como cor de pele (FARIAS, 2002; FRY, 2002), estética (SCHEPER-HUGHES e LOCK, 1987; FISCHLER, 1995;

SANT'ANNA, 2001; GOLDENBERG e RAMOS, 2002), sexo e gênero (SCHIEBINGER, 1987; BOURDIEU, 1999). A ideia central desses estudos, segundo Flores-Pereira (2007), é a de que o corpo emite símbolos que permitem a rápida classificação em relação ao grupo social ao qual esse corpo pertence, por meio de sua cor, seu sexo, seu gênero, seus ornamentos e seu volume. Para essa corrente de estudos, preocupada em estudar as formas como as sociedades e as culturas se utilizam do corpo humano como um dispositivo classificador e hierarquizador, Flores-Pereira (2007) apresenta a nomenclatura de 'corpo artefato hierarquizado', que também traz categorias que foram analisadas na tese.

A partir do embasamento teórico, então, as principais interfaces entre os conceitos de identidade e *habitus* que foram abordadas no presente estudo, relacionam-se a serem processos de socialização, que pressupõem a interação entre os indivíduos e grupos e que levam em consideração a historicidade nas relações. Observou-se, ainda, as aproximações entre os conceitos de *habitus primário e secundário* e socialização primária e secundária. Para observar de forma prática esses conceitos, utilizou-se como 'ferramenta de investigação' o corpo do policial militar. Para que se entenda melhor o trajeto percorrido na pesquisa, o próximo capítulo caracterizou o campo estudado.

3 O CAMPO DE PESQUISA: A POLÍCIA E SUA HISTÓRIA

3.1 A Polícia Militar De Santa Catarina (PMSC)

O campo escolhido para a realização da pesquisa foi a Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC). Este capítulo tem o intuito de contextualizar o surgimento da instituição, bem como descrever o sistema de ensino analisado.

A Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC) presta serviços públicos na área de segurança pública e é um órgão da administração direta do Governo do Estado de Santa Catarina, tendo como jurisdição a totalidade do território catarinense (PMSC, 2013).

Por meio da Lei Provincial Nº 12, de 05 de Maio de 1835, Feliciano Nunes Pires cria a “Força Policial”, em substituição aos Corpos de Guardas Municipais Voluntários, que se mostravam ineficazes na época. Sua área de atuação ficava restrita à vila de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis e distritos vizinhos. A Força Policial tinha a missão de manter a ordem e a tranquilidade públicas e atender às requisições de autoridades judiciárias e policiais. Em 1836 foi aprovado o Regulamento da Força Policial, outorgando-lhe a missão ampla e complexa de atender desde incêndios até a prisão de infratores das posturas municipais.

Durante os combates no período Imperial, tais como a Guerra dos Farrapos e a Guerra do Paraguai, a Força Policial atuou em conjunto com o Exército Brasileiro (EB) e passava a atuar também no campo da Defesa Interna e Segurança Nacional. A Força Policial auxiliava repelindo as agressões externas e defendendo a unidade pátria, contribuindo desta forma, para a definição e defesa dos limites territoriais tanto do Brasil quanto do Estado (PMSC, 2013).

Pela Lei Nº 1.137 de 30 de Setembro de 1916, recebe a denominação de Força Pública e passa a ser considerada em 1917, com acordo firmado entre a União e o Estado, força reserva do Exército de 1ª Linha. Um novo acordo entre a União e o Estado que eleva a Força Pública à categoria de força auxiliar do Exército Brasileiro é firmado em 10 de Janeiro de 1934. Além disso, passa a ter status Constitucional, haja vista que a Constituição Federal também reconhece as Forças Públicas como sendo Auxiliares do Exército (PMSC, 2013).

É em 1946 que a Constituição Federal altera a denominação para POLÍCIA MILITAR, conferindo-lhe como missão a segurança interna e a manutenção da ordem. Fica previsto também, que a União legislará sobre a organização, instrução, justiça e garantias das PM.

Com a Constituição Federal de 1988, por meio do artigo 144, a Polícia Militar passa a ter como missão, juntamente com outros órgãos, a Segurança Pública.

Art. 144: a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio através dos seguintes órgãos:

- I - polícia federal;
- II - polícia rodoviária federal;
- III - polícia ferroviária federal;
- IV - polícias civis;
- V - polícias militares e corpos de bombeiros militares”.

Ainda no que diz respeito à Polícia Militar, a Constituição Federal traz nos § 5 e § 6:

§ 5º - às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública [...];

§ 6º - As polícias militares e corpos de bombeiros militares, forças auxiliares e reserva do Exército, subordinam-se, juntamente com as polícias civis, aos Governadores dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios.

Conforme a PMSC (2013) há outros instrumentos legais de âmbito Federal e Estadual que fazem referência à missão e competência legal da PM, tais como o Decreto Lei Federal Nº 667, de 02 de Junho de 1969, que reorganiza as PM e os Corpos de Bombeiros dos Estados, Territórios e do Distrito Federal e a Constituição do Estado de Santa Catarina de 1989, que em seu artigo 107, estabelece que:

À Polícia Militar, órgão permanente, força auxiliar, reserva do Exército, organizada com base na hierarquia e disciplina, subordinada ao Governador do Estado, cabe, nos limites de sua competência, além de outras atribuições estabelecidas em lei:

I – exercer a polícia ostensiva relacionada com:

- a preservação da ordem e da segurança pública;

- o radiopatrulhamento terrestre, aéreo, lacustre e fluvial;
- o patrulhamento rodoviário;
- a guarda e fiscalização do trânsito urbano;
- a guarda e fiscalização das florestas e mananciais;
- a polícia judiciária militar;
- a proteção do meio ambiente.

Compete ainda à PMSC atuar nos seguintes campos:

- Atuação no Campo da Segurança Pública (como Polícia Ostensiva Preventiva e como Polícia Ostensiva Repressiva);
- Atuação no Campo da Segurança Integrada;
- Atuação no Campo da Defesa Territorial;
- Atuação no Campo da Defesa Civil

Para atender a sociedade em suas competências e atribuições, a PMSC possui como missão “Proporcionar segurança ao cidadão, preservando a ordem pública através de ação de polícia ostensiva, de forma integrada com a sociedade, visando o exercício pleno da cidadania”. No que diz respeito à visão têm-se: “Ser reconhecida pela sociedade como instituição de excelência na área de segurança pública”. E finalmente como valores, a PMSC prega: “Atuação com ética; Responsabilidade social; Comprometimento; Hierarquia; Disciplina; Respeito aos Direitos Humanos e ao Meio Ambiente, e; Melhoria contínua (PMSC, 2013).

Alguns desses valores prescritos podem ser vistos frequentemente no quartel escola, tanto na fala dos instrutores, como nas falas dos alunos. A disciplina e a hierarquia por exemplo, são valores fortemente arraigados e são repassados desde a entrada na formação. Esses valores são inculcados diariamente nos alunos soldados, que acabam por reproduzi-los nas falas e comportamentos.

o espírito militar é baseado na hierarquia e disciplina, senão, como a gente ia conseguir controlar esse pessoal todo? Por isso esse entrar em forma sempre... o pessoal tem que estar preparado para o mundo lá fora... (ALUNO CABO).

o ser humano ele precisa ser cobrado, ele precisa de disciplina... (INSTRUTOR).

ordens superiores a gente não se discute...
(INSTRUTOR).

Com a finalidade de compreender como são formados esses sujeitos que compõe esta corporação e tem como propósito defender a sociedade, o capítulo seguinte propõe-se a descrever o sistema de ensino da PMSC.

3.1.1 Tornando-se um militar: O Sistema de Ensino da Polícia Militar de Santa Catarina

Conforme o Artigo 1º das Normas Gerais de Ensino (NGE) de 2011, a Polícia Militar possui um sistema de ensino próprio que compreende o ensino básico, o ensino profissional técnico, o ensino superior e a educação continuada.

O ensino básico compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio e tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (ART. 2º NGE, 2011).

Já o ensino profissional técnico, abrange o ensino de formação e de aperfeiçoamento e tem como finalidade propiciar aos oficiais e aos Praças da Corporação a necessária qualificação para o desempenho dos cargos e funções previstas para as mesmas (ART. 3º NGE, 2011). De acordo com o Art. 4º das NGE, o ensino profissional técnico destina-se a habilitar os policiais militares para o exercício de sua atividade ou prepará-lo para o desempenho de uma nova função. Abrange o Curso de Formação de Soldados (CFSd), Curso de Formação de Cabos (CFC), Curso de Formação de Sargentos (CFS), Curso de Formação de Oficiais (CFO) e Curso de Formação de Soldado Auxiliar Temporário (CFSdAT).

Já o Art. 5º dispõe sobre o ensino de aperfeiçoamento profissional técnico, que destina-se a renovar conhecimentos dos policiais militares da Corporação objetivando galgar novas graduações e é composto pelo Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos.

A educação continuada, por sua vez, tem como finalidade atualizar conhecimentos e repassar aos integrantes da Corporação novas técnicas e táticas de atuação, buscando o constante aprimoramento do efetivo para o desenvolvimento de suas atividades. Abrangem todos os cursos, estágios e treinamentos desenvolvidos com esse objetivo pela

Corporação ou frequentados por seus integrantes em outras instituições (ART. 6º NGE, 2011).

Uma característica importante para a compreensão de como ocorre a formação policial, em que está prescrito o que se espera com o ensino na polícia militar, diz respeito aos Princípios do Ensino Policial Militar, que estão dispostos no Art. 10º da NGE (2011), a saber:

I – objetividade - o ensino visa proporcionar os conhecimentos necessários e indispensáveis ao policial militar, levando em conta a sua efetiva preparação para o desempenho de suas atividades;

II – progressividade - o ensino deve partir, em cada curso, do nível de conhecimentos adquiridos anteriormente, evitando-se repetições desnecessárias;

III – flexibilidade - o ensino deve proporcionar a flexibilidade necessária para adaptar continuamente a Polícia Militar à evolução do Estado e do país;

IV – continuidade - o ensino deve ser um processo contínuo, evolutivo e permanente;

V – produtividade - o ensino deve buscar o máximo de rendimento com o menor de custo;

VI – oportunidade - o ensino deve proporcionar cursos e estágios que assegurem a imediata utilização dos conhecimentos adquiridos e atendam integralmente a busca permanente de melhoria dos padrões operacionais da Polícia Militar;

VII – iniciativa - o ensino deve estimular permanentemente o indivíduo ou o grupo para a pesquisa, como uma forma de aprofundamento da cultura profissional e geral.

VIII – conhecimento – o ensino deve proporcionar a construção efetiva do conhecimento pelo discente, evitando o mero repasse de informações.

A presente tese propôs-se a analisar o ensino profissional técnico, no que diz respeito ao Curso de Formação de Soldados (CFSd).

3.1.2 O Quartel Escola: O Centro de Ensino da Polícia Militar (CEPM)

O Centro de Ensino da Polícia Militar (CEPM) foi criado com base na Lei nº 6.217 de 10 de fevereiro de 1983, Lei de Organização básica da PMSC (Polícia Militar de Santa Catarina) e do decreto nº 19.237 de 14 de março de 1983. O CEPM foi ativado pelo Decreto

19.295 de 15 de abril de 1983 e implantado em 01 de julho de 1983 (DALRI; DUARTE, 2011).

A sua estrutura é composta pelo Comando, Divisão Administrativa (DIVA), Divisão de Ensino (DIVE), Divisão de Pessoal (DIPE), Companhia de Comando e Serviços (CCS), Centro de Estudos Superiores (CES), Academia de Polícia Militar da Trindade (APMT), Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP) Colégio Policial Militar Feliciano Nunes Pires (CFNP) e tem como objetivos servir como órgão de apoio ao sistema de ensino da corporação, destinando-se a ministrar ensino de nível superior aos Oficiais da Corporação, das Polícias Militares de outros Estados e Polícias de outros países nas atividades de formação, aperfeiçoamento e especialização, bem como ensino técnico profissional aos sargentos, cabos e soldados (DALRI; DUARTE, 2011).

3.1.3 Tornar-se um Praça: O Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP)

A estrutura organizacional do CFAP é composta por: Comandante (Ten Cel PM), Subcomandante (Maj PM), Comandante da Companhia de Alunos (Cap PM), Ajudante Secretário (Sgt PM), Comandantes de Pelotão (Ten PM) e Monitores de Pelotão (Sgt PM). O CFAP é responsável pelos seguintes cursos: Curso de Aperfeiçoamento de Sargento (CAS), Curso de Formação de Sargento (CFS), Curso de Formação de Cabos (CFC), Curso de Formação de Soldados (CFSd), Curso de Formação de Agentes Temporários (CFAgT) e outros cursos de especialização (DALRI; DUARTE, 2011).

No que diz respeito às avaliações do rendimento da aprendizagem, existem 4 verificações básicas: a verificação de aprendizagem (VA), que visa avaliar o progresso do aluno em todo o conteúdo da disciplina; a verificação de estudo (VE), que tem como objetivo avaliar o progresso do aluno em determinada faixa do programa de matéria, podendo ser realizada sem conhecimento prévio do aluno, mas que no entanto não será computada para o cálculo da média final da disciplina; a verificação de segunda chamada (VSC), que é a oportunidade dada ao aluno que por restrição médica, luto ou requisição legal, não pode submeter-se a quaisquer das avaliações; e a verificação de segunda época (VSE), que oferece uma única nova oportunidade aos alunos que não atingirem a média final de aprovação na disciplina ou obtiverem o conceito ‘inapto’ em Saúde física (DALRI; DUARTE, 2011).

A média para aprovação em cada disciplina é 7,0 (sete). Nas disciplinas com carga horária de até 20 H/A, deve ser feito somente uma VA, sendo permitido mais verificações somente nas disciplinas com carga horária superior a 20 H/A. As VA podem ser do tipo escrita, apresentação oral e execução prática. Os alunos que não alcançarem a média final igual ou superior a 7,0 na disciplina, obtiver conceito ‘inapto’ na disciplina de saúde física, não obtiver frequência mínima estabelecida nas Normas Gerais de Ensino (NGE), realizar de meios ilícitos ou não regulamentar na realização de qualquer processo de verificação que seja comprovado por processo administrativo ou não realizar a verificação de segunda chamada no período de tempo previsto nas NGE, serão considerados reprovados e consequentemente, desligados do curso (DALRI; DUARTE, 2011).

Conforme consta no Manual do Aluno, a rotina diária no CFAP é intensa, com algumas diferenças entre os dias úteis e os dias não úteis. Nos dias úteis, o quadro de trabalho específico é:

- 06:00h – Alvorada, devendo ser acesas todas as luzes dos alojamentos, e todos os alunos se postarem fora das camas;
- 06:30h – Entrada em forma da guarnição de serviço, presos e detidos que deverão deslocar-se ao rancho do CEPM para o café da manhã, a guarnição se deslocará em passo ordinário;
- 07:25h – Entrada em forma da guarnição que fará a rendição do serviço, presos e detidos (parada diária), devendo ser o efetivo apresentado ao Sgt de Dia ao Corpo de Alunos, até no máximo 07:30h;
- 07:30h – Entrada em forma da Escola (formatura matinal), devendo ser apresentada aos Comandantes de Companhia, até no máximo 07:35h, e estes farão a apresentação das respectivas Companhias ao Cmt do CFAP, para hasteamento da bandeira/canção da Escola;
- 08:00h – Início do primeiro período escolar, com término às 12:00h;
- 12:00h – Entrada em forma da guarnição de serviço (presos e detidos) e Companhias de Alunos (por Pelotão) que deverão deslocar-se (passo ordinário) ao Rancho para o almoço;
- 13:35h – Entrada em forma da guarnição de serviço, presos e detidos, devendo o efetivo ser apresentado ao Sgt de Dia ao Corpo de Alunos, até no máximo 13:40h;

- 13:40h – Entrada em forma da Escola, exceto o CAS, devendo ser apresentada aos comandantes de Companhia ou mais antigo presente, até no máximo 13:45h, para o início das atividades escolares;
- 14:00h – Início do segundo período escolar, com término às 18:00h;
- 18:00h – A Escola (em princípio, sem o CAS), a guarnição de serviço, os presos e detidos deverão entrar em forma, para o arreamento da bandeira e liberação da Escola, permanecendo em sala apenas aqueles que ainda estiverem em instrução;
- 18:00h - Após a liberação da Escola, a guarnição de serviço, em passo ordinário e os presos e detidos deverão deslocar-se ao Rancho para a Janta;
- 20:55h – Entrada em forma da guarnição de serviço, presos e detidos para a revista do recolher (pernoite), devendo o efetivo ser apresentado ao Sgt de Dia, até no máximo 21:00h;
- 21:00h Revista do Recolher (Pernoite) – após a revista a guarnição de serviço, os presos e detidos deslocar-se-ão em passo sem cadência ao Rancho para o lanche noturno, devendo os presos e detidos serem recolhidos ao alojamento até a Alvorada;
- 22:00h – Silêncio, devendo ser apagadas todas as luzes dos alojamentos/vestiários e desligados os aparelhos eletrônicos dos alojamentos/vestiários e banheiros, além de ser preservado o mais absoluto silêncio.

No que diz respeito ao quadro de trabalho de dias não úteis tem-se:

- 07:00h – Alvorada para a Guarnição de serviço, presos e detidos, devendo ser acesas todas as luzes dos alojamentos, e os alunos de serviço, presos e detidos se postarem fora das camas;
- 07:15h – Entrada em forma da guarnição de serviço, presos e detidos que deverão deslocar-se ao Rancho para o café da manhã, a guarnição se deslocará em passo ordinário;
- 07:50h – Entrada em forma das guarnições de serviço, presos e detidos (parada diária), devendo o efetivo que entra e sai de serviço ser apresentado ao Sgt de Dia ao Corpo de Alunos, até no máximo 07:55h, para o hasteamento da bandeira. Aos sábados também entrarão em forma às 07:50h os alunos

escalados para a realização da manutenção do Quartel Escola, devendo ser liberados às 12:00h;

- 12:00h – Entrada em forma da guarnição de serviço, presos e detidos que deverão deslocar-se ao Rancho para o almoço, a guarnição se deslocará em passo ordinário;
- 17:55h – A guarnição de serviço, os presos e detidos deverão entrar em forma para o arreamento da bandeira;
- 18:00h – Após o arreamento da bandeira, a guarnição de serviço, em passo ordinário, os presos e detidos deslocar-se-ão ao Rancho para a Janta;
- 20:55h – Entrada em forma da guarnição de serviço, presos e detidos para a revista do recolher (pernoite), devendo ser o efetivo apresentado ao Sgt de Dia, até no máximo 21:00h;
- 21:00h Revista do Recolher (Pernoite) – após a Revista, a guarnição de serviço, os presos e detidos deslocar-se-ão em passo sem cadência ao Rancho para o lanche noturno, devendo os presos e detidos serem recolhidos ao alojamento até a Alvorada ;
- 22:00h – Silêncio, devendo ser apagadas todas as luzes dos alojamentos/vestiários e desligados os aparelhos eletrônicos dos alojamentos/vestiários e banheiros, além de ser preservado o mais absoluto silêncio.

Com o intuito de analisar o que está prescrito e os comportamentos diários observados nos alunos, são apresentadas abaixo, de acordo com o Manual do Aluno, as normas de conduta no CFAP e os preceitos de condutas dos alunos que são exigidos pela corporação. Essas normas são recebidas pelos alunos na primeira semana de curso, sendo exigido que todos as leiam e incorporem-nas.

No que diz respeito as normas de conduta no CFAP têm-se:

- Não jogue lixo no pátio;
- Não transite no pátio sem camisa ou descalço;
- É proibida a entrada de Alunos no quartel, após o término do expediente até às 06:00h. Os Alunos que tiverem necessidade de adentrarem ou permanecerem nas dependências do Quartel entre o término do expediente e às 06:00h deverão apresentar-se ao Sgt de Dia ao Corpo de Alunos (Ronda da hora), no momento da liberação da escola ou no horário de entrada, e no

momento da saída do CEPM, sendo que deverão explicitar o motivo da sua permanência, podendo ser autorizado ou não, devendo o Sargento Adjunto primar pela necessidade do possível uso das instalações pelos Alunos para estudos e trabalhos escolares, não havendo prejuízo do silêncio ou segurança do aquartelamento. O Sgt Adjunto deverá constar no relatório de serviço, citando horário de entrada/saída e instalações utilizadas;

- Não é permitida a entrada e o consumo de bebidas alcoólicas nas dependências do CEPM;
- Não ande com as mãos nos bolsos; no pátio, não sente, nem fique escorado ou de forma ociosa;
- Ao receber uma ordem superior para cumprir uma missão, volte e dê a resposta de missão cumprida a quem lhe incumbiu da tarefa;
- Pergunte sempre o que tiver dúvida;
- Seja sempre rápido e preciso;
- Utilize somente os varais para estender roupas;
- É proibida a utilização de equipamentos de áudio e vídeo nos alojamentos/vestiários após as 22:00h;
- Cumprimente seu superior, par ou subordinado da forma regulamentar;
- Verifique sempre as escalas de serviços de qualquer natureza.
- Conheça seus comandantes e seus nomes;
- Evite circular nas dependências do Colégio Policial Militar;
- Não são permitidos relacionamentos (namoro) nas dependências do CEPM.

Quanto aos preceitos de condutas dos alunos, podemos observar cinco subdivisões: do aluno para consigo mesmo, de companheiro para companheiro, do aluno com o CFAP, do aluno com a corporação e do aluno com a sociedade. Esses preceitos são diariamente inculcados nos alunos por meio das falas dos professores e das práticas exigidas na formação.

a) Do Aluno para consigo mesmo:

- Deve conscientizar-se, do que representa para si, ser Praça da Polícia Militar, e do que isso representa para a Corporação e para a sociedade;

- Deve o aluno, identificar seus objetivos com a razão de ser, a função para a qual está sendo preparado;
- Tem o dever de adaptar o seu modo de vida às necessidades da vida do CFAP e a ela integrar-se plenamente;
- Deve ser honesto, antes de tudo para consigo mesmo, e revestir-se de honestidade em todos os seus atos, quer sejam ou não praticados em razão funcional;
- Deve zelar pelo aprimoramento de sua cultura, procurando dedicar-se a leitura e atividades que para tanto contribuam;
- Deve ter consciência da importância do ambiente escolar para a sua formação e aperfeiçoamento e dedicar-se espontaneamente ao estudo;
- Deve estudar muito, porém, não só para obter o grau de aprovação nas avaliações;
- Deve nas aulas, dedicar-se tão somente a ela, mantendo-se atento, demonstrando interesse e respeito, por quem as ministra;
- Deve fiscalizar e auto fiscalizar-se por ocasião das verificações de aprendizagem, repudiando a hipótese, que a tentativa de meio ilícito, quer por si, quer por seus colegas, pois o grau é importante, mas é um valor ínfimo na escala de valores;
- Deve dedicar todos os seus esforços e entusiasmo para o êxito das atividades que participa, individual ou coletivamente, ainda que sejam meros treinamentos;
- Deve, o aluno, primar pela impecabilidade de sua apresentação pessoal;
- Assume a responsabilidade pelos atos que pratica;
- Cumpre ordens com determinação, não apenas pelas sanções que o contrário implica, mas essencialmente pela convicção que possui;
- É cívico e cultuador das tradições históricas;
- Tem amor a sua profissão e procura aprimorar-se técnico-profissionalmente;
- Ama a verdade e a responsabilidade como elementos fundamentais de dignidade pessoal.

b) De Companheiro para Companheiro:

- O aluno respeita a dignidade da pessoa humana;
- Pratica camaradagem e desenvolve, permanentemente, o espírito de cooperação;

- Não faz comentários ou observações que possam denegrir a imagem de companheiro. Se necessário fa-la como orientação e de forma reservada;
- Não trata seus companheiros, nem permite por eles ser tratado por meio de nomes ou palavras vulgares ou injuriosas;
- Não se vale de gírias ou palavras de baixo calão para se expressar, com seus companheiros ou qualquer pessoa;
- Não permite que seus atos e aspirações, ajam em detrimento dos seus companheiros;
- Orienta e aceita as orientações;
- Respeita as opiniões de seus companheiros, mesmo que estes sejam de turmas diferentes;
- Não é conivente ou acobertador de faltas ou crimes, ainda que praticados pelo melhor dos seus amigos;
- Não deixa que atos funcionais sejam influenciados por motivos pessoais;
- Procura auxiliar seus companheiros na resolução de problemas, que, por ventura possuam;
- Colabora prontamente com seus companheiros que exercem função de comando;

c) Do Aluno com o CFAP:

- O aluno tem amor e respeito ao CFAP, e nele vê a matriz do que quer ser;
- Não tem o CFAP como elemento contraditório ou inibidor de sua vontade;
- Esforça-se por alcançar ou fazer realizar os objetivos fixados pelo CFAP;
- Exerce com autoridade, eficiência e probidade as funções que lhe couberam;
- Quando em companhia de sua esposa, noiva ou namorada, nas dependências do CEP, deverá assumir atitudes compatíveis com a sua condição de aluno e dignas de um Policial Militar;
- Prima pela incolumidade e limpeza das instalações do CFAP;
- É revestido de lealdade para com o CFAP e seu comandante;
- Considera o CFAP como sua própria casa;
- Mantém sempre a postura condizente com a sua condição de militar;

- O aluno superior hierárquico deverá primar pela conduta exemplar, sempre tratando com urbanidade seu par ou subordinado, apresentando-se bem uniformizado e em atitudes corretas.

d) Do Aluno com a Corporação:

- O aluno deve conhecer a estrutura e a organização da PMSC;
- Esforça-se para elevar o conceito da Corporação perante a comunidade;
- É atencioso, observador dos regulamentos, normas, diretrizes e outros dispositivos legais, atinentes a PMSC;
- Respeita dignamente e faz respeitar seu fardamento, seus superiores hierárquicos e os seus colaterais.

e) Do Aluno com a sociedade:

- O aluno, ainda que de folga, ou em trajes civis, representa a Corporação, e consequentemente o CFAP, devendo ser um espelho de conduta e atitudes para aqueles que o cercam;
- Não se vale da sua condição de Policial Militar para adentrar gratuitamente onde se realiza atividade desportiva, artístico cultural, social ou de transporte;
- Quando no interior de ônibus, ou qualquer outra condução coletiva, deve mostrar-se solícito e disposto a ceder às acomodações que ocupa, à pessoa mais idosa, gestantes, deficientes físicos e outras que as regras da boa educação determinem;
- Deve controlar o seu orçamento financeiro a fim de que possa saldar todos os seus compromissos econômicos de forma ordeira e pontual;
- Deve apresentar-se em público de maneira jovial, saudável e educada;
- Seleciona as suas amizades com base no bom caráter, e na sua correção de atitudes;
- Não se esquiva do atendimento de ocorrências policiais, quando necessário acionar o telefone 190 (Emergência 190);
- Toma atitudes e decisões dignas da Corporação que representa, e se esforça para enaltecê-la.

Essas normas de condutas prescritas em documentos da Corporação, também são observadas nas falas dos instrutores em sala de aula, de comandantes de pelotões e por policiais no geral. O aluno soldado passa a ser um sujeito que deve colocar a Instituição Polícia Militar como prioridade.

90% do que vocês faziam antes até em momentos de folga, agora vocês não podem mais... Toda conduta, tudo que fizerem agora, tem que permear a palavra POLICIAL MILITAR... não pode por exemplo usar droga, dirigir bêbado, etc... vocês carregam o nome da corporação... (INSTRUTOR).

Apesar de haver um discurso entre a maioria dos instrutores e comandantes que o processo de ensino vem se modificando com o passar do tempo, o discurso não é homogêneo e observa-se algumas falas e comportamentos paradoxais, conforme demonstra alguns relatos:

Atualmente temos mudado a filosofia de ensino... não é mais com o pensamento militarista... antes na minha época, em 1989, nós éramos doutrinados para obedecer ordens... hoje não precisa mais usar da força... (INSTRUTOR).

A gente precisa mudar a ideia que as pessoas têm da polícia militar... ainda pensam muito no militarismo, na época da ditadura... mas hoje somos voltados para os direitos humanos... é complicado... queremos mudar, mas sem perder nossa tradição... (COMANDANTE).

Nós não estamos sendo formados para comandar e sim para cumprir ordens... (ALUNO SOLDADO).

Entrar na vida militar é um choque... mas na minha época, 25 anos atrás, era pior... (SOLDADO).

A visão da polícia é muito ‘bitolada’, ainda militarista... não há o pensamento de ser policial e sim militar... estão mais preocupados com marchar correto, prestar continência e engraxar o coturno do que com o córtex cerebral... a mudança ainda está muito lenta... (TENENTE CORONEL).

Percebe-se então, que o que está prescrito nos documentos em relação às condutas a serem seguidas na formação, também aparece nas falas dos superiores e no comportamento dos alunos soldados, mostrando paradoxos entre mudança e permanência, conforme diferentes níveis ocupados. Isto demonstra que o processo de socialização para a incorporação das disposições exigidas para a atuação profissional, é percebido desde a entrada no ‘mundo militar’.

3.1.4 Desenvolvendo o ‘EU’ Militar: O Curso de Formação de Soldados (CFSd)

As atividades do Curso de Formação de Soldados (CFSd) são reguladas pelo Plano de Ensino (PE), que tem como referência para a sua elaboração as normais Gerais de Ensino, a Matriz Curricular do SENASP (Secretaria Nacional de Segurança Pública), o Projeto de Implantação das Bases Curriculares para a Formação dos Profissionais de Segurança do Cidadão no Ensino da PMSC/DIE, os Relatórios de Avaliação do CFSd/02, CFSd/03, CFSd/04, CFSd/06, CFSd/08, CFSd/2011/01 e a Portaria n.º 677/Cmt-G/2011 de Julho de 2011(MARCINEIRO; DALRI, 2011).

O Plano de Ensino é um dos documentos previstos nas Normas Gerais de Ensino (NGE). De acordo com o Art. 13 da NGE, os documentos de ensino visam disciplinar e padronizar o processo de ensino-aprendizagem e são os instrumentos de caráter técnico-pedagógico que conduzem e orientam as atividades de ensino em suas diversas fases e níveis. Os principais documentos são:

- Plano Geral de Ensino (PGE): documento do planejamento anual, elaborado pela Diretoria de Ensino, que orienta as atividades a serem desenvolvidas nos cursos, estágios, treinamentos e Instruções de Revitalização no decorrer do ano letivo. Nele estarão previstas, além das atividades de ensino, todas as medidas de apoio administrativo necessárias ao desenvolvimento normal dos cursos, estágios e treinamentos;
- Plano de Ensino de Curso, Estágio ou Treinamento (PE) - é o documento elaborado pela Unidade de Ensino que irá desenvolver o curso, estágio ou treinamento, o qual especificará todas as suas características e as condições particulares de organização e desenvolvimento de cada uma das atividades de ensino nele previstas. Incluem, para os cursos, os estágios ou

treinamentos não regulares, a relação de disciplinas com suas respectivas cargas-horárias, o Programa de Matérias (PROMA) que relaciona todas as unidades didáticas por assunto com suas cargas-horárias;

- Plano de Ensino de Disciplina (PED) - documento que fundamenta o planejamento das aulas em que se desenvolverá a disciplina. Nele consta a ementa da disciplina, sendo esta norteadora dos objetivos de ensino e de aprendizagem, da metodologia, do conteúdo programático e do processo de avaliação;
- Quadro de Trabalho Semanal (QTS) - documento de ensino que apresenta os trabalhos a serem realizados no decorrer de uma semana letiva, para controle das atividades técnico-pedagógicas e remuneração do corpo docente;
- Relatório Final (RF) - é o documento de ensino elaborado pela Unidade de Ensino (UE) em que está sendo desenvolvida a atividade de ensino, relatando os dados básicos da atividade e as principais intercorrências;
- Relatório Individual (RI) de curso, estágio ou treinamento realizado fora da Corporação - é o documento elaborado pelo participante informando das atividades desenvolvidas e encaminhado a DIE em duas vias, até quinze dias após a conclusão do curso, estágio, ou treinamento;
- Relatório de Viagem de Estudo (RVE) - é o documento elaborado pelos participantes da Viagem de Estudo, relatando circunstanciadamente todos os fatos vividos e observados no decorrer da mesma. Após analisado pelo Comandante da UE, deve ser enviado à DIE, juntamente com o Relatório Final do curso/estágio;
- Relatório Anual de Ensino (RAE) - documento de ensino encaminhado à DIE ao final do ano letivo, que retrata as atividades de ensino desenvolvidas pela UE.

O Curso de Formação de Soldados tem duração de 35 semanas, com carga horária total de 1.445 horas aula, sendo 1.380 horas-aula teórica, 45 horas-aula de estágio e 20 horas-aula a disposição da diretoria.

O regime escolar é de 50 horas-aula semanais, sendo 10 aulas de 45 minutos diárias de segunda a sexta-feira, com quinze minutos de intervalo no período matutino e quinze minutos de intervalo no período vespertino. As atividades escolares iniciam às 07h30m com uma formatura ordinária para revista do pessoal e hasteamento da bandeira, para em seguida, às 08h00m iniciar as aulas em sala. No período matutino as aulas são das 08h00m às 12h00m e no período vespertino das 14h00m às 18h00m. Neste intervalo de duas horas para almoço, os alunos almoçam no quartel e devem permanecer esperando para as aulas do período vespertino. Após o encerramento às 18h00m os alunos entram em forma novamente no pátio para o arreamento da bandeira. Frequentemente os alunos permaneciam no quartel após às 18h00m para realização de atividades diversas no quartel escola.

Além das aulas regulares, os alunos podem participar de atividades extraclasse, que irão acrescentar ao aprendizado, conhecimentos práticos e específicos da atividade profissional (DALRI; DUARTE, 2011). São consideradas atividades extraclasse o estágio operacional, trabalhos escolares, pesquisas na biblioteca, atividades desportivas, seminários, treinamentos, atividades culturais, atividades sociais, visitas a órgãos públicos e assistenciais e aulas colocadas à disposição da direção que poderão ser utilizadas para atividades extraclasse.

O curso, que tem como referência a Matriz Curricular da SENASP/2009, está disposto em três módulos, organizado em seis áreas do conhecimento, conforme os quadros a seguir:

	MÓDULO 1	
Áreas Temáticas	Disciplinas	C/H
1)- Cultura Policial e Prática Reflexiva na PMSC	1- Criminologia Aplicada à Segurança Pública	25
	2- Ordem Unida I	15
	3- Ciência Comportamental	25
2)- Conhecimentos	Disciplinas	C/H

Jurídico	4- Direito Penal	60
	5- Intr. ao Estudo do Direito e Direito Constitucional	30
	6- Legislação de Trânsito I	30
	7- Legislação Institucional	60
3)- Gestão em Segurança Pública	Disciplinas	C/H
	8- Sistema de Segurança Pública no Brasil	25
	9- Tecnologia da Informação	30
4)- Técnicas e Procedimentos em Segurança Pública	Disciplinas	C/H
	10- Criminalística e Investigação Criminal	25
	11- Teoria do Tiro e Tiro Policial I	45
	12- Técnicas de Polícia Ostensiva I	45
5)- Gestão de Conflitos e Eventos Críticos	Disciplinas	C/H
6)- Valorização Profissional e Saúde do Trabalhador	Disciplinas	C/H
	13- Defesa Pessoal I	30
	14- Espanhol I	15
	15- Saúde e Aptidão Física I	30
ADD¹⁰	05	
C/H TOTAL*	495	
Estágio	Estágio Supervisionado	05h/a

Quadro 1: Disciplinas oferecidas no módulo 1

Fonte: Marcineiro e Dalri (2011)

¹⁰ À disposição da diretoria.

	MÓDULO 2	
Áreas Temáticas	Disciplinas	C/H
1)- Cultura Policial e Prática Reflexiva na PMSC	1- Ética e Cidadania	15
	2 - Ordem Unida II	15
	3 - Abordagem Sócio Psic. da Violência e do Crime	15
	4 - Atuação Pol. Frente a Grupos Vulneráveis e Minorias	15
2)- Conhecimentos Jurídico	Disciplinas	C/H
	5- Documentos Operacionais	45
	6- Direito Processual Penal	30
	7- Legislação de Trânsito II	30
3)- Gestão em Segurança Pública	Disciplinas	C/H
4)- Técnicas e Procedimentos em Segurança Pública	Disciplinas	C/H
	8- Técnicas de Polícia Ostensiva II	45
	9- Tiro Policial II	30
	10- Tiro Policial – Taser	15
	11- Uso Progressivo da Força	15
5)- Gestão de Conflitos e Eventos Críticos	Disciplinas	C/H
	12- Gerenciamento de Crises e Negociação	15
	13- Mediação de Conflitos	25
6)- Valorização Profissional e Saúde do Trabalhador	Disciplinas	C/H
	14- Espanhol II	15
	15- Defesa Pessoal II	30

	16- Gerenciamento de Estresse e Saúde Mental	30
	17- Saúde e Aptidão Física II	30
ADD	10	
C/H TOTAL*	425	
Estágio	Estágio Supervisionado	10h/a

Quadro 2: Disciplinas oferecidas no módulo 2

Fonte: Marcineiro e Dalri (2011)

	MÓDULO 3	
Áreas Temáticas	Disciplinas	C/H
1)- Cultura Policial e Prática Reflexiva na PMSC	1- Introdução à Prevenção às Drogas	20
	2- Polícia Comunitária	45
	3- Ordem Unida III	15
2)- Conhecimentos Jurídico	Disciplinas	C/H
	4- Direito da Criança e do Adolescente	15
	5- Direito Ambiental	30
	6- Direito Penal Militar e Processual Penal Militar	30
	7- Direitos Humanos	30
3)- Gestão em Segurança Pública	Disciplinas	C/H
	8 - Inteligência de Segurança Pública	20
4)- Técnicas e Procedimentos em Segurança Pública	Disciplinas	C/H
	9- Atendimento Pré Hospitalar	45
	10- Direção Defensiva Policial	30
	11- Operações de Trânsito	15

	12- Prevenção e Combate a Incêndios	15
	13- Tiro Policial III	45
	14- Operações de Polícia Ostensiva	60
5)- Gestão de Conflitos e Eventos Críticos	Disciplinas	C/H
6)- Valorização Profissional e Saúde do Trabalhador	Disciplinas	C/H
	15- Saúde e Aptidão Física III	30
	16- Defesa Pessoal III	30
ADD	05	
C/H TOTAL*	480	
Estágio	Estágio Supervisionado	30h/a

Quadro 3: Disciplinas oferecidas no módulo 3

Fonte: Marcineiro e Dalri (2011)

Segundo Marcineiro e Dalri (2011), a PMSC busca a construção ativa do conhecimento no processo de aprendizagem. O professor, na mediação do processo de ensino-aprendizagem, cria as condições para que o aluno aproprie-se do conhecimento e opere física, mental e emocionalmente sobre o objeto do conhecimento.

Percebe-se dessa forma, um interesse em que o policial esteja em constante aprendizagem, desenvolvendo-se constantemente para se tornar um profissional qualificado e melhor poder atender aos anseios da sociedade. A seguir foi descrito o método que orientou a pesquisa.

4 EM CAMPO COM OS MILITARES: A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

O método em pesquisa implica na escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e compreensão de fenômenos. A presente pesquisa foi definida como qualitativa, tendo em vista a natureza subjetiva do tema escolhido e os procedimentos utilizados na coleta e análise das informações. Segundo Richardson (1999), a abordagem qualitativa auxilia no entendimento da natureza de um fenômeno social, o qual não se pretende numerar ou medir unidades e categorias homogêneas. Triviños (1994) afirma que a antropologia e a sociologia constituem as raízes históricas da pesquisa qualitativa. O aparecimento desta foi dado de forma natural, ou seja, pesquisadores perceberam que muitas informações sobre a vida dos povos não poderiam ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla do que circunscritas aos dados objetivos. A lógica e a coerência da argumentação na pesquisa qualitativa baseiam-se em uma variedade de técnicas com base em procedimentos que privilegiam a abordagem qualitativa, tais como entrevistas formais e informais, técnicas de observação de campo, análise histórica, etnografia.

Caracterizou-se, ainda, como descritivo, pois descreveu o cotidiano dos alunos soldados e suas dinâmicas corporais, que são expressão das identidades e dos *habitus* incorporados pelos sujeitos. Conforme Selltiz et al. (1987), a pesquisa descritiva tem a intenção de conhecer a natureza, a composição e os processos que compõem o problema de pesquisa, permitindo assim, a descrição de suas características.

Foi utilizado o método etnográfico neste estudo. Este método originalmente é proveniente da Antropologia e da Sociologia e tem em Malinowski (1978) com o trabalho “*Argonautas do Pacífico Ocidental*” a demarcação na utilização deste método. Participando e observando a vida dos nativos das Ilhas Trobriand na Nova-Guiné, Malinowski (1978) cria a observação participante como uma técnica de pesquisa importante para compreender o indivíduo e seu comportamento. Para Oliveira (2000) esse procedimento de pesquisa é caracterizado por atos de olhar e ouvir muito peculiares, pois permitem ao pesquisador a interpretação da sociedade e da cultura do outro em sua verdadeira interioridade. Laville e Dionne (1999) destacam neste procedimento a importância do pesquisador se integrar no campo que quer explorar. A maior preocupação da etnografia, de acordo com Spradley (1979), é obter, por meio do processo de observação, uma descrição detalhada sobre o que o

grupo particular de pessoas faz e o significado que eles têm do que eles fazem.

4.1 A ENTRADA NO CAMPO

O interesse pelo campo da pesquisa surgiu ainda em 2010 depois de discussões no grupo de orientações. No entanto, o primeiro contato com a instituição foi feito somente em 2011 com o amadurecimento do tema do projeto. Primeiramente, em 04 de abril de 2011, o contato foi feito com o senhor Tenente Coronel Almir Silva, comandante do 22º Batalhão da PMSC. Fui muito bem recebida e o Tenente Coronel Almir se colocou inteiramente à disposição para ajudar no que fosse preciso, disponibilizando o referido Batalhão para realização da pesquisa.

Ficamos conversando por cerca de uma hora sobre o projeto e após apresentar a proposta o Tenente Coronel comentou sobre a possibilidade de se fazer a pesquisa no Centro de Formação da PMSC e questionou sobre meu interesse a respeito. Este era o interesse inicial, mas como não havia ainda um possível contato no Centro de Formação, optou-se por fazer este primeiro contato no referido Batalhão. Após a concordância mútua, o Tenente Coronel procurou viabilizar o contato, que não foi possível, e ficou de dar um retorno ainda no decorrer do dia e ao final da tarde recebi a ligação de que poderia procurar o Centro de Ensino.

O contato foi agendado para o dia 06 de abril com o Tenente Coronel Aldo. O mesmo se mostrou interessado pela pesquisa e solicitou que fosse enviado um projeto em nome do Diretor Geral do Centro de Ensino da PMSC. Um novo contato para entrega do projeto só foi feito em 18 de outubro de 2011, após a banca de qualificação realizada em 14 de junho de 2011.

Em 01 de novembro de 2011 recebi o retorno positivo da instituição para a realização da pesquisa. No dia 07 de novembro de 2011 conheci o Tenente Coronel Ziegler que assinou a declaração de autorização de pesquisa. Enquanto aguardava os encaminhamentos, conversamos durante algum tempo com outros funcionários que não eram militares e marcamos para o dia 09 de novembro de 2011 o início das observações. O Tenente Coronel Ziegler me apresentou para os demais policiais que estavam na sala, que foram totalmente receptivos e se colocaram à disposição para o que eu precisasse, oferecendo, inclusive, um computador de apoio.

No dia 09 de novembro de 2011 quando cheguei, enquanto

aguardava o Tenente Coronel Ziegler que estava em uma reunião, fiquei aguardando na sala e conversando informalmente com os policiais que ali estavam. Após seu retorno da reunião, fui levada até os demais oficiais para falar sobre a pesquisa e ser apresentada formalmente a eles. Os comandantes que ali estavam manifestaram-se favoráveis à pesquisa e me deram acesso livre às dependências do quartel-escola para a realização do estudo. Enquanto aguardava ser apresentada à coordenadora pedagógica para conversar, observava a rotina dos que ali estavam. Este foi o primeiro contato com o campo que ainda revelaria muitas coisas: as continências, a formação no pátio milimetricamente padronizada, os gritos de guerra, tudo era novo e estimulante. Conversei informalmente com a coordenadora pedagógica, e dessa conversa saíram as primeiras informações a respeito do campo.

Após nove dias dessa primeira conversa com a coordenadora pedagógica, retornei ao Centro de Ensino, mas não foi possível encontrá-la. Como ela não estava, fui para a biblioteca. A bibliotecária, receptiva, mostrou-me diversos materiais (livros, documentos, banner com as insígnias militares), o que me fez ficar cerca de quatro horas na biblioteca do quartel escola. Às 18:00 horas há o ritual de formação e todos os alunos se reúnem no pátio, chegam cantando gritos de guerra e vão se alinhando para a retirada da bandeira. ‘É tudo muito metódico e padronizado’ (NOTAS DE CAMPO).

No dia 21 de novembro de 2011 fui ao quartel para conversar com a coordenadora pedagógica sobre o início dos acompanhamentos. Ela disse que teria que me apresentar aos comandantes do CFO (Curso de Formação de Oficiais) e do CFAP (Curso de Formação e Aperfeiçoamento de Praças) para ter abertura para imersão. Primeiramente me apresentou para o comandante do CFO, que me questionou sobre o trabalho e sobre o que precisaria. Após apresentados os objetivos para o comandante, ele me apresentou para os comandantes de pelotão do CFO e ao conversamos a respeito da pesquisa eles demonstraram interesse e falaram sobre o momento que a polícia está passando. De acordo com os comandantes “a polícia está num processo de mudança, processos paradoxais e de quebras de paradigmas”. Um dos comandantes exemplificou: “hoje eu tenho 26 anos, sou tenente e comando um pelotão. Tem muita gente antiga que não aceita isso, mas a polícia está mudando”.

Ficamos conversando durante algum tempo e os dois comandantes se colocaram à disposição para o que fosse preciso na pesquisa. Peguei os e-mails e telefones para manter contato. Comunicaram-me que no dia 23 de novembro teria prova no estande de

tiro e que seria interessante eu acompanhar e assim ficou combinado. Além disso, comentaram também, que dia 02 de dezembro de 2011 às 09:00 horas teria a formatura de espadins e combinamos que eu participaria, pois é uma cerimônia muito importante.

Após conversar com os comandantes do CFO, fui recebida pelo comandante do CFAP e sub comandante aos quais explanei sobre a pesquisa. Perguntaram sobre o que era o trabalho, o que eu precisaria, como pretendia fazer, se iria fotografar, filmar, gravar, fazer entrevista, de quantos alunos precisaria. Fui detalhando os procedimentos que seriam adotados e em seguida conversamos sobre alguns aspectos da polícia militar. Um dos comandantes falou além de aspectos gerais da polícia, sobre algumas questões administrativas. Segundo o comandante

hoje temos um desafio muito maior... os alunos são mais maduros, a gente não fala mais para adolescente que acabou de sair do ensino médio... são tudo formados em ensino superior... agora em outubro de 2011 se formou a primeira turma que entrou com ensino superior... teu trabalho vai ser bom porque vai poder levar lá para fora as coisas daqui... a gente precisa mudar a ideia que as pessoas têm da polícia militar... ainda pensam muito no militarismo, na época da ditadura... mas hoje somos voltados para os direitos humanos... mas é complicado... queremos mudar, mas sem perder nossa tradição (TEN. CEL. COUTO¹¹).

Relataram também sobre a importância do controle para a polícia:

aqui é importante nós termos o controle deles a todo momento... por exemplo, as salas de aula são lá no Bardal, não são aqui... então a gente não consegue ficar a todo momento observando... mas agora a gente comprou o terreno aqui do lado, aí isso vai facilitar porque poderemos estar mais presentes e observar mais... temos que observar a todo momento para admoestar, para ir moldando... (TEN. CEL. COUTO).

¹¹ Para manter o sigilo na pesquisa, substituiu-se os nomes verdadeiros por nomes fictícios, mantendo-se no entanto a patente à qual pertencem.

Assim comecei a identificar os primeiros conteúdos relacionados ao *habitus* e à formação de uma identidade militar.

O comandante ainda discorreu sobre o funcionamento da rotina no quartel escola:

aqui o pessoal do CFSD tem 50 horas/aula semanais, teóricas e práticas durante mais ou menos seis ou nove meses. Nós temos um sistema de controle que é o FON (anotação quando faz algo negativo) e o FOP (anotação quando faz algo positivo). Eles entram em forma todos os dias às 07:30 da manhã e o hasteamento da bandeira é às 07:40. Segunda, quarta e sexta-feira eles cantam os hinos. Atualmente nós temos 11 turmas (pelotões), com mais ou menos 386 alunos soldados e tem também a turma de CFC (curso de formação de cabo) com cerca de 70 alunos cabo. São mais ou menos 35/40 alunos por pelotão. Nós temos como estrutura os sargentos monitores de cada pelotão, os tenentes comandantes do pelotão, o capitão comandante da CIA, o Major e o Tenente Coronel comandante do CFAP. Na entrada deles, na primeira semana, nos primeiros dias são tratadas coisas mais administrativas. São passadas questões administrativas, apresentada as rotinas, apresentado a estrutura, verificado o enxoval que foi solicitado comprar, tirado as medidas para a farda e repassado questões administrativas como conta em banco, etc... (TEN. CEL. COUTO).

Após conversarmos, o comandante foi em todas as salas do comando me apresentar para os comandantes dos pelotões e solicitou para colaborarem com o que fosse preciso, pois eu havia sido autorizada pelo comando geral para fazer uma pesquisa no Centro de Ensino. Os comandantes de pelotões se colocaram à disposição e perguntaram sobre a pesquisa. O comandante que me apresentava avisou que passaria um e-mail a todos os comandantes e monitores dos pelotões avisando sobre a minha pesquisa e presença no dia a dia deles. Depois de passarmos por todas as salas despediu-se e disse que eu poderia contar com ele para as atividades.

Quando os alunos entraram em forma no final do dia, fui procurar o monitor ao qual o comandante havia falado que era da turma

mais nova. No entanto, ao procurá-lo, disseram-me que a última turma a entrar havia sido outra e que o sargento monitor também era outro. Fui até o monitor indicado, apresentei-me e disse que iria acompanhar a turma deles. Perguntei quando poderia começar e o monitor disse que eu poderia começar quando eu quisesse. Expliquei que no dia 23 de novembro iria acompanhar a turma de CFO no estande de tiro, mas que no dia 24 de novembro já começaria com eles. Assim começava a inserção efetiva no campo.

4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Havia no CFSd, no momento de início da pesquisa, onze turmas que são denominadas pelotões. Nove pelotões haviam entrado no mês de agosto, um no mês de outubro e o último no mês de novembro. Optou-se por fazer o acompanhamento pelo pelotão que havia entrado por último na corporação, para que o mesmo fosse realizado desde o início do curso. O pelotão era composto por quarenta e um alunos soldados, dos quais oito foram desligados no decorrer do curso, formando-se apenas trinta e três alunos soldados. Dois foram afastados por questões de saúde ainda no início do curso e retornaram depois em outro pelotão, sendo um deles por ter sofrido um acidente de carro e outro por problemas psicológicos e os demais já no final do curso, devido à liminar do Mandado de Segurança ter sido cassada, sendo que cinco deles foram desligados na última semana antes da formatura. O perfil dos alunos soldados será descrito no capítulo da análise dos dados.

4.3 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: PARTINDO PARA O CAMPO COM OS ALUNOS SOLDADOS

Para alcançar o objetivo proposto com a pesquisa realizou-se observação participante. Os dados coletados pelas observações foram registrados em um diário de campo (APÊNDICE B) para que pudessem compor a análise das informações. O diário de campo que gerou quatrocentas e cinquenta páginas no editor de texto, possibilitou registrar acontecimentos do cotidiano dos alunos soldados e continha data, horário de chegada e saída, locais visitados, descrição dos fatos observados, principais relatos informais dos participantes e interpretações da pesquisadora baseadas em possíveis relações com a literatura. Além do diário de campo, foram feitos com autorização prévia dos participantes, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), vídeos, fotografias e gravação de áudio. O

Termo de Consentimento foi entregue aos alunos soldados no início das observações.

No que diz respeito à observação participante, o primeiro dia de acompanhamento com turma foi 23 de novembro com o CFO. Acordei cedo, pois seria meu primeiro momento acompanhando a turma e sairíamos para ir ao estande de tiro. O comandante me apresentou à turma e disse que eu iria acompanhá-los nas suas rotinas e enquanto aguardávamos o ônibus, ficamos conversando:

aqui têm muitos mestrandos, pessoas que já deram aula e que chegam aqui e se comportam como aluno. Outro fato estranho é eu ser mais novo, ter 26 anos e ter que comandar pessoas mais velhas... antes o CFO era diferente... a gente entrava e ficava 4 anos... hoje em dia passou a ser 2 anos, mas com a exigência de ter formação em direito (TENENTE JACK, DIÁRIO DE CAMPO).

Às 07:20 nos dirigimos para o ônibus. Fui sentada conversando com alguns alunos que perguntavam sobre o trabalho e relatavam as percepções deles à respeito e as maiores dificuldades enfrentadas no curso. Chegamos ao estande de tiro perto das 08:00 horas. No primeiro dia já senti no próprio corpo consequências do curso de formação. A subida é muito forte, íngreme, a estrada é de terra e a subida muito cansativa. Alguns alunos se ofereceram para levar minha mochila mas disse que não precisava. Tive bastante dificuldade para subir, pois cansa muito. Cheguei ao estande bem cansada, com dores nas pernas, um pouco de falta de ar e fiquei quase a manhã toda com tontura. Reflexo de um corpo não preparado, com disposições não incorporadas para as funções que a profissão policial militar exige.

O calor também estava muito forte, o que contribuiu para o mal estar. Todos entraram em forma e o instrutor foi passar as instruções da prova. Segundo o instrutor a prova tem 3 intuitos: criar um estresse mental e emocional, criar a automatização, ou seja, tornar o processo automático e checar os procedimentos. Recebemos óculos e protetor auricular para poder se aproximar da linha de tiro. Inicialmente o instrutor pediu que não ficasse muito próximo por segurança, mas no passar da manhã fui me aproximando mais. Ficamos no estande só na parte da manhã e voltei conversando com os alunos no ônibus. Alguns deles falaram das dificuldades da entrada no mundo militar:

é um choque de realidade muito grande. Só sai final de semana, fica mais difícil porque está longe da família, dos 30 alunos do CFO apenas 4 são do Estado, o restante é tudo de fora. Você é submetido a pressões psicológicas, você está sempre com sono porque a rotina é pesada. [...] para você observar bem vai ter que almoçar aqui com a gente também e você vai observar uma diferença grande entre os CFO e os soldados” (DIÁRIO DE CAMPO).

Chegamos no quartel às 12:00, os alunos foram até o alojamento e depois entraram em forma para ir almoçar. O refeitório dos alunos soldados e dos alunos oficiais são separados, mas a comida é a mesma. Almocei com eles e fiquei conversando com os alunos que estavam na mesa e um deles comentou:

é um choque grande de realidade... vejo 2 opções diferentes... uma acho que se torna muito independente porque passa a ter que fazer tudo sozinho... passar farda, engraxar coturno, arrumar cama, coisa que em casa não fazia... outra já acho que é totalmente dependente, pois não pode fazer nada sem autorização... até para ‘peidar’ tem que pedir permissão... não consigo pagar uma conta minha (CADETE, DIÁRIO DE CAMPO).

Depois de conversarmos fui para biblioteca para aguardar a aula da tarde e fiquei conversando com a bibliotecária. Fiquei folheando os livros que a bibliotecária havia separado para mim e quando chegou o horário da aula, me dirigi para a sala. No final da aula, o instrutor veio conversar comigo e disse: “talvez alguns se incomodem com a sua presença em sala de aula... eu estranhei sua presença e o tempo que você falou que ia ficar” (INSTRUTOR, DIÁRIO DE CAMPO). Por ser um ‘corpo estranho’ ao meio, não socializada, minha presença em alguns momentos causa estranheza à alguns.

Dia 24 de novembro de 2011 foi o primeiro dia de acompanhamento com a turma do CFSD (Curso de Formação de Soldados). Cheguei no quartel às 07:10. O Sargento monitor me apresentou para a turma, falou sobre o meu trabalho, disse que eu iria acompanhá-los no dia a dia, que já tinha sido autorizado pelo comando geral e que era para eles colaborarem no que fosse preciso.

No intervalo para o lanche alguns alunos vieram conversar.

Pode-se observar por este relato, que a inculcação e a incorporação do que está prescrito já faz parte desde o momento que adentram a instituição:

Entramos na quarta-feira passada... nossa semana foi aprendendo marchar, cantar os hinos na hora do almoço... a gente acaba de almoçar e vai marchar com a comida ainda na garganta... e vai depois no final do dia também... até a gente aprender... ontem colocaram a gente para correr... dar 4 voltas no campo com bota e mochila nas costas... 7 levaram FON (falta de observação negativa), porque não estava com o pé do cabelo feito direito, a camisa amassada e não sabiam cantar o hino... aí falaram que se até o final do dia a gente soubesse cantar, aí anulariam a falta... Quando tem FON tem que trabalhar no final de semana... a gente tem que bater continência para todo mundo... até para a sombra... como a gente não sabe quem é mais velho, bate para todo mundo, até para a cozinheira... a gente tem hora para entrar mas não tem hora para sair... (CRISTIAN).

A partir desse dia as observações no campo de pesquisa foram frequentes. Primeiramente havia a intenção de se observar uma turma de CFO e uma turma do CFSD. No entanto, com o decorrer da pesquisa em campo constatou-se que o foco deveria ser dado apenas a um tipo de formação e optou-se pelo Curso de Formação de Soldados.

O pelotão escolhido foi observado da primeira semana de curso até o dia de formatura. Foram noventa e um dias de observação, totalizando seiscentas e quarenta e cinco horas e quarenta e cinco minutos, distribuídos em nove meses de acompanhamento, conforme o apêndice F.

A rotina diária de observação era intensa, o que permitiu acompanhar todo o processo de formação. Observou-se tanto o ambiente formal como o informal dos sujeitos de pesquisa. Participava das aulas teóricas e práticas, além de participar também, de eventos externos ao quartel, como festas de confraternização e saídas noturnas, sendo possível, desta forma, traçar um paralelo das mudanças que estavam ocorrendo no processo de transformação da saída do ‘mundo civil’ para entrada no ‘mundo militar’. Com isso foi possível uma boa integração com o grupo pesquisado. No entanto, a ida alternada ao campo, mantendo uma rotina de idas de duas ou três vezes por semana,

possibilitou certo afastamento do campo, para que a pesquisadora não fosse totalmente afetada com o processo de socialização.

Dentre as atividades acompanhadas, foi possível, dentre outras, assistir as aulas teóricas, participar da aula de defesa pessoal, participar da aula de tiro, efetuar atividades de aulas práticas, almoçar no refeitório, estar presente em barreiras policiais, fazer incursão à favela, fazer um curso de direção tática anti-sequestro, no qual ganhei certificado (ANEXO 1) e simbolicamente um brevê, bem como em uma das aulas teóricas, o professor solicitou que eu também fizesse a prova. As fotos a seguir demonstram algumas dessas atividades.



Foto 1: Aula de Defesa Pessoal



Foto 2: Treinamento no Paintball 1

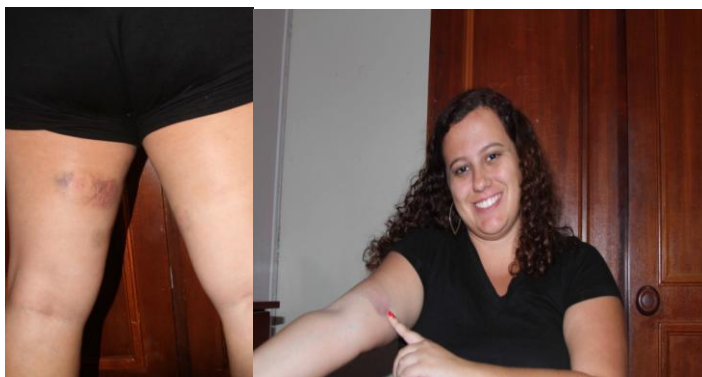


Foto 3: Hematomas resultantes do treinamento no paintball

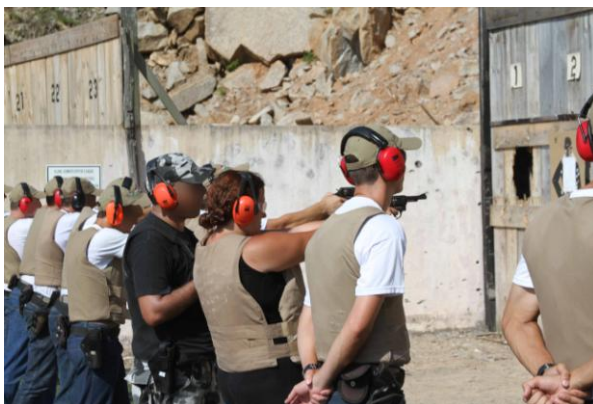


Foto 4: Treinamento de tiro no estande



Foto 5: Treinamento de técnica de descida



Foto 6: Treinamento de técnica de descida 2



Foto 7: Aula Teórica



Foto 8: Curso de Ajuda Humanitária



Foto 9: Confraternização de final de ano

Algumas dessas atividades faziam com que eu sentisse no corpo também as reações da incorporação deste ‘vir a ser policial’. A foto 1 demonstra uma aula prática de defesa pessoal. Fazíamos movimentos repetitivos para assimilar a utilização correta da tonfa¹². As fotos 2 e 3 são da prática do paintball. Nesta atividade, os alunos combatiam uns com os outros com armas de paintball para colocar em prática as técnicas policiais aprendidas na teoria. Após participar do combate juntamente com os alunos, também fui ‘batizada’ pelos instrutores. Quando entrei no campo de combate um dos instrutores verbalizou: “chegou a vez da senhora, vira de costas, e fecha as perninhas... assim

¹² Popularmente conhecido como cassetete.

como todo mundo tem que ser batizada” (INSTRUTOR) e assim fui ‘batizada’ com 5 tiros, sendo três na perna e dois no braço e como resultado tive os hematomas e dores por alguns dias.

A foto 4 retrata a aula prática de tiro. Participei de dois exercícios. Ao chegar no estande, o instrutor repassou as atividades do dia e disse: “senhores, hoje nossa aluna ouvinte irá dar uns tiros também... só quero ver se ela irá se sair melhor que os senhores” (INSTRUTOR). Fiquei atenta às explicações do instrutor e após os alunos praticarem durante algum tempo, o instrutor solicitou que eu me posicionasse para realizar a atividade. No primeiro exercício dei cinco tiros e acertei três perfeitos conforme era solicitado para os alunos. No segundo, dei quatro tiros e acertei de forma correta três deles, sendo dois no peito e um na cabeça do alvo. Enquanto atirava, o instrutor permanecia ao meu lado dando as instruções corretas. O exercício oportunizou-me experienciar uma prática que é essencial para a profissão. O ‘tranco’ que a arma dá é forte e realmente assim como o Major havia explicado anteriormente nas instruções, tem que se ter muita firmeza na empunhadura para não desviar o tiro. Apesar de ter sido poucos tiros, senti no meu próprio corpo consequências do treinamento tais como: a necessidade de força e firmeza para empunhar a arma, as dores no decorrer da semana na parte interna da mão em razão da firmeza no segurar e da pressão em consequência do disparo e a ansiedade para efetuar os disparos de forma segura e atingindo o alvo esperado.

Nas fotos 5 e 6, os instrutores questionaram se eu gostaria de fazer a atividade prática como os alunos soldados estavam fazendo. Após responder positivamente, os instrutores deram as instruções conforme estavam repassando para os demais alunos e iniciei a atividade. Estava nervosa, ansiosa, as mãos suavam, no entanto, estava focada nas recomendações e realizei a tarefa corretamente. Os alunos soldados ficaram na expectativa e ao final da atividade aplaudiram parabenizando-me pela coragem. A foto 7 demonstra uma aula teórica, já a foto 8 é do Curso de Ajuda Humanitária, no qual ao final, teve um voo de helicóptero. Finalmente a foto 9 retrata uma confraternização de final de ano com alguns alunos e instrutores, no qual pôde-se participar do ambiente informal dos alunos soldados. Os alunos soldados diariamente recebiam algum tipo de missão a ser cumprida. Uma dessas missões era ser guardião da sala e dos materiais em sala de aula enquanto era feito a formatura no pátio do CEPM. Um dos alunos permanecia em sala cuidando dos materiais e os demais iam “formar”. Em determinado dia, ao chegar na sala de aula, o chefe de turma me

disse: “hoje a missão é sua, você ficará com a chave da sala de guardiã cuidando das coisas”. Fiquei surpresa com a “missão recebida” e assim, permaneci na sala fazendo a guarda dos materiais, conforme foto 10.



Foto 10: Missão recebida de guarda de material

Percebe-se desta forma, que a observação participante auxiliou a pesquisadora a compreender de forma prática os processos de socialização do curso de formação de soldados. A abertura dada pela diretoria do CEPM permitiu que todos os processos de formação fossem acompanhados. Todas as sextas-feiras recebia por e-mail juntamente com os alunos, o QTS (Quadro de Trabalho Semanal) da semana seguinte, no qual continha todas as atividades diárias que seriam realizadas.

Os primeiros dias foram de adaptação não somente para os alunos, mas também para a pesquisadora. Conforme relato do diário de campo, nos primeiros dias de aula, o comportamento dos alunos soldados ainda era ‘muito civil’. A disciplina ainda não estava incorporada. Havia muitas conversas paralelas durante a aula, barulho, contestações às regras. Um comportamento que chamou atenção nos primeiros dias de aula foi em um intervalo, quando um aluno soldado desceu a escada escorregando pelos corrimões e gritando (NOTA DE CAMPO), comportamento que não foi mais observado com o decorrer do tempo. Neste momento, a linguagem e a postura ainda não estavam conformadas de acordo com o que é ensinado e exigido durante o Curso.

A rotina de observação era cansativa e desgastante. Geralmente chegava cedo no quartel, acompanhava o hasteamento da bandeira e me dirigia para sala de aula juntamente com os alunos. Durante o dia, participava dos lanches nos intervalos da manhã e da tarde e almoçava no refeitório do quartel juntamente com os alunos soldados. Os

instrutores e demais policiais do quartel passaram a se acostumar com a minha presença e com o passar do tempo eu deixei de ser mais um ‘corpo estranho no ninho’. Alguns chegavam a prestar continência e em uma determinada situação, um oficial veio até mim solicitar meu nome e pelotão para me aplicar um FON, já que eu estava andando fora do pelotão.

Em sala de aula cada aluno tinha o seu lugar demarcado com um espelho de classe. Eu também possuía o meu lugar, sentava nos fundos, na última carteira (FOTO 7). No início das aulas o chefe de turma me apresentava para o instrutor e em seguida a aula começava normalmente. No decorrer das aulas era possível fazer intervenções e em alguns momentos era tratada como se fosse ‘um deles’, conforme demonstra a fala de um instrutor: “nós temos duas femininas no pelotão. A aluna soldado Júlia e a Aniele” (INSTRUTOR, DIÁRIO DE CAMPO).

As atividades práticas mais aguardadas pelo pelotão eram a prática no Rio Vermelho e a incursão à favela.

No dia da aula prática no Rio Vermelho, eu, assim como os alunos soldados, estávamos apreensivos. Um dos alunos comentou que estava muito nervoso e que não tinha nem conseguido dormir à noite. Assim como eles, eu também estava tensa e ansiosa, afinal não sabíamos como seria a instrução, tínhamos conhecimento somente do que as outras turmas falavam. Pegamos o ônibus da polícia e nos dirigimos para o local de treinamento. Os alunos soldados procuravam liberar o nervosismo fazendo brincadeiras e alguns comentários: “oh pessoal ninguém abre a janela, porque quando a gente chegar lá eles vão jogar uma bomba de gás dentro” (ERASMO). Fui tensa durante todo o percurso. As mãos suavam, os batimentos cardíacos aceleraram e a respiração ficou ofegante. Quando chegamos no campo de treinamento, encontramos na entrada alguns ‘civis’, alunos da UDESC que estavam acompanhando um dos instrutores para fazer um trabalho. Ao vê-los, os alunos soldados comentaram: “que bom que eles vieram também... é mais gente para estar presente” (INÁCIO). O ônibus continuou entrando e falaram: “ih, viu Aniele, era para tu soltar ali junto com eles... agora não tem mais jeito, vai levar gás junto com a gente” (INÁCIO). Quando estava chegando, fiquei de pé e um dos alunos comentou rindo: “oh, ela já tá de pé pra ver pra onde vai correr” (HAROLDO). No local que o ônibus parou, havia algumas crianças do escoteiro. Eu continuava na expectativa, mas já me sentia livre fora do ônibus com a sensação de que se precisasse poderia ‘correr para longe’.

Essa instrução durou toda a tarde e os alunos soldados passaram

por diversas práticas sentindo o efeito de gases diversos. Enquanto era dada uma instrução sobre o material, foi disparada uma granada de gás e sem que nos dêssemos conta, foi se espalhando rapidamente, até que começamos a sentir os efeitos. Corri para beira do lago, no entanto, já não conseguia ficar com os olhos abertos, pois lacrimejavam e ardiam consideravelmente. Apesar de ter sido pega de surpresa, foi uma experiência válida, que mais uma vez permitia-me estar em contato com a incorporação de determinadas disposições. Em uma outra atividade em que os alunos passavam pela experiência do gás lacrimogêneo, eu estava mais afastada e um dos instrutores me chamou para perto e com um tom de voz como se estivesse dando ordem para um aluno soldado me disse: “a senhora venha até aqui. Acha que é fácil assim? Que vai ficar só em sala de aula e assistindo de longe? Se é para ver o que passam, tem que sentir também” (INSTRUTOR). Obedecendo a ordem me aproximei, com medo do que poderia acontecer falei que tinha bronquite e o instrutor continuou insistindo: “anda, vamos, sem medo”. Ao me aproximar, ele chacoalhou o material que tinha na mão próximo a mim e apesar de não ser muito, senti levemente os efeitos enquanto conversava com o instrutor. As fotos 11, 12 e 13 demonstram essa experiência no campo.



Foto 11: Treinamento no Rio Vermelho 1



Foto 12: Treinamento no Rio Vermelho 2



Foto 13: Treinamento no Rio Vermelho 3

Já no que diz respeito a outra atividade aguardada pelos alunos, a incursão no morro, primeiramente ocorreu uma incursão diurna e uma

semana depois a incursão noturna. Os alunos, assim como eu, foram surpreendidos no dia. Ao chegar para dar aula o instrutor falou: “chegou o dia tão esperado de vocês. Vamos subir o morro, estão preparados? [...] a senhora gostaria de ir conosco?” (INSTRUTOR). Fiquei apreensiva com o convite, mas aceitei. Os alunos ficaram eufóricos, mas o instrutor colocou-os em forma para dar as instruções. Explicou como seria a incursão, em seguida os alunos se dirigiram para reserva de armamento para se armarem e fomos para o ônibus para o deslocamento até o local. Um dos instrutores me instruiu e disse: “a senhora ficará no meio da patrulha. Esperamos que não aconteça nada fora do planejado, mas caso ocorra, a senhora só faz o que a gente mandar” (INSTRUTOR).

A tensão era grande, já que estaríamos entrando na favela em uma atividade prática e agora real. Novamente eram visíveis as reações no corpo não só dos pesquisados, como também da pesquisadora. O coração acelerou, as mãos suavam e a ansiedade tomava conta. O pelotão foi dividido em três patrulhas com dois instrutores em cada, que entraram por lugares diferentes na favela. Eram em torno de treze alunos e dois instrutores em cada patrulha.

Quando chegamos ao local, fogos de artifício foram disparados anunciando a nossa chegada. A tensão aumentava, bem como as reações da adrenalina. Nesta atividade foi possível observar a importância do preparo físico. Era início da tarde, havia sol e a temperatura estava elevada. Ao iniciar a subida os comandantes recomendaram-me que a qualquer problema eu os comunicasse. Eu fiquei na retaguarda e a cada degrau de escada que subia o final parecia mais longo. Em determinado ponto as pernas já não respondiam mais, a dor era forte, os batimentos cardíacos estavam muito alterados e a respiração ofegante. Não tinha mais forças nas pernas para o próximo degrau, o corpo parecia não responder aos meus comandos. Perguntei se ainda faltava muito e o comandante respondeu que recém havíamos começado e que não estava nem na metade do caminho. Como perceberam que eu estava muito cansada, deram comando para que a patrulha parasse um pouco. Todos ficaram parados atentos em fila, aguardando o sinal para continuar. Apesar de serem muitas as reações no corpo, procurei tentar me superar e fiquei apenas poucos minutos paradas e disse que poderíamos continuar, afinal, não queria que a patrulha parasse por minha causa. Quando finalmente chegamos ao topo, pensei que havia acabado, mas, ao contrário, estava só no começo. Descemos e subimos o morro por cerca de uma hora e meia. Eram feitas revistas e averiguações. A apreensão era grande a todo o momento, pois não sabíamos o que

encontraríamos à frente. Ao final do patrulhamento todos se encontraram num determinado ponto e nos dirigimos para o ônibus para retornar ao quartel. Durante o percurso os alunos soldados comentavam a prática realizada e ao chegar no quartel os comandantes deram um feedback sobre a operação. As fotos a seguir ilustram esta operação.



Foto 14: Incursão diurna 1



Foto 15: Incursão diurna 2



Foto 16: Incursão diurna 3

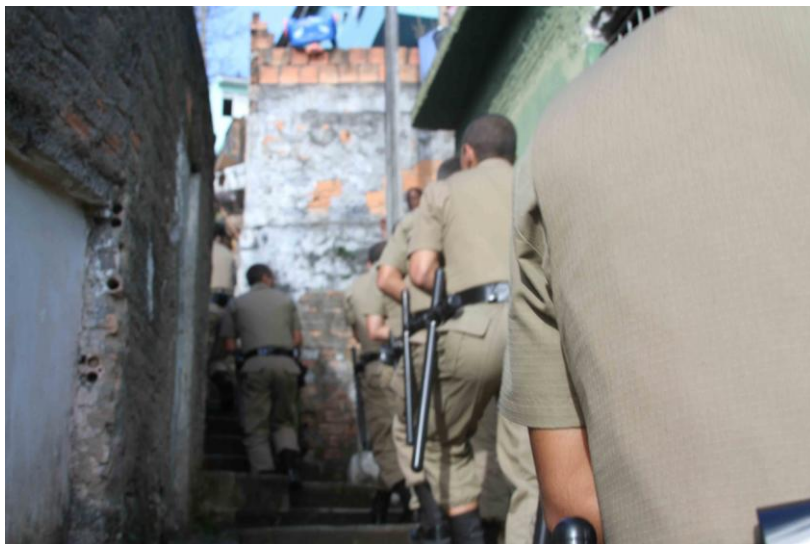


Foto 17: Incursão diurna 4



Foto 18: Incursão diurna 5



Foto 19: Incursão diurna 6

No que tange a incursão noturna, minha prática foi mais restrita. No decorrer da semana os instrutores comentaram que fariam uma outra incursão, só que noturna e em outro local. No entanto, não sabiam ainda, se eu poderia participar, pois o local a ser visitado estava passando por um momento crítico e zelavam por minha segurança. No dia a ser realizada a operação, disseram que a situação havia regredido e que seria

possível a minha ida só que com restrições. Como da primeira vez nesse momento também foram passadas recomendações ainda no quartel escola. Jantamos no quartel e aguardamos para ir para o batalhão onde seria feita a prática. Novamente a tensão era grande e as reações no corpo diversas.

Os instrutores também estavam apreensivos para que corresse tudo a contento, pois haviam recebido um comunicado que a situação havia evoluído novamente e houvera troca de tiros na comunidade a ser visitada. Deslocamos-nos para o local e o ônibus foi diretamente para o Batalhão. Desta vez a operação era conjunta com o Batalhão específico e o comandante do mesmo repassou as instruções da operação. Seria feita uma operação conjunta com Batalhões Especiais, Polícia Militar e Polícia Civil. Enquanto estávamos ouvindo as instruções foi possível ouvir disparos de tiro na comunidade e a tensão aumentou. Por motivos de segurança, conforme demonstra a foto 20, desta vez não participei da incursão dentro da favela; fiquei acompanhando somente a barreira policial que foi montada em frente ao Batalhão. Além desta, foi possível acompanhar, também, outras barreiras policiais, conforme fotos 21, 22, 23, 24 e 25.



Foto 20: Incursão noturna 1



Foto 21: Barreira policial 1



Foto 22: Barreira policial 2



Foto 23: Barreira policial 3



Foto 24: Barreira policial 4



Foto 25: Barreira policial 5

Para se alcançar os objetivos propostos então, optou-se pela etnografia, utilizando-se da observação participante. Cabe salientar, que apesar de ter sido utilizada a observação participante, o sujeito de pesquisa foi objetivado, ou seja, as atividades eram realizadas mantendo-se a distância do campo de observadora e respeitando-se o papel de pesquisadora. Além da observação participante, utilizou-se como técnicas para coleta de informações o questionário (APÊNDICE C) e a entrevista semi-estruturada (APÊNDICES D e E), que serão descritos a seguir.

4.4 O QUESTIONÁRIO

Dos quarenta e um alunos soldados que adentraram ao curso, trinta e sete entregaram o questionário. O questionário foi aplicado a todos os alunos soldados que faziam parte do pelotão no momento da aplicação. Devido ao desligamento de alguns no início ou meio do curso, três alunos soldados que haviam iniciado no pelotão, mas que receberam baixa antes da aplicação do mesmo, não responderam ao instrumento. Da mesma forma, um dos alunos que permaneceu até o final do curso não entregou o questionário, pois sempre alegava ter esquecido. O objetivo do questionário foi traçar um perfil dos sujeitos de pesquisa. Por meio do mesmo foi possível caracterizar também o capital

cultural e o capital intelectual (BOURDIEU, 1996) dos sujeitos pesquisados.

Os questionários foram entregues aos alunos soldados no início do dia e recolhidos no final do dia no encerramento da aula. Primeiramente, conforme apresentado na caracterização dos participantes no capítulo quatro, buscou-se identificar os dados no que diz respeito à idade, sexo, estado civil, cor, religião, naturalidade, se possuíam filhos e se estavam em Florianópolis somente em função do CFSD. Em seguida buscou-se caracterizar os capitais escolar e cultural dos sujeitos, questionando-se sobre escolaridade, cursos de formação, capacitação profissional e alguns hábitos culturais. Logo após, questionou-se sobre o perfil familiar no que tange à escolaridade e profissão dos pais, avós e irmãos, para que se pudesse com isso, identificar a herança cultural e escolar familiar. Questionou-se ainda, se possuíam parentes no ‘mundo militar’ ou se já haviam participado de algum outro órgão ligado à polícia ou ao militarismo e qual era a última profissão exercida antes do ingresso na Polícia Militar.

Ao final do questionário perguntou-se se gostaria de participar das entrevistas e vinte e nove alunos soldados responderam que sim, sendo que a maioria justificou-se em razão da importância da pesquisa para instituição Polícia Militar.

4.5 DIALOGANDO COM OS MILITARES: AS ENTREVISTAS

“Entrevistar é um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes” (AGROSINO, 2009).

Além dos dados observados em campo, foi feito entrevistas semi-estruturadas que permitiram aprofundar a análise dos dados pois auxiliaram na coleta de informações mais específicas.

De acordo com Laville e Dionne (1999) na entrevista semi-estruturada há uma série de perguntas abertas, apresentadas em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento. Para Triviños (1994, p. 146),

é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes. Desta maneira, o

informante, seguindo espontaneamente a de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Realizaram-se no total, dezesseis entrevistas, que foram gravadas e transcritas posteriormente para a análise e interpretação dos dados. Quinze ocorreram com alunos soldados e uma com o comandante do CFAP. Os sujeitos foram escolhidos de forma aleatória dentre os que responderam no questionário que gostariam de participar da pesquisa e conforme a disponibilidade de horário. As entrevistas foram feitas no último mês antes da formatura, para que os alunos já pudessem ter passado por todo o processo de socialização para entrada no ‘mundo militar’. A realização das entrevistas no último mês foi facilitada devido ao fato dos alunos soldados estarem no quartel escola, mas já terem terminado as aulas. A data da formatura foi marcada para quase um mês depois e os alunos ficaram à disposição no CFAP realizando atividades diversas no quartel ou ensaiando para a solenidade.

As entrevistas foram realizadas em local reservado para que se mantivesse o sigilo das informações e duraram em média uma hora e meia. O roteiro de entrevista foi elaborado previamente de acordo com o problema de pesquisa, no entanto, estava aberto para questões que pudessem surgir no decorrer da aplicação (APÊNDICES D e E).

Foi aplicado um teste piloto com a entrevista o que possibilitou a identificação de aspectos importantes a serem abordados e, após, incluídas algumas perguntas. Antes de iniciarmos os respondentes eram informados sobre os objetivos da entrevista e quanto à confidencialidade dos dados obtidos.

Procurou-se com esse instrumento, dentre outros, conhecer sobre a história de vida dos respondentes até a chegada na PM, as motivações que os levaram à escolha da carreira, as transformações cotidianas observadas após a entrada para PM, o processo de formação no curso, alguns rituais significativos para instituição, bem como todo esse processo era refletido em seus corpos. Para a relação com o corpo utilizou-se de categorias das técnicas do corpo de Marcel Mauss (1935), bem como do corpo artefato dinâmico e do corpo artefato hierarquizado de Flores-Pereira (2007). Estas informações também fizeram parte da observação participante, fotos, vídeos, análise documental e questionário.

4.6 REGISTRO, TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram registrados de formas diversas, utilizando-se tanto fontes primárias, quanto secundárias. No que diz respeito à observação participante, os fatos observados foram registrados em um diário de campo (APÊNDICE B), que serviu como suporte para a análise de dados. Diariamente era descrito o cotidiano observado, bem como feita uma relação dessas observações com a teoria que embasou a pesquisa. Os resultados da observação eram checados e comparados constantemente com as informações oriundas das outras fontes. Utilizou-se, também, a fotografia, a filmagem, a gravação de áudio e conversas informais como recurso. Todas as aulas foram gravadas, o que auxiliou a complementar a escrita do diário de campo.

No que tange ao uso da fotografia, segundo Bourdieu e Bourdieu (2006), as imagens são vistas e apreciadas não em si mesmas e por si mesmas, isto é, em termos das suas qualidades técnicas ou estéticas, mas como sociogramas leigos que possibilitam um registro visual das relações e papéis sociais existentes.

Em seu artigo o “Camponês e a fotografia”, Bourdieu e Bourdieu (2006) analisam os usos sociais e o sentido das fotografias e da prática fotográfica na sociedade camponesa do Béarn no início de 1960. De acordo com os autores, a fotografia serviu para solenizar e materializar a imagem que o grupo pretendia apresentar de si próprio. Ou seja, eternizar um momento através do tempo e do espaço. Conforme afirma Kossoy (2007) é possível pela fotografia dialogarmos com o passado e sermos interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão.

Desta forma, as fotografias, bem como as filmagens, puderam materializar o tempo e espaço da pesquisa, pois retrataram a realidade do curso de formação de soldados em todos os seus processos, contribuindo assim na análise dos dados. As fotos serviram principalmente para demonstrar os processos de socialização durante o curso, bem como para ilustrar o novo *habitus* que estava sendo incorporado e se refletia nos corpos dos policiais militares. No processo descritivo dos dados, as fotos auxiliaram no entendimento da realidade observada. Apesar de assinarem o Termo de Consentimento autorizando o uso da imagem, para manter a ética e o sigilo na identificação dos participantes, optou-se por ‘desfocar’ o rosto na imagem para impedir, desta forma, a identificação dos sujeitos.

Os questionários foram tabulados, o que gerou gráficos e tabelas com os resultados obtidos. Por meio desses dados, foi possível

identificar o perfil dos alunos soldados, seu capital e herança cultural e escolar, profissão anterior, bem como possíveis processos de socialização militar anteriores. Já as entrevistas foram transcritas na íntegra e agrupadas em categorias.

Realizou-se ainda análise documental identificando conteúdos de interesse que fossem complementares na análise dos dados. Foram coletadas informações no edital de ingresso no CFSD, no Manual do Aluno, nas Normas Gerais de Ensino, em Portarias da PMSC, no Manual do Comandante do CFAP, na Matriz Curricular Nacional, no Regulamento Disciplinar (RDPMSC) e em Materiais Pedagógicos, como planos de ensino, apostilas e *slides*. Os documentos auxiliaram na identificação do que era prescrito e inculcado durante o curso. Para Yin (2004) o uso mais importante da análise documental é corroborar e valorizar as evidências oriundas de outras fontes, tais como as entrevistas e observação. Desta forma, foi possível comparar o que era prescrito e praticado.

A categorização e análise dos dados baseou-se nas categorias de análise identificadas com base na teoria e naquelas que emergiram do campo. De acordo com Angrosino (2009) há duas formas principais de análise de dados etnográficos: a análise descritiva e a análise teórica. A descritiva é o processo de decompor o fluxo de dados em suas partes constitutivas, ou seja, identificar padrões, regularidades ou temas emergentes dos dados. Já a análise teórica é o processo de descobrir como estas partes se articulam, ou seja, como é possível explicar a existência de padrões nos dados ou decifrar as regularidades percebidas. Os padrões foram identificados a partir da constância do compartilhamento de ideias e comportamentos no grupo pesquisado.

Os dados foram analisados de forma descritiva e teórica, ou seja, foi feita uma descrição detalhada dos fatos observados de forma direta (imagens) e indireta (entrevistas e questionários com dados sociodemográficos), para que se pudesse identificar padrões e regularidades nos fatos e a partir disto, fez-se uma análise com base na teoria existente.

Em função do volume de informações coletados, foi necessário uma organização sistemática das informações. Angrosino (2009) sugere alguns procedimentos para auxiliar no processo, relacionados ao gerenciamento de dados, leitura panorâmica e esclarecimento das categorias utilizadas.

Primeiramente as informações decorrentes das observações eram anotadas em um caderno, no entanto, após se familiarizar com o campo e perceber o volume de informações decorrente das mesmas, optou-se

por fazer o diário de campo em um processador de texto no computador, que gerou quatrocentas e cinquenta páginas. As transcrições das entrevistas também geraram numerosas informações com quinhentas e noventa e seis páginas. Os dados do questionário foram tabulados também no computador e elaborou-se gráficos e tabelas com os resultados. Antes de iniciar a descrição e análise dos dados, todos estes documentos foram relidos e buscou-se estabelecer padrões e categorias tanto a partir da teoria, quanto do campo, conforme o quadro 4 a seguir.

Após a categorização dos dados, os mesmos foram descritos e analisados a partir do referencial teórico. Sendo assim, foi feita triangulação das informações, por meio da sistematização decorrente da utilização de diferentes procedimentos: observação, fotos, vídeos, áudios, análise de documentos, conversas informais, questionários, entrevistas e a articulação entre eles.

CATEGORIAS ANALISADAS	SUBCATEGORIAS ANALISADAS DO HABITUS E DA IDENTIDADE	UNIDADES DE ANÁLISE
Identidade / <i>Habitus</i>	Socialização	<ul style="list-style-type: none"> - Historicidade; - Familiaridade; - Interação; - Linguagem; - Desenvolvimento e treinamento;
Identidade / <i>Habitus</i>	Ritos de instituição	<ul style="list-style-type: none"> - Rito de chegada; - Formatura de fogo; - O atirar; - Incursão à favela; - Rio Vermelho; - Formatura do CFSD.
<i>Habitus</i>	Campo	<ul style="list-style-type: none"> - Características da estrutura; - Valores; - Normas e regras; - Condutas prescritas; - Jogos de poder; - Distinções;
<i>Habitus</i>	Capital	<ul style="list-style-type: none"> - Capital Econômico; - Capital Cultural; - Capital Social; - Capital Simbólico.
<i>Habitus</i>	Técnicas do corpo	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de medicação; - Repouso; - Ornamentação do corpo; - Os movimentos do corpo; - Os cuidados com o corpo; - A gestualidade; - A expressão dos sentimentos; - O sangue; - O suor; - A lágrima; - O Nascimento; - A morte; - Os sentidos (visão, olfato, paladar, audição e tato); - O volume do corpo; - A cor do corpo; - A deficiência do corpo; - A orientação sexual;

Quadro 4: Categorias de análise

5 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E O HABITUS: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo são relatadas, discutidas e analisadas as observações feitas no campo de pesquisa. A parte biográfica inicial e os relatos sobre a trajetória de vida, abrangeram a identidade pessoal dos sujeitos de pesquisa e serviram como base para a discussão da identidade profissional coletiva que iniciou seu processo de construção durante o CFSD. Primeiramente os alunos soldados participantes da pesquisa são caracterizados, para em seguida, ser descrita a trajetória de vida até a chegada na PM. Logo após é dissertado sobre o percurso no CFSD, bem como sobre as mudanças ocorridas com este processo de socialização e a trajetória identitária. Em sequência é demonstrado como o *habitus* se revela incorporado, inculcado e encarnado, formando a nova identidade militar. Finaliza-se apresentando empiricamente a articulação entre os conceitos de identidade e *habitus*, por meio do corpo socializado, conforme proposto com a tese.

5.1 OS ALUNOS SOLDADOS

O pelotão pesquisado, do total inicial de 41 alunos soldados, possuía uma mulher, o que demonstra o baixo índice de PFEM (policial feminina) ingressantes no curso. Dos respondentes, vinte e sete eram solteiros, seis casados e quatro possuíam união estável. Quando questionados sobre sua cor/raça, trinta e três declararam-se branco, um negro e três pardos. Quanto ao segmento religioso, a maioria considera-se católico.

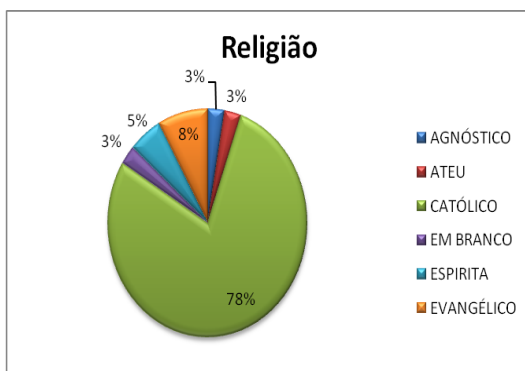


Gráfico 1: Religião

A idade, conforme gráfico a seguir, varia entre vinte e trinta e quatro anos, sendo a maior concentração da faixa etária entre vinte e quatro a vinte e seis anos, o que caracteriza um perfil jovem de ingressantes. A idade é um dos pré-requisitos para entrada na PM. Conforme o edital 008/CESIEP (2011, p.02) é condição mínima para inscrição “não ter completado trinta anos até o último dia de inscrição”. Apesar da idade limite do edital ser vinte e nove anos, um dos alunos soldado ingressante, formado em direito, possuía idade superior ao exigido no edital, pois entrou com Mandado de Segurança por considerar este fato inconstitucional, conforme relato.

A princípio não fui aceito no edital, a partir do momento que eu fiz a inscrição já foi indeferido logo de imediato porque eu tinha trinta e quatro anos de idade e a idade limite era trinta anos. Como eu já sabia que isso é inconstitucional e que há um ano e meio mais ou menos o parecer do STJ é que não pode deixar de participar desses concursos por idade, é uma nova determinação do STJ, eu entrei com Mandado de Segurança, consegui a liminar pra que eu pudesse fazer a prova, fiz a prova, aí deu tudo certo, daí eu fui chamado, daí eu vim e tô aqui... (IAN).

Neste caso, o fato de ter formação superior em direito e com isso um conhecimento agregado, ou seja, um capital intelectual específico, ajudou o aluno soldado a ingressar na PM.

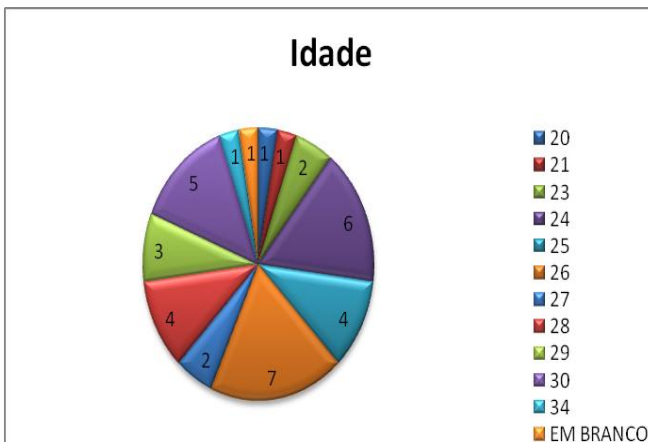


Gráfico 2: Idade

Conforme se observa no gráfico a seguir, oitenta e seis por cento não possui filhos, o que pode estar ligado ao fato da faixa etária dos alunos soldados ser baixa.

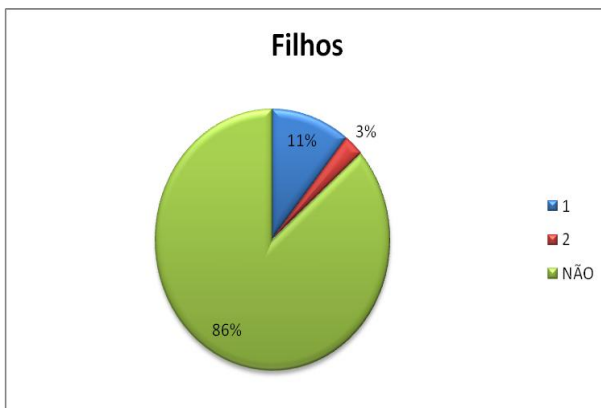


Gráfico 3: Filhos

A naturalidade é diversificada, sendo que apenas onze respondentes são naturais de Florianópolis, local em que é realizado o CFSD.

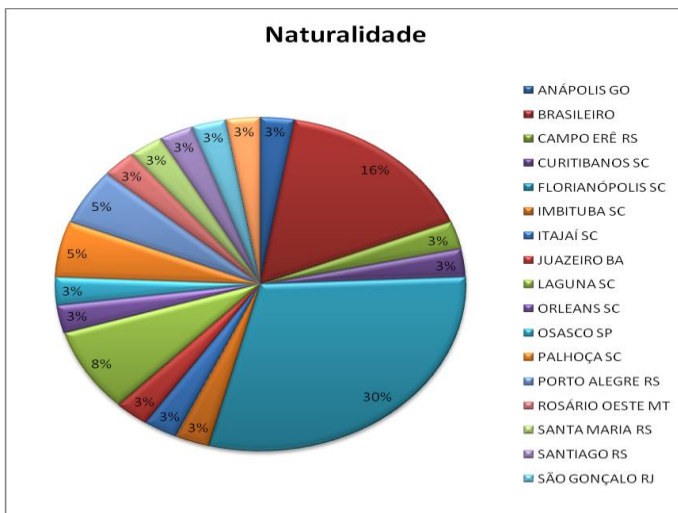


Gráfico 4: Naturalidade

Percebe-se que um alto índice de alunos soldados responderam brasileiro como sendo sua naturalidade, ficando desconhecida assim, sua real naturalidade. Apesar de ser diversificada a naturalidade dos alunos soldados, apenas vinte e quatro por cento mora em Florianópolis exclusivamente em função do CFSD.



Gráfico 5: Residência em Florianópolis em função do CFSD

Uma das exigências do novo perfil da PMSC para ingresso no CFSD é possuir nível superior. Na turma pesquisada, os cursos de graduação são diversificados, no entanto a concentração maior divide-se entre os cursos de Administração, Teologia, Direito e Ciências Contábeis.



Gráfico 6: Graduação

Cabe ressaltar que alguns dos cursos expostos são tecnólogos, o ano de obtenção do título foi predominantemente 2011, ano de ingresso no CFSD e apenas três alunos formaram-se em alguma Instituição Pública. Um dos alunos que já possuía formação tecnóloga em Gestão de Pessoas ainda estava cursando em 2011 Teologia.



Gráfico 7: Ano de Obtenção do título

No que diz respeito à pós-graduação, nenhum aluno soldado possui nível de pós-graduação *strictu sensu*, sendo que apenas trinta e cinco por cento possuíam algum tipo de pós graduação *lato sensu* já concluída ou em andamento.



Gráfico 8: Especialização

Questionou-se também sobre o hábito de participar em cursos complementares na área de atuação ou fora dela e em eventos como seminários, congressos e workshops. Trinta e cinco por cento classificou a pós graduação em Gestão em Segurança Pública como um curso complementar, área esta que é de atuação dos alunos soldados. Apesar de mais alunos terem participado durante o CFSD do curso de Direção Tática Anti-sequestro, apenas dois o classificaram no questionário.

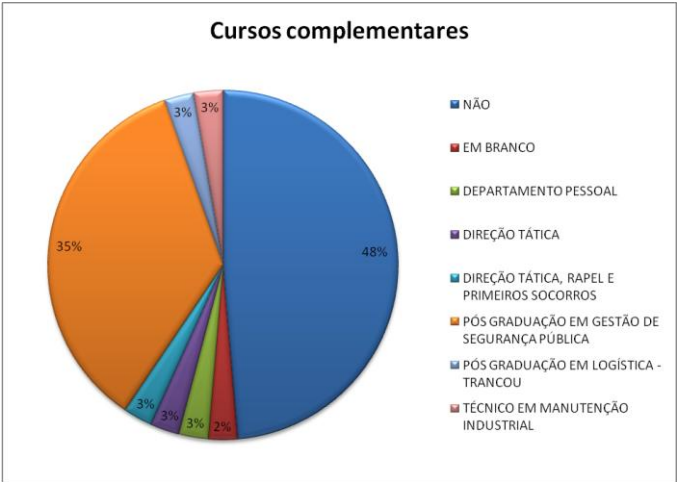


Gráfico 9: Cursos Complementares

Quanto ao hábito de participar em eventos como cursos, congressos, seminários, a maioria afirma não participar, o que demonstra que a busca por capacitação profissional em termos de atualizações científicas da área, é baixa.



Gráfico 10: Participação em eventos

Constata-se, ainda, que dos que participam de eventos, a maioria com uma frequência de uma a duas vezes anuais.

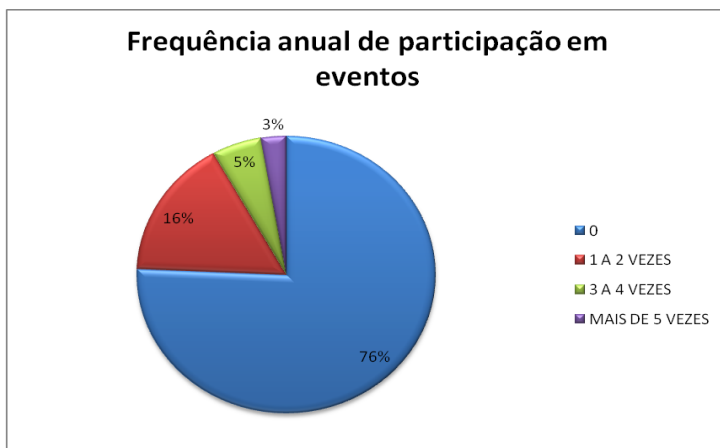


Gráfico 11: Frequência anual de participação em eventos

Quanto ao domínio em idioma estrangeiro, o percentual de alunos soldados que possui algum conhecimento é baixo e dos que alegam possuir algum conhecimento, classificam-no como domínio básico. Três alunos soldado afirmam possuir conhecimentos tanto em inglês como em espanhol e um aluno soldado em inglês, espanhol e francês.

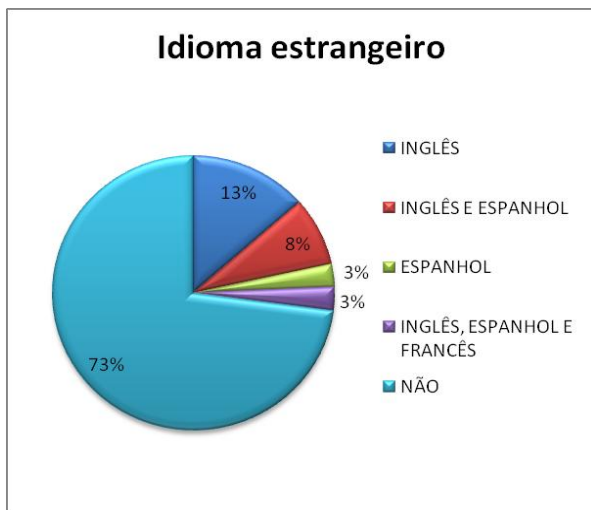


Gráfico 12: Idioma estrangeiro

Em relação a conhecimentos em informática, apenas onze por cento disseram que não possuem nenhum conhecimento em informática, sendo que os que afirmaram possuir algum conhecimento, a maioria classificam-no como conhecimentos básicos em internet e editores de texto.

Além da capacitação profissional, buscou-se caracterizar alguns aspectos do capital cultural dos alunos soldados no que diz respeito ao hábito de leitura, programas de televisão e viagens. No que tange ao hábito de leitura, sessenta e oito por cento responderam positivamente subdividindo as leituras conforme gráfico 13. Já quanto aos programas de televisão, oitenta e nove por cento dos que assinalaram sim classificaram-no de acordo com o gráfico 14. E finalmente quando questionados se possuíam o hábito de viajar e conhecer novas culturas, sessenta por cento afirmou viajar pelo menos de uma a duas vezes ao ano, conforme gráfico 15.

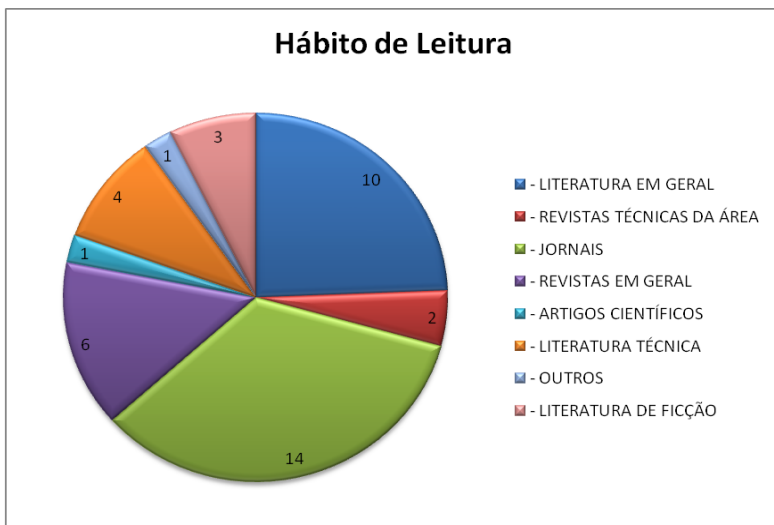


Gráfico 13: Hábito de Leitura

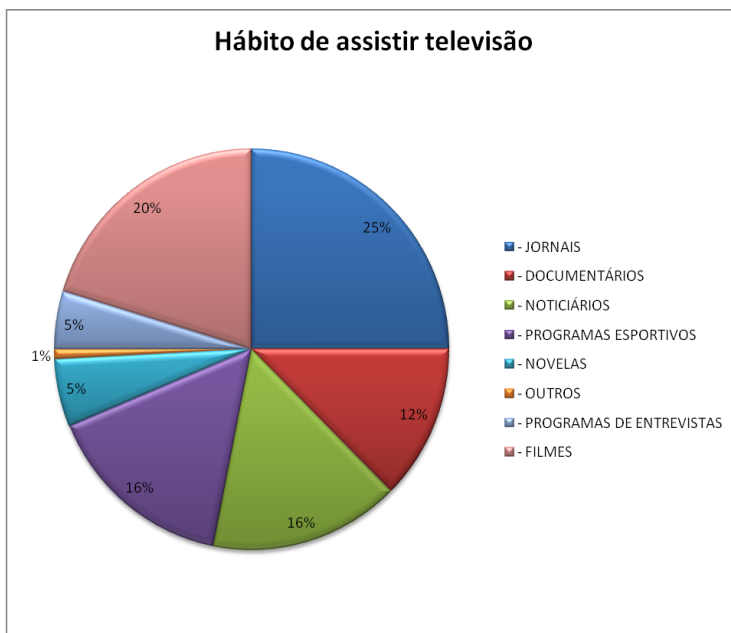


Gráfico 14: Hábito de Assistir Televisão

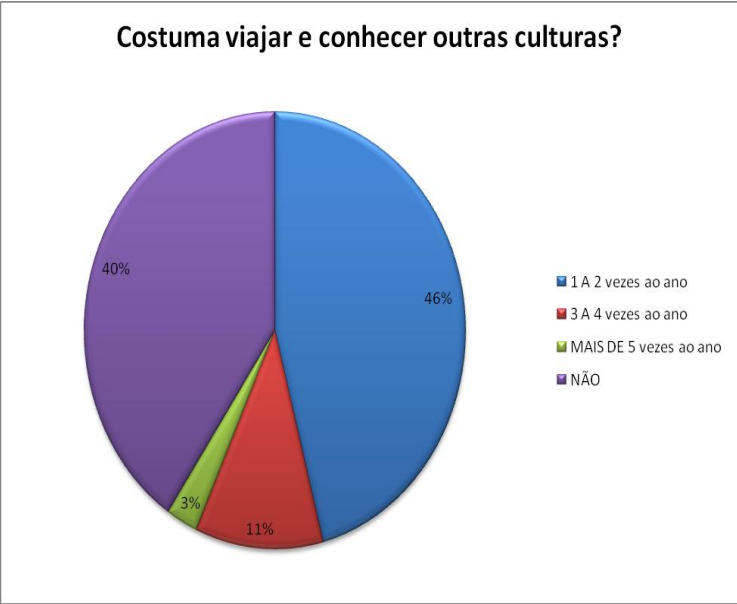


Gráfico 15: Hábito de Viajar

Buscou-se também caracterizar o perfil escolar e profissional dos familiares dos alunos soldados. Questionou-se sobre a escolaridade e profissão dos pais, avós maternos e paternos e irmãos. No que diz respeito à escolaridade têm-se:

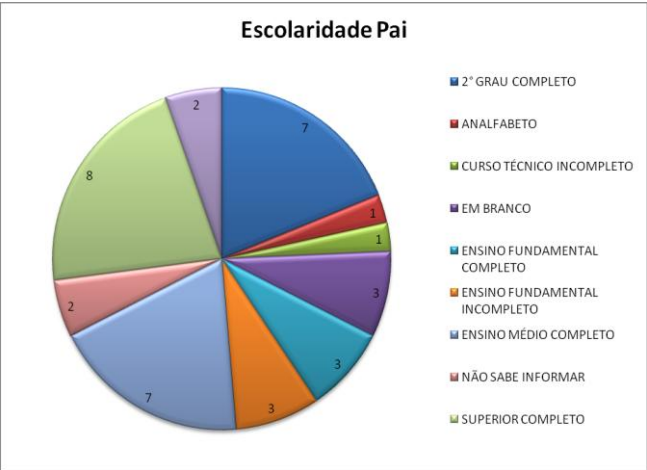


Gráfico 16: Escolaridade Pai



Gráfico 17: Escolaridade Mãe

Percebe-se que apenas oito pais e cinco mães possuem curso superior completo. A maioria possui entre o ensino médio e 2º grau completo. Observou-se também, a ocorrência de pais analfabetos. Estes dados retratam que o capital escolar familiar é baixo.

Quanto aos avôs, constatou-se que a maioria dos respondentes deixou em branco ou não soube informar, conforme demonstrado nos gráficos a seguir:

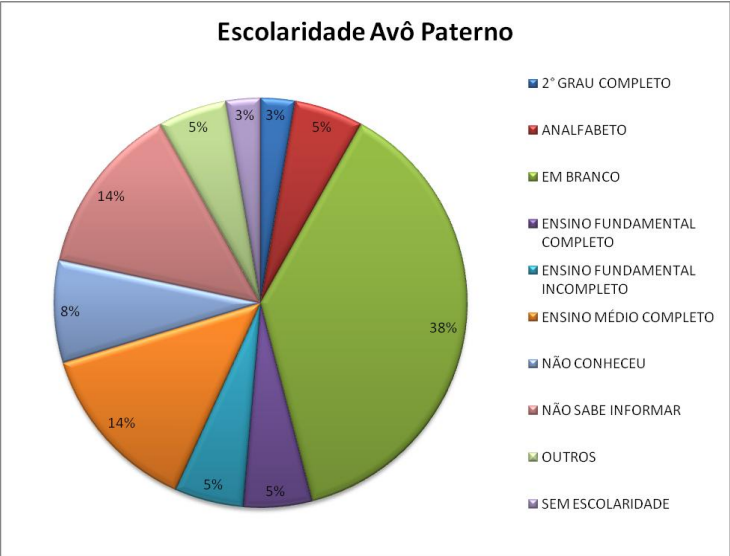


Gráfico 18: Escolaridade Avô Paterno

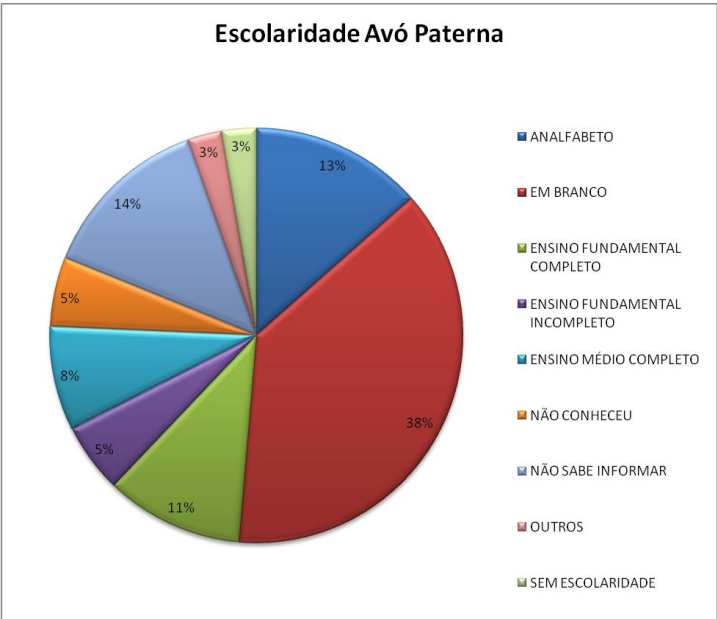


Gráfico 19: Escolaridade Avó Paterna



Gráfico 20: Escolaridade Avô Materno

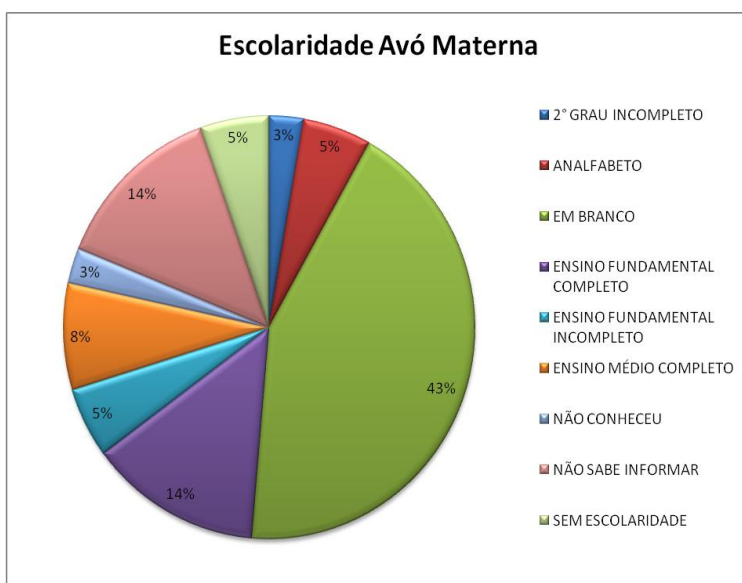


Gráfico 21: Escolaridade Avó Materna

Já em relação aos irmãos, percebe-se que dezesseis possuem curso superior completo e nenhum é analfabeto, o que demonstra que o perfil escolar em relação aos avós vem aumentando em termos de nível de escolaridade.

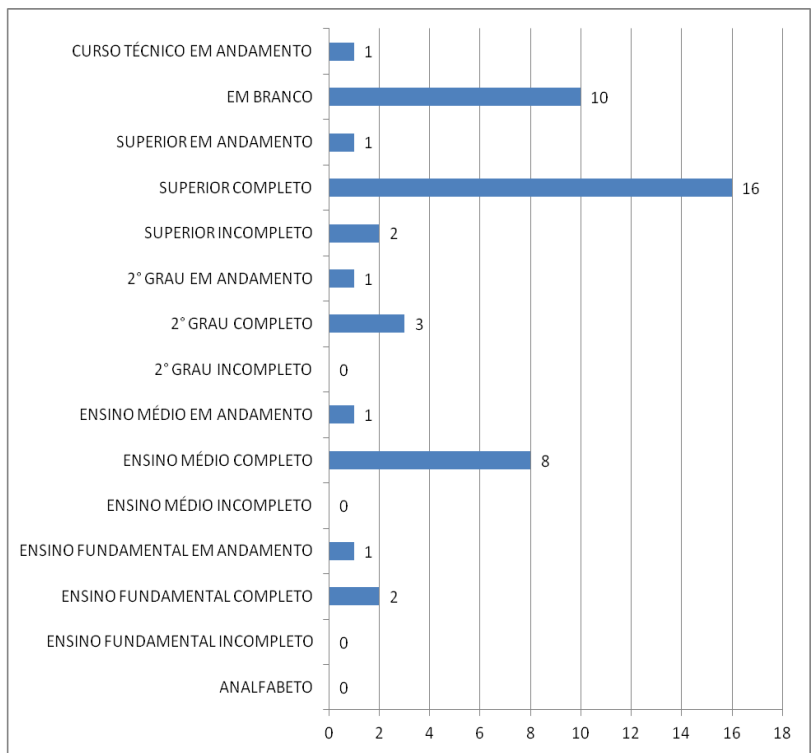


Gráfico 22: Escolaridade Irmãos

No que diz respeito a profissão observa-se uma variedade de respostas, no entanto, o predomínio é policial militar para pai e do lar para mãe. Novamente em relação aos avós observa-se um alto índice de respostas em branco. Quanto aos irmãos percebe-se, também, um perfil diversificado. Os gráficos a seguir demonstram as profissões correspondentes.

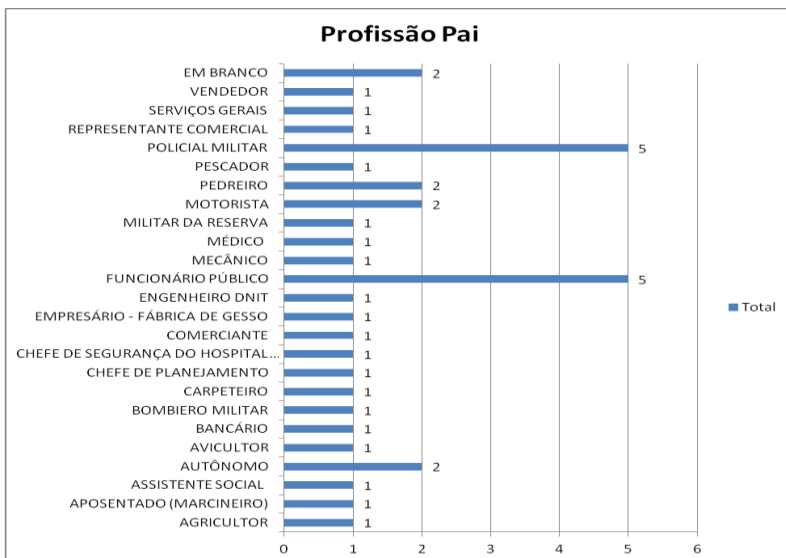


Gráfico 23: Profissão Pai

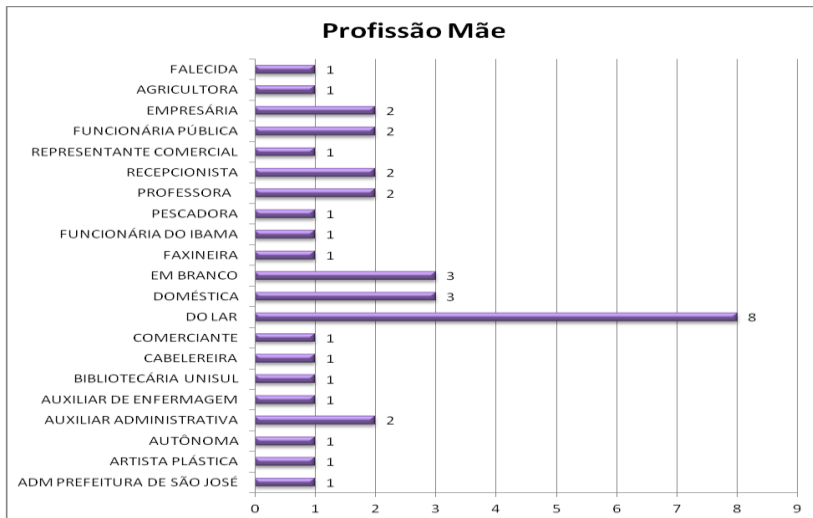


Gráfico 24: Profissão Mãe

No que diz respeito então à profissão dos pais, observa-se predominantemente atividades no serviço público ou de baixa renda/valorização.

Quanto à profissão dos avós, novamente observa-se um alto índice de respostas em branco. Para os que responderam, assim como os pais, a profissão está relacionada à atividades de baixa renda e desvalorizadas.

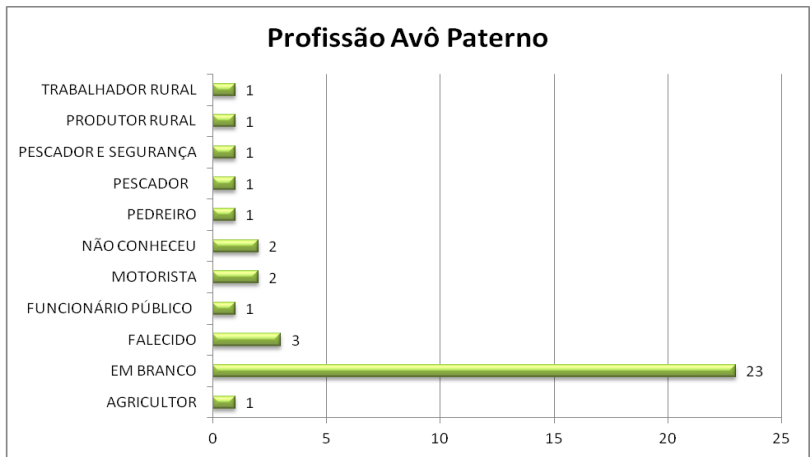


Gráfico 25: Profissão Avô Paterno

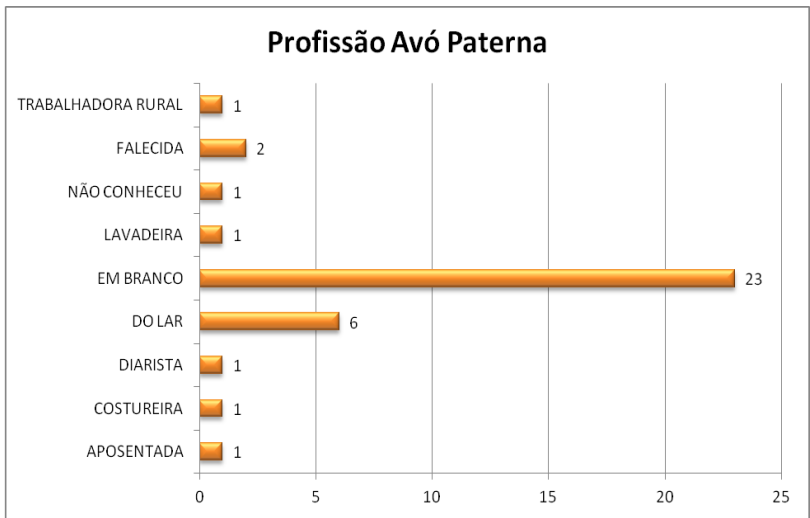


Gráfico 26: Profissão Avó Paterna

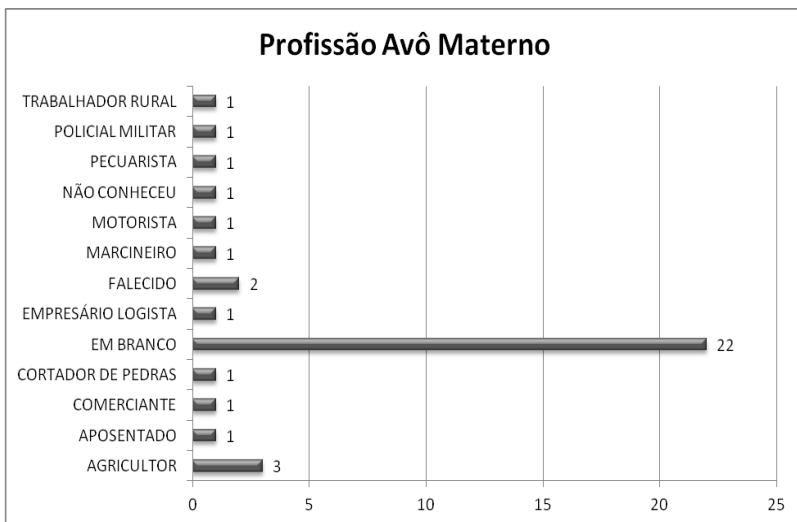


Gráfico 27: Profissão Avô Materno

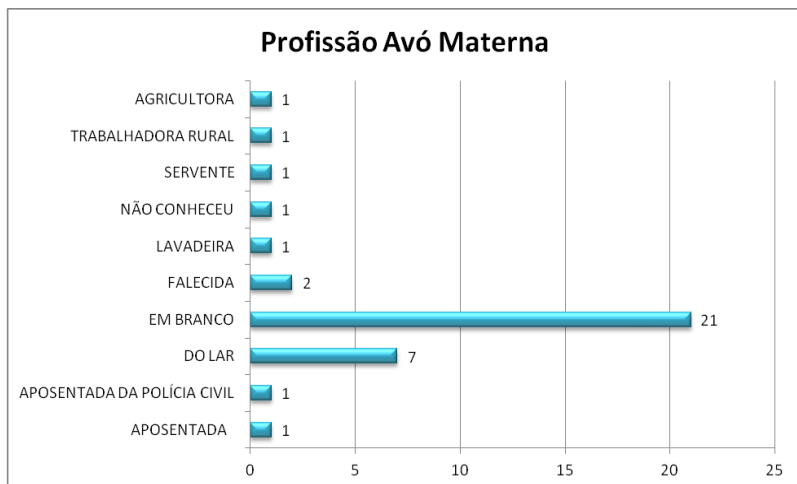


Gráfico 28: Profissão Avó Materna

Quanto aos irmãos, assim como na escolaridade, observa-se uma melhora no que diz respeito ao nível de valorização da profissão.

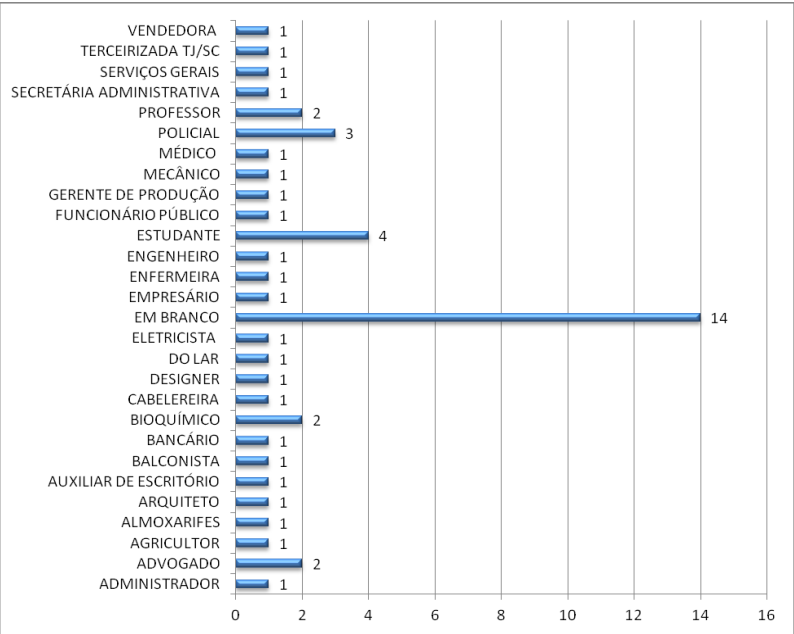


Gráfico 29: Profissão Irmãos

Quando questionados se possuíam algum parente vinculado em órgãos militares ou profissões afins constatou-se que quarenta e um por cento possuía algum parente na polícia militar, distribuídos de forma diversificada, conforme demonstra o gráfico 30.

Você tem algum parente nesses órgãos?

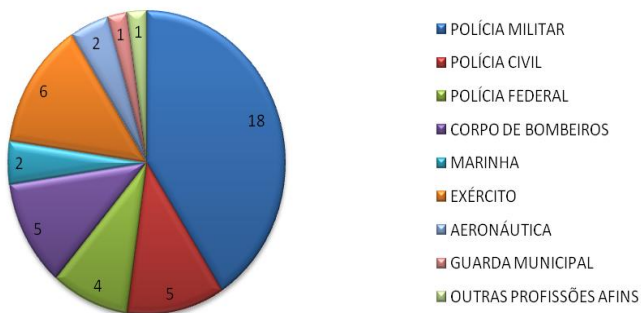


Gráfico 30: Profissões afins

Polícia Militar

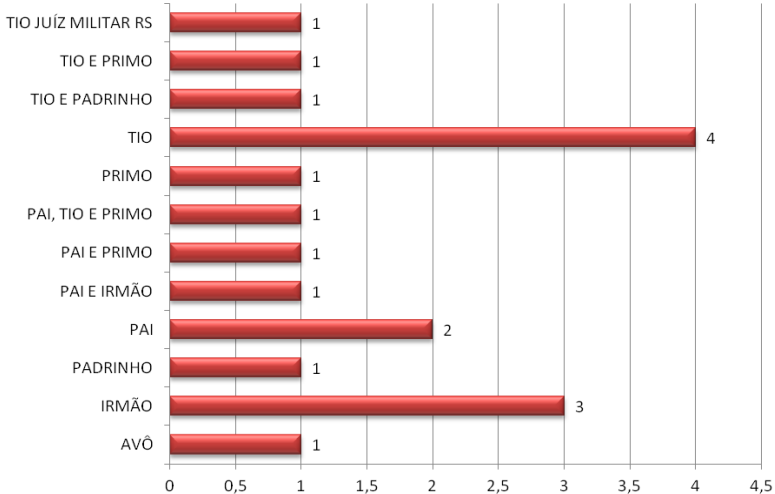


Gráfico 31: Parentes na Polícia Militar

Os gráficos a seguir demonstram a distribuição do parentesco nos outros órgãos militares ou fins.



Gráfico 32: Parentes na Polícia Civil

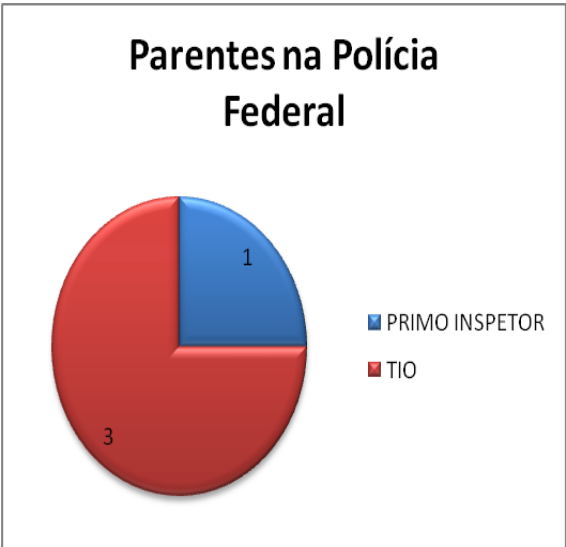


Gráfico 33: Parentes na Polícia Federal

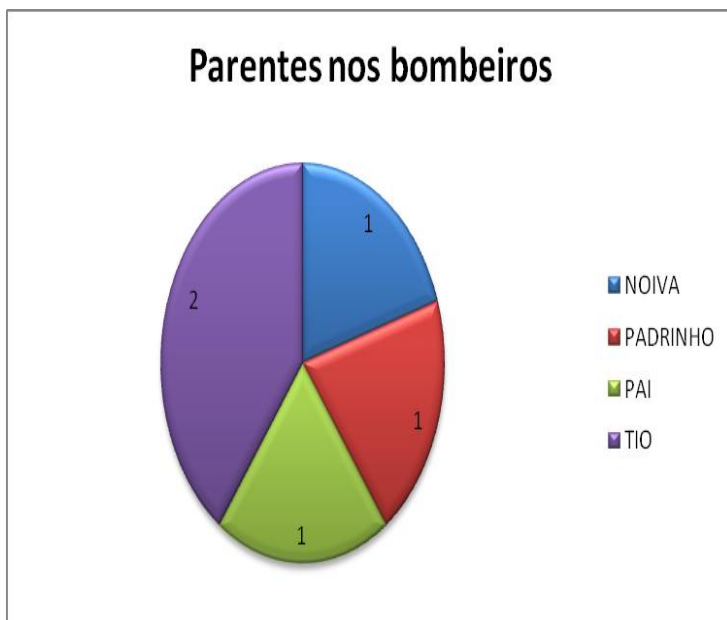


Gráfico 34: Parentes nos Bombeiros

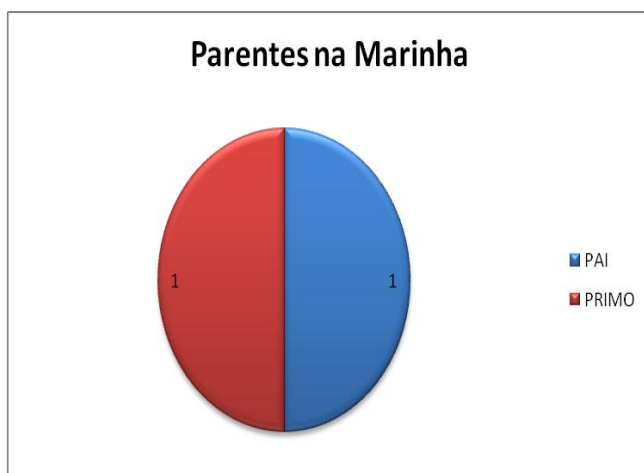


Gráfico 35: Parentes na Marinha

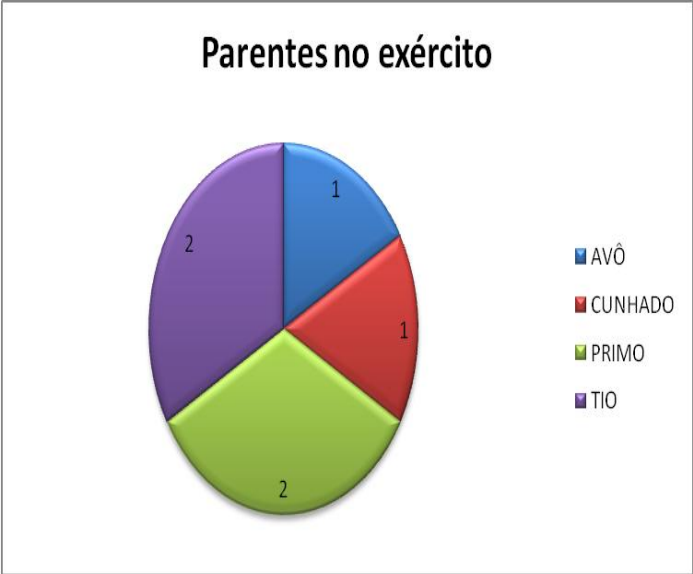


Gráfico 36: Parentes no Exército

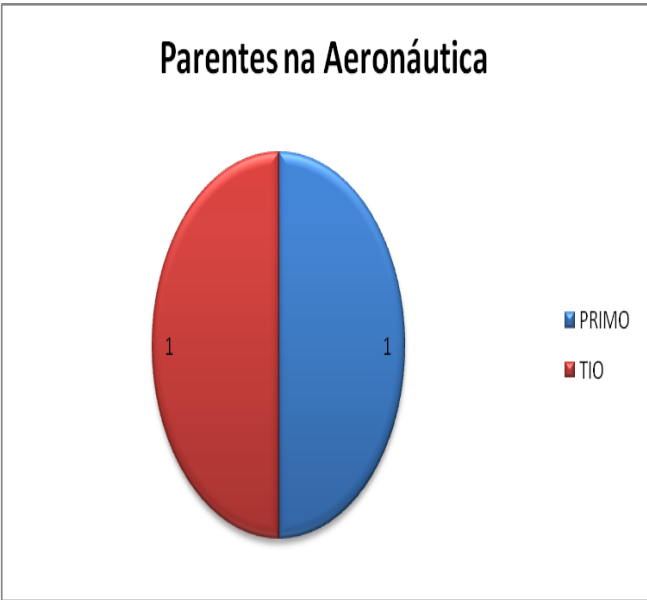


Gráfico 37: Parentes na Aeronáutica



Gráfico 38: Parentes na Guarda Municipal

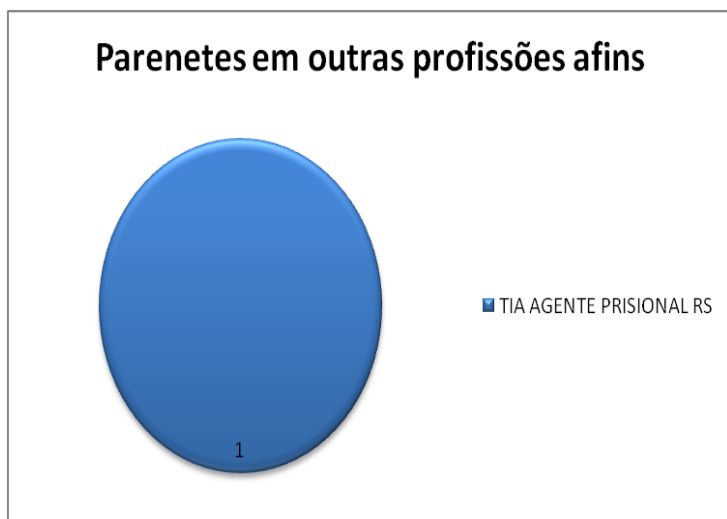


Gráfico 39: Parentes em Profissões Afins

Quando questionados se já haviam feito parte de algum órgão militar ou afim, constatou-se que pelo menos doze alunos soldados já haviam feito. Este dado torna-se interessante para pesquisa, haja vista que trinta e três por cento dos alunos soldados já haviam passado por um processo de socialização no meio militar anteriormente.

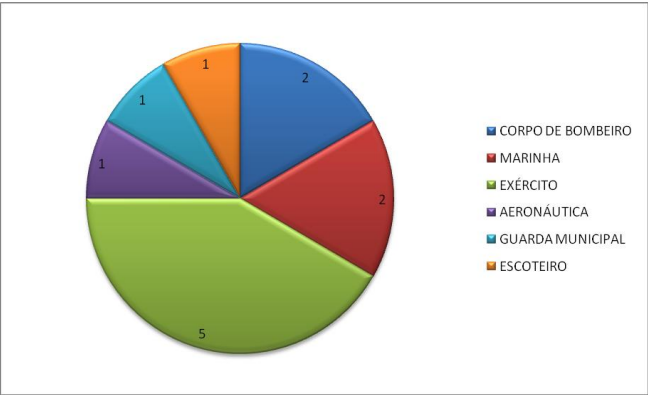


Gráfico 40: Vínculo anterior com órgão militar ou afim

Em relação a última profissão exercida antes de ingressar na PMSC têm-se:



Gráfico 41: Última profissão antes de ingressar na PMSC

5.2 OS POLICIAIS (ALUNOS SOLDADOS) E SUA TRAJETÓRIA: DA INFÂNCIA AO "SER" POLICIAL¹³

Partindo do pressuposto que a identidade é construída socialmente a partir do processo de interação e que antes de chegar no ‘mundo militar’ os alunos soldados já haviam passado por processos de socialização, sejam eles o de socialização primária ou de socialização secundária (BERGER E LUCKMAN, 2012), procurou-se observar a trajetória dos mesmos até a chegada à polícia. Além dos relatos informais decorrentes da observação participante, a primeira questão da entrevista consistia em solicitar para o entrevistado falar sobre os aspectos mais importantes de sua história de vida, desde a infância. Era solicitado que contassem sobre a sua história de vida, como era a mesma antes de ingressar na PM e os motivos que os haviam levado a escolher a carreira de Policial Militar.

Muitos falavam que não havia tido nada muito marcante, de ter sido uma ‘vida normal’. Relatavam em sua grande maioria, aspectos relacionados ao percurso escolar e profissional e ressaltavam a vida simples e humilde, com muita ‘luta’ por parte dos pais. A seguir são expostos relatos detalhados dos alunos soldados entrevistados para demonstrar **aspectos relevantes**, segundo eles, em sua **história de vida**. Vale destacar, que a tese não se propôs a trabalhar em profundidade com o método de história de vida. A mesma serviu para descrever a identidade pessoal e contextualizar a historicidade dos indivíduos pesquisados, aspecto este importante segundo Bourdieu (1984) e Strauss (1999) para o entendimento do processo de socialização.

Célio afirma ter sido ‘normal’ sua infância e relata sua trajetória educacional e profissional, finalizando com a entrada na polícia. Para ele, o concurso da polícia não estava em seus planos e a inscrição para as provas foi feita no último momento.

um ano antes de sair de lá [último emprego] comecei assim, vou começar a estudar porque aqui a coisa não é segura né, e daí comecei a estudar pra concurso público, daí fiz dois, três concursos, daí fiz o da polícia, não estava nos planos fazer, mas fiz, ah vou ver como é que é e tal, aí fiz, fui chamado né, acho que uns dois meses depois, porque chamaram duas vezes, duas turmas né, aí fui chamado na segunda e cá estou, quase concluindo o curso (CÉLIO).

¹³ Serão utilizados nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

No relato de Alcides, pode-se perceber uma trajetória humilde, em que apesar da pouca escolaridade dos pais e avôs, havia uma preocupação por parte da família com os estudos e a educação.

[...] da infância até a adolescência não tive assim nada vamos dizer marcante [...] foi uma criação normal, humilde, fui sempre pobre, humilde, vamos dizer, não fui miserável, pobre mas não miserável. A minha família nós podia ser pobre, mas procurou sempre dar educação... a gente em casa, isso partia dos meus pais né, filosofia assim deles né, eles não tiveram tanta oportunidade de educação, mas [...] eu e meu irmão [...] minha mãe pelo menos sempre deu prioridade pra nós no estudo né, sempre, [...] a gente morava na cidade. Nas cidades a gente sempre morou no centro da cidade, eu nunca morei em vila assim, como se diz, em comunidades mais humildes [favelas], então aí já tinha essa visão da minha mãe da educação, de sempre priorizar a educação, pra ter uma qualidade de vida, nem com drogas, nem com coisa ruim. Então sempre se preocupou com educação pra ter um futuro melhor né, essa é a meta [...] daí eu acho que começou um pouco a mudar a partir ali dos meus 18 anos, daí comecei a dar uma ênfase maior aos estudos, aquela coisa de passar em uma faculdade. Na verdade até os meus ali 16, 17 anos, eu não tinha uma ideia do que eu queria. Queria ser militar, militar do exército. Nunca pensei em fazer faculdade, ter uma profissão através da faculdade entendeu. Nunca me esqueço que minha mãe me perguntava assim ‘ah o que tu vai querer ser?’ Porque ela trabalhava na universidade, então ela já vivia esse meio acadêmico [...]. Depois cheguei na parte dos 16, 17 anos, já fica naquela, fica na tua visão que vou fazer vestibular o que que vai ser, tenho que fazer alguma coisa e aí que eu fui decidir, na verdade eu não sabia direito o que eu queria, fui meio indo por osmose, vai analisando ali ah isso eu não posso, isso aqui gosto mais ou menos, isso aqui não gosto, isso aqui gosto e fui cair na área de contabilidade né, então eu comecei a fazer vestibulares pra, primeiro pra engenharia elétrica, depois comecei pra contabilidade. Com 21 anos eu passei no primeiro vestibular, três anos depois eu passei pro vestibular e tive que ir embora, pra outra cidade, pra fazer o curso, daí eu morava em [xxxx], fui morar em [xxxx], daí foi uma das primeiras

coisas que marcou minha vida, foi essa troca, essa saída do âmbito familiar ali, ter que me afastar pra estudar em outro lugar entendeu [...] a partir dali eu comecei a digamos não outra vida, mas uma coisa diferente né, uma vida que tava longe da família, tô estudando num lugar, daí fui morar em casa de estudante, daí é outro ponto diferencial também, começa a conviver com pessoas que estão na mesma situação que tu e é uma coisa diferente né, [...] e a partir dali eu já comecei a ganhar experiência de vida, daí na universidade viajei muito, assim de congressos, comecei a conhecer pessoas diferentes nesses congressos e nessa coisa eu já fiquei 5 anos fazendo a faculdade, 5 anos morando em casa de estudante e a partir daí, um ano depois eu voltei, me formei, voltei pra minha cidade e fiquei uns 7 meses de novo com a família e resolvi vir pra Florianópolis pra tentar uns objetivos maiores que por ser aqui uma capital e não um interior, aqui na capital teria mais chances de estudo, melhor qualificação e tô aí faz três anos. Chegando aqui não foi bem como eu imaginava, não tive tanta oportunidade, assim tive pouco oportunidade, por falta de experiência na área da contabilidade, então esse mercado não foi tão promissor como eu achava, mesmo tando aqui na capital e nisso surgiu a oportunidade de fazer pra brig.. brigada é no Rio Grande do Sul [risos], pra polícia militar né e na verdade eu fiz mais por uma questão de, esqueci a palavra, de... parece contabilidade... é... como é que se diz, esqueci mesmo... quando a gente quer... estabilidade... estabilidade mesmo.... então como na minha área tá meio difícil, pô chegar num patamar entendeu, leva muito tempo.... eu ia ter que batalhar ainda bastante então eu achei o caminho mais curto através desse concurso né, achei uma... na verdade foi uma, vamos dizer uma saída lateral né e já tinha uma ideia do que era militarismo, por já ter servido o exército, oh um ponto marcante também foi aos dezoito anos ter servido né, esqueci de falar, foi uma coisa marcante também, que nem eu falei no início que eu queria ser militar, já servindo, já desisti da ideia, não me agradou tanto, não agradou tanto. Daí por isso pedi já baixa no primeiro ano, daí eu fechei um ano, tinha oportunidade de ficar e eu não quis, pedi pra sair porque eu não aguentava, preferi estudar, daí o que eu disse até chegar agora aqui na polícia militar foi

mais na verdade por uma opção de estabilidade e por já conhecer um pouquinho da hierarquia também, [...] (ALCIDES).

Neste relato, percebe-se que apesar da infância humilde, sempre priorizou-se a educação. A mãe, que trabalhava com serviços gerais em uma Universidade, apesar de não ter tido oportunidade com estudos, gostaria que o filho fizesse um curso superior para ter um futuro melhor. Uma primeira grande ruptura foi ao passar no vestibular para outra cidade ter que se afastar dos familiares. Outro fato marcante relatado por Alcides foi o período de um ano que passou no exército. Apesar de ser sua vontade desde jovem servir o exército e seguir a carreira militar, a experiência que passou não foi como imaginava, fazendo com que pedisse baixa após completar um ano. Esta passagem pelo exército fez com que Alcides, antes de ingressar na polícia, já tivesse passado por um processo de socialização (STRAUSS, 1999) no meio militar, o que facilitou algumas vivências que ele teria durante o CFSD, conforme veremos mais adiante.

Amarildo também descreve uma vida ‘normal’, com cotidianos sem grandes mudanças. Esta fala demonstra o ‘peso’ da estrutura sobre a vida do sujeito, onde segundo ele, o que ele vivia, já era o padrão normal esperado pela sociedade.

Eu sempre tive uma vida bem normal, bem dentro do esperado, brinquei bastante na rua, sempre bem tranquilo [...] a princípio foi normal né. Minha família é grande, por parte de pai e por parte de mãe e eu já tinha desde novo pai e mãe funcionário público, maioria dos tios também eram funcionários públicos e a criança sempre dá aquele brilho no olhar né, sempre tem vontade de ser alguma coisa diferente, só que tu não sabe que caminho tu vai seguir né, eu tive sempre uma vontade, quando tu chega na adolescência, vontade de ser funcionário público, independente do que seja. [...] foi uma criação bem normal, criação bem boa, minha mãe sempre zelou por criar, por querer que a gente estudasse primeiro e deixasse o trabalho pra depois, mas eu por ser homem eu acho que fui mais pelo um caminho diferente, eu novo já comecei a trabalhar de servente de pedreiro, procurei sempre querer trabalhar, minha irmã já não. Ela estudou até pouco tempo agora, ela tem vinte e seis anos, é formada em bioquímica e procurou estudar a vida toda pra depois

procurar uma estabilidade né, pra ela assim foi melhor e eu foi aquela coisa [...] eu estudei a vida toda em colégio público [...] depois entrei num curso técnico e também fiz faculdade [...] eu fiz a prova da PM por influência da minha noiva, que eu namoro há sete anos, ela entrou no bombeiro com dezenove anos, ela já deve ter uns três ou quatro anos de bombeiro e ela meteu uma pilha ‘faz’ e eu já vinha vindo fazendo alguns concursos públicos né e fiz o concurso da PM. Entrei meio que na sorte, mas assim, batalhei bastante pra entrar, foi uma batalha enorme, tanto que deu aquele rolo de média, como minha média foi baixa, eu tava na época trabalhando em Blumenau e até conversei com uns amigos meus e eles diziam ‘ah não, não adianta, tu não vai conseguir entrar’[...] 4,6... 4,7 que eu tinha tirado e eu tava com 113 kg. Um mês antes do pessoal saber o resultado eu treinei pra caramba porque eu acreditava realmente que ia baixar a nota do edital, treinei, perdi 13 kg em dois meses e acabaram chamando e consegui entrar na PM (AMARILDO).

Percebe-se também a importância do estudo dada pela família, no entanto pode-se observar uma fala típica de reprodução de uma sociedade androcêntrica¹⁴, em que apesar da importância pelo estudo, ele por ser homem se via na obrigação de começar a trabalhar cedo, ao passo que a irmã somente estudou até se formar. Esta constatação vai ao encontro do que Bourdieu (2003) discorre sobre a dominação masculina ao afirmar que certas condições de existência podem ser permanentemente vistas como aceitáveis ou até mesmo naturais.

Segundo o autor, esta visão é continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina, ou seja, pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do estereótipo desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tais estereótipos em relação ao papel do masculino e do feminino na sociedade. Afirma ainda, que a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. Neste contexto, os indivíduos aplicam a toda realidade e, particularmente, as relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam

¹⁴ Sociedade vista sob a ótica masculina.

nas oposições fundantes da ordem simbólica. Sendo assim, para a irmã era natural primeiramente estudar e se formar para depois trabalhar, enquanto que para Amarildo, por ser homem, e carregar consigo desta forma o *status* de provedor, era natural além de estudar, começar a trabalhar cedo.

A família tem um papel fundamental não só na reprodução biológica, como também na estrutura do espaço social e das relações sociais em que o capital social e simbólico é fortemente reproduzido. Para o autor, é sem dúvida, a família, que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculina. É na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quando por exemplo, têm-se um casal de filhos e é dito que cabe a menina lavar a louça, ou a roupa, porque é papel de mulher, essa dominação masculina está sendo reproduzida.

A escola, responsável pela transmissão do capital escolar, capacitará para o mundo do trabalho e poderá ter forte influência sobre as decisões que os sujeitos possam vir a tomar ainda em tenra idade. Em uma passagem no livro ‘A dominação masculina’, Bourdieu (2003) demonstra como, por exemplo, pais, professores ou colegas podem desestimular a orientação de moças para certas carreiras, sobre tudo as técnicas ou científicas. O autor demonstra este fato por meio do seguinte relato: “Os professores dizem sempre que somos mais frágeis e então... acabamos acreditando nisso”. Por essa lógica, a sociedade vai inculcando disposições que acabam sendo incorporadas e reproduzidas de geração em geração. Mais adiante será discutido alguns aspectos ao que tange ao papel da mulher na polícia militar, instituição que é predominantemente masculina.

Pode-se observar também no relato de Amarildo, a herança familiar no que diz respeito a reprodução do desejo profissional. O aluno soldado diz ser os pais e tios funcionários públicos, o que o desperta também a vontade de sê-lo. A opção por entrar na PM também veio por intermédio da noiva, que já fazia parte da corporação do bombeiro militar acerca de quatro anos. O aluno soldado destaca ainda em seu relato, o esforço para entrada no sentido de perder o peso necessário para cumprir as exigências do edital e que ao entrar no curso, esperava algo que fosse mais voltado para o lado físico, da ‘sugação’, do que para o lado intelectual, o que demonstra uma nova postura por parte da instituição no que diz respeito à formação dos alunos soldados.

Igualmente de família humilde, no relato de Elias percebe-se fatos importantes na sua trajetória que contribuíram significativamente

para escolha pela carreira militar. A educação, principalmente representada nos exemplos dos pais, também é observada em sua fala.

[...] minha mãe é do lar, meu pai na época sempre foi caminhoneiro, hoje ele é falecido, mas o que eu posso recordar da minha infância é... o que eu pude perceber é que tive mais do lado da minha mãe, o meu pai foi um pouco ausente devido a profissão dele de ser caminhoneiro, então as vezes ficava um mês, dois meses fora, aí as vezes ficava uma semana, no máximo duas semanas em casa, mas sempre foi um pai exemplar. Dentro do princípio da educação dele sempre deixou bem claro que não queria um filho drogado, um filho vagabundo, alguma coisa assim, então ele sempre foi nessa linha. A minha mãe na verdade ela sempre foi um pai e mãe né [...] da minha mãe assim sem explicação. Ela foi pai e mãe as vezes nas situações mais difíceis. [...] meu pai já faleceu vai fazer seis anos, faleceu vítima de assalto, então isso marcou um pouco a minha carreira, a minha vida, a minha trajetória. Antes disso o que me fez levar pra vida militar foi na época eu trabalhava, eu sou bombeiro comunitário na cidade aonde eu resido, então isso eu já vivia um pouco no meio militar, mas o fato que aconteceu a seis anos, do meu pai ter falecido por ser alvejado num assalto então isso me fez mudar, assim, então eu vou procurar o meio militar mesmo. Antes de entrar na polícia eu trabalhava na área de indústria, trabalhava na área de compras e me sentia um pouco desmotivado porque eu trabalhava sete anos na empresa, não via um crescimento na minha carreira, então eu optei por ser funcionário estadual né, fiz o concurso e graças a Deus passei e tô seguindo essa carreira agora. [...] então eu acabei seguindo essa carreira pra dar uma vida melhor pra minha família. Não ganhava mal aonde eu estava, mas como era empresa privada a gente não sabia o dia de amanhã né (ELIAS).

A estabilidade financeira e a possibilidade de dar uma vida melhor para sua família, assim como relatos de outros alunos soldados, também aparecem como um fato importante na sua trajetória. A ausência do pai e a presença da mãe como sendo “pai e mãe” ao mesmo tempo, parece ter sido algo significativo em sua trajetória, assim como o fato do pai ter sido morto em um assalto que muda consideravelmente sua vida.

Gerson não traz em seu relato aspectos relacionados ao percurso educacional, dando ênfase maior as mudanças (tanto físicas, como de comportamento) de Estado e de locais que fez e a trajetória profissional. Destaca também a ausência do pai e da mãe em sua criação. Finaliza com as alterações que já se iniciavam em seu comportamento após a entrada para a PM, afirmando que antes fazia coisas que agora não pode fazer, pois está sempre vigiado ‘pelos olhos da sociedade’. Este comentário está imbuído do ‘peso’ que a responsabilidade de ser militar traz agora consigo.

Sempre fui bem cigano... eu mudei bastante... com um ano meu pai saiu de casa, não vivi mais com ele né, a gente veio pro Estado, daí eu morei com a minha vó, minha mãe trabalhava no hospital e minha mãe veio pra cá pra fazer o curso dela de enfermagem e eu fiquei lá com a minha vó, a gente veio passar umas férias e nunca voltou das férias... aí começou aqui, aqui a gente tem uma história né... morava de aluguel, num parei, mudei umas 9, 10 vezes aí nesses anos aí, dando uma média de uma por ano né, até eu fazer 16 anos, quando eu fui trabalhar, daí eu comecei a trabalhar no fórum de São José, no Ministério Público, como estagiário, depois como terceirizado, daí começou mais o interesse pela polícia né, eu comecei a trabalhar com processo, com parte de crime, com coisa assim, que foi crescendo a vontade de fazer alguma coisa também né, até que eu saí de lá 2010 e passei no concurso, daí tô aqui, mais ou menos isso.... ah tirando esse emprego aí que eu fiquei mais tempo, vários outros empregos ficava 1, 2 meses, pra ver se era bom ou se não era, saí, responsabilidade não era a que a gente tem agora né, saía mais, se divertia mais, curtia de outra forma, não como a gente faz agora, sempre alguém olhando pra gente, vendo o que que a gente tá fazendo, era bem diferente, tipo fazia coisas que hoje eu não posso fazer né... tipo parar o carro num lugar, escutar um som, agora eu não posso fazer porque a gente sabe que é contra a lei, até então chamavam a polícia mas a gente fazia, tem coisas que mudou bastante entendeu no cotidiano agora... (GERSON).

Félix por sua vez traz em sua fala a trajetória humilde da família e a importância da educação, até mesmo para entrada na PM. Relata que os avôs e pai eram pescadores, mas que ele sempre quis ser policial

militar, pois seu tio era bombeiro militar e o fato do tio salvar vidas, era gratificante para ele.

Bom, eu nasci aqui em Florianópolis, [...] meu avô era pescador e segurança do Instituto Estadual de Educação, uma família humilde, meu pai também, desde os dezesseis anos de idade vende pescado junto com meu avô pra poder sustentar a família, se casou com dezoito anos com a minha mãe e com dezenove a minha mãe teve o primeiro filho, depois o seguinte e eu... então, desde pequeno estudei em colégio da comunidade também, nunca em colégio particular, gostava muito de ficar soltando pipa, jogar bolinha de vidro, correr pela rua de noite, essa era a nossa atividade antigamente, hoje o mundo informatizado não tem mais essa questão de agrupamento de amigos na rua, antes isso era muito rico pra mim... sempre que me lembro dos meus amigos, muitos tenho contato, moram perto, são meus vizinhos e mantém amizade até hoje [...]. Sempre foi um sonho pra mim ser policial, que desde então eu procuro. Fiz quatro concursos, pra polícia civil, polícia militar e polícia rodoviária federal, antigamente não precisava nível superior, não consegui, tive o privilégio de vir pra polícia militar atualmente. Porque que eu tive esse sonho de ser policial? Na minha família tem apenas um tio que é enteado, que é casado com a minha tia, que é bombeiro ainda e eu via a trajetória dele de salvar vidas, achava isso gratificante, poder tá ajudando a população, poder tá ajudando todo mundo e me identifiquei com isso, então sempre procurei isso e minha família não tinha como me dar uma estrutura, um suporte de estudo pra que eu me dedicasse a isso[...] então a partir do que meu pai adquiriu bastante condições, que melhorou a vida dele, ele pode me dar uma faculdade de presente, que foi ele que pagou toda a minha faculdade, agradeço a ele e eu pude tá mais preparado bem intelectualmente pra poder prestar esse concurso e ter a gratificação de ter sido aprovado neste concurso. Então eu sou uma pessoa extremamente humilde, de família mais humilde ainda, meus dois avôs, que eram símbolo pra mim, exemplo, já faleceram, tenho apenas as duas avós e é isso, atualmente sou casado, tenho uma mulher linda e maravilhosa e minha vida daqui por

diante segue outro caminho dentro da polícia militar (FÉLIX).

Félix traz um discurso idealizado com sonhos a serem realizados e acredita que a partir da polícia, as coisas serão diferentes.

Cristian relata tanto aspectos relacionados a trajetória escolar, como a trajetória profissional, no entanto, diz que nunca gostou de estudar e até os quinze anos de idade pouco se dedicou. Expõe que apesar de gostar muito de animais e ter os pais veterinários, formou-se em direito por conta de uma ‘rixa com o irmão’. Mesmo sendo contra a sua vontade, fez o curso de direito até o final por ‘pressão’ familiar. Percebe-se a influência da herança familiar quando em seu relato Cristian afirma: “minha mãe e meu pai são veterinários, então [...] eu já gostava, já tinha um dom com animais”.

Eu nunca gostei de estudar, sempre gostei muito de esporte, sempre adorei jogar bola, andar de skate, surfar, aí eu reprovei duas vezes no ensino fundamental, aí quando eu tive acho os meus quinze anos aí eu comecei a estudar, aí eu comecei a me dedicar mais, aí eu fiz supletivo, aí eu fiz [vestibular] pela UFSC pra engenharia ambiental, acho que foi engenharia ambiental, aí não passei e aí meu irmão tinha feito direito na UNISUL, e aí começou aquela rixa de ah eu fiz e tu não fez, aí eu fui lá e passei, pela UNISUL, [...] aí eu, não é o que eu quero, não é o que eu quero, não é o que eu quero, aí meu pai começou a ‘vai faz, faz’ e aí eu fiz... aí não gostei de direito, me formei, fiz seis anos, não gostei, mas me formei, aí logo que eu me formei eu fui pra outro Estado porque eu namorava uma menina de lá, morei três anos e meio lá, abri quatro lanchonetes, aí resolvi voltar. Aí fiz um curso de adestramento canino, comecei a adestrar cães, que minha mãe e meu pai são veterinários, então eu já gostava, já tinha um dom com animais. Eu adestrei acho que foi três anos, dois anos e meio e eu só larguei o adestramento por causa da polícia. Eu não queria, nunca pensei em ser policial, o melhor amigo que eu tenho ele é policial e ele começou a me incentivar, ‘ah faz, faz, faz, faz’ e por acaso eu me inscrevi e passei e aí me achei na profissão, tô gostando bastante, mas eu pretendo mesmo é ir pro canil, duas coisas que eu gosto muito, porque eu tô gostando muito de ser policial, [...] e tentar trabalhar no canil, que é o que eu gosto (CRISTIAN).

Ian relata o seu interesse em se tornar um agente de segurança pública e diz que ter sido escoteiro por doze anos auxiliou neste processo. Para ele ser policial militar é realizar um sonho de criança. Novamente o percurso profissional aparece como central no discurso e destaca também, o aspecto da estabilidade financeira como importante na escolha da profissão. No entanto diz que pretende fazer outros concursos na área.

[...] fui escoteiro durante doze anos, me formei no curso de direito com a intenção de me tornar um agente da segurança pública, a princípio o sonho era ser de delegado, só que antes de terminar a faculdade, um ano antes eu montei uma agência de viagem e aí não estudei mais né e se passaram sete anos, aí eu me vi numa situação financeira não muito agradável, encontrei um amigo que era policial militar recentemente, tinha se formado lá em Goiás, me apresentou como é que é que tava funcionando a parte militar, quanto que um soldado ganhava, como é que era, aí eu me vi nessa oportunidade em recuperar minha situação financeira, ter pelo menos uma nova chance de ter um rendimento pra poder suprir minhas necessidades, até que eu possa passar num outro concurso melhor e talvez conseguir realizar meu sonho que é ser delegado e vim pra cá. Acredito que ter sido escoteiro me ajudou bastante, realizei um sonho de criança que era ser um policial. Dentro dessa profissão eu me vejo hoje realizado, faço uma atividade que apesar de ter pouca experiência acredito que vou ser feliz com ela, que eu gosto do que eu tô fazendo, ao contrário lá da loja que eu não gostava. A pretensão é voltar a estudar direito em si, pra poder voltar fazer outros concursos que tenham um rendimento melhor, se eu conseguir pra delegado bem, senão... pretendo estudar até os meus 40 anos, hoje eu vou fazer 35, então tem cinco anos pra me preparar se eu conseguir ótimo, senão eu vou vender a propriedade que eu tenho em outro Estado e vou comprar algumas propriedades pra mim aqui, casas, sei lá, apartamento, não sei ainda e vou viver aqui como policial militar [...]. Hoje eu tô tranquilo, tô realizado profissionalmente, a parte financeira consegue suprir as minhas necessidades, a intenção é essa, trabalhar, fazer um bom trabalho aqui na polícia militar, sem prejudicar ninguém, sem

maltratar ninguém, [...] o restante do tempo que eu acredito que eu vou ter, vai ser destinado ao meu estudo particular (IAN).

Haroldo também relata sua infância humilde e a importância que era dada para os estudos. Ele discorre sua trajetória desde o nascimento, abordando aspectos do percurso educacional, profissional, bem como das mudanças de cidade que fez até chegar na PM. Haroldo disserta ainda sobre como ter sido o primogênito lhe trouxe vantagens em sua trajetória.

[...] basicamente eu não posso reclamar de nada, por causa que eu era pobre sim, pobre, classe média baixa, não pobre, mas classe média baixa, mas sempre tive tudo, por causa que eu fui o primeiro neto no caso da minha vó, daí eu fui como se fosse um filho, ela me adotou basicamente, daí eu fui criado com ela. Uma semana que tinha nascido e a minha avó foi lá me buscar e me trouxe de lá e me criou ali junto. A minha mãe veio junto uma semana depois que eu vim. Pelo fato de ser o primeiro neto, primeiro sobrinho, o primeiro da família ali, o mais novo no caso, eu era tratado com toda a mordomia. [...] fui muito bem tratado, muito bem educado. Nunca fui cobrado pra trabalhar. Até eu terminar a faculdade no caso, eu nunca fui cobrado pra trabalhar, só que as minhas notas tinham que ser boas, eu nunca pude parar de estudar e nunca existiu a possibilidade no caso de parar de estudar pra trabalhar entendeu, a minha mãe sempre priorizou meu estudo, a minha vó, Deus me livre sabe, ela não deixava nem eu faltar aula [...]. Daí eu sempre me focava em que estudar, em estudar, porque ela dizia a única coisa que eu tenho pra te deixar é o estudo, daí eu sempre estudei. Daí dançava, dançava, fazia festa pra caramba, mas sempre estudando assim sabe, nunca deixei de estudar, fiz técnico em contabilidade, fiz ciências contábeis, fiz pós graduação. Em 2008 eu me formei e fui tentar, do nada assim, eu nunca tinha saído de casa, 2008 eu me formei e fui tentar a vida em outro Estado, eu e um amigo meu, do nada, com uma mochila nas costas e comecei a trabalhar, morava numa kitinete muito pequena, a gente dividia uma kitinete, [...] eu peguei aquela enchente em 2008 que teve e daí quando eu comecei a montar as coisas de dentro da

minha casa, trabalhava numa administradora de imóveis, e uma cidade que está calamitosa, a cidade debaixo d'água, dois metros, a minha casa por exemplo eu perdi tudo e o que eu não perdi me roubaram, a água entrava pela janela e a janela ficava quase um metro e meio do chão [...] queimou tudo sabe, geladeira, televisão e o que não queimou, o que era mais as minhas roupas de gaúcho, roupa cara sabe, tudo, tudo. Daí eu passei por toda essa enchente, trabalhei como voluntário ajudando lá, eu não tinha mais nada a perder mesmo, só que a minha mãe me enviava dinheiro pra mim voltar pra minha cidade, só que eu não podia pegar dinheiro no Banco. Eu passei uma semana passando fome. Eu ganhei um litro de uísque de formatura e levei, oh fiquei sem nada pra comer dentro de casa, nada, eu tomei acho que uns quatro fogo com o mesmo litro de uísque e com um saco de cassetinho [pão], era muito caro as coisas ali no mercado que era aberto e eu morava bem no foco sabe e daí depois de tudo que eu passei eu voltei pra minha cidade. Trabalhei, fiz pós graduação em gestão de pessoas e marketing, voltei a morar com a minha mãe, dava aula de dança e trabalhava num escritório de contabilidade. Daí o tempo eu vinha tentando, sempre quis fazer parte da carreira militar, só que o que me chamava atenção era o concurso público sabe, o concurso público, estabilidade né. No começo do ano passado, ganhava muito pouco como contador e disse vou tentar a vida fora e fui trabalhar em outro Estado na praia como garçom, mas gurizada e festa e solteiro mesmo, daí acabou a temporada e eu consegui um serviço de porteiro, pra trabalhar numa empresa de vigilância de segurança, trabalhar como monitor de câmera de segurança, tipo não tava feliz aqui, não sabia o que eu queria mesmo, daí me deu um estalo, meu tio morava no Centro-Oeste do país, vou pedir as contas e vou pra lá. Cheguei lá fui conhecer o pessoal do CTG, conheci uma menininha lá e tal, a menina conheci pela internet mesmo, daí ela já morava nessa cidade, ela que me convenceu ir pra lá, cheguei lá e tal, comecei a namorar com uma amiga dela, sacanagem por sinal e daí eu trabalhava no [xxxx], auxiliar ali de faz tudo, mas também não tava muito feliz e era muito quente e sempre vivi no frio. Daí eu fiquei dois meses e meio lá e vim pra casa. Dinheiro da passagem [risos]... daí minha mãe me depositou o

dinheiro da passagem [...] a coisa começou a meio degradingolar sabe, por causa que o pessoal que eu tinha conhecido era muito playboy e daí depois de um certo tempo eles começaram a querer mexer com droga e tal sabe, daí eu digo não isso aqui não é pra mim pô, eu odeio esse tipo de coisa sabe, odeio maconheiro, odeio gente drogada e disse me manda esse dinheiro então que eu vou voltar. Daí eu voltei, me adequei lá tudo certinho, comecei a trabalhar num escritório rural e ia fazendo concurso, fazia concurso direto, fiz uns quatro concursos, só que assim sempre fiz concurso pra parte militar sabe, eu fiz três concursos pra bombeiro aqui e mais uns três se não me engano pra PM também e sempre ficava ali sabe, sempre na porra da média quatro e nunca chegava ao cinco e um pra mim poder entrar, daí o cara que trabalhava lá no escritório teve que fechar o escritório e eu fui pra rua, aí eu disse puta merda o que eu vou fazer agora, oh já tô velho pra caramba, imagina, quase trinta anos na cara, o que que eu vou fazer da minha vida agora? Não vou sair nunca da casa da minha mãe? eu adoro a minha cidade, se pudesse eu estaria lá, porque além do fato que é muito mais barato que aqui, tu viver numa cidade do interior, só que pagam muito pouco também, daí eu peguei e comecei a fazer concurso. Uma semana e meia depois que eu tinha sido demitido, gordo, eu tava gigante assim sabe, só comia em casa, não fazia mais nada, daí eu recebi a notícia, daí eu recebi quatro e meio [média do concurso da PM]. Essa porra desse cesiep, que merda é essa que fica me enviando e-mail, peguei e fui excluindo, fui excluindo, no último e-mail que eles me mandaram, mas que gente chata, quem é cesiep, não sei o que que é isso, daí eu peguei e abri, lista dos aprovados média quatro, que média quatro, que que é isso aqui... se apresentar tal tal tal, até tal dia, fazer os exames físicos... exames físicos? Do que? Eu comecei a ler direitinho daí porra passei cara, oh pensa um cara feliz né. Era cinco exames seguidos, só que não era um atrás do outro, era um cada semana. Ia dar um mês e uma semana, digo pô se eu ficar indo toda hora, vou gastar um balaio de dinheiro pra fazer esses exames, daí vou ter que pegar e gastar, gastei quase mil reais pra fazer os exames de saúde, que são caros, daí eu conversei com uma amiga e ela ‘vem aqui e fica na minha

casa', daí eu vim pra cá, daí eu fiquei morando um mês e meio na sala da casa dela lá no colchão, todo dia levantava, ia correr, ia correr, daí eu reprovei no primeiro TAF na barra, eu fiz seis barras e eles contaram duas, dizendo que eu tinha errado, tá daí beleza, fizeram a segunda chamada, na segunda chamada eu fiz dez barras de novo, daí passou tudo certinho, daí fiz todos os exames, deu tudo certo, daí consegui e hoje estou aqui. Não aguento mais esse povo, esse negocio assim de ser gaúcho os cara... bom, tu tá vendo né, tu vê... o sotaque também que é diferente de outros que são da região metropolitana, o meu sotaque é da fronteira, então é mais carregado, tudo é normal tu falar tchê lá, daí tchê como é que tá? Oh tu fala tchê aqui todo mundo pára, pára tudo o que tão fazendo sabe, é impressionante, param tudo assim, onde que tá isso, que palavra é essa sabe, parece que eu mandei todo mundo tomar no cú, sabe. Esse sotaque meio carregado assim que graças a Deus é um sotaque forte, é um sotaque da fronteira, sotaque normal e daí vem atentando isso aí mas... eu tive que aprender a me controlar aqui senão eu já tinha matado uns dois cara, já tinha sido expulso. Oh, quantas vezes... e além disso a saudade também, nossa... esse ano eu fui uma vez só pra casa, pra uma pessoa que sempre foi ligada a família sabe. A minha mãe que faz tudo pra mim, sabe assim... hoje eu sei que eu sou um orgulho assim pra ela, porque já fui em um monte de lugares, já vi muita coisa errada, muita gente louca, mas nunca fui de ser muito louco sabe assim, eu fazia as besteirinhas ali, bebia pra caramba eu sei, coisa de gurizão também, normal, bebia como semana passada bebi pra caramba, semana retrasada bebi, como semana que vem eu provavelmente vá beber, final de semana vou beber também sabe, mas assim são coisas controladas, daí a minha mãe ela confia em mim, não sei quer dizer, posso tá falando coisa errada, mas eu acho que ela confia em mim sabe, porque eu nunca dei motivo pra ela, nunca fui metido com gente ruim, sempre fui ligado ao CTG, minha vida inteira ligada ao CTG e lá tu aprende muita coisa, tu aprende a respeitar, tu aprende a dar valor pras mulher, que tem que ter o respeito lá dentro, aprende muita coisa errada também, não vou te dizer que lá é um lugar de santo, não... normal, só que lá tu tem que ter respeito, tu tem que ter zelo pelos outros e isso eu aprendi lá...

então eu aprendi a não me juntar com certas pessoas, não discriminar, mas não me juntar, quer fazer as coisas erradas faz, mas faz longe de mim, não faz comigo sabe... daí eu aprendi... e daí por isso eu vejo que a minha mãe tem uma certa confiança em mim. A minha vó, ela fala comigo, ela chora no telefone sabe, eu sinto muita saudade da minha casa, muita, agora tô me acostumando mais porque não tô mais tão sozinho aqui, porque eu tenho o pessoal do CTG que eu vou lá, tô dançando junto com eles, a gente vai concorrer fora do Estado, mas sabe assim, eu me senti muito... eu chorei muito no começo aqui sabe, por causa que sempre quando eu ia sair fora, eu tinha comigo aqui dentro de mim, eu vou voltar pra casa, eu sempre tinha comigo sabe [...] eu sempre tinha comigo, vou voltar pra casa, vou voltar pra casa e agora talvez não, agora eu sei, não volto mais, agora é aqui, o máximo que eu posso fazer é ir até ali na divisa e ficar por ali, mas aí é Santa Catarina. Eu sempre tive a pretensão também sabe de morar numa cidade no litoral e sabe fechou tudo... eu sou uma pessoa muito realizada... porque eu sempre tive a pretensão oh eu quero morar no litoral, acho muito bom ter praia, ter o que fazer no fim de semana e sempre tentei a carreira militar, sempre tentei. Pelo respeito que os outros tem, pelo respeito que os outros vê na tua pessoa, pela estabilidade também. Hoje tipo todo mundo fala que gostaria de ir pra polícia civil, muita gente inclusive do nosso pelotão fala que se passasse na civil ou na militar, iria com certeza... eu não iria sabe, não iria... eu gosto da carreira militar, sempre quis, sempre quis mesmo, sempre corri atrás pra ser, pra tirar carreira militar (HAROLDO).

Jardel traz em seu relato a importância não só da educação formal, mas da educação recebida em casa pelos seus pais. Ressalta que mesmo os pais sendo analfabetos, davam grande importância aos estudos, para que pudesse assim, mudar de vida. Disserta sobre sua vida humilde e sobre a luta para conseguir estudar e chegar até a polícia, que era um sonho de infância. Além da trajetória pessoal, relata sobre seu percurso profissional, que começou cedo, aos oito anos de idade.

Eu sou de uma família pobre, humilde, de colono, que morava lá roça né e o sonho meu sempre foi ser militar. Lá na região que eu moro, tem o quartel 163,

que é quartel de fronteira, me escrevi duas vezes pra servir, não me chamaram, mas desde pequeno meu sonho sempre foi ser militar, então eu peguei pro lado da polícia, fazer concurso e tal né, mas foi muito difícil chegar até aqui. O fato do pai e da mãe ser pobre, moravam lá no interior, não tinham uma estrutura de vida boa, faziam só pra comer, então não foi fácil chegar até aqui né, mas desde pequeno eu botei um objetivo na cabeça minha, eu vou ser militar ainda... isso desde pequeno teve na minha cabeça de ser militar... fiz prova na ESA, fiz na aeronáutica, fiz na marinha, fiz prova na polícia militar do Paraná, do Rio Grande do Sul também, mas nunca consegui passar e aqui foi o oitavo concurso que eu fiz e passei e passei numa colocação muito boa ainda, que é aqui em Santa Catarina... e assim, minha vida foi essa... não tive muito conhecimento, se ti falar é até engraçado, fui conhecer computador eu tinha 18 anos de idade... 18 anos de idade eu tinha... primeira vez que eu fui mexer, ligar um computador... então, estudava em colégio público lá do interior, que as vezes tinha professor, as vezes não tinha, então... já o meu conhecimento pro futuro de educação... não aquela educação de casa, educação de casa foi, nossa... isso hoje tudo o que eu tenho eu devo ao meu pai e a minha mãe pela educação que eles me deram em casa né. Foi uma educação, nossa, um respeito, uma educação que eu ganhei em casa assim... nossa fenomenal... mas a educação no colégio, estudo, não tive... as vezes tinha professor, as vezes não tinha... a gente ia mais pra comer merenda, porque professor que ia lá já não ganhava muito, as vezes ele não tava nem aí pras coisas, ‘ah interior mesmo né, deixa como tá’. Antigamente, a visão dos políticos aqui era só capital, cidades grandes né... então a visão do político dos últimos governos, recentemente que começou a mudar, que foi mais pro Oeste, mais pro interior, chegou até a colônia né, e inté por pensar no incentivo de militar e de sair, de lá... não saí de lá, quero voltar pra lá, pelo fato da gente quem é colono não tem incentivo né, não tem aquela ajuda do governo, um incentivo, um financiamento pra você comprar uma coisa e tentar dar um giro sabe, então isso foi uma coisa... minha história de vida mais ou menos é essa né... [e aí como é que tu chegou até a faculdade, foi lá que tu fez?] Saí no mundo

procurando um curso pra entrar na polícia... passei muita dificuldade. Aqui também, nossa, muita dificuldade, dormi na rodoviária pra chegar nesse concurso, até o TAF¹⁵ em 2010 quando fiz aqui foi final de ano, uma prova era dia 22 e dia 23 e 25 era natal e aí já pra, não sei, já pra sacanear a gente já, já jogaram a outra prova pro dia 28 e 29, logo em seguida já era virada de ano... então esse tempo assim eu vim só com o dinheiro da passagem pra vim e pra voltar, não tinha praticamente quase nada pra comer... aí eu dormia na rodoviária todos esses dias aí pra fazer a prova e graças a Deus passei em todas... [aí tu dormia lá pela rodoviária mesmo?] lá pela rodoviária mermo... [e aí se alimentava por lá?] É...comia uma banana, comprava uma fruta e assim passei os dias né... se eu como eu não volto né... fico sem comer pelo menos eu volto... [mas aí tu ficou uma semana sem comer?] Hã.... não sem comer né, um dia eu comia uma coisinha, uma banana, mas controlado... [e passou o natal ali também?] Passei o natal e a virada e aí dia 02, dia 02 eu consegui carona... aí eu fui até a BR, o cara me levou até a BR ali, me deixou e falou ‘agora tu começa atacar os caminhões que vão pra lá’... aí fiquei o dia inteiro na BR, ninguém quis parar né... e eu já tava cansado, aí fui até o posto de gasolina, cheguei lá, um caminhoneiro que recém tinha passado por mim viu eu parado e pediu, ‘ah tá indo pra onde?’ Eu falei pra onde é que eu tava indo e ele tava indo pra mesma cidade minha, aí embarquei e fui parar lá... e aí assim começou aquela luta do pai e da mãe, pra eu vim pra cá, pra entrar na polícia. Minha mãe, a gente tinha um parreirão de uva lá, aí ela recolheu todas uva, pato que tinha no interior lá, foi lá carneou, vendeu na cidade, galinha que ela tinha juntava ovo, pra poder pagar a passagem pra mim... então foi... isso é uma história de vida que eu tenho que assim amanhã eu quero levar pros meus filhos né... porque pode ter certeza que eles vão se criar na mordomia, como eu não me criei. Então, foi muito difícil pra chegar aqui... eu trabalhei muito quando eu era pequeno na roça, quando eu era novo eu tinha que, não era que meu pai queria, mas eu me obrigava né, porque eu sempre fui, sempre pensei positivo, meu pai e minha mãe são analfabetos, mas eles sempre falavam a

¹⁵ Teste de aptidão física.

visão que o mundo tinha pra frente e a visão hoje que eu tô vendo é tudo o que eles me ensinaram, que eu tinha que estudar, que aquilo ali não era vida, então eu trabalhava na parte da manhã e estudava de tarde... e aí quando eu fui fazer o segundo grau estudava de noite e trabalhava daí durante o dia... daí roçava, internada, essas internada com gado, aí ganhava dez pila por dia, oito reais por dia, depende do ano, a época do ano né... aí quando era inverno, no forte do inverno, eu ganhava cinco pila por dia daí... pra arrancar mato e assim a vida foi indo... então eu ganhava vinte e cinco pila por semana e eu fazia oito quilômetros todo dia a pé pra poder ir na aula... pra pode pegar o ônibus né [risos]... oito quilômetros pra pegar o ônibus daí... e daí mais quinze pra chegar no colégio... então foi... e o inverno de lá é muito forte, muito frio... então... meia noite descia do ônibus, vinha pra casa, levantava de manhã, ia trabalhar e assim a vida foi indo... até que hoje... mas tô feliz por tá aqui... [e tu começou a trabalhar com quantos anos lá, cedo?] olha, pra ajudar meu pai acho que eu tinha uns oito ano de idade, eu já ia pra roça, já cangava os boi, eu me lembro que logo de manhã já ajudava a mãe tirar leite, já fazia queijo e fazia fogo e eu tinha dez anos de idade, aí eu fui estudar de tarde, aí eu ia na roça, ficava até dez horas de manhã, vinha pra casa, fazia o almoço pra eu, pra minha irmãzinha que era pequena, recém tinha nascido, pra dois irmão meu, pro pai e pra mãe... deixava tudo pronto, limpava a casa pra minha mãe, fazia todo o serviço de casa, fazia o almoço e ia pra aula... daí eles chegavam, almoçam e daí eu ia pra aula daí... então, sou um bom cozinheiro né [risos]... hoje eu prefiro fazer uma comida em casa do que ir no restaurante... eu adoro cozinhar, se tem uma coisa que eu gosto é mexer nas panela... e minha vida... hoje... tenho minha moto, tenho computador, tenho notebook, tudo isso eu agradeço ao trabalho na polícia.... se não fosse a polícia eu não tinha conseguido... tenho roupas boa, nem roupa eu não tinha... então graças a Deus hoje tenho roupa, enfim... tô pensando em comprar até um terreno pra construir minha casa, tirar os pai do interior sabe, leva pra cidade, dá uma vida mais digna pra eles, dá um descanso e ajudo muito meu pai... meu pai tem câncer também né e assim a vida vai indo... [e nesse processo quando tu veio pra cá

pra fazer os testes, essa de tu não ter aonde ficar, não conseguir se alimentar direito, em nada te atrapalhou a fazer os testes físicos, cansaço?]

nada... nada... entrei no ônibus e vim e falei lá eu vou achar, um jeito ou outro eu acho... isso aí não... eu queria era passar no concurso da polícia, só isso... pra mim não tinha barreira nenhuma pela frente né... que eu já tinha passado por um monte né... então não é qualquer coisinha que me derruba sabe, eu tenho pensamento positivo, pra frente, eu vim pra cá tranquilo... (JARDEL).

Assim como Jardel, Ildo relata sua paixão e fascínio pela parte militar. Novamente a herança familiar influencia a escolha do aluno soldado pela área militar, pois ter crescido convivendo com a vida do pai bombeiro, fez com que ele se sentisse fascinado pela profissão. Fez diversos concursos até lograr êxito. De certa forma, por já ter o pai militar e ter passado um ano no exército, Ildo já havia passado por um processo de socialização no ‘mundo militar’ e muitas coisas no cotidiano dele na polícia, não eram mais novidade.

Eu sempre fui fascinado pela parte militar, cresci com isso né... meu pai é militar, meu pai é bombeiro, sempre aquele glamour né, do pai ser bombeiro. Bombeiro era a maior profissão que existia, pra mim, então sempre cresci envolvendo isso. Sempre falava com meus amigos que meu pai era bombeiro, eu levava, me lembro até hoje, no prézinho, meu pai dava uns encartes, umas folhas com caminhãozinho do bombeiro pra colorir, pra guri pequeno, pra criança assim né, eu levava pra gente colorir, sempre tinha orgulho disso e era isso que eu queria ser, eu queria ser militar e fazer meu filho ter orgulho. [...] 2002 consegui realizar o sonho em servir o exército, servi por um ano, um ano no exército que a gente diz é aquele ano né, fui, a gente ganhou baixa obrigada porque o governo tinha cortado a renda e teve que ser baixa obrigatória e desde então eu procurei voltar pra essa carreira. Fiz vários concursos da ESA, fiz vários concursos da polícia, a ESA é Escola de Sargentos das Armas, do exército, fiz pra polícia um monte de vezes, tanto é que nesse eu nem esperava ser chamado... eu fiz esse último edital, reprovei em redação, fiz uns dois do bombeiro, eu também reprovei em redação, nesse último do bombeiro eu reprovei em química e nesse da polícia eu reprovei

em redação e esse que eu entrei agora eu tirei a média 3,8 né, aí foram anuladas algumas provas eu passei pra 4,1, daí foi que eu entrei né, a média foi 4,0 e é isso... (ILDO).

Celso traz aspectos tanto de seu percurso acadêmico como profissional. Destaca ter estudado em escola pública e ter sido oficial do exército por quase sete anos e desta forma, já ter passado também pelo processo de ‘socialização militar’. Por ter servido o exército durante todo este período, muitas vezes era solicitado em aulas, principalmente de ordem unida, para auxiliar outros alunos soldado. Sua *hexis* corporal já trazia as disposições necessárias para ocupar a posição de policial militar, fato este que era reconhecido tanto pelos demais colegas, como pelos seus superiores, que frequentemente solicitavam ajuda em alguma instrução.

Eu estudei numa escola estadual desde da primeira série até o terceiro ano. Daí depois me formei no terceiro, tinha 16 pra 17 anos, daí 17 eu entrei na faculdade, prestei vestibular final do ano, prestei vestibular de educação física, fiz quatro semestres, sendo os últimos dois eu já entrei no CPOR, me alistei no exército e entrei pro curso de preparação de oficiais da reserva, fiz o ano todo o curso, daí me formei aspirante e fui pra outra cidade. Trabalhei em lá seis meses como aspirante e depois fui transferido pra outra cidade, daí cheguei lá, fui promovido a segundo tenente e foi indo a minha carreira e fui fazendo a faculdade lá, daí me formei em licenciatura lá, fiz bacharel, em seguida me formei em bacharel em educação física. Em 2011 foi quando a gente passou no concurso pra polícia militar. Meu planejamento, como eu era oficial temporário, eu tinha um tempo determinado, era até 2013. Até junho de 2013 eu poderia ficar como oficial, depois é dado baixa né, daí o que eu planejei... eu tava planejando no ano de 2012 estudar, como eu já tava formado era fazer curso, cursinho pra concurso, curso pra concurso e ficar estudando o ano todo pra de janeiro até junho eu conseguir passar em algum concurso, de 2013 né e daí eu iria embora em junho de 2013, só que daí como surgiu esse da polícia militar e eu não tinha feito nenhum concurso ainda, eu resolvi fazer, faltava acho que 20 dias pra fazer, um negocio assim, um mês, 20 dias, um mês eu acho... daí me inscrevi, tava em cima do laço, me inscrevi e daí fiz, daí deu

sorte de passar, deu tudo certo, daí eu peguei, daí já mudou totalmente o planejamento que eu tinha né, só que não fugia ainda daquele linha de raciocínio, daí eu peguei, não, vou vim pra cá, daí peguei, vim pra cá, minha noiva já era daqui né, daí eu peguei e vim pra cá e comecei o curso aqui, daí fiz todos os teste né, tudo, deu tudo certo, daí eu vim pra cá... daí foi em novembro, novembro a gente entrou, em dezembro o meu planejamento já tava querendo ver apartamento e tudo mais, daí comprei um apartamento, em fevereiro me mudei, só... até o curso assim né, foi isso...

Julia também relata ter tido uma ‘vida normal’, dentro do esperado pela sociedade. Discorre sobre sua infância humilde e de como a família conseguiu superar a pobreza. Relata ainda sobre algumas mudanças, principalmente do pai, que era alcoólatra e parou de beber. Fala, ainda, sobre o seu percurso escolar e profissional e ressalta sua relação com a irmã, também policial militar.

Quando eu era criança não bebia leite porque não gostava e minha mãe me dava mamão. Eu era pobre... ou era isso ou a gente passava fome... minha mãe dava mamão porque tinha um pé em casa, a gente morava num sítio... passamos aperto quando era criança... quando tinha uns 4 anos e quando meu pai sofreu um acidente que ficou 2 anos na cama que quebrou 24 partes do corpo e minha mãe teve que sair do emprego pra cuidar dele... a gente vivia de doação de gente que ia visitar ele.... cheguei passar fome... Eu tava indo pra casa de praia com a mana nesse final de semana e falei quem diria que hoje a gente teria isso tudo né mana... hoje o pai tem 5 casas... foi assim, quando a gente era pequena a gente morava num sítio... meu pai bebia muito, chegava sempre bêbado em casa... mas ele nunca foi de virar machão quando bebia... era até engraçado... ele chegava em casa e minha mãe falava ‘senta ali’ e ele ficava quietinho ouvindo... até que um dia minha mãe se encheu... ela recebeu uma herança da minha vó, comprou um terreno e quando ele chegou em casa, isso tudo num dia só, ela disse: “to indo embora”... ele ficou olhando e falou “então ta, to indo junto”... e aí a gente veio pra

cá.... aí quando eu tinha uns 8, 10 anos, meu pai sofreu um acidente que o carro ficou uma bolinha.... se quebrou todo.... aí minha mãe teve que cuidar dele... ir atrás de perícia que demorou um monte, um homem na cama quase aleijado e a perícia não saía... ele ficou uns dois anos... aí minha mãe falou pra ele que se um dia ele voltasse a beber ele nunca mais ia ver eu e a mana... aí ele [fez o gesto de arregalar os olhos]... porque meu pai sempre foi um péssimo marido, bebia, mulherengo, mas como pai sempre foi ótimo... aí ele parou.... por isso aquele dia na aula que o professor falou que quem é alcoólatra nunca pode beber que recai que eu perguntei tem certeza? Porque meu pai hoje bebe uma cerveja e pára de boa... esse final de semana fui lá fazer uma carninha aí eu e ele bebemos duas latinhas e pronto... aí ta... minha mãe é costureira, costura muito bem... trabalhava em máquina reta, aí um dia ela comprou um overloque e começou a costurar em casa.... eu lembro até hoje cara, quando ela trouxe um saco de retalho, ficou no meu quarto, era um quartinho pequenininho que era meu e ela deixava lá... fazia roupinha de bebê... uma perninha rosa outra branca, era de retalho né e com o que sobrava eu e meu pai a gente fazia estopa pra vender nos postos... fazia gaiola também... aí ela abriu uma lojinha pra ela e vendia as coisas que ela fazia... aí meu pai começou a trabalhar e trabalhava nessas coisas de torre de celular e viajava por tudo... ele tava lá em outro Estado, já fazia mais de um mês aí eu fiquei doente, entrei em coma e o médico disse pra minha mãe que era só esperar eu morrer... eu tinha uma doença lá que não existe cara, é um vírus, uma bactéria que dá que minha língua parecia um morango toda espetada, ela vai corroendo os órgãos... aí ela ligou pro meu pai e ele veio... aí minha mãe tinha feito o consórcio de um gol... aí ele disse vamos vender esse gol.... era a única coisa que minha mãe tinha conseguido adquirir tá ligado... cara eu lembro que eu e minha irmã ficamos muito braba que ele vivia dando nas costas dela e ela só ajudando... aí ela vendeu e meu pai comprou um terreno que tinha uma

fábrica de gesso em cima... ele não sabia fazer gesso, mas ele é mestre de obras então entende um pouco dessas coisas assim... aí contratou um cara lá que mais ou menos sabia fazer isso e começou a fazer... mas foi indo, colocava água de mais aí ficava podre, ou gesso de mais aí também não prestava... eu ajudava ele fazer uns moldes naqueles latão de manteiga aí ia tirar quebrava tudo, ficava muito fraco [rindo]... aí assim foi tentando até conseguir... Eu e minha irmã a gente tem pouco tempo de diferença de idade, então a gente se criou junta entendeu... então minha mãe nem pagou babá. Ela deixava nós em casa assim porque uma cuidava da outra, aí era bom. A gente sempre estudou no mesmo colégio, ia pro colégio, sempre passei direto, eu e ela nunca pegou recuperação, daí estudei no Instituto, depois fui pra UFSC, depois passei pra guarda e depois vim pra cá. Quer dizer, não tem muito assim ah, fato marcante, normal, o que todo mundo faz né, estuda, vai pra aula, depois passa no vestibular que é o que se espera e depois arranja um emprego [risos] depois próximo passo é [risos]... não tem assim muita coisa assim, ah eu lembro, não. Eu sempre fiz muito esporte, racionalizava o tempo entre a aula e o esporte, comecei a trabalhar cedo também, dezesseis, dezessete anos. Sempre trabalhando e estudando, nunca fazendo um só. Daí enfim, vida normal, que todo mundo tem. Ah, não fui pra Londres que nem o outro, não fiz nada. Viajei bastante mas aqui dentro, conheço todas as cidades de Santa Catarina, porque eu competia né, daí as cidades daqui eu conheço todas. Eu fazia caratê, fiz mais de dez anos caratê, dava aula também, mas pra fora não, muito chique, eles são muito chique. Eu não tenho esse.... (JÚLIA).

Jarbas também discorre sobre sua infância humilde, seu trajeto profissional, que se iniciou cedo, aos sete anos de idade e da importância da educação, herança deixada pelos pais segundo o aluno soldado. Jarbas é outro aluno soldado que já havia passado pelo processo de socialização no mundo militar, pois fez parte da marinha por cerca de cinco anos. Outra herança deixada pelo pai segundo Jarbas, é a ‘bebida’. Assim como Júlia, Jarbas também relata sobre o alcoolismo do pai.

Segundo ele, durante sua adolescência seguiu o exemplo do pai e bebia muito, fato que evita fazer agora.

Eu morei quase a vida toda em ‘xxxx’¹⁶ com meus pais, a minha infância foi tranquila, eu trabalhei desde cedo, lá com sete, oito anos já trabalhava, trabalhava mesmo, de servente, de tudo né, pai e mãe pobre, só o pai trabalhava, a mãe era doméstica mas não ganhava nada. Só o que eles deram pra gente mesmo foi o estudo, a minha família é gigante, temo meu pai, minha mãe tem nove irmãos, aí tu já viu né, primo pra tudo quanto é lado. Com dezesseis anos eu inventei que ia entrar pra marinha, aí comecei a estudar, passei no concurso público, me formei na marinha, aqui no estreito em Florianópolis e fui morar no ‘xxxx’, já rodei tudo, morei em tudo quanto é lugar. Depois que eu tava na marinha tive vários namoros assim quase casando e daí de qualquer maneira acabava terminando porque tinha que ir pra outro lugar daí, também não me arrependo de nada disso, daí depois eu enjoei do militarismo, que eu era militar né, só que eu era concursado, eu não era mandado embora, eu fui embora porque eu quis, aí meu tio conseguiu uma vaga pra mim na ‘xxxx’, aí fiz outro curso, passei num concurso também aqui em Florianópolis, fui pra ‘xxxx’, fiquei mais uns cinco anos lá, fiquei cinco anos na Marinha e cinco anos na ‘xxxx’, aí nisso eu comecei, quando eu fui pra ‘xxxx’ eu ajudei minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos, paguei casamento deles, porque daí na ‘xxxx’ eu ganhava muito bem, ganhava cinco mil reais, quatro mil, depende do mês, daí nesse meio tempo meu pai e minha mãe separaram, aí foi um baque né, acostumado a chegar em casa e ter pai e mãe e de repente ter só mãe, aí ficou uma coisa estranha, meu pai não admitia o divórcio, acha que minha mãe traiu ele, mas não foi, foi por causa da bebida, ele bebia, incomodava em casa e eu segui esse exemplo dele né, eu também bebia muito assim quando eu era adolescente, hoje eu evito até beber, quando eu bebo eu perco a linha, eu acho que é até de família esse negócio aí, bebe já puuf, já perde o estribilho, aí eu evito até beber, quando eu posso evito mesmo, mas também quando eu boto o pé na

¹⁶ Para evitar identificação do sujeito, ocultou-se nomes de cidades ou empresas já trabalhadas.

jaca é pra jaca mesmo. Fiquei na ‘xxxx’ um tempo também, aí comecei a enjoar também, cinco anos comecei a pirar, porque daí tu fica um mês fora, um mês aqui, um mês fora, tua vida social fica uma bagunça, aí nesse meio tempo eu me acidentei no navio, perdi a ponta do meu dedo, o pessoal não vê mas eu perdi, perdi aqui oh, aí fiz um implante aqui, aí eu fiz o concurso pra polícia e passei, aí eu assim sabe de uma coisa, vou tentar, porque meu propósito mesmo era ficar na polícia militar, a polícia militar foi mais um degrau que eu utilizei pra sair daquela vida, que eu pretendo passar na polícia rodoviária federal que o concurso é agora em janeiro, aí to me dedicando, tô estudando, mas foi olha... eu esperava a polícia militar bem menos do que eu vejo hoje, quando eu entrei aqui meio que eu não gostava, hoje eu gosto, gosto mesmo, faço porque gosto, mas sou muito decepcionado com muita coisa que acontece aqui dentro, [...] agora vou esperar esses próximos passos aí pra largar na vida (JARBAS).

Ao contrário dos demais entrevistados, Juvenal diz ter tido uma vida com boa condição financeira. Afirma desde criança sempre ter gostado da profissão de policial, no entanto nunca havia se visto na profissão pelo fato da remuneração ser baixa. Discorre sobre sua relação em família, de ter família grande e unida, “desde sempre a família teve essa cultura assim de [...] ser unido”. Relata ainda sobre a trajetória profissional e acadêmica.

Tenho uma irmã cinco anos mais nova que eu, eu tenho 25 anos e morei a minha vida inteira com meus pais, que eram casados, faz uns seis anos que eles separaram, mas sempre tive uma vida numa condição financeira bem boa, não posso reclamar. Desde a infância sempre gostei da profissão de policial, mas nunca me vi na profissão, pela remuneração ser baixa, sempre foi uma remuneração baixa então eu nunca me vi nessa profissão e aí eu segui outros caminhos. Aí eu tinha 20 anos, abriram as portas pra eu montar uma empresa, tinha a vontade de ser empresário, abriram as portas pra eu montar essa empresa [...] era uma época que tinha assim um boom de lan house, aí eu fiz um acordo com o meu patrão pra ele me demitir e me contratar de novo no caso, daí eu peguei o seguro desemprego, o dinheiro que eu consegui tirar dessa oportunidade e abri a

empresa e aí eu abria ela só no período da tarde, abria da uma hora da tarde até as onze horas da noite e trabalhava de manhã no emprego que eu continuava ainda porque pra ter uma renda fixa né, pra conseguir tocar o negócio, aí trabalhava na empresa das seis da manhã ao meio dia e abria a lan house a uma da tarde e ficava da uma até de noite assim, até onze horas da noite e daí quando começou valer a pena abri de manhã, já tinha uma clientela boa, daí eu saí da outra empresa lá e fiquei só com a lan house. [...] minha decisão principal de entrar pra polícia foi uma... eu até tinha uma remuneração bem superior lá, tanto com a lan house quanto com a empresa que eu tinha em outras cidades, só que eu decidi que eu ia fazer uma coisa que eu gostasse, que eu tivesse vontade de fazer e tivesse total satisfação na vida pessoal, não só pela remuneração financeira e como a polícia tava com uma ascensão boa de remuneração financeira e projetos melhores, daí eu peguei e ah vou encarar isso, vou desistir de correr só atrás de dinheiro, dinheiro, dinheiro e fazer uma coisa que eu esteja realmente afim de fazer, aí o primeiro concurso que abriu pra polícia... até a inscrição foi em cima da hora, abriu, já tava quase encerrando, daí eu fiz a inscrição, duas semanas depois era a prova, [...] daí consegui passar e tô hoje aqui, tô bem contente com a profissão, gostando bastante, não sei que rumo seguir dentro ainda [...]. Antes tinha o objetivo claro de seguir numa força especial, ou entrar pra um PPT, ou trabalhar num BOPE, ou trabalhar num choque, gosto bastante de operação, tenho bastante amigos que trabalham nesse seguimento, mas eu abri um leque assim de muitas oportunidades que vários caminhos. Não quero desistir desses, mas tem vários caminhos aqui dentro que dá pra seguir, que eu vi que dá pra tocar e tem umas coisas boas, coisas ruins que a parte de hierarquia é bom mas as vezes tu acaba se deparando com a burocracia e barreiras e coisas que tu não consegue, fica muito atravancado, mas de um modo geral estou gostando bastante, gostando bastante. [...] eu conheci vários amigos que hoje tão na PM, nesse decorrer eu segui um rumo e eles seguiram outro, tem uns quatro ou cinco que tão na PM, só que nunca me despertou isso e daí quando começou a chegar próximo da idade limite de ingresso na polícia, que eu tô com 28, daí eu parei e pensei pô de

repente a hora é agora, a chance é agora, tinha acabado de vim de outra cidade, de repente a chance é agora, o primeiro concurso que abriu pra PM eu fiz... mais o que da infância... não tem muita coisa... família bem grande, família da minha mãe é bem grande, a família do meu pai é pequena, mas a da minha mãe é bem grande, são em sete irmãos, família bem unida, todo ano a gente faz encontro de família, os tios, os primos, todo mundo bem unido, ninguém veio pra essa área militar, eu tenho com a exceção de um tio meu, que é irmão da minha mãe, irmão mais velho dela, que ele é major da aeronáutica, até ficou bem feliz quando soube que eu entrei na PM. [...] sempre fui ligado muito ao esporte também, sempre gostei de praticar esporte, desde que me conheço por gente, terceira, quarta série ali sempre participando de gincana, olimpíada de colégio, de tudo que podia, participava de modalidade voley, basquete, handbol, futebol, corrida, tudo que podia participar... sempre fui muito ligado nisso aí, meu pai me botou na natação bem novo, acho que eu tinha uns sete anos de idade, fiz quase dez anos de natação, foi muito bom pro meu desenvolvimento a parte da natação, aí com uns quatorze anos eu comecei a treinar musculação e a treinar jiu jitsu e depois passei a treinar maithai, aí me identifiquei bastante com essa parte de luta e sinto bastante falta hoje na PM, pelo curso não tô conseguindo fazer nada, nem musculação, nem jiu jitsu, nem maithai, porque as vezes tu acaba se machucando, dá uma torção aqui, alguma coisa ali e daí poderia tá correndo o risco de perder o curso e aí eu tive que abdicar de tudo. Então, pra mim, isso pesou bastante, ter que abrir mão disso durante esse período todo, esses oito meses que a gente tá aí, mas sempre fui ligado a isso, a esses esportes, gosto desse tipo de coisas, de adrenalina, de atividade, tô me identificando em trabalhar na rua no operacional, tô gostando bastante (JUVENAL).

A partir da história de vida dos alunos soldados, foi possível perceber algumas características do processo de socialização primária que ocorreu na infância e por meio do qual os tornaram um membro da sociedade e da socialização secundária, no qual incorporaram saberes específicos de diversos setores da sociedade (BERGER; LUCKMANN, 2012). Ou seja, foi possível perceber a incorporação de determinados

habitus primários e *habitus* secundários (BOURDIEU, 1977; WACQUANT, 2013) dos alunos soldados. Nesses processos de socialização, os indivíduos incorporam certas disposições necessárias para atuarem nas posições (Bourdieu, 1996; 2003; 2004; 2007; 2008) que assumem na sociedade, interiorizando a exterioridade por meio dos processos de interação e posteriormente, exteriorizando nessas relações, a interioridade adquirida. Isto é, nos processos de socialização, os indivíduos formam o *habitus*, que os guiará em suas ações durante sua trajetória de vida. Apesar de ser um sistema de disposições duradouras, o *habitus* não é imutável e o indivíduo, no decorrer de sua trajetória, incorpora novas disposições conforme vai assumindo novas posições.

Na presente pesquisa, foi possível além de observar a socialização no ‘mundo militar’, em que os alunos soldados tiveram que incorporar um *habitus* militar para assumir a nova posição de policial militar, perceber também como os padrões estabelecidos na sociedade possuem força na estruturação do indivíduo. Apesar das particularidades de cada trajetória, de cada indivíduo, notaram-se por meio dos relatos da história de vida dos alunos soldados, certos padrões em seus percursos. A maioria quando questionada para relatar sobre sua história de vida, discorria sobre o capital escolar e profissional, destacando principalmente a educação informal recebida pelos pais. O ‘exemplo’ dado pelos pais, avós, ou outros familiares, era recorrente, ou seja, a herança familiar, herança cultural (BOURDIEU, 2008). Alguns buscavam superar determinadas ‘heranças’, como o alcoolismo, a ausência paterna, a pobreza e a falta de capital escolar, rompendo assim com o "mau elemento" e se identificando com algo que fosse bom. Desta forma, a polícia, em alguns casos, surge como um rompimento do *status* dos grupos primários, pela valorização do estudo e do esforço, marcando a saída da posição social do grupo familiar.

Este padrão pode ser constatado também quando os alunos soldados afirmam ‘tive uma vida normal, dentro do esperado’. Normal de que forma? Esperado por quem? Podemos relacionar esta ‘normalidade’ esperada ao conceito de *habitus*, em que o sujeito após interiorizar e cristalizar as disposições no processo de socialização, age automaticamente, naturalmente, sem se ‘dar conta’ de como ou porque está agindo daquela forma. Resgatamos assim, o conceito de Bourdieu (1980):

Os condicionamentos associados de uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e

transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresse das operações necessárias para atingi-los, objetivamente reguladas e regulares, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizada de um maestro (BOURDIEU, 1980, p. 88-89).

Ou seja, na medida em que os comportamentos e valores aprendidos são considerados óbvios, naturais, quase instintivos, a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar-se explicitamente das regras que é preciso observar para agir (BONNEWITZ, 2003). Os aspectos relatados também remetem à perspectiva das situações do cotidiano, da vida diária, que são socialmente construídos (BERGER E LUCKMANN, 2012).

Por meio do quadro a seguir, é possível identificar os principais elementos relatados pelos alunos soldados no que diz respeito a sua historicidade:

Principais elementos observados na trajetória dos alunos soldados
Percurso escolar
Percurso profissional
Família humilde
Relacionamentos familiares
Baixa escolaridade dos pais e avôs (Capital escolar)
Importância da educação formal e informal
Sonho de infância de ser militar
Processos de socialização militar anteriores
Distinções de gênero
Heranças cultural e familiar
Busca de estabilidade financeira por meio de concurso público
Fascínio pelo ‘mundo militar’
Alcoolismo
Ausência paterna

Quadro 5: Elementos da trajetória dos alunos soldados

Quando questionados sobre **como era a vida antes de ingressar na PM**, a maioria que ainda não havia passado pelo processo de socialização militar em outro órgão, afirmou ser bem diferente. Os alunos soldados enfatizam principalmente aspectos relacionados à hierarquia e disciplina, pilares no meio militar, conforme destaca Castro (2004). No entanto, os alunos soldados que já haviam feito parte de outro órgão militar, mostravam-se já ambientados a estas disposições. Elias destaca a rigidez e a hierarquia do mundo militar, alegando ter mudado totalmente sua vida.

Antes de entrar na PM eu tinha um serviço, um emprego que era de segunda a sexta, como todo mundo, normal [...]. A princípio mudou totalmente a minha vida porque o regime militar ele é rígido, ele é bem... tem hierarquias como tem na empresa privada, mas na empresa privada se você quiser sair amanhã, você sai né, é diferente da vida militar né... a vida militar é bastante rígido, você paga com a liberdade... você é preso ou cumpre uma medida sancionada, então... é bem complicado... (ELIAS).

Novamente a normalidade da ação é percebida no seu discurso quando diz que tinha um emprego normal de segunda a sexta como todo mundo, o que demonstra a vida diária comum, conforme preceitos sociais tradicionais.

Célio destaca que seu cotidiano mudou, principalmente pela falta de tempo em função de sua rotina diária no Curso de Formação e pela nova postura que precisou assumir.

Olha era bem diferente de agora... agora, claro a gente tá nessa rotina do curso né, a vida é casa, academia [Centro de Ensino], academia casa né. Eu um monte de coisas que eu fazia eu já não faço com tanta frequência. Eu ia muito pra shopping, adorava shopping, saía sempre que podia, vivia saindo e tal, um barzinho, uma balada, depois que eu ingressei na polícia, até pela correria aqui do curso, tu é puxado, são doze horas de curso, no final do dia tu tá cansadão, tu quer mais é ir pra casa, descansar, final de semana mesma coisa, tu não quer nem sair, quer ficar em casa dormindo, porque tu acorda muito cedo, mora longe, tem que acordar cedo, mas eu saía bastante, hoje... agora no final de curso até tenho saído mas moderadamente. E depois que tu entra na polícia tu muda todos os teus hábitos... tu muda

muita coisa de ti... eu sempre fui uma pessoa calma, bem família, depois que eu ingressei eu... dobrei tudo o que eu fazia antes, eu polício muito, porque tu tem que ter uma outra postura né, aí as vezes tu tem conhecidos agora que já sabem que tu é policial militar e as vezes te apontam na rua, 'ah aquele lá é um policial militar e tal'. Questão de trânsito, quando tu tá dirigindo, se tu tá falando no celular, tua postura as vezes é outra, eu venho de ônibus, eu uso o transporte público, tô sempre fardado, a tua postura dentro do ônibus, tem tudo isso né, mudou-se muita coisa, muita coisa mesmo, não diria que nem pra mal, nem pra ruim assim né, dentro do padrão né, como diz o Tenente é dentro do padrão, nem pra mais nem pra menos... (CÉLIO).

É possível observar que a socialização como policial implica em interações e inserção em novos grupos secundários. Além disso, novas disposições implicaram em impacto considerável em relação às anteriores, de civil para militar.

Alcides relata que estava infeliz, pois não estava conseguindo alcançar seus objetivos profissionais, optando então por mudar de cidade. No entanto, esta mudança acarretou também um desconforto por optar estar longe da família, o que diz ter sido diminuído por já ter passado por essa experiência anteriormente quando foi fazer faculdade em outra cidade e morava na casa de estudantes.

[...] ultimamente eu tava meio... não conturbado, tava meio... meio.... não tava tão feliz porque não tava conseguindo meus objetivos da carreira né, que eu pautei nos últimos anos da minha vida, fui estudar fazendo contabilidade, fiz cinco anos de faculdade, então né eu queria ter um sucesso maior na minha carreira, o que não tá acontecendo, não tava tão feliz com a carreira... seria essa parte [...] profissional, principalmente... a parte profissional não tava tão feliz, ah de familiar assim a parte mais amplo não tem nem assim o que reclamar sabe, cada um tem seus problemas, mas não tem nada de anormal vamos dizer assim, mas no geral é mais na parte profissional mesmo que assim não tava muito boa, não tava tão feliz... e daí após também um pouquinho que afeta a parte familiar é porque eu quis, eu quis, eu, eu mesmo quis sair de casa pra buscar oportunidades melhores, mas daí tu se afastar da família tu sente um pouco, então tu sente essa coisa de tá afastado da

família né, mas não é o caso de tá de mal com a família, eu sentia eu querer ter me afastado, ter feito a escolha né de sair de perto da família, senti um pouco também né essa parte familiar, sinto até hoje porque eu não me estabilizei, eu não tô bem estabilizado, então eu ainda sou um pouco dependente da família.... a família ficou toda lá, eu tô sozinho né, então aí ainda sinto uma dificuldade de morar sozinho, consigo assimilar um pouco melhor por já ter morado em casa de estudante já... um pouquinho assim já tinha sentido, hoje eu não sinto tanta... aprendi a me amenizar essa saída né, mas não vou dizer que não sinto totalmente, sinto até hoje... (ALCIDES).

Percebe-se assim, com este relato, que o fato de já ter passado anteriormente pela experiência de estar longe de casa amenizou o que estava passando atualmente no novo processo de socialização. Isso demonstra que situações vivenciadas anteriormente, auxiliam em novos processos de socialização (STRAUSS, 1999). As situações cotidianas tendem a gerar menor grau de ansiedade e insegurança e fazer com que as interações ocorram mais continuamente na formação identitária.

Amarildo traz aspectos relacionados a sua profissão anterior, quanto a responsabilidade que tinha e que assumir esta responsabilidade por três anos o ajudou a amadurecer.

[...] hoje eu tenho 24 anos, comecei a trabalhar com refrigeração com vinte e eu já tinha assumido uma responsabilidade bem grande, porque eu era chefe da equipe, então eu viajava pelo Estado pra prestar manutenção em empresas grandes. [...] antes eu tava lá, com um cara de trinta anos, dormindo no mesmo hotel comigo e tinha que cuidar do cara como se o cara fosse um filho meu, porque a responsabilidade do cara era toda minha, tinha que dar comida, tinha que fazer todo o esquema durante a semana e assumi essa responsabilidade durante três anos, acho que isso ajudou crescer bastante como pessoa, porque eu sempre fui muito brincalhão, muito criança, acho que foi bem legal. A partir do momento lá que eu passei pra PM eu não consegui fazer outra coisa não tem... eu foquei naquilo, pô, imagina, passei pra PM cara.... já tive primo que fez e não aguentou o curso, saiu, na época que o curso era mais brabo e pô, tá todo mundo legal assim se encaminhando na família me faz sentir na obrigação né, tenho que tomar um

rumo também e outra coisa também, não queria aquilo pra minha vida né, pô trabalhava um monte, as vezes o cara não era valorizado no ramo que eu trabalhava, é complicado... assim, aqui tu chega, tu tem um plano de carreira, hoje tá bem melhor o plano de carreira e acredito que eu vou ficar, vou gostar bastante, só que se o cara vê que não dá liga, o cara tenta outra coisa também né, faz outro concurso, é isso aí... (AMARILDO).

Para Gerson a vida antes de ingressar na PM era monótona, principalmente na área profissional. Apesar de procurar em diversos locais, não conseguia encontrar um sentido nas profissões que buscava, pois não se identificava.

Antes de ingressar para PM era chato, monótona, não tinha vontade de fazer as coisas que eu fazia, fazia por obrigação, história de emprego principalmente né. Depois de sair do fórum, fiquei procurando várias coisas até achar alguma coisa pra fazer, mas nada, nada dava vontade de fazer... nada era o que eu queria (GERSON).

Félix faz uma distinção entre a ‘vida civil’ e a ‘vida militar’. Para o aluno soldado a vida civil possibilita fazer coisas que a vida militar não permite. Segundo Castro (2004, p.54) “a distinção entre militares e paisanos é o passo primordial, instaurador, do espírito militar”.

A minha vida antes de entrar na polícia era... assim, fazia festa todo final de semana, não que eu não faça, mas eu me dedico mais ao curso, mas eu procurava jogar sempre futebol, ía na casa de muita gente, tinha uma vida, vamos dizer, não melhor, mas sem muito preocupação, que a vida civil te dá esse privilégio, na vida militar já não te dá tanta liberdade... mas assim oh, eu procurei isso então é isso que eu tô dedicado, me adaptei muito bem, óbvio que algumas coisas a gente pode fazer tranquilamente, fazer festa, beber a nossa cerveja, mas sem exagerar na dose [...] (FÉLIX).

Cristian afirma que antes de ingressar na PM seu trabalho era bom e ganhava mais, no entanto não tinha a estabilidade que a polícia proporciona. Com isso, deixou de lado algo que gostava de fazer e que lhe rendia um salário maior, em troca da estabilidade financeira. No

entanto, afirma que pretende dentro da polícia, por meio da atuação no canil, algo que possa aliar o seu prazer e vocação em trabalhar com animais a nova profissão.

Eu era adestrador, não tinha horário, acordava a hora que eu queria, era bom, o que me fez bem dizer entrar pra polícia foi a estabilidade né, isso aí foi o que eu mais pensei. Eu como adestrador eu não trabalhava em dia de chuva, porque eu trabalhava sempre na rua né, tinha que ser quintal ou na rua, aí dia que tava chovendo eu desligava o despertador e voltava a dormir. Como trabalho era ótimo, eu ganhava por baixo pelo menos uns mil reais a mais do que eu ganho aqui por mês, ganhava uns três mil, dois e meio, três mil, três e meio, dependendo do mês. Era bom pra caramba mas não tinha estabilidade nenhuma né, não tinha férias, não tinha décimo terceiro. [...] eu tava sempre de moto, fazendo horário, muito rápido de um lado pro outro, daqui a pouco se eu me acidentasse alguma coisa, eu contribuía com dois salários mínimos, aí ganhava oitocentos pila por mês, aí eu comecei a ver que vale mais tá aqui, espero né... e eu a princípio não gostava não... fiz por fazer... já entrei meio que desconfiado, mas tô gostando bastante, pretendo ficar bastante tempo... (CRISTIAN).

Haroldo relata além de algumas diferenças no seu cotidiano após a entrada na polícia, aspectos relacionados a sua aparência física, demonstrando assim a ligação entre a função assumida e o corpo, em que o *habitus* incorporado é refletido no próprio corpo.

Eu nunca gostei de levantar cedo, acho que assim como eu e 80% da população mundial, 90% da população mundial odeia levantar cedo, principalmente quando tá frio... mas é que eu já me acostumei sabe... já me acostumei. Tipo eu já não consigo me ver de barba, não consigo, esses dias eu tava olhando, esses dias eu fiquei o final de semana e fiquei três dias sem fazer barba, no quarto dia eu me olhei assim meu Deus do céu eu era um trombadinha. Sabe assim, eu dizia que cabelo grande, daí todo mundo 'que cabelo Haroldo, que cabelo, tu nem cabelo tem'. Daí na aparência também tu começa a cuidar, tu começa a cuidar muito da aparência. Eu agora, como eu moro

sozinho, o que é complicado pra mim também, eu tenho que chegar, tenho que lavar roupa, tenho que limpar casa, eu não faço comida por causa que eu não tenho gás, porque eu gosto muito de cozinhar, comia e ia dormir, depois o dia passava o dia inteiro sabe... daí eu comecei a engordar, daí eu disse não... daí quando eu me mudei pra cá, não vou comprar gás, que daí eu sou obrigada a não comer, daí eu faço um sanduiche natural todas as noites e como, mas a parte física eu nunca me importei muito com a parte física também sabe, daí eu hoje eu danço com um pessoal, lá esses dias eu tava até vendo assim, danço com uns guri novo sabe, gurizada nova, tudo sedentário sabe, uns cara relaxado, eu digo não, não, não, não... e basicamente é isso assim que mudou na minha rotina... compromisso... hoje sou um cara que tem muito mais compromisso, compromissado, com medo de se atrasar, antes eu não me importava, inventava uma desculpa e pronto, agora uma desculpa só não cola mais, a desculpa vem junto com um PAD [risos]... e é basicamente isso (HAROLDO).

Jardel enfatiza o relacionamento entre colegas e demonstra como atualmente é diferente de onde morava.

Eu era um cara muito humilde lá no interior.... tinha bastante amigos e a humildade foi uma coisa assim que me tirou bastante aqui... lá tu queria ver um colega tu ia lá na casa dele, você queria ver alguém tu ia passear lá na casa dele... aqui não... tu quer conversar com alguém tu pega o celular, liga ou vai no MSN ou no facebook, você não se visita... então essa aproximação com as pessoas eu me afastei um pouco. E aprendi muito né, que a polícia me ensinou uma coisa, que amigo, aqui eu tô pra fazer um curso não tô pra fazer amizade... eu cheguei aqui pra fazer amizade, depois eu vi que eu tinha que fazer um curso e amigo é o pai, a mãe, a família e mais ninguém... porque o dia que tu precisar teus colegas não te ajudam, o dia que tu precisar a polícia não vai te ajuda, entre aspas... entre os colegas assim se ajudam né, mas futuramente não... (JARDEL).

Celso conta sobre sua vida militar antes de entrar para polícia. Era oficial do exército e por já ter passado anteriormente por este

processo de socialização, sendo inclusive instrutor, a linguagem e os comportamentos para ele já eram naturalizados. Celso discorre ainda sobre algumas diferenças em questões de formação no que tange ao exército e a polícia militar.

Eu como era oficial, eu trabalhava na formação de soldado né, do exército, então no longo desses quase sete anos que eu fiquei no exército, formei bastante soldados, dava instrução pra oficiais, sargentos do CAS, sargentos que estavam na escola de sargentos, pra cabo, curso de cabo, tudo a gente dava instrução pra formação e qualificação deles também. E a vida nessa parte militar também é diferente um pouco daqui porque tem muita parte administrativa né, aqui o soldado, agora na atual que a gente tá como soldado, é mais execução e lá quando eu tava de oficial tem muito mais parte de execução e burocracia né, mais a parte administrativa, então é isso... [e a formação lá é muito diferente da daqui?] A formação de lá é bem diferente, a formação de lá é... aqui é muito sala de aula né, lá é o tempo todo assim oh, na grama, todo mundo senta no chão, sabe, aqui ninguém nunca sentou no chão né, nunca foi mandado sentar, assim todo mundo sentado, daí todo mundo senta no chão... então lá já é mais, não é sugado, mas é mais, como é que eu vou dizer, mais parte física mesmo né... o pessoal pega, rala mais e bem mais rígido, mais cobrado questão de hierarquia e disciplina né, muito mais, questão de fardamento também, é muito mais cobrado... não que aqui não seja, aqui é também, só que é mais tranquilo, pela idade também, que aqui a maioria tem em média 25 anos né, 24, 25... lá não... lá todo mundo como é serviço militar obrigatório entra com 18, então é mais gurizada e pra poder moldar essa gurizada é segurando mesmo né, é por isso que é bem mais rígido (CELSO).

Diferentemente dos outros alunos soldados, Júlia acredita não ter mudado o seu comportamento e assevera que o fato da irmã também ser policial tornava-a familiarizada com o processo, retirando todo um possível glamour, mito, por trás da profissão.

Eu não mudei, eu prezei em não mudar o meu comportamento, os meus amigos são os mesmos a mais de dez anos, tenho cinco amigos assim que

entendeu... eu saio, eu me divirto, eu me comporto da mesma maneira, as mesmas roupas que eu usava antes eu uso né... ah, entrou na PM tu tem que manter um certo porte, não.... se eu quero usar um vestido curto eu vou usar, eu não, não mudei, assim de personalidade assim e de comportamento, da maneira como eu conduzo as minhas atitudes assim não mudou nada, nada... eu, mudou a paciência... eu tive que ter mais paciência aqui dentro, embora eu tenha pouca, antes eu não tinha nenhuma, entendeu... então o pouco que eu tive ajudou a passar esses nove meses aqui... deveria ter tido mais, talvez... mais paciência... porque homem é foda... homem... o problema do mundo não é a mulher, é o homem... [risos] o pelotão é, o pelotão é bom, é bom [risos].... mas assim, eu não mudei nada, nada, na minha casa, essa história de arma pô de boa, a única coisa que eu faço é que ao invés de uma volta na chave eu dou duas se a arma tá dentro de casa né, mas de comportamento, não mudou nada, tem gente que cresce, o peito infla e tal, eu não... bem tranquilo... pra mim ajudou muito porque a minha irmã já era policial, então eu sei que não existe glamour nenhum entendeu... todo mundo ‘ah, ele é polícia’, não existe... tá aqui pra trabalhar véio, entendeu, é, deu, fechou... (JÚLIA).

Jarbas relata sobre sua rotina profissional e como seu dia a dia influenciava inclusive aspectos físicos, como por exemplo relacionados ao sono ou apetite.

Antes de entrar na PM eu tava na [xxxx], que era assim eu ficava um mês isolado do mundo, um mês viajando com 15 pessoas. A gente era navio que apoiava a plataforma, a gente levava mantimento, combustível, comida, aí eu trabalhava doze horas virada, trabalhava da meia noite ao meio dia, daí do meio dia as duas ali eu comia, via uma televisão, um jornal, ia pro meu camarote, via um filme até umas três horas, quatro horas eu ia dormir, só o outro dia e isso direto. No final de semana tinha combate a incêndio, exercício, eles fazem exercício né, tem natação, várias coisas boas assim e quando chegava em casa, parecia que tava conhecendo o planeta terra, queria abraçar tudo, não dormia direito também, porque daí tava acostumado a virar a noite, eu trabalhava de meia noite a meio dia, então a noite pra

mim não tinha hora, eu sempre acordei meio dia e ficava até as cinco da manhã acordado, aí eu aproveitava a família, viajava, passeava, todo final de semana viajava, só isso, nada assim muito específico (JARBAS).

Percebe-se pelos relatos dos alunos soldados quando questionados sobre sua trajetória de vida, que os mesmos discorrem em grande maioria sobre seu percurso acadêmico e profissional, processos característicos da socialização secundária segundo Berger e Luckmann (2012) e demonstram diferenças consideráveis para o novo processo de socialização que estão passando, ou seja, na passagem do mundo civil para o mundo militar. Constatou-se que os alunos soldados que não tiveram contatos anteriores com o ‘mundo militar’, ou não haviam passado por processos de socialização secundários similares, demonstraram distanciamento do cotidiano militar, da vida diária (BERGER E LUCKMAN, 2012), estranhamento ao campo e significados ainda não compartilhados. Ou seja, este ‘mundo’ não os era familiar (STRAUSS, 1999). Isto demonstra um *habitus* não consolidado ainda em termos de posições no campo. Já para os que já tinham contato e familiaridade (STRAUSS, 1999) com o campo (BOURDIEU, 2008), observou-se uma aproximação com o *habitus* de militar. Para quem afirma que não mudou nada, pode-se constatar negação da diferença.

Quando questionados sobre **as motivações que levaram à escolha da carreira**, apesar das particularidades de cada um, observaram-se diversos relatos relacionados ao desejo desde criança de seguir a carreira militar, a estabilidade financeira proporcionada pela carreira e a influência de algum parente ou amigo já envolvido no meio.

Elias relata já viver no meio militar por ser bombeiro comunitário. Outro fato marcante que de certa forma o motivou a escolha da carreira militar, foi seu pai ter sido morto em um assalto enquanto trabalhava. Para ele fazer parte do mundo militar é poder evitar que outras pessoas passem pela dor e sofrimento que eles passaram.

Bom como eu falei eu sou bombeiro comunitário e lá, já vivia no meio militar, [...] é um conhecimento a mais, principalmente na minha área que eu trabalho com turista, é um esporte de aventura, então pode acontecer algum problema e eu ter o conhecimento pra poder ajudar aquela pessoa... então fiz bombeiro comunitário pra me capacitar né, principalmente na minha função que eu exerço final de semana, ou até

no próprio dia a dia, em casa... mas por ser voluntário não é reconhecido 100%... você é reconhecido pela sociedade mas no meio, na instituição aonde você tá, tu não é tão bem reconhecido assim... então eu optei por fazer qualquer concurso direcionado pro meio militar... ou seja bombeiro, ou seja polícia militar... eu disse vou fazer mais por profissionalizar mesmo [E os aspectos que tu comentasse em relação ao teu pai, do assalto, o que isso te motivou?] Sim, é... o que me motivou mais foi a questão de, não de impunidade, porque os autores foram presos, estão cumprindo pena, mas a dor da perda, a dor que a gente teve. Como ele trabalhava de motorista, a gente esperava qualquer problema, não que esperava, mas lá no íntimo do inconsciente a gente já tinha aquele, ah, vai ser alguma coisa voltada a trânsito né... porque dirigir uma carreta, dirigir, tu não sabe o que vem no contrário, uma coisa assim... então a gente esperava no íntimo da gente pode acontecer um acidente, alguma coisa assim, mas não de um assalto né... assim, tem esse risco mas não de ser morto, alvejado, por exemplo... então isso que... não que me fez a seguir essa carreira, mas a questão de poder evitar a fazer com que outras famílias não passem pelo o que a gente passou... (ELIAS).

Para Célio, Alcides e Amarildo, a carreira de policial militar nunca foi um sonho. Célio destaca a segurança financeira, estabilidade de ser funcionário público e diz nunca ter pensado em entrar para polícia, tendo feito a inscrição par ao concurso no último dia.

Eu fiz a inscrição do concurso no último dia, foi até por uma ordem bancária, fui lá e fiz, porque eu tava assim me amarrando, porque foi oitenta reais a inscrição e eu ainda tinha o concurso do TJ pra fazer, aí assim, ah vou fazer... aí oh mãe, vou fazer o concurso da polícia, daí pensei, se eu for chamado, vou encarar até pela segurança né, tem tudo isso, final do mês tu tem o teu dinheiro certo, é uma atividade de risco, como a gente bem sabe, só que dentro da polícia militar tem vários ramos, [...] mas nunca tinha pensado em entrar na polícia militar, é aquela coisa, Deus escreve certo por linhas tortas, então é aqui que eu vou ficar e vou abraçar aí a corporação né .

Alcides é outro aluno soldado que destaca a estabilidade profissional e financeira. Realça também a importância de gostar de trabalhar com pessoas para ser policial militar.

a estabilidade profissional mesmo, não foi com tanto entusiasmo, ah vou pra polícia, vou ser policial... não... eu tenho uma tendência assim de trabalhar com a sociedade sabe, ajudar a sociedade, não tô aqui exclusivamente só pelo dinheiro, só pela estabilidade... eu não cheguei e disse ah vou pra polícia, porque abriu concurso, tão pagando tanto então eu vou pra lá... analisei um pouco também, será que eu tenho perfil de ser policial, não é querer ser policial e já não gosta de trabalhar com pessoas, eu consigo me relacionar com pessoas legal, eu gosto de trabalhar com pessoas.... eu aprendi bastante isso morando em casa de estudante também, a ter essa convivência, a conhecer as pessoas, um bom conhecimento, uma carga boa, um grande gerenciamento, relação com pessoas [...] então o norte que eu escolhi foi profissional mesmo, mas analisei antes de entrar, não foi só ah tenho que prestar algum concurso, tem concurso da polícia, vou fazer o concurso... pensei bem, me inscrevi no último dia do concurso, será que eu quero ser polícia, será que é isso? Falei com um amigo... será que... e ele disse ‘ta aí, tenta cara’ ... eu tinha mais ou menos uma noção do que era a polícia.... foi puramente uma aventura, vou e pronto, vamo ver no que vai dá... (ALCIDES).

Amarildo expõe que sua motivação foi a noiva, por já fazer parte da carreira militar como bombeiro. Alega que sempre gostou da profissão mas que nunca foi um sonho seguir essa área.

olha a motivação primeiro foi a noiva né, porque já era militar... ela até queria que eu fizesse pro bombeiro militar, mas como água pra mim não dá, então pô fui tentar a PM, como já tinha tentado anteriormente, eu acho que assim, eu passei mais acho que na sorte, não acreditava que iria dar certo, eu acho sorte mesmo, fiz e passei. [mas nunca tinha tido o sonho de ser polícia?] ah não... tem gente ali que diz ‘ah, minha vida toda eu quis ser policial’.... não... não tive... achava legal, sempre.... só que

nunca tive o sonho ah vou ser polícia, isso aí eu nunca tive (AMARILDO).

Juvenal coloca a possibilidade de conciliar o gosto pelo esporte e pela emoção com a profissão. Outro fator demarcado diz respeito a ver o policial militar como alguém que é referência para pessoas em situações de perigo ou medo.

Pô várias vezes eu fico me perguntando o que me motivou... sempre quando tu te depara em qualquer situação de sei lá, de medo, de teu limite extremo como profissão de bombeiro também, como profissão de salvar vida, sempre tem alguém que tu usa como referência e eu achava legal ter essa pessoa como referência, que a gente vai procurar ajuda, vai procurar apoio, o policial militar... e isso foi uma das coisas que eu falei pô cara, adoro treinar, adoro ter atividade, adoro fazer operação, adoro adrenalina, adoro tá ajudando os outros, então acho que era uma profissão que eu conseguia tá conciliando tudo isso, porque eu como empresário ficava no escritório praticamente o dia inteiro, então era difícil treinar, era difícil um monte de coisas [...] daí eu fiquei pensando, pô eu pago pra trabalhar, pago pra fazer jiu jitsu, pago pra fazer musculação, pago academia, teria tudo isso de graça e ainda gostando disso e poderia tá revertendo isso pra sociedade, pra mim, pra minha família (JUVENAL).

Gerson destaca o fato de não gostar de bandido como uma das motivações e a experiência anterior no qual lidava com armas. Salienta também que quando criança brincava de polícia e ladrão e sempre era o policial, já tendo essa vontade, que se intensificou, no entanto, na adolescência.

[...] não gostar de bandido [risos]... e por esse emprego que eu tive aí que eu vi que dava pra fazer alguma coisa né e por gostar de arma, sempre gostei, trabalhei também antes com isso, com equipamentos de segurança, parte de tensão, igual você disse, gosto de adrenalina. [E tu já tinha pensando em ser policial antes quando era criança?] a gente brincava sempre de polícia e ladrão, coisinha assim... sempre eu era polícia. [Mas já imaginava ah quando eu crescer quero ser polícia, ou não?] já tive vontade de ser, porque sempre que via polícia gostava, o cara com a

viatura, o pessoal andando, achava legal aquilo, mas vontade, vontade assim não tinha, foi mais depois de adolescência né... eu tinha respeito pela profissão, eu gostava daquilo ali e queria ter esse respeito que eu tinha por eles, foi mais ou menos isso, foi mais quando eu já tava mais grandinho mesmo... (GERSON).

Félix além de destacar a questão financeira e estabilidade como funcionário público, afirma como sua maior motivação para a profissão a possibilidade de ajudar a população.

As principais motivações pra mim foi a saúde financeira, pode não ser um belo salário assim mas é uma estabilidade que a gente adquire como funcionário público, poder proporcionar uma carreira que no mercado de trabalho tava sendo muito difícil, trabalhava na minha empresa anterior pra ganhar oitocentos reais por mês, mal dava para sustentar eu e minha mulher e a maior motivação mesmo é poder tá dando todo apoio a população, podendo tá criando amizades em policiamento comunitário, tá conhecendo outros caminhos, outras cidades que a gente não conhece e nessas missões que geralmente policial militar é estabelecido à ele a ordem, ah vai lá por exemplo no morro do Baú, tu vai, com o risco da própria vida salvar as pessoas e isso pra mim é gratificante... tá podendo ajudar os outros... isso que me motiva tá aqui... [mas de pequeno tu já tinha essa vontade também?] já tive essa vontade... desde criança sempre quis ajudar os outros, nunca vê os outros por baixo de mim, por mais que meu pai tinha condições melhor pra me dar um pouco mais de, vamos dizer de comodidade, eu procurava sempre ajudar o outro (FÉLIX).

Nota-se que já traz inculcado (BOURDIEU, 2007; 2008) em seu discurso, aspectos relacionados à vida diária (BERGER E LUCKMANN, 2012) do policial militar, quando fala em ir a uma missão, um trecho do juramento que será proferido no dia de sua formatura que o consagrará policial militar.

Cristian afirma ter sido a influência de um amigo policial militar sua maior motivação. No entanto, diz nunca ter gostado de polícia, opinião que mudou depois de sua entrada para instituição. Mesmo nunca

tendo gostado de polícia, por meio de muita insistência do amigo, fez o concurso.

O principal que me fez escolher a polícia foi um amigo meu... eu não gostava, eu nunca gostei da polícia, nunca, nunca fiz nada de ilegal, mas eu sempre achava policial muito soberano, muito nariz empinado e aqui dentro a gente tem outra visão né, mas esse meu amigo ele é policial também, ele que meio que começou a falar ‘vai faz, faz, faz, faz’ e eu ah, não vou, não vou, não vou e ele fez eu acho que uns quatro concursos pra entrar, no quarto ele entrou e aí ele ‘faz, faz’.... e aí a minha mulher ainda ela não queria, de jeito nenhum, ‘ah é perigoso, não, não, não’... e aí meu amigo começou a falar ‘ah Cris faz, pô, tem estabilidade, é legal’. Aí eu ah vou fazer só pra ver e aí fiz, passei, aí fiz a quiz, fiz o teste físico, fui passando, passando e tô aí... agora pretendo o próximo fazer pra oficial né, já que tô aqui, já que tenho direito, vamos ver no que dá, já que eu passei, já que eu entrei (CRISTIAN).

Ian por sua vez, diz ser um sonho de criança ser militar, fato este influenciado pelo escotismo, no qual muitos dos instrutores eram militares. Relata ter perdido a oportunidade de entrar para o ‘mundo militar’ mais cedo, pois era do interior e não conhecia o ambiente no qual estava tentando entrar. A não familiaridade (Strauss, 1999) o impediu de ter realizado este sonho mais cedo.

É um sonho de criança, acredito que eu comecei esse sonho devido ao escotismo em si, porque na época os instrutores lá, os chefes né na verdade, a maioria eram pessoas militares e eu via naquela disciplina deles e gostei, me identifiquei, tanto é que eu fiquei muito tempo no escotismo, eu sempre quis realmente ser militar, só que ao invés de seguir a carreira militar na época, que lá na minha cidade tinha uma boa oportunidade pra isso, que era a base aérea, mas como eu era bem do interior, eu não tinha noção nenhuma do que acontecia, então lá na seleção mesmo, a orientação deles era pra tirar os indecisos. Eu não sabia quanto que ganhava, como é que era, eu achava que ficava lá um ano correndo, marchando e gritando e na verdade não era assim, os meninos tinham oportunidade de ficar lá um ano, mais ou menos dessa forma, tinham rendimento e depois eles

ficavam mais sete anos na corporação ganhando um rendimento, que hoje é em torno de 1200 reais e a partir do momento que eu perguntei essas informações pro médico lá entrevistador, ele virou pra mim e falou ‘mas você não vai fazer vestibular?’ eu falei vou, ele falou ‘pois é mas e aí, você vai deixar o vestibular?’ mas justamente era intencional, pra poder tirar os indecisos né e eu deixei essa oportunidade passar, acabei me ingressando na faculdade e fui tocando a minha vida (IAN).

Haroldo relata que além do respeito, um dos principais motivos de sua entrada para PM foi a vontade da namorada, que não pode ser concretizada. No entanto, após entrar para o CFSd, em função do deslumbre pela vida em Florianópolis acabou se afastando, segundo ele, “de um dos principais motivos que me levou a seguir a carreira militar”. Tudo o que passou durante o curso, fe-lo também valorizar mais a presença da família. Além disso, aborda aspectos relacionados à estabilidade.

O respeito e eu não vou te mentir também sabe assim oh, eu tinha uma guria que eu fui muito apaixonado, muito apaixonado, a gente namorou quatro anos, até eu entrar no curso a gente namorou, eu entrei no curso muito por causa dela, a gente ia noivar. Ela sempre apoiou, eu não tava trabalhando sabe e daí ela me ajudava a estudar, pra mim passar. Antes a gente ia noivar sabe, dia 17 de agosto a gente ia noivar, uma semana depois da formatura e ela me pediu sabe... ela disse ‘oh tu é o cara que eu amo, tu é a pessoa que eu mais amo no mundo e vendo tu poder seguir a carreira que eu...’ porque ela não pode fazer, ela tem problemas físicos, problemas de saúde que não... e ela sempre teve o sonho de ser e ela sempre amou essa profissão, daí eu digo eu vou fazer isso por nós... daí eu passei e hoje eu fui uma pessoa muito ingrata com ela... fui mesmo sabe. Acho que a ingratidão é o principal porque depois que eu vim pra cá eu me foquei muito no meu curso e ela lá sabe, sempre achando que a gente ia ficar junto e daí eu peguei e fui esquecendo dela, fui deixando ela de lado e ela percebeu isso, enfim, hoje eu tô aqui né, graças a Deus tô a uma semana de me formar. [...] mas o respeito sabe assim que tu vê na pessoa por um policial, não aqui, eu falo da minha cidade, do interior, aqui o bagaceira te dá um tapa na cara se ele

puder sabe, lá não pô, lá o pessoal respeita, oh vou chamar a polícia, meu Deus param tudo o que tá fazendo sabe, o respeito, sabe assim tu vê as pessoas mais cheias do mundo, eles passam, eles cumprimentam, todo mundo tem uma certa admiração pela carreira militar sabe, minha cidade é uma terra de quartéis, tem muitos quartéis lá, só que são quartéis do exército, porque lá passa o comando militar do sul... [...] eu sempre quis fazer parte desse mundo militar sabe, porque eu via assim sabe e é mais a estabilidade [...] os cara eles tem um respeito pela farda deles e todo mundo respeita a farda deles né.. oh pode ser a maior briga que tiver cara, se chegar um PM fardado já para sabe [...] e tirando esse respeito, essa pessoa também foi uma das minhas grandes motivações, porque eu era perdidamente apaixonado por ela e sempre quis fazer tudo pra que ela fosse... se orgulhasse sabe... e a gente sempre teve junto e depois que eu entrei pra cá eu não sei sabe (HAROLDO).

Jardel relata o desejo de ser militar desde criança, quando tinha oito anos de idade e teve contato direto no seu dia a dia com militares do exército. O vestir a farda, o coturno, segurar o fuzil e estar entre eles, despertava a sua vontade de seguir a mesma carreira. Retrata ainda, que sempre procurava fazer amizades com policiais, que o levavam para passear constantemente de viatura. Este contato criou uma familiaridade (STRAUSS, 1999) com o mundo militar, despertando seu interesse pela área.

Lá onde eu morava é fronteira, tem muito mato lá... então o exército ...vinham fazer exercício direto lá, então aquilo desde de pequeno já né... e teve uma coisa que me pegou a vontade assim de ficar no exército é que uma vez o exército tava fazendo um exercício ali de fronteira, ajuntaram dois quartel e fizeram um exercício de guerra... então se dividiam e saíam, se escondiam no meio do mato... eles tinham 60 dia... era uma sobrevivência... eles iam sem comida, lá eles tinham que se virar cara... então eles ficaram mais na proximidade da minha região, tem bastante muro ali né e eles se esconderam. O jipe, chegaram lá no pai de madrugada, conversaram com o pai, que não era pro pai se assustar, que era simplesmente um exercício né e eles iam se esconder ali.... aí de noite veio um milico ali e aquilo começou

a me incentivar né... fuzil na mão, aquele mochilão, e ele falou 'oh, a gente vai pagar a comida pra vocês, só que a gente queria que vocês cozinhassem pra nós pra gente não fazer fogo ali'... ai acertaram com o pai ali, deram um monte de coisas pro pai, deram uma cobertura pro pai, deram uma mochila pro pai, deram aquelas comidas em conserva que eles tinham né e aquilo pra nós era uma novidade... lógico, aquilo ali não sustenta ninguém, mas eles preferiam comer um arroz... era todo dia no começo da noite era pra levar isso pra eles... daí eles mandaram ir um pouquinho pra frente da casa do pai numa estrada de chão, quando chegasse numa árvore, era pra assobiar, eu cheguei naquela árvore e assim que eu seguia viagem pelo meio do mato e eu fui com muito medo né e chegava lá naquela árvore e eu assoviava... todo dia 6 hora da tarde... dali um pouquinho eu não sabia da onde ele saía... saía do meio do mato e vinha e pegava a comida, levava e no outro dia denovo,... passou uma, duas semana e eu ficava.... aquilo ali pra mim, nossa... então aquilo pra mim... eu botava o coturno deles, vestia a roupa deles, pegava os fuzil na mão, então aquilo começou a me incentivar né.. ah, eu quero ser militar, militar... e depois eles foram embora e depois foi constantemente que eu via eles né... até passado uns ano, veio trabalhar um polícia ali que daí conseguiram uma base da polícia, aquela época o cara saía do exército já ia pra polícia militar né...veio trabalhar o cara que dormia ali na casa do pai.... então, quantas vezes eles passavam ali no pai de viatura e aí eu sempre falava um dia eu vou ser polícia, um dia eu vou ser polícia... Era novo, tinha 8 pra 9 anos de idade... e assim eu fui crescendo naquele pensamento na polícia, polícia, polícia, ou militar né...o meu sonho mesmo era ser piloto da força aérea, mas não consegui... mas tem tempo ainda... tô estudando pra fazer prova pra ver se eu consigo, mas... paciência... ainda dá tempo... (JARDEL).

Para Ildo a motivação veio pelo pai, que era bombeiro militar e sempre o levava para o quartel, inclusive em algumas ocorrências.

Então, meu pai era bombeiro né, praticamente cresci no meio militar, é, aos finais de semana quando não tem expediente no quartel, é facultativo, entre aspas, é somente guarnição de serviço, ele podia levar a

gente né, então aos finais de semana eu ía sempre com ele no quartel, dormia lá, dava ocorrência de enxame de abelha que não era perigoso eu podia ir junto, eu ía junto na ocorrência, então cresci nesse meio praticamente né, cresci dentro do quartel vamos assim dizer né, foi aí que surgiu a vontade, essa é uma carreira né... e sempre será, inexplicável a vontade de seguir uma carreira militar, pelas regras, pelo certo, pelo justo, tem bastante injustiça mas a grande parte é pelo justo né (ILDO).

Celso demonstra que desde a infância já tinha vontade de ser militar e relata que já é militar desde os dezoito anos. Discorre que no exército eles só treinam e não colocam em prática, porque não há guerra, sendo que na polícia já há prática, fato este motivador para seguir a carreira.

Quando eu comecei a planejar a minha vida pra 2013, eu tava já querendo fazer algum concurso, prestar algum concurso pra parte militar, porque eu sou militar desde os 18 anos., [E tu já tinha pensado antes, quando era criança, alguma coisa assim, ah tenho vontade de ser policial?] já, já tinha vontade. Quando eu era do exército eu tinha a vontade de seguir na carreira policial pelo seguinte, porque no quartel a gente fica muito aquartelado, faz muito treinamento e o foco lá é diferente, lá é visando a segurança nacional né, segurança em nível do país, então é muito treinamento, muito treinamento e realmente tu não vai exatamente pra prática né, porque não tem guerra, então a gente fica só treinando pra guerra, só treinando, só treinando, formando pessoal e treinando, então eu queria, como eu sou mais elétrico, eu queria alguma coisa que eu tivesse atuando e realmente a polícia atua todo dia, sempre tem alguma coisa pra fazer, então por isso que eu queria seguir a vida militar e na polícia né (CELSONO).

Júlia fala da vontade desde criança em ser policial militar e reproduz uma frase que dizia para mãe quando era pequena para demonstrar isso. Retrata ainda que o fato de não ter entrado para escola militar lhe trouxe uma frustração, aumentando a vontade de seguir a vida militar. Outro fator importante relatado por Júlia foi ter trabalhado

na Guarda Municipal. Este período, segundo ela, foi fundamental para que na atualidade pudesse chegar ao fim do CFSD.

Olha acho que é destino na real... porque a minha mãe esses dias ainda brincou comigo ‘oh Júlia lembra o que tu falava quando tu era pequena?’ ah o que mãe? ‘[imitando voz de criança] – ‘ah, oh mãe, quando eu crece eu vo se puiça’.... eu falava assim puiça.... eu imitando ela ri que se mata... [risos] e a minha mãe brinca que ‘e olha como que hoje tu é... de pequena tu já falava’. E eu sempre quis estudar no colégio militar e eu não tive a chance, porque no meu ano pra entrar, não teve vaga pra fora, não teve concurso pra fora, no ano da minha irmã teve, um ano antes, ela conseguiu entrar, ela fez o concurso e conseguiu entrar e eu não consegui e isso me pesou bastante... daí, eu fiz um concurso pra polícia, aliás, eu me inscrevi num concurso pra polícia e eu fiquei doente e eu não pude ir e a minha irmã fez esse mesmo concurso e ela passou, ela conseguiu passar nesse mesmo concurso... daí eu fiz pra guarda de São José, passei e não quis assumir e daí eu fiz pra Brusque, pra guarda de Brusque, passei e fui pra guarda de Brusque... e um mês de diferença, eu tinha feito o da polícia e passei, daí me chamaram, eu aí tava em Brusque, pô a escala era boa, o ruim é que era Brusque né, mas a escala era boa, ganha a mesma coisa, num trabalha sábado, num trabalha domingo, não trabalha feriado, não presta continência, não lambe o chão que os outros pisa, né, então, na primeira chamada eu não vim, daí teve a segunda chamada... daí eu putz cara, será... que era em agosto né... será... eu comecei a reunir a documentação, daí eu pensei, pô, não vou.... alguma coisa me dizia assim não vai, sabe... daí depois teve a chamada do 9º que foi em outubro e teve a chamada de novembro, meu nome tava lá de novo, daí eu disse putz cara, já é a terceira vez que os cara me chamam... alguma coisa tem pra mim, daí bem nessa hora eu tinha juntado a grana que eu precisava e tal daí eu pô, vou enterrar meu dinheiro em Brusque... não tem como né... comprar um apartamento em Brusque? Quero morar aqui? Daí bateu isso entendesse... o emprego era ótimo, adorava trabalhar lá, adorava, nossa... se a guarda fosse aqui eu nunca tinha saído da guarda, o ruim é que era em Brusque, daí eu putz, aterrar, é aterro porque aquilo lá é um

buraco, né, aterrar o meu dinheiro em Brusque não né.... daí pesou bastante eu fui lá, reuni minha documentação, em três dias eu saí de Brusque... três dias eu reuni tudo, eu consegui exoneração, eu consegui tudo em três dias, foi muito rápido, assim, quando tu quer tu faz e foi isso... daí vim pra cá e não me arrependo não.... e foi na hora certa, foi na hora certa... se eu tivesse vindo em janeiro, na primeira turma, eu acho que eu não conseguia, eu tive que passar pela guarda entendeu, a guarda me ensinou muita coisa... eu era, eu ainda sou, eu não tenho muita paciência com as coisas entendeu, se fosse em outra época, provavelmente eu tinha arranjado muitos inimigos aqui dentro... poderia até me formar, mas eu ia sair cheia de inimigos... hoje eu saio daqui com muito mais amigos do que com pessoas que eu não tenho muita afinidade, mas se fosse em outra época eu acho que eu saía daqui com muito... a proporcionalidade seria bem diferente, seria mais inimigos do que amigos... porque eu era bem ruim assim sabe....mas aprendi, ou não, quem sabe... [risos]... [mas desde pequena tu já tinha vontade então?] já, já tinha, já tinha... não passar o resto da minha vida na polícia, mas eu sempre gostei, sempre gostei, não posso negar entendeu, gosto de ser policial, gosto... é que nem um amigo meu falou 'Júlia quando tu fala da polícia tu oh...'. Eu vejo todos os defeitos que tem aqui dentro cara, mas eu não deixo tu falar mal, tipo, as vezes o meu namorado chega 'ah que não sei que uma porra de um polícia'.... e eu já digo cala tua boca, eu não falo a porra do promotor da [xxxx], né... tu é promotor da [xxxx], eu falo mal da [xxxx]? Não falo... ah eu compro Tang, não compro o outro da [xxxx], mas eu não falo mal do outro, eu digo eu prefiro Tang, mas não falo mal... então não fala a porra do policial, não fala... ninguém nunca fala a porra do arquiteto, a porra do... não, ninguém fala, né... é a porra do policial, é sempre o merda do policial entendesse, daí pô, tu defende e tal né... eu defendo mesmo cara, porque é a minha profissão, o dia que eu for, se algum dia eu for juíza, eu vou defender a profissão do juiz também entendesse, porque eu acho que é em qualquer empresa cara, tu tem que entrar, abraçar mesmo a causa, vestir a camisa da empresa e eu sou policial militar entendeu... eu não tenho vergonha, mas também não saio dizendo pra Deus e o mundo

que nem os guris aí, ah não sei que não sei que... igual no meu prédio, só o meu porteiro sabe, que é o único que me vê, saio bem cedo né, procuro sair quando não tem ninguém e tal... se viram, viram assim da janela a roupa secando, mas nem sabem que sou eu entendesse, porque não tem necessidade né... como falei não é glamour, não é nada, é só uma profissão... alguém te disse que tu tem talvez, talvez, um poderzinho a mais do que as outras pessoas entendeu, só, mas não tem nada de diferente... (JÚLIA).

Jarbas acredita ser uma profissão que dá poder, mas não escolheu a polícia militar. A intenção era fazer um concurso público pela estabilidade, independente de qual fosse a área.

Como eu te falei, eu não escolhi a polícia militar porque eu ah sempre.... a gente até fala no começo do curso ah eu sempre quis ser policial militar. Não, eu achava legal, achava uma profissão assim que te dá um pouco de poder né, mas hoje, como policial militar, eu vejo que não dá pra resolver muita coisa, a gente aprendeu que o ciclo de polícia é um ajudando o outro, então prefeitura, polícia civil, então a gente vê que esse ciclo não funciona, aí piorou mesmo, mas eu nunca pensei na polícia militar, entrei mesmo porque inventei de fazer um concurso público pra me estabilizar, pra voltar a estudar, porque na [xxxx] eu não tinha nem cabeça, eu ficava um mês embarcado, tu não pensa em estudar, fica ali muito estressado, chega em casa tu quer aproveitar família, amigo, também não estuda, aí assim a única maneira é passar num concurso público, ficar em terra de novo, daí eu começo devagarinho e foi isso, mas nunca tive vocação não... foi mais mesmo por questão de ser um funcionário público... ser funcionário público, independente do que fosse e o que apareceu foi a polícia (JARBAS).

De uma forma geral, as motivações que estavam ligadas a um sonho de criança, tinham relação ao indivíduo já ter tido interação com pessoas do mundo militar. Sendo assim, a familiaridade (STRAUSS,1999), o contexto, a estrutura em torno (BOURDIEU, 2008), acabou por despertar o interesse em seguir a carreira militar. Além das motivações ligadas à socialização primária no caso de

incentivo familiar ou ideal de policial, a busca por uma estabilidade financeira na carreira pública e o incentivo de amigos ou familiares também foi recorrente nas falas dos alunos soldados, fato este que demonstra a importância dos grupos primários e secundários. A herança cultural (BOURDIEU, 2008) mostra-se, assim, importante no processo de socialização.

No que diz respeito à família, grupo primário fundamental no processo de socialização do indivíduo e consequentemente na formação da identidade, questionou-se aos alunos soldados **quais foram as reações dos familiares e amigos com o ingresso na PM**. Os relatos dos participantes da pesquisa foram de um misto de alegria e medo, felicidade e preocupação, apoio e receio. Principalmente as mães e esposas demonstravam mais receio com o ingresso na profissão.

Célio destaca a felicidade dos familiares em função de ser uma garantia de trabalho, o que vai ao encontro do que alguns alunos soldados afirmaram ser uma de suas motivações para ingresso na PM, a estabilidade financeira de funcionário público.

Ficaram bem contentes, porque é garantia de trabalho, de emprego, trinta anos ou vinte e cinco tu já tá aposentado (CÉLIO).

A família de Alcides também demonstra um misto de emoções, que vai desde o orgulho por passar em um concurso público, ao medo pelos riscos inerentes à profissão.

Pra família primeiro é o orgulho.... o orgulho de tu passar num concurso público, ter feito um concurso público, ter uma estabilidade, uma coisa assim sabe, uma estabilidade, mas também eu sentia um certo receio, assim, polícia, aquela coisa... relacionado ao que, a morte.... polícia, perigo, morte, sabe... esse receio, polícia, perigo, bandido, vai tá trocando tiro, tu vai tá sempre no risco, então eu sinto que os mais chegados um receio sabe, pela vida né [...] quando eu falava, como eu tenho estudo assim entre aspas, eu falava ah vai pra polícia, ‘ah mas tu vai ser oficial’, que entre parentes o pessoal acha que oficial fica só mais no administrativo... ‘ah mas tu vai trabalhar no administrativo né’, aí eu disse não, vou trabalhar na rua, vou ser operacional, vou ser brigadiano que nem aqui, vou tá na rua... ‘ah tu vai tá na rua...’ daí vem aquela surpresa, ah na rua, daí aquela imagem já fica passando, na rua é perigoso, na rua tu vai tá metido

com bandido, tu vai tá correndo risco, daí eu sei que eles ficam meio receosos sabe, então a primeira reação a pessoa fica orgulhoso, passou num concurso público, tu vai conseguir uma estabilidade, mas já sinto em seguida que já tem aquela reação de medo, quando eu digo que vou trabalhar na rua e receio pela vida (ALCIDES).

Amarildo diz ter se tornado o centro das atenções nas festas familiares e de amigos. Discorre ainda sobre o receio, principalmente de sua mãe.

Minha mãe no início ela não aprovou muito, porque como mãe ela tem medo e ela trabalhava em hospital psiquiátrico, no setor de menores infratores, tipo aquelas pessoas drogadas, que as vezes pra não ir preso o juiz ia lá e dava uma medida lá que tava com problema psiquiátrico e o cara tava lá e ela viveu bastante aquilo, ela viveu a vida toda, ela se aposentou agora, então pra ela era muito preocupante eu tá nesse meio né, porque ela sabe o que a gente ia sofrer, imagina, a gente vai lidar direto com o problema né. Já os amigos acharam o máximo, só que como eu conhecia muitas pessoas do bem, eu conhecia muitas pessoas que não iam pelo caminho certo também. Pessoas que tu criasse com as pessoas e depois cada um seguiu um rumo né, porque tu não sabe a estrutura familiar, tu não sabe como essas pessoas foram criadas né, hoje por essas pessoas eu já sou olhado com outros olhos, eu passo por eles e eles já ficam olhando né, porque sabem que é PM, daí qualquer coisa que acontece eles já desconfiam que pode ser o cara de ter dedado os cara, é tudo assim né... e tu acaba criando outra visão também... eu quando entrei na polícia eu tinha uma visão... hoje pô eu tenho uma visão completamente diferente. Tu acaba mesmo pegando nojo de bandido, é complicado, daí tu mesmo acaba se afastando das pessoas, tu procura fica mais ligado né (AMARILDO).

A familiaridade (STRAUSS, 1999) com a situação aparece neste relato como algo no qual levava a mãe ter receio pelo filho. Em relação aos amigos, Amarildo afirma que “acharam o máximo”. No entanto, aquelas pessoas que se criaram junto com ele, mas que não tiveram uma estrutura familiar boa e seguiram caminhos errados, atualmente olham

diferente para ele, pois sabem que ele é PM, o que demonstra a incorporação de valores diferentes e o afastamento daqueles que não agem corretamente, ou seja, que não comungam dos mesmos valores.

Juvenal também traz em seu discurso o receio da mãe e da irmã em função do risco e do perigo. No entanto afirma que o pai e os amigos gostaram e o incentivaram a seguir a carreira.

Com exceção da minha mãe e da minha irmã, no geral foi todo mundo bem positivo, todo mundo gostou, ‘pô bem a tua cara, tu se identifica com isso’, mas a minha mãe e a minha irmã, no início não aprovaram, acharam ruim, que era risco, que era perigoso e não curtiram muito a ideia, eu tive que com o tempo ir contornando, mostrando e tentando convencer, mas o meu pai gostou bastante, me deu o maior apoio, maior força, meus amigos também (JUVENAL).

Aparece embutido no discurso uma distinção entre os sexos (BOURDIEU, 2003) no qual as mulheres, – mãe e irmã – frágeis sob uma ótica de senso comum da sociedade andocêntrica, demonstravam-se inseguras pelo risco da profissão, enquanto os homens, – pai e amigos – viris, fortes, provedores, segundo esta mesma ótica, diziam ter gostado e incentivado.

Novamente a figura da mãe aparece no discurso de Gerson trazendo o medo pelo risco da profissão. No entanto, a do amigo surge com apoio e incentivo. Gerson afirma inclusive, que por seu intermédio, seu melhor amigo também fez o concurso, vindo a fazer parte do mesmo pelotão no CFSD. Assim como Amarildo, Gerson diz ter alguns conhecidos que por não terem seguido o caminho correto não gostaram da sua entrada para polícia.

Na família uns acharam bom, minha mãe não quer que eu seja policial, ela não queria, ela fez proposta pra mim não entrar, porque ela acha uma profissão perigosa e ela houve bastante na mídia falarem mal da polícia, por isso é um outro motivo que ela não gosta e os amigos apoiaram, amigo, amigo mesmo apoiou, tem um meu amigo que tá na PM comigo aí, depois que eu passei ele foi atrás e passou também, um ano depois ele passou no concurso também, porque tipo eu falava que eu passei, eu falava pra ele fazer também, pra gente ir junto, foi assim e colegas que a gente conhece aí, uns acham bons, uns não

gostam porque não gostam de polícia, sempre tem né (GERSON).

Júlia demonstra que apesar da família estar habituada com o mundo militar, pois sua irmã também o é, sua mãe ficou receosa quando soube que ela trabalharia nas atividades fins. Sua irmã trabalha no administrativo e isto, segundo ela, deixou seus pais despreocupados. Discorre também sobre questões financeiras.

Meu pai não gostou, minha mãe achou legal, porque eu já tava na guarda e eu tava lá em Brusque, aí eles queriam que eu voltasse pra cá. Só que meu pai, porque assim, a minha irmã ela é policial já, só que a minha irmã, ela fez pra cavalaria, a minha irmã nunca subiu morro entendeu, a minha irmã é paradinha no cavalinho, então ela mal acostumou meu pai e minha mãe. Quando a minha mãe viu que eu tava subindo morro, a coisa começou a complicar: ‘a tua irmã fica sentadinha tu vai querer subir morro...’, entendeu. Então eles conheciam a polícia, mas eles conheciam o lado fácil que é sentar na mesinha, não digo que é fácil, porque a minha irmã se incomoda um monte pra deixar tudo nos trinques, mas eles não conheciam da minha irmã ir fazer ronda na favela que nem a gente fazia incursão. Eu falei pra minha mãe, a primeira, que foi de manhã cedo lá no Mocotó, depois daquilo ali nunca mais, porque o telefone eu sentia tssssss, tssssss [vibrando].... eu subindo e ele tssss, tssssss [risos], olhava, sete chamada da minha mãe, entendeu.... ‘meu Deus como eles podem te dar uma arma’, quer vê quando ela me viu com a doze na mão, ‘meu Deus, tu magra desse jeito como é que eles te dão uma arma pesada dessa?’ e eu disse oh mãe... o saco de gesso que eu carregava na fábrica do pai era sessenta quilo, uma arma não pesa cinco quilo, entendeu... ‘ah mas é perigoso e tu lá sabe atirar, tu nem sabe atirar’ [risos].... a visão é assim, eles acham que a gente entra aqui e a gente não aprende as coisas tá ligado. Meu pai não chegou pra mim e falou, não, tu não vai ser, mas é que meu pai acha que eu tenho muita capacidade intelectual pra estar em outro lugar,

meu pai sabe o quanto eu estudei na minha vida, eu já fiz faculdade a dá com pau, sempre pública, nunca precisei pagar faculdade, entendeu, já passei em vestibular a dar com pau entendeu e meu pai acha que se eu parar um ano e ficar estudando eu faço um concurso dez vezes melhor... daí eu falei pra ele também meu ponto de parada não é a polícia, eu quero mais, vou até tentar meu mestrado agora de novo, vamos ver se eu consigo... não é ah vou morrer com a farda... não é entendeu... eu tentei deixar isso bem claro, até porque eu penso em no máximo, no máximo, dez anos é o tempo que eu vou ficar na polícia... se eu ficar dez anos, daí eu vou tentar me aposentar com quatorze anos... porque eu tenho já pra abonar e integrar das minhas carteiras assinadas que eu tenho antes, daí eu fico, agora, vou tentar outra coisa né, porque pra mim, hoje, ganhar dois mil real por mês, cara eu ganho bem pra caramba, eu já ganhei setecentos conto de juntar quinhentos e ficar com duzentos conto pro mês... curti igual, festava igual, entendesse... hoje talvez com um pouco mais de glamour [risos] né, que eu já vivi com duzentos, hoje eu vivo com dois mil entendesse, mas pra mim, é ótimo o salário, desculpa mas é, porque eu já vivi com tão pouco, que eu sou muito controlada.... então eu acho que eu vivo bem, mas pô, pra um pai de família aí né, que sustenta a casa, sustenta filho, dois mil real... eu pra mim solteira tá bom... agora chama marido, filho, tá morando na mesma casa com dois mil real... é complicado né... pro filho tu sempre quer... eu não vejo hoje meu filho estudando numa escola pública, eu estudei minha vida inteira em escola pública e eu sofri com isso, ah, mas tu passasse no vestibular... passei porque a minha mãe incentivava muito a gente lê, a gente estudar entendeu, se deixar à zaralho pela aula, não sei, tu já estudasse em colégio público? Pô, merda... então o que eu quero, eu quero ter dinheiro pra pagar um colégio bom pro meu filho entendesse.. que nem o militar o meu namorado diz que não ia prestar... 'eu já tenho um sargento dentro de casa, deixa a criança crescer' [risos]. ah é tão bonitinho eles ali no colégio militar né...

aaaa meu sonho, meu sonho.... uma coisa que eu não realizei na minha vida foi estudar ali cara... eu tinha um sonho... entrar naquele ônibus, pessoal vindo aqui pra Trindade com o uniforme, pô... sabe o que é que é inveja, inveja mesmo, inveja deu com o uniforme do Instituto e os cara, pô, aaaaa... mas foi bom, valeu a pena, hoje eu tô melhor do que muito que estudou ali entendeu, então, fazer o que (JÚLIA).

Os aspectos que apresenta em relação ao posicionamento do pai, podem refletir o contexto passado da polícia militar, no qual não se exigia uma alta escolaridade para adentrar à corporação e o pensamento de senso comum da sociedade muitas vezes era de que não estudou, vai ser policial. Atualmente, o perfil do policial militar está muito mais exigente, sendo necessário inclusive, ter nível superior para se inscrever no concurso.

Jarbas também relata o descontentamento da família com seu ingresso na PM em função de acharem que ele poderia “conseguir algo melhor”.

Não gostaram nada, a minha mãe mesmo foi a pior né, ‘pô tanta profissão boa filho, tu vai ser policial militar, ficar prendendo vagabundo, bandido, dá a cara a tapa aí, aí tem aquela população que não gosta de PM, que é contra a lei, acaba aprontando e ficam olhando assim, pô ele é policial’. Não foi muito bom não, meu pai mesmo tá apavorado, ele diz assim ‘meu filho pelo amor de Deus, passa pra outro concurso logo’, que ele tem um medo de ver no jornal ‘ah morre policial’, ele pede ‘pelo amor de Deus, tão inteligente que tu é, tanto lugar bom pra tu trabalhar tu vai pra polícia’, ele não gosta, lá em casa ninguém gosta, são poucos os que gostam, que vão dizer ‘pô que legal cara, tu trabalha na polícia’. São mais as pessoas mais novas, pessoa mais velha da minha família ninguém quer que eu fique na polícia, todo mundo quer que eu saia, tem medo, medo de acontecer alguma coisa comigo (JARBAS).

Jardel relata sobre o orgulho da família e da emoção do pai ao vê-lo fardado pela primeira vez.

Ah, meu pai muito feliz cara, meu pai conta pra todo mundo que eu sou polícia, meu pai é a felicidade dele. O dia que eu cheguei fardado na casa dele ele passou mal, tivemos que levar ele pro hospital, ele já tem problema né e de tanta felicidade dele, ele passou mal, de tanta emoção, de um susto né. Eu falei que não ía, aí cheguei lá, entrei e ele tava tomando café de manhã... eu saí de noite aqui, cheguei lá era 6 horas da manhã e ele levanta cedo né, tira leite, aí ele tava tomando café da manhã e eu abri a porta e entrei e eu tava fardado e aquilo foi uma emoção pra ele que ele não conseguiu nem levantar pra me abraçar. Então isso vai ficar pra sempre, nossa, se eu pudesse... hoje eu penso se eu pudesse ter gravado só pra ficar pra sempre isso aí né, porque meu Deus... na minha memória vai ficar pra sempre [E a mãe, gostou também?] Ah, a mãe tá louco... o prazer da mãe é lavar a minha farda e passar a minha farda [risos]... mãe é mãe né. [E amigos?] Eu depois que eu entrei na polícia, amigo é meu pai, minha mãe, meus 3 irmão e a minha irmã... e não tem amigo... é uma palavra forte dizer mas a realidade da vida da gente hoje é essa. Eu sou um cara muito reto, não gosto de falsidade, eu nasci e fui criado assim. Meu pai é um cara muito honesto, correto, aquele negócio de tá falando ah, mas fulano de tal tá falando mal de mim e eu descobrir e tal, pra mim já era. [...] ah, minha família toda gostou, porque a minha família não tem rabo preso com ninguém né, meus irmãos não tem problema com a lei, são certinhos, são honestos. É diferente de muito primos assim que já tinham problema com a lei, tinham algum conflito, tinham entrado em algum desentendimento, pra eles aí né, foi o fim do mundo... mas... paciência né (JARDEL).

Constata-se com estes relatos a importância dos grupos primários e secundários no processo de socialização dos indivíduos. É possível perceber aspectos relacionados à identificação, quando nos grupos secundários ou há o apoio, ou a necessidade de se afastar dos que são ‘maus elementos’. Quando há esse afastamento, podemos dizer que há o que Strauss (1999) chama de desidentificação, ou seja, o sujeito que está

passando por um processo de transformação identitária, deixa de se identificar com determinadas situações/valores/costumes e passa a se identificar com outros.

A estabilidade novamente aparece como uma justificativa no discurso de Cristian.

Todos gostaram, só meu irmão, como eu vou dizer, ele é muito dinheirista entendeu, daí ele falou ‘ah o salário é baixo’, mas de resto, todo mundo me incentivou, até porque meu irmão é advogado, ele não tem estabilidade também né, aí quando falei que tinha estabilidade, aí todo mundo ‘ah poise...’. [...] a minha mulher antes de eu entrar não queria, depois que eu passei ela começou a querer, porque ela começou a ver que não era todo aquele bicho de sete cabeças, ‘ai porque tu vai andar armado, ai porque é perigoso’, até antes, depois ela viu que era bem mais tranquilo do que parecia... ela achava que polícia era só trabalhar na rua trocando tiro, não é assim (CRISTIAN).

Ao encontro do relato de Alcides, Ian afirma que seus amigos pensam que ele está aqui trabalhando como oficial. Ele afirma ter sido um susto a princípio, pois todos o consideravam um empresário bem sucedido. Apesar de ter sido um empresário bem sucedido, relata ter começado a ter dificuldades com sua empresa e antes de começar ter problemas, por se considerar “muito certinho”, resolveu mudar de rumo. Relatou também que apesar de ganhar mais anteriormente, não era feliz no que fazia e apesar de ganhar praticamente metade do que ganhava antes, consegue viver bem atualmente.

Susto, porque a princípio todos acharam que eu era um empresário muito bem sucedido e realmente fui, só que eu era uma pessoa infeliz, que estava realmente financeiramente prejudicado e quando eu falei que ia ser policial militar, todos eles não acreditavam. [...] hoje alguns deles nem acreditam, eles acham que eu tô aqui como oficial, que eu ganho mais do que oito mil reais entendeu, ninguém acredita. Oh, só de cavalo minha despesa era oitocentos reais, a minha despesa básica era uns dois mil e quinhentos. Hoje eu vivo melhor do que eu vivia antes, que eu deixei de comer, deixei de beber, mas hoje eu vou na academia, eu tenho uma vida social, não tenho aquelas coisas que eu tinha antes,

mas que na verdade não são necessárias. [...] então hoje eu vivo com os dois mil e quatrocentos reais da mesma forma que eu vivia antes com quatro mil e pouco, que na verdade eu torrava mesmo entendeu (IAN).

Haroldo relata a admiração e respeito da família, principalmente da mãe, pois está aqui em Florianópolis sozinho e com isso tem que lavar, passar, fazer a comida. Apesar disso ser motivo de admiração para família, o aluno soldado relata sua dificuldade de conciliar o CFSD e essa rotina de afazeres domésticos. Discorre ainda sobre a falta que a família faz por estar longe.

Ah respeito... minha mãe ficou assim sabe, vislumbrada, porque eu tenho mais dois irmãos só que o meu irmão ele é filho do major dos bombeiro, tem dinheiro, a minha irmã é uma mulher inteligentíssima, ela é formada em direito, tem uma loja lá na minha cidade, o que ela quiser fazer ela faz e eu formado em ciências contábeis, pô contador, tem 314 contadores tu não quer 1, tem outro, sabe. [...] mas um respeito sabe, a admiração que eu tenho da minha mãe, até por ter aguentado muita coisa aqui, porque eu vou te contar. [...] o pessoal ali, pra eles é fácil sabe, vim aqui ficar das 7 as 7, chegar em casa de noite ter a mulher esperando com janta, com a roupinha passada, com a casa limpa, daí tem final de semana, ah pega a mulher e sai pra jantar, pega o filho e vai dar uma voltinha, mas chega em casa tem a mulher que limpou a casa, tem a empregada que limpou a roupa, a comida tá pronta, é fácil, assim seria fácil pra mim, mas desde que eu tô aqui, eu tenho que fazer tudo isso e final de semana é em casa, sozinho [...] eu faço uma pergunta pra ti, tu não aguentaria, tu mora com teus pais né? Tu aguentaria ficar oito meses sem ver eles? Eu moro sozinho a todo esse tempo, não é fácil cara. Então, a reação foi de surpresa primeiramente né e depois admiração, por tudo o que eu tenho passado aqui e saber que eu tô aqui sozinho me virando, porque a minha mãe sabe que não é ela que tá lavando a minha roupa, 'quem que lava se não é eu, quem é que faz a tua comida se não é eu que tô cozinhando pra ti, quem é que

tá limpando a tua casa...' tem que ser alguém... e sou eu (HAROLDO).

Celso é outro aluno soldado que traz em seu discurso a aprovação e incentivo por parte dos familiares, no entanto o receio pelo risco da profissão.

Meus familiares eles gostaram, só que ficam receosos né, por ser policial militar, por ter o contato direto com quem comete delitos e tal, então eles gostaram, me incentivaram bastante, só que ficaram receosos nessa questão de tá lidando todo dia com delinquente (CELSONO).

Percebe-se desta forma, que apesar das particularidades de cada relato, de cada história de vida diferente, há uma regularidade em algumas respostas, no que diz respeito por exemplo a estabilidade financeira que um concurso público proporciona e de como a familiaridade com o mundo militar influenciou de certa forma as escolhas pela profissão. Observou-se questões de gênero, as quais em sua maioria, as mães, esposas e irmãs temiam pela segurança dos alunos soldados, ao passo que os pais, amigos, irmãos, incentivavam e apoiavam a carreira. Segundo Le Breton (2009), as formas de desafio em relação ao perigo que caracterizam ofícios ou funções de risco, remetem a uma construção identitária da masculinidade, baseada na coragem, na força, na resistência e na destreza, aspectos estes, identificados no presente estudo.

O medo pelo perigo e risco inerentes à profissão policial militar foi frequente nos relatos, todavia, para Le Breton (2000; 2009b) o risco é inerente à condição humana. De acordo com o autor a conduta de risco é um jogo simbólico ou real com a morte. É um arriscar-se não para morrer, mas que contém a possibilidade de perder a vida. Discorre, ainda, que o perigo possui diversas 'faces', pois não se relaciona apenas a questões físicas, está ligado também ao sentimento de identidade do indivíduo. Ou seja, para o indivíduo, a percepção do risco deriva de um imaginário, de uma representação social, ligada a sua medida pessoal do perigo (LE BRETON, 2009b). Além disso, para o autor, a avaliação subjetiva do risco é marcada pela experiência anterior e o conhecimento dos riscos do ambiente, bem como uma vigilância dos fatos e gestos do cotidiano, permitem prevenir-se. Sendo assim, cabe ao policial militar estar atento às técnicas aprendidas durante o curso e ao conhecimento do campo que irá atuar, para estar menos exposto aos riscos da profissão.

Além dessas questões, identificou-se que para muitos, havia no grupo primário um orgulho em relação a passar em um concurso público e observou-se que ao relatarem sobre sua história de vida, os alunos soldados traziam em sua grande maioria, aspectos relacionados ao seu percurso escolar e profissional, centrais no processo de socialização e formação identitária do indivíduo.

Após esta descrição da história de vida dos alunos soldados até a chegada na PM, foi descrito e analisado o processo de socialização dos alunos soldados no CFSD. Foi discutido a trajetória dos alunos soldados durante os nove meses de formação, demonstrando as características desta interação que proporcionou a passagem desses indivíduos do ‘mundo civil’ para o ‘mundo militar’.

5.3 O CURSO DE FORMAÇÃO DE SOLDADO: INÍCIO DE UMA NOVA ETAPA

A entrada para a Polícia Militar é feita por meio de concurso público. O ingresso no serviço público se dá no ato da matrícula no Curso de Formação de Soldados. Ao ingressar, o candidato aprovado é considerado aluno soldado e possui o cargo de soldado não qualificado. Somente após o término do Curso de Formação de Soldados (CFSD), os aprovados passarão à graduação de Soldados 3ª Classe.

O concurso público, conforme edital Nº 008/CESIEP/2011, é dividido em cinco fases, a saber: 1ª Fase: Prova Objetiva de Conhecimentos, de caráter eliminatório e classificatório; 2ª Fase: Questionário de Investigação Social, de caráter informativo e eliminatório; 3ª Fase: Exame de Saúde e apresentação do Exame Toxicológico, de caráter eliminatório; 4ª Fase: Exame de Avaliação Física, de caráter eliminatório; 5ª Fase: Exame de Avaliação Psicológica, de caráter eliminatório;

Os então candidatos aprovados na Prova Objetiva são convocados a preencher o Questionário de Investigação Social (QIS), para comprovar se o sujeito mantém conduta social ilibada, com adequação a carreira. A Investigação Social tem por finalidade apurar a idoneidade moral, conforme o art. 11 da Lei 6.218 de 10 de fevereiro de 1983, do Estatuto dos Policiais Militares. É Levantada a vida pregressa e atual do candidato em todos os aspectos de vida em sociedade, quer seja social, moral, profissional, escolar, dentre outras possíveis, impedindo que pessoa com perfil incompatível ingresse na Polícia Militar. De acordo com o edital, a Investigação Social deverá identificar condutas que

indiquem ou contra indiquem o candidato para matrícula no estabelecimento de ensino da Corporação.

De acordo com o item 8.7 do edital Nº 008/CESIEP/2011 serão considerados contra indicados os candidatos que na vida pregressa ou atual enquadrem-se, em uma ou mais situações abaixo:

- a) Toxicômanos ou drogadictos;
- b) Pessoas com antecedentes criminais e registros policiais nas condições de averiguada em crime ou autora, nos termos da Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995;
- c) Traficantes;
- d) Alcoólatras ou alcoolistas;
- e) Procurados pela Justiça;
- f) Ociosos, sem pendor para o serviço policial militar, bem como aqueles que possuam registros funcionais desabonadores em seus locais de trabalho;
- g) Violentos e agressivos;
- h) Inadimplentes em compromissos financeiros;
- i) Possuidores de certificados escolares inidôneos ou inválidos e não reconhecidos pelo Ministério da Educação ou órgão estadual de educação.

Esta conduta ilibada também aparece no Edital nº008/CESIEP/2011 quanto aos requisitos obrigatórios para investidura no cargo. De acordo com o item 13.4 do edital são requisitos obrigatórios para a inclusão na Polícia Militar do Estado de Santa Catarina:

- a. Ter no mínimo a altura de 1,65m;
- b. Não ter sido condenado por crime doloso;
- c. Ter boa conduta social, reputação e idoneidade moral ilibadas e não registrar antecedentes criminais, conforme o art. 11 da Lei 6.218 de 10 de fevereiro de 1983, o Estatuto dos Policiais Militares;
- d. Se reservista das Forças Armadas, deverá ter sido licenciado no mínimo no comportamento “Bom”;
- e. Se militar da ativa, deverá estar classificado no mínimo no comportamento “Bom”;
- f. Se possuir tatuagem, a mesma não deverá ficar exposta;
- g. Não ter sido excluído ou desligado de curso ou escola policial, policial militar ou militar, por motivo de conduta disciplinar ou incapacidade moral;
- h. Não ter respondido e não estar respondendo a processo administrativo cujo fundamento possa incompatibilizá-la com a função policial-militar, se agente público;

i. Como servidor público, não ter sido demitido a bem do serviço público ou por ato de improbidade administrativa.

Percebe-se com isso, que o perfil buscado pela PMSC, é de um sujeito que possui um caráter idôneo, fato este que será cobrado também dos alunos soldados durante todo o curso e que, portanto, não tenha nenhum histórico que vá de encontro aqueles princípios e atribuições que pautam a segurança pública.

Então, para se tornarem oficialmente policiais militares, os indivíduos aprovados no concurso público da Polícia Militar, passam por um curso de formação (CFSD) que tem duração média de nove meses. Neste curso, os agora denominados ‘aluno soldado’, passarão por um processo de socialização, no qual novos valores, regras, visões de mundo, serão incorporados, encarnados e inculcados. Com isso, espera-se que um novo *habitus* se forme, o que denominaremos *habitus militar* e o sujeito que antes fazia parte de um ‘mundo civil’, agora está imerso no ‘mundo militar’. Este período no qual o aluno soldado passa pelo curso de formação, apesar de longo para um ritual de passagem, pode ser considerado um momento transitório, em que o sujeito aprovado no concurso encontra-se em uma situação de liminaridade, ou seja, encontra-se numa situação de transição, ele não é mais considerado civil, no entanto, ainda não é considerado Policial Militar, o que só ocorrerá na formatura após os nove meses de curso. Observa-se, então, que os indivíduos passarão por um longo processo para um ritual de passagem.

A rotina no CFSD é intensa e desde o primeiro dia a ordem, disciplina e hierarquia já são incutidos nos alunos soldados. Em dia e hora informados previamente os candidatos aprovados no concurso são convocados e se apresentam no Centro de Ensino para darem início a suas atividades no curso. Conforme instruções repassadas pela corporação, ao se apresentar para início do CFSD, o candidato deverá trazer o enxoval solicitado, que consiste da seguinte lista:

- Calça jeans de cor escura;
- Camiseta branca;
- Cinto de cor preta;
- Sapato social na cor preta com cadarço;
- Uniforme de educação física completo, sendo um calção preto sem listras ou marcas, camiseta branca com meia manga e gola redonda, par de tênis com cadarço, de cor predominantemente branca (sem enfeites coloridos) e meias, totalmente brancas (sem enfeites, marcas coloridas);

- Sandálias tipo “havaianas” (modelo padrão PM branca com tiras pretas);
- Meias totalmente pretas para coturno e sapato;
- Toalha de banho/rosto;
- Jogo de talheres;
- Material de limpeza e lustração de sapatos/coturnos cor preta;
- Polidor e material para limpeza e lustração de metais prateados;
- Cadeado pequeno para armário com duas chaves;
- Lanterna pequena;
- Apito de metal cromado;
- Material didático escolar básico;
- Kit de manutenção de armamento. (chave de fenda 1/8X5 polegadas ou 1/8X4 polegadas, óleo para arma tipo W-40 ou similar, escova dental, flanela, lixa d água);
- Quimono básico para defesa pessoal cor branca;
- Jogo de cama de cor branca contendo um lençol, um travesseiro, uma fronha e uma colcha;
- Mochila de cor preta (Tipo cargueira).

MATERIAL OPCIONAL

- Saboneteira;
- Repelente para insetos;
- Cabides de roupa;
- Pijama;
- Material de higiene pessoal (aparelho de barbear, sabonete, papel higiênico, escova e pasta de dentes, pente ou escova de cabelos, etc.) (PMSC, 2012).

É observado ainda, que

as peças de fardamento/uniforme relacionados acima não poderão conter, símbolos, distintivos ou breves não previstos ou em desacordo com a legislação em vigor, vindo o aluno a responder disciplinarmente/criminalmente pelo uso irregular de fardamento/uniforme (PMSC, 2012).

Além do material listado, recebem também a recomendação de se apresentarem com o cabelo curto, estilo militar, barbeado e vestindo camiseta branca, calça jeans azul escuro, meias pretas e sapato preto

com cadarço. Esta vestimenta é considerada uniforme e mais conhecida como “bicho forma”, é a que será utilizada pelos alunos soldados até a “formatura de fogo”. Neste documento não é feita nenhuma recomendação específica para mulheres, iniciando a aprendizagem de que são assexuados para o trabalho/na situação de trabalho.

No dia e horário da convocação, os agora alunos soldados se apresentam no Centro de Ensino portando a vestimenta e o enxoval solicitados (FOTO 26). As fotos a seguir demonstram este **ritual de chegada**.



Foto 26: Chegada no CFAP 1



Foto 27: Chegada no CFAP 2

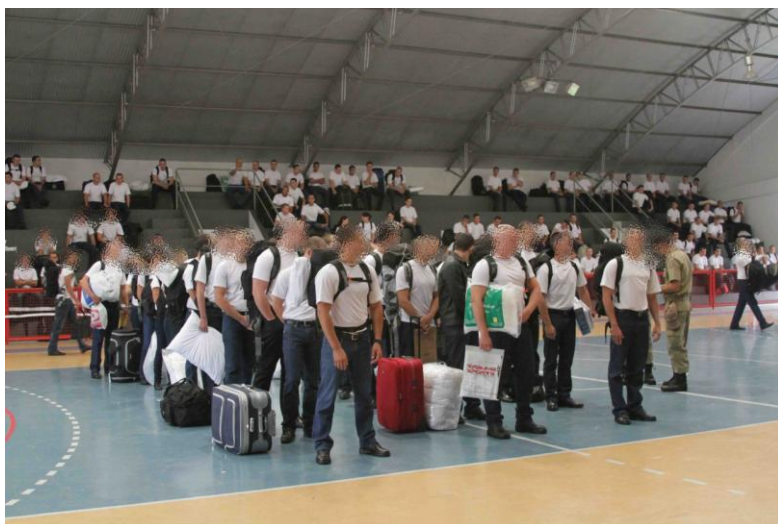


Foto 28: Separação dos pelotões



Foto 29: Instruções Iniciais



Foto 30: Formação do pelotão



Foto 31: Instrução de posicionamento



Foto 32: Conformando o “sentido”



Foto 33: Conformando o “descansar”



Foto 34: Conformando continências



Foto 35: Corpos recém conformados

Neste primeiro dia, a rotina é mais administrativa. Todos são recebidos pelos oficiais, reunidos em um local específico (FOTO 27) e separados por grupos, denominados pelotões (FOTO 28). De acordo com Strauss (1999) a afiliação a um grupo ou a uma estrutura social permanente, implica inevitavelmente a passagem de um status para o outro. Ou seja, os sujeitos investigados passarão do status de civil para o

status de militar. Os novos alunos soldados foram reunidos no ginásio e um oficial chamava-os nominalmente, ainda com seus nomes completos de ‘civis’, para se dirigirem para o grupo que estava sendo formado. Os alunos soldados permaneciam em fila (FOTO 30), orientados por seus sargentos monitores, adaptando-se já desde a chegada, ficar em forma. O ato de ficar em forma será descrito posteriormente em um capítulo a parte.

Cada pelotão tem uma estrutura hierárquica básica, com Comandante de Pelotão, que será um Tenente responsável pela turma, o elo de ligação da turma com o Comando do CFAP, e quem irá administrar os problemas que o Sgt Monitor não conseguir resolver, bem como, assegurará a disciplina. O Sargento Monitor é o elo de ligação do Aluno com o Comandante de Pelotão e será sempre a primeira pessoa a ser procurada em caso de qualquer dificuldade, dúvida ou esclarecimento necessário. E o Chefe de Turma, aluno soldado designado que será o responsável pela ordem e disciplina da turma, quando da ausência do Sargento Monitor, do professor¹⁷ ou do instrutor. O Chefe de Turma deve manter o Sargento Monitor sempre informado sobre as alterações que ocorram com a turma, e será substituído a cada semana.

Como minha observação de campo com o pelotão específico que acompanhei iniciou uma semana após a data que se apresentaram, assisti especificamente esse ritual de chegada com as turmas que entraram posteriormente. Vale destacar que no dia desta observação com os pelotões que haviam acabado de se apresentar, alguns meses depois de já ter iniciado a pesquisa, os alunos soldados do pelotão que eu acompanhava e já possuía um vínculo, ao me verem com as outras turmas falavam: “tá nos traindo?”, “mudou de turma é, vai nos abandonar?”.

Nesta chegada, os oficiais dão as boas vindas aos novos alunos soldados, repassam regras e informações básicas gerais (FOTO 29) e após a divisão dos alunos por pelotão cada comandante se reúne com o seu grupo para dar início as instruções (FOTOS 31, 32, 33 e 34). Nesse dia, permaneci com um dos pelotões que ingressou e acompanhei a rotina deles no seu primeiro dia.

Os sujeitos que recém chegaram, ainda sem conhecer os procedimentos corretos, ficam ‘perdidos’, sem saber o que fazer,

¹⁷ Na formação dos policiais militares é feita uma diferenciação entre professor e instrutor. Professor é um civil contratado para ministrar aulas no curso, enquanto que instrutor é o policial militar que leciona no curso.

aguardando instruções. Reunidos com o Sargento Monitor e o Comandante do pelotão o novo grupo formado começou conferindo o enxoval solicitado e em seguida foram escolhidos os "nomes de guerra".

O nome para Strauss (1999) representa uma denominação distintiva pela qual se conhece uma pessoa. O nome de Guerra será o nome pelo qual o aluno soldado será 'batizado' na corporação e este nome o acompanhará por toda sua carreira militar. Segundo Strauss (1999) a mudança de nome marca um rito de passagem, como por exemplo quando a noiva passa a usar o sobrenome do marido, assinalando, desse modo, sua nova condição social. No caso dos alunos soldados, a escolha do nome de guerra também representará uma nova posição social assumida e marcará a passagem do aluno de um sujeito civil para um sujeito militar. O nome de guerra que é formado por um dos nomes do aluno soldado¹⁸, faz parte agora da nova identidade militar que se está formando e será utilizado sempre nos relacionamentos entre colegas e superiores. Sempre ao se dirigir a um superior o aluno soldado deve se 'apresentar', seguindo um padrão adotado pela corporação, de acordo com o Art 41 do Decreto No 2.243, de 3 de junho de 1997:

O militar, para se apresentar a um superior, aproxima-se deste até a distância do aperto de mão; toma a posição de "Sentido", faz a continência individual como prescrita neste Regulamento e diz, em voz claramente audível, seu grau hierárquico, nome de guerra e Organização Militar a que pertence, ou função que exerce, se estiver no interior da sua Organização Militar; desfaz a continência, diz o motivo da apresentação, permanecendo na posição de "Sentido" até que lhe seja autorizado tomar a posição de "Descansar" ou de "À Vontade".

Ou seja, cada vez que for se dirigir a algum superior, o aluno soldado na posição indicada deverá falar sua graduação (aluno soldado PM), seguida pelo nome de guerra (NUNES), pelotão e companhia nos quais está lotado e o motivo pelo qual se apresenta. Exemplificando, para se apresentar o aluno soldado deve dizer: 'Aluno Soldado PM

¹⁸ Por exemplo, o aluno soldado chama-se João Ramiro Nunes e definiu-se que seu nome de guerra, que será utilizado a partir deste momento de escolha na sua vida militar, será Nunes. A partir deste momento 'nasce' uma nova identificação deste sujeito. Este indivíduo não será mais visto como o civil João Ramiro Nunes e sim como o militar Nunes, que deverá seguir todos os preceitos estabelecidos pela corporação que acabara de adentrar.

Nunes, primeiro pelotão da segunda companhia, solicito autorização para entrar em forma'. Nas primeiras vezes os alunos soldados ainda se confundem um pouco neste ritual, o que demonstra que essas disposições ainda não foram totalmente internalizadas (BOURDIEU, 2007).

Após terem escolhido o nome de guerra, os alunos soldados permaneceram atentos ouvindo seu sargento monitor e seu comandante. Foram repassadas informações da rotina diária sobre a importância dos horários a serem seguidos, posições para ficar em forma e marchar para se deslocarem de um local ao outro, apresentação, dentre outros. Em sequência, podemos observar no relato do comandante de pelotão algumas dessas primeiras instruções repassadas aos alunos soldados:

Senhores, como o Sargento falou, os horários são fundamentais aqui, o respeito aos horários. A gente vai repassar pra vocês o manual do aluno e no manual do aluno vai ter ali toda nossa rotina básica. Nossa rotina ela inicia as sete e meia da manhã com a apresentação dos senhores aqui no quartel. Como o sargento falou, sete e meia da manhã o chefe de turma vai colocar em forma, colocar em forma o que que é? É essa formação que vocês estão ocupando agora, formação do pelotão, o chefe de turma vai colocar em ordem, o que que é o chefe de turma tenente? o chefe de turma é o aluno que vai conduzir o pelotão na ausência do sargento e na ausência do tenente. Na sala de aula, ou numa instrução fora, ou numa missão, numa missão de manutenção do quartel, qualquer que seja a missão que o sargento ou tenente não estejam, o chefe de turma que vai conduzir. O chefe de turma deve ser respeitado pelos outros alunos. Apesar dele ser um aluno como os senhores, um colega de curso, ele deve ser respeitado porque tem responsabilidade sobre o pelotão, então os outros colegas de turma tem que respeitar o chefe de turma. Então voltando a rotina, sete e meia em forma, o chefe de turma confere, verifica se alguém faltou, verifica se alguém tá atrasado e repassa ao sargento, que vai tá ali esperando esta apresentação, aí o chefe de turma vai apresentar o pelotão ao sargento: "aluno soldado fulano de tal, chefe de turma do quarto pelotão da primeira companhia, apresenta o pelotão sem alterações, ou apresenta o pelotão com alterações'... ah quais são as alterações, ah o soldado fulano, sicrano, não estão, não

avisaram, ou o soldado fulano avisou que se envolveu num acidente de trânsito, desta forma. Apresentado o pelotão, nós faremos o hasteamento da bandeira nacional, depois num outro momento nós vamos passar pra vocês toda forma que é feita, que agora é só informação básica. Feito o hasteamento, vai ser feita a revista dos uniformes. Vai ser verificado se o aluno veio para o quartel com o uniforme bem passado, se ele fez a barba, se ele tá com o cabelo bem cortado, se ele passou a calça, se o sapato está engraxado. Feito essa revista do uniforme, vocês vão em direção a sala de aula, vai direto pro Bardal ali na frente e ali vocês terão aula [...] (COMANDANTE DE PELOTÃO).

Percebe-se com esta fala que o prescrito nos documentos e manuais repassados aos alunos é cobrado na prática. É possível observar, também, aspectos da hierarquia e disciplina (ficar em forma, comunicar alterações do cotidiano, respeito) sendo inculcados. A rotina, obediência às regras, disciplina e hierarquia, ficam claramente definidas neste relato. O colocar em forma, simbolicamente, representa não somente estar alinhado em grupo, mas também significa dar forma, moldar de acordo com o que se espera deles.

Após essa mensagem, um aluno foi denominado chefe de turma e ficou responsável por recolher algumas informações administrativas dos demais alunos. Em seguida todos os pelotões foram encaminhados novamente para o ginásio. Um a um, cada pelotão separadamente foi colocado em fila (FOTO 30), um aluno atrás do outro por ordem de tamanho, sendo a ordem do maior para o menor, para que se pudesse assim, definir a ordem correta de cada aluno no pelotão ao entrar em forma. O Pelotão é separado em três filas seguindo esta ordem estabelecida, que irá permanecer, até o final do curso.

Depois de definidos os locais de cada um, o Sargento, o Monitor e o Comandante do Pelotão, passaram a manhã ensinando o alinhamento correto (FOTOS 31, 32, 33 e 34), ou seja, a maneira correta dos movimentos, da posição das mãos e dos pés, bem como os comandos que são dados quando estão em forma. Após praticarem sob a vigilância de seus superiores, que os corrigiam quando necessário, comandos como “sentido”, “cobrir”, “firme”, “descansar”, “a vontade”, o chefe de turma deu o comando para se dirigirem às dependências das salas de aula para conhecerem o local, deixarem os seus materiais do enxoval e seguirem para as atividades que seriam realizadas à tarde.

Esses procedimentos fazem parte da socialização inicial do sujeito no ‘mundo militar’, da domesticação dos corpos e da posição do sujeito dentro da corporação (STRAUSS, 1999; BERGER E LUCKMANN, 2012; MAUSS, 1963; LE BRETON, 2009; BOURDIEU, 2007). Por meio do treinamento e das repetições, sob o olhar de seus ‘treinadores’ (STRAUSS, 1999), os alunos soldados começavam a se desenvolver e familiarizar com a rotina do policial militar.

Antes de retornarem para o quartel escola, os alunos soldados um a um se apresentaram, falando nome, curso no qual era formado e o que esperava com a entrada na polícia. Depois de todos se apresentarem foram conduzidos até o refeitório para o almoço (FOTO 36).



Foto 36: Almoço no ‘rancho’

Após o almoço, os alunos soldados foram encaminhados para provarem o fardamento completo para confecção dos seus, no qual só poderão utilizar depois de alguns meses quando ocorrer a formatura de fogo. São ‘apresentados’ já no primeiro dia ao uniforme ‘oficial’, ‘real’, no entanto, manterão a roupa genérica ‘bicho forma’ por alguns meses, até que, conforme discurso de um oficial, “sejam merecedores de vestila” (TEN. CEL. AGNUS).

O Comandante do Pelotão solicitou-me que tirasse fotos individuais dos alunos, estilo foto 3x4, que serão utilizadas em documentos internos da corporação e à medida que os alunos provavam o uniforme, postavam-se para que eu tirasse as fotos. Terminada esta parte administrativa, os alunos soldados foram reunidos no pátio e ali

permaneceram treinando o ‘entrar em forma’, as marchas, os hinos. No início, alguns achavam engraçado, davam risadas, mas logo eram contidos pelos superiores. A repetição era constante e permaneceram nesta atividade até o horário de arreamento da bandeira.

Os alunos soldados permaneceram durante toda a tarde num exaustivo processo de domesticação dos corpos e inculcação dos primeiros valores e normas da corporação. Às dezoito horas, os novos pelotões se colocaram em forma com os demais que já estavam no curso e seguiram todos os rituais conforme haviam recebido instrução quando chegaram. No final do dia, conforme foto 35, os alunos soldados já estavam com seus corpos conformados no padrão que teriam que seguir deste dia para frente.

No dia seguinte ao acompanhamento do ritual de chegada com o outro pelotão, os alunos soldados do pelotão que eu acompanhava já fazia cinco meses, de forma jocosa e demonstrando o vínculo que tinham criado comigo, diziam ter sentido a minha falta no dia anterior e cobravam-me uma ‘fidelidade’ com a turma deles.

Hoje vai ta com nós de novo? (ERASMO).

Eu te vi ontem, tava traindo a gente com o outro pelotão né (JARBAS).

Oh, ninguém fala com a Aniele hoje ela é uma traíra [risos] (JÚLIA).

Ooooo a Ani voltou... ooooo a Ani voltou [cantando repetidamente em coro] (ELIAS).

Percebe-se então, que no primeiro dia que chegam ao quartel escola, os alunos soldados, além dos procedimentos administrativos como entrega de material, prova de fardamento, repasse de informações para abertura de conta, dentre outros, recebem informações básicas sobre como será sua rotina diária no CFSD e no dia seguinte, já estão incorporados na instituição, agindo de acordo com as regras prescritas, conforme os demais pelotões que já estavam com o curso em andamento. As aulas teóricas iniciam-se, seguindo a grade curricular e a adaptação, apesar de ‘radical’, parece ser rápida. Segundo Strauss (1999) há um conjunto de normas implícitas que regem a rapidez com que se deve avançar em determinados estágios do treinamento. No caso dos alunos soldados essa exigência é rápida. Tanto a fala do Sargento

Monitor como do aluno soldado na primeira semana de acompanhamento demonstra esta rapidez:

Eles ainda são novos, não estão adaptados, mas é coisa de mais ou menos 3 semanas e eles estão adaptados (SARGENTO MONITOR).

A adaptação aqui tem que ser muito rápida... semana passada a gente se apresentou e estava aqui há 2 horas, passou um oficial, uns que eram egressos do exército prestaram continência, nós não... aí na mesma hora ele já colocou todo mundo em forma e falou: ‘você estão aqui a quanto tempo?’ respondemos a 2 horas, se apresentamos agora... e então ele continuou ‘já vão aprendendo, quando passar um oficial tem que prestar continência’... pra gente que é civil é um mundo diferente... eu tenho amigos, familiares militares mas aqui é diferente (CAMILO).

Constata-se com a fala de Camilo, que a familiaridade com o mundo militar dos alunos soldados que eram egressos do exército, fez com que os mesmos automaticamente com a passagem do oficial, prestassem continência, ao passo que os que vinham direto do ‘mundo civil’, não sabiam o que era para fazer.

Apesar da exigência de rápida mudança de comportamentos, no início do curso ainda observa-se ações que vão de encontro com o que é solicitado. Em uma das aulas teóricas, o instrutor se atrasou e depois que o Sargento Monitor foi embora os alunos ficaram fazendo bagunça, brincadeira, falando alto, até que um dos alunos soldado que já havia sido militar no exército falou: “pessoal vamos cantar o hino para treinar” (DALMO). Com a solicitação, começaram a cantar o hino do policial, no entanto, alguns alunos soldados não conseguiam cantar, pois ficavam rindo e debochando enquanto os outros cantavam, transgredindo assim, as regras impostas que ainda não haviam sido incorporadas por eles.

As primeiras semanas, principalmente, servem para incutir nos alunos soldados os valores da corporação e o que se espera deles. Eles recebem o Manual do Aluno, que contém todas as normas de conduta que deverão seguir e quando têm algum horário vago sem aula, ficam lendo as normas de conduta e decorando os hinos. Além das normas de condutas já relatadas, os alunos recebem também uma lista de Direitos e Deveres (PMSC, 2011, p.15) que deverão ser seguidos, dentre os quais têm-se:

1) O aluno que se julgar injustiçado em notas nas verificações deve, no prazo máximo de 48 horas após a publicação, entrar em contato com o seu Monitor, para pedir revisão de prova junto a DIVE. Para isso deve se sujeitar às normas estabelecidas pelas Normas Gerais de Ensino (NGE) em vigor na Corporação.

2) O aluno que precisar de visita médica, deve, através do Chefe de Turma, comunicar o Sargento encarregado das visitas médicas. O atendimento dar-se-á todos os dias úteis.

3) O aluno que precisar de atendimento odontológico, deve marcar hora diretamente no respectivo gabinete devendo as consultas serem marcadas nos horários que não haja aula/instrução.

4) Deve estar sempre com antecedência nos locais e horários estabelecidos.

5) O aluno deve apresentar-se sempre com o cabelo cortado no padrão militar, devidamente penteado, costeletas aparadas (1,5 cm a partir da curvatura superior da junção da orelha com a cabeça), barba e bigode raspados diariamente, unhas aparadas, farda limpa e bem passada, botas, sapatos e peças metálicas do fardamento polidas/lustradas.

6) Para as Alunas o cabelo poderá ser utilizado nos padrões curto (rente à nuca), médio (somente para cabelos lisos, sem ultrapassar a altura da gola da camisa da farda) ou longo (presos em coque baixo ou em trança única, sem fios soltos, sendo que os grampos e a rede de cabelo do coque deverão ser da cor do mesmo. Na prática desportiva deverão ser presos na altura da nuca).

7) O uso de maquiagem é permitido, porém será sempre em tons discretos.

8) A Aluna deverá conservar as unhas aparadas e curtas, devendo o esmalte, se utilizado, ser em tom discreto, sem adesivos ou enfeites.

9) Tinturas no cabelo são permitidas desde que em tons naturais.

10) Fora das instruções de Defesa Pessoal, Maneabilidade, Ordem Unida, Educação Física e similares, é permitido o uso de anéis, pulseiras, colares e brincos desde que pequenos, discretos e nas cores douradas ou prateadas, sendo que se tiverem pedras, essas deverão ser pequenas.

11) As Alunas deverão conservar as pernas depiladas e quando da utilização de uniformes com sapatos, utilizar meias finas, sem brilho e da cor da pele (PMSC, 2011, p.15).

Estas orientações relatadas demonstram que são inculcadas condutas não só de cunho moral, como também pessoal, no que diz respeito, por exemplo, a noções básicas de higiene. As recomendações

são muitas, no entanto, com o passar do tempo percebe-se que se tornam cada vez mais naturais (BERGER E LUCKMANN, 2012; STRAUSS, 1999; BOURDIEU, 2007).

Nos primeiros dias de aula, enquanto aguardavam o instrutor chegar, os alunos soldados deixavam passando em sala de aula vídeos com cenas fortes de tiroteios, pessoas feridas, morte, forma esta de inculcar a rotina diária que enfrentarão ao saírem do curso. O *habitus* militar que os alunos soldados necessitam incorporar para exercerem a nova posição assumida, vai sendo construído então, no dia a dia com a rotina diária. As novas disposições são inculcadas e incorporadas seja por meio da repetição exaustiva dos exercícios, seja pela fala dos instrutores. Os relatos a seguir demonstram algumas falas de instrutores em suas aulas das quais as bases dos valores eram repassadas e incutidas na mente dos novos alunos soldados:

O RISG¹⁹ é o que vai trazer eles para o mundo militar (INSTRUTOR).

Nós utilizamos algumas nomenclaturas que os senhores tem que se adaptar e fazer associação rapidamente (INSTRUTOR).

Leiam para assimilar o art. 132 e 133 do RISG. O Soldado tem a obrigação de saber esses artigos (INSTRUTOR).

A partir de agora, vocês são vistos como exemplos pela sociedade. Cuidem com o comportamento, cuidado com as atitudes para poder cobrar do civil que faz coisa errada. Não é permitido fazer coisas imorais, não pode, por exemplo, ser visto por aí caído bêbado. É importante seguir as regras e ter asseio corporal (INSTRUTOR).

Além de ser policial, somos militares, deu uma rebelião, tá de folga, ligou, tem que se apresentar, senão é preso (INSTRUTOR).

O RISG citado pelo instrutor, foi feito para as forças armadas, mas é adaptado para a realidade da PM. Em seus artigos 132 e 133, mencionados, têm-se:

¹⁹ Regulamento Interno e dos Serviços Gerais

Art. 132. O soldado é o elemento essencial de execução e a ele, como a todos os militares, cabe os deveres de:

I - pautar a conduta pela fiel observância das ordens e disposições regulamentares;

II - mostrar-se digno da farda que veste; e

III - revelar como atributos primordiais de sua nobre missão:

a) o respeito e a obediência aos seus chefes;

b) o culto à fraternal camaradagem para com os companheiros;

c) a destreza na utilização do armamento que lhe for destinado e o cuidado com o material que lhe seja entregue;

d) o asseio corporal e o dos uniformes;

e) a dedicação pelo serviço e o amor à unidade; e

f) a consciente submissão às regras disciplinares.

Art. 133. Ao soldado cumpre, particularmente:

I - esforçar-se por aprender tudo o que lhe for ensinado pelos seus instrutores;

II - evitar divergências com camaradas ou civis e abster-se de prática de vícios ou atividades que prejudicam a saúde e aviltam o moral;

III - manter relações sociais somente com pessoas cujas qualidades morais as recomendem;

IV - portar-se com a máxima compostura e zelar pela correta apresentação de seus uniformes, em qualquer circunstância;

V - compenetrar-se da responsabilidade que lhe cabe sobre o material de que é detentor, abstando-se de desencaminhar ou extraviar, propositadamente ou por negligência, peças de fardamento, armamento, equipamento ou outros objetos pertencentes à União;

VI - participar, imediatamente, ao seu chefe direto o extravio ou estrago eventual de qualquer material a seu cargo;

VII - apresentar-se ao Cb Dia, quando sentir-se doente;

VIII - ser pontual na instrução e no serviço, participando ao seu chefe, sem perda de tempo e pelo meio mais rápido ao seu alcance, quando, por motivo de doença ou de força maior, encontrar-se impedido de cumprir esse dever; e

IX - cumprir, rigorosamente, as normas de prevenção de acidentes na instrução e nas atividades de risco.

Nota-se com os documentos e relatos, que as regras a serem seguidas, extrapolam os ‘muros do quartel’ e influenciam não só a vida profissional, como também a vida pessoal e social do Policial Militar.

Desta forma, a identidade militar é construída em oposição (BOURDIEU, 2003; 2008) a identidade civil. Em geral, os alunos soldados reafirmam a mudança do *status* (STRAUSS, 1999) de civil, para o *status* de militar. Assim, pode-se constatar que a partir do momento que o indivíduo entra para o ‘mundo militar’, há consequentemente uma ruptura simbólica, um ‘abandono’ do mundo civil, fato este observado também nas falas dos alunos soldados, quando se diferenciam dos ‘lá de fora’, dos paisanas, conforme relato a seguir, referente a um material que o instrutor havia solicitado para ser feito cópia:

Pessoal vamos se organizar com relação ao xerox, porque nosso companheiro fez um acordo lá fora, com um civil, não foi entre a gente (DALMO).

Esta distinção entre ‘paisano’ *versus* militar, vai ao encontro dos estudos de Castro (2004). Segundo o autor, a comparação entre os ‘de dentro’ e os ‘de fora’ é frequente entre os cadetes da AMAN. Castro (2004) discorre, ainda, que essas distinções podem evidenciar a ideia de existência de atributos morais que os distinguem dos civis.

Quando questionados para **descrever a entrada na polícia**, os alunos soldados em sua maioria relataram sobre a ansiedade e expectativa do longo processo. Discorrem, ainda, sobre o quão oneroso foi, pois os exames médicos eram muitos, além de alguns serem de outra cidade ou Estado e estarem em Florianópolis somente para prestar o concurso, o que onerou com passagens, alimentação e estadia. Muitos disseram terem sido ‘pegos de surpresa’, pois haviam ficado abaixo da nota mínima de corte do edital, que era cinco (5,00) e a mesma baixou para quatro (4,00) posteriormente. Alguns relataram ainda terem reprovado no primeiro teste de aptidão física, tendo que entrar com recurso para refazer o teste. A seguir alguns relatos demonstram esses aspectos:

Foi tudo uma nova etapa, tinha aquela preocupação né, será que eu vou conseguir, será que vai dar certo e a cada etapa, passei, menos um, [...] o que mais pegou foi a prova da corrida né, que eu nunca tinha corrido na minha vida (CÉLIO).

Foi complicado, complicado.... cheio de partes... tem que fazer primeiro a prova, tem que fazer, estudar,

coisa que eu não gosto de fazer, depois teste físico, coisa que eu não fazia exercício físico, tem que mudar a rotina pra treinar, fazer alguma coisa, fazer exeme de saúde, teste psicológico, tudo... pra começar comprar enxoval, tudo gasto que tu tem que tu não tem certeza que tu vai conseguir, tu corre risco pra tentar né... (GERSON).

Olha a minha entrada foi um pouco difícil... eu prestei o concurso, fiquei muito ansioso, confiante, mas ansioso, mas foi feita a primeira chamada, eu olhei na lista e meu nome não tava, certo dia eu recebi um e-mail do coordenador do CESIEP e fui olhar era eu sendo convocado pra ser chamado... então pra mim foi extremamente gratificante ter recebido aquele e-mail (FÉLIX).

Foi mais a cabeça né... ansiedade, ansiedade, ansiedade de como é que vai ser, o que tu vai fazer, nervoso (CRISTIAN).

Foi muito dispendioso, foi muito trabalhoso, eu peguei vários voos, realmente arrisquei porque o meu mandato de segurança poderia cair a qualquer momento e eu ser desligado da polícia e se eu fosse desligado eu não ia nem ter para onde ir, porque eu desaluguei o apartamento que eu alugava, eu trouxe as minhas coisas pra cá, sem emprego, minha loja eu vendi pra receber em três anos, então assim, realmente eu arrisquei, foi um tiro no escuro, apesar de eu achar que eu realmente ia conseguir (IAN).

Além desses aspectos, Haroldo traz em sua fala aspectos relacionados à dificuldade com as diferenças de cultura e da influência da estrutura sobre o seu comportamento.

Olha, não foi uma coisa muito difícil, por causa que eu que tive que me acostumar com a polícia e não a polícia ter que se acostumar comigo, mas não foi uma coisa muito fácil também sabe, por causa que eu venho de outra cultura né, então muita coisa já era diferente aqui sabe, mas eu me acostumei (HAROLDO).

Jardel relata da gratificação recebida apesar de todo o esforço, pois as pessoas na rua reconhecem o trabalho e diz que a pressão que

passam no curso, pode ser comparada a um teatro, onde os atores ensaiam, treinam, para depois colocarem em prática.

O cara rala pra caralho, mas vale a pena pelo fato de tu tá na rua e atender algumas ocorrências e alguém chegar e bater nas tuas costas e dizer muito obrigada, valeu, bom trabalho, isso já é muito gratificante. Tu rala pra caralho, mas vale a pena o que tu rala aqui, porque na rua tu ouve muito mais né. [...] e essa pressão que a gente tem aqui que na realidade aqui a gente tá num teatro, aqui é um teatro, então aqui tu tá num teatro mas tem que apresentar uma peça, tu vai ter que treinar bastante, pra depois apresentar essa peça, porque se tu não treinar chega lá tu vai esquecer, tu vai errar, tu vai colar as placa, tu não vai saber o que fazer, então por isso que os cara treinam bastante apresentar uma peça e é o que a gente faz aqui... a gente treina pra caralho antes de sair na rua, porque lá na rua não pode ter erro né (JARDEL).

Pode-se relacionar estas características teatrais percorridas por Jardel, a conceitos de Strauss e Goffman. Segundo Lallement (2004), Goffman utiliza-se do modelo teatral para explicar a lógica das representações de papéis que estruturam as interações, ou seja, estar integrado na ordem social significa assumir papéis e “se portar na vida como se representasse um papel de teatro” (LALLEMENT, 2008, p. 304). Já Strauss (1999), de forma metafórica, exemplifica o papel que o treinador assume no processo de treinamento, pois esta posição exige que ele funcione como um autor de teatro, arrumando episódios, compondo cenários e fazendo com que personagens atuem de determinadas maneiras. No que tange ao CFSD, estes cenários compostos podem ser relacionados às atividades práticas que os alunos soldados desempenham em disciplinas como APH, TPO, OPO, dentre outras. As fotos de simulação a seguir demonstram tanto a criação de cenários, quanto a representação de papel:



Foto 37: Simulação de atendimento pré-hospitalar 1



Foto 38: Simulação de atendimento pré-hospitalar 2



Foto 39: Simulação de confronto 1



Foto 40: Simulação de confronto 2



Foto 41: Simulação de jogo de futebol 1



Foto 42: Simulação de jogo de futebol 2



Foto 43: Aula de direção defensiva



Foto 44: Treinamento de ajuda humanitária



Foto 45: Simulação de colocação de algema



Foto 46: Simulação de resgate de companheiro



Foto 47: Simulação de abordagem 1



Foto 48: Simulação de abordagem 2

Ainda no que diz respeito à descrição da entrada na polícia, houve alunos que fizeram críticas ao primeiro dia de chegada, pois como eram uma turma que entrou sozinha, somente um pelotão, nem todos os procedimentos já relatados anteriormente na chegada ao quartel, foram feitos. Relatam que foi desorganizado, indo de encontro com o que

preza o militarismo. Vale destacar, que estes alunos já eram familiarizados com o mundo militar, pois haviam feito parte de algum outro órgão militar.

Ah eu vou dizer num todo como foi nossa turma ali... foi largado, vou te dizer que foi, como é que é a palavra... fiquei decepcionado, porque eu esperava uma coisa né, pô via no ano 2002, o militarismo é uma coisa reto, tens um monte de regras, monte de comportamentos e chegamos aqui ficamos largado, ninguém sabia de nada, ficamos o dia todo numa sala de aula, o militarismo, que era pra ser assim aprender a marchar, aprender a prestar continência, essas coisas praticamente não foram ensinada, a gente praticamente teve que se auto aprender, o pessoal que sabia já tinha que ensinar pros outros, então foi bem decepcionante no início mesmo, pra mim assim que esperava uma coisa e vi que era totalmente diferente né, não existia aquele militarismo assim que eu passei e que eu esperava né, foi bem mais civilizado a parte civil assim (ILDO).

Assim oh, eu acho que, é... não foi nem pra gente, foi pra polícia, os cara eu acho que nem sabia que a gente ía vir aqui, porque não tinha nada feito entendeu.... desorganizado, eu acho que eles não sabiam que a nossa turma ia vim porque não tinha aula, não tinha ninguém pra receber a gente, quando viram a gente perguntaram da gente o que que era, um pelotão lá mirradinho né, mas assim, eu não tive nenhuma preparação, porque já tava na guarda entendeu, então vim de lá, não teve uma preparação, aí, a partir de quarta-feira eu vou entrar na polícia entendeu.... eu vim aqui né, trouxe as coisas que era pra trazer de boa entendeu, não teve uma coisa assim muito ooooo (JÚLIA).

Diferentemente dos outros pelotões que entraram cinco meses depois, esta turma iniciou sozinha, e os procedimentos de separação de alunos soldados na chegada por pelotão não ocorreram, haja vista que o número de ingressantes já se configurava um pelotão. No entanto, segundo relatos de alunos soldados, o primeiro dia também serviu para resolver questões administrativas e inculcação das normas de conduta.

Por fim, um dos entrevistados relata sobre a grande burocracia no processo de seleção, no entanto, acredita ser justa toda essa burocracia.

Discorre ainda que o teste psicológico deixou a desejar, pois percebe muitas pessoas no curso que não teriam o perfil de estar ali.

Foi muito burocrático, mas foi justo, porque eu vi que muita gente ali rodou no teste físico, rodou no exame médico, foi bem justo, eu achei bem legal essa parte aí, achei que faltou um pouco da parte da psicologia, que o exame psicológico deixou a desejar, porque eles tão precisando de muita gente pra entrar na polícia, então eles estão aceitando qualquer coisa né, eu vi que muita gente que tá aqui dentro não tinha perfil pra ficar na polícia, mas está na polícia, a gente vê pessoas aqui dentro que são fora da casinha cara, são, sei lá... tão totalmente fora, acham que a polícia militar vai te dar um poder de super herói, não é assim cara, tem gente aí que não tá nem aí, acha que é uma brincadeira né, aí não sei se porque é muito novo, acaba se aventurando nesse sentido, acha que agora que é policial pode fazer tudo, eu vejo neguinho falando ‘ah agora eu sou policial posso fazer tudo, passa sinal vermelho, ultrapassa pela direita, pela esquerda’ [...] pô a polícia devia dar o exemplo nesse sentido e eu vejo gente que entrou na polícia faz tudo isso, antes coisa que não fazia, aí eu acho errado né [...] por isso eu acho que teria que ter um psicológico mais avançado, pô, eu vejo que tem pessoal aqui dentro que vai ser pior do que já eram antes, umas não (JARBAS).

De acordo com o relato de Jarbas, a sensação de poder adquirida ao ingressar na Polícia Militar, faz com que alguns se sintam ‘super-herói’ e ao assumirem este papel, de acharem que tudo podem fazer, muitas vezes acabam indo de encontro com os preceitos morais estabelecidos pela polícia, ocasionando, assim, um desvio de conduta. De acordo com Lallement (2008) o desvio é um conceito amplamente discutido na abordagem interacionista. Segundo o mesmo, autores como Becker e Goffman propõem que o desvio não é em si uma transgressão das normas, mas consiste em ser qualificado como desviante por alguém. O quadro a seguir demonstra os tipos de comportamentos desviantes segundo Becker (2008):

	Obediente à norma	Transgressor da norma
Percebido como desviante	Falsamente acusado	Desviante puro
Não percebido como desviante	Apropriado	Desviante secreto

Quadro 6: Tipos de comportamentos desviantes

Fonte: Becker (2008)

O comportamento “apropriado” diz respeito ao indivíduo que respeita a norma e que os outros o percebem assim; em oposto, o comportamento “desviante puro” é o que infringe a norma e é visto como tal. Ao “falsamente acusado”, a pessoa não transgrediu as normas, no entanto, os outros acreditam que o sujeito cometeu alguma ação irregular. E, por fim, o “desviante secreto” é cometido um ato impróprio, mas ninguém o percebe ou reage a ele como uma violação das regras (BECKER, 2008).

Ou seja, o desvio é uma construção social (BERGER E LUCKMANN, 2012) ao qual determinados indivíduos são designados como delinquentes, ou marginais (BECKER, 2008), por exemplo, e, no caso da polícia, policiais fora do padrão. Conforme afirma o aluno soldado Ian, “aqui na polícia se tem que tomar sempre muito cuidado, pois é muito tênue a linha que separa o bandido da polícia”. Isto é, o campo de atuação irá proporcionar diversas oportunidades para que o indivíduo, apesar de estar submetido a um intenso processo de socialização, com normas de condutas e preceitos morais exigidos, venha a cometer algo que transgrida as regras. Como poderá então este indivíduo que passa por um processo de socialização e internalização dos aspectos reto da estrutura militar, vir a agir contra as regras? Vale destacar que apesar do processo de incorporação destas disposições parecerem longo, a um primeiro momento – nove meses no CFSD – os indivíduos já passaram anteriormente por diversos outros processos de socialização, seja o primário ou secundários (BERGER E LUCKMANN, 2012; STRAUSS, 1999; BOURDIEU, 2008; WACQUANT, 2013), e irão, ainda, no decorrer da carreira, encontrar diversas situações que possam vir a sobrepor-se a estas normas recém internalizadas no CFSD, como contato com policiais com “vícios” da profissão, corrupção, dentre outros. Estes aspectos demonstram a mutabilidade do *habitus*, que apesar de ter uma base cristalizada, é passível de sofrer transformações no decorrer da vida.

No que diz respeito especificamente sobre o curso de formação, quando questionados sobre a percepção de **como estava sendo o CFSD**, muitos demonstraram-se surpresos. Os alunos soldados esperavam que o curso fosse mais direcionado para aspectos físicos, no entanto, tiveram muitas disciplinas teóricas, que perpassaram desde leis, técnicas policiais, até espanhol. Os alunos relatam que o aprendizado foi grande durante o Curso de Formação, mas que a atuação na ‘rua’ será importante para colocar em prática o que foi aprendido.

O curso pareceu mais fácil para os que já haviam passado antes pelo processo de socialização no mundo militar, independente do órgão ao qual estavam ligados. Novamente a familiaridade (STRAUSS, 1999) aparece como facilitadora no processo de socialização do indivíduo.

Elias acredita ter sido ‘tranquilo’ o curso. O aluno soldado justifica sua afirmação comparando e exemplificando o que já tinha vivenciado no curso de bombeiro comunitário.

Eu acredito que foi bem tranquilo, não foi muito sugado, no meu caso por exemplo, quando eu entrei como bombeiro comunitário, teve campo, foi bem mais sugado. Tinha matéria, tinha prova, fazia tudo, mas se tinha uma sugaceira. Você tinha um dia por exemplo de campo de treinamento. Você ficava doze horas naquela alopraceira, naquela pagação de apoio, pagação de abdominal e pó de chinelo e aquela correria. Aquilo mexia bastante com o psicológico e isso é uma coisa que foi diferente na PM, [...] então acredito que foi bem tranquilo o curso, não foi muito sugado na questão física né, foi mais mental, psicológico, estudar, essas coisas assim (ELIAS).

Assim como Elias, Ian, Juvenal, Félix, Jardel, Jarbas e Cristian discorrem ter sido surpreendidos em relação ao curso, que exigiu muito mais da parte intelectual do que da física.

O curso foi bom, eu esperava uma coisa assim mais física, mais brutal, impactante e pelo contrário me surpreendeu, foi muito teórico, inclusive lá na minha cidade eu escutei do meu colega que a polícia daqui era a melhor polícia do Brasil e que ia ser muito bom pra mim (IAN).

Na parte que eu achei que ia ser muito cobrada, que era a parte física, a parte mais pegada assim, a parte de porrada, a parte de sugação assim, eu achei que ia

ser bem mais pegado, bem mais puxado e não foi e o que eu achei que não teria era essa cobrança tão grande da parte intelectual, de praticamente cinco dias por semana, tu ficar 50 horas sentado numa carteira estudando como se fosse uma faculdade período integral, uma carga horária muito grande, se for ver a carga horária que a gente teve aqui em oito meses, dá praticamente uma faculdade (JUVENAL).

O curso tá superando a minha expectativa, que eu não tinha noção nenhuma do meio militar, pensei que eu ia chegar aqui e eu ia aprender tiro, ia aprender só técnica policial e a gente vê que vai muito além disso... a gente aprende muito mais do que a gente acha que é... por exemplo, todas as leis, os embasamentos que a gente tem que seguir a risca, o próprio código de ética que tem do meio militar, que é o código penal militar que a gente tem que seguir, o regulamento interno que qualquer coisa se a gente não segue já é crime militar, então superou muito a minha expectativa, é um curso muito bom, que atualmente acharia que deveria ter um pouco mais de carga horária para algumas disciplinas, porque foi muito corrido e não deu tempo de ver tudo, como deveria ser feito, seguir a risca, mas acredito que deixou todo mundo preparado pra atuar na rua (FÉLIX).

Jardel e Jarbas dizem ainda ter sido um aprendizado que levará para toda vida. Jarbas afirma ainda que há a intenção por parte dos instrutores de incutir esse conhecimento de modo que não esqueçam mais o que foi repassado. Este fato demonstra como a consolidação do *habitus* se interioriza e cristaliza (BOURDIEU, 1980) como novas verdades a serem seguidas.

Muito bom... um aprendizado de vida e uma carga, uma bagagem, que eu vou levar pra minha vida. Nunca que eu pensei que eu ia passar, que eu ia aprender, que eu ia ver, enfim sei lá, uma bagagem de vida fenomenal, um aprendizado de vida muito grande [...]. Olha, o melhor que eu aprendi no curso, é que o ser humano ele tem que ser honesto, tem que ser humilde, então, isso é uma coisa que vai ficar pra mim (JARDEL).

Muito bom, muito bom mesmo... eu aprendi coisas ali que eu nunca mais vou esquecer na minha vida. Desde a parte física, aquele negócio da defesa pessoal, direito penal, processual penal, eu já fiz cursinho preparatório pra concurso público, nunca aprendi tão bem que nem eu aprendi ali e ali foi o mesmo tempo que o curso preparatório, as vezes o curso preparatório é três meses, quatro meses, mas só que parece que as pessoas dão aula mas sabe tão dando assim pra uma pessoa que ah só pra passar no concurso e deu... aqui não, aqui eles dão pra ti aprender, tu tens que saber aquilo ali, eles querem incutir aquilo ali na tua cabeça, tu vai ter que saber isso o resto da tua vida, adorei isso aí, foi muito bom. O curso em si foi excelente cara, desde a cobrança ali da formatura, a ordem unida, o pessoal as vezes reclama ‘ah porque formar num sol desses’, é pra treinar o cara mesmo cara, tá preparado pra qualquer coisa, eu achei muito bom essa parte (JARBAS).

Além de destacar o aprendizado do curso, Cristian acrescenta que a ‘rua’ ainda vai ensinar muitas coisas, fato este que pode ser relacionado às possíveis transgressões às regras com a socialização que continuará após terminado o curso, conforme visto anteriormente. Relata ainda sobre a dificuldade de convivência com diversas pessoas.

Olha como aprendizado tá sendo muito bom, acho que eu aprendi muita coisa que eu não esperava. Tem muita coisa que eu nem sabia que existia, que eu tô aprendendo aqui, lógico, muita coisa a gente vai aprender na rua, mas o mais difícil do curso acho que é colegas, é muita gente né, então é muita gente pensando diferente, as vezes é complicado (CRISTIAN).

Estes alunos, então, destacam ter se surpreendido com o curso em função dos aspectos teóricos se sobressaírem a ideia de ‘sugação’ e esgotamento físico em treinamentos. Acreditavam que a parte física seria muito mais cobrada e esperavam passar por situações mais ligadas ao militarismo, o que se configurou de forma contrária, pois conforme demonstram os relatos, a maioria do tempo eles permaneciam em sala de aula recebendo conhecimentos teóricos, aprendendo muito além de só

marchar ou ‘descer o sarrafo’. Aspectos relatados em relação a ‘seguir a risca’ o que estava sendo ensinado, retrata a forma de inculcação que recebem durante o curso. Além disso, foi possível observar ainda determinados valores que estavam sendo inculcados, como a honestidade e humildade.

A partir de relatos de que o curso foi muito menos exigido do que se esperava, é possível questionar-se se o “amolecer”, na visão dos alunos, esta relacionado ao fato da Polícia Militar estar precisando de ‘homens na rua’ – e inclusive rebaixar a nota de corte do edital para entrada –, ou se faz parte do novo perfil da Polícia Militar que vem mudando nos últimos anos. Apesar do presente trabalho não ter como foco responder essas questões, traz elementos que possam vir a servir de reflexão.

Celso também traz em seu discurso questões referentes ao aprendizado, no entanto afirma que seria necessário ter mais tempo de curso.

Eu conceituo como excelente, muito bom, a questão é que eu acredito que teria que ter invés de ser oito, nove meses, teria que ser mais tempo, no mínimo um ano, muitos vão dizer que não né, mas eu acredito que teria que ser mais de um ano de formação, até pra questão de aula, de horas aulas, ser mais horas aulas, pra realmente a pessoa praticar aquilo ali na teoria porque não adianta só ter o básico ali, tá beleza, sabe, sabe, daí vai pra prática, eu acho que tem que ter bastante, em algumas disciplinas né, não digo todas, tem disciplinas que tem que ser bem menos, não precisa ser tanta carga horária, mas eu acredito que tenha que ser assim bastante tempo, pro pessoal realmente pegar aquilo ali na massa do sangue mesmo, saber direitinho, pra depois começar a aplicar isso na rua, não que a gente não esteja preparado, a preparação é excelente, muito bom, só que eu acredito que poderia ter mais tempo no curso de formação, poderia ser de mais tempo (CELSONO).

Celso traz em sua fala a temporalidade como requisito para a consolidação das disposições que a função exige, sendo possível também relacionar o conceito de *habitus* a sua fala: “pegar na massa do sangue”.

Célio também relata sobre o grande aprendizado que teve e de como no começo do curso mexiam com o psicológico deles, principalmente por meio do FON e FOP, disciplinadores analisados adiante. Discorre ainda sobre a dificuldade de passar por algumas situações no curso como receber gás lacrimogênio e espargidor (*spray*) de pimenta em uma aula prática.

Olha aprendi bastante coisa, coisa assim que eu não esperava aprender a gente aprendeu aqui. Algumas situações difíceis de encarar né, questão do gás lacrimogênio, espargidor de pimenta, no começo eles mexiam muito com o teu psicológico, aquela questão de FON e FOP, tua postura, a questão do uniforme que tem que tá sempre bem passado, bem asseado, barba, cabelo (CÉLIO).

Alcides por sua vez fala sobre sua dificuldade em passar pelo curso em função de problemas familiares. O fato da mãe ter falecido de câncer um ano e meio antes de começar o curso e de receber a notícia logo no início do curso que seu pai estava em estado praticamente terminal de câncer afetou-o psicologicamente e fez com seu desempenho tivesse ficado abaixo do que ele acreditaria que seria possível. A distância de casa e do seio familiar e o problema de saúde do pai, contribuíram para que ele ficasse mais retraído no curso, comportamento que segundo ele, era diferente em outras situações. Relata ainda que apesar de querer fazer as coisas diferentes às vezes, a força do sistema, da sociedade em que vivemos, nos impede de mudar, pois é difícil ir contra ao que o sistema prega.

Pra mim tá um pouco cansativo porque eu já iniciei ele com problemas familiares. Bem na época que eu comecei o curso, meu pai ficou doente, ele teve câncer e daí eu já comecei um pouco estressado vamos dizer, eu tô no limite. Eu consegui nesses nove meses me manter, me controlar pra não querer explodir, por causa dessa coisa familiar. Já começa por eu tá longe de casa, eu não consegui superar até hoje, porque eu ainda não criei uma estabilidade familiar aqui né. [...] antes deu entrar no curso fazia um ano e meio que minha mãe tinha falecido de câncer também, eu morava já em Florianópolis e não pude acompanhar ela, ela faleceu em pouco tempo, em quatro meses ela faleceu. Foi um choque pra mim, abalou um pouquinho o que era a estrutura

familiar ne, então daí minha mãe faleceu, eu tava trabalhando aqui, foi bem quando eu vim morar pra cá, deu quatro meses minha mãe faleceu, foi um choque, eu não consegui, aquela coisa de tu tá longe de casa, tua mãe falecer, uma referência, tu já fica né aquela coisa, mas passou, aí tava superando [...] e quando foi preste a entrar aqui no curso, o meu pai teve câncer, então menos de dois anos minha mãe tinha falecido de câncer, meu pai começou a ter câncer. Quando começou o curso ele já começou a estar num estágio mais terminal, então isso me abalou bastante o curso, eu ficava muito pensando na família lá sabe, então meio que estressei um pouco sabe, me estressei, conseguia me controlar pra não digamos explodir, não fiquei doente, não parti pra tomar remédio nada, tentei me controlar sozinho, não procurei auxílio, sei lá porque eu nunca fui, mas de repente poderia ter procurado um psicólogo pra meio mediar esse conflito né, essa dor, mas não quis, achei que conseguiria mediar sozinho, até tentei, mas fui tentando mas não me sentia bem, não consegui me soltar no curso, acho que mais por isso, até as vezes o pessoal ali fala ‘ah o Alcides é quieto’.... consigo me soltar bem mais entendeu, eu morava em casa de estudante e fui diretor da casa lá, convivia bem, aqui com esses problemas já entrei mais sabe, tentando mais segurar a barra pra não querer explodir e eu já sou um pouco mais quieto mesmo de natureza, então imagina com problemas, aí fiquei mais retraído, no geral eu não consegui me soltar, então eu sofri muito, até bastante, por ter sentido essa parte familiar, não consegui me doar bastante no curso, fiquei um pouco restrito, um pouco mais fechado, não foi como eu queria. Daí tu começa a ter vários pensamentos na vida, as vezes te dá vontade de pegar e largar tudo de mão sabe, eu já pensei em largar, largar a vida assim e sair pro mundo, quebrar vários paradigmas de sociedade que a gente as vezes vive, tem que viver. Querendo ou não se tu querer viver na sociedade, vai ter que em algumas partes tu se desdobrar desse modelo né, mundo capitalista, então tu tem que viver ‘à vera’, tu tem que aceitar algumas coisas, não tem como tu pegar e querer as vezes mudar nada assim, não é tão simples assim, não tem como radicalizar sabe, é difícil tu radicalizar, depois que tu tiver montado num sistema assim, já nesse sistema (ALCIDES).

É possível perceber no relato de Alcides, a necessidade do controle emocional para enfrentar as situações pessoais de dor e sofrimento pelas quais estava passando. Conforme Le Breton (2013), a dor nunca é puramente fisiológica, pertence, também, a esfera simbólica. O autor discorre, ainda, que toda dor envolve uma dimensão moral, num questionamento da relação do indivíduo com o mundo.

Amarildo relata que a partir da metade do curso começou a desenvolver problemas psicológicos em relação a maus tratos com idosos e crianças. Após ter desmaiado em uma aula enquanto assistia um vídeo de crianças violentadas, afirma ter desencadeado um problema em ver, por exemplo, esses tipos de cena ou pessoas mortas. Segundo ele, diversas vezes já havia acompanhado a noiva, bombeira, em atendimentos de socorro sem nunca ter tido qualquer problema semelhante. Assevera ter ido em busca de ajuda psicológica, no entanto, fora da Polícia Militar, pois tinha receio de considerarem algum problema militar.

Até o quarto mês, quinto mês foi tranquilo, eu senti um prazer enorme em tá aqui, subir as escadas, pra mim foi muito bom, daí como aconteceu aquele fato comigo lá que eu desmaiei na sala de aula enquanto passava um vídeo de crianças que foram maltratadas, com hematomas, ferimentos, eu não sabia que eu tinha problema com violência contra criança... eu vi aqueles vídeos tudo, eu não fiquei legal tais entendendo... procurei apoio psicológico pra isso, eu até não procurei dentro da instituição, porque eu acredito que aqui eles iam focar muito o lado militar, 'ah tais com problema militar', porque eu acredito que aquilo ali seja um problema. Realmente eu nunca passei por aquilo ali, eu não sei qual é a minha reação, até já atendi vários acidentes com a minha namorada na rua e atender normal entendeu, nunca passei por nenhum problema e depois daquilo me desencadeou uma coisa que eu não podia ver mais nada, nada, nada de pessoa morta, isso aí eu ficava muito ruim tais entendendo, daí eu procurei um apoio psicológico, hoje eu tô bem melhor. Eu não sei qual vai ser a minha reação na rua, acredito que com a adrenalina a gente lida um pouco melhor com isso, mas até o quarto, quinto mês foi bom, depois que começou assim que deu uma desgastada, até o desgaste psicológico né, porque tu sabe que tu vai ter que ficar até o nono mês aqui dentro e o cara que sai

da vida de fora lá e entra na vida militar é muito complicado o início (AMARILDO).

Gerson fala sobre a influência que o CFSD teve na sua vida pessoal, demonstrando algumas dificuldades enfrentadas. Relata ainda sobre disputas no campo (BOURDIEU, 2007; 2008), no qual alunos competiam por uma melhor classificação em decorrência da escolha de vaga.

Passar os nove meses aqui na formação foi puxado. Perdi uns dez quilos, fiquei bastante estressado, terminei meu namoro, tive brigas com meus colegas aqui dentro, mesmo por besteira, por uma palavra que alguém fala e agora no final pior ainda né, quem tu achava que era amigo, tentando te derrubar pra conseguir uma vaga, isso aí é complicado né, mas teve a parte boa porque é uma coisa que eu gosto de fazer, daí a gente passa por cima de tudo isso pra concluir né (GERSON).

Haroldo ressalta novamente a dificuldade em relação à distância da família. Relata ainda que morar longe do local do curso contribuía para o cansaço, pois a rotina no Centro de Ensino era intensa e muitas vezes chegava tarde em casa.

Foi cansativo, por causa que nos quatro primeiros meses eu morava lá no norte da ilha, daí eu levantava cinco horas da manhã, pra chegar aqui as sete, saía daqui as sete, chegava em casa as nove, quando saía as sete, quando não saía as nove e chegava quase as onze... daí no começo foi muito cansativo, muito cansativo... daí depois entrou naquela rotina assim sabe. Não foi fácil e foi saudoso, tudo o que eu passava, chegar em casa, olhar pras paredes e tá sozinho, não ter ninguém nem pra conversar, tu olhar pros lados cadê todo mundo? Cadê minha família? Não tem ninguém sabe, não dava ânimo de fazer nada, oh me peguei muitas vezes chorando sozinho em casa. E tem certas coisas que eu não me acostumei e nunca vou me acostumar, atitude de muita gente ali dentro me dá mais saudade de casa ainda, a partir de agora se tivesse mais nove meses pra frente, eu pudesse ver eles com outros olhos,

porque eu já estaria acostumado, mas eu não consegui me acostumar (HAROLDO).

Assim como Celso, quando Haroldo traz em sua fala “a partir de agora se tivesse mais nove meses pra frente eu pudesse ver eles com outros olhos, porque eu já estaria acostumado”, percebe-se que a historicidade, (STRAUSS, 1999; BOURDIEU., 2007) o tempo de socialização, permite ao sujeito se ‘acostumar’ com as situações.

Júlia aborda questões de gênero e traz em seu discurso uma distinção entre homem e mulher. Para ela, passar pelo curso é pior para as mulheres em função não de falta capacidade, mas por mulher ser de uma forma geral mais questionadora dos porquês das coisas, sendo que na vida militar, a obediência sem questionamentos é requisito primordial.

Olha, independente de ser homem ou mulher, é ruim... mas tu ser mulher é pior. Não é por fraqueza, não é por nada, mas é pior tu ser mulher, não é por força, não é por falta de força, não é... tanto é que no TAF [Teste de Aptidão Física] eu dei banho nos guri, não é... é que a mulher não tá acostumada com as coisas que o homem tá entendeu e mulher ela tem um pensamento assim sabe, a gente sempre pensa vale a pena? É da mulher, não tem explicação pra certas coisas, a gente fica perdida, a gente quer explicação pras coisas entendesse e eles não dão... ah vai e faz... pô velho, como assim? [risos]. Muita coisa desnecessária aqui dentro. Tu sofre, sofre, mas tipo, muito é do psicológico também, chega uma hora que tu desliga. Não é o curso que é difícil tá, o curso é batata, é muito fácil, é as pessoas... são as pessoas que acabam contigo aqui dentro (JÚLIA).

Já Ildo destaca principalmente seu descontentamento em relação ao excesso de brincadeiras.

O curso em si é tranquilo, o problema é o excesso de brincadeira, o excesso de palhaçadinha, coisas infantis, pra mim foi mais problemático me segurar a si mesmo, porque eu já sou chato né, por natureza, minha mulher reclama pra caramba,

‘porra não sei como é que os cara te aguentam lá, tu é chato, ranzinza’, mas pô eu sou assim né, não tem como mudar. [E tu acha que esse teu jeito assim mais rígido é função da tua criação por teu pai ser militar?] Eu acho que sim, eu acho que sim, com certeza sim, porque meu irmão não é assim, meu irmão mais novo, desconheço alguém da minha família que seja assim, tão chato igual a eu assim, sei lá... [mas teu irmão não tem a mesma criação que tu teve?] Tem a mesma criação mas não pegou o mesmo regime que eu né, aí ele não tinha tanto essa fascinação pela essa parte militar, pra ti vê eu sou fascinado também pela pela história né, a história em si da segunda Guerra Mundial, pô eu tento comprar o máximo de DVD, lê, se eu vejo algum artigo, alguma coisa sobre Segunda Guerra Mundial, sobre guerra, onde envolve o militarismo, eu sou vidrado, fascinado. Se eu tivesse nascido no período militar eu acho que eu tava feliz da vida, na ditadura militar (ILDO).

O fato de acreditar ter sido a criação militar advinda do seu pai, a responsável pelo seu jeito rígido de ser, traz indícios que a herança familiar, herança cultural, está relacionada com a nossa formação identitária. Segundo Bourdieu (2008) a herança cultural, assim como a material, contribui para a reprodução moral do sujeito, ou seja, na transmissão de valores, virtudes e competências. Certifica, assim, a antiguidade e continuidade da ‘linhagem’, consagrando a identidade social.

Estes relatos demonstram que é preciso incorporar as disposições das funções do novo papel que estão assumindo na sua multiplicidade, ou seja, considerando aspectos físicos, psicológicos, pessoais e sociais. Saber lidar com situações como violência, abusos, morte, provocações, estresse, dentre outros, tornam-se fundamentais no processo. Observa-se a importância do treinamento (STRAUSS, 1999; MAUSS, 1963) para o aprendizado, desenvolvimento individual e aquisição do capital cultural (BOURDIEU, 1996) que está sendo incorporado.

No que diz respeito às **maiores dificuldades enfrentadas no curso de formação**, a maioria dos alunos soldados relatavam situações semelhantes. Os relatos a seguir demonstram algumas dessas dificuldades dos alunos soldados. Célio, Alcides, Juvenal, Gerson, Celso, Júlia e Jarbas destacam principalmente a rotina diária.

Uma coisa assim que incomodava essa questão da formatura todo santo dia, três formaturas por dia né, de manhã, de tarde após o almoço e final da tarde (CÉLIO).

Na verdade cansei da rotina sabe, formar, vim todo dia, acordar cedo, essa rotina de estudo, da rotina geral, tu chega num ponto que tu cansa, aula aqui dez horas sentado, tu nos acompanha tu sabe bem como é que é (ALCIDES).

Maior dificuldade pra mim é acordar cedo todo dia, a gente chega em casa sete ou oito horas, ou mais tarde, tem que dá atenção pra família, atenção pra namorada, atenção pro sobrinho e até comer, dar uma estudada, ver o que tem pro outro dia, organizar, é raro o dia que eu consigo dormir antes da meia noite, uma hora da manhã, pra tá aqui as sete. Então tô num ritmo aí de oito meses dormindo cinco ou seis horas por noite. Se não fosse o apoio da família, namorada e tudo, ia ser bem mais difícil, ia ser bem mais difícil conseguir superar isso (JUVENAL).

A dificuldade é o começo né, cansaço da rotina, que era bem diferente do que eu tinha, a pressão de estudar pra uma prova e ter que tirar uma nota pra poder passar, senão tudo o que tu teria feito seria em vão e pressão impostas por eles mesmo aqui, os comandantes, pra testar o psicológico (GERSON).

A questão de hora aula diária né, eu acredito que é muita hora aula por dia, são dez horas aulas por dia além dos horários que tem que entrar em forma, hasteamento da bandeira, arreamento da bandeira. A parte militar tem que ter isso, entrar em forma é um saco mas pra parte militar é onde realmente mostra que militarismo é isso aí, entrar em forma, tem horário, cobrança, então eu acho que a hora aula foi o que mais dificultou (CELSON).

Pra mim a pior coisa que tem no curso é sair fora do horário, tu sair depois do horário entendeu... tem a formatura da bandeira ali a noite né, eu quero ser dispensada, eu não quero ficar aqui a noite, porque eu já passei doze horas aqui dentro, não quero ficar mais, eu tenho família, eu tenho casa, eu tenho coisa pra fazer (JÚLIA).

As rotinas diárias enfrentadas, cansaço físico e mental, porque o cara acaba se cansando muito, a parte física, sono, só essas partes aí que mexe mais com o organismo do cara, com o metabolismo (JARBAS).

Para eles, a rotina diária intensa, com treinamentos, muitas horas/aulas em sala de aula, a forte cobrança pelos estudos, o fato de chegar tarde em casa, ter que estudar, dar atenção para família, fazer atividades domésticas e ainda ter que acordar muito cedo no dia seguinte, tornava o dia a dia muito cansativo. No entanto, esta rotina diária faz parte do ‘adestramento’ (MAUSS, 1963) dos alunos soldados, no intuito de homogeneizá-los da forma mais rápida possível. Estes aspectos podem ser relacionados à importância que Strauss (1999) dá ao treinamento para mudanças de identidade. Segundo o autor o treinamento é parte integrante do ensino ao inexperiente e pressupõe uma série de etapas institucionalizadas. Além disto, é possível identificar neste processo os componentes cognitivos, conativos e afetivos do *habitus* destacados por Wacquant (2013; 2014).

O aprendizado de uma ‘nova forma de ser’, principalmente para os alunos soldados que não haviam tido contato ainda com o ‘mundo militar’, pressupõe não somente um aprender coisas novas, mas ‘desaprender’ diversos aspectos já internalizados. Ou seja, o treinador, no caso da polícia, o instrutor, deve desafiar antigas maneiras de fazer, de ver, e de pensar e, quando os aprendizados forem extremos, “deve haver um ataque maciço e frontal às identidades” (STRAUSS, 1999, p. 121). Por isso, a necessidade de um treinamento intenso, repetitivo, que fará com que seus corpos sejam conformados com o novo papel assumido, pois muitas vezes, o indivíduo terá que despojar-se de antigos valores e costumes, desidentificar-se com antigas práticas e até mesmo, com antigos relacionamentos. Estes aspectos demonstram muitas vezes, tensões e contradições entre os antigos e os novos valores adquiridos nesse processo de socialização.

Outro aspecto relacionado a dificuldades enfrentadas no CFSD que predominou na maioria dos discursos, diz respeito ao convívio com as pessoas.

Maior dificuldade aqui acho que é lidar com as pessoas dentro de sala, acho que convivência ali é muito difícil, ainda mais agora no final por essa briga de vagas, daí o pessoal acaba esquecendo quem é o grupo e acaba trabalhando mais o individual (AMARILDO).

As maiores dificuldade minha aqui no curso foram lidar com diferentes pessoas, com diferentes personalidades e a cobrança de todos os seus superiores, cobra muito da gente barba, cabelo, coturno engraxado e a gente olha praquela pessoa ela não tá devidamente como deveria estar (FÉLIX).

A convivência com pessoas. Não foi a rotina militar que eu senti dificuldade, mas o comportamento das pessoas (HAROLDO).

O convívio com os colegas, culturas diferentes. As brincadeiras são diferentes, é tudo diferente. Moleque do interior não brinca de vídeo game entendeu e aqui os meninos gostam de vídeo game, então eu acho estranho, um monte de marmanjão jogando dentro de sala de aula entendeu, eu nem sei jogar, então assim isso é meio complicado porque você acaba não tendo muita intimidade com um, com outro e tem que suportar né (IAN).

Estar longe da família. A formação em si eu acho ela até light, agora ficar longe da família é complicado, principalmente pai e mãe né, que eu sou muito apegado a pai e mãe (JARDEL).

A convivência pressupõe interação, processo fundamental para a incorporação do *habitus* e formação identitária. Neste processo, os indivíduos desempenham papéis (STRAUSS, 1999; BERGER E LUCKMANN, 2012) de acordo com suas posições (BOURDIEU, 2008; STRAUSS, 1999) e poderão utilizar-se de ‘máscaras’ apropriadas

conforme cada relacionamento, sejam estes entre colegas do pelotão, alunos de um pelotão com alunos de outro pelotão, ou ainda dos alunos soldados com superiores. A cada fase do relacionamento, as relações entre os atores mudam e ocorrem aproximações ou afastamentos. Ou seja, com aqueles que nos identificamos, há tendência de nos aproximarmos, ao passo que nos afastamos dos que não há esta identificação (STRAUSS, 1999). No caso dos alunos soldados, era visível essas características de aproximação e afastamento entre os sujeitos, que mesmo com os processos para ‘unificação’ do grupo e criação do ‘espírito de corpo’ (CASTRO, 2004), sub-grupos eram formados de acordo com as afinidades. Outro aspecto identificado foi a importância do grupo primário (BERGER E LUCKMANN, 2012), revelando, principalmente, a saudade por parte daqueles que estavam longe da família.

Além disto, a fala de Ian vai ao encontro de aspectos que Bourdieu (2006) aborda em seu estudo com os camponeses, demonstrando que o contexto cultural também influencia os processos de interação. Constatou-se, também, que o cansaço físico e mental faz parte da rotina diária no curso de formação e segundo alguns instrutores, esse treinamento (STRAUSS, 1999) é o que ajudará a prepará-los para enfrentar qualquer situação quando estiverem ‘lá fora’. Nota-se, ainda, uma cobrança para seguir as regras estabelecidas nos regulamentos e manuais, mas que no entanto, nem sempre são cumpridas por quem cobra, evidenciando com isso, as posições (BOURDIEU, 2008) de hierarquia e poder, o poder simbólico (BOURDIEU, 1996) claramente identificados no campo.

Solicitou-se que comentassem sobre os **aspectos mais relevantes na formação de policial militar**. Elias e Jardel destacam o poder que é designado à polícia. Para Elias duas coisas são importantes na função de policial militar, a caneta e a arma. Estes artefatos visíveis da cultura simbolizam, então, pressupostos de poder. A caneta servirá como ‘punidora’, ‘sancionadora’ e ‘reeducadora’ para aqueles que estão infringindo a lei. Quanto a arma, diz ser fundamental o conhecimento em relação ao manuseio e aplicabilidade. Já Jardel afirma ter aprendido o que é ser um policial militar.

O mais importante pra mim na função policial militar foi que duas formas são importantes na nossa função, são dois extremos que é a caneta e a arma que você vai possuir ou que você vai manusear. São duas coisas que são bastante

fundamentais na polícia. A caneta ela tem um poder imenso assim como a arma. A caneta é importante pro trânsito que dá a sanção pro condutor que tá fazendo algo que pode prejudicar terceiros né. A caneta ela vai reeducar, principalmente na questão do bolso [...] A arma você tem que ter o conhecimento do equipamento que você está manuseando pra que na hora você não tenha problemas no combate e no manuseio dela, senão não adianta você ser policial, ter uma arma lá e não saber usar, ou usar de maneira incorreta (ELIAS).

O que é ser policial militar e o poder que você tem na mão, [E pra ti o que que é ser policial militar?] Olha, aquele cara que aplica a lei, é humilde, é honesto e honra a farda, porque tem um monte de cara bandido aí fardado... tem um monte, infelizmente (JARDEL).

Célio e Júlia realçam a questão da disciplina e hierarquia e trazem embutidos também em seus relatos, a importância da obediência às regras e aos superiores.

A questão da disciplina e hierarquia né, sempre procurando fazer aquilo que os instrutores pediram, se você recebe uma ordem é aquela ordem, fazer somente o que é mandado, o que é solicitado, acho que isso é muito importante pro andamento da profissão em si (CÉLIO).

Disciplina, pra tá aqui tem que ter muita disciplina, não pode ser à zalarho. É acordar no horário, chegar no horário, porque assim oh, são dois caminhos, o da incomodação e o sem incomodação. A incomodação é chegar tarde, roupa suja e a sem incomodação é chegar no horário, acordar cedinho, tal tal, então eu acho que é disciplina o que mais marca aqui dentro. Tem que ter mais disciplina, pra tudo (JÚLIA).

Estes aspectos demonstram o capital social estabelecido nas relações de poder e hierarquia e a inculcação da posição à qual ocupam, evidenciando que a estrutura organizacional preza pelas regras e normas.

De acordo com Bourdieu (2007) há sempre uma dimensão simbólica na dominação e os atos de submissão e obediência, são atos de conhecimento e reconhecimento, que nessa qualidade, mobilizam estruturas cognitivas suscetíveis de serem aplicadas as estruturas sociais. Ou seja, neste jogo de poder e interesses, a submissão e obediência ocorrem, pois há um consenso, um conhecimento e reconhecimento por parte dos envolvidos das ‘regras do jogo’, que os permitem ‘jogar’ neste campo (BOURDIEU, 2007).

Amarildo enfatiza a mudança de visão de mundo que ocorre com o treinamento. Segundo ele, após entrar para o curso o indivíduo passa a ver as pessoas e o mundo de outra forma.

O mais importante é tu começar a ver as pessoas, o mundo com os outros olhos, porque antes tu não via isso. Tu chega aqui com um pensamento e tu sai com um pensamento completamente diferente, tu és treinado hoje pra tentar evitar os problemas, acho que isso é o mais importante, é a visão nova que tu ganha. Muda, antes tu pensava muito em ah vou chegar e vou bater tá ligado, hoje tu não pensa mais assim, tu pensa duas vezes antes de botar a mão em alguém, tu procura conversar mais porque tu vai pensar pô cara tenho trinta anos de serviço, hoje se eu fizer mal pra um cara, se o cara fugir tens trinta anos pra pegar ele ou ele tem trinta anos lá pra te prejudicar, pra caçar tua família tá ligado, então não tem o porque, a justiça hoje não te ajuda tais entendendo... então tu antes pensava assim ah vou pegar vou prender, vou prender, vou prender.... mas hoje tu vê que não é assim, tens que fazer, mas tens que fazer tranquilo, pra não se incomodar né, é fogo, porque querendo ou não querendo tu hoje entra no curso pra ser policial e tu acaba que chega numa parte que tu pensa assim pô cara, tu quer ser policial mas não tem vantagem nenhuma em ser polícia, não tem vantagem nenhuma em ser polícia, porque tá tudo do lado do bandido, a lei tá do lado do bandido, tudo que tu fizer tá contra ti... polícia responde por tudo tá ligado, realmente tens que gostar do que tais fazendo ali, senão... tais arrombado (AMARILDO).

Esta nova visão de mundo citada pelo aluno soldado, ocorre devido aos novos valores inculcados diariamente em suas mentes com o treinamento, que resultará na incorporação de um novo *habitus* e a formação da identidade militar. A fala de Amarildo, sugere o novo papel que emerge para a Polícia Militar, que seja de uma polícia que preze pela pacificação, trabalho com a comunidade e prevenção social. Este discurso, é pregado tanto por instrutores em sala de aula, como pelo Comandante Geral da PMSC, conforme relato a seguir:

[...] vocês formam uma nova geração de policiais militares. Uma geração que haverá de trabalhar mais pela razão do que pela força, que haverá de trabalhar mais pela conciliação do que pela truculência e uso da violência, mesmo que legal, para fazer resultar a paz e a tranquilidade entre as pessoas (COMANDANTE GERAL DA PMSC).

Juvenal, Félix, Ildo e Jarbas destacam a importância dos conhecimentos teóricos e práticos. As técnicas policiais, as leis, bem como o treinamento prático do Rio Vermelho foram realçados. Segundo Félix, ter passado pela experiência prática ajudou-o a ter consciência da utilização dos recursos que possui.

O mais importante são as técnicas policiais e o conhecimento da lei (JUVENAL).

Tudo no nosso curso aqui foi de grande valia pra mim levar pra minha vida toda, tudo, desde a instrução mais simples até a instrução mais complexa, que foi no meu ponto de visto no Rio Vermelho, a gente passar por aquele tipo de situação, pra tá diante da sociedade e saber que aquele sprayzinho ali não é jogado na cara de qualquer um. A gente tem que saber muito bem aplicar aquele spray, então pra mim tudo foi de grande valia, aprender tudo o que a gente aprendeu aqui, com certeza vou tá aplicando na rua e levar pro resto da minha vida (FÉLIX).

O que foi mais importante na formação foi o conhecimento em leis, a atuação policial e polícia comunitária, tu chegar próximo a pessoa (ILDO).

As partes mais importantes foi a parte de TPO e OPO, que me ensinou a como me defender e como manter minha vida, quando chegar lá fora eu vou saber identificar uma pessoa que pode ser possível de ser um bandido ou não, a ciência comportamental também achei muito interessante, o Sargento ensinou como analisar as pessoas, acho que é uma matéria que deveria ser assim mais demonstrada pros policiais ali, porque eu vejo que muita gente que não tem percepção de início lá fora, entra em qualquer lugar, acaba caindo na rotina né, normal, defesa pessoal eu achei boa, mas eu acho que devia ter uma prática mais forte, se tivesse uma coisa mais real, tipo, sei lá, luta de box, tu treina ali daqui a pouco tu vai lá e cai na porrada mesmo pra ver como é que é a realidade e ali não tem muito isso aí, tem só aquele treinamentozinho mais leve, devia ter uma coisa mais pesada. Isso tudo aí foi bem interessante, tanto pra vida pessoal minha quanto pra polícia né (JARBAS).

Cristian destaca a importância da família no decorrer do curso e diz que a maioria das coisas que faz é pensando nela. Discorre sobre o orgulho da mãe ao vê-lo fardado e o quanto isto é importante para ele. Além da importância da família, afirma ser igualmente importante aprender a conviver com diversas pessoas diariamente. Segundo o participante, se ocorre algo que o desagrade em qualquer outro lugar que não seja no mundo militar, ele pode ‘virar as costas e sair’, no entanto, neste meio não é possível fazer isto.

O que é mais importante pra mim aqui acho que minha família, o orgulho da família, muito importante. Teve um dia que tava em casa, logo que eu botei a farda, aí minha mãe nunca acorda de manhã cedo, ela sempre acorda depois de mim e ela mora no andar de cima da minha casa, aí eu sei que eu saí e ela ficou me olhando e eu disse o que que foi mãe, daí ela assim, ‘não, nada’ e ficou me olhando e saiu e eu fiquei pensando, ah o que que ela tava me olhando, daí eu cheguei aqui falando pros meus colegas e eles me disseram ‘ah minha mãe fez a mesma coisa cara, é orgulho, é orgulho em te ver’. Então, a maioria das coisas a

gente faz pensando na família também, pô orgulho vê teu filho ali fardado saindo pra trabalhar, nunca viu assim sabe, sempre normal, civil, acho que isso é a dignidade de te ver fardado, acho que é importante, é bonito pra mim. Além disso, acho que aprender a conviver com muita gente, querendo ou não se tu tá na faculdade, alguma coisa, tu vira as costas e vai embora, aqui não, aqui não pode fazer isso, se fosse qualquer outro lugar tu virava as costas e saía, ali não pode, é aprender a conviver (CRISTIAN).

Haroldo destaca aspectos relacionados as responsabilidades adquiridas no decorrer do curso e que no militarismo são essenciais. Discorre ainda sobre o incentivo e motivação por parte de alguns oficiais que demonstram ‘vestir a camisa’ da corporação.

O militarismo em si, as responsabilidades que eu tive que adquirir aqui dentro, a forma como os maiores e coronéis se dirigiam a PM, o apoio e respeito que eles tem pela profissão, isso é um aspecto relevante de coisas que tu não vê toda hora, a forma com que eles falam da PM, com que eles falam da profissão, com que eles defendem a camisa, isso é muito relevante pra mim, dá ânimo, dá ânimo. O major Zeca, a forma com que ele defendia a PM, o próprio coronel Joca, a forma com que ele falava em defender a camisa, nossa senhora, isso aí foi... (HAROLDO).

Celso afirma que para ele o percurso foi diferente, haja vista já fazer parte do mundo militar. Destaca que para os colegas que anteriormente eram civis, o que é mais relevante durante o curso é a parte militar, a hierarquia, a disciplina e os direitos e deveres. No discurso de Celso percebe-se como a familiaridade (STRAUSS, 1999), o *habitus militar* já incorporado, vai ao encontro do que as normas e regulamentos exigem dos alunos soldados que recém adentraram à vida militar.

Bom, eu já era militar, mas eu vejo isso pelos outros aqui, os meus colegas que não eram... o que é mais relevante é parte militar, isso é essencial, parte militar é essencial, hierarquia e disciplina, direitos e deveres (CELSONO).

Então, para os alunos soldados, o treinamento recebido no Curso de Formação de Soldados é essencial, pois é por meio dele que aprenderão o que é ser policial militar e se tornarão policiais militares. Segundo eles, o mais importante no curso é o aprendizado, os conhecimentos adquiridos tanto no que diz respeito às técnicas policiais, como de leis e civilidade, ou seja, o capital cultural adquirido no processo de socialização (BOURDIEU, 1996). A disciplina e hierarquia surgem como pilares na formação (CASTRO, 2004; TAKAHASHI, 2002) e o militarismo essencial para todo processo, evidenciando assim o capital social do campo. Outros fatores importantes relatados pelos alunos foram a inspiração e motivação por parte de alguns oficiais durante o curso, o aprender a conviver com muitas pessoas diariamente e o equilíbrio entre a aprendizagem das técnicas policiais e o emocional. Além disto, pode-se constatar nos relatos, a importância do poder conferido ao policial militar.

Apesar da maioria dos alunos soldados não terem filhos, questionou-se **se gostariam que futuramente um filho viesse seguir a carreira de policial militar**. A maioria respondeu afirmativamente, desde que fosse da vontade deles, no entanto, alguns afirmam que preferiam que entrassem ‘do lado de lá’, referindo-se a carreira de oficial. Estas características evidenciam distinção nas posições ocupadas no campo. Apenas três alunos soldados não gostariam que o filho entrasse para PM ou ficam em dúvida e justificam em função do alto risco de vida corrido e de acreditar que o filho teria capacidade de conseguir algo melhor.

Elias já possui filho que o acompanha e relata sobre sua experiência anterior nos bombeiros. Em seu relato, nota-se que o filho já é familiarizado desde criança com esse mundo e a herança simbólica do militar já é repassada a ele. A herança familiar (BOURDIEU, 2008) pode ser percebida também na fala de Elias quando se refere ao seu pai: “no caso dele, ele queria que eu fosse caminhoneiro e no meu caso não vai ser diferente provavelmente eu vou querer que meu filho seja um militar”.

Sim, inclusive sete de setembro ele me acompanha, quando eu desfilo pelo bombeiro. A gente desfilou junto, ele marchando do meu lado, mandei fazer uma farda pra ele. Ele curte, ele gosta, eu levo as vezes ele no quartel, ele vê o caminhão, vê essas coisas, então eu acredito que ele vá gostar também do meio militar, mas

assim, se ele, no pensamento dele encontrar uma profissão melhor, uma profissão que ele goste, eu acredito que eu não vá criticar. Mas uma coisa que eu quero passar para ele, é... uma coisa que meu pai queria né, por exemplo, meu pai queria que eu fosse caminhoneiro. Queria porque queria, queria me levar pra viajar, queria essas coisas assim, mas eu disse pra ele assim... eu vi todo o sofrimento que a gente passou de ter ele longe batalhando pra dar o sustento pra casa, aí eu disse assim, não, não vou querer que meu filho passe o mesmo que eu passei. Não porque meu pai queria né, mas era a única coisa que ele sabia fazer, então uma coisa que eu levei pro meu pensamento é que, no caso dele, ele queria que eu fosse caminhoneiro e no meu caso não vai ser diferente provavelmente eu vou querer que meu filho seja um militar, mas se ele escolher uma outra profissão também vai ser bem vinda no meu pensamento (ELIAS).

Célio demonstra sua preferência, no entanto, ressalta a importância de ser também a vontade do filho.

Se um dia eu vier a ter um filho e se for da vontade dele, eu vou assinar em baixo (CELIO).

Félix, Alcides e Jardel ficam divididos entre o sim e o não. No entanto, têm claro que se fosse para entrar na polícia, que fosse na carreira de oficial, pois além de não correr risco de vida como o soldado, o respaldo para trabalhar e o salário, são maiores.

Assim oh, eu não vou dizer que eu não gostaria, é uma empresa fantástica, onde tu pode ter crescimento na carreira de praça e de oficial, que no meu ponto de vista jamais eu vou mudar, mas no meu ponto de vista eu acho errado, aqui é uma corporação, é policia militar de Santa Catarina, mas entrando aqui dentro, você consegue ver que é duas corporações ao mesmo tempo, é o oficialato e os praça, isso que eu acho errado, então aconselharia ele a estudar e ir pra carreira de oficial que ele tem mais chance de promoção, mas meu filho ele vai ser livre para escolher o melhor

caminho pra ele, que ele for feliz no que ele faça eu vou tá apoiando.

Como oficial sim, como soldado não. Preferia que ele tentasse algo que ganhasse melhor, pelo perigo de vida. Mas pra tua pergunta quer que ele entre na polícia? Não, mas entre aspas poderia, mas preferia outra profissão pra ele, que não houvesse risco de vida, como oficial também, a mesma coisa e se quisesse assim, se fosse como oficial, melhor, melhor respaldo funcionalmente sabe (ALCIDES).

Não gostaria. Hoje não, nós não temos leis no nosso país, polícia ganha mal, ele podia entrar, mas pro lado de lá [oficiais] não por esse lado que eu entrei, eu queria ser [oficial], seria muito feliz. Eu acho que a polícia militar é dividida, oficial e praça. Tem gente que ganha muito pra não fazer nada e tem gente que ganha pouco pra fazer muito, correndo o risco de morrer. Segunda-feira vai ser homenageado um soldado aqui, perdeu a vida porque arriscou a vida e acabou falecendo, cara novo e acabou a vida, então o cara arrisca muito a vida do cara por pouca coisa, mas se ele quiser, se ele achar que é isso que ele quer (JARDEL).

Ian também faz referência ao curso de oficiais (CFO) e diz que se tivesse seguido sua vocação e vontade desde criança, hoje estaria melhor profissionalmente e financeiramente. Diz ter abandonado o sonho de ser militar assim que se formou para buscar uma carreira que fosse financeiramente mais atrativa, no entanto, não conseguir alcançar a realização que esperava, vindo a fazer então, o concurso para PM. Ian acredita que seria bom para seu filho seguir a carreira de oficial e assevera ainda, que quando entrasse, já encontraria uma polícia totalmente diferente devido ao novo perfil exigido atualmente.

Sim, porque eu acredito que é uma carreira que ele possa seguir e que ele vai colher os frutos, vai ter um rendimento no final do mês que possa realmente suprir as suas necessidades e até o momento não vejo assim que poderia prejudicá-lo, acho que se eu tivesse entrado antes, hoje eu

estaria muito melhor, hoje era pra mim ser capitão. Quando eu terminei a minha faculdade ou as vezes quando eu terminei o meu segundo grau, na época não precisava nem de faculdade, se eu tivesse realmente acreditado em mim, no meu eu, eu falado assim eu quero ser o que eu quero, o que eu tenho vontade desde criança e não ter ido por influências financeiras, por sonhos assim de possuir coisas materiais, hoje eu estaria realizado profissionalmente, eu tava ganhando bem e financeiramente eu estaria muito melhor do que ao contrário, eu procurei uma outra carreira que era de empresário, [...] Se o meu filho hoje conseguir formar, fazer o segundo grau, eu acredito que se ele entrar pra fazer uma faculdade de direito, fizer um CFO, seria uma excelente carreira, tanto é que eu acredito que quando ele for fazer isso a polícia vai tá completamente diferente (IAN).

Esses relatos ao trazerem uma comparação entre praças e oficiais, no que diz respeito ao respaldo e segurança para o trabalho e questões salariais, evidenciam a importância do capital econômico e do capital simbólico (BOURDIEU, 1996) para eles e demonstram a distinção e disputa no campo.

Juvenal também fica dividido e diz ser cedo para fazer esta avaliação, pois necessita primeiro conhecer melhor como será o dia a dia da polícia depois de formado.

Poise hoje é cedo pra falar ainda, hoje é cedo pra falar, hoje a minha resposta é não saberia, eu teria que ter mais um tempo de polícia ainda pra eu poder tá fazendo um filtro e saber se é uma coisa que realmente é boa, porque eu não sei se vai ser bom pra mim ainda, do mesmo fato que falam que a polícia avalia a gente, a gente tem que avaliar também (JUVENAL).

Amarildo fala com empolgação sobre a polícia e que gostaria que seu filho passasse por isso também, até porque sua noiva também é militar.

Com certeza, pô tu chega num gásão assim e tu pode se decepcionar, mas eu tô com gás, eu quero fazer coisas pra esse gás não parar e eu acho legal pra caramba, isso pra mim é... se eu puder tá

fardado, se eu puder usar alguma coisa da PM eu acho legal, show de bola (AMARILDO).

Gerson faz alusão ao perfil reto que o policial deve ter e diz que gostaria que um filho entrasse para polícia, pois o afastaria de fazer coisas erradas, envolver-se com drogas e violência.

Gostaria porque eu acho uma carreira boa de se cobrir, afasta muitas possibilidades de ir pro caminho errado, porque hoje em dia é difícil com o jeito que tá aí violência, droga, estamos aí pra controlar, vão aprender bastante, pra ter uma cabeça boa, não vão pro lado contrário da polícia né (GERSON).

Assim como Gerson, Haroldo justifica a preferência por um filho entrar para polícia em função da vida regrada que se deve levar. Faz referência ao amadurecimento que é necessário ter no curso e as regras que devem ser seguidas, o que na opinião dele, torna-o melhor. E finaliza afirmando acreditar que todos os demais alunos soldados partilhem da mesma opinião.

Gostaria porque hoje eu sou uma pessoa mais regrada e ela te dá maturidade, tu é obrigado a amadurecer aqui dentro, senão tu vai viver a vida inteira sabe assim... tu é obrigada a ser uma pessoa compromissada, ser uma pessoa com regras, saber que tu pode mandar mas que tu também vai ser mandado, tu tem que tratar com respeito pra ti ser respeitado, isso eu acho que não só eu mas como muitos, quase todos que fizeram entrevista contigo devem ter dito que sim (HAROLDO).

Estes relatos evidenciam a inculcação dos valores morais pregados pela instituição.

Cristian diz ser uma carreira digna e afirma que o importante é trabalhar no que gosta, ser feliz no que faz. Discorre que poderia estar ganhando mais na área de Direito, mas que no entanto, não seria realizado e conclui dizendo que se seu filho gostar da profissão tem que segui-la.

Eu gostaria, eu acho uma carreira digna, eu não tenho filhos mas pelo menos o que a minha mãe fala e o que a gente vê que os pais falam de como que é criar um filho, a princípio eu gostaria. Pelo o que eu passei sabe, eu pulei de emprego em emprego, trabalhei bastante, quando eu fazia faculdade fiz bastante estágio, eu poderia tá ganhando muito mais fazendo direito, mas eu não gosto de direito, então se ele gostar, tem mais é que fazer mesmo (CRISTIAN).

No discurso de Ildo, a herança familiar (BOURDIEU, 2008) é demonstrada por meio do orgulho pela profissão do pai. Ildo afirma que tinha orgulho de ter um pai militar e gostaria que seu filho tivesse esse mesmo orgulho. Acredita ainda que o filho do seu filho também teria orgulho de ter um pai militar. Este fato demonstra os grupos primários (BERGER E LUCKMANN; WACQUANT, 2013; BOURDIEU E PASSERON, 1977) como fundamento para formar os valores do indivíduo.

Gostaria, pela carreira né. Eu tenho orgulho que meu pai era militar, meu pai era bombeiro e era isso que eu queria ter pra mim, meu filho ter orgulho de mim, pô uma profissão, teu pai o que que é? Ah meu pai é policial, então, uma forma de ter orgulho né. E acredito que o filho dele teria orgulho dele também (ILDO).

Celso em seu relato, afirma que o filho teria o mesmo pensamento que o seu, o que demonstra a herança cultural da ‘linhagem’ (BOURDIEU, 2008). Discorre que apesar de ter o desejo do filho entrar para polícia, deixará que ele siga sua vida de acordo com suas escolhas. Seu relato demonstra também a incorporação e inculcação do papel social da polícia.

Gostaria, a minha linha de raciocínio ela é muito boa nessa questão de o porque de tá na polícia militar. Eu não penso só na repressão entendeu, eu penso em agir na raiz mesmo, que é nas crianças. Hoje, pra não futuramente serem delinquentes né, a minha visão é essa, então eu gostaria que meu filho fosse entrar na PM, eu acho que ele entraria também com esse pensamento, que é o meu

pensamento, pode ser que ao longo do tempo ele mude, mas eu gostaria, sem problema nenhum. Se fosse da vontade dele né, não que eu ia dizer oh vai pra PM, ele vai seguir a vida que ele achar melhor pra ele, mas se ele entrasse eu acho que seria bom (CELSO).

Júlia afirma que teria muito orgulho de ter um filho na PM, pois é uma instituição séria e boa de trabalhar. E assim como Ian, acredita que no momento que o filho fosse prestar um concurso, a situação da polícia seria diferente.

Teria muito orgulho, porque é uma instituição séria, é um bom lugar de trabalhar, muito bom e eu creio que se algum dia eu tiver um filho, a situação da polícia já vai estar também mais tranquila, já vai tá melhor, tanto financeiro como outras questões (JÚLIA).

Jarbas é o único aluno soldado que não gostaria que um filho entrasse para polícia em função do risco que se corre e diz que tentará dar o melhor possível a ele.

Não, porque eu acho que ele teria capacidade de conseguir algo melhor, não como pessoa, porque eu acho que é um conhecimento que meu Deus, devastador trabalhar aqui na polícia, mas eu acho que é aquele negócio, é uma atividade de risco, eu vejo hoje que muita gente não respeita a polícia, não respeita e não é respeitado, que acha que polícia é só pra prender bandido, a gente sabe que nossos... não é pra isso que a gente fez um filho... eu pelo menos vou tentar dar o melhor pra ele pra ele poder trabalhar num escritório, num ar condicionado, uma coisa que ele não precisa se sacrificar tanto né (JARBAS).

Os relatos evidenciam então, que os bens de família, neste caso simbólico, certificam a linhagem e, conseqüentemente, influenciam a identidade social do indivíduo, contribuindo para a reprodução moral e transmissão de valores, virtudes e competências (BOURDIEU, 2008). Demonstrando assim, a relação do grupo primário na formação dos valores do indivíduo. Observou-se ainda a importância dada pelos

alunos soldados ao capital econômico e capital simbólico, bem como das disputas de poder emanadas no campo militar.

Quanto às **expectativas dos alunos soldados após terminarem o CFSd** estão basicamente relacionadas ao local que irão trabalhar e a vontade de seguir carreira. Alguns alunos que já possuem o curso de Direito, requisito básico para prestar o concurso para oficial, pretendem continuar estudando para conseguir passar para o CFO.

A carreira na Polícia Militar se dá por duas formas: tem-se os praças e os oficiais. O grau hierárquico de um praça é denominado graduação e do oficial posto. A graduação de um praça vai de Soldado a Subtenente e o posto de um oficial de Tenente a Coronel. A figura 2 demonstra tais graus hierárquicos em comparação com os das Forças Armadas.

<p>Polícia Militar Centro de Ensino Academia de Polícia Militar da Trindade Curso de Formação de Oficiais</p> <p>Postos Graduações - Insignias e Divisas (Correspondência Entre as FFAA e a PMSC)</p>				
CÍRCULOS HIERÁRQUICOS	MARINHA	EXÉRCITO	FORÇA AÉREA	POLÍCIA MILITAR
OFICIAIS GERAIS	Almirante Almirante de Esquadra Vice Almirante Contra Almirante	Marechal General de Exército General de Divisão General de Brigada	Marechal do Ar Tenente Brigadeiro Major Brigadeiro Brigadeiro	
OFICIAIS SUPERIORES	Capitão de Mar e Guerra Capitão de Fragata Capitão de Corveta	Coronel Tenente Coronel Major	Coronel Tenente Coronel Major	Coronel Tenente Coronel Major
OF INT	Capitão Tenente	Capitão	Capitão	Capitão
OFICIAIS SUBALTERNOS	1.º Tenente 2.º Tenente	1.º Tenente 2.º Tenente	1.º Tenente 2.º Tenente	1.º Tenente 2.º Tenente
PRACAS ESPECIAIS	Guarda Marinha	Aspirante	Aspirante	Aspirante Cadetes
PRACAS SUBTERNENTES	Suboficial	Subtenente	Suboficial	Subtenente
PRACAS SARGENTOS	1.º Sargento 2.º Sargento 3.º Sargento	1.º Sargento 2.º Sargento 3.º Sargento	1.º Sargento 2.º Sargento 3.º Sargento	1.º Sargento 2.º Sargento 3.º Sargento
PRACAS: CABOS e SOLDADOS	Cabo Marinheiro -	Talfeiro Mor Cabo Talfeiro 1.ª Classe Soldado Ef. Prof. Talfeiro 2.ª Classe	Talfeiro Mor Cabo Talfeiro 1.ª Classe Soldado 1.ª Classe Talfeiro 2.ª Classe Soldado 2.ª Classe	Cabo Soldado 1.ª Classe Soldado 2.ª Classe

Notas:

- 1) Os postos de Almirante, Marechal e Marechal-do-Ar somente serão providos em tempo de guerra (art. 16, § 2º, da Lei n. 6.218/83 – Estatuto dos Militares);
- 2) Posto e o grau hierárquico dos oficiais: graduação e o grau hierárquico das praças (art. 16, §§ 1º e 2º, da Lei Estadual n. 6.218/83);
- 3) O Aspirante-a-Oficial e o Cadete são denominados praças especiais (art. 16, § 3º, da Lei Estadual n. 6.218/83);
- 4) Os Aspirantes-a-Oficial frequentam o círculo dos oficiais subalternos (Anexo II da Lei Estadual n. 6.218 /83);
- 5) O Aspirante-a-Oficial PM é hierarquicamente superior as demais praças (art. 18, inciso I, da Lei Estadual n. 6.218/83);
- 6) O Cadete é hierarquicamente superior ao Subtenente PM (art. 18, inciso II, da Lei Estadual n. 6.218/83);
- 7) O Aluno do Curso de Formação de Sargentos é equiparado a Cabo PM, tendo sobre este precedência durante exercícios de estágios operacionais (art. 18, inciso III e parágrafo único, da Lei Estadual n. 6.218/83);
- 8) O Soldado do Eletivo Profissional do Exército Brasileiro usa uma divisa (art. 41 da Portaria n. 806, de 17/12/98, Regulamento de Uniformes do Exército).

1.º CFO

Cadetes: Luis Antônio Pittol Trevisan, Marcelo Correa Macedo, Mauricio Abilio dos Santos, Peterson Batista e Ruy Florêncio Teixeira Júnior

Março/2011

Figura 2: Postos e Graduações
Fonte: Material de Aula CFO

O novo perfil exigido para ingresso na PMSC faz com que os alunos soldados acreditem que a visão da corporação está mudando e, com isso, tornam-se mais esperançosos no que diz respeito à possibilidade de crescimento na carreira militar.

Elias demonstra-se otimista em relação à carreira e espera crescer dentro da corporação.

O pessoal tá com uma nova visão... então eu acredito que na polícia a chance de crescimento seja grande.... tô bem otimista com a carreira (ELIAS).

Célio afirma ter várias possibilidades de atuação dentro da polícia e pretende encontrar satisfação no local de trabalho.

Dentro da corporação tem n possibilidades e setores pra ti trabalhar né, só espero me colocar assim num local que eu dou realmente, que eu goste de fazer aquilo, que trabalhe com prazer e não por uma obrigação, espero encontrar o meu espaço dentro da polícia militar (CELIO).

Alcides, Gerson e Ildo discorrem sobre a expectativa de permanecer trabalhando na polícia e progredir para níveis mais elevados da carreira. Alcides disserta ainda sobre o risco da profissão e afirma não ficar fazendo planos, tendo somente a expectativa de chegar a subtenente. Ildo além dos planos de seguir carreira preocupa-se também com o seu local de trabalho.

Ter uma boa carreira, seguir na carreira galgando cabo, sargento, subtenente, que é aonde a gente consegue chegar no caso e as melhores expectativas, sempre. Vamos dizer, fazer o trabalho direito, com seriedade e é isso. Eu não fico pensando muito a frente sabe, espero que não aconteça nada de ruim, porque é um serviço que tem forte risco de vida, a gente torce, acho que o dia a dia, mas não fico pensando nessa coisa de ah hoje tu vai sair, tu tem perigo de tomar um tiro, não, tu sabe que tem, mas não precisa ficar massificando né (ALCIDES).

Seguir carreira, crescer dentro da polícia (GERSON).

Primeiro tentar ficar aqui na 1ª, 10ª Região né, mas é seguir carreira, abrir concurso pra Cabo fazer pra Cabo, pra Sargento pra Sargento e assim vai. A esperança é unificar as carreiras, oficial e praça, daí o cara consegue chegar até oficial né, mas difícil, mas a minha meta é chegar a Subtenente né, o teto da praça, da carreira (ILDO).

Amarildo, Júlia e Jarbas preocupam-se com o local de trabalho e Amarildo e Jarbas relatam ainda sobre a importância do parceiro de profissão. Demonstram-se receosos de encontrar pessoas que não hajam corretamente, pois qualquer atitude equivocada pode estar lhe custando a própria vida.

Minha expectativa é ficar num lugar bom né, é o local... o local que hoje eu dependo... eu tô noivo, eu quero construir uma casa, aqui tu tá perto da família... as expectativas é as melhores. Acho que tu trabalhar com pessoas boas também, por essa convivência de tu ver que tem pessoas convivendo contigo nove meses ali dentro e são capazes de coisas assim que não dá pra acreditar tá ligado, de certas atitudes, daí tu as vezes tem medo, pô imagina os cara, tu entrasse, tá nascendo com os cara dentro da PM, imagina os cara lá fora que tem 20 anos de serviço que eles não são capazes tá ligado? Esse é o meu medo. Minha preocupação assim é de ter um parceiro bom e o local de trabalhar, só (AMARILDO).

Só ir pro batalhão, conhecer o batalhão, vê se é bom (JÚLIA).

A expectativa que eu tenho é pegar um batalhão que me de apoio no que eu precisar, que quando eu precisar mesmo de alguma ocorrência de ajuda eu tenha essa ajuda, que meus parceiros não me deixem na mão, que eu tenho muito medo disso, de o cara botar a cara a tapa numa ocorrência aí e chamar o p11 e ninguém aparecer e o cara ficar lá a ver navios, porque a gente vê hoje em dia que lá

fora é assim, quando tu é o correto, tu é o errado, tu quer fazer o correto tu é o errado, o certo é o cara que todo mundo vai na lábia do outro, ah não, não dá nada, não dá nada... e o cara que quer fazer o certinho é errado, então eu só espero que quando eu tiver lá fora, as coisas funcionem mesmo como a gente aprende aqui dentro, ou pelo menos a gente tente melhorar pra melhor maneira possível (JARBAS).

Juvenal preocupa-se com o seu local de trabalho e afirma que por já ser tradição de família ter um elo forte entre os parentes, não pretende se afastar para outra cidade.

Primeiramente é ficar trabalhando num batalhão próximo a minha residência, esse foi um dos pontos fortes de ter voltado de [xxxx] pra cá, foi tá morando longe da família, longe de casa, como eu disse desde a infância a gente foi muito apegado à família e esse foi um dos pontos mais fortes pra mim, tanto que se eu fosse transferido hoje pra uma cidade muito longe eu já iria repensar se de repente eu não ia fazer outro concurso e se tiver que passar pelo curso de novo eu passo. Então um problema grande que eu tenho seria ser transferido entende, até iria, mas com certeza iria ficar mexendo os pauzinhos de alguma maneira pra tentar voltar, então o maior problema que eu teria hoje depois de formado seria esse aí, ser transferido pra um batalhão longe (JUVENAL).

Félix e Ian pretendem continuar estudando para prestar outros concursos. Félix inicialmente tinha a pretensão de passar para o CFO, no entanto, como ser bacharel em Direito é requisito para inscrição no concurso e esta não é sua formação, optou por estudar para o concurso da Polícia Rodoviária Federal, já que se identificou no CFSD com questões de trânsito. Ian por sua vez, como já é graduado no curso de Direito, pretende estudar para passar no concurso para o CFO e seguir na carreira militar então não como praça, mas como oficial.

A minha expectativa quando eu entrei era fazer o curso de direito e tentar o oficialato, hoje eu não vejo nesse ponto, porque os cinco anos que eu vou

perder fazendo direito eu posso me dedicar muito e a passar num concurso da PRF que é um outro sonho meu, porque eu gosto de atuar e me identifiquei muito com a matéria de trânsito, então essa é a minha próxima trajetória, estudar pra conseguir passar num concurso da PRF (FÉLIX).

É ser destacado pra um batalhão, exercer minha profissão de policial militar, continuar estudando, pra posteriormente fazer um outro concurso, também na área da segurança, que pode ser pro CFO, então acredito que se eu continuar aqui em Florianópolis e até 2014 vou tá fazendo o CFO aqui (IAN).

Cristian por acreditar que sua vocação é trabalhar com animais, pretende conciliar o trabalho na polícia militar com esta vocação, indo atuar no canil. No entanto, acredita que ainda vá demorar para conseguir essa transferência.

A minha expectativa maior é ir pro canil, ser chamado no canil, mas eu acredito que eu não vá tão cedo, porque eles falam que é uma regra da empresa não mandar de primeira né, tem que ter alguma experiência na rua, então é ir pra um batalhão e mais cedo possível ir pro canil, trabalhar no que eu gosto, no que eu quero fazer né (CRISTIAN).

Haroldo discorre sobre as motivações recebidas dos oficiais e se diz animado em seguir carreira dentro da corporação.

O pessoal tá fazendo com que as expectativas da gente seja bem motivante sabe, ah logo vai abrir um outro concurso pra PM, vai abrir concurso pra CFO, oh vamos estudar, oh vamos fazer isso, sabe assim... o pessoal motiva a gente pra estudar aqui dentro, motiva a gente pra querer crescer, daqui a pouco vai abrir concurso pra cabo, pra sargento. Então é uma expectativa de querer fazer, as expectativas são boas por causa que tu vai querer fazer a coisa certa, eu não quero morrer com 60 anos ali na PM sendo cabo, não quero e não vou, Então, se eu não tiver uma expectativa boa pro

que virá, eu vou estagnar e eu não quero isso pra mim, não quero isso pra minha família, não quero isso pros meus filhos que hão de vir (HAROLDO).

Jardel apesar de querer seguir carreira, acredita ser difícil e se diz satisfeito de ter conseguido chegar aonde chegou.

Dar continuidade a vida, deixar a vida... eu sempre fui um cara assim que sempre deixei a vida rolar. [Pretende seguir carreira?] Eu pretendo, mas é muito difícil, mas enquanto isso eu tô muito feliz aonde eu cheguei, pra mim já é o suficiente já (JARDEL).

Celso pretende colocar em prática o que aprendeu na teoria. A prática dos conhecimentos adquiridos, será essencial para a consolidação do *habitus militar*.

As melhores, botar tudo em prática, o que aprendeu aqui na teoria (CELSO).

Novamente emergem questões relacionadas a distinção de posição assumida entre os praças e os oficiais. Percebe-se a expectativa de crescimento na carreira e a preocupação pelo local de trabalho. Há ainda, os que pretendem prestar um novo concurso, seja para o CFO, ou para outro órgão qualquer.

O militarismo, também reconhecido pela sua rigidez, pode trazer consigo atividades que suscitem constrangimento e humilhação. Questionou-se aos alunos soldados se **havia** **vivenciado situações de humilhação e constrangimento** durante o curso de formação. Dos que responderam positivamente, estas situações estavam relacionadas as brincadeiras entre colegas e a certos comportamentos dos superiores, tais como sanções em público, que segundo eles, serviam de exemplo para os demais não cometerem as mesmas coisas. A maioria diz não ter passado por situações de humilhação ou constrangimento, mas que presenciou principalmente com alguns alunos em específico. As brincadeiras e sarcasmos estavam ligados principalmente ao fato de serem de outro Estado ou do interior, contexto cultural (BOURDIEU, 2006; 2008).

Elias destaca que no início do curso as sanções recebidas em público eram constrangedoras. Segundo ele, essas críticas serviam como

exemplos para os demais alunos soldados e eram com maior frequência no início do curso, haja vista haver muitas pessoas advindas do meio civil que precisavam assimilar a rotina, as novas ‘regras do jogo’.

De certa forma, assim não explícita, mas, a maneira que as pessoas conversam as vezes deixam as pessoas [tosse].... a sanção que é dada em frente ao público, principalmente no pelotão. São 38 pessoas, você ser criticado na frente de todas, então isso as vezes incomoda um pouco. Diferente de uma empresa privada que quando você tem uma repressão, você é levado pra uma sala, é conversado particularmente né e aqui eles usam isso como exemplo pra todos. [E isso foi durante todo o curso?] Não, não... casos isolados. [Por quanto tempo?] Principalmente no início né... principalmente no início aonde muitas pessoas vem do meio civil, estão perdidas no meio da corporação, tentando assimilar a nova rotina (ELIAS).

Juvenal, Haroldo, Ildo, Félix e Cristian, destacam as brincadeiras excessivas na turma. De acordo com alguns alunos soldados, o sarcasmo, a falta de limite e consciência com as brincadeiras, faziam-nos passar muitas vezes pela humilhação e constrangimento, no entanto, nem todos observavam sob este prisma, percebiam mesmo somente como brincadeira.

Bastante, bastante. Durante o curso todo. Pegação de pé que o pessoal faz, que a gente faz, que eu faço também, com o Fulano, com o Cicrano, mas humilhação comigo não, mais com uns dois, três assim que a gente teve bastante pegação de pé (JUVENAL).

Olha assim oh, existe esses sarcasmos, existe esses deboches que a gente presencia muito, tem pessoas que extrapolam sabe, tem pessoas que não sabem o tempo de parar com a brincadeira, tem pessoas que não sabem até aonde vai o limite das brincadeiras, eu acho que existiu todo e qualquer forma de deboche, de constrangimento, de humilhação na turma, porque existiram pessoas sem limites pra esse tipo de brincadeira. Eu acho

que existiu, eu presenciei muitas vezes humilhações, muito sarcasmo, muito constrangimento, eu presenciei. [E tu sofreu isso?] Sofri, sofri... [Durante todo o curso?] Durante uma boa parte do curso (HAROLDO).

Humilhação e constrangimento? [pensativo...] ah, os constrangimento eu achei bastante as brincadeiras que eles faziam com o Jardel né, pelo fato dele ser do interior, de falar algumas coisas erradas, escrever algumas coisas erradas, as vezes a brincadeira se passa né, então deixa de ser brincadeira e passa a ser humilhação... [mas tu chegou a vivenciar alguma situação assim contigo?] Já, já... ah com tipo, como falei pra ti, gosto bastante da vida militar, então quando eu consegui realizar o sonho que era servir o exército, tive que dar essa baixa obrigatória, então eles ficavam pegando no meu pé, ah o lobinho, é escoteiro, não sei o que, não sabe das coisas... uma coisa que tu ama de coração e os cara ficam tirando sarro disso aí né... isso aí pra mim já deixa de ser brincadeira, já deixa de ser gozação... pô então isso aí é magoar o cara né.... [e durante o curso inteiro pegaram no teu pé por causa disso?] Não inteiro, mas boa parte sim (ILDO).

Olha, eu não sei se de humilhação, mas as vezes de pegarem um pouco pesado com uma pessoa, até por parte de superiores, até por parte de colegas mesmos, até aconteceu comigo (FÉLIX).

Humilhação não, a gente vê essas tiração de sarro, brincadeirinha sabe, que acaba deixando o cara meio chateado, mas humilhação não (CRISTIAN).

Célio, Alcides, Amarildo, Celso e Gerson afirmam não terem passado ou vivenciado qualquer situação de humilhação ou constrangimento. Vale destacar que um dos alunos soldados que afirmou não vivenciar nenhuma situação de humilhação ou constrangimento, era um dos alunos soldados que os demais afirmavam que sofria brincadeiras.

Não, nenhuma, todas as instruções que nós tivemos foram dentro do padrão né, nenhuma instrução teve assim esforço físico, nada foi abusivo dentro do curso, foi tudo dentro do padrão mesmo, tudo dentro da nossa capacidade (CÉLIO).

Humilhação, constrangimento, não. As vezes alguma coisa errada que a gente poderia até discutir um pouco melhor, debater, que as vezes tu não pode se expressar, porque tu sabe que vai ser pior, é difícil, não poder questionar mais sabe, ser cortado as vezes (ALCIDES).

Humilhação, constrangimento, pô acho que não cara (AMARILDO).

Apenas três alunos soldados relataram ter passado por algum tipo de constrangimento ou humilhação por parte dos superiores.

Diretamente não, mas alguns instrutores assim de alguma forma sarcástica se expressavam de uma maneira, deixa eu arrumar um termo, a pessoa que tem nojinho de alguma coisa, preconceitozinho, ah sei lá, eles se expressavam assim de uma forma meio, superiorzinho assim, ah não sei o termo agora... [pensativo] ah minto, um dia eu fui pegar material na sala [...] e as nossas coisas não estavam lá no lugar devido, aí a gente ficou meio perdido né, aí o sargento perguntou de uma forma muito indelicada, ‘o que ta acontecendo aí?’ ‘é que a gente queria saber onde tá o material’ o Ciro falou pra ele, e ele ‘ah vocês não tem olho não, se vocês não olharem vocês não vão enxergar não’ [...] (IAN).

Já. Foi já quase formado né, entre eu e esse Sargento né... ele me humilhou na frente das pessoas, mas enfim, deixei passar e passei pra frente... [ele chamou tua atenção?] Falou alto, com as pessoas lá, apontou o dedo na minha cara e as pessoas ficaram observando aquilo ali e tal, me chamou de aluno, o policial militar me desmoralizou na frente das pessoas... [mas foi só dessa vez?] Foi só dessa vez... [...] me xingou,

falou alto comigo, falou grosso... apontou o dedo na minha cara... (JARDEL).

Vivi, vivi... eu entrei numa sala pra perguntar, sala dos Tenentes, pra perguntar se eles queriam que eu limpasse a sala deles e um Tenente me fez eu repetir esse pedido por sete vezes, entrando e saindo da sala, ‘ah volta lá porque não fizesse direito’, daí no último eu cheguei pra ele e falei, eu me apresentei aluna soldado Júlia, do vigésimo da terceira, permissão pra falar com o senhor, daí ele ‘permissão concedida o que que tu quer?’, já sabia o que que eu queria né, eu quero me retirar da sala senhor, daí ele, ‘tá mas tu não viesse aqui pra limpar?’ Daí eu não senhor, eu peço permissão pra me retirar da sala, daí ele ‘tá pode sair’. Daí o Floriano veio e perguntou ‘senhor a gente pode limpar?’, nem se apresentou, nem se apresentou, só chegou, senhor a gente pode limpar a sala do senhor? ‘Ah, pode’... entendeu... sete vezes... aí teve um Tenente, muito querido ele, que até ele ficou com vergonha do que o cara me fez passar, ele ‘ah Júlia, um dia tu ainda vai rir disso tudo velho’, daí eu assim é, porque agora eu não consigo rir tamanha a força, acho que a minha raiva era tanta, tanta, que se eu pudesse bater na cara até eu vê sangue eu ía bater, porque não necessitava, na frente de todos os Tenentes, tava todo mundo na sala, tinha sargento dentro da sala, meus colegas de sala tavam fora com coisa na mão esperando pra limpar entendeu, não precisava ter feito aquilo ali, mas... tem que passar né... talvez o meu nariz é muito empinado pra ele... [E durante muito tempo assim do curso tu vivenciou essas coisas?] Não, não... foi essa, foi essa... porque viu que eu não baixeí a crista entendeu, não ía fazer diferença... até porque eu acho que foi um momento isolado, porque tava todo mundo ali e ele quis se mostrar entendesse, só isso (JÚLIA).

A maioria dos alunos soldados afirmam não ter passado por situações de constrangimento ou humilhação. Para minoria que asseveram ter passado, os relatos trazem o sarcasmo com que foram tratados e a imposição da hierarquia e obediência, em que o aluno

soldado não pode questionar o que está sendo dito ou selecionado. No entanto, afirmam ter sido casos isolados e que não se repetiram no decorrer do curso. Ambos disseram não ter repassado a situação para outros superiores, pois tratou-se de fatos isolados e que poderiam vir a prejudicar de alguma forma os sujeitos que haviam agido deste jeito.

Apesar de todas as dificuldades, esforço e dedicação durante o curso de formação poucos **pensaram em desistir**. Principalmente por ser um sonho a ser realizado.

Não... nenhum momento... eu pensei que eu ganhava mais quando eu trabalhava, mas em desistir não, nenhum momento. Eu me achei, eu acho que até agora eu me achei né, é isso que eu quero (CRISTIAN).

Não, nunca... mesmo passando por todo esses estresses, passando por todas essas aprovações, a única coisa que eu nunca pensei foi em desistir, já pensei em surrar gente, já pensei em bater, já pensei em... meu Deus já pensei em muita coisa, mas em desistir nunca, porque é um sonho... [Quais foram os maiores testes e provações que tu passou?] Ah o sarcasmo, o deboche e a distância da minha residência, da minha casa, a distância da minha família, o fato de ficar sozinho, de morar sozinho sabe, todos os dias era um teste diferente sabe, dormir sozinho, levantar sozinho (HAROLDO).

Não... porque era uma coisa que eu queria né... falei só paro quando eu cair ou quando eu não aguentar mais né... (GERSON)

Desistir não... eu fiquei doente, então eu pensei na probabilidade da doença me excluir, mas eu querer não (JÚLIA).

Somente três alunos pensaram em desistir durante o curso. Alcides afirma que os problemas emocionais que estava passando em família era o que mais o desmotivava. Por já ter um trabalho estressante e ainda trazer mais carga emocional para o trabalho, deixava a situação complicada, no entanto, diz ter refletido e conseguido superar as dificuldades.

Sim, de desistir sim... fiquei cansado, o cansaço sabe, estressado... [E o que que te fez continuar?] Fui repensando, acho que não era o momento, não tinha o porque, tinha que me estabilizar mais os problemas mais emocionais mesmo, familiar, aí um pouquinho do estresse, daí chega uma hora que tu tá cansado, enojado de tudo né, aí tu pensa em largar tudo de mão sabe, mas daí depois tu acalmar, tentar refletir, pensar melhor, se é a melhor solução, eu pelo menos consegui assim, tem gente que não consegue, precisa de um apoio, mas pelo menos eu consegui me segurar né... [Mas foi mais por questões familiares, emocionais?] É... emocionais assim, mais nem da instituição, mas daí que afeta o teu trabalho, como diz o outro, aqui é meu trabalho, então... eu trago de fora, venho pro meu trabalho, já afeta, meu trabalho aqui já é estressante, o trabalho é estressante e já tô trazendo mais uma carga emocional de fora né, sabe... chega uma hora que tu quer largar tudo... (ALCIDES).

Ildo relata principalmente a decepção quando teve sua moto queimada em um incêndio dentro do centro de ensino. Segundo o aluno soldado, os sessenta quilômetros diários a serem percorridos ficaria difícil sem sua motocicleta, além de ter se desmotivado frente ao descaso que a corporação tratou o ocorrido. Diz ter sido o pensamento por um futuro melhor para o filho, devido à estabilidade financeira de ser funcionário público, o que mais o motivou a continuar no curso.

Sim... quando minha moto queimou... ali foi um baque fudido... quando eu perdi a moto e não tinha condições de vir pro curso, passou pela minha cabeça... [Porque?] Pô pela dificuldade né... se manter, vim, condições financeiras né... porque eu dou muito valor pro estudo do meu filho né e eu pago colégio particular, então eu não ia tirar ele do colégio particular pra tirar o futuro que ele pode ter melhor que o meu, né, só por causa de um luxo entre aspas né... pra comprar uma motocicleta ou botar gasolina no carro... então eu tava bem a beira de desistir mesmo por não ter condições de vir pra cá né... eu ando trinta

quilômetros por dia... trinta quilômetros pra vir, são sessenta por dia... então era bem complicado... ia desistir mesmo... [E aí como é que tu resolveu a situação?] Pô resolvi com a minha sogra que me deu a moto... então, foi o que me voltou a fazer, senão... eu taria aí hoje sem moto, vindo de carro não ia ter condições, não ia ganhar pra pagar a gasolina, mas assim oh, o que pesou mais mesmo foi o futuro né, o que me faz tá nessa profissão, apesar de uma coisa que eu gosto, mas que não é o que eu queria pra mim, meu sonho mesmo era ser militar do exército né, é o meu sonho full, mas se não tem tu, vai tu mesmo né, então pelo menos para garantir um futuro pro filho, pô instabilidade, tu tendo um emprego fixo, um futuro tu consegue garantir pra um filho e pra uma esposa né... então esse é o motivo maior de eu estar na polícia militar... meu filho, principalmente meu filho... a esposa a gente arruma outra, mas filho é difícil (ILDO).

Félix havia pensado em desistir antes mesmo de entrar no curso em função de ter sido reprovado no exame médico por causa de uma tatuagem. Somente com o incentivo da esposa entrou com um recurso para que pudesse dar continuidade no processo de seleção e entrar para corporação.

Olha no curso não, mas no processo do curso sim... no processo de entrada, quando eu fui reprovado por causa da tatuagem, eu pensei em desistir, fiquei muito decepcionado por parte da corporação em no mundo de hoje tá inibindo esse tipo de pessoa que possui apenas tatuagem, uma marca, uma arte que ela gosta e pensei em desistir sim... se não fosse minha mulher eu não entrava com processo via justiça pra poder entrar na corporação (FÉLIX).

Percebe-se que nos três casos relatados, a estrutura familiar e emocional foi decisiva em todo o processo, reforçando a importância do grupo primário. Conforme relato de Alcides, era impossível ir trabalhar sem deixar que as questões emocionais afetassem o seu trabalho.

5.3.1 Farda, Arma, favela, gás: ‘a primeira vez, a gente nunca esquece’

O mundo militar possui diversos ritos instituídos que marcam a vida dos novos integrantes. Estes ritos irão permear a passagem do sujeito de uma posição social a outra. Segundo Albuquerque e Machado (2001, p. 214) a polícia militar “oferece a quem observa sua cultura um impressionante caldo de ritos de passagem”. Alguns desses ritos são significativos no processo de formação identitária do sujeito militar e são permeados de símbolos e significados. De acordo com Le Breton (2000) o significado antropológico do rito de iniciação nas sociedades, não é somente assegurar socialmente a passagem de um modo de ser a outro, ele é também uma aposta no futuro, removendo qualquer incerteza sobre o comportamento e os valores comuns que sustentam.

O rito de passagem enraíza o sujeito num quadro de memória coletiva e de pertença que confirma seu sentimento de identidade pessoal e social (LE BRETON, 2000). O autor salienta ainda que o mesmo é a expressão mais importante de pertença coletiva.

De uma forma mais geral, apesar de longo para tal, podemos considerar o próprio Curso de Formação de Soldados como um rito de passagem, que significará aos sujeitos que adentraram à Polícia Militar, a passagem do ‘mundo civil’ para o ‘mundo militar’. No entanto, para concretizar essa passagem, diversos outros ritos de iniciação ocorrem durante o processo. Os mais expressivos são: o rito de chegada, já relatado anteriormente; a aula prática de tiro, em que principalmente para os alunos soldados que são oriundos da vida civil e não passaram ainda por nenhum outro órgão militar, irão portar uma arma e atirar pela primeira vez; a atividade de campo no Rio Vermelho, rito que gera grande expectativa e rumores entre os alunos soldados; a formatura de fogo, ato simbólico em que os alunos soldados recebem formalmente o direito de passar a utilizar a farda no seu cotidiano; a incursão na favela, igualmente aguardado com expectativa pelos alunos, pois nesta atividade irão pela primeira vez estar em contato direto com o seu futuro ‘mundo de atuação’; e, finalmente, a formatura, que irá encerrar essa etapa e os consagrar enfim polícias militares.

5.3.1.1 A formatura de fogo: a farda e seu poder

A formatura de fogo foi um momento muito aguardado pelos alunos soldados e que demarca simbolicamente o momento ao qual estão aptos a usar a farda. Ela ocorreu dois meses e meio após a entrada

dos alunos soldados no CFSD. No dia anterior vinham-me falar sobre esse ritual e demonstravam bastante expectativa. Alguns alunos em tom jocoso falavam que eu também deveria aparecer fardada e bem apresentada:

Oh amanhã é nossa formatura de fogo, tem que vim de farda heim... já atira, faz prova, assisti aula... farda bem passada e coturno bem engraxado (GERSON).

Em uma das aulas, antes de serem liberados para fazerem o último ensaio da formatura de fogo, o instrutor que estava em sala de aula falou sobre a responsabilidade da farda e explanou também sobre o lado negativo que ela pode ter e disse

Quando vocês começarem a usar a farda vocês vão chegar nos lugares e as pessoas já vão olhar para vocês de uma forma diferente... são criados rótulos de truculentos, violentos... aí vocês vão ver que só quem gosta de vocês mesmo é a mãe de vocês (INSTRUTOR).

Apesar desta visão negativa que a farda pode trazer, esta vestimenta é exaltada e símbolo de poder para quem a porta. Todo este poder e exaltação são observados, inclusive nos discursos durante a formatura. A formatura de fogo ocorreu à noite, no ginásio do centro de ensino. Os alunos soldados estavam em forma na quadra juntamente com outros responsáveis por segurar a bandeira, os comandantes e oficiais. Nas arquibancadas de um lado estavam os demais alunos do curso que já haviam passado por esta cerimônia anteriormente e do outro os familiares. O ginásio estava lotado e a emoção e expectativa eram grandes, tanto por parte dos alunos soldados, quanto dos familiares. Durante maior parte do tempo as luzes do ginásio ficaram apagadas e somente a tocha da pira acesa. Geralmente esta cerimônia ocorre no pátio e os alunos chegam com as tochas acesas na mão. Como choveu durante o dia e a previsão do tempo era incerta, esta cerimônia foi feita no ginásio e os alunos soldados não entraram com as tochas não acesas, permanecendo somente algumas acesas do lado de fora no caminho até a porta do ginásio.



Foto 49: Formatura de fogo

Já no início da solenidade, o mestre de cerimônia enfatiza que o centro de ensino é fundamental para a formação da identidade militar e que estes eventos consagram este processo:

Senhoras e senhores boa noite, a Diretoria de Instrução e Ensino (DIE) e o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP) divide com todos os presentes a alegria de fardar os alunos soldados que atualmente frequentam o curso de formação de soldados. É nessa casa de ensino que iniciamos e aprendemos a fortalecer a nossa identidade militar. Desta forma, estes eventos tornam-se imprescindíveis para que se possa conservar o respeito com os símbolos nacionais bem como aos da nossa corporação (TENENTE).

A formatura do fogo é uma solenidade militar característica do quartel escola, que marca o término do período básico de formação. Nesta cerimônia é entregue formalmente aos alunos o uniforme de instrução da corporação. A partir deste momento, sendo autorizado pelo comandante do CFAP a usarem a farda, os alunos não mais utilizarão os trajes civis no interior do quartel escola.

Durante toda cerimônia é incutido aos alunos soldados e aos demais presentes, a responsabilidade que passam a assumir a partir deste momento e o orgulho de ser policial militar. O significado deste evento

para corporação, pode ser observado por meio do discurso do sub-comandante do CFAP, a seguir:

“Essa formatura noturna tem um significado todo especial. A formatura do fogo é destinada a apresentação dos novos alunos soldados com os seus uniformes de instrução e que após passarem o período básico de formação e estarem devidamente matriculados no curso, pela primeira vez estão usando a farda da polícia militar. Para tanto, devem honrá-la em todas as circunstâncias e ter o maior orgulho em envergar o brim caque. Os uniformes militares exercem certo fascínio. A história relata que os uniformes militares surgiram na Boêmia, atual República Tcheca durante a guerra dos 30 anos de 1618 a 1648. Na época, foram concebidos não apenas para facilitar a identificação com os combatentes, mas para tornar as coisas mais fácil e impressionar o oponente. Durante a guerra napoleônica no início do século 19 apareceram novas combinações e espécies de fardamentos, cores e acessórios. 100 anos depois, a primeira guerra mundial incorporou as casacas e daí para frente os uniformes passaram a ser utilizados não só nos campos de batalha, como de formas mais variadas, mas dentro de uma tradição simbólica militar a nível mundial. Hoje os senhores estão recebendo os uniformes de instrução da corporação e em breve muitos dos senhores estarão neste mesmo local participando da formatura de conclusão do curso de formação de soldados. Caros alunos, o uso da farda, suas insígnias, distintivos e condecorações, visam a padronização da apresentação pessoal, a identificação de relance do policial militar e o seu respectivo grau hierárquico, bem como suas especialidades. O uniforme militar, é o símbolo da autoridade, constitui as características mais marcantes da apresentação individual e coletiva e o seu uso correto demonstra o alto grau de disciplina e orgulho pessoal do policial militar, além do marketing corporativo, que contribui e muito com a boa imagem da corporação perante a opinião pública. O policial militar leva a sociedade através dos serviços prestados no aspecto de seu uniforme e aparência pessoal a capacidade da corporação de melhor atender sua necessidade. Para tanto, deve o policial ter o aspecto que inspire confiança ao público e essa confiança não se adquire com policiais militares mal uniformizados, com barba para fazer, cabelo para cortar, calçados sujos, cintos e coldres mal colocados na cintura. O zelo e o capricho do policial militar com as peças do seu uniforme são uma demonstração de respeito e amor à farda e mais do que isto, externa o seu ânimo profissional e seu entusiasmo com a corporação. O uniforme

policial militar, não é mera vestimenta, representa o poder estatal armado que impõem a leis, sustenta o justo e o fraco e pune a ausência do reto. É o foco da atenção pública, é o referencial de socorro para os que sofrem a violência e a tragédia. Meus alunos, ostentem com orgulho e dignidade, vistam como quem enverga a armadura dos cavaleiros medievais, iluminados pelos seus ideais de justiça. Usem-a com o mesmo espírito de coragem, sejam envolvidos por esse manto de honra imaculado na sua essência. Lembrem-se caros alunos, que esta farda carrega consigo a história de uma corporação de heróis, que ao longo de seus quase 177 anos de existência tem cumprido com grande valia sua nobre missão de bem servir essa sociedade e cabe aos senhores dar continuidade a esse valor, explorar os princípios éticos de lealdade e justiça, aliados a disciplina e hierarquia, sustentados nesta instituição, em seu cerne e sua própria razão de ser. Este comando, afirma que o profissionalismo alinhado ao elevado padrão ético e moral, e eficiência, o controle emocional, a criatividade e uma boa dose de humildade, somados a uma boa apresentação pessoal, são alguns dos requisitos que distingue o bom profissional militar e aumenta a credibilidade da corporação. Dizem, o hábito não veste o monge, mas certamente identifica. Dito isto, fica registrado oficialmente o pagamento do uniforme de instrução aos novos alunos soldados e autorizado o seu uso no âmbito interno” (SUB-COMANDANTE DO CFAP).

O discurso é ouvido atentamente por todos e faz transparecer a emoção dos que ali se encontravam. Em seu discurso, o sub-comandante do CFAP demonstra a responsabilidade que passam a assumir, bem como realça valores e regras pregados pela corporação como a disciplina, hierarquia, asseio pessoal. Posteriormente, como que retratando este discurso, muitos alunos soldados trarão em suas falas, aspectos relacionados a esse discurso, demonstrando assim, a inculcação do que é proferido.

Após esse discurso, em posição de sentido, foi cantada a canção da Polícia Militar de SC, que também traz simbolicamente a importância da farda e o mito heroísmo do policial militar.

“Na grandeza do nosso passado Na bravura que o tempo guardou Nossa Farda é um atestado Que o heroísmo já glorificou A defesa da Lei e dos lares Essa Farda nos faz garantir Os deveres são nossos altares Destinados ao crime banir Salve PM Catarinense O teu nome havemos de honrar Na batalha que o bem sempre vence Para a Lei na vanguarda ficar Na batalha que o bem sempre vence Para a Lei na vanguarda ficar Quer na paz patrulhando à cidade Quer na guerra

ou em pleno sertão Onde faça mister a verdade Onde faça mister a razão Ao tombarem a serviço da Lei Nossos bravos heróis destemidos Esquecidos soldados da grei Jamais sejam por nós esquecidos Salve PM Catarinense O teu nome havemos de honrar Na batalha que o bem sempre vence Para a Lei na vanguarda ficar Na batalha que o bem sempre vence Para a Lei na vanguarda ficar²⁰”.

Podemos observar também outros discursos que trazem consigo toda esta responsabilidade e mito de herói que o policial militar carrega. Em seu discurso, a representante do Ministério Público de SC traz:

“[...]posso dizer aos senhores meus caros alunos soldados que a imagem a polícia militar goza perante as autoridades, do Ministério Público, do Poder Judiciário, do Poder Executivo, é a melhor possível e grande parte desta imagem se deve ao uso do fardamento que os senhores nesta noite estão recebendo. Realmente, a palavra do nobre orador que me antecedeu, quando disse que os senhores estão recebendo um manto de honra, é exatamente isso que a farda que os senhores hoje envergam representa. Um manto que deve ser honrado todos os dias, como se fosse realmente o altar do dever. E é o dever que chama a atenção principalmente quando os senhores vestem essa farda caque, tradicional da nossa polícia militar. Portando essa farda, os senhores deixam de ser Maria, José ou João, para serem policiais militares do Estado de SC e como tal, devem honrar esta farda sempre fazendo por merecer usá-la e a imagem que o povo catarinense tem dos senhores é mesmo essa que também foi transmitida nas palavras do comandante desta academia. É a imagem da austeridade, a imagem da segurança, que o povo sempre procura nas horas de aflição. É a imagem do policial que vai nos socorrer numa hora de emergência, que vai me ajudar a procurar um filho, que vai saber dar orientação precisa nas horas de aflição. E gostaria também de dizer aos familiares dos policiais militares que aqui estão presentes, que os senhores tem que ter muito orgulho desta farda que seus parentes passam a usar a partir de agora. O orgulho e o orgulho da família é essencial para que o policial militar possa desenvolver suas funções tão importantes com alegria, com orgulho, com responsabilidade, sabendo que está trazendo também esse orgulho e esse amor pela farda por parte da sua família [...]” (REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE SC).

²⁰ Letra e música Ten. Cel. Roberto Kell.

O discurso de encerramento foi do sub-comandante da PMSC e novamente retrata aspectos que estão prescritos nas normas e regulamentos da polícia e que deverão ser seguidos severamente pelos novos ingressantes.

“Boa noite a todos, uma saudação especial [...] aos familiares que estão aqui neste momento com muito alegria recebendo o seu filho, o seu pai, namorado, namorada, que estão abraçando uma profissão. São mais de 3 mil pessoas que se inscreveram para esse concurso e vocês foram felizardos em poderem ter sido classificados e estarem neste momento. Talvez as pessoa que convivem pouco com vocês, não sente a dificuldade de ter passado por uma prova intelectual, depois terem que correr numa pista, fazendo suas barras, suas abdominais, muitos depois ficaram no meio do caminho, não concluíram seus exercícios, depois ser colocado uma bateria de exames psicológicos e exames físicos e vocês conseguiram furar toda essa barreira e estão aqui hoje. [...] Vocês vão ser visto de longe como policial e vocês vão ser chamados a dar os mais variados tipos de apoio a comunidade, desde saber aonde fica a rua Felipe Schmidt, aonde é que fica o correio, até socorro, há pessoas que se acidentaram, pessoas que foram assaltadas, pessoas que foram lesadas. E vocês, vão ter que sair daqui preparados para isso, para o combate, para o bom combate. Como eu sou oriundo do batalhão de operações policiais especiais, lá a gente tem uma máxima para o combate, treinamento duro, combate fácil. Então, vocês também terão aqui um treinamento duro dentro deste centro de ensino, porque lá fora, vocês não vão mais ter, não vão mais contar com o seu instrutor para perguntar para ele oh Tente como é que faço agora mesmo para algemar, pego o braço dele jogo para trás, polegar pra cima, polegar pra baixo, onde é que deixo para botar a chave da algema, para não colocar a algema ao contrário e depois me dificultar... e vocês vão ter que fazer isso rapidamente e ainda com o meliante se debatendo, não permitindo que vocês façam a imobilização e utilizem a algema. [...] Senhores, pais, mães, namorados, namoradas, esposo, esposa, filhos, vocês vão muitas, mas muitas vezes, vocês não vão ter a presença deles na sua família, porque eles estarão numa noite de chuva socorrendo pessoas inundadas e as suas casas não poderão socorrer.... muitas e muitas vezes vocês vão escutar os seus filhos chegando em casa todos sujos, cheio de lama, as vezes ensanguentado, que era para ter chego para a janta e vai chegar no café da manhã... porque a farda é um sacerdócio. Nós temos hora para chegar no quartel, mas não temos hora para irmos embora. Nós somos 24 horas

policiais e agora mais ainda fardados. A nós, policiais militares, senhores pais, mães, não nos é permitido errar, quando nós fizemos coisa boas, os jornais não publicam, mas quando um fotógrafo, numa noite escura, fotografa alguns policiais brincando, isso vai para o jornal nacional, mas todos aqueles partos que nós fizemos, as pessoas que salvamos, as pessoas que retiramos das ferragens, que nosso helicóptero socorreu, os nossos policiais mortos em combate, são esquecidos. Isso é o que vocês escolheram... pensem bem, ainda é hora. Daqui alguns meses vocês vão estar neste mesmo local e vão jurar, sobre a bandeira do Brasil, que vocês vão defender as pessoas, a sua pátria, seu município, os catarinenses, os turistas, com o risco da sua própria vida. E não é apenas um juramento formal, mas é uma realidade. [...]” (SUB-COMANDANTE GERAL DA PMSC).

Após o encerramento da solenidade, os familiares entraram na quadra para cumprimentar os alunos soldados. Todos estavam muito emocionados, felizes, alguns choravam. Os alunos soldados me pediam para bater fotos e me apresentavam para família. Um dos alunos soldados emocionado me disse: “parece que agora a ficha vai caindo.... aos poucos vão caindo as fichas” (ARMANDO). O comandante do pelotão veio me cumprimentar e me considerando como parte do grupo falou: “a senhora também está dispensada”.

Mesmo a entrevista sendo feita cerca de cinco meses após a formatura de fogo, quando questionados sobre **como foi vestir a farda pela primeira vez**, os alunos soldados traziam inculcados em seus relatos alguns aspectos proferidos nos discursos da formatura de fogo e que também eram reforçados durante todo o curso de formação.

Elias, que já havia vestido antes a farda de bombeiro, diz ter sido diferente a sensação de vestir a farda de policial militar. Segundo ele, esta repassa uma sensação maior de respeito perante a sociedade e o sentimento desperto foi de estar realizando o sonho de ser militar. Mesmo já estando no curso a quase três meses quando vestiu a farda pela primeira vez, esse ato que o fez se sentir realmente militar.

A da polícia militar ela impôs mais respeito do que a que eu vinha utilizando... eu utilizava a de bombeiro comunitário, então você é visto com outros olhos e não com represália, não como uma instituição que reprime, que educa... então a farda da polícia ela é mais respeitada... eu me senti assim como... como um verdadeiro militar

mesmo, porque no meu caso né, você, a própria farda, no próprio andar, seja no veículo ou seja numa motocicleta, ela te trás respeito né... ela trás respeito para os demais assim... Meu sentimento foi de tá realizando um sonho assim de ser militar né... aquela questão que você era simplesmente uma pessoa que estava pra ajudar e não tem opinião e não tem força... isso acabou quando na utilização da polícia você é mais respeitado assim... socialmente e tal, no convívio (ELIAS).

Alcides por já ter vivenciado a experiência de vestir a farda no exército, diz não ter tido emoção ou empolgação como seus colegas que a vestiam pela primeira vez. O fato de já ter passado por esta socialização e ter familiaridade com a situação, tornou normal e naturalizado o que para os demais, era novidade. Este fato vai ao encontro do conceito de *habitus*, pois quando incorporado, inculcado, torna-se natural, fazendo a pessoa agir automaticamente, sem se perceber de como está agindo.

Da polícia? Foi tranquilo, porque já ter visto aquela outra farda né, que simbolizava militarismo, então eu já tinha vivenciado esse uso de farda, não tinha o fetiche que nem... não é fetiche, não tinha aquela... pra mim não foi uma empolgação vestir uma farda por já ter vestido, pra mim não foi uma emoção, como muitos que eu vi que vestiram a farda pela primeira vez e era emocionante pra ele sabe, por ser a primeira vez... [...] eu não senti aquela emoção de botar a primeira farda pela primeira vez... [...] o sentimento foi de inserção de novo, inserção sabe, inserção... só esse sentimento, mas não aquele sentimento de ah a farda, eu sou o cara, eu já tinha usado. [Foi diferente da sensação e da emoção de colocar lá na época pela primeira vez?] não me lembro muito como é que foi, deve ter sido legal... [pensativo]... é do exército foi legal, foi legal mais pela conquista mesmo (ALCIDES).

Celso, assim como Alcides, diz não ter sido surpresa vestir a farda, pois isto já fazia parte do seu cotidiano no exército. Para ele a farda representa o Estado frente a sociedade e expressa o dever que deve cumprir. Já para instituição polícia militar, a farda representa

organização, padrão de todos estarem iguais. Novamente o fato de já fazer parte do ‘mundo militar’ antes de entrar para a polícia, fez com que este rito de passagem fosse natural, familiar, já incorporado.

Muito bom. Como eu já era militar, eu já tinha essa prática de usar fardamento todos os dias, mas aqui não tive muita, muito assim, como é que eu vou dizer, ooooooh... né... mas foi bom, pra mim foi tranquilo... tu põe a farda tu expressa como é que eu vou te dizer assim, tu se sente no dever de, como é que eu vou te explicar, de... do cidadão ver o Estado em ti entendeu... [...] A farda representa organização dentro da polícia militar, ela representa organização, padrão, padrão de todos estarem iguais e pra sociedade, a farda representa pra mim o Estado né (CELSO).

Júlia também afirma não ter tido emoção ao vestir a farda, pois apesar de não ser militar, já a usava na guarda municipal. Faz uma comparação entre sua reação e a reação de colegas que a vestiram pela primeira vez. Finaliza afirmando o quão é importante para a polícia militar a farda.

Sem emoção velho, porque querendo ou não eu já era da guarda, então a gente já tinha aquele uniforme, que é uma farda também, não é farda militar mas é um uniforme, então... ah os guri meu Deus né, tem gente que dormiu com a farda, eu não tive essa emoção não, muita coisa eu já não tive, por causa da guarda assim [E o que que a farda representa na polícia?] aaaaaaah a farda é tudo né, imagina, cospe na farda na frente de alguém pra tu ver... cruze, é igual pegar a bandeira dos EUA e queimar na frente do coisa lá, não, não... até por causa das insígnias né, das divisas tal... é muito importante mesmo (JÚLIA).

Diferentemente dos participantes citados anteriormente, Célio afirma se sentir outra pessoa depois que começou a usar a farda. Relata que em um jogo que estava trabalhando, foi cumprimentar um amigo pessoal, que frequenta sua casa, e o mesmo não o reconheceu. Prestaram continência, ficaram conversando durante um tempo e somente após alguns minutos o amigo o reconheceu fardado. Disserta ainda, que

socialmente as pessoas também passam a olhar com outros olhos. Ele se diz reconhecido no bairro onde mora por ser policial militar, devido ao uso da farda e acrescenta que todo local público no qual vá e esteja vestindo a farda, a atenção se volta para ele. Apesar de sentir-se diferente, Célio afirma que com o dia a dia passou a se acostumar com a farda, sem sentir o estranhamento que sentia no começo.

Tu muda, tu é outra pessoa.... tu muda totalmente... eu tenho um amigo que é tenente do bombeiro e eu exercendo uma atividade no jogo de futebol fui falar com ele, prestei continência né e tal, conversamos um pouco e ele não havia me reconhecido, depois de algum tempinho que ele viu assim ah é o João, me conhecem como João né, não é Célio, o nome de guerra... e ele falou “tu vê como uma farda muda a pessoa”... [...] no meu bairro né, as pessoas já te olham com outros olhos né, ah o filho do José é policial militar, ai que bom, não sei o que... muda totalmente assim a farda... [...] tu te sente diferente, tu sente que tu vai num ambiente num lugar público, todo mundo te olha né, tu vai no supermercado todo mundo te olha, a atenção parece que vira pra ti assim, mas assim foi normal, depois do dia a dia tu te acostuma né (CÉLIO).

Amarildo diz ser a farda um símbolo de distinção entre o policial militar e o civil, é o que irá distingui-lo na rua do ‘cidadão normal’. Afirma gostar de usar a farda e expõe que ela representa poder e segurança para sociedade.

Ah meu Deus... padrão né... isso aí foi a melhor parte, a farda pra mim ali foi... pra mim que nunca tinha usado... foi show de bola... eu não sei se é porque a policia ela trás um sentimento de poder e pô e eu se eu posso falar que eu sou policial eu falo, eu sou polícia pô, é isso aí e se eu puder andar fardado melhor ainda... fardado ali ó, tu mostra, a pessoa fica mais segura, alguma coisa né, algum sentimento ali, mas pra mim é ótimo, a farda é maravilha. [...] pô cara, emoção, eu sou muito... eu sou emotivo pra caramba... eu vou dar até um exemplo pra ti, na formatura sexta-feira eu tava lá, a banda da policia começa a tocar, eu já

fico emocionado, fico todo arrepiado já tá ligado, eu acho massa, acho legal. [Quando teve a formatura de fogo que assim bom, agora a gente pode usar a farda, como foi?] Pra mim ali foi padrão, sempre tive, várias pessoas não queria usar porque era verão, eu tava doido pra colocar já, porque ali tu se identifica como polícia né... é o que te difere de ser polícia e o cidadão normal ali que tá andando nas ruas, é a farda (AMARILDO).

Juvenal ao colocar a farda pela primeira vez diz não se sentir preparado para responsabilidade que ela representa. Durante todo o curso e mesmo nos discursos no dia da formatura de fogo, esta responsabilidade conferida fica evidente. O aluno soldado discorre que se senti ainda ‘cru’, sem muitos conhecimentos e experiência devido ao fato de ter recebido a farda quando ainda não tinha completado três meses. O medo e a insegurança de ter que atender alguma solicitação da sociedade por estar envergando a farda, só diminui com o passar do tempo, com os conhecimentos e experiência adquiridos no decorrer do CFSD.

Pô parece que não tinha caído a ficha assim, parece que eu coloquei a farda sem tá realmente achando que eu realmente merecia tá com a farda, sem realmente achar que eu tivesse preparado pra tá usando, foi meio estranho assim, não me senti muito bem não. Gostei de tá usando, me senti orgulhoso, mas fiquei me olhando no espelho, pô será que eu tô preparado pra usar isso aqui cara... porque eles deram a farda muito no início, acho que a gente tava com uns dois ou três meses de curso, tava bem crusão, bem cru assim... nessa época que eles deram a farda pra gente, que teve a formatura de fogo, a gente foi com três meses de curso eu acho, não me sentia realmente preparado ainda, como hoje ainda não me sinto 100%, mas hoje eu visto a farda tranquilo se precisar ajudar, se precisar atender uma ocorrência, se precisar fazer qualquer tipo de ocorrência eu consigo desenrolar e consigo fazer, na época que eu recebi a farda eu já não, já iria ficar mais travado, não ia conseguir desempenhar, então não tinha segurança antes pra tá usando, hoje eu tenho segurança em tá usando (JUVENAL).

Gerson traz em sua fala a realização pessoal por representar o sonho que buscava. Traz ainda aspectos inculcados dos discursos proferidos durante o curso de ser a farda representação de respeito, poder e responsabilidade.

Senti realizado, feliz, dá uma realização né, de conseguir aquilo que eu tava tentando. A farda representa respeito, sinônimo de respeito, poder e responsabilidade essa farda tem né (GERSON).

Félix também atribui o uso da farda à realização de um sonho. Diz que ao vestir a farda, sentiu-se realmente policial militar e retrata o poder que ela possui. Para Félix, a farda representa uma nova vida e é ela que dará o respeito por parte da sociedade.

Oh, pra mim foi gratificante... tudo que eu sempre quis, um sonho, a hora que eu vesti a farda, todo mundo se sente policial realmente, porque o uniforme de inclusão na polícia militar que é a calça jeans e a camiseta branca, todo mundo sabe que é policial, que é aluno, mas tu não tem aquele poder de ser um policial, de tá orientando a pessoa, a pessoa te vê como um policial e respeitando aquela farda que tu veste, então pra mim foi gratificante tá vestindo a farda pela primeira vez.... [e o que que representa essa farda pra corporação, pra ti?] Olha, pra mim representa muito, representa uma nova vida e pra corporação muito mais, muita gente já vestiu isso aqui, já foi glorificada por essa farda e pretendo não manchar esse uniforme que é tão bonito e bem visto por todos (FÉLIX).

Cristian também discorre em seu relato sobre o impacto do olhar da sociedade e traz embutido em seu discurso o mito do herói, quando afirma que o ápice em sua carreira será quando conseguir salvar alguém.

Pra mim foi orgulho, foi legal ver fardado. Cara eu me senti bem, eu me senti... acho que quando a gente bota a farda a gente se sente melhor, a gente sente... como é que eu vou te dizer, é questão de... a sociedade te vê diferente, tu bota uma touca a sociedade te vê já meio atravessado, tu bota uma farda eles já te olham melhor, então é a sensação

que tu tá sendo bem visto pela população, é a sensação que tu vai ajudar, é bem legal... [E o que que essa farda representa?] pô ajuda né, o principal é ajuda, principalmente ajudar os outros.... tu chegar numa ocorrência e tentar resolver, tentar salvar alguém, acho que a primeira vez que eu salvar alguém vai ser o ápice (CRISTIAN).

Ian acredita que a farda da PM não condiz a sua realidade, mas acabam se acostumando. Apesar de afirmar que não houve mudança alguma em vestir a farda, assevera ter mais cuidado em relação as suas ações e faz uma distinção entre o comportamento correto e ideal de um militar e de um civil. O policial não poderia por exemplo, ir a um supermercado fardado comprar cerveja ou falar palavrões, condutas que são contra o papel reto de um militar, pois poderia ser mal interpretado por um civil. Para Ian a farda representa apenas um uniforme como outro qualquer, no entanto traz em seu discurso – “se eu estou fardado, me deparo com um acidente e não paro, é muito complicado isso pra quem vê e pra mim, talvez se eu não tivesse fardado eu estaria ali como uma outra pessoa normal” – o símbolo da responsabilidade que a farda representa, inclusive de o tornar uma pessoa ‘não normal’, diferenciada, por usá-la. Seu discurso parece contraditório, pois ao mesmo tempo que acredita não ter ocorrido mudanças, retrata que tem que agir de forma diferente em determinadas situações. Possivelmente por já ter incorporado e inculcado o *habitus militar* e dessa forma, acabar agindo naturalmente, de acordo com os novos valores, crenças, disposições assumidas.

Foi estranho, a cor não é bonita, a calça e o coturno não condiz com a nossa realidade, essa calça e esse coturno seria basicamente pro pessoal do campo do exército, mas a gente acaba se acostumando. Pra mim não houve diferença nenhuma, apesar de eu estar fardado, eu continuei sendo a mesma pessoa, só com um pouco mais de cuidado em relação aos meus atos, pra que as pessoas né, os civis, não me vissem talvez fazendo coisas erradas, por exemplo, ir no supermercado comprar cerveja, as vezes falar palavrão, seria basicamente isso, mas a farda em mim ah o Ian em si colocou farda e se sentiu assim de uma outra forma, não... pelo contrário, quando eu colocava a farda é como se eu tivesse ali pronto pra ser o

policial militar, pra tá ali a disposição da população, entendeu [e o que que a farda representa na polícia?] Pra mim a farda é um uniforme, se eu tô numa empresa com aquela roupa x, eu tô ali pra trabalhar, como um operário coloca um capacete, seu macacão, sua botina, sua luva e vai trabalhar na obra... a partir do momento que eu estou fardado, eu tenho completa responsabilidade né, de tá ali pelas pessoas, para as pessoas, então se eu estou fardado, me deparo com um acidente e não paro, é muito complicado isso pra quem vê e pra mim, talvez se eu não tivesse fardado eu estaria ali como uma outra pessoa normal entendeu (IAN).

O fato de receber a farda para Haroldo representa o cumprimento do propósito que traçou para sua vida. Traz ainda em seu discurso, o respeito e admiração que a farda representa.

Foi digamos que um passo realizado por causa que foi uma coisa que eu sempre quis sabe, sempre admirei, sempre busquei, então digamos que foi um processo que tá se cumprindo aos poucos. Um sentimento de que eu tava conseguindo, tava cumprindo o meu propósito que era ser policial militar. A farda pra mim representa respeito, admiração, é, basicamente é isso (HAROLDO).

Jardel emocionado e empolgado na sua fala diz que foi uma felicidade enorme. Nem mesmo o calor que estava no ginásio no dia da formatura fez com que o brilho do momento fosse menor. Assim como Juvenal, Jardel também se questionou se estava pronto para assumir a responsabilidade que a farda representava a partir daquele momento, questionando-se inclusive, como forma de deslumbramento, se era ele mesmo que estava ali vestindo aquela farda. Traz ainda em sua fala, aspectos remetidos aos discursos proferidos no dia da formatura de fogo, que demonstram disposições inculcadas.

Ah, foi uma felicidade... a primeira vez foi show de bola e mais no dia da formatura ainda, formatura de fogo... tava quente pra caramba aquele dia dentro de ginásio mas ninguém sentiu nada... a gente pingava de suor, mas ninguém

senti nada... [risos] [...] chegar em casa e parar na frente do espelho e fala, bah, será que eu vou conseguir? Será que é eu mesmo aqui? A farda representa a instituição policial militar, a força que é a polícia, o poder do Estado, entra em qualquer lugar, desde que teja perante a lei, tá em qualquer lugar... tá na água, tá em fronteira, aéreo, então isso é importante (JARDEL).

Ildo discorre sobre como foi gratificante e ao mesmo tempo estranho vestir a farda, pois a partir daquele momento foi onde começou a ‘entrar na cabeça’ e virar realidade que ele era policial militar. Assim como outros alunos soldados, também diz ter que cuidar com alguns comportamentos, pois coisas que seriam comum uma ‘pessoa normal’, um civil, fazer, ele enquanto militar, fardado, não pode. Outro aspecto observado no relato de Ildo diz respeito a familiaridade que já possuía com o uniforme.

Foi bem gratificante, meio estranho né, mas foi gratificante. Na verdade quem foi filho de policial e nunca botou a farda do pai né... eu tinha até capacete, tinha cinto, tinha tudo [...] mas assim oh, começou a entrar na cabeça né, que começou a virar realidade né que, porque quando tais com aquele uniforme de entrada, aquele calça jeans e camiseta branca, não entra ainda na tua cabeça que tu é policial militar, então a partir do momento que tu usa farda, que tu começa usar farda, começa a vir mais a flor da pele né, começa a ser mais realidade. A farda representa seriedade, status, queira ou não queira status, ela representa também mais responsabilidade, tais fardado tu não pode fazer certas coisas que seria comum, que seria comum numa pessoa normal entre aspas, um civil fazer e coisas que tu não pode fazer com a farda né... sentar no meio fio, fazer gesto, muita coisa que tu não pode fazer, viras referência né (ILDO).

Jarbas afirma ter se sentido estranho ao vestir a farda, fato que com o passar do tempo, foi se naturalizando.

Estranho, eu botei a farda parecia que eu não era feito pra isso, parecia que eu tava experimentando

a farda de alguém, parece que não, não... no começo eu olhava assim, meu Deus que estranho, parecia que todo mundo me olhava, parecia que eu era a pessoa mais importante do mundo... passava na rua todo mundo ficava olhando pra mim, ficava ate meio envergonhado assim, não envergonhado, mas assim meio encabulado, parece que não gostavam tá ligado, hoje em dia eu já visto ela normal, parece que é uma segunda pele, cara bota sai na rua e até esquece que é policial, as vezes o cara passa, vê as pessoas olhando, e pensa que isso... daí o cara, ah tô de farda... mas no começo foi bem estranho, bem difícil, bem complicado... [E o que que a farda representa?] Autoridade, muita autoridade, poder imensurável, na rua as pessoas chegam perto de ti, as vezes tu vai falar com a pessoa, perguntar uma coisa, as pessoas já te olham tudo assustado assim, as pessoas do bem né, as pessoas do mal não tão nem aí, as pessoas do bem te olham toda assustadas, 'pois não senhor policial', eles ficam tudo tremula né, as vezes abordo pessoa ali na rua sem nada, a pessoa começa a se tremer toda, eu vejo que dá um poder, eu vejo que dá um poder assim, uma sensação de poder muito grande... [E tu sente essa sensação de poder?] Não, eu não sinto eu como pessoa, eu sinto as pessoas com relação a mim, mas eu nunca... eu atendo qualquer pessoa normal, é claro que em determinadas situações como numa barreira policial, a gente acaba ficando meio amedrontado também né, a gente impõe mais um vigor assim pra poder ter respeito, mas na rua em si eu vejo que as pessoas ficam meio retraídas assim em relação a gente (JARBAS).

Percebe-se com o relato dos entrevistados, que os aspectos repassados pela corporação sobre o que representa a farda, como o orgulho, o respeito, a autoridade, o poder, a responsabilidade, dentre outros, foi inculcado e incorporado pelos alunos soldados. Eles exteriorizam por meio de suas falas, estas disposições incorporadas durante o CFSD. Ou seja, ao assumirem o papel social de militar nesses processos de interação, evidencia-se articulações entre a interioridade do indivíduo e as exterioridades sociais que o mesmo encontra (JOAS,

1999). Ou seja, a interiorização do processo de interação, pressupôs a identificação com a representação simbólica proporcionada pelas vivências neste campo.

Constata-se também, que para os alunos soldados que já haviam passado por essa experiência anteriormente, o fato de participar da formatura de fogo e estarem autorizados a utilizarem a farda, não os trouxe emoções como dos colegas que passavam por este processo pela primeira vez, evidenciando assim, a familiaridade (STRAUSS, 1999) como facilitadora no processo de socialização. A naturalidade aos que já faziam parte do ‘mundo militar’ foi recorrente. Na seção seguinte será descrito como foi para os alunos soldados portar uma arma e atirar pela primeira vez.

5.3.1.2 ‘Atenção, ao meu comando, fogo!’

As aulas de Tiro Policial eram realizadas no estande de tiro e tinham tanto cunho teórico como prático. Os objetivos a serem alcançados com esta disciplina eram capacitar os alunos soldados com conhecimento e contato com as armas em uso na Polícia Militar, emprego, características, funcionamento, manuseio, munições e balística, bem como, procedimentos de segurança adotados no serviço policial e nas instruções de tiro (SILVA, 2011), para que se pudesse com isso, fazer com que os alunos soldados obtivessem domínio do armamento e precisão nos impactos.

Geralmente quando havia aula no estande de tiro, íamos de manhã e só retornávamos no final do dia. As primeiras aulas foram teóricas e os alunos aprenderam a manuseá-la, fazer a limpeza e algumas técnicas básicas.



Foto 50: Manuseio da arma

Nas aulas práticas, os alunos eram equipados com colete balístico, óculos e abafador de som. Eles eram separados em grupos e ficavam praticando tiro durante todo o dia em exercícios diversos e repetitivos. Os instrutores repassavam as instruções e acompanhavam

cada tiro dado, conferindo os resultados junto com os alunos soldados. Nas primeiras vezes, os alunos se sentiam ainda inseguros, erravam os procedimentos, ficavam nervosos, alguns tremiam, outros não conseguiam acertar no alvo. Com a prática e o passar do tempo, a técnica foi aprimorando e o que antes parecia difícil, passou ser automático. Com isso, demonstra-se o componente conativo (WACQUANT, 2013) do *habitus*.



Foto 51: Treinamento no estande de tiro1



Foto 52: Treinamento no estande de tiro 2



Foto 53: Treinamento no estande de tiro 3

No final do curso, fizeram como prova uma atividade prática simulando uma ocorrência real. Os alunos soldados passavam por uma pista montada, simulando um assalto, em que havia vítimas, bandidos e situações que poderiam encontrar na rua, no seu cotidiano de trabalho. A intenção dos instrutores era criar um ambiente de estresse emocional, como se a situação estivesse ocorrendo. Os alunos tinham algumas etapas para cumprir e os instrutores acompanhavam-nos e avaliavam se todos os procedimentos aprendidos durante o curso eram realizados. As fotos a seguir demonstram esta atividade.



Foto 54: Treinamento no estande de tiro 4



Foto 55: Treinamento no estande de tiro 5



Foto 56: Treinamento no estande de tiro 6

Questionou-se aos alunos soldados **como havia sido atirar pela primeira vez**. Novamente para os alunos soldados que já haviam passado por algum outro órgão militar e, conseqüentemente, já atirado, este rito de passagem não era percebido da mesma forma do que para os novatos.

Elias afirma nunca ter pegado numa arma antes e, emocionado, diz que o primeiro dia para ele foi bem difícil, principalmente por questões psicológicas, pois lembrava do seu pai sendo alvejado e morto. Chegou a questionar-se juntamente com a mãe se isso era realmente o que ele queria, mas relata que com o passar do tempo a situação foi ficando mais fácil.

Eu nunca tinha utilizado arma, eu nunca tinha pego na mão nada... e o primeiro dia pra mim foi difícil... o primeiro dia pra mim pegar a arma foi super difícil porque me veio na cabeça né, [com os olhos lacrimejando] o meu pai sendo alvejado né, alguma coisa assim nesse gênero... então o primeiro dia pra mim foi difícil na utilização, não na utilização manuseio, mas na questão psicológica pelo fato daquele pedaço de ferro tirar a vida de alguém... então aquilo pra mim no primeiro dia trouxe lembranças do meu pai, foi bem difícil, foi bem difícil, mas na questão de manuseio, essas coisas foi super tranquilo... e com o tempo, na primeira aula, na segunda aula, eu conversei bastante com a minha mãe e tal, passei pra ela e deu pra sentir que ela também, que ela também viu assim que será que era isso mesmo que tu quer fazer, ou não quer fazer, então foi bem difícil... o primeiro dia de instrução foi difícil. Depois foi tranquilo... é ... tranquilo não, mas você tem que ter uma concentração né, tem que se concentrar naquilo que você tá fazendo porque é um armamento perigoso, então você tem que tá bem atento (ELIAS).

Célio também relata sua dificuldade em pegar na arma pela primeira vez. Apesar de dizer ser uma sensação boa atirar, pois é uma forma também de aliviar o estresse, a primeira vez o fez 'tremar na base'. Essas reações eram sentidas no próprio corpo, com tremedeira, mão fria, suor.

Olha eu nunca havia pegado numa arma, nunca tinha atirado, pra mim foi bem difícil no começo... a primeira instrução que nós tivemos foi com a 38 né, revólver calibre 38, é... tremi na base, tremi realmente na base assim, mas aí aos poucos a gente vai se acostumando... a sensação de atirar é

boa [risos]... é aquela coisa que ali tu elimina todo o teu estresse né, vai tudo ali, mas assim a primeira vez que eu peguei na arma realmente eu não gostei daquela situação ali, tremi na base, eu tremi, mão fria, suor, todos esses sintomas assim (CÉLIO).

Assim como Célio, Félix discorre sobre o misto de medo e prazer ao atirar pela primeira vez. O medo foi a primeira sensação do aluno soldado, no entanto com o dia a dia, aprendendo a técnica, diz ser maravilhoso.

Pra mim foi difícil, nunca tinha atirado, nunca tinha manuseado nenhuma arma, mas é, foi muito gostoso ao mesmo tempo, que é delicioso atirar, ainda mais o tiro que a gente fez, que foi um tiro visado, ou aquele tiro calmo, aplicando as técnicas, então pra mim foi muito bom, mas admito que fiquei com um pouco de receio ao pegar uma arma na mão, porque nunca tinha manuseado, nunca tinha encostado em nenhuma arma... achei um pouco de medo, mas depois que a gente aprende a técnica foi maravilhoso (FÉLIX).

Amarildo afirma ter ficado muito nervoso no início, tanto para atirar como pensar que em alguns meses estaria ganhando uma arma para levar para casa. Discorre sobre a responsabilidade deste porte e sobre a importância que foi o treinamento para capacitá-los a utilizá-la.

Meu Deus eu fiquei nervoso, eu fiquei muito nervoso, porque apesar de tu ver o que tu táis vendo todo dia na televisão, tu chega na hora e tu pega ali, eu acho que se não houvesse esse treinamento ali, eu não sei se eu saberia usar uma arma, se eu teria coragem de usar uma arma, porque hoje tu pega uma arma lá, tu vai na reserva e tu pega uma arma, tu tem confiança, tu sabe trabalhar com o equipamento. Antigamente, pô tu ía lá, dava dois tirinho, tá formado, vai embora... não saberia se eu conseguiria usar a arma, pra mim no início foi difícil, foi muito complicado, porque lidar com essa ideia depois eu vou ganhar uma arma, vou guardar uma arma em casa, é uma

coisa assim que desperta a curiosidade, é complicado, é responsabilidade também... tá louco... padrão... ali tu viaja né... o cara acho que chega aquela parte de tiro ali e tu viaja, ali é show de bola (AMARILDO).

Para Jardel que nunca tinha pegado uma arma, a primeira sensação foi a de medo. No entanto, novamente observa-se no relato que a cada tiro a dificuldade e o medo diminuía, pois a experiência recorrente fazia com que a situação fosse se tornando familiar.

Primeira vez foi.... nunca tinha pegado uma arma na mão, mas depois.... hoje pra mim é segurança... Fiquei aliviado, porque eu achei lá uma arma deve ser difícil de atirar, então os primeiros tiros... cada tiro que eu dava eu ficava mais tranquilo, mais aliviado.... tinha mais... perdi aquele medo... tinha mais manuseio de arma também.... mas num primeiro momento tinha medo (JARDEL).

Gerson, Celso e Alcides, por já terem atirado anteriormente afirmam não terem tido nenhum problema. Segundo eles o fato de já ter prática com armamento os deixou tranquilos para a atividade. Alcides discorre sobre a responsabilidade que será andar armado na rua, pois no exército só utilizava armas em locais específicos. Gerson seguindo a linha de raciocínio de Jardel, aborda sobre a segurança de se andar armado, pois em qualquer situação pode se defender ou defender alguém. Vale destacar neste caso, a importância do treinamento psicológico e controle emocional para que se tenha consciência da forma correta e necessidade de utilização de uma arma. Todos esses aspectos eram constantemente frisados e abordados em diversas disciplinas durante o curso, como na de Tiro Policia, Técnicas Policiais, Ciência Comportamental, dentre outras.

Eu já tinha atirado outra vez, também já tinha usado fuzil, já atirava de fuzil, não foi nada assim de mais, o andar armado na rua, esse sim foi uma experiência... uma nova experiência, foi diferente, não sei te dizer como, mas diferente... tu andar com arma né, como policial é diferente do exército, no exército eu tirava guarda com arma, mas tirava guarda, ficava num local específico, dentro dos locais específicos, mas assim, como

policial eu vou transitar no meio de pessoas né, ficar transitando... eu posso transitar em qualquer lugar, no exército eu ficava em determinado lugar cuidando, é um pouco diferente sabe, agora eu vou transitar com uma arma entendeu... vai ser um pouquinho diferente portar essa arma sabe, tem mais responsabilidade também, uma arma é uma responsabilidade enorme né, andar com arma (ALCIDES).

Eu já tinha atirado, já portava arma, então... pra mim foi sem... foi assim tranquilo, não foi muita novidade pra mim (CELSO).

[risos] sempre gostei de arma, já atirava antes, já trabalhava com essa área, já gostava disso... mas dá uma segurança a mais, com o que tá acontecendo na rua que a gente sabe aí, sabendo que tu tem como te defender, defender alguém, coisa boa (GERSON).

Ian também relata a facilidade em atirar por não ser a sua primeira vez. No entanto, diz que sua visão mudou após entrar no curso. Antes quando se dizia civil, pensava que o policial militar fardado e armado, era como um super herói capaz de tudo. Porém, após se tornar militar, mudou seu ponto de vista a respeito, pois compreendeu que quando se está fardado e armado, a responsabilidade é maior e o cuidado para não fazer coisas erradas deve ser constante.

Pra mim foi normal assim, porque eu já tinha arma, eu já tinha atirado, pra mim foi indiferente e acredito que, igual a farda, portando uma arma agora vai ser mais responsabilidade. Antes deu entrar na polícia eu tinha a ilusão que assim que se eu usasse, que se eu portasse essa arma eu teria é um poder assim entendeu, supremo... e não, pelo contrário, a partir do momento que ela está na minha cintura, a polícia me fez enxergar ao invés de ter poder fardado, ao invés de ser o super homem armado, não, pelo contrário, se eu tô fardado, se eu tô armado, eu tenho responsabilidade, aí sim que eu tenho que tomar cuidado entendeu, então a minha maior mudança com a polícia assim, a minha percepção de civil

pra militar foi essa, eu achava que o policial nossa tá fardado, tá armado, ele é o super herói e nada, pelo contrário, ele tem que ser o cara mais responsável de todos entendeu, senão ele acaba fazendo coisa errada né (IAN).

Juvenal, que já possuía amigos policiais, diz ter ficado mais tranquilo, pois anteriormente, quando não conhecia a técnica, tinha medo inclusive de tocar numa arma de fogo.

Pô me deixou muito tranquilo, porque antes eu tinha até um certo medo de arma de fogo, tinha vários amigos policiais e sempre via usando e manuseando e sempre tive receio até de tocar e eu vi que não é nenhum bicho de sete cabeça, é uma coisa tranquila, simples, só se fazer a técnica correta que não tem como ter acidente, não tem como ter nada (JUVENAL).

Assim como Gerson e Jardel, Cristian relata sobre a sensação de segurança que a arma passa. Em seu caso, diz morar numa área de risco, o que é complicado segundo ele subir fardado sem estar armado. Apesar de esperar nunca ter que tirar a arma da cintura, afirma que portá-la, dá mais segurança. Discorre ainda que embora nunca tivesse pego numa arma antes, sentiu-se tranquilo em atirar.

Pra mim foi tranquilo... foi legal sabe... a questão de pô tenho uma arma... eu nunca tinha pego numa arma, nunca tinha atirado, então pra mim foi bem, como é que eu vou dizer, foi bem curioso, uma coisa que eu nunca tinha feito, mas foi legal, eu gostei... questão que tu se sente seguro né, tu se sente bem mais seguro, que nem eu, eu moro numa área de risco, eu moro no morro, no meio da favela, aí pô tu sobe ali toda vez sabe assim, no momento que tu tá armado é outra coisa né, tu se sente mais seguro, mas pretendo não tirar da cinta né, mas a sensação de segurança é bem maior (CRISTIAN).

Haroldo diz nunca ter tido a pretensão de ser uma pessoa que causasse medo nas outras e apesar de dizer que não tem como os outros a sensação de poder em estar armado, traz oculto em seu comentário

este poder, pois acredita que andar armado remete a causar medo nas outras pessoas. Para ele a arma é um complemento da farda. Seu objetivo maior era portar a farda e a arma seria somente uma consequência deste ter a farda.

Eu nunca fui muito eufórico nesse tipo de coisa assim sabe, eu nunca tive a pretensão de ser uma pessoa que causasse medo nas pessoas, nunca quis causar medo, causar impacto nas pessoas, gosto de ser uma pessoa mais comedida. [...] muita gente fala do sentimento de poder, tá ali armado, não... foi mais um processo normal do passo que tá se cumprindo aos poucos sabe, foi um processo normal do objetivo maior que é portar a farda, então a arma é um complemento da farda e o objetivo maior era portar essa farda e a arma era um complemento (HAROLDO).

Júlia diz ter sido tranquilo, uma vez que seu pai já tinha arma, então para ela era natural. No entanto, afirma não lembrar direito como foi atirar pela primeira vez, pois prefere não ficar ‘guardando’ muitas coisas na cabeça. Relata lembrar apenas de como foi atirar com uma calibre 12, já que era uma arma grande, pesada, com tranco forte, o que deixou-a com o braço todo roxo.

Tranquilo, meu pai já tinha arma então... portar, tipo pegar, já tinha pego... atirar... ah nem me lembro sabias, oh eu deletei um monte de coisa, deletei um monte de coisa desse curso cara, realmente eu não me lembro de como foi eu atirar pela primeira vez, não me lembro, realmente, da 12 eu ainda me lembro, porque foi um tranco fudido, eu fiquei toda roxa, daí eu me lembro como é atirar com a 12, agora com pistola...[...]. [Não deu emoção nenhuma?] Da 12 deu, porque é uma arma grande, dá uma coisa tipo, pô que arma grande, pesada e tal, dá um medinho né, 38, pistola, puf... não é minha vibe entendeu... eu fico estasiada (JÚLIA).

Jarbas diz ter sido a primeira vez há muito tempo, pois já atirava na marinha. Ele relata ainda sobre o poder que arma representa.

Pela primeira vez foi a muito tempo porque na marinha eu atirei muito, muito mais que eu atiro aqui, mas hoje, eu aprendi a manusear a arma mesmo, hoje eu tenho senso do que que é, como eu posso matar uma pessoa, como eu posso me defender, como é perigoso ter uma arma em casa na minha posse, antigamente eu não tinha muito esse medo, porque a gente era ensinado pra matar mesmo, a gente era meio suicida, hoje não, hoje eu tenho medo, eu tenho medo de alguém pegar ela, brincar ou matar alguém, mas eu vejo que é uma coisa que te dá... queira ou não queira, o dia que tu vê uma pessoa que botar uma arma na cintura ela se sente muito poderosa, ela acha que pode com todo mundo entendeu, acaba sendo um poder muito grande, mas a muito tempo atrás foi bem interessante assim, botar uma arma, meu Deus é uma arma, mas hoje é tranquilo...[e como é que foi pra ti a muito tempo atrás?] Ah foi oh, meu Deus, medo, eu tinha medo da minha arma imagina... eu tinha medo, eu tinha medo de ficar com ela na cintura, tinha medo de atirar sem querer, tinha medo de botar o dedo no gatilho, eu tinha medo de pegar ela e ter que usar, eu acho que eu não usaria, antigamente eu acho que eu não usaria, eu ficava com ela assim, eu só usava mesmo porque era estande de tiro mas se fosse pra matar uma pessoa eu acho que não tinha coragem, hoje não, hoje eu vejo que é ou a minha vida ou a dela, eu sei que quando eu precisar atirar eu vou ter que atirar, agora antigamente eu tinha um medo, meu Deus, meu Deus, eu posso matar alguém, é muito perigoso, eu tinha medo de mim não saber portar ela, hoje eu trato isso com normalidade... mas tipo assim antigamente era no quartel, eu não tinha posse na rua, hoje eu tenho posse na rua, aí tu acaba botando ela na cintura sem querer assim... por mais que as pessoas não sabem que tu tá com a arma, tu tem a sensação que as pessoas sabem que tu tem a arma, tu tá andando na rua assim, aí o cara começa, bah será que eles tão olhando essa arma, o cara fica meio cabreiro né, apesar que eu sei que eu sou um policial, não sou um bandido, mas pensando o que as pessoas vão achar de mim né, se a pessoa ver

uma arma na minha cintura, mas te dá uma sensação de poder muito grande (JARBAS).

Observa-se nesta fala, que apesar de afirmar não serem atualmente na polícia treinados para matar, mataria tranquilamente caso fosse necessário, sem medo. Este fato pode demonstrar uma disposição [atirar para matar] já incorporada anteriormente e cristalizada no seu interior, que agora emerge como algo naturalizado.

Em seu relato, Ildo nos exemplifica na prática o conceito de *habitus*. Como já havia feito parte do exército, atirar segundo ele foi tranquilo, no entanto, diz ter ficado ansioso de como agir numa abordagem policial. Em seu discurso discorre sobre o automatismo da ação. Que apesar do medo e dos questionamentos de como seria aplicar na prática todo conhecimento recebido, na hora efetiva da ação tudo era automático, inconsciente. Os procedimentos aprendidos teoricamente eram feitos sem que ele ‘se desse conta’ do que estava fazendo. Somente após terminada a abordagem conseguia refletir, ‘fiz isso, fiz aquilo’. Ou seja, todas as disposições necessárias para assumir seu papel de policial militar que foram interiorizadas por meio do processo de socialização durante o curso de formação, eram exteriorizadas nas ações automáticas que fazia na abordagem policial, fazendo com que sua nova identidade militar, refletisse seu *habitus militar* incorporado.

Nervoso assim de ansiedade, mas normal, pô eu achei que eu ía fica um pouco, não sabia qual seria a minha reação em abordagem policial, essas coisas, mas parece assim que tu incorpora um espírito assim que tu fica em off, uma coisa que eu aprendi no quartel assim oh, no exército, tu fica em off, tua mente desliga, tu não pensa em nada, tu não pensa em família, tu não pensa em filho, nessa hora de uma abordagem, então quando tu, tu praticamente assim, tu sai do teu corpo, tua alma sai do teu corpo, teus pensamentos racional entre aspas assim né, do teu sentimento sai do teu corpo e tu fica em off ali oh, tu faz tudo certinho, depois quando abaixa aquela adrenalina que tu entra em si, pô fiz isso, isso e aquilo, fiz certinho né, mas foi normal... mas é assim é engraçado, eu acho assim como é que eu vou falar, vou gagejar, as vezes quando tu ta meio nervoso tu gageja, quando tu vai né impor uma ordem, alguma coisa assim, mas pô, é bem fora de sério mesmo, eu me,

eu fiquei de cara comigo mesmo e pô na abordagem ali assim eu não pensar em nada, só fazer aquilo que tava certo, não pensar entre aspas assim, não pensar nada na volta mas nada que fuja do padrão policial ali daí tu vai, pô vê a sequência, ah agora vou ter que abordar e logo já assim se ele reagir vou algemar, como é que eu faço se vou atirar, mas pô devo atirar, não ele tá desarmado não vou atirar, posso guardar a arma e posso pegar o spray de pimenta e depois algemar ele, então é tudo assim, é tudo nesse raciocínio assim não tem, bem friamente assim... [Mas é automático?] Automático. [Ou tu vai no raciocínio?] Automático, no automático.... [Tu consegue raciocinar?] Não, vai no automático, assim, vai, vem aquela técnica toda não tem, daí tu vem e fica pensando... o raciocínio é incondicional e irra... como é que eu vou falar é, não é irracional, vem no automático, vão supor, já saca a arma, já dá voz de comando, já vai pensando se ele fizer isso eu faço isso né, se ele criar problema, se ele puxar uma arma vou ter que atirar, então é... [E da onde tu acha que vem esse automatismo assim?] Não tenho a mínima ideia... no inconsciente, não sei, não sei dizer da onde que vem, mas é engraçado, vem no automático mesmo, tanto é que na sexta-feira a gente fazendo barreira policial, eu tava lá na frente então tinha gente que fugiu, ia atrás, a gente ia corria atrás, cercava, dava voz de comando, mandava voltar, tudo no automático, nas primeiras assim dá aquela adrenalina, daí tu fica tremendo assim não tem, daí tu respira fundo, daí quando tu vê já passou, daí no próximo já...é assim oh, parece que tu olha pro olho da pessoa, o semblante relaxa, a pupila dilata e tu fica assim que parece um zumbi assim né, fica tudo automático, é engraçado... mas a adrenalina tá a mil né... daí tu não sente frio, não sente medo, nessa hora, nada (ILDO).

Percebe-se então por meio dos relatos, um certo padrão nas respostas dos alunos que já haviam passado por este processo anteriormente e dos que passavam pela primeira vez. Os alunos soldados que já haviam atirado anteriormente, afirmavam ser tranquilo e natural

os procedimentos, ao passo que para os alunos soldados que estavam atirando pela primeira vez, o medo, a insegurança e nervosismo se sobressaíram. É possível novamente relacionar estas características ao conceito de familiaridade de Strauss (1999), no qual o contato com situações já conhecidas, torna-as naturalizada, comum, pois a sequência lógica de ações e consequências já são previamente conhecidas num geral. Ao mesmo tempo, é possível fazer referência também ao conceito de *habitus* que pode ser entendido segundo Wacquant (2007) como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funcionam em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações que torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças a transferência analógica de esquemas adquiridos numa prática anterior.

Com o exemplo de Ildo é possível identificar na prática, como ocorre a manifestação do conceito de *habitus*, no qual o sujeito age automaticamente a partir das disposições previamente incorporadas. Conforme Bonnewitz (2003) na medida em que os comportamentos e valores aprendidos são considerados óbvios, naturais, quase instintivos, a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar-se explicitamente das regras que é preciso observar para agir. Observou-se ainda, a sensação de poder dada pelo porte da arma, em que o policial militar passa a ser visto como um ‘super herói’, pronto e disposto a ajudar e salvar aqueles que necessitam. A próxima seção trata-se de um outro rito de passagem importante no processo de formação dos soldados: a incursão na favela.

5.3.1.3 “O jogo agora, é a vera”, será que estou preparado?

A incursão às favelas era um rito de passagem muito aguardado pelos alunos soldados. Neste momento, os alunos soldados estariam em uma operação real, onde teriam que colocar em prática tudo o que foi aprendido durante curso. O objetivo era fazer um reconhecimento do local e uma varredura. Percorremos todo o morro divididos em grupos durante cerca de uma hora e meia. Possíveis suspeitos eram abordados e feito revista. As fotos 57, 58 e 59 demonstram abordagens feitas durante a operação diurna e as fotos 60 e 61 o percurso.



Foto 57: Abordagem 1



Foto 58: Abordagem 2



Foto 59: Abordagem 3



Foto 60: Percurso incursão diurna 1



Foto 61: Percurso incursão diurna 2

O cenário era real, não eram mais alvos fictícios ou pistas montadas simulando alguma situação. Comparando a uma peça de teatro (GOFFMAN, 1959; STRAUSS, 1999), não estavam mais nos ensaios onde era possível errar e voltar atrás, era o dia da ‘grande estreia no palco principal’ no qual ‘o jogo agora, era a vera’ e um erro, poderia causar até sua própria morte ou a morte de outrem. Conforme já relatado anteriormente no capítulo da observação participante, foram feitas duas incursões. A primeira delas diurna e a segunda noturna.

Deste rito de passagem, já haviam decorridos seis meses de curso e apesar dos instrutores acreditarem que os alunos soldados estavam prontos para ir a campo e da expectativa que todos tinham em fazer esta operação, alguns deles se perguntavam, “e agora, será que estou preparado?”.

Para a incursão diurna, os alunos soldados receberam instruções de como seria a operação ainda no quartel escola, já para incursão noturna, diretamente no Batalhão responsável pela operação, conforme demonstram as fotos 62 e 63.



Foto 62: Instruções para a incursão diurna



Foto 63: Instruções para a incursão noturna

A seguir é possível observar pelos relatos dos alunos soldados quais foram as reações deste significativo rito do CFSD.

Elias relata sobre o quão cansativo e emocionante foram as operações. Afirmou ter medo por saber que havia riscos iminentes na

incursão, no entanto, o fato de estar acompanhado por policiais experientes o tranquilizou.

A diurna ela foi cansativa, na subida eu tava com um armamento pesado que era um calibre 12 e eu tava na retaguarda junto com outro policial. Então na retaguarda você se cansa um pouco mais. Mas a sensação é que a própria comunidade leva aquilo ali como rotina diária, a princípio o que deu pra notar foi uma pessoa lavando a louça e olhando pela janela, coisa que se fosse isso no bairro onde eu moro, o pessoal já iria vê aquilo ali com outros olhos né... iam ficar mais assustado, ou impressionado, coisa que na comunidade carente a gente vê que aquilo ali já é uma rotina né... o pessoal já sabe que tem que ir pra parede, que tem que levantar a camisa, então eu acredito que... o meu pensamento foi muito... foi marcante né pela primeira subida, porque você tinha riscos eminentes ali, de ser atingido facilmente, então aquilo ali como operação de policial foi bem emocionante. O que me deixou mais tranquilo foi a questão de tá com um batalhão especial, então, policiais especiais, então o cara do choque eles não iam botar a vida em risco, a vida de policiais lá, alunos policiais no caso... então no meu caso foi tranquilo, teve uma certa adrenalina, mas foi bem tranquilo, diferente da noturna que quando a gente foi fazer a incursão noturna já tinha troca de tiro né. No próprio briefing que a gente tava lá já tava acontecendo troca de tiro entre eles. Então no deslocar praquela incursão noturna já foi mais adrena, já deu mais adrenalina, pelo fato de tá passando na via e vê dois masculinos armados, na entrada do beco aquela parada repentina e sai e não sai, então aquilo ali deu alguma elevação de estresse, mas depois que entramos foi tranquilo, eu procurei manter a concentração, foi bacana (ELIAS).

É possível observar neste relato aspectos relacionados com o conceito de *habitus de classe* (BOURDIEU, 2008). Para o autor, o *habitus* integra o conjunto dos efeitos das determinações impostas pelas condições materiais de existência, ou seja, ele é a classe incorporada. O

aluno soldado se diz surpreso ao notar que ao subir o morro, acompanhado de diversos outros policiais, havia pessoas, por exemplo, lavando louça e olhando pela janela tranquilamente, como se aquele procedimento de ter diversos policiais armados passando pela sua janela fosse algo corriqueiro, rotineiro, naturalizado e familiar (STRAUSS, 1999) naquela comunidade, fato este que acredita que não seria visto da mesma forma caso acontecesse em seu bairro. Afirma ainda, que as pessoas na comunidade naturalmente quando veem os policiais já sabem que tem que levantar a camisa ou colocar a mão na parede, outro indicativo da familiaridade e do *habitus de classe*.

Juvenal afirma ter sido cansativo a incursão, porém diz ter sentido orgulho em querer combater a criminalidade. Juvenal também disserta sobre aspectos que podemos relacionar ao *habitus de classe* (BOURDIEU, 2008) e a familiaridade (STRAUSS, 1999). Assim como Elias, Juvenal se diz surpreso ao observar que apesar de estarem passando diversos policiais no local, as pessoas olham e continuam realizando suas atividades cotidianas normalmente como lavar roupa ou cozinhar. Acredita ainda que a maioria das pessoas que moram nessas comunidades carentes, são pessoas do bem, trabalhadoras, o que torna a responsabilidade ainda maior para agir com cautela.

Pô foi bem cansativo, o primeiro morro que a gente foi, tava um dia bem quente, bem calor, foi bem cansativo, mas eu senti orgulho, senti uma coisa boa em tá querendo combater a criminalidade, em tá querendo combater... [...] a incursão diurna e a incursão noturna foi totalmente diferente, os riscos, o perigo da incursão noturna é muito maior e na incursão noturna a probabilidade das pessoas que estão na rua tarem devendo alguma coisa é muito maior do que parece que de dia, tu vê muito a comunidade na rua, uma coisa que me surpreendeu bastante no morro [xxxx], que a gente foi, foi as pessoas tipo, lavando a roupa do tanque, a outra fazendo comida, passando 20 policiais e elas olharem e continuarem lavando a cenoura, continuarem mexendo na panela, como se fosse uma rotina normal, elas estão acostumadas com aquilo ali no dia a dia, faz parte do dia a dia e não é só bandido, praticamente mínimo o que tem de elementos ruins na favela né, 95% sei lá de pessoas boas, pessoas de família, pessoas que trabalham,

peças que são do bem que moram lá, então quando se vai, quando se sobe, não dá pra ir com aquele intuito de que é vagabundo, que tem que bater em todo mundo, atirar em todo mundo, é ir muito mais cauteloso porque a probabilidade de ter um inocente no meio é muito maior do que ter um vagabundo... Então só foi bem cansativo, suei bastante lá, só isso aí (JUVENAL).

Para Célio, apesar de considerar tranquila, a primeira vez que participou de uma incursão foi impactante. O nervosismo e o medo se manifestaram inclusive com reflexos no corpo, tais como tremedeira, suor. Relata também que a segunda incursão, apesar de ser à noite, foi mais tranquila e não despertou tanto medo e insegurança quanto a primeira, por já estar familiarizado com a situação.

A primeira vez a nossa incursão foi no morro [xxxx], só que foi durante o dia, foi diurna né, é... foi tranquila né, porque nós chegamos lá na frente na rua, logo já anunciaram a nossa chegada aos traficantes né e a gente não encontrou ninguém na rua praticamente, nas ruelas, mas eu tava assim bem nervoso, se viesse acontecer alguma coisa e tal, nós já havíamos recebido a instrução de se ah se por ventura viesse acontecer alguma coisa, o que nós deveríamos fazer, mas a primeira vez foi assim, bem, bem impactante né. [...] Olha, eu sou destro né, por incrível que pareça a minha mão forte que é a pistola que eu seguro, tava normal e a esquerda tremia muito, foi ao contrário assim, invés de tremer a direita, que é a mão forte né, eu tremi a esquerda, coisa impressionante, mas foi assim bem tranquilo a incursão, nunca tinha subido no morro [xxxx] e foi bem bem interessante a incursão. A noite na [xxxx] apesar de ser de noite, por incrível que pareça eu já tava mais tranquilo, fui bem tranquilo, as abordagens que nós fizemos durante o percurso foi bem tranquilo, a gente tava bem mais atento né, pelo fato de ser a noite, mas eu estava bem mais calmo do que na primeira incursão, não tremi, impressionante né, tava bem tranquilo mesmo... não deu medo, assim, claro, eu tava bem mais

atento, bem mais atento como eu te falei né, bem mais assim alerta (CÉLIO).

Alcides diz ter sentido uma sensação diferente, mas não chocante, pois já conhecia comunidades carentes e havia subido este morro anteriormente, mas não como policial. A familiaridade com o local fez não achar chocante o percurso, no entanto, sentiu-se diferente, pois estava subindo agora com um outro papel, o de policial militar.

Foi outra sensação diferente, não assustadora, porque já conhecia comunidades pobres, não favela, já conhecia comunidades carentes, daí como policial foi diferente um pouco. Da primeira vez foi assim, não foi choque, não foi nada... eu não sei te dizer o que que foi sabe, foi só uma coisa diferente, agora eu sou policial, tô com arma né, sabe... como eu digo, a responsabilidade é maior, tu tem a responsabilidade de tá com uma arma, o que que é uma arma... uma arma tu pode matar, tu é alvo por tá com aquela arma, então é uma coisa que tu fica mais ligado sabe [...] a minha reação foi mais de ficar ligado, não tive medo, tu tem aquela apreensão sabe, fica apreensivo um pouco, mas medo não tive sabe, porque que nem eu disse primeira vez tu andar com uma arma, é diferente, coisas diferentes, mas não tive o medo, só mais apreensivo de ser a primeira vez, depois a segunda já bem mais tranquilo, porque daí tu já... mais a questão de apreensão, pra mim foi isso, sabe... até porque como se diz, por conhecer comunidades carentes né, até de repente tu leva um choque por não conhecer comunidade e aí ainda também já tá com a arma ali, daí pode ser um choque maior né... meu choque mesmo foi só de tá com a arma ali... já tive aqui nessas comunidades, só que nunca armado, é diferente né e como policial né, tem que ficar mais ligado, então tu fica mais esperto vamos dizer (ALCIDES).

Amarildo diz ter ficado psicologicamente terrível, ansioso, com medo, ao ponto de achar que desmaiaria. No entanto, ao chegar no local, a adrenalina aumentou e o medo e a ansiedade deram lugar à euforia. Tranquilizou-se quando refletiu que havia sido treinado para esta

situação, percebendo que eles tinham poder. Afirma também que a segunda incursão foi mais fácil, pois com o passar do tempo vão se acostumando. Assim como Elias, Amarildo observa o fato das pessoas da comunidade já saberem ‘como as coisas funcionam lá dentro’.

Pô foi horrível, eu fiquei horrível, parecia que eu ia desmaiar, pô eu tava nervoso assim, daí mistura aquela adrenalina, tu fica muito eufórico, na hora que eu cheguei lá na favela que eu comecei a tranquilizar, que eu vi que a gente é treinado praquilo ali e eu poderia ficar tranquilo porque ia dar tudo certo tais entendendo, porque tens que ir com o sentimento de ir pra voltar, mas assim, a primeira foi, foi... psicologicamente eu fiquei terrível... o cara não imagina né, outra realidade, o cara tem que subir o morro... pô cara pra mim foi padrão... depois eu fiquei ansioso, eu tava com a expectativa em fazer, só que a noturna eu me senti bem melhor que a diurna, pelo fato de ter o fator surpresa né e assim, acaba recebendo segurança dos instrutores né, tu acaba fazendo aquilo ali, os cara mostram pô tu fosse treinado pra isso e tu vê que tu tens o poder, ali tu vê que tu tens o poder, as pessoas já sabem como funciona lá dentro tais entendendo... só que assim, bem melhor, tu vai acostumando né... a primeira é sempre complicado, a segunda já é um pouco melhor e hoje já tá bem mais tranquilo, meu Deus (AMARILDO).

Para Gerson a ansiedade maior foi à noite, o que despertou medo e receio de acontecer algo. Outro fator destacado por Gerson é a confiança necessária não somente em si, mas no companheiro que vai estar ao seu lado fazendo a segurança, pois a sua vida, pode estar dependendo dele. Este fator para ele é preocupante, pois apesar dos vínculos, as pessoas se conheciam há pouco tempo e a reação de cada um em situações diversas, ainda era desconhecida. As reações observadas por ele além do medo e receio, foram a ansiedade, tensão e aceleração dos batimentos cardíacos.

Diurno foi menos adrenalina porque a gente tinha visão de tudo e ali quando a gente chegou os fogueteiros soltaram alguns foguetes e correu tudo

né, a gente viu que não ia encontrar muita coisa. Já a noite a adrenalina foi maior, teve momentos de... não sei se foi medo ou se receio de acontecer alguma coisa de ruim, mas o maior de tudo nas dois foi a vontade de encontrar alguma coisa e fazer o serviço que a gente foi fazer né, vontade de pegar alguma né... pegar droga, arma, de finalizar a operação com sucesso né e voltando todo mundo bem. [E quais foram os sentimentos, as emoções e as reações no corpo que tu teve nesse dia?] Ansiedade, coração acelera, fica mais ligado né, tensão, não é nem tu confiar em ti é tu confiar em que está do teu lado fazendo a tua segurança também né, tem que ter isso. Tu confia meio desconfiando, porque tu não conhece as pessoas ainda, tu tá pouco tempo junto, a gente não sabe qual a reação de cada um né (GERSON).

Félix diz ter ficado muito nervoso por não saber o que iria encontrar, porém sentiu ser gratificante poder oferecer segurança para as pessoas de bem que moram ali. Relatou fatos que ocorreram durante a instrução que o deixaram trêmulo, nervoso e apreensivo, no entanto afirma ter se tranquilizado quando percebeu que poderia aplicar a técnica que haviam aprendido em sala de aula.

Olha foi extremamente nervoso porque a gente não sabe a surpresa que pode encontrar pela frente, mas ao mesmo tempo foi extremamente gratificante, tá subindo aquilo ali e a população do bem, que mora naquele morro, que é manchado por uma minoria de pessoas do tráfico de drogas e aquela população ver os policiais subindo, fazendo o trabalho e prestando a segurança pra ela... A diurna foi mais tranquila, até porque quando a gente chegou na primeira incursão os olheiros já avistaram o ônibus deixando a gente e não tinha ninguém mais no morro pra poder haver alguma troca de tiro ou combate eminente, já a segunda que foi na favela [xxxx] foi muito mais tensa, até porque quando a gente chegou no quartel, há uma hora atrás tinha acontecido um homicídio e antes da gente iniciar a incursão houve troca de tiros dentro do recinto, então foi muito mais tenso a segunda vez, que foi a noturna,

do que a primeira diurna. Assim oh, no momento da entrada, a gente fica um pouco trêmulo, nervoso, meio apreensivo... teu corpo quer ir mas ao mesmo tempo quer ficar... mas depois que entra, que tu aplica a técnica, que tu bota tudo em prática aquilo que tu aprendeu aqui, na aula de TPO e OPO, tu vai com uma cabeça fria e pensando só na tua segurança e na segurança dos teus amigos e não sente mais nada (FÉLIX).

Cristian relata fatos ocorridos nas incursões noturna e diurna e das sensações que sentiu nas operações.

Foi massa, foi massa, foi legal. Vou começar na noturna, que marcou mais... a noturna a gente chegou na favela e a gente já viu dois cara armado, que correram pro meio da favela, o coração já foi a mil né, aí a gente fez todo o patrulhamento, bem legal, na hora a gente pensa mais, pelo menos eu, pensei mais nas técnicas que a gente aprendeu sabe, mas aí chegou uma hora que a gente abordou um carro, todo mundo pra fora, aí tinha um agente de inteligência ali, um P2, ele pegou e falou pra mim 'oh, tu que tá revistando, revista o carro inteiro, tudo, tudo, tudo, se tiver que desmontar porta desmonta', eu digo porque, 'ah porque ele é o dono do morro', que a gente tinha abordado o dono do morro, daí o coração já acelera e tudo. Acho que como tudo é novidade né, tudo é a primeira vez, é bem, é bem curioso, mas ah eu tava esperando por isso sabe, tava esperando pra trabalhar, querendo ou não se a gente tirar um vagabundo de circulação, a gente vai tá ajudando outras pessoas, então é um jeito de tu ajudar a população fazendo isso, querendo prender, quanto mais gente for presa que não presta melhor, melhor pra quem tá solto, melhor pra quem não deve né. A diurna até que foi tranquila, não tinha muita gente na rua mas é legal, é gostoso sabe, eu gostei mas eu também não pretendo trabalhar com isso, eu quero mesmo o canil. Não é uma coisa que eu goste de fazer, andar com a arma na mão, mas foi legal, como experiência foi bem legal, foi bem curioso, coisa que eu não imaginava que era,

essa questão de patrulhamento, não varrer as costas do companheiro, andar sempre atrás do outro, não dispersar [...]. Eu não fiquei com medo não... teve um monte de gente que falou que ficou com medo, o Amarildo tava com medo, eu não... eu fiquei bem tranquilo... eu fiquei mais ansioso pra fazer, pra abordar do que com medo, acho que é porque eu já tô acostumado com favela, eu moro no morro, eu sou padrinho duma menina que o meu amigo que é pai dela ele mora bem lá em cima no morro também, já fui várias vezes lá, então tô acostumado a andar no meio dos vagabundos lá, mas essa que é minha maior preocupação, é eu me formar, porque acredito que eles não sabem que eu sou policial ainda, tanto que eu não vou pra casa fardado nada, mas.... mas pra mim foi tranquilo subir fardado, não tem mistério não (CRISTIAN).

Segundo ele, seu pensamento era utilizar na prática, as técnicas que havia aprendido na teoria. Ou seja, utilizar-se dos conhecimentos adquiridos no treinamento (STRAUSS, 1999). Apesar de considerar todos os procedimentos novidades por fazê-los pela primeira vez, diz não ter ficado com medo, pois afirma morar no morro e já estar acostumado e familiarizado (STRAUSS, 1999) com a realidade da favela. Esse fato no entanto, preocupa-o, haja vista morar em um ambiente em que nem todos gostam da presença de um policial militar.

Ian fala sobre a triste realidade das comunidades e afirma não ter sentido nenhuma emoção ou medo na incursão diurna e discorre sobre situações de riscos eminentes vivenciadas.

Foi triste ver aquelas pessoas morando naquela situação, tendo que conviver tanto com bandidos e também com os policiais, é, culturalmente seria isso... não senti emoção nenhuma, não senti medo, não senti nada, normal, única coisa que eu vi foi a população pobre, que ali naquele morro específico tem um potencial tremendo, se tivesse um pouco mais de recurso ali né [...] e me deparei também com uma outra realidade, que são casas, são feias por fora, mas que no seu interior tão mobilhadas, tudo bonitinho, as janelas abertas entendeu, então vi de uma outra forma também. A noturna também foi chocante assim, um lugar muito feio,

sujo, escuro, sentindo cheiro de droga a quase todo momento, onde entendi que a missão naquele momento era sim fazer a incursão atrás de traficante ou alguma coisa nesse sentido, onde um homem passou batendo na própria esposa, discutindo com ela, deu uns tapa na cabeça dela [...] em relação a favela, um abandono completo do governo ali. [...] Ah sim, quando eu vi um carro branco passando e o passageiro com uma pistola na mão, eu só não atirei nele porque o nosso chefe ali antes de começar a incursão falou: ‘só atirem depois que eu der o primeiro tiro’, mas se ele não tivesse falado isso eu tinha disparado no cara e o cara era um p2, entendeu, aí colocaram um monte de aluno ali, não avisaram pra nós que ali ia ter p2, podiam muito bem ter avisado o carro branco assim, assim, com dois indivíduos dentro é o p2, se ele não fala isso eu tinha disparado nele e eu acredito que eu tinha acertado, porque naquela distância lá no estande eu acertava todos entendeu e aquele dia eu tava mais calmo do que lá no estande atirando com o instrutor gritando no meu ouvido, então assim, é meio complicado... aí outra coisa que foi emocionante, na chegada, quando a gente tava na autoestrada ali, o ônibus saiu da autoestrada e desceu na rua lateral, aí tinha dois indivíduos armados na esquina, deu até pra ver a pistola, acho que ele tava mostrando a pistola pro amigo dele, não sei... sei que tava na mão e ele fez esse movimento e aí o ônibus parou em frente a rua e o cara do choque desceu e o nosso colega já abriu a porta e por mim a gente ia descer todo mundo bem rápido, só que não desceu, porque o outro cara do choque não queria descer pra não expor a gente aquele risco, queria que o ônibus tocasse mas um pouco pra frente pra gente desembarcar numa área mais segura, foi muito rápido esse dilema, embarca, não embarca, desembarca e vamos lá, não vamos, até os dois companheiros do choque lá entrarem em consenso que realmente tinha que ir mais pra frente, nós ficamos expostos ali na zona de risco, porque se aquele indivíduo ao invés de correr ou ele corre um pouco e vira pra trás e descarrega a pistola dele, ele tinha matado um monte de gente, então

naquele momento, eu realmente eu senti um pouco de emoção, eu falei oh, pode acontecer isso entendeu e eu percebi nos colegas também, uns ficaram com medo, outros queriam descer, outro em si né, eu percebi que ele realmente percebeu que o cara do choque tinha percebido, ‘vamos sair desse local porque aqui é um local perigoso’ entendeu e depois ele foi criticado pelos colegas, porque ele se expos né, ele falou ‘ah vamos sair daqui e tal’, na verdade não era medo, era cuidado conosco né, então basicamente a emoção foi essa... só assim nesse momento talvez o batimento cardíaco tenha subido um pouquinho né, só isso (IAN).

Haroldo discorre sobre quão realizador foi fazer a incursão, pois estava fazendo o que gosta, na profissão que escolheu. Afirma ter vivenciado uma experiência nova que nunca tinha imaginado presenciar, pois em sua cidade natal não existe morro. Relata ainda que estava tão eufórico e extasiado, que não conseguiu sentir nem o peso da arma.

Foi realizador, ali foi muito bom sabe, porque a gente só via aquelas coisas na televisão, tipo na minha cidade não tem morro, então certas coisas eu achei que eu só ia ver pela televisão, uma situação dessas por exemplo é uma que eu achei que só ia ver pela televisão... e daí tu tá lá, fazendo o que tu gosta, tua profissão, fazendo o que tua acha lindo, na profissão que tu escolheu, foi uma coisa meio que realizante pô... esse sentimento assim sabe de tu tá fazendo uma coisa que tu gosta, uma coisa que tu quer. [Deu alguma emoção? Alguma reação física no corpo?] Não... sabe porque? eu acho que eu tava tão extasiado, que meu corpo não sentiu sabe, na incursões que a gente fez, eu tava armado com a doze e a arma doze é pesada e eu acho que eu tava tão eufórico que eu não senti peso, eu não senti, eu não senti sabe, não senti nada (HAROLDO).

Jardel traz em seu discurso o suor, expressão da ansiedade no corpo.

Muito medo... muito medo... porque a hora que eles quiserem matar um de nós ali eles matam... só que eles não vão fazer isso né.... eles sabem que se eles fazer, a polícia vai lá e ocupa o morro, é perda pra eles... mas.... é muito medo porque... até hoje eu tenho medo... se eu subi hoje já, eu tenho medo, porque se eles quiserem mata nós ali, eles escolhem quem eles querem matar... [...] Não senti o físico não, o psicológico não senti assim muito, agora o meu corpo eu não senti cara, eu suei que era nossa um cavalo, voltei todo molhado, meu colete chegava a pingar... eu fui me lembrar que eu tava suado, com o corpo todo molhado e com sede a hora que eu cheguei aqui no quartel, que daí eu tava com muita sede, não me lembro de nada. A incursão de dia, é que as pessoas tem o comércio tudo ali, mas eles estão mais no canto deles e a maioria das pessoas que estão ali são trabalhador né.... e já a noite não... as pessoas já tão drogadas, já usaram bastante drogas, já perderam o controle da mente deles, já perderam né... como na [xxxx], você que tava junto com nós lá, na entrada ali da [xxxx], que os cara tavam já esperando, com arma na mão e tudo, então.... a noite é mais perigoso porque as pessoas não tem controle mais de nada né, já tão tudo drogado, então a noite é mais perigoso... Dá mais medo a noite... porque a noite tu tá caminhando na rua, tá se defendendo, mas o cara que tá lá na frente ele tá vendo você... de uma forma ou de outra ele tá te vendo... mas no morro o que me deixa eu mais agitado é a chegada, quando os foguete começam a estourar.... aquilo... acho que qualquer um que chega no morro e começa a estourar foguete tu já pá... já te dá um negócio (JARDEL).

Contraditoriamente, apesar de alegar não ter percebido nenhuma reação física no corpo, Ildo, assim como Jardel, diz ter suado bastante. Discorreu ainda sobre o nervosismo, erros cometidos e sobre a dificuldade psicológica de exercer a função policial.

Pô suei pra caramba.... nervosismo, mas depois foi tranquilo.... pô de dia a gente chegou, teve aquele foguetório, suador né, tu não sabia o que ia esperar pela frente, foi se relaxando quando a agente começou a descer, mas assim, o inesperado assim né, foi até um monte de falhas, porque teve um monte de falhas, depois foi visto né, que a gente se viu ali até através de foto, como foi a primeira vez... que a gente falhou, subimos com a arma travada, tinha gente que não olhava com a técnica do terceiro olho, então foi visto um monte de erro, daí já na [xxxx] que a gente foi de noite, a gente foi tranquilo, tranquilo entre aspas, foi apreensivo porque era de noite na [xxxx], conhecendo a fama do lugar, aí chegamos lá já tinha notícia que já tinham matado um, que já tinham trocado tiro com outro, então a adrenalina foi maior, aí quando a gente chegou a gente já viu na esquina um cara armado, então a adrenalina foi a mil assim, mas foi aquela como eu te disse, pô deu aquela tranquilidade assim, né, aquele sossego, aquela adrenalina forte assim de não dar tempo pro medo... mas assim, eu faço assim oh, tipo, ah, estamos indo pra uma incursão, pra um trabalho, pra um jogo de futebol, eu faço a minha oração, peço aquela proteção pra mim e pra todos e depois quando volto faço agradecimento né, porque não adianta tu pedir e não agradecer né, mas não sou católico praticante, sou bem relaxado, mas eu sempre peço proteção pra mim e pra quem tá indo comigo, pra quem eu vou enfrentar, peço que clareie e que ilumine o caminho do cara que tá no lado ruim e que tente passar pro lado bom, é assim, não vejo só o meu lado né, rezo pelo cara que eu vou enfrentar também né, que posso vir enfrentar, então todo serviço de jogo sempre faço isso, sempre faço uma oração comigo mesmo ali, quando vou e quando volto e até hoje deu certo, foi sempre tranquilo... [E as reações físicas e psicológicas que tu teve nessas incursões?] Psicologicamente assim poxa, é complicado tu falar né, física não teve nenhuma, que eu senti assim não teve nenhuma, mas psicologicamente, tu vê a dificuldade que o policial tem de fazer um trabalho a noite né, de

entrar nuns becos, essas coisas, queira ou não queira tu não consegue ver tudo né e quem já é da área ali já conhece, sabe que pode escolher um canto, tu passa e nem vê a pessoa e ele pode tirar tua vida ali num segundo, então pô, é bem cruel mesmo, o cara que tá na especializada e sobe morro aí e entra em favela direto (ILDO).

Celso diz ter sido uma experiência boa, pois puderam colocar em prática os ensinamentos recebidos em sala de aula. Assim como Jardel e Ildo discorre sobre suor, o aumento da adrenalina que faz com que não consigam, nem sentir o corpo, ou qualquer dor, que só vem ser sentida depois de chegar em casa.

Muito bom... foi bem bom... foi uma experiência boa porque a gente pôde visualizar praticamente, na prática né, o que a gente vê na sala de aula... deu pra ver isso aí, deu pra ver questão de o que acontece na mídia, o que a gente ouve e vê e ouve na mídia, deu pra visualizar lá também... Na incursão diurna deu pra verificar *in locu* as dificuldades do policial, as facilidades do policial, como deu pra visualizar também a dificuldade e a facilidade que o traficante, ou quem trabalha pro traficante tem no morro né, deu pra ver a vista privilegiada que eles tem quando o policial tá subindo o morro, na parte diurna né, na parte da segurança nossa a questão na parte diurna, a visibilidade, é tudo melhor durante o dia, durante a noite ela é mais complicada principalmente na questão de visão né... porque quem habitua, quem tá, quem mora no morro e trabalha pro traficante, ou o traficante, ele já sabe tudo sobre aquele local ali, ele já sabe tudo, por onde ele pode subir, por onde não pode, por onde tem luz, por onde não tem e as vezes o policial quando ele sobe ele não sabe, as vezes ele até sabe, conhece o terreno, só que muda né, pode mudar de um dia pro outro, então é mais dificultoso durante a noite, só que se a PM, o policial militar utilizar bastante bem a técnica, usar procedimento correto, tudo certinho, não tem implicação nenhuma, não dificulta nessa questão da parte noturna, então pra mim é bem tranquilo... [E deu alguma reação no corpo?]

Reações diversas né... [Tanto psicológicas, como físicas?] é... físicas é suor, suor, adrenalina lá em cima, tu em virtude dessa adrenalina tu não sente o corpo, digo tu não sente o corpo na questão de... tu só vai sentir dor depois né... e quando tu chega no serviço e tu volta né, sai do morro e volta, daí tu sente que tuas pernas estão doendo um pouco e na parte psicológica eu acredito que... pra mim não afetou nada porque eu tava com um objetivo na cabeça ali, então tu quer só cumprir aquele objetivo ali e fazer todo mundo se sair bem e pronto (CELSO).

Assim como demais colegas, Jarbas fala do aumento da adrenalina no corpo. Em função desta euforia, admitiu não ter sentido dores ou cansaço durante a operação. Afirma ter ficado apreensivo em ter que trocar tiro, atirar em alguma pessoa, ou ser ferido, pois a imagem que tinha era a repassada pela mídia de que polícia só vai para morro para trocar tiro com bandido. Discorreu ainda sobre sentir-se fora do seu habitat natural.

Foi adrenalina pura, muita adrenalina, dá uma sensação de que a qualquer momento ia acontecer alguma coisa, porque aquele negócio, a gente acaba sendo levado pela mídia né, a mídia mostra toda hora que a polícia tá trocando tiro na favela, no morro, aí pra gente qualquer morrinho que a gente subisse pra nós era morro, indiferente de pequeno ou grande pra nós era morro, então a qualquer momento a gente achava que ia matar alguém, que ia dar tiro, que a gente ia ter que se jogar e a adrenalina no sangue né, tu não conseguia nem.... a adrenalina era tanto que tu não se cansava nem nada, só suava, mas cansar nem pensar... [E quais as reações que tu teve assim tanto físicas quanto psicológicas?] Ah não, físicas eu tava benzaço, só tava suando muito porque tava muito quente as duas vezes que a gente foi lá né, mas psicológico eu... aquele medo né cara, pô cara, se eu precisar atirar eu vou ter que matar mesmo, pô mas porque que eu vou matar uma pessoa, sabe aquela coisa assim, vou ter que matar a pessoa, vou ter que... ficava naquele medo da

pessoa reagir e tu ter que utilizar a arma mesmo né, tirar a vida de alguém, porque a gente nunca tirou a vida de alguém, aí tu fica preocupado, a gente sabe que aquela pessoa que ta lá é um cidadão, tem uma mãe, tem um pai, tem uma avó, a gente acaba tendo medo de fazer uma coisa injusta né, mas aquele negócio, é um risco que a gente corre, a gente tá ali tem que dar a cara a tapa... [...] A incursão diurna foi tranquila, porque a gente tinha muita gente, tava bem equipado, o pessoal falou mesmo que era patrulha de reconhecimento, então a população já sabia, quando a gente chegou no morro todo mundo já se escondeu, mas mesmo assim rola aquela adrenalina, aquela coisa assim meio ruim né, parece que tu não tá no teu habitat natural, parece que tu é uma coisa antinatural no caso ali atrapalhando, agora a noturna foi muito adrenalina, ninguém sabia que tu tava ali, foi menos pessoas, aí tu acaba sentindo uma adrenalina muito maior né, escuro, ah foi bem pior, a noite foi tenebroso, agora de dia foi mais tranquilo... [Sentiu medo?] Ah, com certeza, se o cara não sente medo aí é preocupante também né, daí o cara tem problema (JARBAS).

Júlia fica intrigada com as incursões, acreditando inclusive, ser algo combinado, pois crê que os instrutores não colocariam os alunos em alguma situação de risco, ou correriam o risco de ‘sujar’ a imagem da instituição na mídia com alguma fatalidade. Diz ainda não ter tido medo como os ‘meninos’, pois já estava acostumada a andar em ‘muita quebrada’.

Oito hora da manhã, de manhã cedo, de uma segunda-feira no morro [xxxx] nega, que todo mundo já sabia que não ia ter ninguém, ridículo, entendeu... e sinceramente, a gente sabe que é tudo combinado lá em cima, entendeu, dá pra vê que é sabe, mas tudo bem.... [Tu diz que é combinado com o pessoal do morro?] Ah pára, ah pára entendeu... tu acha que alguém ia tirar quarenta aluno, com três policiais só, três... aluno e três policiais entendesse e iam levar pro morro, cru, cru, cara isso aí tem alguma coisa, não é da

índole, não seria do procedimento de pessoas como o Tenente Ruas e o Tenente Kaim entendeu, porque eles são padrões na parte do comportamento, eles não iam colocar alunos dele na furada, levaram mesmo porque sabiam que não ia dar nada entendeu, as vezes um morro mais calmo, nunca pegamo nada, fomo na [xxxx], fomo em um monte de lugar e nunca pegamo nada cara, nada, nada... [Teve alguma emoção, medo?] hummm [gritinho]... umum [negando]... não... daí os guri, ‘ai, ai, a noite, ai no meio da [xxxx]’... hum gente, eu já andei pouco em quebrada... pô, favela, desculpa não tenho medo mesmo, não tenho.... dá assim um, ah pode acontecer, ou não pode e tal, num beco muito escuro, porque é do sentimento humano, a pupila dá aquela dilatada tal, mas medinho, ah não... eu sempre tive muita confiança que nada ia acontecer, porque os cara não... pô imagina, imagina, saí no Jornal do Almoço ou no Diário Catarinense, morre aluno soldado em incursão no morro [xxxx], acaba com a polícia, entendeu... tu acha que eles vão fazer isso? Não... os cara sabem o que que eles fazem (JÚLIA).

Este é um importante rito de passagem no CFSD, pois é quando os alunos soldados estão no campo real, no qual é necessário colocar em prática tudo o que foi aprendido no quartel escola. Para que tudo transcorra da melhor forma possível, a calma, tranquilidade e atenção, são essenciais. No entanto, os alunos soldados relatam sobre o nervosismo e ansiedade ao participarem dessas incursões. Falam ainda sobre as reações expressas bio e psicologicamente, como, por exemplo, o aumento da adrenalina no corpo e de como em função da euforia, o suor era intenso, os batimentos cardíacos aceleravam e muitas vezes não sentiam dores no corpo ou cansaço, o que só ia ocorrer quando acabava a operação e o nível de estresse diminuía.

O medo, principalmente por ser uma situação desconhecida, já que era a primeira vez que estavam passando, era recorrente nos relatos. Na segunda incursão realizada, a primeira noturna, os alunos soldados diziam-se estar mais tranquilos em relação a saber como seria, no entanto, mais apreensivos em função das condições do ambiente, do campo de atuação – ser à noite e ter menos visibilidade, ter ocorrido um

homicídio na localidade algumas horas antes, estar ocorrendo tiros enquanto recebiam as instruções, terem visto sujeitos armados no local–.

Pode-se constatar também por meio dos relatos, o conceito de *habitus de classe* (BOURDIEU, 2008) e de familiaridade (STRAUSS, 1999), quando os alunos soldados descreviam a surpresa em ver que mesmo tendo diversos policiais armados passando em frente suas casas, as pessoas da localidade agiam naturalmente com os seus afazeres cotidianos, como por exemplo, cozinhando, lavando roupa, dentre outros. Ou ainda, quando alguns sujeitos eram abordados, já sabiam antes mesmo da solicitação dos policiais, que deveriam levantar a camisa, ou colocar a mão na parede e abrir as pernas. O capital cultural, social e econômico das pessoas daquela localidade, aproximavam-os e era propício para que tivessem um determinado estilo de vida, um *habitus de classe*, no qual os procedimentos realizados, eram já naturalizados por eles. Ou seja, detentores de certo capital de diversas naturezas, tais como cultural, econômico, social, político escolar, entre outros, estão sujeitos em algum grau, a contestar ou aceitar por aproximação de disposições incorporadas, determinadas situações.

Observou-se, ainda, aspectos relacionados ao treinamento (STRAUSS, 1999), no qual os alunos soldados eram acompanhados a todo momento pelo o instrutor nas atividades práticas, que servia como guia para suas dúvidas e correções. Por meio das incursões à favela, foi possível colocar em prática as novas habilidades adquiridas no processo de treinamento. Observa-se assim, que o quadro institucional no qual é realizado o treinamento irá afetar consideravelmente o seu processo e resultado.

A seguir será descrito um dos ritos mais falados e aguardados durante o curso, a prática no Rio Vermelho.

5.3.1.4 A aproximação com a dor como aprendizado: Fica, fica, fica!

“O homem não foge sempre da dor. [...] Existem usos sociais da dor; de fato, ela é um instrumento que pode ter muitas finalidades” (LE BRETON, 2013, p.19-20).

A atividade de campo no Rio Vermelho, considerada um rito de passagem, consistia em uma aula prática sobre a aplicação e os efeitos de agentes químicos. Segundo Le Breton (2013) frequentemente os ritos de passagem implicam uma prova cheia de dor para testar a determinação e a força de caráter. Conforme relatado anteriormente, os

alunos passaram o dia em um local no Rio Vermelho, recebendo instruções teóricas e práticas sobre diversos tipos de agentes químicos. Ao chegar no local, os alunos entraram em forma, apresentaram-se para os instrutores responsáveis e após algumas explicações, foram correndo e cantando hinos até a beira do lago, onde foi realizada toda instrução. Os alunos fizeram alguns exercícios durante o dia, bem como ouviram atentamente as explicações dos instrutores sobre a utilização e aplicação de cada agente químico. Após a explanação teórica, os alunos soldados foram submetidos na prática a alguns desses agentes químicos.

A vibração dos alunos e o espírito de corpo era grande. Uns procuravam incentivar os outros, não deixando ‘cair o moral’. Foram disparadas como demonstração granadas de gás lacrimogêneo, gás de pimenta, bem como cada aluno foi submetido ao espargedor de pimenta. As fotos a seguir demonstram estas atividades práticas.



Foto 64: Disciplina



Foto 65: Treinamento no Rio Vermelho 4



Foto 66: Treinamento no Rio Vermelho 5



Foto 67: Treinamento no Rio Vermelho 6



Foto 68: Treinamento no Rio Vermelho 7



Foto 69: Agentes químicos



Foto 70: Interação



Foto 71: Treinamento no Rio Vermelho 8

Conforme eram submetidos aos gases, repetiam conjuntamente ‘fica, fica, fica’, como forma de incentivo para permanecerem juntos até passar o efeito. A foto 70 demonstra a interação e a ‘camaradagem’, união, como forma de superação da dor e criação do ‘espírito de corpo’ (CASTRO, 2004). Quando submetidos ao gás de pimenta, os alunos soldados ficaram por cerca de quarenta minutos aguardando os efeitos passarem. As ações fisiológicas deste gás de pimenta são ardor, lacrimejamento, contração involuntária das pálpebras, tosse, espirros e rinorréia.

O objetivo principal dos instrutores com esta atividade prática, é fazer com que os alunos soldados tenham o conhecimento prático das reações e consequências do uso desses artefatos. Dois aspectos principais são defendidos: primeiramente, quando precisarem usar, seu corpo já terá conhecimento sobre as reações que podem ser causadas pela submissão a essas substâncias, evitando assim, serem surpreendidos quando necessitarem usar. O outro aspecto diz respeito à compreensão de que estas substâncias não podem ser aplicadas a todo momento e em qualquer pessoa, pois os efeitos que podem causar são desconfortáveis. O relato do instrutor demonstra esses objetivos.

Para evitar os acidentes, para evitar os excessos, não tem como descrever pra vocês como é o funcionamento do agente químico tal, como é por

exemplo levar um spray de pimenta no olho, posso descrever, o indivíduo automaticamente ao receber um spray de pimenta no olho fechará automaticamente seus olhos, vai sentir a sensação de mil agulhadas no seu olho, vai acontecer isso, isso e isso, posso dar as descrições, mas nada melhor do que vocês passarem por essa sensação. E o dia que vocês passarem por isso, vocês vão ver que ninguém vai ser conivente com a foto que eu vou mostrar pra vocês de um policial jogando spray de pimenta numa criança de oito anos (INSTRUTOR).

Segundo Le Breton (2013) alguns usos clássicos da dor que alimentam-se da disparidade das forças entre os indivíduos são a correção, o castigo físico, a tortura e o suplício. No caso dos alunos soldados, a submissão aos agentes químicos não é percebida como um castigo físico ou tortura, mas servirá como corretiva para o uso indevido destes produtos no exercício da profissão.

Ou seja, pretendeu-se com esta instrução, familiarizar os alunos soldados com os efeitos dos agentes químicos, para que estivessem preparados para passar por essas situações quando já em serviço e para evitarem que utilizassem em excesso, de forma desmedida tais produtos. Com esta atividade prática, os alunos soldados foram capazes de incorporar os efeitos desses gases. Ao receberem o gás de pimenta, os alunos soldados não conseguiam em sua maioria permanecer de olho aberto, pois o ardor os impedia. As reações de cada um foram diversas, mas o relato da dor, unânime. Uns permaneceram sentados aguardando calmamente os efeitos passarem, outros ficaram andando de um lado para o outro, outros cantavam hinos da polícia, outros pediam por água para lavar o rosto. Esta atividade evidencia a delimitação do *status*/posição (STRAUSS, 1999; BOURDIEU, 2007) ocupada no campo e reflete a hierarquia na *illusio* (BOURDIEU, 2007), nos jogos de poder. De acordo com Le Breton (2013) a arte de fazer o outro sofrer é inesgotável em suas realizações, sendo a dor imposta o instrumento preferido, arquétipo de poder sobre o outro. A dor é ainda, segundo o autor, útil para inscrever na carne a memória de uma filiação e de uma finalidade à comunidade, ou seja, auxilia no processo de inculcação, encarnação e incorporação do *habitus* e, conseqüentemente, da formação identitária.

Os relatos a seguir demonstram **o que esta experiência representou para os alunos soldados**. Para Elias, apesar da dor foi um

experiência válida, pois tendo passado pelos efeitos dos gases, saberá utilizar no momento ideal a força adequada.

A minha experiência lá com os gases foi bem legal... foi mais interessante porque se a gente não passasse por aquilo lá, hoje a gente estaria utilizando aquilo pra qualquer coisa né... pra qualquer pessoa, um idoso que sei lá esteja alterado, ou uma mulher e como a gente passou na pele, eu sinceramente se tiver que utilizar seria assim em caso extremo, porque a experiência que a gente passou lá de dor, foi marcante... no meu caso se tiver que usar por exemplo no caso do spray de pimenta em uma pessoa, teria que ser no último caso... você pode ter outras técnicas né... mais preferível usar a taser do que o spray de pimenta [risos].... foi complicado... a questão de você perder um sentido, no caso a visão, te deixa vulnerável, então isso incomoda... além da dor, a questão de você não saber de orientação, aonde você vai, aonde você tá... é complicado... mas foi válido, super válido, pelo fato de você saber utilizar no momento ideal né, a força adequada (ELIAS).

Célio discorre sobre como o psicológico fica abalado e diz ter sido ruim, porém válida a experiência. Para o aluno soldado a experiência serviu para fazer refletir sobre a utilização dos gases em outras pessoas. Segundo ele, pensará duas, três vezes antes de usar em qualquer pessoa.

Ah essa experiência lá foi baque né, assim foi válido né, como tudo aqui dentro que a gente aprendeu, tudo é válido né, é uma experiência assim que eu jamais imaginei que eu ia passar, a questão do uso do gás, gás lacrimogênio, é realmente uma sensação que não é boa, não é agradável nem um pouco, questão de queimação que dá, os sintomas que tu sente não é nada confortável, teu psicológico tu fica muito abalado realmente, tu fica bastante abalado e claro que não é só comigo, foi com todos os demais colegas né e a questão mais assim que marcou bastante foi o uso do espargedor de pimenta né, que é aquela coisa, tu tem que saber como é que é pra ti pensar

duas ou três vezes antes de usar numa pessoa na rua, sensação horrível, horrível, horrível, horrível, que eu não quero, espero nunca mais passar por aquilo né, já sei como é que é e é claro vou pensar duas ou três vezes antes de agir em algum civil né... mas foi válido, pra mim foi válido... foi uma instrução muito boa, os instrutores muito bons, os tenentes e capitães sem palavras assim, cara profissional ao extremo (CÉLIO).

Alcides afirma já ter passado por experiência de campo no exército, mas nunca de ser submetido a gases. Diz que apesar da dor e sofrimento, a instrução foi necessária para que pudessem saber qual a sensação que os gases provocam.

Pra mim foi ruim, o gás doeu bastante, sofrimento, gases, gás, pimenta, tudo... ruim, mas necessário... acho que necessário, mas sensações ruins, sensações ruins, sensações ruins... já tinha passado com coisas parecidas, não com gás, mas já tinha feito campo, que é uma coisa parecida, o campo assim dentro do exército, mas nunca tinha usado gases, gás foi a primeira vez... o ruim foi o gás mesmo... [E as sensações que te deram?] Acho que só a dor mesmo, que nem já tinha ido pra um campo, aquela coisa do militarismo, campo, eu já tinha sentido... não gosto mas já conhecia, já sei como é que é, passei vários dias em campo assim, andando, correndo, um monte de coisas, isso aí já tinha... mas daí a única sensação diferente mesmo foi o gás mesmo, nunca tinha passado, nenhum dos gases... Mas aquela coisa, pra ti sentir pra depois tu não fazer no outro, acho necessário (ALCIDES).

Amarildo discorre sobre a sensação ruim que o gás provoca.

Cara, assim... é outra que... eu acho que por eu ter acabado de passar por aquele impacto psicológico ali, o Rio Vermelho pra mim eu acho que era a pior parte do curso, desde o início eu pensava, pô eu vou ter que passar por aquilo lá, que todo mundo falava mal, daí o que que aconteceu, cheguei lá, cheguei ruim, fiz todas as paradinhas,

daí a primeira experiência que eu tive com a pimenta foi quando ele deu aquele tiro em cima do pessoal, aquilo ali pra cima na hora, ali lacrimeou meu olho, já me ferrei naquilo ali, daí pensei, pô, pimenta vai ser só isso né, quando o bicho tacou pimenta no meu olho, eu só pedi pro cara que tava me carregando, oh me bota perto de uma pessoa conhecida, pra mim ter contato físico com a pessoa, pra mim saber que eu não tô sozinho e eu sentei e eu pensei assim, como eu já tava indo na psicóloga, daí eu disse, vou trabalhar meu psicológico, aqui o que manda é o psicológico, se eu tiver que ficar duas horas sentados, eu vou ficar duas horas sentado... ao tanto que eu fiquei sentado lá normal, não pirei nada... pra mim a pior parte assim foi depois entrar na água, tentar lavar e vê que aquilo lá não sai, tu tentar abrir o olho, ficar com aquilo no olho parado, ardendo o olho, pra mim foi tranquilo, pra mim foi tu tentar lavar, pra tentar abrir o olho novamente, aquilo ali pra mim foi horrível tá ligado, foi a pior parte porque realmente tu vê que todo mundo ta conseguindo e tu não consegue, aí é complicado, mas assim, pensei que fosse bem pior, foi tranquilo.... [Tu acha que foi uma experiência válida?] Com certeza... eu acho assim, é.... antes de tu fazer tu acha não, pra que fazer um negócio desse, não há... mas é um equipamento que tu vais tá usando né cara, depois as vezes tem bicho lá que vai usar em guri pequeno um troço daquele lá, por causa da reação né... eu acho importantíssimo, pra mim é importante, porque é uma coisa que a gente vai lidar diretamente aí, a pessoa pode usar com abuso, acho legal (AMARILDO).

A afirmação de ter sido difícil passar por essa experiência, pois havia acabado de passar pelos problemas psicológicos que o levou a desmaiar em sala de aula, vai ao encontro do pensamento de Le Breton (2013) que diz que para compreender as sensações que a dor implica no corpo, é necessário buscar sua razão de ser não no corpo do indivíduo, mas no próprio indivíduo com toda a complexidade de sua história pessoal. O aluno assevera, ainda, que aproveitou o acompanhamento psicológico que vinha recebendo para poder controlar suas emoções. Um dos artifícios que utilizou, foi solicitar para um amigo colocá-lo

perto de alguém conhecido para que pudesse ter o contato físico, o vínculo e saber que não estava sozinho.

Juvenal diz ser sensacional a oportunidade proporcionada pela polícia de terem atividades práticas como esta, pois assim, poderiam conhecer seus limites, suas dificuldades e estarem mais bem preparados física e psicologicamente. Exemplifica que se tivesse numa manifestação, ou jogo de futebol, que fosse necessário utilizar algum desses agentes químicos e nunca tivesse passado por essa experiência, ficaria apavorado, prejudicando assim o seu trabalho.

Pô achei sensacional, sensacional a polícia poder proporcionar pra gente atividades como aquela, pra gente poder conhecer os nossos limites, conhecer dificuldade, pra preparar a gente melhor fisicamente, preparar melhor psicologicamente, é... aquele dia, se eu tivesse numa situação como torcedor digamos no jogo do Avaí, ou tivesse um distúrbio lá, passe livre dos estudantes lá no centro e jogasse uma bomba de gás lacrimogêneo no meio e respirasse lá e sentisse aquela sensação que eu senti, pô ia achar que eu ia morrer na hora, ia apavorar, ia me jogar no chão, nossa ia me desesperar, mas com a instrução que a gente teve lá, pô eu consegui, apesar de tudo, ficar tranquilo sabe, de tá curtindo o momento, de tá curtindo a sensação de um auto desafio, de um desafio pra mim mesmo assim, tanto com o spray de pimenta, de ficar sentado lá, ficar curtindo aquela dor, aquele momento, pô... é só tu ficar tranquilo, é só tu ficar tranquilo... pra mim foi sensacional, foi espetacular essa experiência, gostei muito pra provar pra mim mesmo assim que é tranquilo, que tem situações adversas que o policial vai se deparar que não vai morrer, eu gostei bastante, teria que ter mais instruções desse tipo (JUVENAL).

Gerson relata do nervosismo por não saber qual seria sua reação, a reação do seu corpo. Diz ter gostado da experiência, pois caso seja submetido em sua atuação aos efeitos dos gases, já conhecerá as reações e seu controle será maior. Segundo o aluno soldado, “é mais fácil tu enfrentar uma coisa que tu conhece do que uma coisa que tu não sabe o que que é”.

Nervosismo antes, tipo... com o produto químico tu não sabe qual vai ser tua reação, a do teu corpo né... ai depois que passou achei legal passar pela experiência né, coisa boa porque se um dia tu for submetido a isso tu consegue controlar mais né, tu sabe o que que vem pela frente, é mais fácil tu enfrentar uma coisa que tu conhece do que uma coisa que tu não sabe o que que é né... foi totalmente válido, queria que tivesse mais né, não só uma tarde [risos]... Depois que passa que tu vê que não é aquele bicho de sete cabeças que falam, dizem que é... é uma coisa que dói, que se tu não conseguisse tu... se tu não tiver uma capacidade de controlar aquilo ali tu enlouquece... tu sai correndo, tu se joga em qualquer lugar, tu fica pensando que a polícia não é pra qualquer um também, tu quer ser mesmo né, quem gosta de ser, de passar por isso (GERSON).

Assim como os demais colegas, Félix acredita ser uma experiência válida, pois estarão lidando diariamente com situações que possam necessitar ter o controle sobre o uso.

Bom a experiência do ritual do Rio Vermelho acho que foi válida sim, muito válida até, porque a gente passar por aquele tipo de situação demonstra que a gente vai ter muito mais cautela em tá utilizando aquele tipo de equipamento que foi utilizado na gente... todo mundo esperava essa parte do campo, mas todo mundo, alguns ou muitos, principalmente eu, tinha medo principalmente do spray, que eu já levei algumas vezes na minha vida civil no carnaval, mas não diretamente no olho, a gente sabe que é insuportável tá cheirando aquele gás, mas a experiência do rio vermelho foi maravilhosa, até porque a gente vai tá lidando diariamente com aquele gás em distúrbio, em operações e a gente já sabe a reação, não vai ter tanto efeito como se a gente nunca tivesse visto, então a gente já vai saber a reação, sabe como utilizar e as pessoas com certeza vão sentir mais do que a gente... [E as tuas sensações e reações no corpo e no psicológico?] Assim oh no psicológico é o que abala mais, que a sensação no corpo é realmente o

que a gente já sabia que ia queimar, ia arder, mas o psicológico é que manda na gente, então a gente, eu principalmente, eu fui lá pensando que ia ser uma coisa totalmente diferente, ia ser aquela tortura e a lamba ia rolar nas costas e qualquer coisa que a gente fizesse de errado ia ser aquela sugaceira, mas aquilo foi normal, na hora que a gente chegou a corrida, a fazer aquelas coisas, era pra suar realmente, que eles sempre fazem, pra tu adquirir o suor na tua pele, pra quando eles jogassem o gás pra ele cristalizar, é a mesma sensação que as pessoas sentem na rua, quando estão molhadas ou alguma coisa.. isso a gente já sabia, mas o emocional é o que afetou bastante todas as pessoas, pensava que ia ser uma coisa totalmente diferente, chegou lá, sentindo na pele o que passou, viu que não era aquilo tudo, viu que é suportável e que a gente não vai morrer (FÉLIX).

Para Cristian a sensação de passar pelo gás de pimenta foi horrível. Sentiu muita dor, ardor e em alguns momentos entrou em desespero. Porém afirma que tudo o que esta tava sentindo, era em função do seu psicológico, pois quando respirava fundo e procurava se acalmar, as reações diminuía. Afirma ter compreendido o objetivo da atividade depois de ter passado por tudo acreditando, então, ser uma experiência válida.

Pô foi terrível, pô foi terrível, meu Deus, foi a pior coisa do mundo, pode escrever aí, foi a pior sensação que eu tive na minha vida, foi a pior, pior sensação que eu tive na vida foi aquilo, foi horrível... eu só entendi o objetivo do Rio Vermelho no final quando eu conversei com o Tenente que ele pegou e falou ‘a gente faz isso, vocês sentir que é tão ruim, pra vocês não dá na cara de alguém com aquilo ali, não usar aquele spray de pimenta na cara da pessoa’. Acho que o lacrimogêneo foi tranquilo, é ruim, mas nada perto do spray de pimenta, spray de pimenta é pensar mil vezes antes de passar na cara de alguém, não tenha dúvida, o objetivo foi esse e pra mim serviu sabe, entender que é ruim e que pô, não usa em alguém isso... só se for necessário, senão não usa... [...] Ah eu quase pirei no psicológico, quase

pirei, falei um monte de vezes pro tenente pelo amor de Deus água tenente, água, água, água, não aguento mais, muita dor no olho, muita dor no rosto, só que é mais psicológico, depois que a gente acaba, que são fases, acho que é, começa arder muito, muito, muito assim oh, aí tu, tipo tu começa, várias vezes eu falava pô tenente não dá, me dá água, água, água, aí daqui a pouco eu começava a respirar, respirar e tu começa a acalmar e parece que a dor vai passando sabe, aí daqui a pouco tu começa a ficar agoniado aí parece que a dor aumenta, então eu acho que é muito psicológico, se tu tenta se manter calmo tu aguenta, agora se tu começa a ficar agitado é pior, tu vai, tu vai enlouquecer ali, é horrível, meu Deus do céu, oh demônio [risos...] (CRISTIAN).

Ian diz que esperava mais da atividade do Rio Vermelho. Para ele, é necessário que os policiais sejam submetidos aos efeitos dos gases, para ‘sentir na pele’ as consequências da aplicação. Ian discorre sobre os efeitos físicos como ardência, sensação de trancar a garganta, não conseguir enxergar. Diz ter conversado com um capitão enquanto aguardava passar os efeitos, demonstrando que havia compreendido a intenção da instrução.

Esperava mais do Rio Vermelho, é... em relação aos gases, policial tem que passar por isso sim, pra ele sentir na pele, pra ele não aplicar nas outras pessoas de um modo desnecessário, então hoje, depois da experiência que eu tive lá, eu percebi que pra mim usar meu spray de pimenta, eu vou pensar três vezes, porque é muito ruim e a reação pra que ela acabe, é muito demorada, então tem que realmente pensar, se eu não tivesse passado por aquilo, com certeza na primeira oportunidade eu ia disparar o spray, na primeira entendeu, então depois que eu passei pelo spray eu vi realmente que tem que ser usado assim no extremo, até porque se você utilizar, você vai ter que dar assessoria praquela pessoa por mais de uma hora, porque o efeito é demorado terminar e os gases da mesma forma entendeu, tem que saber a hora de usar, como usar, mas eu achava que a gente ia sofrer mais um pouco entendeu, eu tava preparado

pra bem mais e eu achei assim light. Eu esperava mais ralação, mais coisa, na verdade eu achei que foi tudo uma brincadeira, eu percebia que era encenação dos comandantes entendeu, apesar que naquela época a gente não ter uma certa intimidade, mas eu via assim que era tudo encenação... talvez o que eu tava esperando é o que o pessoal do choque tá vivendo hoje entendeu, mas quando eu vim pra PM eu também achei que eu ia encontrar uma outra coisa, então as coisas mudaram né, as vezes as coisas mudaram assim, tão mais teóricas e tal, mas eu acho que policial militar tem que passar por essa experiência... eu no meu caso uma taser por exemplo, eu não quero aplicar aquilo em ninguém, porque eu acho aquilo horrível, pra mim é horrível a taser, então se precisar usar vai ser usado? Vai... eu vou saber usar? Vou... mas eu vou pensar três vezes antes de usar entendeu, nem de brincadeira. Então assim, o gás na verdade, dá uma ardência no corpo né, arde como se tivesse pegando fogo a pele, tranca a garganta, os olhos tu não consegue enxergar, seria isso... e psicologicamente, o gás assim eu fui meio malandrão entendeu, então não cherei muito não... mas eu tive colegas que parece que eles inalaram bem mais que eu aí eles tiveram algumas reações diferenciadas, mas pelo o que eu pude perceber, o gás em mim eu consegui controlar... eu vi o gás, eu fiquei de olho aberto, eu respirei o gás, eu saí pra lá antes dos outros, eu não fiquei lá dando bobeira entendeu... aquele fica, fica, do povo do choque, pra mim, puff... entendeu, eu fiquei todo o tempo consciente em relação ao gás, em relação a pimenta, aí não teve como, porque aí a pimenta realmente entrou no olho, ela realmente você não consegue abrir os olhos, realmente ali não passava, eu não sei quanto tempo a gente ficou lá, mas pra mim foi muito tempo, então assim eu acredito que depois de 30 minutos, eu não sei, mas realmente começou a dar um iniciozinho meio que de pânico, porque não passava, mas eu sempre fui muito calmo, tentei me controlar, o capitão veio do meu lado, na ocasião eu era o chefe de turma, ele perguntou pra mim ‘o senhor acha que foi válido o que aconteceu aqui com o senhor?’ Eu

falei sim... ‘porque?’ ai eu falei porque eu não vou usar isso com ninguém desnecessariamente, ‘então você entendeu Ian, porque a gente tá fazendo isso aqui hoje?’ Eu falei sim senhor, ‘então é exatamente isso que eu queria entendeu, fica calmo aí que vai passar, beleza’... então assim, o capitão pra mim, dessa academia, é um dos policiais militares que respeito ele, o dia que ele precisar de mim eu vou estar a disposição (IAN).

Haroldo diz ter sido a pior dor que já sentiu na vida, mas afirma ter sido uma experiência que ‘abriu seus olhos’, ou seja, que o fez entender a necessidade de cautela na aplicação do produto. Traz em seu discurso que apesar de terem ‘o poder nas mãos’, tem que haver a consciência de saber quando e em quem aplicar. Diz já ter ido preparado para a sensação de dor, mas que a situação no momento fez com que se sentisse impotente, pois estava em um local desconhecido, sem conseguir enxergar, com pessoas gritando ao redor, fazendo com que o psicológico fosse essencial para controlar o nervosismo.

Eu vou te dizer, aquilo ali acho que foi a pior dor que eu já senti, aquele gás de pimenta nos olhos, mas foi uma coisa que me abriu os olhos assim né, antes dele fechar lógico [risos], por causa que eu não achei que fosse doer tanto, então eu acharia normal chegar aqui e fazer isso em ti entendeu, por isso que eu digo assim oh, por isso que eu tenho comigo esse preceito de que não faça com... então assim aquele negócio que aconteceu lá, serve pra que eu aprenda o que que deve ser feito em determinadas horas sabe, não é pelo fato de tu tá com o poder nas mãos ali que tu vai chegar e vai fazer um escarcéu, um tumulto com o spray de pimenta... [E como é que foram as reações físicas e psicológicas?] Oh, na hora lá, a sensação de impotência que tu fica, o corpo não sentiu... o corpo sentiu o que é normal de sentir, a dor ali, mas é uma coisa normal, eu acho que aquilo dali, eu acho que eu tava preparado pra sentir aquilo, só que o fato de ficar uma hora com os olhos fechados num lugar que tu não conhece, só ouvindo grito, isso deixa a gente mais... não deixa a gente tão preparado, porque ninguém tá

preparado pra ficar, ninguém não digo mas ali naquele momento ninguém tava preparado pra ficar sozinho lá, sem roupa, com frio, num lugar que tu não conhece, 50 minutos com os cara aqui nos teus ouvidos te empurrando e te cuspidando ali e tu sentindo e não podendo abrir os olhos, a hora que tu abria doía que Deus me livre sabe, então eu acho que esse negócio de não poder saber onde é que tu tá, sem saber quem é que... todo mundo que tá li vai te defender, ninguém vai te fazer mal, mas não é isso que te passa na cabeça (HAROLDO).

Jardel acredita ter sido muito boa a instrução, uma experiência de vida. Afirma que irá pensar 10 vezes antes de aplicar spray em alguém, sendo feito somente quando for realmente necessário. Diz ter sentido muita dor e incômodo por não conseguir enxergar e que não teve controle psicológico sobre a situação.

Foi muito bom... uma experiência de vida que eu tenho que eu quero pensar 10 vezes naquilo lá antes de jogar na cara de alguém.... se merecer vai levar, mas quero pensar muito, quero agir de outra forma... porque aquilo ali é desumano... é muito desumano aquilo ali... mereceu vai levar, mas pensar 10 vezes antes de espirrar na cara de alguém, porque pode pegar na cara de algum inocente como aconteceu num jogo aí que acham que é apertar e pega em quem pegar e não é assim não... porque nem todo mundo que tá lá num estádio de futebol vai lá pra aprontar.... tem muita família né, pai de família que tá lá, monte de cidadão, monte de ser humano... aí aonde eles falam mal da polícia... então a polícia tem que saber usar... Foi válida a experiência, foi muito válida, nossa... e tem um monte de cara aí que merecia levar de volta, pra aprender que aquilo ali não se joga na cara de qualquer um... deixa ali com uma hora com o olho fechado pra ele aprender que não é assim que funciona... eu senti muita dor, muita dor... e é uma visão desumana, porque ali você vê... teve horas que eu pensei ali né, as pessoas deficientes que não enxergam né... você, uma pessoa boa de saúde, o físico bom e querer fazer uma coisa e não enxergar... eu queria

correr até a água e não poder chegar até lá porque não enxergava... eu queria abrir meus olhos e eu não conseguia... aquilo foi uma experiência de vida muito válida... antes de jogar na cara de alguém, pensar muito... [Tu conseguiu se controlar psicologicamente?] Não... tsc, tsc,tsc... ninguém se controla... não se controla... Muita dor, muita dor... reação o psicológico se foi, eu já tinha esse problema de nariz, daí fechou, porque eu esqueci de levar o meu soro junto e aquilo lá você não pode respirar pela boca né... você vai pelo nariz até a hora que dá, porque o nariz ele é um filtro já do ar... e aquilo tu respirar pela boca tu desce lá em baixo já.... e é uma coisa muito horrível né cara... até pro estômago... Eu passei mal naquele negócio (JARDEL).

Ildo faz uma comparação de quando fez atividade de campo no mesmo local só que pelo exército. Da primeira vez, Ildo diz ter ido angustiado, com vontade de voltar logo, no entanto desta vez foi vibrando, pois já sabia como seria. Também relata sobre a dor, queimação e cansaço, porém considera a experiência válida para ter consciência da aplicação dos gases.

Pô eu me lembro que quando eu tava no exército eu fiz campo ali no Rio Vermelho também e eu tinha aquela assim, pô vou pro campo, não sei o que, aquela agonia de vir embora direto, já quando eu fui por aqui eu fui vibrando assim, pô legal, to indo pro Rio Vermelho, né, foi totalmente diferente, então fiz vibrando, militarmente vibrando, com alegria, gostei pra caramba, só a pimenta que é ruim né, mas o restante, faria tudo denovo agora.... é uma experiência totalmente válida, porque vamos supor, eu vou jogar spray de pimenta na tua cara e não sei o quanto é ruim, então tu tem que pensar duas vezes antes de jogar no teu rosto né... então tu tem que saber qual o sentimento, qual é a reação, o que dá no teu rosto, o que daí tinha com isso... [E quais foram as reações físicas e psicológicas que tu teve lá?] Só cansaço... já ali da queimação da pimenta, mas o restante, moral lá em cima (ILDO).

Celso diz já saber como seria, pois já era militar e do efeito disciplinador, ‘domesticador’ do processo.

O Rio Vermelho foi muito bom... gostei e acho que deveria ser no mínimo uns três dias... no mínimo uns três dias, no mínimo, mínimo.... porque ali é onde... porque assim oh, como eu era militar eu sei disso, a parte de camaradagem, de amizade, camaradagem e responsabilidade, companheirismo, de tu saber com quem tu tá lidando, é nessas horas que tu vê, entendeu, é nessas horas, quando tu tá mal, quando tu tá com frio, quando tu tá com fome, quando tu... quando tu tá cansado... e é nessa hora que tu vê, não pra tu ver se o teu colega vai aguentar ou não... mas sim pra ti... é ali, é ali que é o grande motivador do espírito de corpo entendeu, pra mim é ali... não é andar junto, conversar, ir pra aula, voltar... é também, mas ali é aonde realmente se concretiza o espírito de corpo, de grupo... [...] As reações físicas eu acho que elas foram ruins por tu tá sentindo aquilo ali na pele, mas foram excelentes pra tu saber o material que tu vai utilizar, que tu pode utilizar com o cidadão na rua... foi bom nessa parte, porque daí tu sabe bem o que pode vim a sofrer, as reações que pode sofrer nas pessoas, tu tem essa experiência... então por isso eu acredito que foi bom, na parte física... e a parte psicológica, como é que eu vou te explicar... a parte psicológica pra mim também foi bom ali porque é nesses dias aí que a gente verifica a parte psicológica de todo mundo... se realmente ele tem o poder de ficar tranquilo, de decidir, de ajudar, então é isso... eu fiquei tranquilo porque ninguém ia ser submetido à alguma coisa que não pudesse, então... eu já fui com aquilo ali na cabeça, eu já sabia que por mais que fosse ruim, aquilo ali ia passar, então, mantive a tranquilidade, tentei ajudar os outros ali que muitos não tiveram essa tranquilidade, então tranquilo (CELSO).

Júlia acredita não ter sido o pior momento que passou no curso. Diz que a sensação de dor ao receber o choque com a taser²¹ foi pior que

²¹ Arma de eletrochoque.

o gás de pimenta, deixando inclusive marcas no seu corpo. Afirma ter controlado seu psicológico apesar da dor.

Pufff, ridícula, ai ai... eu faria de novo, faria de novo... é, não foi o pior momento pra mim aqui dentro, não foi de certeza, talvez foi um dos melhores, porque a dor que tu sentiu, tu já sabia que ia sentir né e acho que serve também pra ti não abusar daquilo ali e tal, mas as vezes dá uma raiva porque tu achava que não precisava passar por aquilo ali entendeu, mas pô, tranquilo. Dói pra caramba, psicológico, o meu eu até achei ali... os cara falaram, o meu psicológico foi muito bom, eu aguentei... mas também berrar vai ajudar a passar a dor? Não vai, ai, ai, ai, ai... não vai né... então eu acho que o psicológico eu mantive muito bem... até melhor no Rio Vermelho do que em outras situações e tal, mas o físico é a dor, dói, dói, o teu olho parece que vai caí, a sensação é que se tu abrir tem alguém arrancando com a unha por dentro, é complicado... [E qual foi a pior situação que tu passou aqui dentro?] A taser, de dor, a taser, de dor a taser... eu repetiria tudo dentro aqui de novo, se eu pudesse escolher eu não faria a taser, doeu muito, doeu muito... realmente a dor foi assim oh lácitante cara, foi... dez spray de pimenta, dez mil Rio Vermelho pra não ter a taser de novo... pra mim foi a pior parte, de dor foi a pior parte, a taser... Marcou, ficou um x aqui oh, aqui por dentro no pescoço ficou até marcado, cheiro de queimado oh, cheiro de queimado no cabelo (JÚLIA).

A esse respeito, para Le Breton (2013) a dor acompanha a mudança de *status*, é a “finalização social de seu corpo e de sua identidade, que as marcas físicas recebidas traduzem” (p. 20).

Observa-se que os alunos soldados foram levados ao extremo de sua dor e controle psicológico, no entanto, todos afirmam ter sido uma experiência válida, apesar da dor, do cansaço e dos momentos de descontrole emocional. Le Breton (2013) assevera que todo sentimento consentido torna-se uma prova de amor e um sinal de devoção, fatos esses embutidos nos discursos dos alunos soldados e que, demonstram, também, o componente afetivo do *habitus* apresentado por Wacquant

(2013; 2014). Segundo os alunos soldados, ao serem submetidos aos agentes químicos, irão conhecer os efeitos provocados por cada substância, o que fará com que não se desesperem numa ocorrência em que necessitem usar. Por exemplo, em uma manifestação em que é utilizado gás lacrimogêneo, os próprios policiais também sentirão os efeitos dos gases, e, já tendo passado por tal experiência, saberão o que irá ocorrer e poderão se controlar melhor. Além disso, por saberem a dor que é estar em contato com um produto desse, afirmam que evitarão excessos, utilizando somente quando for realmente necessário. Nesse caso, a dor aparece como sancionadora para evitar futuros comportamentos excessivos.

Segundo Le Breton (2013) a relação íntima com a dor depende da significação que ela possui no momento em que afeta o indivíduo. Ou seja, ela é primeiramente, um fato situacional. Conforme pode ser exemplificado pelo relato de Amarildo, para o alívio e tranquilização da dor, é importante ter pessoas conhecidas próximas (LE BRETON, 2013). O autor discorre ainda que apesar da dor ser algo íntimo, é também impregnada de social, de cultural, de relacional e pressupõe vínculo social. No momento em que os alunos soldados dependiam uns dos outros para se tranquilizarem enquanto aguardavam os sintomas – dor, falta de visão, perda da noção de tempo e espaço – decorrentes da aplicação dos agentes químicos passarem, vínculos eram estabelecidos e a confiança no outro inculcada.

O ‘caminho’ da dor pode fazer a passagem da mesma ser mais lenta, acelerada, aumentada ou diminuída, ou seja, percepções sensoriais e o contexto situacional, contribuem com seus efeitos. Assim, fatores como calor, frio, concentração, relaxamento, diversão, medo, cansaço, dentre outros, influenciarão no processo (LE BRETON, 2013). Estes aspectos foram percebidos na atividade prática dos alunos soldados. Primeiramente foram submetidos a pressões psicológicas decorrentes das expectativas do que iriam encontrar em campo. Antes de receberem a aplicação dos agentes químicos, passaram por diversas atividades físicas que resultaram no cansaço físico e psicológico e no suor, que segundo os alunos soldados e instrutores potencializam os efeitos físicos dos gases. Em termos psicológicos, observou-se que os aspectos relacionados ao medo, ansiedade e concentração, também influenciaram diretamente o resultado do processo que estavam passando.

De acordo com Strauss (1999), quando ingressamos num novo emprego, deparamos-nos alguma vez com termos novos que representam maneiras novas de encarar objetos. Tais termos, às vezes, não são totalmente apreendidos, nem os objetos e eventos são

percebidos como outros os percebem, até que os próprios indivíduos tenham os passado por experiência semelhante. Segundo o autor (p.43), utilizando-se dos termos de John Dewey, ‘nós mesmos devemos agir, sofrer e aguentar’, pois à medida que as pessoas sofrem, suas avaliações mudam. Segundo Le Breton (2013) não há dor sem sofrimento, ou seja, sem significado afetivo que traduz a inserção de um fenômeno fisiológico no cerne da consciência moral do indivíduo. Ao encontro dessa definição, o exercício desenvolvido no Rio Vermelho, ao qual os alunos soldados experienciaram as sensações de agentes químicos, fez com que ocorresse um aprendizado de forma prática e suas avaliações mudassem em relação à aplicabilidade destes gases. Para Le Breton (2013, p.16) ‘a dor obriga à aprendizagem lúcida e penosa dos perigos que ameaçam a integridade física’. Percebe-se assim com os relatos, que os objetivos dos instrutores foram inculcados, encarnados e incorporados pelos alunos soldados com esta experiência prática, que serviu para conformar os corpos dos alunos soldados aos efeitos da submissão aos agentes químicos e ‘adestrar’ seu comportamento para atuação no exercício da função.

5.3.2 O FON, o FOP e o PAD: entre a punição e o reconhecimento

Os alunos soldados eram submetidos a alguns procedimentos administrativos padrões. Os procedimentos administrativos padrões (PAP) foram criados para normatizar e padronizar aspectos administrativos da rotina acadêmica, servindo de referência para comandantes de pelotão e sargentos monitores (PMSC, 2011).

Os PAPs foram organizados para tratar dos seguintes assuntos:

- PAP n.º 01/CFAP/2011 Atestado de Origem;
- PAP n.º 02/CFAP/2011 Controle de Faltas;
- PAP n.º 03/CFAP/2011 Notas para Boletim Interno;
- PAP n.º 04/CFAP/2011 Relatório de Serviço Interno;
- PAP n.º 05/CFAP/2011 Relatório de Serviço Externo;
- PAP n.º 06/CFAP/2011 Controle do Quadro de Trabalho Semanal;
- PAP n.º 07/CFAP/2011 Plano de Chamada dos Alunos;
- PAP n.º 08/CFAP/2011 Livro de Fatos Observados;
- PAP n.º 09/CFAP/2011 Inserção de Estímulo Operacional;
- PAP n.º 10/CFAP/2011 Licenciamento a pedido;
- PAP n.º 11/CFAP/2011 Licenciamento ex-officio;

- PAP n.º 12/CFAP/2011 Avaliação de Adaptabilidade Funcional;
- PAP n.º 13/CFAP/2011 Arrançamento dos Alunos;

Nesta seção abordou-se especificamente o PAP número 08, que trata do livro de fatos observados. Cada Pelotão de Alunos possui um Livro de Conduta Escolar, no qual há para cada aluno sua identificação com foto, nome e matrícula, dispondo de um espaço para anotações de “Fatos Observados Negativos (FON)” (ANEXO B), e um espaço para anotações de “Fatos Observados Positivos (FOP)” (ANEXO C). O FON e o FOP servem também de apoio para avaliação do Aluno quanto a sua inadaptabilidade funcional à carreira policial militar.

Segundo Bridi (2011) podemos conceituar o FON e o FOP como:

É caracterizada como “Fato Observado Positivo” (FOP) toda a ação que, embora não tenha sido digna de elogio constante na ficha disciplinar, seja merecedora de destaque, por enobrecer a moral, os bons costumes ou o serviço policial e militar, seja ela observada por quem quer que seja, bem como, deve ser também caracterizado como FOP a doação voluntária de sangue ou plaquetas;

É caracterizada como “Fato Observado Negativo” (FON) toda a ação ou omissão, mesmo sendo analisada num Processo Administrativo Disciplinar, que afronte ou cause transtornos a moral, bons costumes, superiores hierárquicos, disciplina, Escola ou o serviço policial e militar, seja ela observada por quem quer que seja;

Os FONs e FOPs recebidos durante o curso são anotados nas fichas dos alunos. Os FONs só tem validade para fins administrativos, escolares ou disciplinares, após o direito de defesa do aluno, e sua assinatura ao lado da anotação comprovando sua ciência e anuência, sendo que os fatos justificados não terão nenhum efeito administrativo, escolar ou disciplinar. A administração do Livro de Conduta Escolar é feita pelo Comandante de Pelotão e pelo Monitor do Pelotão. Segundo Bridi (2011) o Oficial ou Praça do CFAP que observar o cometimento de irregularidade escolar deverá corrigi-la imediatamente, de modo que não deixe dúvida sobre o correto procedimento, para não perder o efeito da correção, tomando posteriormente as medidas necessárias para a

devida anotação no Livro de Conduta Escolar ou comunicação ao Instrutor ou Comandante do Aluno/Pelotão²². Quando o comandante de Pelotão entender que o aluno não está tendo um bom aproveitamento escolar ou disciplinar no Curso, bem como sua adaptabilidade à vida policial militar estiver deficiente, o fato deve ser comunicado ao comando do CFAP (BRIDI, 2011).

Os fatos observados recebem uma pontuação específica e podem sofrer agravamento ou atenuante de acordo com a situação. Os FONs são classificados de acordo com o quadro 7 e dependendo do agravante, pode-se haver instauração de um Processo Administrativo (PAD).

E S P E C I F I C A Ç Ã O	C L A S S I F I C A Ç Ã O		
	Grave -3	Média -2	Leve -1
A - Da instrução/sala de aula			
1-Não demonstrar interesse pela instrução	X		
2-Faltar a instrução	X		
3-Atrapalhar a instrução		X	
4-Não providenciar material para instrução		X	
5-Sair da instrução sem permissão		X	
6-Não prestar atenção à instrução, ou faltar com o interesse para a mesma		X	
7-Chegar atrasado à instrução		X	
8-Deixar de apresentar a turma ao Instrutor, Comandante ou Monitor			X
9-Fazer algazarra na instrução			X
10-Utilizar, sem autorização, material do instrutor			X
11-Comportar-se de maneira inconveniente em sala de aula.		X	
12-Comportar-se de maneira inconveniente em sala de aula na presença de superior hierárquico	X		
B - Do alojamento e vestiário			
1-Permanecer deitado ou deitar-se após a alvorada		X	
2-Deitar na cama do pessoal de serviço		X	
3-Dormir após a alvorada		X	
4-Utilizar aparelho eletrônico em desacordo com as normas escolares		X	
5-Deixar a cama mal feita ou fora do padrão			X
6-Deixar roupas abandonadas ou expostas nos locais não previstos para as mesmas			X
7-Deixar roupas de cama amarrotadas ou sujas			X

²² O FON e FOP pode ser aplicado coletivamente para todos do pelotão.

C - Do companheirismo			
1-Não ter o devido respeito com o seu colega de turma	X		
2-Discutir com o colega de turma na presença de superior	X		
3-Não colaborar com o Chefe de Turma		X	
4-Não colaborar com o seu colega durante realização da faxina		X	
5-Afetar materiais, pertences, carteira escolar, cama ou armário do colega		X	
6-Não prestar atenção nas ordens e comando do Chefe de Turma			X
D - Do Serviço/Chefe de Turma			
1-Abandonar o serviço escolar interno	X		
2-Atrasar-se para o serviço	X		
3-Atrasar-se para entrar em forma com o pelotão de serviço		X	
4-Não avisar companheiro ou turma de fato ou ordem prevista		X	
5-Deixar de realizar faxina/manutenção/limpeza no local determinado		X	
6-Não entregar o Relatório de Serviço/Chefe de Turma		X	
7-Trabalhar mal quando em qualquer espécie de serviço		X	
8-Atrasar-se para a entrega do Relatório de Serviço/Chefe de Turma			X
9-Deixar pelotão em situação diferente da devida (Ex: à vontade)			X
10-Trabalhar mal como Chefe de Turma			X
11-Confeccionar o Relatório de Serviço/Chefe de Turma fora do padrão			X
E - Asseio pessoal/postura/postura em forma			
1-Apresentar-se para instrução ou transitar com uniforme incorreto ou alterado	X		
2-Deixar de cortar o cabelo para a revista mensal		X	
3-Não se apresentar para entrar em forma		X	
4-Permanecer ou tomar posição incorreta em forma			X
5-Permanecer de forma ociosa no pátio do CEPM, escadarias ou Cmdo do CFAP			X
6-Prestar continência individual quando em forma			X
7-Mexer-se em forma			X
8-Sair de forma no deslocamento da tropa ou fração			X
9-Conversar em forma			X
10-Chegar atrasado para entrar em forma			X
11-Portar-se de maneira inconveniente ou escandalosa			X
12-Andar sem a cobertura do uniforme			X
13-Uniforme sujo ou mal cuidado			X
14-Não raspar a barba ou bigode ou apresentar-se com o			X

cabelo fora do padrão			
15-Faltar com a postura devida			X
16-Não preservar o asseio pessoal			X
F - Da faxina/limpeza/manutenção			
1-Não realizar/faltar a faxina/limpeza/manutenção regulamentar ou escalado para tal		X	
2-Fazer mal a faxina/limpeza/manutenção no local ou equipamento/armamento previsto			X
3-Chegar atrasado para o serviço de faxina/limpeza/manutenção			X
4-Não preservar a limpeza e conservação das instalações			X
G - Da relação para com os superiores			
1-Marcas atividade extra-classe em nome da turma sem solicitar ao Cmt/Mon	X		
2-Discutir ato ou discutir com superior hierárquico	X		
3-Agir de modo jocoso ou com intimidade indevida para com os superiores hierárquicos	X		
4-Não cumprir determinação ou cumpri-la tardiamente		X	
5-Não dar atenção à entrada de superiores em recinto		X	
6-Não seguir os canais competentes para falar ou visitar superior hierárquico		X	
7-Deixar de cumprir ordem de superior		X	
8-Passar correndo pelo seu superior sem motivo justo		X	
9-Não prestar continência individual ou de tropa quando estiver comandando		X	
10-Deixar de apresentar tarefa quando solicitado ou informar "missão cumprida"			X
11-Deixar de se apresentar ou apresentar-se incorretamente ao falar com superior			X
H - Da alimentação			
1-Deixar de avançar o rancho estando previsto no vale		X	
2-Comer ou preparar alimentos em local inapropriado ou proibido			X
I - Da atividade extra-classe			
1-Faltar ao treinamento do quincêncio, guarda bandeira, formaturas, etc.		X	
2-Atrasar-se para o treinamento do quincêncio, guarda bandeira, formaturas, etc.			X
J - Dos Processos Administrativos Disciplinares			
1-Ser punido com prisão num PAD	X		
2-Ser punido com detenção num PAD		X	
3-Ser punido com repreensão num PAD			X
4-Ser punido com advertência num PAD			X

K - Outras alterações			
1-Causar transtornos escolares, administrativos, cívico-militares ou policiais			X

Quadro 7: Transgressões Disciplinares

Fonte: PMSC, 2011

De acordo com Bridi (2011) são circunstâncias atenuantes:

- 1) ter sido cometida a transgressão escolar para evitar mal maior;
- 2) ter sido cometida a transgressão escolar em defesa própria, de seus direitos ou de outrem, desde que não constitua causa de justificação;

- 3) procurado, por sua espontânea vontade e com eficiência, logo após a transgressão escolar, evitar-lhe ou minorar-lhe as consequências;

Por sua vez, são consideradas circunstâncias agravantes:

- 1) prática simultânea ou conexão de duas ou mais transgressões escolares;

- 2) reincidência da transgressão escolar mesmo punida verbalmente;

- 3) conluio de duas ou mais pessoas;

- 4) ser praticada a transgressão escolar durante a execução do serviço ou instrução;

- 5) ser praticada a transgressão escolar com premeditação;

- 6) ter sido praticada a transgressão escolar em presença de tropa;

- 7) ter sido praticada a transgressão escolar em presença de público.

A pontuação recebida de cada FON/FOP segue os critérios a seguir:

Fato Observado Negativo Leve → -1 ponto (um ponto negativo);

Fato Observado Negativo Médio → -2 pontos (dois pontos negativos);

Fato Observado Negativo Grave → -3 pontos (três pontos negativos);

Fato Observado Positivo Bom → +1 ponto (um ponto positivo);

Fato Observado Positivo Muito Bom → +2 pontos (dois pontos positivos);

Fato Observado Positivo Excelente → +3 pontos (três pontos positivos);

Conforme o quadro 7, observa-se que são diversas as transgressões disciplinares que os alunos soldados podem cometer e as

mesmas perpassam as regras rígidas exigidas para ser um policial militar.

No que diz respeito ao cumprimento dos Fatos Observados Negativos, semanalmente, os alunos que possuírem 03 ou mais pontos negativos que ainda não tenham sido devidamente cumpridos, deverão apresentar-se junto ao CEPM no dia e hora previamente marcados para cumprimento das sanções impostas pelos FON. Geralmente os alunos deveriam cumprir o que chamavam de LCs (Licença Caçada). O LC significa que o aluno soldado deveria se apresentar no CEPM aos sábados de manhã, para fazer atividades diversas, como a de manutenção do quartel, por exemplo.

Ao final do curso, não havendo mais pendências administrativas para com o Cmdo do CFAP o Comandante de Pelotão entrega o livro escolar desenvolvido no transcorrer do ano ao Cmdo do CFAP, para que seja arquivado e sirva para futuras consultas.

Caso não seja cumprido qualquer prescrição dessa ordem, é possível haver inclusive responsabilidade civil e penal, conforme o PAP n° 08/CFAP/2011.

Responderá a Processo Administrativo Disciplinar, fundamentado no item 7 do “Anexo I” do RDPMSC, aquele que não cumprir ou concorrer para o não cumprimento de qualquer prescrição desta Ordem. Além de responder a luz daquela legislação, pelas infrações disciplinares previstas no RDPMSC, bem como possível responsabilidade Penal e Civil (BRIDI, 2011).

Por meio do fluxograma a seguir é possível visualizar o funcionamento da aplicação do FON/FOP.

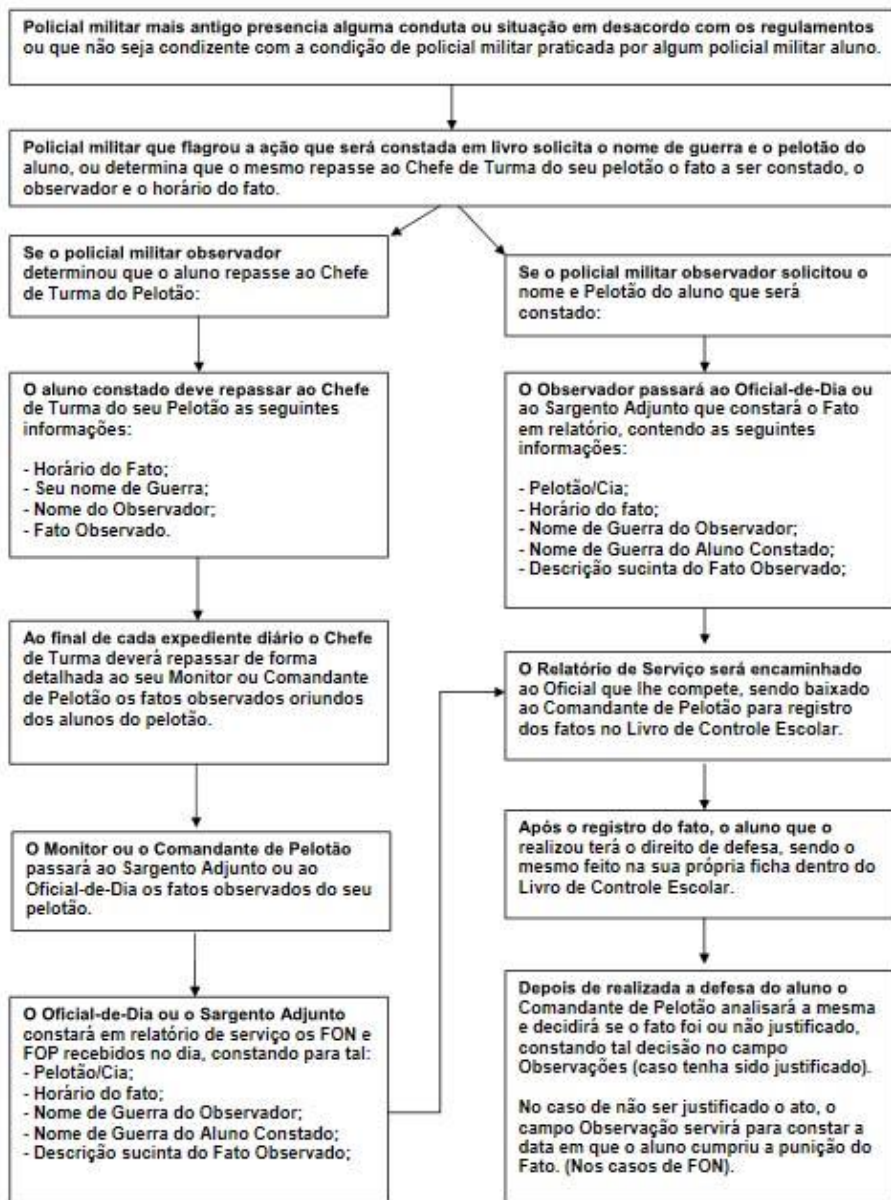


Figura 3: Fluxograma do Livro de Conduta

Fonte: PMSC, 2011

A fim de compreender o que representava para os alunos soldados, questionou-se na entrevista **o que significava receber um FON ou um FOP**.

Para Elias e Gerson o FON representa disciplina, ou seja, fará repensar se as condutas que são exigidas pela corporação estão sendo cumpridas de forma correta ou não, servindo para educar. No entanto, Gerson diz que nem sempre as anotações são justas, refletindo a perseguição de algum superior pelo aluno soldado.

O significado é disciplina... eu acho que se a pessoa não é sancionada ali, ela não tem uma repressão, eu acho que ela vai refletir isso na rua né... no caso de um sapato bem lustrado, ou um cabelo cortado, ou da maneira que ela está vestida, eu acho isso super importante pra aparência lá no meio externo... conduta da pessoa, horários, formas de conversar, acho que isso é super importante... eu não vejo de maneira ruim... já fui anotado várias vezes, então eu já levo isso como um exemplo a ser deixado né... se você tá fazendo isso, você tem que melhorar nisso... porque se não tiver ninguém corrigindo, é a mesma coisa numa empresa privada... se você não tem uma reunião com seu chefe e ele não te expõe o que que tem que melhorar, você nunca vai saber... pra você, você vai tá sempre fazendo a coisa correta... então isso é importante... sempre ter alguém te monitorando... até mesmo no nosso caso... refletir e assimilar aquilo... então isso durante o dia a dia vai ter que se moldar né... (ELIAS).

Isso aí eu posso falar bastante [risos]... FON foi o que eu mais levei... eu acho uma coisa boa pra educar, educar e pra disciplina, mas o problema é que as vezes era levado pro lado pessoal, as vezes não é porque tu tá fazendo aquela coisa errada que tu leva, as vezes porque alguém pega e resolve te marcar e fazer isso e pessoas que tão com aquele erro que precisava daquela disciplina, por exemplo a farda, farda amassada, claro tem que ter uma disciplina, tem que cuidar do fardamento, passar, mas tu não passa, tu merece levar um FON porque tu não passou ou uma punição... e tem gente que tá do mesmo jeito que tu e não acontece

nada, tá do teu lado, igualzinho, mas só olham pra ti, então a pessoa que cobra não cobra igual a todo mundo né.... [O que mais te fez levar FON?] tudo... farda amassada, coturno sem brilho, não é nem não engraxado porque eu engraxava, mas sem ter o brilho, por olhar pro lado, capaz de mobilidade em forma que não é uma coisa tão necessária... ficar ali imóvel ali até tem gente até que desmaia em forma porque não podia mexer, isso é uma coisa que não cresce em nada na gente, mas foi isso (GERSON).

Ao encontro de Gerson, Ian e Alcides dizem que nem sempre os FONs recebidos são justos. Ian afirma ficar decepcionado, pois cumpre todas as exigências e ainda recebe anotação. No entanto, consideram válido, como forma de instrução. Alcides traz ainda em seu discurso reflexos da hierarquia e diz ser normal no militarismo o controle por parte dos superiores, que estão ‘sempre certos’.

Assim é muito triste né, porque você passa a sua gandola, ou as vezes a sua esposa passa a sua gandola, você coloca ela em casa, você é obrigado a vir pro quartel com aquela gandola, você não pode vim... você tem que vir fardado e desarmado né, vem lá do estreito desarmado e fardado, acordo 5 horas da manhã, saio na minha casa, tem um puterinho lá no lado, então tem caras mal encarados, tem ali com certeza bandidos ali e me veem saindo dali todos os dias e aí você senta no carro, põe o sinto e vem cumprindo a ordem pra vim fardado, você chega aqui você leva um FON lá porque a farda tá amarrotada... então o primeiro eu fiquei indignado, entendeu... porque eu cumpri todos os requisitos e me deram um FON pela farda amassada, da mesma forma que eu vejo isso de uma boa intenção pra poder é regular as pessoas que realmente são desleixadas, talvez eu via isso de uma forma também incorreta entendeu... teve FONs certos? Teve... teve alguns injustos? Teve... mas juntando tudo, tem que ter na academia, porque senão os meninos não entendem, a gente não entende que realmente se você não cumprir ali certinho né, você não vai ser dispensado no sábado, eu acho que tem que existir

sim, é válido entendeu, tanto é que lá fora da academia, não vai ser FON, não vai ser FOP, vai responder mesmo entendeu e aí é pra vida, então aqui é de uma forma pra poder instruir mesmo, seria uma instrução (IAN).

Questão de administração mesmo, domínio, esse domínio da administração, pra mim normal, dentro do militar, pra mim normal... as vezes não é justo, é que nem eu disse, aí vem aquela coisa, o superior disse que é, é... é difícil tu... que nem se ele me disser que minha farda tá suja, ele viu um pontinho e disse que tá suja, tá suja, não vou conseguir nesse ponto dizer que não... tem coisas que as vezes não tem como tu querer discutir sabe, se ele falar tá falado, é superior... não adianta querer discutir, na questão militar, militarismo, é isso aí... a gente aprende muito já aí que é só dizer sim senhor e pronto (ALCIDES).

Para Célio representa estar dentro do padrão exigido, sendo que quando não se esta cumprindo o que é determinado, o FON servirá como alerta para voltar ao padrão.

O FON é a questão da tua apresentação, questão de coturno tá limpo, teu fardamento se está bem passado, cabelo cortado, barba feita, se por ventura tu não tiver dentro do padrão, tu é lá e é anotado e leva um FONzinho pra sempre lembrar, ah tenho que cortar o cabelo, tenho que fazer a barba, tenho que passar a farda, tá sempre bem apresentável né... essa questão do FON e do FOP só vem acrescentar pra ti realmente quando tiver no teu batalhão andar sempre dentro do padrão né (CÉLIO).

Amarildo diz ter demorado receber o primeiro FON e se sentiu horrível após receber. No entanto, afirma que com o passar do tempo se acostumam e acaba por perder o significado que havia antes.

Pô no início assim eu, eu levei pra tomar o primeiro, acho que eu levei uns três meses tá ligado... eu cuidava bastante, as vezes chegava em casa, engraxava o coturno todo dia, bem

obsecado... quando eu tomei o primeiro foi horrível, pensei assim, bá, que merda, tomei o primeiro e não sei o que, fiquei pilhadão... daí depois tu começa a acostumar né, tu começa a ver que aquele FON e FOP ali ó, é... até uma parte funciona, a partir do momento que tu começa a tomar até o meio do curso, daí do meio do curso pro final já não funciona mais, porque o pessoal já começa a acostumar com aquela rotina, ah vou ter que vir num sábado... ah fazer o que, vem no sábado tá ligado... e o FOP é a mesma coisa... pô tu toma um FOP, mas até hoje eu não vi ninguém que foi beneficiado por ter um FOP, então o pessoal meio que não dá muita bola não... chega no final mesmo não tão nem aí (AMARILDO).

Juvenal, Félix, Haroldo e Celso afirmam ser uma punição para os erros cometidos e que serve de correção para que não venham a fazer errado novamente.

Ah uma punição, uma punição por algum erro, por alguma falta, alguma falha que a gente tivesse cometido... Hoje falar é uma coisa que é tranquilo, mas na hora quando recebe fica puto da cara, não gosta, o dia que a gente teria... porque a gente vai cumprir esses FONs é no final de semana... no sábado, aí o dia que tu tinha expectativa de sair com a namorada, de sair com a família, de almoçar, de fazer isso ou de fazer aquilo, um dia que tu tem pra dormir até mais tarde, tá oito meses dormindo cinco horas por dia, pô amanhã vou poder dormir até as dez, onze horas da manhã, poder dormir bastante, daí quando te cortam isso tu fica... pô não acredito... fica bem chateado (JUVENAL).

Receber um FON, ninguém gosta, todo mundo critica, mas pra mim significa que eu errei e aquilo ali jamais eu vou errar, significa como uma correção... eu acho muito melhor receber um FON do que receber um processo administrativo e correr o risco de tá sendo excluído da corporação... e receber um FOP pra mim significa que eu tô fazendo tudo correto e tenho que

melhorar cada vez mais pra tá ganhando outros (FÉLIX).

Um LC [risos]... olha... significava que eu tava devendo em alguma coisa, sendo que eu sempre tentei ser... sempre tentei tá certinho ali sabe, sempre tentei tá certinho e chegar e tomar um FON, é foda, porque tu se dedica por exemplo pra lustrar um coturno e chega aí e toma um FON por um grão de areia que tem sabe, puta que pariu, que merda... tu vai lá e corta o cabelo, ah não fez o.... FON sabe... hoje não significa mais (HAROLDO).

Hum... um FON é fato observado negativamente, pra mim levar um FON é tipo uma orientação pra que da próxima vez tu melhore... orientação pra que da próxima vez tu não venha cometer aquele erro e tu venha melhorar a atitude que tu teve, as vezes não é nem um erro, as vezes é uma atitude que pode ser melhorada, então, pra mim é isso aí e o FOP, fato observado positivamente, é um incentivo pra cada vez tu fazer aquilo ali pra melhor (CELSO).

Jardel também acredita ser uma correção para os erros o FON recebido, mas discorre também sobre o FOP, afirmando ser algo que poderá ajudar futuramente em uma promoção.

Olha, um FOP vai te ajudar futuramente, um ponto a mais na tua promoção... o FON eu acho que é interessante porque senão uma tropa de 11 mil homens se tu não tiver uma hierarquia firme isso vira um descontrole total... então tem que meter a caneta mesmo... errou... errou o pau pegou (JARDEL).

Ilido afirma não ter recebido FON individualmente e relaciona o FOP ao orgulho, a elevação da moral.

Cara o FOP vale muito heim, eu não levei nenhum FON, assim individual, mas a moral vai lá em cima né, o orgulho né, o orgulho vai lá em cima quando leva um FOP (ILDO).

Para Júlia e Cristian o FON e FOP não representam nada, pois são aplicados de forma aleatória, muitas vezes sem justificativa.

Nada, nada, sabe porque? eles não tão certo... o único dia dentro desse quartel que eu engraxei o meu coturno, o único dia, eu levei um FON porque eu não tinha engraxado o coturno e eu nunca engraxei coturno, nunca entendeu... então... é só porque hoje é teu dia de ganhar o FON... ah tua gandola tá amassada te anota, tu sabe que tu passou ela dez mil vezes pela manhã entendeu, hoje eu não passo mais, o FON pra mim só serve que eu tava fazendo, ganhei o FON não faço mais entendeu... eu tava passando a minha camisa, sabe quanto tempo faz que eu não passo essa camisa aqui? Dois meses eu acho... não passo... estendo ela bem certinho né, aquela chacoalhada, não passo cara, ganhar FON por causa de coisa, ts, ts... (JÚLIA).

Olha um FOP pra mim não representa nada, porque eu sei que o FOP não serve pra nada, o FON só me deixa brabo porque também, eu até hoje eu tomei dois FONs individuais e eu já paguei uns quatro LCs, então pra mim o objetivo do FON e do FOP pra mim não tem objetivo, eles botam a gente pra trabalhar quando o quartel precisa de manutenção, acho que é tudo uma ilusão FON e FOP, eles fazem quando precisam de alguém pra trabalhar, eles botam a gente pra trabalhar, então, é só pra gente tentar andar na linha pra não tomar o FON, mas pra mim FON e FOP é não serve pra nada, é só quando eles querem pra trabalhar eles dão um jeito de dar FON pra gente (CRISTIAN).

Constata-se que a disciplina e hierarquia perpassa o discurso dos alunos soldados. Diversas questões constantes no quadro de transgressões disciplinares também aparecem em suas falas, demonstrando principalmente aspectos relacionados ao respeito aos superiores, asseio pessoal, cuidado com o fardamento e comportamento em forma. A punição como forma de correção aos erros cometidos, bem como o descontentamento com a aplicação indevida de FONs, são

latentes. Apenas dois alunos soldados não percebem propósitos com essas anotações e poucos são os que falam sobre o FOP.

Além do FOP e do FON, o aluno soldado poderia responder durante o CFSd a um Processo Administrativo Disciplinar (PAD). A Portaria nº 009/PMSC/2001 aprova o Regulamento de Processo Administrativo Disciplinar (PAD) na Polícia Militar de Santa Catarina.

De acordo com o Art. 11, Parágrafo Único, do Regulamento,

o processo administrativo disciplinar destina-se a apurar a responsabilidade de policial-militar por transgressão praticada no exercício de suas atribuições, ou que tenha relação com as atribuições do cargo ou função em que se encontre investido.

Quando questionados **o que significava o PAD**, os alunos soldados já se mostravam mais preocupados. Os relatos a seguir demonstram essas preocupações.

O PAD pra mim também seria como se fosse uma forma de dar o exemplo né, onde você tem que entrar numa linha de raciocínio que tem que ser seguido (ELIAS).

O PAD já é uma punição mais específica né, houve alguma coisa já mais grave, algumas repetições, acho que... é... punição... alguma coisa mais severa (ALCIDES).

Dá já é mais complicado... desde o início do curso eu procuro fazer tudo certo pra evitar tomar um PAD né, porque eu acredito que pode ser que um dia me prejudique em alguma coisa, então o PAD eu procuro ficar longe, procuro fazer as coisas corretas pra não tomar (AMARILDO).

É uma punição, um processo administrativo né, coisa de errado que tu fez que não é apenas uma correção que tu precisa, é um algo mais grave né (GERSON).

O PAD pra mim é uma forma correta de ser, pra pessoa sempre seguir as técnicas e não fazer burrada aí na rua, mas representa pra mim em

dizer que eu não fiz aquele procedimento correto, então que eu preciso estudar mais um pouco, ver os meus conceitos e aplicar aquela forma correta pra não está ganhando este PAD (FÉLIX).

Eu acho que o PAD é correto porque o militar ele tem que ter uma coisa que eu sou muito a favor, que a polícia deve seguir firme, é a hierarquia... então o PAD é bom... porque tem um monte de policial militar que deixa de fazer as coisas, então tem que levar o PAD mesmo... muitas pessoas que acham que podem sair batendo em todo mundo, tem que levar PAD mesmo, porque não é assim não... acho que é importante o PAD na polícia militar (JARDEL).

Um processo administrativo né, é uma forma de apurar uma falha que tu teve, [...] é importante pra manter a disciplina né, porque também se deixar ao zaralho, já era, a disciplina cai por terra (ILDO).

O PAD... bom pra mim representa um processo que vai ser verificado a questão que ficou em dúvida de diversas atitudes, de alguma atitude, de alguma coisa... de algo que ocorreu (CELSO).

Juvenal relata uma situação qual quase recebeu um PAD e apesar de não ter recebido, acredita ser necessário, pois o policial possui um ‘grande poder nas mãos’ e de alguma forma precisa ser controlado.

PAD eu não levei ainda, até um dia aí o Tenente falou que ia me dar um PAD porque eu cheguei atrasado, tipo eu deixei o telefone no silencioso na sala, eu cheguei em casa, capotei e dormi e no outro dia de manhã quando acordei era oito horas da manhã, tinha que tá aqui apresentado sete e quinze, acordei oito horas da manhã assim, pô tinha umas 30 ligações não atendidas, um monte de mensagem, todo mundo ‘pô aonde é que tu tá?’ [...] eu não sabia o que fazer, se eu pegava a farda, se eu pegava a toalha, se eu tomava banho, se eu fazia a barba, eu fiquei apavorado, daí eu disse, quer saber, tô na merda, já era, paciência, ferrou, agora eu vou com calma, chegar lá oito e meia,

azar, aí vim, fiz as coisas tudo com mais calma e dei sorte que quando cheguei ainda era o Sargento monitor, [...] ele é um pouco mais maleável, daí ele pegou e deixou assim, daí acabou vazando no ouvido do Tenente e o Tenente veio me dar uma pegada, daí ele disse ‘que que aconteceu Juvenal? Chegasse atrasado, não sei o que’... daí eu assim é esqueci do horário, perdi o horário, daí ele assim ‘eu quero fazer o teu PAD e pode ter certeza que tu não vai esquecer não, não vai esquecer teu PAD’, mas daí ele não fez nada, acabei não levando... mas eu acho que tem que ter sim, tem que ter um tipo de punição pra corrigir, até em função da nossa atividade, pelo poder que tem a atividade de polícia, é complicado tu chegar lá e pô, tu tirar um cidadão da rua, tu tirar um cidadão de dentro de casa, um pai de família, que cometeu um delito ou que bateu na esposa, entende... é um poder... é o poder da caneta também tu multar, é um poder muito grande, como se fosse um legislativo, executivo e judiciário todo mundo junto, tudo junto, porque tu vai analisar, tu vai julgar, tu vai executar, tu vai prender, tu vai fazer, tu tem um poder muito grande, então eu acho que é uma maneira de dar uma controlada nisso... se não tivesse nada ia ficar mais solto o negócio (JUVENAL).

Ian e Haroldo afirmam ter recebido PAD e discorrem como foi responder os processo administrativo.

Então o PAD aí já seria uma coisa mais seria né, onde precisa de você representar, você alegar ali a sua defesa por escrito, seria um meio mais assim mais sério né, mas também da mesma forma, acredito que é uma forma pra poder tá orientando aquele soldado que se ele fizer alguma coisa de errado lá fora ele vai responder, apesar deles não ensinarem a gente aqui a responder, quem aprendeu, aprendeu sozinho entendeu, mas seria válido também... [E como é que foi pra ti responder a um PAD?] Não foi bom não, porque eu tive que fazer pesquisa, eu tive que... talvez por eu ser formado em direito eu tenha tido um pouco mais de facilidade, mas eu vi dentro daquele

processo um monte de irregularidade, inclusive pedi anulação dos autos, porque olha só, é simples, a intimação, a sua citação pra você responder, o prazo legal, são cinco dias, eles me deram 24 horas, então o processo está instinto, acabou, tá errado entendeu e eu solicitei e eles não instiguiaram o processo, tocou pra frente, então assim, eu respondi, aí eu fiz alegações finais, fui lá na audiência, ele falou pra mim que eu não tava num tribunal, [...] tava tudo errado, mas foi bom pra mim aprender e ver que eles estão fazendo coisinhas erradas entendeu, então a partir do momento que você faz alguma coisa, exige alguma coisa, tem que dar o exemplo, tem que fazer o certo e talvez eles tenham visto isso e por isso que eles me respeitam hoje entendeu assim, mas seria basicamente pra isso, pra poder realmente chamar a atenção do aluno soldado né, porque lá fora vai ser diferente, lá fora vai responder mesmo de verdade (IAN).

O PAD, oh esse significa... [Chegou a tomar algum?] Tomei... [E como é que foi tomar o PAD?] medo né, que prejudique na tua carreira, medo de que te prejudique, medo de que te excluam do curso por uma coisa que eu lutei tanto pra tá aqui né e medo de que venha a te prejudicar numa futura promoção... só isso o medo mesmo, porque eu nunca fiz nada de errado, nunca fiz nada pra prejudicar ninguém... [e porque que tu levou o PAD?] Porque eu cheguei atrasado na formatura... cheguei dez minutos atrasado... era pra tá sete horas e eu cheguei sete e dez, é que só tinha ônibus aquela hora sabe, eu morava lá no norte da ilha (HAROLDO).

Percebe-se então por meio dos relatos, que o PAD surge como uma punição mais grave, preocupante, que pode trazer consequências ruins para a carreira. Assim como o FON, aparece como uma forma punitiva para os erros e corretiva para que os mesmos não se repitam. O FON e o PAD servem assim, como instrumento disciplinador, que demarca o *status*/posição do sujeito no campo.

5.3.3 Os relacionamentos

A vida em grupo está organizada em torno da comunicação (STRAUSS, 1999) e para que haja o processo de socialização, pressupõe-se relacionamento entre pessoas. No mundo militar, os relacionamentos perpassam sempre pela hierarquia e se dão basicamente de duas formas: entre colegas de mesmo nível hierárquico e entre superiores e subordinados.

De acordo com o Art. 5º da RDPMSC (1980),

a hierarquia militar é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, dentro da estrutura das Forças Armadas e das Forças Auxiliares, por postos e graduações.

Os diferentes postos e graduações encontram-se na figura labordada anteriormente. A disciplina e obediência às regras também estão prescritas nos regulamentos e exigidas nos relacionamentos (RDPMSC, 1980, p. 03) .

Art. 6º - A disciplina policial-militar é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes do organismo policial-militar.

§ 1º - São manifestações essenciais de disciplina:

- 1) a correção de atitudes;
- 2) a obediência pronta às ordens dos superiores hierárquicos;
- 3) a dedicação integral ao serviço;
- 4) a colaboração espontânea à disciplina coletiva e à eficiência da instituição;
- 5) a consciência das responsabilidades;
- 6) a rigorosa observância das prescrições regulamentares.

§ 2º - A disciplina e o respeito a hierarquia devem ser mantidos permanentemente pelos policiais-militares na ativa e na inatividade.

Art. 7º - As ordens devem ser prontamente obedecidas.

Além de se observar os relacionamentos ocorridos no CFSd no dia a dia, questionou-se aos alunos soldados como eram os relacionamentos no curso. Primeiramente abordou-se o **relacionamento com os superiores**. Utilizando-se de uma linguagem comum, os alunos soldados afirmam em sua maioria, ter sido ‘tranquilo’ o relacionamento com os superiores.

Celso, que já era militar do exército, demonstra a importância da disciplina e hierarquia nos relacionamentos.

Bom, mantendo a disciplina junto a hierarquia o relacionamento é excelente (CELSO).

Alcides, Gerson, Ian, Haroldo e Jardel destacam principalmente a questão do respeito nos relacionamentos. Ao encontro do que é prescrito, Alcides traz em seu discurso a necessidade de se ter obediência para com o superior, sem questionamentos das ordens solicitadas. Gerson salienta que nem sempre os superiores fazem o que é cobrado, não dando desta forma, o exemplo necessário. Ian apesar de afirmar ter um relacionamento ‘tranquilo’, relata um problema ocorrido com um superior na defesa de um PAD. Assim como Ian, Jardel também relata uma situação de constrangimento que teve com um superior, ao qual por meio do ‘poder da caneta’, levou adiante o caso.

Eu sempre tive um bom relacionamento porque eu respeitei muito sabe, sempre respeitei e eles viram que eu não era um guri que queria me dá bem, ou que queria prejudicar alguém sabe, sempre me dei bem com todos eles (HAROLDO).

Acho que foi bom e de muito respeito, acho que tem que ter muito respeito com os superiores então por isso foi bom, a gente teve aquele militarismo, tem que ter... superior geralmente tem que obedecer, daí tu pode contestar, pode, mas é complicado, tu consegue ver, tu tava aí tu via bem que até pode querer contestar mas não... ainda quem manda é o superior (ALCIDES).

Tem aquela coisa que a gente falou até com as orientadoras né, ser cobrado por uma coisa que não é feita por quem cobra... cobrado por quem não dá exemplo... essa é uma coisa complicada... mas no mais, tudo certo... tem vários superiores

que dá o exemplo e com isso ganham o respeito né, tem uma prática da continência ser um cumprimento mesmo, não aquela obrigação só porque ele é superior (GERSON).

Bom, é... é um relacionamento de respeito, sempre fui respeitado por todos, tive um problema com um deles, na verdade foi um PAD, aí tevês as audiências e tal e eu fui e lá e eu realmente me expus e chamei a atenção dele e ele não gostou, ele ficou indignado deu tá interrogando ele, mas eu tava ali como meu defensor, porque eu era o acusado mas a partir do momento que eu abri mão do meu defensor eu poderia fazer a minha defesa e como defensor eu tinha o direito de fazer as perguntas pra ele e ele achou aquilo um absurdo e ele ficou indignado e eu me mantive no local normalmente, fiz o que eu tinha que fazer, não abaixei a bola pra ele e hoje, pelo quartel, eu vejo os meus colegas batendo continência pra ele e ele não responde, todas as vezes que eu passo por ele, eu bato continência, ele não responde a continência, então eu acho que criou um respeito aí, então eu não sou amigo dele, não gosto dele, mas respeito ele entendeu e ele me respeita... então acho que isso que tem que ter na corporação... tem que ter colegas de trabalho, um respeitando o outro e todos ajudando o grupo, não tem que ter amiguinho não... aqui é um lugar de trabalho, fora é outra coisa, então me relaciono tranquilamente com todos, nunca tive problema com ninguém (IAN).

Sempre respeitei eles, eles sempre me respeitaram, tudo certo... teve um superior só no jogo de futebol, um Sargento, que me maltratou na frente das pessoas, mas o militar ele não fala, ele bota na caneta e bota pra frente... e foi o que eu fiz... [E o que foi que ele fez contigo?] Me maltratou na frente de gente, me humilhou na frente de gente, foi pedido numa parte do corredor ali né, era um jogo muito tranquilo, muita família, principalmente a mãe, o pai quando tem um filho, que lugar que ele fica? Do lado da polícia, ele nunca vai lá no meio da torcida, ele sempre fica

do lado da polícia né, é uma segurança que a mãe e o pai já tem pro filho... e as pessoas se aglomeraram muito do lado da polícia e ele queria tirar aquelas pessoas dali com muita ignorância... daí ele veio e ‘tu tá assistindo o jogo, eu vou te constar, pega esse povo e tira daqui’, mas ele não era o comandante... o comandante era um Sargento mais antigo que ele e eu fui até o Sargento, e falei oh Sargento já pedi três vezes pro pessoal sair eles não saíram, eu também não vou pegar um pau e vou sair batendo... é tudo família... não é assim que funciona... e ele se incomodou e veio pra cima de mim e gritou comigo na frente das pessoas, apontou o dedo na minha cara, fiquei quieto né... fiquei quieto e militar não fala, militar bota na caneta porque nós temos o poder da caneta né, a gente tem o poder da caneta e mesma coisa é numa operação de trânsito, oh cidadão bota o cinto... não, não.... não tem problema, você não é obrigado a botar, pega a caneta e dá uma multa nele.... nós temos o poder da caneta... não sei se é cumprido, mas pelo menos a nossa parte vamo fazer né... então o que eu fiz, não falei nada, fiquei quieto e depois ele viu que ele tava errado, me procurou, mas já era tarde demais né.... não tenho medo dele, em momento algum e ele também não vai me prejudicar porque eu não fiz nada de errado, se eu tivesse feito alguma coisa de errado eu poderia tá com medo dele mas eu fiz tudo que a lei manda, tudo que aprendi, tudo que minha hierarquia que eu aprendi e deixa rolar (JARDEL).

Elias e Célio destacam principalmente o bom relacionamento com o monitor do pelotão.

Assim o relacionamento nosso com o monitor é super tranquilo, a gente pode chegar a qualquer momento e conversar tranquilo... já os comandantes tem que ter um pouco mais de tato, a gente tem que ter assuntos a ser conversado... mas com os demais orientadores sem problema nenhum e professores super tranquilo... mesmo independente de posto ou graduação as pessoas

são super acessíveis... foi o que eu pude notar (ELIAS).

Bons... o nosso monitor é uma pessoa excepcional, um profissional muito competente, muito bacana, o nosso comandante também dentro do padrão né, dentro do que é permitido a ele, só tenho elogios assim... ao comando do CFAP da academia né também muito bom (CÉLIO).

Amarildo apesar do bom relacionamento diz não se destacar entre os demais para evitar problemas.

Pô tranquilo, é aquilo, eu procuro não ser visto, porque quem é visto é lembrado e procuro não ficar muito na moita, porque se eu tiver que fazer alguma coisa ali, seu puder ajudar alguém eu ajudo, mas não procuro aparecer muito não, porque quem aparece ali normalmente não se dá muito bem (AMARILDO).

Ildo, Juvenal e Félix, também afirmam ter um bom relacionamento. Ildo e Juvenal discorrem que alguns superiores não agem de forma correta e Félix destaca que o bom relacionamento está atrelado ao cumprimento correto das normas estabelecidas.

Tranquilo... não teve nenhum que abusou... sempre tem aqueles babacão né, que se acham mais que coisa, mas a grande maioria foi fora de sério, de igual pra igual (ILDO).

Pô todos eles assim eu sinto que gostam bastante de mim, sempre me ajudam, sempre eu tenho as portas abertas com a maioria deles... tirando um tenente que não me entra muito bem (JUVENAL).

Eu não tive problema algum com relacionamento com superiores, sempre apliquei as normas correta, se apresentando de forma correta com eles, prestando continência, aqui a gente sabe que é assim, nunca tive problema com superior algum (FÉLIX).

Cristian afirma que seu relacionamento foi estritamente profissional e apesar do mesmo ser bom, não há nenhum relacionamento que levará para seu convívio pessoal.

Totalmente profissional, não teve nenhum que eu me aproximei sabe aqui, mas tranquilo (CRISTIAN).

Para Júlia os que possuem posto de Tenente geralmente trazem alguma incomodação. Segundo ela, este fato pode estar ligado a terem saído da academia a pouco tempo, trazendo ainda lembranças do que sofreram no curso. Salienta ainda que o relacionamento com superiores é melhor do que o relacionamento entre colegas.

A única coisa que incomoda aqui dentro é Tenente, Tenente incomoda... não sei também se é porque eles sofreram na academia a pouco tempo e eles tem aquela lembrança.... agora passou de Capitão, daí pra cima, não incomoda não.... sempre tive um bom relacionamento, só um capitão uma vez que eu discuti com ele mas o cara era ah do bope ohhh, cavera ohhhh, nossa ohhhh, ohhhh, mas nada... tanto que o relacionamento com os superiores é melhor do que com os alunos, pode perguntar pra qualquer pelotão, tu se dá melhor com o superior ou com os alunos dentro da sala? Com superior.... pode ter certeza (JÚLIA).

Percebe-se então, que os relacionamentos com os superiores de uma forma geral são baseados no respeito. A disciplina, hierarquia e obediência às regras aparecem como requisitos fundamentais para este bom relacionamento, demarcando a distinção das posições assumidas no campo. A seguir é possível observar os relatos dos alunos soldados no que tange ao **relacionamento entre colegas**.

Elias diz se relacionar bem com todos os colegas, apesar de ter um jeito extrovertido, mas afirma ter pessoas que não se gostam no pelotão.

O meu relacionamento com todo mundo eu acredito que seja tranquilo...apesar de eu ser um pouco brincalhão e as pessoas as vezes tem o direito também de não aceitar a brincadeira né... só que no convívio você já sabe com quem você

pode brincar. [...] eu acredito que no pelotão eu já consegui visualizar isso, [...] mas eu sei que dentro do próprio pelotão tem pessoas que não se gostam e que fazem questão de que isso aconteça né (ELIAS).

Juvenal diz se relacionar bem com os colegas, mas assevera que às vezes se passa nos limites das brincadeiras. Assim como Amarildo na questão anterior, discorre que quando as pessoas aparecem demais, acaba ficando ‘marcada’ e finaliza afirmando que observa o comportamento das pessoas para analisar com quem gostaria de trabalhar ‘na rua’.

Eu me relaciono bem com todo mundo e até me passo nas brincadeiras com os outros, as vezes falo algumas coisas, sou muito de reivindicar, muitas vezes até pelo pelotão, pelo grupo, até meio que me queimando bastante com nosso Tenente, com o nosso Monitor, por tá sempre reivindicando as coisas, aí eu senti que eu comecei a ficar marcado, aí até um dia que deu uma carcada boa na sala em mim que eu peguei e disse ah quer saber, eu não vou mais aparecer, vou ficar quieto, vou deixar outros aparecerem, como eu que tô sempre aparecendo, eu tô ficando marcado, tá ficando ruim isso pra mim... aí parei um pouco, mas me relaciono bem com todo mundo. E observo o comportamento de muitos, até faço uma análise do dia a dia, pra ver se eram pessoas que eu gostaria de tá trabalhando, tá me relacionando no dia a dia... as vezes se tiver que tirar um serviço com uma viatura, pô esse aqui no curso lá não era bem certo, esse aqui pô o curso todo ele foi padrão, cara honesto, nesse sentido assim (JUVENAL).

Félix e Gerson também discorrem sobre as brincadeiras feitas por colegas. Discorrem que com o passar do tempo vão conhecendo as pessoas e que no final do curso, as brigas e intrigas são maiores, principalmente em função da disputa por classificação.

Olha no início do curso todo mundo fica apreensivo, que alguns a gente conhece e alguns a gente jamais viu na vida, no decorrer há algumas

intrigas, vai rolando as amizades, uma pessoa vai conhecendo a outra, a maneira de ser, o que pode se feito de brincadeira com um, o que pode ser feito de brincadeira com o outro, mas ali quase no final do curso já rolou muita intriga, muito desconforto entre todo o pelotão, até por minha parte também de ser um pouco apreensivo, já tá todo mundo com o nervo a flor da pele, que não vê a hora de acabar isso, mas em geral o relacionamento do grupo foi muito bom, a gente aproveitou muito e é isso (FÉLIX).

Começa tudo amizade, brincadeira, até... até começar a parte das vagas ali que é um querendo derrubar o outro, começa a formar panelinhas, um falar mal do outro, mas tem uma parte boa que tipo, na hora que um precisa do outro pelo menos se ajudam... cada um faz a segurança do outro, essas parte assim... mas o ser humano é complicado (GERSON).

Amarildo, Célio, Alcides e Cristian discorrem sobre a formação de grupos por afinidade. Alcides relata ainda sobre a dificuldade da convivência diária entre 40 pessoas, mas diz ser mais facilmente controlada em função do militarismo.

Ah, ali é desde o início do curso tu forma um grupo e fica com esse grupo até o final, isso aí é padrão... tem as pessoas ali que vão tá no curso que ao invés de cuidar da sua vida, os cara ficam cuidando da vida dos outros, isso aí que gera a maioria dos problemas tais entendendo. [...] quando chega essa parte aí de nota, de prova aí, é onde desarmonia tudo ali, por causa da classificação para escolher vaga... apesar de pessoas fazerem coisas ali pra mim que não era nem pra mim falar com o cara, eu não consigo tais entendendo, se a pessoa falar comigo eu vou falar normal, isso aí já vem de mim (AMARILDO).

A gente fala com todo mundo, conversa com todo mundo, mas a gente acaba tendo afinidades com aqueles que sentam mais perto de ti, que tu te dá melhor né, mas todos foram muito legais, espero

assim depois de formado continuar revê-los, não digo com tanta frequência né, porque cada um vai tomar um rumo diferente, mas sempre que possível a gente reunir o grupo assim... pra pelo menos lembrar dos fatos engraçados que ocorreram durante o curso (CÉLIO).

No geral é bom, mas aquilo, 40 pessoas junto, complicado de tu manter né, tem que manter porque a gente tá aqui numa coisa militar e é mais fácil de regar porque a gente tem que ir por umas regras e aqui são fortes as regras, senão vai ser excluído né, se não cumprir essas regras, mas é difícil né, cada um tem um jeito, então se relacionar sempre vai haver os grupos, tu vai querer conversar com quem tu mais se adapta né, tem mais feição digamos... mas não foi tão ruim, vamos dizer que foi bom o relacionamento. Que nem eu disse, eu morei em casa que eu morava com dez pessoas num apartamento, morei 5 anos com dez pessoas num apartamento, isso eu aprendi muito a falar a coisa na hora certa, uma palavra mal dita contamina tudo, uma interpretação errada dá uma reviravolta (ALCIDES).

É bom, eu fiz alguns amigos de verdade aqui, não tenho nenhum inimigo, tem alguns que eu tenho certeza absoluta que eu não vou mais ver, que eu vou perder o contato, até por mudança, uns vão trabalhar longe de mim, mas eu fiquei muito feliz, eu fiz muitos amigos (CRISTIAN).

Ian também relata a dificuldade de se conviver com muitas pessoas, muitas horas por dia. Acredita ser um relacionamento bom e que apesar de às vezes um não querer ver o outro, percorrido algum tempo, olharão para trás com carinho.

Então assim, é bom o relacionamento, não é um relacionamento ruim, mas são muitas horas junto né, é das sete da manhã às oito da noite, sem intervalo, um coladinho ali no outro, não tem um intervalo assim na hora do almoço assim pra você as vezes ir pra casa, tirar um cochilo ou dar um

tempo realmente, então isso fica meio maçante e ao mesmo tempo que um relaxa o outro, já se irrita e depois no outro dia o outro já tá relaxado e o outro se irrita, então a gente vai conseguindo levar e conviver... todos tem os seus pensamentos, as suas vontades, nesse momento, tá todo mundo querendo sumir um do outro, mas eu acredito que daqui mais ou menos uns trinta dias, ou as vezes até mais um pouco, uns sessenta dias, a turma em si vai enxergar que realmente a gente acabou se tornando um grupo entendeu e mesmo aquelas pessoas que tinham as maiores diferenças, se um precisar do outro, o outro vai tá ali a disposição, então eu acredito que daqui um tempo todo mundo vai olhar pra trás e todo mundo vai sentir carinho um pelo outro, não digo saudade, mas carinho vai [risos] (IAN).

Haroldo diz que apesar dos bons momentos, aprendeu a desgostar de muitas pessoas, principalmente pelas brincadeiras sem respeito que havia em sala.

Eu tolerei os intoleráveis, eu respeitei muito, gostei de muita gente, gostei de muitos momentos, momentos maravilhosos, mas tem gente que, pelo fato daquilo que te falei, essas picuinhas não me servem, não são pra mim, então... por isso que eu aprendi a desgostar de muita gente aqui dentro (HAROLDO).

Assim como Haroldo, Celso, que já trazia do quartel esse conhecimento, diz ter suportado os insuportáveis. Discorre sobre a dificuldade de se lidar com o ser humano, mas afirma ter tido um bom relacionamento.

Excelente... eu já tinha esse conhecimento no quartel, no meu antigo serviço, que é suportar os insuportáveis né, é tu saber... porque assim tu mexer com a pessoa humana, acho que é o pior serviço que tem, seja qual for o serviço, policial militar, exército, qualquer um que tu mexa com.. direto com o corpo, o ser humano, a pessoa, eu acho pra mim o pior serviço, porque tu vê de tudo né... tu vê cultura diferente, pessoas diferentes,

pensamentos diferentes, então... na nossa sala ali teve pessoas que pô, até hoje eu não fecho com a pessoa entendeu, eu não gosto das atitudes dessa pessoa, dos gestos, da ironia, mas eu consigo controlar isso e eu sou uma pessoa que não guardo rancor de ninguém... eu posso brigar hoje com a pessoa, discutir e passou um tempo e eu vou tá tranquilo, aquilo ali já passou, foi resolvido. Até por exemplo, eu não tenho nada contra ninguém do pelotão, só não gosto de algumas atitudes entendeu, eu não fico de mal, pô eu não gosto daquilo ali não quero mais... se a pessoa vier falar comigo eu vou atender da melhor forma possível, vou fazer de tudo, se me pedir um favor e tiver no meu alcance eu vou fazer, sem rancor nenhum (CELSO).

Jardel, Ildo e Júlia trazem em seus discursos aspectos negativos dos relacionamentos, principalmente em relação à brincadeiras sem limites. Ildo, assim como outros colegas, discorre sobre a dificuldade em lidar-se com o ser humano. Júlia é a única aluna soldado que diz ter sido horrível o relacionamento.

Olha, mais ou menos... Porque a gente teve uma intimidade tanta aqui que tem colegas que não sabem fazer brincadeiras... eu gosto de brincadeira, mas brincadeira tem limite né (JARDEL).

Tem uns ali assim que dá vontade de socar né, mas tem outros ali que pô, quase como família né... foi bom... trocando as brigas ali que as vezes dava, uma vontade de socar, mas foi tranquilo, foi bem legal, por sinal as pessoas é diferente né, no início eles são um tipo de pessoa, daqui a pouco dá confiança aí já se passa as vezes, aí tu bota um freio, como eu te disse, o ser humano é o pior bicho que tem né (ILDO).

Horrível, se disser que é bom é mentira, é mentira, se alguém disser ah é ótimo, mentira, mentira.... tu tolera, tu tolera entendeu... a maioria, se tu puder, tu não vê mais, se tu puder, entendeu, tu tem um bom relacionamento, é, tipo o Ciro.... o Ciro é um

homem de caráter assim oh irrevogável, o caráter dele assim oh eu admiro entendesse, só que eu tolero o Ciro pra gente não brigar o tempo todo, eu não quero trabalhar com ele, entendeu, eu não quero, o caráter dele é maravilhoso, só que a gente não fecha, então eu não quero trabalhar com ele entendeu, eu tolero ele, se eu não tolerasse a gente vivia brigando o tempo todinho e outras pessoas também, e aí porque foi tudo bom? Não foi, se alguém chegou aqui e falou ah eu sou amigo do fulano, não, não é... alguém ali dentro não gosta de alguém entendesse... não tem uma pessoa que gosta de todo mundo e que... ah sou amigo de todo mundo, não é, mentira, tem sempre alguém que não gosta (JÚLIA).

Observa-se que apesar da grande maioria afirmar ter sido um relacionamento tranquilo, poucos são os que construíram vínculos efetivos de amizade. As brincadeiras sem limites e a disputa para uma boa classificação em função da preferência por escolha de vaga, foram os principais fatores contribuintes para que houvesse algumas brigas e intrigas durante o curso de formação. O novo cotidiano no curso levará a novos relacionamentos na vida diária Além disso, o convívio diário de doze ou mais horas durante os nove meses do curso fez com que as diferenças de cultura, pensamentos, comportamentos, valores, entre outros, gerassem desconfortos em alguns momentos. Desconfortos superados pelas novas disposições incorporadas que refletiam os novos valores incutidos pela instituição, evidenciando assim, novas interações e convivência com a diferença.

5.3.4 Policial militar, super herói?

No discurso dos alunos soldados, é possível perceber um mito de herói, no qual o policial militar possui o poder tanto para sancionar aqueles que não agem de acordo com as regras estabelecidas em sociedade, quanto para ajudar aqueles que estão em perigo. Os requisitos exigidos para investidura no cargo, conforme item 13.4 do edital 008/CESIEP/2011 abordado anteriormente, dizem respeito à aspectos físicos, como altura por exemplo, bem como ao caráter idôneo do sujeito. Foi questionado aos alunos soldados quais seriam para eles os **principais requisitos para ser um policial militar.**

Celso além de outros requisitos traz em seu discurso a questão da hierarquia e disciplina, sempre presentes no ‘mundo militar’.

Hierarquia e disciplina, isso aí é a base, é que nem eu falei, é dois pilares que seguram o exército e a polícia né, são dois pilares pra mim a hierarquia e a disciplina e daí depois vem a questão de honestidade, companheirismo né, porque policial militar ele nunca vai poder tá sozinho na maioria das ocasiões e ser justo (CELSONO).

Elias e Félix discorrem sobre o querer ser policial e verdadeiramente vestir a farda. Félix traz ainda a importância do uso das técnicas e da vontade de querer salvar vidas.

Acredito que o principal requisito é vestir a farda mesmo, com o coração, com vontade e não simplesmente por tá aqui... por não ter uma opção melhor tá entendendo... eu sei que assim, a minha vontade mesmo era eu tá no corpo de bombeiros, o meu sentimento né... mas isso no início quando eu entrei, [...] e uma coisa que me deixou assim mais tranquilo foi que eu posso exercer a função de bombeiro como serviço voluntário e eu posso estar exercendo no meio militar, na polícia militar... [...] eu quando entrei aqui pensei que policial não estudava tanto, não era tão difícil como tá sendo, tá entendendo (ELIAS).

Os principais requisitos é tu querer ser polícia, o primeiro... tu gostar do que tu fazer, não vim pra cá com a intenção de ser um policial mulambento, mandrião, porque aqui vai ter serviço pra caramba por causa da falta de efetivo também, mas mais por causa do índice de criminalidade atualmente... então os principais requisitos de um bom policial, sempre utilizar a técnica, buscar salvar vidas, respeitando a dignidade da pessoa, respeitando a integridade delas e é isso (FÉLIX).

Logo no início do relato de Félix, é possível perceber o componente afetivo do habitus conforme estudos de Wacquant (2013; 2014).

Para Célio e Gerson um dos requisitos básicos é ter boa índole.

Quando a gente fala da polícia a gente tinha uma visão totalmente diferente né, o antes e o depois né... eu acho que, eu tiro... pelos os instrutores que a gente já conheceu, que a gente já teve um vínculo maior, acho que tem que ser uma pessoa de bem né, de bem porque tanto lá fora quanto dentro da corporação também tem muita gente de má índole, gente que se deixa levar pelo crime né, a gente pode observar aí na mídia, nos jornais o que está acontecendo, tem que ser basicamente pessoas de bem mesmo (CÉLIO).

Psicológico bom, resistência física, boa índole e boa educação, o resto se aprende (GERSON).

Assim como Gerson, Alcides também relata a importância da educação.

Primeiro acho que tem que gostar de trabalhar com pessoas, seguida vai ter que ter a responsabilidade de trabalhar com as pessoas, ter a educação nesse ponto é primordial né... tu sendo policial, tu vai ter várias ocorrências diferentes e tu vai ter que tratar sempre no mesmo modo ali, é fundamental a educação né (ALCIDES).

Amarildo, Cristian, Ian, Jardel, Ildo e Jarbas, além de discorrerem sobre outros requisitos, têm em comum a honestidade como essencial para ser um bom policial militar. Cristian diz ser a honestidade mais importante, inclusive do que o preparo físico, pois de nada adianta ter um policial bem preparado fisicamente, se será corrupto, não agindo de forma correta.

Pra mim assim, eu tiro por mim, é a honestidade, tem que ser uma pessoa que acredito que mesmo as pessoas falando pra ti que tu não vai salvar o mundo, tu tens que querer um mundo melhor, tens que falar pô beleza tu hoje tu tá fardado tu... tu tens que chegar, tens que fazer teu serviço, porque tens que pensar no futuro, pô, hoje tá acontecendo aqui, ah não vou atender essa ocorrência mas pô amanhã pode tá acontecendo com a tua família tá entendendo (AMARILDO).

Primeiro é básico a honestidade né, não interessa se tu é magro ou se tu é gordo, se tu corre ou se tu não corre, eles falam tanto em teste físico, teste físico, teste físico, pegam uns cara magrelo aí que correm um monte e acaba sendo um monte de corrupto, acho que lógico, tem que ter, fundamental, mas pra mim honestidade, sem dúvida nenhuma, o caráter, o caráter vem de berço (CRISTIAN).

Acho que tem que ser honesto, tem que respeitar as pessoas e não pode ter medo... [Medo do que?] Medo das pessoas e muito menos dos superiores... se tu ver uma coisa errada, tem que ir até o fim (IAN).

Humildade e honestidade... porque você mexe com vidas né... se você tá mexendo com vida e tiver humildade e honestidade tem tudo (JARDEL).

Honestidade, seriedade e ética (ILDO).

Primeiro tem que ser uma pessoa honesta, até mesmo consigo mesmo, não adianta ser uma pessoa honesta com os outros e mentir sabe, ah não, eu sou o melhor, vou fazer tudo padrão...aí quando vira as costas o cara faz tudo errado... ser uma pessoa leal, ser uma pessoa companheira, tem que ser uma pessoa que queira melhorar as coisas, não adianta ser mais um... é difícil falar assim das pessoas, o que que elas tem que ser, mas acho que toda pessoa deveria tipo assim, não fazer as coisas porque é mandado, tem que fazer porque gosta entendeu, primeiro tem que gostar da tua profissão, não adianta ah vou ser policial pra pegar o carro da viatura e levar minha mulher no serviço, não, não... tens que fazer assim, vou trabalhar, é doze horas, vou trabalhar doze horas, vou dar minha cara a tapa, vou lá vou ficar no sol, vou fazer as paradas certas, agora se for pra fazer coisa errada, tu acaba sujando tudo cara, não adianta, então pra isso vai ter que ser uma pessoa

verdadeira, não é vim pra cá, ter duas caras que não dá certo (JARBAS).

Ao encontro da fala de Cristian, para Júlia o essencial é ter caráter, principalmente por ser uma profissão ao qual o sujeito recebe poder em suas mãos, podendo influenciar inclusive no comportamento de outras pessoas. Júlia acredita ainda, que este caráter ‘vem de berço’, sendo fundamental neste processo a criação dada pela família.

Só tem um quisito cara, é caráter... porque tem muito aqui dentro que é policial militar, que vai ser né, porque a gente não é ainda, vai ser, não tem caráter, pra mim não é policial, da mesma maneira que o advogado que não tem caráter não é advogado, entendeu... a gente mexe com muita coisa aqui dentro cara, a gente manda [pequena pausa] nas pessoas querendo ou não, eles te dão o poder de mandar, tira o teu carro daqui, entendeu, a pessoa vai tirar, puuuuuf, de uma hora pra outra, pô posso mandar um cara tirar o carro... sai daqui, vai pra casa, o cara vai, opa.... se tu não tiver caráter, se tu não tiver uma personalidade boa, se tu não tivesse uma família que te criou bem nego, isso aí te sobe pra cabeça, tu acha que todo mundo deve obrigação a ti entendeu... por isso que eu digo que caráter é fundamental... o resto a gente ajeita... não tem corpo, arranja, não tem força, arranja, entendesse, não tem inteligência, arranja também, porque ganharam os lugares aí as posições só com bisous, tu sabe disso entendeu, agora o caráter não se arranja não.... já vem oooh [estalando os dedos] entendeu, de berço... então pra mim pra ser bom policial, tu tem que ter caráter (JULIA).

Para Juvenal é importante o sujeito ter certeza de suas atitudes, agindo de acordo com a lei. Além disso, afirma ser importante estar preparado para atuar quando estiverem na ‘rua’, algo que só ocorrerá segundo ele com o passar do tempo, com a rotina.

A pessoa tem que ter certeza no que ela ta fazendo, da atitude correta, pautada na lei e não hesitar, não travar, eu acho excepcional esse tipo de curso que a gente recebe aqui dentro, até

aquele dia que a gente fez uma simulação, as vezes a gente acha que tá preparado pra situação, chegou aquele dia que chegou uma situação mais próxima da realidade, eu senti que eu dei uma travada, chegou na hora eu fiquei meio ah e agora e sempre que eu cobreí muito dos outros, chega na hora tu acha que tu vai se sair bem e acaba não correspondendo com o que eu imaginei que fosse corresponder pra ação e não tava nervoso, tava tranquilo, aí chegou na ocorrência e é o que vai acontecer na rua e aí só com o tempo pra ti também tá pegando essa malandragem sabe, só com o tempo mesmo, só com o dia a dia, com a rotina pra tá conseguindo (JUVENAL).

Para Haroldo o principal requisito é o respeito.

O respeito basicamente, maturidade, mas eu acho que o respeito em si ele fala por tudo, porque não adianta tu ser uma pessoa madura, não adianta tu ser um velho, se tu não tiver respeito pelas pessoas sabe, assim tu não vai adquirir respeito de ninguém... então eu acho que o principal requisito mesmo é tu saber respeitar pra ser respeitado (HAROLDO).

Constata-se assim, que de acordo com os alunos soldados, os principais requisitos para ser um policial militar estão relacionados à honestidade, caráter, boa índole, respeito, humildade, maturidade, seriedade, sinceridade, ética, educação, companheirismo, hierarquia e disciplina. Além disso, é importante gostar de trabalhar com pessoas e ter a vontade de ser policial militar, ‘vestindo verdadeiramente a farda’. Ou seja, associando os relatos aos conceitos de Wacquant (2013; 2014) para se fazer um militar, é necessário adquirir na prática os construtos cognitivos distintos, os movimentos hábeis, bem como desenvolver o desejo adequado para ‘apostar nos jogos sociais’ correspondentes.

Esses aspectos apresentados pelos alunos soldados, além de alguns constarem no edital de ingresso, todos estão presentes durante todo o curso de formação, seja nas falas dos instrutores e professores em sala de aula, discursos em eventos oficiais da corporação, materiais didáticos, manuais de conduta e legislações. Sendo assim, observa-se que os valores repassados pela corporação, ou já estavam incorporados antes de entrarem no curso, principalmente no caso dos que já eram

militares, ou foram sendo inculcados pelos alunos soldados no processo de socialização durante o curso de formação. Percebe-se, ainda, que os requisitos na percepção dos alunos soldados, estão mais atrelados à personalidade do indivíduo do que ao preparo físico.

Questionou-se também sobre os **atributos próprios que eles acreditavam terem sido determinantes para a entrada deles na PM.** A força de vontade, persistência e determinação foram os aspectos mais recorrentes nos discursos dos alunos soldados. Tanto para entrada, como para a permanência no curso. O desejo de ser militar também aparece como fundamental para muitos alunos soldados.

Acho que a força de vontade foi um atributo bastante forte, em querer ser militar e eu tava bem estabilizado numa indústria, eu trabalhava na área de compras, era uma área de confiança onde eu estava, só que pela minha liderança na empresa eu me desmotivei do serviço de uma forma que já não era a mesma pessoa, eu não era a mesma pessoa porque não conseguia conversar com aquela pessoa, não pela função pessoal, mas pela questão profissional dentro da empresa... então isso me motivou mais a procurar algo melhor pra mim e eu achei na polícia militar acho que algo bem melhor, né.... por ser uma instituição do Estado né e linkar a função a minha vontade de ser militar... então isso me motivou bastante (ELIAS).

Força de vontade, tem que ter força de vontade porque é bem puxadinho o ritmo da academia, ter saúde né, porque tu tem a tua prova física pra entrar, mas tu também tem o ritmo da academia, que tu também tem que ter força física e saúde boa pra ti manter o pique né e tomar cuidado com... eu não bebo, não gosto de beber.... teve colegas nossos que gostam de uma bebidinha, que gostam de uma balada, nós tivemos 3 baixas até agora né, uma um colega nosso trabalhou, depois ele foi pra balada, ele tava cansado, ele dormiu no volante e veio a se acidentar né, tá baixado acho que ele só vai entrar pro próximo curso, teve um outro colega nosso que no começo ele não se adaptou com a rotina, problema psicológico em casa mesmo, familiar e tal, se afastou.... e um

outro que também infelizmente tava com mandato de segurança que foi indeferido e não pode continuar nesse curso né (CÉLIO).

A força de vontade de querer ter algo melhor né, sempre tento buscar algo melhor, entrei aqui querendo buscar algo melhor, não tava feliz com o que eu tava fazendo, foi uma das oportunidades de ter algo melhor (ALCIDES).

Determinação... o que eu quero ou o que todos querem, todos conseguem, então é só correr atrás e lutar pra ter aquilo que tu quer... então a minha determinação foi fundamental pra mim tá aqui... eu nunca desisiti, tentei quatro concursos, jamais baixei a cabeça pra tentar fazer outro, eu jamais perdi a estabilidade, lutei e estudei mais um pouco e consegui ser aprovado (FÉLIX).

Acho que persistência, eu fui persistente (CRISTIAN).

Ah primeiro que eu sou uma pessoa que eu me considero guerreira, eu sempre tudo que eu quis na vida adquiri até hoje graças a Deus, tudo, tudo o que eu quero, eu sempre adquiri, lógico, muito esforço, muita batalha, minha família sabe disso, quando boto uma coisa na cabeça eu saio derrubando tudo até eu chegar naquele objetivo, não passo por cima de ninguém mas eu comigo mesmo eu consigo e daí eu comecei a estudar, treinar, eu me dedico mesmo, foi mais a dedicação mesmo, força de vontade, se não fosse a força de vontade que eu tenho assim de adquirir as coisas, mesmo com as vezes as pessoas não ajudando, me puxando pra trás, dizendo ah não vai dar certo, eu tenho dedicação pura, eu me dedico (JARBAS).

Resistência física não foi porque eu não tinha [risos], tive que botar a moleza de lado e começar a treinar... educação, acho que sempre tive, boa índole, força de vontade e passar pra ser o que eu sempre quis ser né... que desde que a cabeça começou a pensar ne em ser... quando a gente é criança a gente não pensa muito nisso né, quando

a gente começa a pensar no futuro a gente começa a ver o que a gente quer ser, acho que é isso (GERSON).

Haroldo também diz ter tido muita força de vontade, principalmente para continuar no curso e o fato de ter mudado seu modo de agir para poder estar no curso, foi fundamental para ele.

O fato deu ter mudado a minha forma de agir e deu eu ter mudado a minha cabeça pra poder tá aqui dentro sabe, porque eu tive que mudar muita coisa pra aguentar muita coisa sabe, tive que mudar a minha cabeça pra mim poder aguentar a saudade, pra mim poder aguentar a zuação, pra mim poder aguentar né, tive que aguentar a distância, oh sofri... quando a minha namorada, quando a gente terminou eu sofri muito, meu Deus, sofri muito mesmo, porque daí eu fiquei pensando assim... ela foi um dos grandes motivos deu tá aqui dentro, daí a gente pega e termina, daí eu me vejo... daí sim que eu me vi completamente sozinho sabe e daí que eu fui achar força na minha cabeça, eu tenho que ser forte pra mim poder ficar aqui, eu acho que a minha cabeça foi um dos meus grandes atributos pra que eu esteja aqui, sabe assim, tem que ser forte, eu tenho que aguentar isso aqui sabe, tenho, eu vou ter que aguentar mesmo passando por tudo, muita coisa que eu passei, eu tenho que ser forte, eu vou ser e não vou desistir pô, não vou desistir... e eu aguentei, eu acho que a força de vontade de ser, me ajudou muito (HAROLDO).

Ian acredita ter sido seu sonho de criança determinante.

Ah a minha história de vida mesmo, a minha vontade desde criança, acredito que eu tenha um perfil (IAN).

Amarildo ao encontro do que os alunos soldados apresentaram como requisitos para ser policial militar, afirma ter sido seu caráter, o determinante para sua entrada.

Acho que caráter, acho que um dos maiores (AMARILDO).

Juvenal e Celso discorrem sobre a vontade de querer ajudar as pessoas e a própria polícia.

Gostar de ocorrência, gostar de atividade de rua, de poder tá ajudando os outros, de poder tá contribuindo de alguma forma (JUVENAL).

Olha eu vim realmente pra polícia pra tentar... não é querer mudar a polícia, mas tentar ajudar da melhor forma pra que a polícia é... seja de uma forma, vista pela sociedade uma polícia realmente que faça cumprir, é... as leis, entendeu... eu vim realmente pra querer ajudar a sociedade entendeu, vim querer ajudar a sociedade e tudo o que tem que mudar na polícia eu vou fazer força também pra mudar. E a parte física determinou assim... eu também me acho bom na parte física, que a polícia exige também isso aí, hoje em dia a gente não vê muito, mas ela exige né (CELSE).

Jardel associa seu atributo à educação familiar recebida.

A educação que eu tive em casa foi determinante... porque hoje eu vejo por exemplo alguns colegas meus aqui que respondem... isso eu não consigo fazer sabe... lógico, algumas vezes saem algumas coisas do limite né, porque é um curso né, tu tá convivendo com 40 caras do teu lado que tem uma ideologia, um pensamento diferente do teu e isso é normal, mas a educação que eu ganhei em casa foi fundamental (JARDEL).

Já Ildo acredita ter entrado por sorte, pois a nota de corte do edital foi rebaixada e algumas questões anuladas fizeram com que sua média subisse.

Pô foi sorte, pô baixar a média, de 3,8 cancelar 4 questões ir a 4,1 e baixar a média pra 4,0, só sorte [risos], porque mérito acadêmico não foi, ninguém da nossa turma que entrou com média 4,0 foi por

mérito, tudo por sorte, tava escrito né, quem não acredita em destino (ILDO).

Eu sou muito decidida no que eu quero, eu putz cara, eu não vou sair desse curso entendeu... o que esses cara fizeram pra me tirar desse curso, tu não tem noção... de tudo, tudo, tudo que eles puderam ter feito, eles fizeram, se eu tivesse um pouquinho menos de força de vontade eu já tinha desistido, tem até gente que fala fosse guerreira pra caramba, porque talvez outra mulher no teu lugar já tivesse desistido... [por exemplo assim...] ah, pô, na minha frente os cara colocam vídeo pornô no retro projetor na frente, com som e ficam vendo, na minha frente, aí eu tenho que sair da sala entendeu, eu tenho que sair da sala, porque eu não aguento ver aquilo ali, sabe, uma falta de caráter, uma falta de humanidade, aquilo ali é uma falta de humanidade fazer uma coisa dessas comigo, sabe... de inventar coisa pra superior que eu fiz tal coisa e depois eles iam descobrir eu não fiz merda nenhuma daquilo ali, só que daí tu fica marcada entendeu (JÚLIA).

Então, no que diz respeito aos atributos pessoais que foram determinantes para a entrada na polícia, a maioria dos alunos soldados discorrem principalmente sobre a força de vontade. Além deste surge também nos relatos determinação, persistência, caráter, educação, boa índole, a vontade de ser militar e querer ajudar as pessoas, ter saúde para suportar o esforço físico, realização de um sonho de criança e ainda sorte. Novamente os atributos estão mais relacionados com a personalidade do sujeito do que com o físico.

Afim de averiguar como poderiam ser colocados em prática todos esses requisitos após estarem formados, questionou-se **como acreditavam ser a rotina diária do policial militar após formado**.

Elias acredita ser rotineira e apesar do militarismo, diz que tentará inovar.

Deve ser um pouco rotineira, fazendo as mesmas funções todo dia, mesmo armamento, essas coisas assim, mas na minha cabeça é procurar inovar né, tentar fazer com que aquilo ali cada dia seja uma missão diferente (ELIAS).

Amarildo acredita ser uma rotina boa, forçada, com muito serviço e afirma que será diferente de trabalhar em um escritório, onde se acostuma fazer o mesmo serviço todo dia.

Olha muitas pessoas dizem que a gente vai sentir saudades disso aqui... eu acredito que não porque eu sou uma pessoa que eu já trabalhei em escritório e pra mim não dá... então eu acho que é bom, acho que vai ser uma rotina boa, vai ser uma rotina forçada, vai ter bastante serviço, mas acho que vai ser uma rotina, boa, porque é aquela, uma coisa é tu tais fazendo um serviço e acostumar fazer o mesmo serviço todo dia e ali toda ocorrência apesar de aparentar ser uma ocorrência igual a outra, sempre pode ser modificada entendesse, a tendência é sempre ser diferente né (AMARILDO).

Célio, Gerson, Félix, Cristian, Ian e Alcides afirmam que será diferente do quartel escola. Acreditam que será melhor, principalmente em função da escala de serviço e por estarem trabalhando diretamente nas ocorrências na rua. Cristian diz ficar imaginando como será o seu primeiro dia ao chegar ao Batalhão.

A gente vai ficar bem mais tranquilo do que tu trabalhar doze no ritmo da academia, ficar doze horas direto dentro de uma sala de aula, depois tu vai pro quartel tu tem que pagar alguma missão e os próprios mesmo instrutores nos dizem que dentro do quartel né, depois que a gente for lotado, a rotina é outra né, totalmente diferente, tem lá seu serviço né, puxadinho as vezes, ou não, mas é bem mais tranquilo do que o ritmo da academia né (CÉLIO).

Eu acho que é melhor do que o quartel, porque tu vai tá colocando em prática o que tu aprendeu aqui dentro... se é fácil ficar dentro de uma sala estudando todo mundo ia fazer isso ne... não é uma coisa fácil, tem que querer bastante, tem que gostar (GERSON).

Eu acredito que deva ser um pouco mais leve do que aqui no quartel, até porque a escala é fixa,

doze por quarenta e oito, doze por vinte e quatro e doze por quarenta e oito... acredito que a rotina deve ser melhor porque acho que pelo o que a gente ouviu falar dos mais antigos lá fora, não tem essa cobrança da hierarquia militar, tá toda hora prestando continência, toda hora dando meia volta, como você vê aqui dentro do quartel... então isso eu acredito que vai ser mudado na nossa rotina (FÉLIX).

Acho que é bem diferente daqui... isso é uma grande coisa que a gente conversa em sala sabe... pô como é que será que vai ser, como é que é o primeiro dia, o primeiro dia pra mim já veio várias vezes na cabeça, agora que a gente fez esses dias fora que eu comecei a esquecer um pouco, mas eu tinha muito isso, pô como é que vai ser chegar no batalhão, que vai nos receber, pra onde que a gente vai, o que que a gente vai fazer, mas eu acho que vai ser tranquilo, vai ser muito ostensivo né, muita coisa a pé, muita informação, que nem tu faz barreira é mais informativo, não tem caráter punitivo, vai ser tranquilo porque vai ser mais caminhada, não vai ter esses opo's, essas coisas que a gente fez de subir morro, primeiro não vai ter né, então acho que vai ser bem... conversar mais com o povo né, instruir, fazer trânsito (CRISTIAN).

Acredito que ele vai trabalhar 12 horas, descansar pelo menos umas 24, é... nesse trabalho vai ser basicamente o que a gente viveu aqui né durante os estágios (IAN).

Ah ela vai ser um pouco diferente, tu vai agir diretamente nas ocorrências, vai tá diretamente na rua mesmo, então tu vai tá ligado a diversos tipos de ocorrências né, todo mundo fala é, cada ocorrência é diferente da outra, nenhuma é igual a outra, pode ser parecida mas cada uma vai ter uma coisa diferente, então é uma rotina que vai ter muitos pontos estressantes, porque é difícil, a gente vai lidar muito com os problemas dos outros e lidar com o problema dos outros é complicado, com os próprios já é difícil né, imagina tu já

lidando com problema dos outros.... mas isso também teu seu lado benéfico também, é tu conseguir solucionar esses problemas né (ALCIDES).

Juvenal acredita que sofrerão bastante resistência por parte dos policiais mais antigos, principalmente em função dos vícios de trabalho e da acomodação. Era possível perceber este fato também nas falas de alguns instrutores em sala de aula quando diziam: ‘ao sair daqui, vocês terão que cuidar para não serem contaminados pelos policiais que já estão a mais tempo de serviço’ (INSTRUTOR, DIÁRIO DE CAMPO). Segundo os instrutores, os alunos soldados que atualmente tem um novo perfil de ingresso e saem da academia ‘cheio de gás’, vontade de trabalhar, poderiam encontrar como companheiro de trabalho um policial já acomodado em função do tempo de serviço.

Bom, o que a gente tem visto hoje na rua, o policial não muito aí pras coisas entende, ele passa, a gente tem até sofrido e vai sofrer bastante resistência na rua com uma tropa antiga que tem, que é, as vezes ele vê um cara cometendo uma infração de trânsito e por causa do horário ele não quer se incomodar, não quer preencher um documento, se esse pessoal toma multa, não quer fazer um termo circunstancial, como aconteceu na incursão que a gente fez no morro, de pegar cara com maconha, pegar com isso e com aquilo, liberar, são atitudes que eu acho que se tá na lei, é pra se cumprir né, não no caso ali que não era prender, mas fazer um termo circunstanciado porque o cara vai se incomodar, porque ai ele vai ter que ir lá no juiz, vai ter que explicar, vai ter que isso, já vai dar um transtorno as vezes, sei lá, não que ele vá parar, mas de repente ele já começa a pensar de outra maneira, transtornos, as vezes a família não sabia, a família aí já passa a saber, aí de repente eu acho que contribuí, então algumas atitudes deles que eu não concordo que quando eu tiver na rua eu quero tá fazendo, também não a risca, não querer salvar o mundo, mas tentando agir dentro da legalidade (JUVENAL).

Para Haroldo o sujeito passará a ser visto com ‘outros olhos’ pela sociedade, perdendo a sua identidade civil e passando a atuar vinte e quatro horas como policial militar.

Acredito que seja... ah uma rotina de ver o mundo e o mundo de te ver... porque tu não vai mais ser a Aniele, tu não vai mais ser o Haroldo Carvalho, tu vai ser o soldado ou o policial militar entendeu, eu acho que vai ser uma rotina de 24 horas, por causa que tu vai começar a enxergar o mundo com outros olhos, tu vai querer ajudar mais as pessoas, tu vai se doar mais praquilo, se tu tá ali é porque tu gosta, se tu tá fazendo o que tu gosta, eu acho que vai ser uma rotina de trabalho 24 horas, pra tentar fazer a tua parte (HAROLDO).

Ao encontro do pensamento de Alcides, Jardel acredita que na ‘rua’ sempre irão se deparar com situações difíceis, problemas, com raros momentos bons, em função do tipo de trabalho que irão exercer.

Que aquilo que você aprende aqui no CFAP acaba... aqui é uma mordomia... lá na rua, o bicho pega... porque a polícia militar ela nunca vai pra uma coisa boa... ela vai sempre nos momentos ruins... tem os momentos bons, mas é muito pouco... muitos poucos (JARDEL).

Ilido afirma não criar expectativas para evitar decepções.

Olha pelas experiências que a gente teve em incursões essas coisas assim, as vezes não é nada que a gente espera né... eu tô tentando fazer assim oh, esperar pra ver né... chegar lá pra ver o que que vai ser, porque se tu tirar conclusão errada e chegar lá e é outra coisa as vezes tu te decepçiona tão grande que tu acaba desmotivando (ILDO).

Celso traz em seus discursos princípios da função policial militar, bem como da família em horários de folga.

Olha enquanto ele tá de serviço eu acredito que é fazendo a preservação e a manutenção da ordem pública... pra mim esse é o foco principal, nas horas de serviço é fazer a preservação e a

manutenção... e a repressão quando for necessário... e nos horários de folga tu tá com a tua família, fazer o teu lazer, pra mim é isso (CELSO).

Júlia diz já conhecer a rotina de trabalho pois sua irmã também é policial militar, o que a faz ser familiar a situação. E assim como outros colegas, acredita que será melhor em função da escala de serviço menos intensa do que no quartel escola.

Normal, trabalho... trabalho, como a minha irmã é, eu já sei mais ou menos como é a rotina né, então... eu acho que vai melhorar, do que é aqui no CFAP... a rotina aqui é muito intensa, todo dia acordando cedo, chegando tarde em casa e as vezes é sábado, as vezes é domingo, as vezes é sábado e domingo, as vezes é feriado, as vezes é sábado, domingo e feriado e a semana toda entendeu, eu já passei o mês inteiro aqui trabalhando, inteiro, então eu acho que vai ser melhor lá entendeu (JÚLIA).

Para Jarbas, apesar de estar melhorando a remuneração do policial militar, há uma defasagem em termos de benefícios, como plano de saúde ou odontológico. Em função disso, muitas vezes, o policial militar que deveria estar descansando ou aprimorando seu condicionamento físico nas horas de folga, estará fazendo ‘bico’ em outros serviços para garantir um complemento financeiro que deveria ser responsabilidade do Estado.

Oh o policial hoje em dia, apesar que tá melhorando muito, quer dizer, tá melhorando um pouco a remuneração do policial, que é um dos problemas que a gente encontra mais aí, eu acho que a rotina dele deve ser, trabalhar né, a polícia militar eu acho uma defasagem muito grande que a gente não tem um plano de saúde, a gente não tem um plano odontológico, é tudo pago né, tipo assim a pessoa fica mais confiante, pô eu vou pra casa, descansar, porque eu tenho plano de saúde pra quando sair daqui eu tá tranquilo... então as pessoas como não tem isso aí, vamos ter que gastar pra pagar isso, então as pessoas procuram bico lá fora, outra maneira de ganhar dinheiro, pra

poder ter uma vida melhor né, então acaba prejudicando, porque se o cara tivesse um plano de saúde bom, um plano odontológico, as vezes até uma moradia, ou um auxílio moradia pras pessoas que não são da região que vão ser modificada, melhoraria... daí como o cara tipo assim, pra que que eu vou gastar com treinamento pra tiro, pra defesa pessoal, se o Estado não me dá o mínimo de conforto que eu possa ter, então as pessoas acabam tirando esse dinheiro, essa dedicação que deveria fazer, tipo assim, meu sonho era o seguinte, trabalhar hoje, amanhã descansar, a noite uma academia, uma aula de defesa pessoal, outro dia fazer alguma coisa envolvida com prática policial, acho que deveria ter tipo esse melhoramento toda vida, oh, esse mês eu vou fazer o curso tal, pra todo o batalhão, outro mês o curso tal, acaba caindo no esquecimento, as pessoas não cobram mais, eu vejo muita gente aí oh cabo, sargento, que não consegue nem fazer duas barras ou fazer dois pó de chinelo, aí tu fala mas pra que isso? Porque lá fora, quando tu for tratar com pessoas que são mais vigorosas, tu vai morrer, tu vai apanhar, tu vai perder uma ocorrência por causa disso, eu acho que essa cobrança deveria ter toda vida, desde o quartel, chegou lá no quartel, fez teu serviço, ah vamos tirar uma horinha do teu serviço pra treinar, ah mas pra que isso? Pra treinar... ou correr, ou puxar barra, ou fazer uma academia, as pessoas estarem sempre com aquele vigor pra poder trabalhar melhor entendeu, acho que deveria ter essa parte aí que tá faltando na polícia (JARBAS).

Ao que tange então a rotina do policial militar após formado, os alunos soldados acreditam em sua maioria, que será melhor do que no quartel escola, pois será uma rotina menos intensa de horários, com escalas de serviço que permitam que haja descansos. A familiaridade (STRAUSS, 1999) de Júlia com a rotina da irmã, ajuda-a saber como será esta rotina. Outros aspectos identificados foram a preocupação com a ‘contaminação’ por parte dos policiais já formados que estão a mais tempo em campo e a diferença do quartel escola por a partir do momento que estarão formados irão se deparar diariamente com situações reais. Estes aspectos dizem respeito ao cotidiano, vida diária

(BERGER; LUCKMANN, 2012) do indivíduo, que sofrerá alterações durante toda sua trajetória.

Popularmente, outra representação de poder que há no militarismo é a carteira funcional. Em situações do cotidiano, muitos tentam prevalecer-se em função de sua identidade militar, seja para entrada em locais como shows, boates, ou para demonstrar em determinadas situações ‘você sabe com quem está falando?’. Procurou-se identificar qual seria a **importância da carteira funcional** para os alunos soldados.

Para Gerson e Félix representa a vida militar. Gerson traz em seu discurso a questão do poder e uma representação simbólica forte para carteira funcional, que demonstrará o nascimento do ‘ser militar’. Félix discorre ainda sobre o perigo da identificação como policial militar em função da criminalidade.

Um nascimento, uma nova vida, é aquilo ali né... começo... virar outra pessoa... [O porque ela faria tu virar outra pessoa?] Por causa do poder que tu tem com ela e a responsabilidade... no ser visado, tem que dar o exemplo sempre (GERSON).

Olha, a carteira funcional acho que representa a tua vida militar, porque eu particularmente eu não queria ter, pelo fato de eu usar a farda já sabem que a gente é militar e hoje no mundo que a gente vive, na criminalidade que há, andar com a funcional na carteira já é meio perigoso, aí que todos os bandidos sabem, vão e revistam, já aconteceu casos de pessoas serem assaltadas, a pessoa revistar e vê que aquela pessoa é policial e acontecer troca de tiro e essas coisas, mas a funcional representa pra mim só pra identificar na corporação, que eu sou policial (FÉLIX).

Assim como Félix, Ildo, Celso, Cristian, Júlia e Haroldo afirmam representar uma identificação. Esta relação remete ao significado de termo usual que era utilizado antes da identidade tornar-se um conceito (KAUFMANN, 2004). Para Ildo, não bastava somente a farda, a partir do momento que receber a carteira funcional, pode-se considerar militar.

Uma identificação né, não bastava a roupa né... tu diz assim ah eu sou o policial... cadê tua identificação? iiiii agora.... né, faz parte, uma parte

importante da tua representação de ser policial né, de ser militar né... antes sem a funcional eu nem falava que era militar, só falava ah eu sou estudante lá na polícia, só aluno lá só, mas que era aluno soldado, porque pô tu vai chegar num lugar 'ah tua profissão?', militar... 'ah empresta tua identidade', aí tu dava tua identidade civil, tá mas cadê tua funcional, ah não tenho ainda... ah então tu não é militar pô.... e eu até fiz a minha carteira de motorista assim oh, quer ver oh [risos].... [muda a carteira de motorista também?] a minha mudou né, porque o dia que eu fui fazer eu tava fardado... é uma segunda funcional né... isso aí... te identifica né, como policial mesmo, não é só da boca pra fora né (ILDO).

Identificação... a carteira de identidade? identificação além da farda (CELDO).

Ah... ah... acho que nada, nada demais, acho que... se tu falasse da farda é uma coisa, agora carteira, só pra tu mostrar quem tu é quando alguém não te conhece, quando algum superior quer saber tua matrícula, alguma coisa... pra mim não tem nada não.... (CRISTIAN).

Júlia afirma ainda, que para ela não representa nada, mas que há pessoas que se prevalecem por tê-la.

Nenhuma. [Não representa nada?] Nada, não, não é nada, ela é o que... é uma identidade só, só porque os cara dão carteiraço acham que aquilo ali vale alguma coisa... velho não vale.... valha talvez pra uma identificação, as vezes tu tá no morro, os cara te pedem, tu fala, sou policial e tal, pra confirmar, agora, pra mim, nem ando com ela, onde é que tá a minha? Nem sei aonde é que tá a minha... deve tá dentro da bolsa rosa, acho que tá lá, que foi a última vez que usei (JÚLIA).

Haroldo, controverso em seu discurso, diz que apesar de nunca tê-la usado, entrou em determinado ambiente valendo-se de sua apresentação como policial militar. Afirma ainda que prefere evitar

incômodo, alegando ser funcionário público quando o questionam sobre sua profissão.

Pra mim não teve diferença, porque eu nunca usei ela... mas tem muita gente que Deus me livre né, mas pra mim não... eu prefiro entrar nos lugares sem saber o que eu faço, sem saber o que eu sou, porque eu evito incômodo, tipo aquele dia que nós fomos lá, eu apresentei lá por causa que todo mundo tava apresentando e tava todo o pelotão... mas eu nunca usei ela, nunca, nunca, nunca... nem saio com ela, até pra evitar incômodo, prefiro evitar saber o que eu faço, quando me perguntam o que eu faço, eu sou funcionário público, porque eu evito muito incômodo sabe (HAROLDO).

Assim como Haroldo, apesar de Jarbas afirmar que a carteira funcional não tem um grande significado, relata já ter sido beneficiado em função de apresentá-la.

A funcional pra mim não é grandes coisas não... porque muitos lugares que tu apresenta a funcional, por exemplo, num Banco, se tu chegar por exemplo com a funcional tu não pega empréstimo... em alguns Banco tu ganha, em alguns Banco tu não ganha... comprar um carro por exemplo, é muito difícil tu comprar um carro... porque tem um monte de polícia aí que comprou, porque a nossa folha de pagamento é muito bom... o cara ía lá e comprava 2, 3 carros... pegava e vendia, aí ele entrava com um processo que não tinha condições de pagar e ganhava, então, eu vejo ela num lado bom e num lado ruim, porque a funcional a partir do momento que eu tô trabalhando eu vou ter que carregar ela e tu passa por um assalto e o cara vê tua funcional... aí, é caixão preto.... Ah o lado bom é que tem muitos lugares que tu puxa a carteira as pessoas te atendem, tem uma visão diferente com você... oh tu é policial, oh que legal, né... faculdade que eu tô fazendo agora faltava dez reais entre matrícula, parcela e tudo lá... uma menina não quis fazer... daí ela falou assim, ah deixa teus dados aqui pelo

menos, quando eu puxei a funcional aí ela, ‘não tudo bem, passa amanhã aqui e paga os outros dez... eu vou tirar do meu bolso aqui’, tirou, pagou e mandou, senão eu ia ficar fora do curso... então... tem o lado bom também né, tem esse lado bom (JARDEL).

Para Ian a carteira funcional não tem nenhum significado.

Nenhuma.... não significa nada (IAN).

Percebe-se com os relatos dos alunos soldados, que apesar de muitos afirmarem não possuir um grande significado, o poder está embutido em seus discursos. A identificação como militar, que muitas vezes os trará vantagens perante a sociedade, é o principal significado relatado pelos alunos soldados, representando esta identificação, o nascimento de um ‘novo sujeito’, um ‘sujeito militar’. Para Kaufmann (2004), o bilhete de identidade é um documento ligado à pessoa, que tem a função de provar que aquele que o possui é efetivamente quem pretende ser, no caso dos alunos soldados, um militar, que goza de todas as prerrogativas aos quais o cargo lhe dá direito, sejam estas por lei, ou simbolicamente por meio de convenção social.

Apesar dos alunos soldados não se declararem explicitamente ‘heróis’, este mito está incutido em seus discursos, quando colocam o policial militar no papel de um sujeito que será prestativo vinte e quatro horas por dia, guerreiro, determinado, persistente, idôneo, honesto, humilde, sincero, companheiro, sério, respeitador, ético e que estará sempre disposto a ajudar aqueles que precisam deles.

Essa visão do policial militar enquanto herói, pode ser percebida também em suas canções cantadas diariamente pelos alunos soldados e em alguns discursos proferidos em eventos militares. A canção do policial militar (ANEXO D), por exemplo, em um de seus trechos, demonstra que o ideal do policial militar na luta contra o mal, é algo que nem todos podem compreender. De forma mais explícita, na canção da PMSC (ANEXO E) encontramos o trecho ‘nossa Farda é um atestado, que o heroísmo já glorificou’, atestando assim a condição de herói ao policial militar. No discurso do sub-comandante do CFAP na formatura de fogo relatado anteriormente, também encontramos o ‘atestado’ de herói inculcado nos alunos soldados.

Lembrem-se caros alunos, que esta farda carrega consigo a história de uma corporação de heróis,

que ao longo de seus quase 177 anos de existência tem cumprido com grande valia sua nobre missão de bem servir essa sociedade e cabe aos senhores dar continuidade a esse valor, explorar os princípios éticos de lealdade e justiça, aliados a disciplina e hierarquia, sustentados nesta instituição, em seu cerne e sua própria razão de ser (SUB-COMANDANTE DO CFAP).

Desta forma, observa-se como estes valores são inculcados e exigidos por parte da corporação aos neófitos na Polícia Militar.

5.3.4 Atenção pelotão, sentido!

Todo pelotão no CFSD possui um chefe de turma e um sub-chefe. O chefe de turma é o aluno soldado responsável por comandar o pelotão na ausência do Sargento Monitor ou do Comandante. É ainda, o ‘elo’ entre os demais alunos soldados e seus comandantes, que fará toda comunicação necessária entre as partes, é o ‘porta voz’. Suas atribuições são, por exemplo, apresentar a turma ao Sargento Monitor nos momentos em que entram em forma no pátio, bem como no início de cada aula ao instrutor responsável, comunicando qualquer alteração que possa ter ocorrido, como faltas ou atrasos; conduzir o pelotão ao rancho no horário de almoço; zelar pela disciplina dos demais enquanto estão sozinhos em sala de aula ou em deslocamento para atividades. É lhe dado também o direito de fazer anotações (FOP/FON) que serão repassadas posteriormente ao comando para constar no livro de registro. Questionou-se aos alunos soldados **como foi ser chefe de turma**.

Juvenal, que foi chefe de turma por duas vezes, discorre que teve momentos diferentes em cada uma das vezes que liderou o pelotão.

A primeira experiência foi muito boa, a segunda foi muito ruim, a primeira experiência não sei se de repente por não ter intimidade, porque de repente antes, como eu não dava tanta liberdade pro pessoal, o pessoal me respeitava mais, daí depois com o tempo quando tu começa fazer brincadeira, fazer palhaçada... e dá segunda vez teve um problema também com o pelotão, desavenças... já é difícil ser chefe com o pelotão colaborando, ajudando ou indiferente, mas quando alguns assim tão jogando contra, o pelotão jogando contra é muito difícil, foi muito difícil

mesmo, a segunda vez quando eu fui chefe foi bem complicado, primeira vez foi tranquilo, adorei, agora a segunda vez não (JUVENAL).

Assumindo o papel de soldado, que está na corporação para seguir ordens, Gerson relata que é mais fácil receber ordens do que mandar.

É complicado [risos]... ter que decidir, ter que dar ordem, se alguém não obedecer o que tu vai fazer, qual tua reação, tu vai fazer essa pessoa obedecer a ordem né, é muito mais fácil tu ser mandado do que tu mandar né... [Porque?] responsabilidade... se tu toma uma decisão errada quem responde é tu, fica muito visado, só isso... e tem aquela coisa do respeito né dos colegas depois... depois que tu não é mais chefe de turma, se a outra pessoa levou pro pessoal as ordens que tu deu (GERSON).

Alcides relata principalmente a falta de colaboração por parte dos colegas em cumprir algumas determinações estabelecidas pelo chefe de turma.

Assim tranquilo, mais chato é aturar os colegas mesmo, os colegas que as vezes não colaboram, um ponto meio complicado, além da pessoa saber como é que é, porque todo mundo passou a experiência, o pessoal invés de ajudar, eles não... a não colaboração dos colegas né, todo mundo sabe a situação, que é difícil, tem que tá controlando, a responsabilidade é sua, tem que controlar, então o pessoal as vezes podia ajudar um pouquinho mais (ALCIDES)

Assim como Alcides e Juvenal, Félix discorre sobre a dificuldade da não colaboração de alguns colegas, no entanto, afirma ter se saído bem no papel de liderança.

Pra mim foi tranquilo, nunca polpei de ser vamos dizer líder, se tiver que ser a gente vai ser, na hora do vamos ver alguém vai ter que tá comandando a tropa, em situações de calamidade tu vai ter que comandar, então isso é uma experiência pra ti poder saber comandar uma tropa, então pra mim

foi normal, não vejo problema algum, óbvio que a gente fica nervoso e pedir a colaboração de todos e nem todos cooperam, isso te frustra mais ainda, mas pra mim foi normal (FÉLIX).

Celso, que já estava acostumado a comandar no exército, diz não ter tido dificuldades de liderar.

Bem tranquilo, porque assim oh, questão de liderança, tu só vai conseguir ser um líder se tu realmente souber o que tu tá fazendo e tu vivenciar junto o que tu quer que façam entendeu... então pra mim o líder é isso aí... líder que eu digo o chefe de turma né, porque ali ele tem que ser um líder, então... pra mim foi bem tranquilo (CELSO)

A liderança também é identificada por Takahashi (2002) como essencial ao militar.

Cristian afirma que experiências anteriores de falar em público, ajudaram-no a ter facilidade enquanto chefe de turma.

Pra mim, eu, eu... a gente fala que tem uns que são coladão né, que cola as placas e não sai, pra mim eu já sou muito descolado, eu quando tava na faculdade, eu entrei na faculdade bem tímido, eu fiz direito, pô pra tu fazer direito tu tem que falar bastante, tu tem que ler bastante, então eu falava muito com o pessoal, então eu já não tenho dificuldade em ler, que nem bota na frente do pelotão, do batalhão inteiro eu leio tranquilo, eu falo tranquilo, então pra mim eu já tenho essa desenvoltura de falar... então pra mim, comandar um pelotão ali foi tranquilo, não teve mistério nenhum não... falava o que tinha que falar, mandava o que tinha que mandar, reclamavam e eu não tava nem aí... reclamação sempre tem né (CRISTIAN).

Júlia também demonstra como experiências anteriores de liderança em outras empresas facilitaram o processo.

Huuuum... botei fogo no puteiro né nega.... uns gostaram, outros não... mas tranquilo também... ts,

ah já liderei equipe em outras empresas, era gerente também em outras empresas, então, não vi dificuldade não (JÚLIA).

Ian traz em seu discurso conselhos de seu pai da época do exército e também afirma não ter tido dificuldades em ser chefe de turma. Discorre ainda que por ter uma postura mais séria, havia um respeito maior por parte dos demais alunos soldados.

Pra mim foi tranquilo, foi bem no dia do Rio Vermelho, eu vim pra cá com a intenção de não ser o primeiro e não ser o último, eu consegui fazer isso, coisas que não eram necessárias fazer eu não fazia e as vezes a turma me achava um pouco lento e lá no Rio Vermelho, inclusive falavam [os instrutores] ‘e aí não é o Ian que é o lento... vamos lá’, meio que pegando no pé deles, porque precisava fazer e eu fiz, então por exemplo, quando a gente saiu da água, eu era o chefe de turma e eu tinha que esperar todo mundo sair da água porque se por acaso alguém se machucasse ou afogasse eu tinha que tá ali olhando e eu ia ser o último a sair da água e aí eu fui o último a sair da água e eu fui um dos dez primeiros a pôr a roupa entendeu, inclusive o cara do choque comentou e eu escutei ‘oh esse chefe aí foi rápido, você viu’... e aí eu gritava, não é o Ian que é o lento, cadê? Então assim, pra mim foi, foi bom... foi tranquilo ser chefe de turma. E por eu também não brincar muito e tal então eles meio que me respeitaram assim um pouco mais, ao contrário do Elias, que é brincalhão, aí tá sofrendo hoje... [E porque que tu não quis ser nem o primeiro nem o último?] Isso é coisa do meu pai... não seja o primeiro e não seja o último, não chame a atenção entendeu e é isso que aconteceu, todo mundo que chamou a atenção se ferrou e todo mundo que ficou por último também se ferrou... isso aí é da época dele de exército (IAN).

Haroldo traz novamente em sua fala a questão do respeito e diz ter sido uma experiência válida principalmente para conhecer as pessoas que estão ao redor.

Olha, foi normal assim, porque tem gente que respeita, tem gente que não respeita, então foi simplesmente uma boa experiência pra saber com quem tu pode contar e pra saber com quem que tu não pode contar... [E tu conseguiu que eles te respeitassem bem?] Ninguém conseguiu exigir o respeito da turma, o respeito essencial, ninguém conseguiu, nesses nove meses não existiu uma pessoa que... tirando o sargento claro e o tenente, não existiu uma pessoa ali dentro que obteve o respeito integral (HAROLDO).

Jardel e Ildo também afirmam ter tido facilidade, apesar do nervosismo em alguns momentos, segundo Ildo.

Foi muito bom... aprender lidar com as diferenças das pessoas... porque meu pensamento não é igual ao teu.... você tem um pensamento diferente.... mas foi show de bola (JARDEL).

Ah foi uma experiência bem legal... foi tranquilo, tranquilo... a gente sempre dá aquela coladinha²³ né, básica, mas normal... fica nervoso as vezes na frente do superior, fala errado, gagueja, mas é bem legal (ILDO).

Constata-se que poucos são os alunos soldados que relatam ter sido difícil assumir o papel de chefe de turma. A maior dificuldade enfrentada diz respeito a falta de colaboração por parte dos colegas de pelotão. Esse fato, demonstra insubordinação dos indivíduos que agem muitas vezes de encontro com as ordens repassadas pelo chefe de turma. Apesar de estarem no mesmo nível hierárquico – alunos soldados –, o chefe de turma é o líder que comanda o pelotão na ausência do monitor ou comandante e deveria ser respeitado como tal. O Art. 132 do RISG (2003), que versa sobre os deveres do soldado, em seu item III a, tem-se como um dos atributos primordiais para a missão dos mesmos ‘o respeito e a obediência aos seus chefes’. Esta insubordinação também vai de encontro aos preceitos de condutas estabelecidos no manual do aluno, que versam sobre colaborar prontamente os companheiros que exercem função de comando. Cabe a reflexão se esta insubordinação relaciona-se ao fato dos alunos soldados não enxergarem no outro o

²³ Colar as placas no jargão militar é ficar nervoso e não saber o que fazer.

papel de líder por serem apenas colegas de classe de mesmo nível hierárquico, ou se a incorporação das disposições relacionadas a questão de hierarquia e obediência não foram totalmente absorvidas pelos alunos soldados ainda.

Outro aspecto observado no dia a dia dos alunos soldados foi o **‘entrar em forma’**. O ritual de entrar em forma é realizado todos os dias pelos alunos soldados. Os policiais ficam perfilados por pelotões, em posição de ‘sentido’, ‘descansar’ ou ‘à vontade’, dependendo qual for o motivo. Geralmente três fileiras cada pelotão. De acordo com o Comandante do CFAP, o entrar em forma significa:

Bom, primeiro é o local, onde você tem a função de conferir o efetivo, se você fala entrar em forma num batalhão antes de um serviço, conferir o efetivo, organizar o grupo para repassar informações, ordens e conceitos de operação, detalhes da operação que será realizada, é, em alguns momentos para as solenidades militares né, dos nossos valores dos militares, dos símbolos, das simbologias, do ritual que a gente tem. No momento de formatura tem essa característica e no momento de serviço, essa orientação, conceito de operação passar informações para o desempenho do serviço melhor.

Diariamente, às 07h30m da manhã, os alunos soldados entram em forma no pátio do CEPM para o hasteamento da bandeira. Cantam alguns hinos e os comandantes e monitores de cada pelotão fazem a revista da tropa, verificando faltas, atrasos, uniformes. É repassado as informações do dia e em seguida os alunos se dirigem para a sala de aula. Após o almoço, formam no pátio para igualmente fazer a conferência e se necessário for, serem repassadas alterações para o período da tarde. No final do dia, novamente se reúnem no pátio para o arreamento da bandeira e repasse de informações para o dia seguinte. Os alunos soldados entram em forma ainda em diversas outras situações, como para se apresentar para os instrutores no início das aulas ou aguardar para avançar ao rancho, ou em solenidades. A foto a seguir demonstra os alunos soldados em forma no pátio do CEPM para o hasteamento da bandeira.



Foto 72: Alunos soldados em forma no hasteamento da bandeira

O ‘entrar em forma’ faz parte do treinamento para o adestramento e domesticação do corpo (MAUSS, 1963), controle e previsão e demonstram o capital social e o capital simbólico do campo. Além disso, evidencia a hierarquia e disciplina e as relações de poder inerentes ao campo. Buscou-se compreender o que **representava** para os alunos soldados o ‘**entrar em forma**’.

Os alunos soldados percebem como é importante o entrar em forma principalmente no período da manhã e da tarde, para o hasteamento e arreamento da bandeira.

Ian acha desnecessário após o almoço, pois acredita que deveriam ‘dar um tempo’ para eles até o período da aula da tarde.

Na parte da manhã eu acho interessante né, na parte da tarde também, mas ao meio dia, assim a uma e trinta eu acho desnecessário... esse tempo realmente deveria ser destinado a nós mesmo, pra dar um tempo né, liberar mesmo do meio dia as duas... [Pra que que serve esse entrar em forma pra ti?] Então esse do meio dia eles dizem que é pra poder verificar se tem alguma alteração, passar alguma novidade, passar alguma coisa que vai acontecer no período da tarde, o na parte da manhã realmente é o hastear da bandeira né, onde todo mundo se encontra, se reúne ali, verifica se

realmente tá todo mundo em forma, ou seja, vai bater o ponto né e o da tarde também da mesma forma né (IAN).

Cristian discorre como pode ser chato o entrar em forma rotineira e repetidamente, no entanto diz ser necessário. Traz ainda que representa a disciplina.

Eu acho importante, porque é a questão da disciplina né, acho que o pessoal reclama bastante entrar em forma, mas pô, as vezes tu dá um comando a maioria erra ali... que nem eles dão o comando de corneta... então tem que entrar mesmo, tem que ser feito, as vezes é chato, as vezes tá calor, as vezes entra em forma várias vezes, mas eu acho que tem que fazer mesmo, tem que ser feito (CRISTIAN).

Para Gerson, Haroldo e Jardel, representa o militarismo, a hierarquia militar. Exemplificam ainda, fazendo uma analogia como se fosse ‘bater o ponto’.

Militarismo, na parte da manhã e da tarde... principalmente no arreamento da bandeira, isso eu acho importante, que faz parte do militarismo, mas aqui eles fazem mais pra terem o controle do que a gente tá fazendo, daí essa parte eu não vejo necessidade de ter né (GERSON).

Representa um princípio do meio militar né, que é a única instituição que tu tem que entrar em forma antes de fazer qualquer coisa, tanto pra sair quanto pra ir embora, é tipo bater um cartão... então eu acho válido, eu acho válido por causa que é a única coisa que lembra o meio militar né (HAROLDO).

Nossa hierarquia militar... entrar em forma eu acho muito lindo... só que tem uma hora que tu cansa, porque todo dia é complicado... mas isso é o essencial né... o entrar em forma é onde você bota uma tropa, um jogo por exemplo, 90 polícia... como é que você vai conversar com 90 polícia um comandante... o que que ele tem que fazer? Tem

que botar em forma... vai lá posição de sentido, mão em sentido, porque nós temos o regulamento que tu em sentido tu não pode conversar... então é o momento do superior conversar... eu acho que é muito importante... o entrar em forma é essencial (JARDEL).

Ildo relata ser uma rotina normal, no entanto afirma ser ruim quando o calor está muito forte. Relata ainda, assim como Celso, que serve para organização diária das atividades a serem desenvolvidas.

Uma coisa normal, uma coisa rotineira... não é maçante, só é ruim quando tem aquele sol muito forte né, quando a gente não tinha cobertura ainda daí pô... mas é bom né, deixa o outro em foco, entra em foco... é bem tranquilo... [E pra que que tu acha que serve?] É pra reunir tropa, é pra tirar as faltas, se não tem ninguém faltando, ninguém que foi embora, é pra passar recados, informar a tropa do expediente, normalmente é assim né... a entrada de forma... do início da manhã é dado as ordens do dia e no início da tarde é passado as últimas informações e quais são as funções do resto do dia (ILDO).

Organização e ganho de tempo (CELDO).

Assim como Ian, Júlia acha desnecessário entrar em forma após o almoço, mas acha importante e sinal de patriotismo e respeito quando para o hasteamento ou arreamento da bandeira.

Horível, ridículo, é mais uma coisa retrograda de 1835, porque o exército entrava em forma, o militar também acha que tem que entrar, porque? [Tu acha que não tem serventia nenhuma?] Eu acho assim oh, entrar em forma pro hasteamento da bandeira né e pra tirar a bandeira do mastro, beleza, agora uma hora, uma e meia da tarde, no sol, pra não fazer nada, só pra eles verem que a gente tá ali e depois eles mandarem a gente pra sala, pra que né? Entendesse... acho que enquanto é por respeito ao superior e à bandeira, tranquilo, acho até bonito né, tu ter essa gana de demonstrar

patriotismo eu acho bem legal, agora pra nada, me desculpa, não vejo (JÚLIA).

Constata-se que para maioria dos alunos soldados o entrar em forma é importante no hasteamento e arreamento da bandeira e demonstra a disciplina e hierarquia militar. Alguns percebem como desnecessário o entrar em forma após o almoço, principalmente quando o calor está forte. Discorrem ainda que representa organização e ganho de tempo para repassar informações administrativas para a tropa.

Conforme relato de alguns instrutores e comandantes durante o período de observação, o entrar em forma é importante para criar um ‘espírito de corpo’, ou seja, fará criar uma unidade entre a tropa, pois todos irão, por exemplo, marchar no mesmo passo, cantar os hinos e canções no mesmo tempo, além de representar a hierarquia e disciplina militar. Percebe-se então o entrar em forma, como uma ferramenta de inculcação e despersonalização dos indivíduos, que auxilia no adestramento e domesticação dos corpos, haja vista auxiliar na formação da unidade militar, pressupondo movimentos orquestrados e ordenados.

5.3.5 A formatura

O fechamento do longo processo de socialização deste rito de passagem do ‘mundo civil’ para o ‘mundo militar’ é a formatura. Ela ocorreu nove meses após o ingresso dos alunos soldados no CFSD. Este ritual é aguardado e planejado pelos alunos com ansiedade, pois é a partir do ato da formatura que eles serão efetivamente considerados Policiais Militares. Antes disso, ainda são considerados alunos soldados.

No mês anterior a formatura, os alunos soldados já haviam terminado praticamente todas as disciplinas teóricas e em alguns momentos, realizaram trabalhos operacionais juntamente com batalhões específicos. Durante este período também ensaiaram exaustivamente os rituais da formatura para ‘conformar seus corpos’ aos movimentos que seriam executados e saísse tudo correto conforme o planejado.

No dia da formatura, primeiramente teve uma missa para benção dos novos soldados. Após a missa, ocorreu a solenidade de formatura que contou com a presença de diversas autoridades e do Comandante Geral da PMSC. No ato da formatura é entregue um kit de proteção individual a cada novo soldado, que a partir deste momento, será seu material de trabalho no dia a dia. O kit (FOTO 84) contém uma pistola com carregadores, colete balístico, cinto de guarnição, munição,

algemas, tonfa e espargidor de pimenta. As fotos a seguir ilustram a formatura do CFSD.



Foto 73: Missa de formatura



Foto 74: Bênção aos alunos soldados



Foto 75: Movimentos padronizados 1



Foto 76: Corpos conformados



Foto 77: Padronização dos corpos 1



Foto 78: Padronização dos corpos 2



Foto 79: Movimentos padronizados 2



Foto 80: Movimentos padronizados 3



Foto 81: Juramento 1



Foto 82: Juramento 2



Foto 83: Entrega kit



Foto 84: Kit para exercício da função

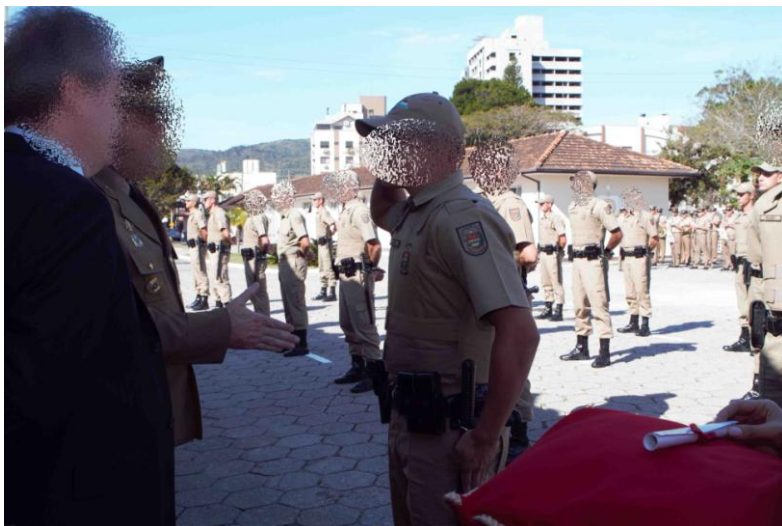


Foto 85: Aluno destaque



Foto 86: Movimentos padronizados 4



Foto 87: Padronização dos corpos 3



Foto 88: Padronização dos corpos 4



Foto 89: Emoção



Foto 90: Pelotão formado

Os corpos em movimentos sincronizados e uniformes desfilam pelo pátio do Centro de Ensino e colocam-se ‘milimetricamente’ em forma, demonstrando a unificação do corpo de grupo. A *hexis corporal* militar adquirida por meio do treinamento repetitivo dos movimentos no processo de socialização, pode ser percebida nas fotos. Apesar da tentativa de ‘despersonificação do sujeito’, no intuito de se criar um ‘ser padrão’, cada indivíduo continua portando sua individualidade e suas emoções, conforme demonstra a foto 89.

É nesse dia que os novos soldados farão o juramento (FOTOS 81 e 82) e prestarão o compromisso do exercício da profissão. Para dar início a esse ritual, o mestre de cerimônia anuncia: “neste momento os novos soldados prestaram o compromisso perante o pavilhão nacional, símbolo da nação brasileira” (MESTRE DE CERIMÔNIA, NOTAS DE CAMPO). Pode-se perceber neste discurso, o ‘peso simbólico’ da responsabilidade que é delegada aos novos soldados, pois estarão fazendo um juramento diante do símbolo Nacional. Após o Comandante do Pelotão efetuar o comando, – “Atenção pelotão, para o compromisso, apresentar, arma” – os novos soldados erguem a mão direita perante a Bandeira Nacional, demais praças, oficiais, autoridades e convidados e proferem o juramento:

Ao ingressar na polícia militar do Estado de Santa Catarina, prometo regular minha conduta pelos preceitos de moral, cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a quem estiver subordinado, dedicar integralmente ao serviço policial militar, a preservação da ordem pública e a segurança da comunidade, mesmo com o risco da própria vida (NOTAS DE CAMPO).

Observa-se com o juramento novamente a hierarquia, a disciplina e a obediência às normas serem inculcadas nos novos soldados. A exigência por uma postura reta, baseada na moral e a dedicação ao novo papel que estão assumindo, também ficam explícitas. Nota-se, ainda, o mito do herói embutido no discurso, quando juram que irão exercer sua profissão mesmo com o risco da própria vida. A este respeito, questionou-se aos **alunos soldados o que esta frase do juramento proferida no dia da formatura, que traz simbolicamente uma relação entre a vida e a morte, representava à eles.**

Elias, Célio, Cristian, Haroldo, Ian, Celso, Amarildo e Jardel afirmam que o risco é inerente ao papel de policial militar que estão assumindo. Ou seja, no momento que estão dispostos a salvar a vida de outras pessoas, poderão correr o risco de perder sua própria vida.

Isso eu acho super importante, a partir do momento que você, é, colocou lá no site teu nome como, fazendo a matrícula para exercer as provas do concurso, você já tava ciente né, que é um emprego, é um serviço de alto risco... e o que é mais motivante no meu caso, é poder ajudar as pessoas de qualquer forma né... então mesmo botando a sua vida em risco né, pra salvar uma pessoa que você nem conhece (ELIAS).

A profissão do policial militar ela é muito bonita né, mas a gente sabe que tem sempre o seu risco de vida né, como qualquer outra profissão tem o seu risco, dentro da medicina o médico tem o risco, mas na profissão de policial militar o teu risco é a tua própria vida né, tu tá sujeito a tá atendendo uma ocorrência, acontecer alguma tragédia e tu vim a óbito né, o que eu posso dizer, espero que isso nunca aconteça enquanto eu tiver atuando na profissão de policial militar, agir sempre dentro do padrão, dentro do que foi ensinado né, dentro do sistema de segurança, pra sempre poder chegar em casa né, depois de um dia de trabalho são e salvo né (CÉLIO).

Bom, bom... tamo aqui vão defender né... eu acho legal, eu acho que é o certo, por isso que eles dão uma arma pra gente né, no momento que alguém tá apontando a arma pra alguém tu vai sacar, tu tá defendendo a vida da pessoa né, então... tu tá com o risco de tomar um tiro ali também, acho que é assim mesmo, tem que ser, acho que tem que ser bem assim... alguém tem que fazer esse serviço e a gente tá disposto a fazer, vamos fazer o melhor possível né (CRISTIAN).

Se doar na profissão, porque eu acho que no momento que tu tá se doando, que tu vai e se entrega pro que tu tá fazendo, tu vai correr esse risco, no momento que tu faz as coisas com gosto, daí tu corre esse risco mesmo sabe, tem quem nunca vá correr o risco né, mas que vai ficar sempre escondido, que vai ficar meio retraído na profissão, por medo de que algo aconteça, então

eu acho que essa parte com o risco da própria vida significa se doar pra profissão ao ponto de se for preciso arriscar a própria vida pra defender alguém, assim será feito (HAROLDO).

Para Ian, Celso e Amarildo, o dia a dia faz este risco ser naturalizado, tornando-o normal ao exercício da profissão.

Então, desde a época de escoteiro eu já escuto isso né, então isso pra mim me soa normalmente, eu acredito que o policial militar tem sim essa obrigação, como o bombeiro né (IAN).

Todos tão submetidos, porque tão trabalhando na rua, eles sabem que eles vão ter que fazer a preservação da ordem pública e quando for quebrada essa preservação tu tem grande possibilidade de ser alvejado, de tu tá no trânsito e colidir com outro veículo, tudo isso na tua função de policial militar, então tu vai fazer a tua atividade com o risco da própria vida, pra mim é normal, tu vai fazer a tua atividade com aquele risco ali, tu entrou na policia, tu quer fazer a tua atividade, que é a preservação e manutenção, só que se tiver essa quebra aí, tu sabe, que tu pode ser submetido a ser alvejado, a ser morto, então é.... pra mim é normal (CESLSO).

Quando paro muito pra pensar eu acho meio complicado, por eu falar que eu tenho medo da morte tais entendendo, mas eu acho que o que muda é tu tá no calor da ocorrência... tu sabes que tu tá ali pra salvar uma vida e tais com a adrenalina, o calor da ocorrência, eu acho que acontece, realmente, eu acho que acaba se tornando normal né... tu sabe que tua vida vai ser aquilo, arriscar tua vida pra salvar a vida das outras pessoas, acho que acaba sendo normal (AMARILDO).

O significado é a bandeira do militar né... ao mesmo tempo a gente tá servindo o Estado mas nossa bandeira é o Brasil né... uma força auxiliar do exército... então, o juramento, o militar é isso né... numa guerra você vai dar sua própria vida

pelo seu país né... então... a gente já tá nessa condição de militar... acho muito legal isso aí... muito lindo... sou muito fascinado por assistir filme, filme de guerra, essas coisas, então... mexe muito né (JARDEL).

Já para Juvenal, Ildo, Gerson, Félix e Júlia, há contradição entre o que é ensinado durante o curso e o juramento. Segundo os alunos soldados, os instrutores repassam em sala de aula que é importante, primeiramente, garantir a própria segurança, o que para os alunos soldados vai de encontro com a frase do juramento “defender as pessoas com o risco da própria vida”. Neste caso, vale refletir, fazendo alusão ao discurso de Juvenal, se o fato de procurarem garantir a própria segurança, elimina realmente o risco inerente a profissão. Sendo assim, seria mesmo contraditória esta situação ou às disposições relativas a estes riscos não foram ainda totalmente incorporadas por estes alunos soldados?

A concepção que eu tenho e que a gente tem de vida, que a gente recebe aqui dentro é sempre a tua segurança em primeiro lugar, então é meio que contraditório, com o risco da própria vida... pode ter esse risco, mas sempre, a tua vida tem que tá em primeiro lugar, eu acho que primeiro a segurança minha, pra eu poder tá proporcionando a segurança de outros, ah tá tendo uma troca de tiro, vou sair correndo que nem um louco pra trocar tiro?... não, vou procurar abrigo, vou me esconder, vou me abrigar de uma maneira segura, pra depois poder tá proporcionando segurança pros outros, acho que é um risco que se corre dentro da profissão, o risco da vida, mas não assim oba a oba (JUVENAL).

Acho que isso devia ser mudado né... porque eles ensinam no curso tens que proteger primeiro a tua vida e ali no juramento diz mesmo com o risco da própria vida... com o risco da própria morte.... então isso aí já tá ultrapassado né, devia ser revisto, porque no curso inteiro diz pra ti proteger tua vida, tu não vai se expor numa troca de tiro, ah, vou salvar, o fulano tá ali no meio ali, pô mais vale a minha vida, a minha integridade ali

primeiro do que a dele né, a tua vida em primeiro lugar, acho que deveria mudar isso aí (ILDO).

Para Gerson, o que for falado no juramento não vai mudar o seu jeito de agir a partir do que foi aprendido no curso.

Hoje o sargento tava falando sobre isso ainda tá ligado... por isso que tem que refletir bastante que eles falam tanto né, defender as vezes com a própria vida, mas sempre ensinam pra gente aqui que primeiro a nossa segurança, depois fazer nosso trabalho... coisa que não precisaria tá no juramento... [Mas ela tem algum significado pra ti?] Não vai mudar meu modo de agir falando essa frase não... a gente vai agir do jeito que a gente foi ensinado aqui da forma de fazer, não nas palavras que a gente vai falar no final do curso (GERSON).

No meu ponto de vista eu acho isso meio complicado, porque ao mesmo tempo que tu quer salvar a vida de uma pessoa, tu tem que salvar a tua, mas se tu ver que dá pra salvar aquela pessoa, óbvio que tu vai salvar, mas as vezes tu vê aquela pessoa precisando de uma ajuda pra agora e tu não poder ir, pra ti significa nada, então na parte do juramento com os risco da própria vida acredito que é pra isso, pra quando der a chance de salvar aquela pessoa tu vai, mas quando tu não puder, pra preservar tua segurança, infelizmente tu vai ter que ficar (FÉLIX).

Unhuumm jura, eles que corram primeiro, eu vou fazer o meu serviço, agora o fogo comeu nega, se fode, desculpa, eu não vou morrer por causa da polícia militar... é juramento de 179 anos né e que quem escreveu não morreu pelo juramento, aposto, entendeu, ah pára... tanto é que a gente faz TPO qual é a primeira coisa que eles dizem pra gente fazer, é procurar um abrigo, ah se fosse pelo risco da própria vida tu dava o peito pra matar não é, ts, ninguém quer morrer cara, todo mundo é humano, ninguém quer morrer (JÚLIA).

Ao encontro do pensamento de Gerson, para Alcides as palavras proferidas no juramento não irão mudar a sua forma de agir. Para o

aluno soldado, esta concepção tem que estar naturalizada no sujeito e não exposta por meio de palavras. Sendo o ato do juramento para ele apenas uma representação simbólica. Alcides faz ainda relação do seu pensamento ao fato de ser agnóstico.

O juramento pra mim nada, pra te dizer a verdade, palavras pra mim assim não... aquela hora que eu tiver ali, não vai... é mais uma simbologia, representação, que pra mim não significa nada, eu acho que a pessoa tem que fazer, o que ela tem na sua moral, na sua ética, isso que ela tem que fazer no seu serviço, dentro da sua moral, da sua ética, seus princípios, princípios daí tem que ser os bons princípios né e é isso, tu tem que cumprir isso aí, pra mim não precisava.... o juramento ali é uma coisa bem simbólica... [...] vou jurar, mas pra mim não vai valer nada sabe, eu vou tá ali em forma, é uma mera representação pra mim, pra mim é embutido em si, em cada um sabe, fazer o seu melhor, com seus princípios, a sua ética, ah eu assumo o compromisso e isso pra mim porque eu sou agnóstico, então o agnóstico ele não tem essa coisa ah a Deus e aquilo e eu não tenho sabe, por isso então pra mim, só as palavras pra mim não adianta né, o negócio é a ação mesmo, o que tu vai fazer, não adianta eu jurar ali amanhã, ser um juramento tá eu juro, juro, juro, chegar no outro dia e fazer tudo o oposto sabe, a gente pegou uma profissão que é pautada nisso, então eu acho que esse é o teu compromisso, é um compromisso teu, mas eu digo não no juramento ali, eu quero tirar a simbologia do juramento sabe, quero que tu entenda... tirar a simbologia do juramento, não é porque eu vou tá ali jurando que... vou tá li dizendo isso, vou fazer... mas não por causa do juramento, porque sabe, tem que tá em ti, na tua ética, tu tem que fazer isso, é uma profissão que exige isso né, não vai ser por causa do juramento que eu vou fazer... tá em ti (ALCIDES).

Para o Ten. Cel Couto, comandante do CFAP a época, o juramento muito mais do que uma vocação, representa um sacerdócio.

A pessoa quando faz aquele juramento ela está se doando né... ela faz um compromisso sério de que se a sua vida tiver em jogo prá salvar a pessoa, ela tá pronta para aquilo ali. É mais do que uma vocação, quando eu pronunciei esse juramento ou quando vejo os alunos pronunciar, eu vejo que isso é mais do que uma vocação, é um sacerdócio, uma dedicação integral e exclusiva né, a proteção à sociedade, a causa de proteger a sociedade, o sacerdócio.

Esta fala, traz simbolicamente no sentido figurado, o sacerdócio, que pode representar no caso da Polícia Militar, o reconhecimento pelo devotamento que a profissão exige. Em seu discurso final na formatura de conclusão do CFSD, o Comandante Geral da PMSC afirma que a profissão Policial Militar é nobre. O relato a seguir demonstra esta característica:

“Parabenizo a todos os formandos neste momento pelo êxito alcançado em se formar no Curso de Formação de Soldados da Polícia Militar. Tenho dito que vocês formam uma nova geração de policiais militares. Uma geração que haverá de trabalhar mais pela razão do que pela força, que haverá de trabalhar mais pela conciliação do que pela truculência e uso da violência, mesmo que legal, para fazer resultar a paz e a tranquilidade entre as pessoas. Ser um policial militar, eu penso, eu acredito piamente nisto, é uma das mais nobres missões que pode exercer um ser humano ao longo da sua vida. Ela se constitui de uma importância cada vez maior para as pessoas viverem bem. Em tempos que se proclama pela democracia, pela liberdade das pessoas de fazerem o que melhor lhes aprover, entra a figura do policial militar como aquele que vai fazer com que a lei seja cumprida, sem avançar no direito das pessoas de fazerem o que desejarem. E isto é muito difícil, o exato ponto onde o trabalho policial deve se ater para garantir as liberdades individuais e ainda assim preservar os direitos do coletivo. E espero, espero sinceramente, que durante esse período de formação, cada um dos senhores e senhora, entrou em contato com esse saber, para instrumentalizar-se na devida forma e assim proceder e gerar a paz que todos desejam. Tenho certeza absoluta que hoje é um momento de júbilo para todos os senhores e para todos os seus familiares. Portanto hoje se materializa a conclusão do serviço que a partir já de um futuro muito próximo, cada um dos senhores estará no exercício desta profissão, garantindo a paz e a tranquilidade das pessoas. Eu

quero lhes desejar, muito, muito êxito nesta carreira abraçada, quero parabenizar todos os seus familiares por agora fazerem parte da família Policial Militar. E que todos nós, policiais militares aqui testemunhando este ato de formatura, possamos ter o jubilo de ter mais duzentos e trinta e oito colegas a reforçar as fileiras desta corporação para bem desempenhar as suas funções. Parabéns, finalmente, a cada um de vocês que com o seu suor e sua devoção chegou a este momento, momento de conclusão do curso. E isto na carreira abraçada, porque tenho certeza, esta é uma das mais nobres carreiras que pode abraçar um ser humano. Parabéns a todos, finalmente a Polícia Militar, agora vocês são Policiais Militares do Estado de Santa Catarina. Vá com Deus! (COMANDANTE GERAL DA PMSC, NOTAS DE CAMPO).

O Comandante Geral da PMSC traz em seu discurso final da formatura, aspectos do novo perfil de soldado que se configura na atualidade. Um indivíduo com um capital intelectual desenvolvido, que foi treinado para desempenhar suas funções com base na razão e não na violência. Retrata o poder que terão em suas mãos exercendo esta nobre profissão, pois caberá ao policial militar, a difícil missão de se fazer cumprir a lei em uma sociedade que cada vez mais procura fazer o que lhe é de desejo.

Após analisar todo o processo de socialização do CFSD, percebe-se que a profissão Policial Militar está envolta a diversas representações simbólicas. Os neófitos são submetidos desde o primeiro dia a atividades que visam o adestramento do corpo e a despersonalização do indivíduo. É exigido uma postura moral que ultrapasse os muros dos quartéis, pois a partir do momento que são considerados Policiais Militares, recebem a responsabilidade de servirem de exemplo para a sociedade. O CFSD representa um papel fundamental neste processo de socialização secundária para que esses indivíduos adquiram as disposições necessárias para assumir este novo papel. É por meio dos treinamentos, do cotidiano, das interações diárias, que esses corpos vão se moldando ao ‘mundo’ que estão adentrando e o *habitus militar* vai sendo incorporado, encarnado e inculcado e a nova identidade profissional se forma. A seguir foram analisadas as mudanças ocorridas neste processo.

5.4 AS MUDANÇAS NO TRAJETO: DO "SER CIVIL" AO "SER MILITAR"

A passagem do ‘mundo civil’ para o ‘mundo militar’, pressupõe diversas mudanças, tanto físicas, como psicológicas e sociais. Buscou-se com os relatos a seguir, descrever as mudanças ocorridas no processo de socialização durante o curso de formação, tanto no que diz respeito a percepção dos alunos soldados sobre o seu comportamento, quanto das mudanças percebidas por seus amigos e familiares, segundo a percepção dos próprios alunos.

Primeiramente questionou-se **o que a entrada para PM havia mudado na vida deles**. Para Elias as principais mudanças ocorridas foram na rotina diária e na conduta. Afirma ter ficado mais criterioso em sua conduta, procurando cometer menos erros, pois segundo ele, ‘a academia te traz o que é correto’.

Uma das coisas que mudaram na minha vida foi a rotina né, uma das outras coisas que mudaram também foi a minha conduta, a principio eu acabei ficando um pouco mais chato com as coisas, por exemplo, questão de trânsito... a gente tinha aquela visão que a pessoa fez errado ou agente mesmo por estar dirigindo, fazer algumas coisas erradas, então isso eu acabei mudando... ficando um pouco mais com a visão mais criteriosa pra isso.... acredito que não tenha sido só comigo, acredito que com todo mundo aconteceu isso... porque a academia te traz o que é correto e a gente vê na rua o pessoal as vezes fazendo coisas bastante incorretas.... questão de escala, na questão de serviço no final de semana, serviço noturno, essas coisas assim não mudou tanto porque eu já vinha exercendo algum tipo de função, quando em trabalhava junto auxiliando os bombeiros. Eu acredito que pega mais as vezes uma pessoa que não veio do meio militar ou não tá inserido nele... é... a questão de horário, a questão de luxo, por exemplo, comida, questão de comida, questão de conforto... então as vezes o pessoal se apegam tanto, vem da vida civil com essa, vamos dizer manha, sei lá e ela acaba encontrando no meio militar é aquilo... o que tem pra hoje é aquilo (ELIAS).

Célio afirma que apesar de ter tido uma criação baseada na disciplina e organização, a polícia o deixou mais disciplinado, organizado e metódico. Além de preocupar-se mais com a questão dos compromissos e horários.

Eu sempre fui assim disciplinado né, já pela criação que a gente teve dentro de casa, depois que eu entrei pra polícia mais ainda a questão de horário, compromisso, tudo isso influencia, bem mais disciplinado do que antes, bem mais organizado, eu sempre fui organizado assim em casa né, minhas coisas em casa, quarto, casa, e tal... a gente sempre foi assim de... a gente cresceu em casa com essa coisa, a mãe trabalhava, o pai trabalhava e eu e meus irmão a gente sempre organizava a casa assim, nosso quarto e tal, isso aí a gente aprendeu e só veio acrescentar com a vinda pra polícia né, te deixar mais organizado ainda, ser mais metódico (CÉLIO).

Alcides não sabia descrever em si o que mudou, no entanto, afirma ser uma experiência nova, no qual se entra em um mundo novo, com outras regras e começa-se a ter uma visão diferente sobre as situações. Para ele há uma visão diferente quando se está dentro ou se está fora ‘deste mundo’.

Mudou no aspecto de conhecer o que que é a polícia, ter uma experiência, uma coisa nova pra ti, que na verdade é novo, tu entra num mundo novo né, são outras regras, tu começa a ter uma visão diferente, tu tando do lado de fora tu tem uma visão, tu tando do lado de dentro tu já tem uma visão em certos aspectos de repente condenado, então pra mim, não foi um choque tão grande, mas assim, mudou a área profissional, mais conhecimento profissional mesmo o que que é a polícia né, assim.... eu não sei te explicar, eu não sei muito te explicar essa mudança assim sabe, eu tinha uma noção mais ou menos o que que era a polícia... eu não sabia bem, várias coisinhas aqui né a gente vai aprendendo, mudando (ALCIDES).

Gerson diz que seu bem estar mudou, pois agora está mais motivado trabalhando em algo que gosta. Afirmar ter aumentado a disciplina e responsabilidade. Discorre ainda que o aprendizado no curso, o fez refletir sobre coisas que antes achava corretas e hoje em dia não acha mais.

O bem estar mudou, tô fazendo uma coisa que eu quero fazer e que eu gosto de fazer, uma coisa que eu reclamava, de todo dia de manhã acordar cedo, não gostava... fazer a barba, disciplina, coisa que tô fazendo com gosto, com outro emprego ficava naquela enrolação, não queria fazer, agora acordo com vontade de vir pra cá. E a responsabilidade né cresceu e a cabeça mudou bastante depois desse curso aí... [Mudou em que sentido?] aprendizado... essas coisas que a gente não fazia ideia que com as aulas que a gente teve, acho que mudou bastante, dá pra gente refletir bastante, o que a gente achava que era certo e o que realmente é certo... coisas de atitudes nossas (GERSON).

Amarildo diz ter tido várias mudanças, principalmente poder ficar mais perto da família, pois no seu trabalho anterior viajava constantemente, além de ter melhorado financeiramente e ter conseguido estabilidade.

Pô mudou bastante coisa desses tempo de lá pra cá. Mudou de hoje eu tá mais perto da minha família né, porque pô, tu começa a entrar no mercado de trabalho, aí tu começa a viajar, eu tava em casa as vezes, viajando direto, as vezes final de semana e entrando na PM eu tô em casa todo dia, eu tô mais perto da minha família. Financeiramente melhorou um pouco, tu tem aquela estabilidade, tu sabe que teu dinheiro tá lá todo final de mês né, tu não tem que tá mostrando serviço assim pra ganhar, a gente procura estabilidade né e eu acho que eles dão bastante benefícios dentro no serviço militar (AMARILDO).

Em contra-partida, Juvenal diz ter se afastado da família. Segundo o aluno, seu relacionamento em casa com a família piorou,

pois não estava conseguindo tempo para se dedicar à mãe, irmã, sobrinho, namorada, amigos. A falta de tempo o impedia também de dedicar atenção a si mesmo e fazer coisas que gostava, como jogar futebol e fazer musculação, por exemplo. Diz então, ter se privado de muitas coisas, principalmente no começo do curso que a cobrança era maior.

Por enquanto não mudou nada, por enquanto parece que só pra pior, porque meu relacionamento em casa com a minha família cortou bastante, não tô tendo tempo pra dar atenção pra minha mãe, pra minha irmã, pro meu sobrinho, paro muito pouco em casa, não tô conseguindo tempo pra mim, até porque é cedo pra falar disso ainda, pelo fato de tá no curso ainda né, então não ter tempo pra ter atenção pra mim, pra jogar futebol, praticar a arte marcial que eu gosto, a musculação, não consigo fazer nada das coisas que eu gosto, não consigo dar atenção pra namorada, porque o tempo que tu tem tu quer tá em casa ou tu quer dormir, ou se tu não pode dormir tu tem que ficar acordado pra poder estudar porque tem prova no outro dia, ou fazer trabalho e no início do curso foi bem sugado assim, agora eles tão dando mais uma aliviada, mas no início do curso era difícil, a gente não saía antes das sete horas, sete e meia, ficava formado até tarde, então no início foi bem sugado, então eu tive que me privar de muita coisa, [...] mas hoje em dia falando do jeito que eu tô aqui, pra melhor não teve nada ainda (JUVENAL).

Félix afirma ter mudado muito a sua rotina. Após entrar para o CFSD, passou a ter que acordar cedo todos os dias, fazer a barba, ir para o quartel. Diz ainda ter se afastado de amigos e mudado sua vida social, pois em função da dedicação ao curso para conseguir uma boa colocação, não conseguia nem mais ir a festas, ou seja, afetou diretamente o seu cotidiano.

Algumas coisas óbvio que muda... a minha rotina diária... ter que acordar, ter que fazer a barba todo dia, tá vindo todo dia aqui pro quartel, isso muda muito na nossa vida, um pouco do afastamento dos amigos, que a gente tem que se dedicar ao

curso pra tá conseguindo uma colocação boa, pra escolher a cidade que você quer ficar e isso mudou muito a minha vida... algumas festas que me convidavam eu não pude ir, porque tava na escala de serviço, então essa é a mudança, na rotina do nosso cotidiano, é obvio que alguns natal a gente sabe que não vai passar com a família, réveillon, carnaval, enquanto algumas pessoas se divertem a gente trabalha pra essas pessoas... isso foi a rotina que mudou na minha vida (FÉLIX).

Cristian diz ter ficado mais rígido, preocupado com horário e organizado. Além disto, acredita que quando se começa a usar a farda, a pessoa fica mais prestativa, querendo ajudar.

Pô, tudo... tudo, tudo, tudo, tudo... sou muito mais calmo, por incrível que pareça, eu sou agitado ainda mas eu sou bem mais tranquilo, cumpro muito melhor o horário, eu nunca fui de me atrasar, mas agora eu sou muito mais preocupado com essa história de rigidez, de pô tu não pode chegar um minuto atrasado, pô tu tem que tá em forma... sempre fui meio organizado sabe, deixar as coisas meio organizadas, mas agora eu tô bem mais, com a história que não pode ter um amassadinho na farda, isso tudo aí eu tento ser o mais corretinho possível, questão de horário e pontualidade eu sempre fui pontual mas nunca fui muito estressado, agora tô bem pilhado, bem preocupado com o horário né... tentar ajudar, eu nunca fui muito... se eu puder eu ajudo, senão... hoje não... tu vê uma pessoa na rua tu já quer ajudar, tu já quer fazer, tu já tá sempre pô o que que eu posso ajudar, o que que eu posso fazer, a gente acaba acho que no inconsciente sendo muito mais prestativo, quando tu começa a usar a farda (CRISTIAN).

Ian diz ter sido sempre muito organizado, sério e correto, mas aprendeu a se conter mais nos comentários e críticas a outras pessoas. Afirma ter mudado a sua rotina e discorre sobre ter que pedir permissão inclusive pra poder falar algumas coisas.

A rotina né, acordar cedo, ir dormir tarde, pedir permissão pra poder as vezes até falar alguma coisa, a questão física melhorou bastante, porque eu tive a oportunidade de fazer atividades físicas né, as vezes ver alguns defeitos e guardar só pra mim, ao invés de falar diretamente, principalmente superiores, porque isso lá na minha vida civil, se eu detequitasse erro em alguém, eu já falava logo, já tentava corrigir e nunca suportei muito levar desaforo pra casa assim, falta de respeito, esse tipo de coisa e aqui eu tive que suportar essas coisas, tanto dos superiores, guardar isso pra mim, como dos meus próprios colegas... basicamente foi isso, que eu sempre fui muito organizado, muito sério, muito assim... gosto muito das coisas corretas, então a princípio, basicamente, foi isso aí (IAN).

Haroldo diz ter mudado o seu psicológico, principalmente em relação ao controle. Afirma ainda ter aprendido dar mais valor para as pessoas e coisas e a ter projetos na vida, como de comprar apartamento, carro, ter uma família. Acredita ser um mundo novo para ele, questionado inclusive pelos seus amigos, em função dos comportamentos que tinha anteriormente.

A cabeça... oh, meu Deus... o meu psicológico sabe, ter que aguentar deboche. O que mais mudou foi o valor também sabe, o valor que eu dava pras coisas sabe assim... hoje eu dou muito mais valor pra uma companheira, alguém que tá ali junto contigo, as palavras que a minha mãe falava sabe assim, hoje eu dou muito mais valor... tudo que eu te falar aqui vai se resumir na minha família, no mundo que eu tinha, por causa que esse aqui é um mundo novo pra mim, é um mundo novo, é um mundo onde eu tenho que me virar... se eu quero comer alguma coisa quem tem que ir no mercado sou eu, se eu quero a minha camiseta limpa quem é que tem que limpar? É eu... e eu não precisava, porque eu tinha tudo. E o respeito sabe, o respeito assim que antes eu não tinha, muitos dos meus amigos lá do meu Estado sabe, muita gente não acreditava e dizia 'Haroldo tu vai ser um PM? Tu todo louco chega em casa bêbado de

madrugada, tu que só queria fazer festa, só queria dançar... só queria participar de concurso, participar de rodeio'... e eu parei com tudo isso sabe, parei, mudei... oh, minha vida deu 180, 180... eu não tinha pretensão de comprar um apartamento, coisa que até o final do ano eu quero comprar, não tinha pretensão de ter um carro tão logo, coisa que até final do ano eu vou ter, sabe eu não tinha pretensão de ajudar a minha mãe como ela me ajudou, porque eu não sabia se o dinheiro que eu ganharia lá ia me ajudar, quanto mais ajudar os outros, hoje eu já tenho (HAROLDO).

Jardel afirma ter mudado o comportamento, a rotina diária, a forma de falar com as pessoas. Diz não poder mais frequentar locais que frequentava antes, a não ser se for acompanhado de alguns colegas de farda, pois começa a compreender o que é ser polícia. Discorre também que muitos amigos e familiares acabaram se afastando por ser policial, uns por serem envolvidos com droga.

Ah meu comportamento... nossa mudou muito... o modo deu falar com as pessoas, o meu dia a dia, o meu cotidiano já mudou muito... antes lá no interior eu caminhava e não olhava pra trás.. eu não tinha preocupação com o que vinha atrás de mim... sabia que não ia acontecer nada e aqui já não... você ao mesmo tempo tá olhando pra frente, mas já com aquele pensamento, bah quem tá vindo atrás, será que tem alguém vindo atrás de mim... muitos lugares que eu ia já não posso ir mais... é assim, numa roda de conhecidos aqui do quartel, 5, 6 aí tudo bem... sozinho você já não vai mais que tu começa a ver a realidade do que é ser polícia né.. ser polícia é... vou te dizer uma coisa quem realmente gosta de polícia é a família do cara, a família do cara vai gostar do cara... a própria, muitos da família vão se distanciar dele pelo fato de ser polícia... foi o que aconteceu comigo né... muitos colegas meu que são usuários de droga e tudo, se distanciaram de mim né, pelo o fato deu ser polícia né... sábado de noite agora acabaram de matar mais um né, faz um mês e pouco mataram um lá em Chapecó né, então você não sabe mais quem tá do teu lado (JARDEL).

Ildo afirma ter mudado apenas sua rotina, pois como já era militar, seu comportamento não alterou tanto.

Mudou mais a rotina né, mas de comportamento, eu já vinha do militar, já tinha esse comportamento né, tanto é que ganhei até o apelido de coronel né, que o pessoal botou aqui em mim o apelido por as vezes ser ranzinza e cobrar as coisas, já é o pensamento militar né que tinha (ILDO).

Celso faz uma distinção entre o policial militar e ‘o pessoal aí de fora’. Trata como se fosse ‘dois mundos’ divididos, os militares, ‘aqui de dentro’ e os civis, ‘aí de fora’. Diz ter mudado a sua visão de policial militar, no qual apesar de já ter uma visão por ser do exército, aprendeu mais, principalmente sobre leis. Para ele o que mudou foi a questão de ser policial. A rotina diária afirma não ter mudado, pois eram semelhante no exército.

A visão de policial militar, não só como cidadão, que é uma coisa que eu acho que deveria ter pro pessoal aí de fora, questão de leis né, principalmente a parte de crimes, onde por exemplo, eu mesmo, eu tinha uma noção porque eu era do exército, mas mesmo assim ainda não tinha toda a noção que eu tenho hoje de que que é cometer um crime, o que que não é, a maioria eu acho das pessoas cometem crime sem saber que é crime, entendeu... ou ato infracional, seja qual for... mas um pequeno detalhe ali que ele comete que ele acha tá certo, ou acha que tá errado mas não dá nada, ele tá cometendo um crime, pode ser preso e tudo mais... mudou isso aí, e mais a parte realmente de ser policial né, questão de... eu já tinha antes, sempre cuidava, olhava pra um lado, pro outro, motoqueiro e tudo mais e hoje mais ainda né, então, foi isso aí. Rotina diária não mudou porque quando eu tava no quartel, no meu caso eu entrava de manhã que nem eu entro aqui e saía, só que saía um pouquinho mais cedo, em vez de sair aqui a gente sai seis e meia, saía umas seis horas assim, cinco e meia, seis horas (CELDO).

Júlia diz não ter alterado em nada o seu comportamento. Segundo ela, ‘só altera quem quer’. Alega ter mudado, talvez, psicologicamente, no entanto, diz que se já não tivesse mudada e preparada antes de entrar, não teria permanecido no curso. Trabalhar finais de semana foi o que Júlia diz ter alterado em sua rotina.

Nada... Talvez, psicologicamente, mas eu também digo que se eu não tivesse preparada na época que eu entrei, se eu não tivesse melhor, eu já não teria continuado entendesse... então.... mas assim mudança.... eu sempre fui muito estudiosa com as leis, então não sei mais nada da lei porque tô aqui dentro.... porque eu sempre soube, nunca fui leiga dessa situação.... é, mudou, eu aprendi muita coisa, mas não digo que é mudança, entendeu... deu ter alterado alguma coisa na minha vida por causa da PM, só trabalhar final de semana, foi a única coisa que alterou assim... mas de mudar... comportamento de vida, de nada, não alterou.... não altera... só altera quem quer (JÚLIA).

Jarbas assevera ter mudado muita coisa na sua rotina, principalmente aspectos da vida social, pois não consegue mais parar em casa, dar atenção para amigos e familiares em função da carga horária destinada ao curso. Afirma ter mantido seu preparo físico haja vista já gostar e praticar esportes anteriormente, no entanto, alega ter emagrecido. Percebe que muitas pessoas têm dificuldade com a parte física, algo que não o influenciou, pois já era acostumado a praticá-las.

Ah principio nesses nove meses que a gente tá fazendo o curso aí, mudou muita coisa né, porque não paro em casa, saio de casa cinco horas da manhã e chego em casa sete, oito horas da noite, tô sempre cansado, os meus amigos veem isso, a minha namorada que hoje é minha noiva ela vê isso também, que a gente chega em casa podre, não tem condições nem de... as vezes não é nem porque a gente quer, mas aí acaba infringindo na vida social da gente né, emagreci muito, emagreci seis quilos, o meu preparo físico continua a mesma coisa, porque eu sempre fui uma pessoa que gostava de correr, de malhar, de jogar bola, de surfar, então isso aí pra mim manteve a mesma coisa, eu vejo muita gente com dificuldade, mas a

minha vida nessa parte foi bem tranquilo (JARBAS).

Observa-se com as falas que quando questionados sobre o que a entrada na PM mudou em suas vidas, os alunos soldados relatam ter sido a rotina diária. Discorrem sobre mudanças principalmente em relação à vida social, afastamento de amigos e familiares. Para Strauss (1999) a dedicação a uma causa maior pode exigir o abandono até mesmo de coisas com as quais somos profundamente envolvidos. No caso dos alunos soldados, foi necessário afastar-se de muitas coisas de sua vida anterior em prol desta causa maior, ser policial militar. O cansaço com a rotina intensa no quartel escola também é recorrente. Alegam ainda terem uma postura mais reta, que vai ao encontro das regras que são impostas pela instituição. Somente Júlia afirma não ter tido mudanças consideráveis.

Pode-se perceber influências da estrutura, instituição polícia militar, nas mudanças dos alunos soldados. As regras e valores repassados pela instituição parecem ser inculcadas pelos alunos soldados, trazendo mudanças não só no campo profissional, mas também pessoal e social.

Pressupondo-se que os indivíduos que passaram no concurso para polícia militar adentram a um ‘novo mundo’, como a própria distinção feita por eles – ‘os aqui de dentro’ e os ‘lá de fora’ – questionou-se **o que significava/como foi sair do ‘mundo civil’ e entrar no ‘mundo militar’**.

Apesar de afirmar não perceber mudanças em seu comportamento, Júlia relata que ficou mais atenta e procura agir sempre seguindo a lei, pois segundo ela, a imagem dentro da polícia é fundamental. Discorre sobre um fato ocorrido com um colega para exemplificar esta conduta.

Eu não vejo diferença entendeu, sinceramente eu não vejo, porque eu não mudei meus, sabe.... meu comportamento assim oh e eu assim oh, eu só tô um pouco mais ligada nas coisas, mas atenciosa nas leis, principalmente de trânsito, porque eu gosto muito de trânsito sabe, eu comecei a estudar um pouco mais sobre a segurança pública, mas de comportamento eu não noto assim não.... eu só procuro não estar no mesmo lugar que pessoas que consomem drogas, até esses dias eu fui na casa de um colega meu, bem colega, ele ascendeu um cigarro de maconha e eu entrei no carro e vim

embora entendeu, eu não vou ficar, porque além de tudo ele me peitou, ele me desafiou, ele sabe quem eu sou, quer fumar fuma, mas não na minha frente, ele sabe que eu posso dar voz de prisão pra ele, mas ele quis mostrar que ele não tava fazendo nada, entendeu, que ele é melhor que eu, que eu nunca iria fazer nada contra ele, então, pra eu não ter que prender um colega meu, eu peguei e saí fora, porque eu não quero ser... imagina se alguém tira uma foto o cara fumando baseado e eu do lado dele, entendeu, na festinha e tal, cervejinha, isso tem que se cuidar bastante, mas não é por causa dos outros não, por causa de ti mesmo... eu não quero ficar respondendo coisa, ficar sendo questionada de uma atitude que eu não faço entendeu, sou totalmente contra droga e tal e eu procuro estar... antes eu não procurava não... nunca usei, mas se a pessoa fumasse do meu lado, pode fumar, é tu mesmo quem tá, entendeu... agora eu acho que o padrão é tu se afastar um pouco disso aí sabe, até tenho contato mas não vou mais na casa dele, porque eu falei, deixei bem claro, eu não vou me enrolar por tua culpa, tua causa, mas única coisa, o que realmente mudou foi esse comportamento meu. É, tentar não parecer fora da lei entendeu, tentar parecer estar sempre dentro da lei, porque tu paga muito pela imagem entendeu dentro da polícia, tu paga muuuito, então... uma foto com um cara fumando baseado do meu lado é coisa pra cadeia entendesse (JÚLIA).

Elias faz uma comparação da polícia militar com a empresa privada, no qual é possível demonstrar opinião e fazer críticas na empresa, enquanto na instituição militar o indivíduo não ‘tem voz’, podendo receber inclusive sanções dependendo do que fale.

Bom, voltando pra área de empresa, você tem opinião... se aquilo não tá correto você tem o direito de expor aquilo lá e você as vezes criticar né e é uma coisa que aqui, isso eu tive que me conter um pouco mais... pelo fato de se você for lá e criticar, as vezes você não é bem visto pelo seu comandante... não é... ou é bem visto mas aquela

pessoa as vezes não acata ou não assimila... acredito que tenha um pouco disso né... não todos... você consegue conversar com alguns e trocar ideias e opiniões, mas a questão militarismo ele tá bastante enraizado.... se você criticar você tem que saber da maneira que você fala, porque senão você sofre algum tipo de sanção (ELIAS).

Célio demonstra a ‘dança entre papéis’ assumidos, pois se diz civil, ao mesmo tempo que deve usar uma identidade militar, fato que muda muitas coisas, segundo ele. Afirma mudar a postura neste processo, no entanto, diz que o indivíduo em si, muitas vezes não percebe essas mudanças, ficando a cargo dos amigos ou familiares notarem.

Olha, muda tudo né, porque agora tu é civil, tua identidade é militar né, quando tu for apresentar qualquer... efetuar uma compra e tal, meu RG civil eu deixo até em casa né.... porque como agora a gente só tem que andar com a funcional, é só carteira militar agora, é muda bastante coisa, é... questão de postura, eu até esse final de semana eu falei com uma amiga minha que fazia um mês e pouco que eu não a via e ela ainda comentou com o marido dela assim ‘nossa como o Célio mudou né... ele tá mais sério, tá mais centrado, tá mais’.... não que não fosse responsável, ‘mas tá com ar de mais responsabilidade né’ e isso a gente muda, mas a gente não se nota... e as pessoas que moram, que convivem com a gente, que acabam notando essa mudança né (CÉLIO).

Alcides diz estar numa função agora em que é militar, em consequência, não pode ter determinadas atitudes que um civil teria, pois o peso de julgamento e responsabilidade para o militar é maior.

Não vou dizer que responsabilidade, porque aonde tu tiver tu tem que ter responsabilidade né, não seria essa a palavra certa.. acho que... é só na questão mesmo que eu tô numa função que eu sou militar agora, uma função diferente, uma função que é diferente, eu sou militar, de modo que com o sigilo eu não posso fazer como militar, questão de hierarquia e disciplina né, algumas coisas... tem

que seguir um modelo mais padronizado né. Essa questão de hierarquia, tem muito isso... [...] até o uso da farda, ainda mais quando tu tá fardado, tu tem que ver algumas coisas que... tem coisas que... é o caso da vaquinha²⁴ né, é uma coisa que... até tu fazendo de repente com trajés paisanos, se alguém ver aquilo ali tu sendo militar, tu vai ser julgado por ser militar, é uma coisa que se um civil ele fizer, entre aspas ele não vai ser julgado, ele vai ser julgado até um pouquinho, mas o peso vai ser bem menor do que tu ser um militar né, são coisinhas que, dizem né, nós temos um peso maior que o civil né, temos um código né... é... isso vai da responsabilidade, isso tu vai ter em qualquer profissão né, na verdade, só que algumas atitudes que tu toma ali como civil, não vai poder tomar como militar né, na verdade o indivíduo não tem mais responsabilidade ou menos responsabilidade, são questões as vezes de, como se diz, as regras da sociedade aí... então tem que... não é que tu é militar que tu é a coisa mais importante que de repente outra profissão... cada profissão com suas qualificações né (ALCIDES).

Assim como Alcides, Amarildo discorre sobre comportamentos que antes tinha e que agora como militar não pode ter, pois segundo ele, para cobrar exemplo das pessoas ele tem que dar o exemplo.

Ah pra mim foi bem diferente, foi bem complexo, porque muda toda tua rotina né, varias coisas que tu fazia anteriormente tu deixa de fazer por estar ingressando no serviço militar... é aquela, o carro novo, andava com carro rebaixado, essas coisas, eu sou daquele da política, pô se eu não dou o exemplo eu não posso cobrar o exemplo das pessoas né, então tu tens que andar na linha né... procurar andar na linha porque se hoje aqui dentro que é escola tu não andar na linha, imagina depois lá fora como vai ser né... procurar andar na linha, procurar se policiar também né (AMARILDO).

²⁴ Situação em que policiais militares foram fotografados fazendo fotos não condizentes com a postura militar e divulgadas negativamente na mídia.

Juvenal diz refletir sobre coisas que antes considerava como corretas, ou percebia como errado, mas deixava passar e que agora não tem a mesma visão. Ficou mais exigente e vigilante consigo, para não cometer mais erros.

As vezes eu fico parado, eu fico imaginando isso, porque várias coisas antes que eu considerava como certo, ou sabia que era errado mas deixava passar, ou dava um jeitinho, ou não tava nem aí... hoje eu já fico me polecendo pra não cometer mais esse tipo de erro, não delito, mas eu fiquei mais exigente e mais, fugiu a palavra, mais vigilante comigo assim sabe, nos meus atos, nas minhas atitudes, no meu pensamento, no que eu falo, no que eu não falo, no que eu deixo de fazer, no que eu deixo de falar, isso mudou bastante em mim, bastante, bastante (JUVENAL).

Gerson aborda a complexidade do militarismo, pois a obediência é inquestionável. De acordo com ele, é fundamental aprender os dois ‘s’, ou seja, “sim senhor”. Estes aspectos novamente demarcam o capital social e simbólico por meio da hierarquia e a posição do sujeito no campo. Afirma ser mais difícil principalmente no início do curso, pois as pressões psicológicas para moldar o perfil exigido eram constantes. Por meio dessas pressões, os alunos soldados iam inculcando e incorporando as disposições necessárias para assumir o papel de policial militar.

A parte do militarismo é sempre complicada né porque mesmo tu não... não sendo a tua educação, tu tem que aprender aqueles dois s que eles falam né... sim senhor... mesmo tu achando que tais certo, tendo na tua cabeça que tu tá certo, se falar que é não, é não... tem que abaixar a cabeça e obedecer... mas era o que eu queria fazer, a gente passa por cima de coisas assim né... tem que superar... sempre que tu passa é difícil mesmo, no começo é meio difícil o cara obedecer, as vezes ficava estressado, com vontade de tipo enfrentar, aí tem que controlar e ficar né. No começo eles falavam muito de reprovação, de exclusão... tudo que a gente não podia fazer que ia ser mandado embora, essa era a pressão psicológica né, dentro

de tudo que a gente tem feito, ter sido em vão e perder isso aí né, como ainda tem até agora né, tu pode se formar, como sair fora, nada mudou... só muda que a gente ainda não tá formado, então aquela coisa né... ficar quieto, fica quieto que ainda pode ser mandado embora, essa é a pior pressão... tu ter passado por tudo isso e correr o risco de sair né (GERSON).

Félix afirma ter sido uma mudança grande, pois no meio militar não é possível agir com liberdade, da forma que se quer. É necessário seguir uma hierarquia, ter disciplina e ser obediente às regras e aos superiores.

Significa pra mim uma mudança muito grande... porque no meio civil a gente faz coisas do modo que a gente quer, sem ter superior nenhum te cobrando de nada, tu é livre, leve e solto pra fazer qualquer coisa... mas dentro da legalidade que é uma lei totalmente diferente dentro do meio militar, aqui qualquer coisa que a gente faz é crime militar, a gente recebe processo administrativo e ainda corre o risco de ser excluído da corporação... então isso é o que significa pra mim (FÉLIX).

Cristian diz que o pior do militarismo é ouvir e não poder responder, ou seja, ter que obedecer às regras e ordens sem questionar. Apesar disto, afirma ter sido uma mudança tranquila, pois sempre foi organizado e respeitador.

Pra mim foi tranquilo, porque o que a gente fala com o pessoal, muita gente achou difícil, muita mudança, mas pra mim não, porque eu sempre fui um cara muito organizado, eu sempre, pelo menos, é porque eu sempre fui o oposto do meu irmão... meu irmão sempre foi mais rebelde, mais falastrão, eu não, eu sempre respeitei mais, sempre fui mais quieto, sempre observei mais e pra mim não foi difícil não... chegar aqui e o tenente gritar contigo, ou mandar tu abaixar a orelha, eu abaixo a orelha numa boa, pra mim não tem mistério não... não gosto, óbvio que eu não gosto, mas... e aí esse é o pior né do militarismo, é

tu ouvir e tu não poder responder, é bem complicado, mas... faz parte né... tentar não ouvir né... tentar entrar por um ouvido e sair pelo outro (CRISTIAN).

Para Ian a entrada no ‘mundo militar’ representou uma realização pessoal e estabilidade financeira.

Foi uma realização pessoal, é... uma estabilidade financeira e seria basicamente isso (IAN).

Haroldo traz o respeito em seu discurso e diz ser uma filosofia de vida diferente, pois o indivíduo passa a ver o mundo com outros olhos, ao mesmo passo que o mundo passa a ver com outros olhos também.

Bom, uma filosofia diferente né, por causa que tu vai começar a ver o mundo com outros olhos e o mundo vai te ver com outros olhos, tu vai adquirir muito respeito das pessoas mas em contrapartida tu vai ter que respeitar muito mais ela (HAROLDO).

Jardel faz uma comparação da entrada para o CFSD com a entrada numa faculdade de medicina e diz que o conhecimento, o capital intelectual que se ganha, é enorme. Já tendo inculcado as premissas de obediência às regras e hierarquia, afirma ter aprendido a saber ouvir e que há o momento certo para se falar.

Olha, é a mesma coisa que você entrar numa faculdade de medicina e se formar médico... eu entrei pra uma faculdade que não vou ganhar o diploma, mas ganhei um conhecimento de vida assim da vida civil pra vida militar, o conhecimento que a gente ganha aqui, o aprendizado, é enorme, o aprendizado de tu saber ouvir, a hora que tudo tem o momento de tu falar, tudo isso, acho que vai ficar (JARDEL).

Ildo afirma não ter tido grandes mudanças, pois já era militar e apesar de ter servido há dez anos, o que aprendeu não se esquece, pois ‘entra na veia e no coração’. Este relato demonstra um *habitus militar* já incorporado e cristalizado anteriormente, que é possível de mudanças, mas que no entanto está latente em seu novo aprendizado.

Não teve muito na minha parte né, já tava mais ou menos na parte militar né, mesmo ter tido servido fazia 10 anos, mas muita coisa nunca esquece né... entra na veia né, no coração né (ILDO).

Assim como Ildo, Celso afirma não ter tido dificuldade, pois já era militar e as bases hierarquia e disciplina, já estavam incorporadas. Relata que ao passar pelo processo de socialização militar pela primeira vez, também não teve muita dificuldade, pois já trazia de sua criação esses preceitos incorporados.

Eu era militar né, então... no meu caso eu já era militar, então pra mim... a questão da parte militar pra mim foi bem tranquila, a questão que são a base que são do exército que é hierarquia e disciplina, pra mim foi a mesma, então isso aí não... pra mim foi bem tranquilo assim, até eu achei bem mais fácil do que eu já imaginava né, pensava que seria mais puxado, como era antes, mas é bem tranquilo. [E no caso quando tu entrou no exército, essa entrada pro mundo militar foi muito difícil?] Olha não foi pela, como é que eu vou dizer assim... pela minha criação... ninguém é militar na minha casa, mas por exemplo assim eu tinha horários, eu mesmo me planejava pra isso, tinha horário, tudo tinha horário pra fazer, sempre queria tá certinho, então a parte militar nada mais é que isso né, é tu ter horário, é tu fazer as coisas direitinho, então eu não tive muita dificuldade, sinceramente, quando eu entrei no exército não tive muita dificuldade, eu já tinha o costume de chamar todo mundo na minha casa de senhor né, meu vô, meu pai, sempre atendia por senhor, então na questão de disciplina assim tranquilo, só a hierarquia que é uma coisa normal, que tanto na empresa privada tem né, que daí seria com o chefe, mas aqui no meio militar é por posto e graduação, então pra mim foi tranquilo assim, não teve muita dificuldade (CELDO).

Jarbas também afirma não ter sido difícil passar pelo processo de socialização na polícia militar, pois já era militar e desta forma, já sabia tudo o que aconteceria, ou seja, já estava familiarizado, já tinha

determinadas disposições incorporadas. No entanto, ao contrário de Celso, diz ter sido difícil a primeira vez que passou por este processo de socialização no mundo militar, quando entrou para marinha, pois sua rotina mudou. Tinha que acordar cedo todo dia, recebia ordens a todo momento, devia prestar continência para todos. Segundo Jarbas, entrar para o meio militar torna o indivíduo mais educado, regrado, mesmo sem querer, a pessoa acaba mudando.

Eu já fui militar, então pra mim não foi um baque muito grande não, pra mim foi... eu já sabia tudo o que ia acontecer, marchar, continência, saberia tudo isso aí que aconteceu, saberia que isso aí é o normal que acontece aqui dentro e... mas eu acho que a polícia militar tá muito longe de ser uma força militar, apesar que ela tem um padrão, toda uma hierarquia de disciplina, mas as forças armadas são muito mais rigorosos, muito, muito mais que isso aqui mesmo, tanto é que nas forças armadas, pra ti entrar no quartel tu tem que abrir o teu carro, tu tem que descer do carro, aqui qualquer um entra e sai, aqui tá tendo hino à bandeira, todo mundo entra e sai do quartel, caminha, conversa, lá nas forças armadas fecha o portão, fecha tudo e eu acho que aqui que deveria ser uma força, apesar que a marinha é preparada pra guerra né, mas aqui queira ou não queira é uma guerra né, civil e cidadãos né... e aqui eu vejo muito, muita ingenuidade né, você precisa de várias partes, acho que o militarismo lá das forças armadas são muito melhor do que esse aqui, eles tentam imitar o militarismo mas eles estão longe, muito longe cara... [E quando tu entrou pra marinha foi grande o baque? Quando tu se tornou militar?] ah quando me formei na marinha foi difícil né, acordar todo dia cedo, receber ordem pra acordar, pra dormir, pra arrumar cama, pra fazer barba todo dia, pra... nossa... pra todo mundo que passasse prestar continência, apresentar pra todo mundo, bem mais rigoroso aquela parte da educação né, tu fica uma pessoa mais educada né, queira ou não queira é inconsequente, até um, um, sei lá uma pessoa que tá passando na rua, tu fala senhor, senhora, tu acaba pegando aquilo ali entendeu, que tu aprende né, tu fica bem mais

educado, acho que na parte de educação ali tu fica exemplar, sem querer tu fica... no início foi difícil então. Foi horrível, meu Deus... aí depois aqui já tinha acostumado, aqui eu já sabia já, não tinha mais o que pegar (JARBAS).

Constata-se então, que ‘sair do mundo civil’ e ‘entrar no mundo militar’, significa muitas mudanças, tanto comportamentais, como sociais. Os discursos perpassam pelos preceitos pregados pela polícia militar, sejam eles a hierarquia, disciplina, obediência. Os alunos soldados trazem já inculcados esses preceitos e afirmam ter que mudar sua conduta, pois deverão agir corretamente, de acordo com a lei, pois servirão de exemplo para outras pessoas. Trazem ainda constantemente em suas falas, a distinção entre o ser civil e o ser militar. Observa-se também que os alunos soldados que já haviam passado anteriormente pelo processo de socialização militar, ou seja, já haviam incorporado o *habitus militar*, estando então, já familiarizados com o processo, relatavam não sentir muitas diferenças, pois já estavam ‘neste mundo militar’.

Especificamente no que tange ao **comportamento, também observa-se alguns padrões em relação aos relatos dos alunos.**

Elias atrela as mudanças no seu comportamento a condutas mais corretas e rígidas. Afirma que tenta reprimir ou reeducar indivíduos que agem em desacordo com a conduta social pré-estabelecida.

As principais mudanças no meu comportamento na verdade não mudou muito, mas o que deixa mais voltado é pra ações mais criteriosas... me deixou uma visão mais criteriosa e realista das coisas... porque as vezes você vê uma ação lá e você não quer se envolver e deixa de lado e vai embora... e hoje não... hoje você vê um ato que não condiz ali com a conduta social, você já tenta reprimir aquela pessoa, ou tenta reeducar ela né... de uma maneira... então isso mudou bastante... até em casa também falando com as pessoas, as vezes a gente fica um pouco mais rígido... fora isso não mudou muito não (ELIAS).

Refletindo outras características da vida militar, Célio discorre além da rigidez no comportamento, a preocupação com a pontualidade e a responsabilidade que o novo papel assumido exige.

Olha... realmente questão de horário, tu fica bem mais rigoroso né, ser mais responsável, ser pontual, isso mudou bastante (CÉLIO)

Alcides afirma haver um questionamento maior sobre as ações no que diz respeito a agir fora da lei. O cuidado com as ações passou a ser maior, trazendo inclusive em sua fala, uma distinção entre o indivíduo civil e o militar, no qual ao civil, é permitido cometer desvios de conduta e ao militar não.

A gente tem que se cuidar mais por ser militar, é mais cobrado por exemplo na questão de trânsito né, as vezes vai furar um sinal vermelho ali, tu sabe que dá pra passar, tu sabe que não tá passando ninguém, tu como civil tu passa sabe, tu pega e vai passar, já tu sendo militar tu tem a questão devo ou não, se questiona um pouquinho mais sabe... aquela coisa né, em algumas atitudes... daí tu vai se questionar mais um pouquinho do que se for civil (ALCIDES).

Amarildo relata sobre a responsabilidade e amadurecimento após o curso e que a rotina intensa das aulas o fez ficar mais agressivo e impaciente em determinadas situações.

Eu fiquei uma pessoa um pouco mais agressiva, assim de comportamento, impaciente... e assim a responsabilidade eu acho que aumentou também, por tá naquele de acordar cedo, sabe que tem horários e hoje tu toma uma punição por isso né, se tu não cumprir teus horários e eu acho que a pessoa acaba amadurecendo um pouco mais né, só que com esse estado de tu tá aqui dentro, de tu tá querendo que acabe, tá lidando com várias cabeças diferente, acho que acontece com todo mundo, acho que aumenta um pouco a agressividade, porque a pessoa, por tá ali, hoje se tu ouvir uma coisa e não gostar tu solta o cachorro no cara tá ligado, tá complicado isso, a finaleira aí ficou foda... Eu acho que é o fator psicológico né cara... tu ficar doze horas por dia sentado dentro de uma sala de aula, eu acho meio pesado, o curso acho que focaram muito sala de aula, acho que deveria ser mais práticas, porque acho que isso ia

aliviar um pouco o pessoal, porque senão o pessoal fica muito naquele mundinho ali, pô, é horrível (AMARILDO).

Juvenal diz pensar mais nas consequências dos seus atos e ter deixado de fazer determinadas coisas que fazia antes, como sair muito à noite e brigar, ações relacionadas ao trânsito, bem como se afastou de pessoas que eram envolvidas com substâncias ilícitas. Para ele o ‘peso da farda’ traz mais responsabilidade.

Coisas que eu via os outros fazendo, fumando, ou fazendo isso, ou brigando, ou qualquer outra coisa do gênero que antes eu achava tranquilo, ah não tem problema, deixa fazer... já não curto mais. Coisas que eu fazia antes que eu era muito estourado, vivia saindo na noite e brigando em balada e coisa assim, então isso mudou bastante, inverteu até.... esses tempos teve um tenente que tava comentando com a gente ali pra gente não deixar fazer isso entende. Tipo o major falando, ‘vocês agora, vocês passem a fazer de farda, o que vocês fariam sem farda, não usem a farda para encorajar vocês a fazer’ e parece que comigo foi ao contrário, parece que ela me deixou mais recioso assim, mais cauteloso em fazer as coisas, parece que ela não me engrandeceu assim pra fazer e sim deu mais freio, parecia que antes eu tinha menos limite nas coisas, não tava muito aí pras consequências e hoje acho que ter o peso da farda ela pesou mais, invés daquele sentido contrário que ele falou entende, até de velocidade de trânsito, de dirigir rápido, xingar um, xingar outro, brigar aqui, ter tipos de amizades que ah o cara vende droga, tranquilo, não tem problema e tal... ah o fulano faz isso, beleza é a vida dele, aí eu já procurei a me afastar disso entende, não vou entregar, não vou fazer nada porque eu não acho certo ser também, como é que é a expressão... ficar entregando pessoas que tu pegou a confiança dela, tu teve algum tipo de privilégio naquele dado momento, tava compactando junto ali, não tava fazendo mas tava compactando junto, sabia que ele traficava, sabia que ele vendia drogas, sabia que sei lá, ele fazia qualquer outro tipo de atitude

que é considerada criminosa, não vou prejudicar, mas pelo menos me afastei da situação, não consigo mais... minha cabeça mudou muito nesse sentido assim, deu uma travada boa (JUVENAL).

Gerson alega estar mais estressado no início do curso, no entanto amadureceu e passou a ter mais disciplina e respeito. Afirma ter mudado sua capacidade de resolver problemas, pois anteriormente tinha vergonha de falar e atualmente, quando necessário, precisa falar e resolver as coisas.

No começo do curso eu tava mais estressado... agora no final já voltou ao normal e um pouco mais amadurecido... [Mas o que que mudou assim no teu comportamento?] Disciplina, parte do físico da gente, que eu falei que eu não gostava de fazer, respeito com as pessoas, o jeito de falar, antes tinha vergonha de falar... se a gente tiver que fazer alguma coisa a gente que vai ter que resolver, mudou a capacidade de resolver problemas, de ser o líder né... ensina mais ou menos isso, na hora de alguma coisa ruim tu ter que esquecer de tudo, ser líder e resolver o problema né, essa parte aí mudou bastante porque antes eu não fazia isso... acho que a parte do comportamento né (GERSON).

Félix diz que no curso aprendem a não cometer deslizes, fato que não é propiciado pelo 'mundo civil'. Diz saber separar bem o Félix policial militar e o Félix civil, no entanto, demonstra em seu relato que os papéis se confundem, quando afirma que apesar de 'lá fora' ser o Fê, é necessário ter cautela ao agir, pois é visto por todo mundo como policial militar, tendo que dar o exemplo.

Olha, a minha principal mudança mesmo foi no comportamento, porque aqui a gente aprende um pouco a apertar a rédea e se segurar um pouco a não cometer alguns deslizes, o que no mundo civil isso já não proporciona, a gente vai e as vezes não tem limite, por exemplo, aqui a gente sabe que tá no meio de superior, numa confraternização, a gente pode tomar cerveja, mas ao mesmo tempo a gente tem que segurar porque qualquer coisa que a gente fala as vezes ele pode trazer pro lado militar

e não deixa de configurar alguma coisa, isso foi a principal mudança, porque o restante... eu tento separar muito aqui dentro do quartel e minha vida lá fora... aqui dentro eu sou o Félix soldado e lá fora eu sou o Fê como é conhecido por todos os meus amigos.... então lá eu sou outra pessoa totalmente diferente disso tudo que tem aqui, eu sei separar bem isso... mas óbvio que lá eu tenho a cautela de ser o soldado Félix pra não cometer cagada, porque eu tô sendo visto por todo mundo como policial militar, então eu tenho que dar o exemplo praquelas pessoas, mas lá eu sou o Fê normal, conversa comigo normal e aqui eu sou o soldado Félix. [E o que que muda assim na postura do soldado Félix e do Fê?] Ah, o extrovertimento, aqui a gente tem que se segurar um pouco a fazer algumas brincadeiras que lá no meio entre os amigos a gente pode fazer livremente, que aqui a gente não pode falar alguma coisa que lá a gente pode falar (FÉLIX).

Cristian diz que apesar das pressões sofridas durante o curso, se tornou mais calmo em suas ações.

Ah fiquei bem mais calmo, bem mais calmo, bem mais calmo, eu era pô, qualquer coisa já berrava e qualquer coisa já xingava, discutia muito, agora muita coisa eu, respira, relaxa, esquece, fingi que não tá ali, mas eu fiquei bem mais calmo, o normal era ficar agitado né, porque é tanta pressão, as vezes tem tanta pressão, mas eu não... eu tento.. as vezes eu estouro, várias vezes eu já estourei em sala de aula, mas eu tento ficar cada vez mais calmo e consigo, antes eu não conseguia não (CRISTIAN).

Ian relata ter ficado mais observador, rígido e seguro em suas decisões. Bem como passou a ter horários rígidos a serem cumpridos.

Seria os horários né, horário pra chegar, horário pra sair, mais observador, mais do que antes né e um pouco mais rígido e seguro... Seguro em relação a essa rigidez, se eu tenho que tomar uma decisão eu vou lá e tomo com ela firme e antes

não, talvez eu ficaria assim né... hoje eu me imponho mais também (IAN).

Haroldo afirma ter ficado mais sério e responsável e diz não aceitar mais determinados tipos de brincadeira.

Sou um pouco mais sério sabe, já não consigo achar tanta graça nas bobagens que os outros falam sabe, eu não consigo admitir certas brincadeiras que antes era normal, basicamente sabe o que eu mudei assim... olha foi muita coisa... a minha cabeça, as minhas responsabilidades (HAROLDO).

Jardel diz não confiar mais em qualquer pessoa, a ter mais cuidado na rua e a não frequentar mais lugares que frequentava antes, como casa de shows, por exemplo.

Não confio mais em qualquer um, muitos lugares que eu frequentava não frequento mais e eu saio na rua, não sei cara, você sai se cuidando... [Que lugares assim por exemplo que tu frequentava que tu não frequenta?] Assim, muita casa de show, baile, essas coisas, eu ía, hoje eu não vou mais (JARDEL).

A principal mudança observada por Ildo foi a paciência.

O freio né, a calma, não estourar fácil... se segurar né... paciência (ILDO).

Celso afirma ter ficado mais atento aos atos delituosos cometidos por outras pessoas e acredita que esta seja uma característica comum a todos os policiais.

Comportamento... tá mais ligado em algum ato delituoso que alguém venha cometer, mas isso aí faz parte agora, acho que normal assim né, de todo mundo (CELDO).

Jarbas diz ter mudado seu comportamento em função da pressão psicológica imposta pelos instrutores durante o curso. A cobrança por

uma postura reta, fez com que deixasse de cometer alguns atos que iam contra as regras civis.

As mudanças maiores que aconteceram em mim foi dessa parte mesmo do como a gente vai cobrar né... quando a gente vai cobrar estacionamento, cinto de segurança, não a parte criminal porque eu nunca fui muito envolvido com isso aí, mas as partes assim que é cobrada de sinalização de trânsito e outras regras civis eu me adaptei mais né, antigamente eu ah vou fazer uma curva aqui contrária mesmo, mesma coisa que qualquer cidadão né, vou estacionar na calçada, é rapidinho, hoje isso aí eu já evito, meu Deus, 99%.... só num caso muito extremo que eu posso fazer, mas fora isso eu... é que como eles passam pra gente, eles acabam passando aquele temor, hoje vocês são policiais militares, então queira ou não queira imagina a nossa cara aparecendo no jornal nacional, ah o policial militar, treinado pela polícia faz isso, pô, sabe... dá um baque assim, eu não quero isso pra mim né, daí eu acabo me corrigindo a respeito disso (JARBAS).

Essas **mudanças** relatadas pelos alunos soldados também são **percebidas por seus familiares**, segundo eles. As principais mudanças observadas pelos familiares dos alunos soldados de acordo com a percepção deles, diz respeito a terem ficado mais sérios, rígidos com as regras, cautelosos, observadores, disciplinados, centrados e pontuais. Muitas vezes exemplificam essas mudanças relacionando com ações ligadas ao trânsito, como não avançar sinal vermelho, não beber e dirigir, não parar em local proibido, dentre outros. Os familiares e amigos percebem ainda terem ficado mais ausentes de casa e do convívio social e impacientes, fato este justificado pelos alunos soldados devido ao cansaço decorrente da rotina intensa do CFSD e às escalas de serviço à cumprir. Os relatos a seguir demonstram essas percepções.

Sim, sim, sim, sim.... a questão de estar mais centrado né, ser mais serio, mais observador (CÉLIO).

Uma das reclamações é a impaciência né, fiquei um pouco mais impaciente, de não ter mais tempo

também, uma pessoa mais ausente né, tu chega cansado, tu não quer papo (AMARILDO).

[...] Esse lance também de ah vamos pra balada, beber e dirigir, já não aceito mais isso, antes eu fazia, saía, bebia e dirigia, hoje se eu for sair e beber alguém vai ter que levar o meu carro. [...] E menos paciência em casa em virtude do curso, porque tu fica com uma sobrecarga emocional enorme, então as vezes qualquer coisinha em casa tu acaba estourando (JUVENAL).

Chego em casa sempre cansado, por causa da rotina que eu tô aqui, tava mudando né, o corpo não tava aguentando (GERSON).

Alguns notaram bastante mudança... que eu chego em casa bem sério, explicando as coisas que funcionam desse modo e funcionam desse e eu não posso fazer isso e não posso fazer aquilo, alguns ainda me criticam, me chamam de chato, ‘ah tais um velho, não podes fazer nada’ (FÉLIX).

Que eu tô mais sério, que antigamente eu era uma pessoa mais brincalhão, mais extrovertida, mas como eu falei, como hoje eu sou policial militar eu tenho medo de ser interpretado de outra forma entendeu, oh, como é que um policial militar faz isso... e manchar a corporação por minha causa entendeu, aí eu acabo me resguardando mais, eu mudei muito... hoje eu me corrijo né... [...] a gente sabe que lá fora as outras pessoas estão vendo a gente de outra maneira né (JARBAS).

As mudanças no trajeto da ‘vida civil’ para a ‘vida militar’ foram constatadas por todos os alunos soldados. Segundo Strauss (1999) à medida em que se avança nos conhecimentos, os conceitos anteriores são substituídos sistematicamente por outros cada vez mais complexos. À medida que as classificações mais novas são apreendidas, as mais velhas são revistas, qualificadas ou mesmo descartadas da memória. Essas mudanças no nível conceitual, então, implicam mudanças no comportamento.

Percebe-se que há nas falas dos alunos soldados, uma relação entre o que é prescrito e exigido pela corporação e as mudanças

relatadas. Constatase a influencia da estrutura militar no processo de socialização desses indivíduos, em que o processo de incorporação do *habitus militar*, está atrelado aos conhecimentos repassados e as práticas exercidas, o que vai ao encontro dos componentes cognitivo, conativo e afetivo do *habitus* apresentado por Wacquant (2013; 2014). Os instrutores enfatizam as regras estabelecidas nas normas e manuais e os alunos soldados as inculcam como sendo a forma correta de agir. No entanto, vale ressaltar conforme afirma Strauss (1999) que as continuidades da experiência pessoal estão relacionadas sistematicamente com as fornecidas pela estrutura social, porém não são asseguradas por ela, ou seja, podem sofrer alterações no decorrer de novas interações.

5.4.1 O ANTES E O DEPOIS: A VISÃO SOBRE A POLÍCIA MILITAR

Partindo-se do pressuposto que os indivíduos que passaram no concurso para Polícia Militar adentrarão a um novo mundo, buscou-se investigar qual era a visão dos mesmos sobre a Polícia Militar, estando eles agora, ‘do lado de lá’. Questionou-se sobre **a visão a respeito da Polícia Militar antes e depois de entrar para corporação**. A maioria dos alunos soldados afirma ter mudado sua visão sobre a Polícia Militar após entrar para corporação.

Elias, Juvenal, Ildo, Celso e Félix discorrem principalmente sobre a postura e papel do policial militar frente à sociedade.

Mudou totalmente... não só comigo, acredito que seja com a maioria, pelo fato de que ninguém quer ser reprimido no trânsito, ninguém quer ser autuado, ninguém quer ser chamado atenção... então isso antes de entrar na polícia eu pensava assim, ah PM, não sei o que, pé de porco, então, era um pouco mal visto pela sociedade pelo fato de ser reprimido, ser autuado, essas coisas assim... e ter alguns abusos de alguns policiais... então isso a sociedade reprime né, e isso mudou quando eu entrei... eu disse pô, aquele exemplo de que aquele policial fez eu vou procurar não fazer, pelo o fato de não ser visto como um... e o problema é que é uma corporação né... um faz todo mundo leva a fama... mas agora enxergo com outros olhos... que a polícia tá aí é pra ajudar, que é pra tentar salvar vidas e assim por diante (ELIAS).

Mudou completamente, eu achava que polícia era sempre filho da puta, tava sempre errado, tava sempre agindo errado, eram tudo truculento, eram tudo agindo sem técnica, sempre falava mal da polícia e hoje eu passei a enxergar com outros olhos, com outra maneira, de como é importante pra sociedade, de como atende a ocorrência, de como resolve fato, acho que deveria ser até mais atuante do que é, que realmente a polícia demonstrou n vezes de que quando um masculino ele comete um crime, comete um delito, alguma coisa, quando a polícia quer prender ela vai lá e prende, se for contra um policial, se for contra alguém assim vai lá e consegue achar, então... mudou bastante, completamente, é uma profissão que de repente eu não valorizava quanto eu tô passando a valorizar hoje, o quão importante é pra sociedade ter uma polícia bem preparada (JUVENAL).

Pô eu achava que não tinha tanta teoria, que era mais prática, eu achava que era como todo mundo conhece né, tu entra lá, ganha um pedaço de pau, te ensinam a bater a vai pra rua... não sabia que tinha tanta teoria, tanta legislação assim, tanta lei... então é isso que mudou... achava que era mais prático, não tão teórico né e entrando aqui vi que é bem intelectual mesmo... é bem diferente do que todo mundo conhece da polícia né... Melhorou bastante minha visão (ILDO).

Minha visão mudou... é... entrando eu não achava que era tão organizado como eu vejo hoje.. entrando na polícia militar eu vejo que é bem organizado, como eu não via isso antes né, antes eu achava que polícia era só pra, como é que eu vou te explicar, era só repressão... antes eu achava que polícia era só repressão e hoje eu vejo que além da repressão ela é preservação e pra mim que é o objetivo principal é a preservação (CELSO).

Olha, antes deu entrar eu pensei que a polícia era só aquelas técnicas policial, em soltar o sarrafo na população, o lado bem ditador.... eu pensei que era

assim, que ia entrar aqui só pra aprender tiro e mais nada e depois que eu entrei a gente vê que é muito diferente, a gente tem que agir plenamente com a técnica e não fazer nada daquilo que a gente pensava na vida civil... mudou muito a minha concepção... a gente olha lá de fora como civil, a gente não entende o processo que é aqui dentro e hoje eu entendo tudo o que eu não via na vida civil e que muitas pessoas me perguntam e eu tento explicar pra elas, ah não funciona desse jeito, funciona assim (FÉLIX).

Alcides afirma que não tinha muitos conhecimentos sobre o que era a instituição Polícia Militar e pensava que o papel do policial resumia-se a atender e resolver uma ocorrência. Segundo Alcides, agora ele pode ter uma visão estando do outro lado, ou seja, do lado de dentro da corporação.

Ah não tinha muito conhecimento assim do que que era a instituição né, [...] se tu perguntar pra um civil no modo geral ele vai dizer que polícia pra ele é aquele que vai ali pra resolver a ocorrência e pronto, isso é a polícia, vai só pra resolver a ocorrência e pronto, mas tem toda a instituição, tem uma hierarquização, todos os planejamentos, daí entrando tu vai vendo, daí tu olha desses olhos diferentes né, eu lia uns livros ai de segurança pública e coisa de literatura marginal, daí então eu já tinha uma visão da polícia, não tinha aquela visão da polícia que a polícia era só ruim, que vinha e matava e tal... aquele pensamento né que tinha que agir, que faltava muitos recursos, que é muita corrupção, que tem mal salários, mas também de ver melhor, como é que é essa hierarquia, essa instituição, como que funciona tudo hierárquico, como acontece mesmo... é uma visão diferente... muda... não completamente, mas muda um bocado, as vezes a gente não sabe né, a gente só olha né por um lado, mas... por isso que eu digo, eu tando aqui já olho pro lado de dentro entendeu, de dentro pra fora, lá tu olha de fora pra dentro, agora tu aqui tu consegue olhar além de fora pra dentro, de dentro

pra fora né, dos dois lados, então essa aí é a mudança (ALCIDES).

Assim como Ildo, Gerson destaca o desenvolvimento intelectual exigido no curso. Gerson acredita ainda que a polícia militar continua a mesma coisa de tempos remotos, no entanto, afirma que com o novo perfil exigido para ingresso na corporação, mudanças começam a acontecer.

Minha visão da polícia mudou... pensei que a academia seria correr, pagar apoio e aprender a atirar e eu vi que pra tá aqui dentro não adianta ter isso, tu tem que ser inteligente e estudar. A polícia militar acho que tá a mesma coisa... daqui uns anos pode ser que mude, tá mudando a visão de quem tá entrando né, mas agora continua a mesma coisa, porque tá no começo dessa mudança né (GERSON).

Amarildo, assim como outros alunos soldados, diz que há um senso comum de não se gostar de polícia, sendo que essa, também era sua visão. Entretanto, diz ter mudado seu ponto de vista, percebendo que a instituição é pautada no respeito.

Mudou, mudou.... minha visão era aquela, eu tinha visão assim oh... muito pelos costumes né, que tu chega aqui o militarismo é completamente diferente, é respeito, é tudo sim senhor, não senhor e muda aquela forma de pensamento né, que tu entra com um pensamento e chega no final do curso já tais completamente modificado né, tua cabeça... [Em que sentido?] Eu acho que pra melhor né, modo de lidar com as pessoas, porque antes, normalmente o cara quando tá fora o cara não gosta muito de polícia, isso aí é normal, então tu entra, tu começa a mudar essa cabeça né, tu começa a ver que hoje o bicho não é assim, não funciona assim né, hoje a gente é treinado pra se dar bem com as pessoas, não pra fazer o mal né (AMARILDO).

Cristian partilha da ideia de Amarildo que a maioria da população civil não gosta de policial e diz que atualmente, consegue compreender determinadas atitudes que não compreendia enquanto era civil.

Mudou muito, mudou muito... muiiiito, muiiiiiito, eu nunca fui muito fã de policial, acho que como muita gente que a gente escuta na rua, ah polícia só quer dar dinheiro pro Estado, polícia só quer dar multa na gente, polícia a gente liga eles não vem, acho que eu pensava bastante assim, agora não... pô a gente tá aqui dentro a gente tá vendo que não é assim né, pô se não foi é porque não tem viatura, porque não tem gente pra ir, mas o cara quer ir, o cara quer ajudar, por isso que eu acho bom colocar o pessoal novo pra rua, que ainda tá com essa vontade de trabalhar, senão botam uns cara antigão lá, ah não tão nem aí, acabam atrasando serviço, mas eu acho que a minha visão mudou bastante essa questão de como que eu via a polícia né, hoje eu vejo pô... tento os erros não ver, tento as coisas ruins não ver, mas ah... mudou muito, mudou muito, muito (CRISTIAN).

Ian, enquanto civil, apesar da vontade de ser militar não tinha uma visão positiva sobre a polícia, principalmente em função de notícias apresentadas pela mídia. Enxergava também o policial militar como um supe-herói, visão esta modificada após sua entrada. O aluno soldado discorre ainda sobre algumas situações corriqueiras que considera cultural no meio militar.

Eu como pessoa lá, como civil, como empresário, eu sempre tive um preconceito assim, no fundo no fundo eu queria ser militar, mas eu sempre tive um pouco de preconceito, pelas notícias que eram trazidas pra minha pessoa por exemplo... ah o policial fez coisa errada, ah o policial foi corrupto... [...] nossa eles são meio superiores assim, deve ser legal ser um policial né e quando eu vim pra cá, eu me deparei de uma outra realidade, e se o policial faz coisa errada tem que ser desligado, tchau é bandido amigo, vaza, some, não tá satisfeito com o salário? Adeus... hoje, eu vejo que os policiais que iam lá na padaria pegar um pão que eu ficava indignado, as vezes tá almoçando no restaurante os policiais pararem lá, descerem e pegar um marmitex, eu ficava

indignado com isso, porque os caras recebem um salário, os caras trabalham e ficam ali meio que pedindo esmola ali entendeu, eu achava isso horrível, só que hoje eu vejo que isso é cultural, ontem eu fui na padaria, eu tava fardado, a mulher me deu 20% de desconto, ah deu nove e pouco, ah não, mas você tem desconto, 20%... sete e pouco.... mas tipo assim porque que tem desconto? Pra que? Eu sou um funcionário, então eles tão me dando aquele desconto pra mim ir lá na padaria de vez enquanto, pra o povo vê que ele tem segurança... tá errado, tá errado... então eu vejo hoje, isso é meio cultural entendeu, tanto na minha região como aqui, ah o policial militar, tadinho, vou dar um desconto pra ele mas aí ele vai fazer a minha segurança e isso já tá embutido até dentro da academia, ah vou fazer um biquinho.... não... tá errado, você é policial militar, agente de segurança pública, você tem que receber bem, senão você vai ser corrupto, você vai ser ladrão e o cara que é policial pra ele virar bandido é facinho, é fácil, tá assim oh... a polícia e o bandido tá aqui assim oh... esses mulequinhos aí agora pra virar bandido tá fácil entendeu, fácil... então é muito complicado isso aí, então acho que tinha que dar mais assistência, a psicóloga conversar com todo mundo durante o curso, o cara não ter perfil ser excluído mesmo entendeu, viu a coisa errada, o cara não tem perfil, manda embora, aí eu acho que as coisas vão começar a funcionar, então a visão que eu tinha era essa assim, do policial super homem, que na verdade ele não é super homem porra nenhuma, na verdade hoje eu me vejo com muito mais responsabilidade e obrigação, usando a farda e armado quando for o caso né, eu achei que eu ia aprender aqui na academia que eu podia fazer um monte de coisas e na verdade eu aprendi que eu não posso fazer nada, porque senão eu sou penalizado, policial não pode fazer nada, nada, senão ele é penalizado, então essa foi a contradição assim, as coisas que eu realmente aprendi (IAN).

Haroldo destaca aspectos positivos e negativos em relação às mudanças na sua visão sobre a Polícia Militar.

Eu tinha uma admiração gigantesca pela, pelo símbolo PM sabe, pelo símbolo policial militar, agora que a gente vê muita coisa diferente sabe, ainda continuo sendo admirador dessa profissão, só que com outros olhos assim sabe, a estrutura da PM no caso, até aonde tu pode ir, eu por exemplo não sabia o que era praça, não sabia da onde começava o oficialato, não sabia esse tipo de coisa, agora eu sei até aonde eu posso ir, continua a mesma admiração, mas com outros olhos, em alguns aspectos positivos e em outros aspectos negativos... [por exemplos os aspectos positivos e os aspectos negativos...] ah os aspectos positivos assim é que tu tem uma carreira pela frente sabe, tu tem uns colegas bons que te ajudam, que querem te ajudar crescer, mas daí tu tem pessoas que não se importam tipo, tem oficiais que não se importam contigo, pra ele não vai fazer diferença, que nem a gente tava conversando esses dias em relação à um PAD que eu tô respondendo, que era de um plágio e esse plágio poderia ensinar numa exclusão e o tenente falou aquilo ali sabe, tão assim tá tu pode vir a ser excluído, é tão simples pra ele vim e excluir uma pessoa sabe, ele não sabe que ele mexe com uma estrutura familiar, com o sonho de uma pessoa, com o futuro de uma família, amanhã a vida dele continua, vai ser só um papel que vai sair de uma gaveta e vai entrar pra outra, mas ele não sabe que ele mexe com toda uma estrutura sabe... claro, não são todos, mas essa forma de não se importar com outras pessoas é decepcionante, não passa isso pela cabeça dele, então ele vai tomar aquela decisãozinha dele ali e amanhã o mundo segue sabe, eles não se põe no lugar (HAROLDO).

Jardel discorre principalmente sobre a distinção que há na polícia entre praças e oficiais.

Mudou completamente a minha visão.... antes eu tinha aquela visão do policial militar como a sociedade tem né... que vê homem fardado na rua é policial militar... e já aqui dentro tu vê a divisão da polícia... mas é uma pena, mas... Eu via uma

polícia militar antes de uma pessoa que defendia a sociedade... hoje já não... eu vi que é totalmente diferente, é complicado tu ser policial militar... é muito complicado tu ser policial militar.... porque hoje tu entra aqui dentro da instituição e tu vê essa divisão né, tu sai na rua, tu prende alguém, o cara sai antes que tu da delegacia... como aconteceu sexta-feira a noite... pegaram um cara que ia meter um assalto, iam ameaçar, botar uma arma na cabeça de alguém, chega na delegacia soltam antes do policial, antes do pessoal assinar... enquanto os polícia tão preenchendo os documentos lá, o cara já tava em casa... e dá uma coisa errada nesses preenchimentos de documento aí, quem vai pagar? Alguém tem que pagar por isso... e é o polícia... aí tu vai responder pro juiz, vai responder pro promotor, vai responder inquérito da polícia, então... eu tenho outra visão... eu entrei com um sonho, meu sonho era ser polícia, ser militar, surgiu a oportunidade na polícia eu vim, mas hoje eu tenho outra visão... por isso que se eu tiver um filho, se ele entrar que ele entre por lá [oficiais]... que por cá ele não... se ele quiser entrar, beleza, mas eu vou fazer o possível pra ele não entrar, entrar pro lado de lá... pra mim polícia militar tinha que ser carreira única... quer ser coronel, que vai começar como soldado... e concurso interno... que aí incentivou o policial militar a estudar, ia ter um incentivo a mais porque o policial ia pra rua acreditando que ia chegar lá... [Tua visão ficou mais pessimista então?] é... ficou muito... [Destruiu o sonho?] Ah não... o sonho não destruiu, mas o pensamento já de algumas visões eu já mudei... eu sou muito feliz no que eu faço... a gente fala, assim, tudo e tal, mas... é, eu acho que é muito difícil tirar essa farda daqui cara... a partir do momento que tu bota essa farda cara, já é... (JARDEL).

Júlia é a única aluna soldado que diz não ter mudado a sua visão sobre a polícia e afirma que apesar de ser uma instituição boa, ainda está ‘parada no tempo’.

Não mudou... eu sabia que era retrograda, concordo ainda que a gente tá embasado em

princípios de 1835, já deveria ter mudado entendeu e não muda, só isso... Sargento Juca que o diga né, ‘senhores vocês passaram, a polícia militar não passará’, entendeu... tá parada no tempo pra caramba.... tá parada muito no tempo, mas é boa, não é ruim não... mas parou no tempo (JÚLIA).

O Tenente-Coronel (Ten. Cel.) Couto, que já está na Polícia Militar há 32 anos, diz que a mesma já passou por um processo de evolução.

É, ela evoluiu muito né. Quando eu entrei ainda tinha um resquício de uma polícia, ou de alguns policiais arbitrários, posso dizer uma polícia arbitrária. Hoje esse número é bem menor né. Mas eu acho que aqui na América Latina, na América de um modo geral, é um modelo que tem historicamente né, faz parte da vida das pessoas, talvez ainda não estejamos preparado para ter uma polícia não militar. [...] Porque pela pratica né, a polícia pelas suas missões ela, primeiro que a sua organização, baseada na hierarquia, na disciplina militar, ela tem um desempenho no meu entendimento melhor, pela sua organização interna e isso acaba influenciando também no serviço que ela presta à sociedade, na sua forma, a sua farda, traz essa segurança e as vezes até a sensação de segurança é aumentada quando você vê um policial militar ali fardado (TEN. CEL. COUTO).

Constata-se que para a maioria dos alunos soldados a visão sobre a Polícia Militar mudou. Principalmente no que diz respeito à postura desses policiais. Antes de entrar, tinham uma visão, que segundo eles é de senso comum, de policiais corruptos, arbitrários, ‘truculentos’, que só sabiam fazer repressão e ‘descer o sarrafo’ na população. No entanto, após a entrada para Polícia, percebem que há um grande desenvolvimento intelectual, com técnicas, normas e leis que precisam ser aplicadas. Percebe-se com isso, que valores incutidos no processo de socialização no CFSD, tais como serem pessoas de bem, com caráter ilibado e postura ética, são absorvidos pelos alunos soldados, fazendo com que suas visões sobre a corporação se modifiquem ou mesmo sejam

‘mascaradas’ por esses novos valores. Como afirma Cristian, apesar de ter mudado sua visão de como via a polícia, hoje tenta pelo menos não ver os erros e as coisas ruins. A condição moral daqueles que irão em breve cobrar uma conduta reta da população, é fortemente exigido e transparece, inclusive, na propaganda que a Polícia Militar faz a seu respeito. Encontramos por exemplo no site, em banners, folhetos, discursos em solenidades, o lema da Instituição PMSC: “Segurança: Por pessoas do bem, para o bem das pessoas”.

5.5 O POLICIAL MILITAR E A PSICOLOGIA

O equilíbrio psicológico do policial militar é essencial para sua atuação. Antes mesmo de ingressarem no CFSD, uma das etapas da seleção é o Exame de Avaliação Psicológica. De acordo com o item 11.1 do Edital nº 008/CESIEP/2011 este exame é realizado mediante o emprego de um conjunto de procedimentos científicos que permitam a identificação de aspectos psicológicos dos candidatos, para fins de prognóstico do desempenho das atividades relativas ao perfil profissiográfico do cargo pretendido. Já o item 11.4. do mesmo discorre que os aspectos psicológicos avaliados deverão indicar os candidatos que possuem características intelectivas, cognitivas e de personalidade compatíveis com a multiplicidade de atribuições do cargo para o qual se inscreveram, e contra-indicar aqueles que apresentam características psicológicas incompatíveis para as atribuições do cargo a que concorrem. É analisado ainda aspectos psicológicos de capacidade de concentração e atenção, raciocínio, memória, fluência verbal, julgamento e percepção. Para serem considerados aptos, os candidatos devem possuir atributos de personalidade adequados ao perfil profissiográfico do cargo pretendido.

O perfil profissiográfico exigido na avaliação psicológica, publicado no Diário Oficial do Estado nº. 18.080, de 09 de março de 2007, é extenso e requer que o aluno soldado possua diversas características, conforme anexo f (EDITAL Nº 008/CESIEP/2011).

Cada item exposto no edital possui uma dimensão e os níveis variam de elevado a ausente. O nível elevado significa que está muito acima dos níveis medianos, o adequado, dentro dos níveis medianos, o baixo, abaixo dos níveis medianos e o ausente, não apresenta a característica (EDITAL Nº 008/CESIEP/2011). Para cada características, há um nível ideal almejado.

Por meio destas características, é possível perceber a importância dos aspectos psicológicos para investidura no cargo, bem como para a

atuação de policial militar. As exigências são diversas, sendo necessário que o pretendente ao cargo de policial militar possua um perfil adequado ao enfrentamento das difíceis situações que poderá vir passar no dia a dia de trabalho. Portanto, tanto o corpo, como a mente do indivíduo, deverão estar em perfeitas condições para o exercício da função. A partir dessas exigências para o ingresso no CFSD, buscou-se identificar de acordo com a percepção dos alunos soldados, **qual a importância dos aspectos psicológicos para atuação do Policial Militar**. Todos os alunos soldados acreditam que o fator psicológico é fundamental para atuação profissional do policial militar.

Elias discorre sobre a importância do equilíbrio psicológico, pois o policial militar irá se deparar com situações difíceis no seu dia a dia, como por exemplo troca de tiros ou acidentes de trânsito graves.

Acho que tem que ter o psicológico bem centrado, a pessoa ela tem que tá muito bem centrada, porque as condições que a gente vai enfrentar, seja num trânsito ou seja numa troca de tiro, a pessoa tem que tá bem psicológica, pelo fato que você não ser mais uma vítima né, ou no caso no trânsito se você pega uma pessoa que está em condições presa em ferragem por exemplo, ou numa queda, numa fratura, se você não puder e não tiver condições de ajudar aquela pessoa e se você não tem condições de ter um psicológico, ir lá e ajudar, porque você tem que fazer de alguma forma, ajudar por detrás disso né...de uma outra forma... ou no acionamento de um rádio ou no trânsito... então a pessoa tem que tá bem no psicológico sim... bem psicologicamente (ELIAS).

Para Alcides, uma alteração na condição psicologia pode fazer por exemplo uma ocorrência policial evoluir de simples para grave.

Ah fundamental, é importantíssimo, se tu não tiver bem psicologicamente, tu vai tá mal... e tu precisa tá bem, se tu vai atender com problemas dos outros, tem que tá bem pra atender as ocorrências, tu vai lidar com outras pessoas, várias coisas que teu psicológico tem que tá sabe... imagina, tu vai numa ocorrência, tu vai tá mais estressado que as pessoas, tu vai evoluir aquela ocorrência, com uma coisa que tu podia sanar ali só com uma

conversa rápida, já chega estressado, tá com o teu psicológico abalado, realmente a primeira causa aí do psicológico é dar o estresse né, mas... tu já chega nervoso na ocorrência, já gritando, também uma coisa que não precisava e todo mundo se estressa, já vai ter que recorrer de repente a arma que as vezes tu não precisava nem tirar, aí de repente já dá um tiro, já mata um, olha a evolução que tu vai fazer numa ocorrência por motivos de estar estressado, então o teu psicológico é fundamental né, é questão de qualidade de vida (ALCIDES).

Amarildo, que passou por problemas psicológicos durante o curso ao desmaiar em sala de aula enquanto assistia um vídeo de maus-tratos, afirma ser o psicológico ainda mais importante do que os aspectos físicos. Coloca ainda o policial militar em um papel diferenciado perante ‘uma pessoa normal’.

O psicológico hoje pra quem tá na PM aí ele vulga mais que tu tá bem fisicamente, porque se tu não tais bem psicologicamente, o psicológico ele te derruba né... o psicológico é complicado... eu acho que deveria ter um apoio psicológico maior aí, questões policiais aí... porque eu acho que hoje acontece muita coisa ruim aí devido a essa falta de apoio né, porque a gente é ser humano também né, a gente não deixa de ser uma pessoa normal e a gente acaba tendo que passar por situações aí que uma pessoa normal não passaria, então eu acho que o fator psicológico envolve muito eu tive problemas aqui né, oh, daquele jeito que eu fiquei ali, jamais, nunca tinha acontecido, foi totalmente psicológico aquilo ali... totalmente psicológico... [E o que que tu acha que te ajudou a superar?] É tu conversar com uma pessoa que entende... [Ou tu acha que tu ainda não superou?] Assim, superar a gente vai superando a cada dia, o que eu acho importante, é tu conversar com a pessoa que entende, porque tu sempre acha que tá ficando maluco no início, pô cara, tô ficando maluco, mas é... quando tu começa a conversar com uma pessoa que entende tu começa a ver que aquilo ali é normal tais entendendo (AMARILDO).

Juvenal discorre sobre o aluno soldado que abandonou o pelotão no início do curso por problemas psicológicos e acredita que o indivíduo que não possui o perfil exigido para enfrentar as dificuldades do trabalho de rua, deve trabalhar em setores que não tenha tanta pressão psicológica.

Acho que o policial tem que tá bem preparado, não dá pro policial tá trazendo de casa isso, principalmente com o trabalho na rua, eu acho que de repente fazendo uma seleção, não que a pessoa não tenha o direito de ser policial, mas de repente então ela vá pra um administrativo, vai pra um Proerd, vai pra um outro setor aí que não vai exigir tanto do psicológico da pessoa, mas acho que todo mundo tem que ter chance, temos aí um prognóstico do soldado Joaquim ali que ele acabou se desligando no início do curso porque ele teve problema psicológico, não acho que ele tenha que sair da corporação porque ele tem problema, negócio de depressão disso e daquilo, mas também não acho que seja uma pessoa que esteja de repente preparada pra durante o dia a dia tá com uma pressão muito grande em cima dela, então de repente olhar de outra forma e dizer pô então tu vai trabalhar nesse setor aqui, tu vai ficar nessa situação, colocar em outras situações que não seja tão sobrecarregada pra ela que em determinado momento já demonstraram que não tem o psicológico tão forte (JUVENAL).

Gerson apresenta um tripé essencial para a atuação do policial militar, sem o qual, não é possível exercer esta função na falta de um deles.

Uma das coisas mais importantes que tem é o psicológico, o físico e a técnica, tem que ter os três pra poder ter segurança no que faz e poder fazer o teu serviço bem né, se não tem um dos três, é tipo um triângulo.... se não formar esse triângulo não tem como ser policial né (GERSON).

Félix exemplifica situações difíceis que os policiais podem vir passar enquanto estão atuando na rua, demonstrando o quão importante é estar psicologicamente preparado. Afirma ainda que, há pessoas que não considera preparadas para o exercício da função.

Assim oh, no meu ponto de vista algumas pessoas daqui não tem perfil pra ser policial, porque tem descontrole emocional, ou na hora cola as famosas placas aqui que falam e não sabem fazer o procedimento, então eu acho que deveria trabalhar o seu psicológico, deveria estudar mais um pouco pra estar preparado para atuar como policial, eu acho que aqui alguns não tem vocação pra ser policial pelo fato de ser psicologicamente alterado... é importante ter o fator psicológico, porque tu tem que se controlar na hora de uma ocorrência por exemplo de estupro, tu ver um pai e uma criança sendo violentada, tem que ter teu psicológico muito forte pra tu agir como policial e não agir pelo lado pessoal, porque se for pelo lado pessoal e tu vê uma situação daquela tu vai querer matar aquele cara e tu como policial, além de preservar a vida dele e a integridade física perante os vizinhos, tu vai ter que ter muita cautela em não fazer nada com ele pelo aquele ato que ele praticou (FÉLIX).

Cristian discorre sobre a importância de não só a própria pessoa estar bem, mas dos colegas de profissão também, pois a segurança do indivíduo geralmente dependerá do colega que está ao lado lhe dando cobertura.

Pô importantíssimo, acho que tu tem que tá bem com a tua cabeça né, tu tem que tá descansado, tu tem que tá calmo, acho que pô no momento que tu tá abalado é complicado, bem complicado, aí tu trabalha muito em dupla né, enquanto tu aborda o outro faz a segurança, no momento que teu colega ali tá abalado, tá perturbado, tu tem que confiar nele, ele tá fazendo tua retaguarda, ele que tá com a arma na mão pra te defender se acontecer alguma coisa, então.... o cara tem que tá bem psicologicamente né (CRISTIAN).

Ian diz ser importante devido à necessidade de saber lidar com as situações cotidianas. Afirmar ser a ética também essencial e acredita que por ser mais velho, consiga compreender melhor as situações diárias do que demais colegas mais novos.

O cara tem que ser calmo, tem que ser ético, apesar da gente não ter tido ética, tá lá no currículo que teve, mas não teve, tivemos aula de filosofia, na verdade tinha que ter uma ética profissional mesmo, oh você policial viu isso acontecer, não comenta com os outros, não fala o que você viu, que você encontrou fulano de tal em tal lugar, não comenta, isso é a ética profissional, chaga lá fala na frente do delegado, faz a documentação, fala na frente do juiz, mas não pode sair falando por aí, então seria uma coisa mais prática assim né e na verdade a gente não teve isso, eu consigo entender isso porque eu já sou mais vivido, mas as vezes tem colegas que não vai conseguir entender, são mais novos e tal, a partir do momento que eles depararem com um problema, nossa fiz errado e aí a bomba vai estourar pro lado deles (IAN).

Haroldo, assim como Amarildo, em comparação com características físicas, atribui um ‘peso’ maior aos aspectos psicológicos.

Ah é ele que vai te guiar né, se tu não tiver com a cabeça boa tu não vai pra lugar nenhum, porque aqui é basicamente 60% do curso é baseado no aspecto psicológico e os outro 40 daí que vem aspecto físico né, mas o aspecto mental e psicológico é 60% do que tu... eles te testam até o limite (HAROLDO).

Jardel afirma que o psicológico é essencial para não perder o controle em determinadas situações que possam acontecer durante o atendimento de ocorrências. Discorre ainda sobre como são ‘vigiados’ constantemente por meio das câmeras de foto e/ou vídeo que praticamente todas as pessoas possuem atualmente.

Muito importante né... porque ele tem que tá com o psicológico dele inteiro né.... tem que tá com o

psicológico dele em primeiro lugar... claro você vai ser xingado, lá você vai ser cuspidado, lá você vai ser chamado de pé de porco, as pessoas vão falar que pagam teu salário... isso revolta muito, já ouvi pessoal pra mim, 'ah eu que pago teu salário'... tu fica revoltado com isso... porque eu acho que não só eu, mas um monte de policial militar... a maioria dos policiais militar que eu vejo puto é dizer que paga o salário nosso... né, então... mas... na realidade são eles né, mas é uma coisa que ninguém goste de ouvir... então o psicológico do cara tem que tá atento pra não se perder numa bobeira dessas, bater em alguém, dá um tapa em alguém, maltratar alguém... e hoje todo mundo tem celular né pra filmar.... é... essa blitz aqui, a hora que a gente algemou os dois cidadãos e jogou no chão, tinha gente do prédio batendo foto né... só que daí morreu por ali pelo fato dele tá armado né. Então essas coisas tem que cuidar muito (JARDEL).

Ildo faz uma relação com o caráter, afirmando, por exemplo, a possibilidade do indivíduo vir a se corromper caso não esteja psicologicamente bem preparado.

Se psicologicamente tu for fraco tu vai cometer coisa errada né, tu vai abrir mão as vezes de um salário de dois mil reais por mês por quatrocentos reais numa propina ou em alguma coisa... as vezes cinquenta reais... então psicologicamente tu tem que ser bem forte, tais apreendendo alguma coisa e tem dinheiro, essas coisas, se tu for fraco psicologicamente tu vai passar a mão naquele dinheiro, ser forte até do caráter né (ILDO).

Para Celso esta importância é um todo e extrapola seus comentários para a vida pessoal.

Engloba tudo né, é... o que tu tá passando em casa, o descanso que tu deve ter, é... deixa eu ver... como é que eu vou te explicar... ter o conhecimento, tu ter o conhecimento das coisas pra tu poder quando tu for utilizar, tu realmente saber entendeu (CELDO).

Júlia afirma ser essencial para atuação profissional e assim como Juvenal, exemplifica com o colega de pelotão afastado por problemas psicológicos.

Oh velho, policial de psicológico abalado não trabalha não.... não consegue trabalhar, nada dá certo velho, tem que tá sempre no positivo tá ligado, tem que tá sempre pensando positivo... uma hora tu comente um erro, alguma coisa, dá uma abalada no psicológico tal, oh já tenta se levantar cara, porque se deixar baixar... nosso colega Joaquim, o Joaquim pô, deixou baixar, saiu do pelotão pô.... tá passando tudo de novo aí em outro pelotão... né... psicológico é fundamental... não é só aqui também né... em qualquer empresa né, psicológico é fundamental (JÚLIA).

Para o Ten. Cel. Couto a confiança na forma de agir e nas tomadas de decisões vem com o tempo e a experiência. Salienta ainda, que estar bem psicologicamente é uma exigência ao policial.

É com o tempo, ele cada vez mais tem firmeza nas suas ações né. Quanto mais passa o tempo, mais ele vai pegando confiança na sua profissão, na sua maneira de agir, nas suas tomadas de decisão. E o policial militar ele tem que estar bem psicologicamente né, exige-se dele isso, que ele esteja bem para o desempenho da sua missão de proteger outras pessoas. Então, é importantíssimo.

Percebe-se assim, que o perfil profissiográfico exigido dos ingressantes na carreira militar, é de um indivíduo que goze plenamente de suas condições físicas e mentais, fazendo com que se sintam, muitas vezes, pessoas superiores, ‘diferentes das pessoas normais’. A calma e tranquilidade para evitar as pressões do dia a dia e o estresse inerente à profissão, são essenciais. Segundo os alunos soldados, se o indivíduo encontra-se de alguma forma com o psicológico abalado, ele pode inclusive, nem concluir o CFSD, conforme ocorreu com um colega de classe. Dessa forma, o equilíbrio emocional demonstra-se tão importante quanto estar em boas condições físicas.

5.6 O POLICIAL MILITAR E SEU CORPO: O INCORPORADO, O ENCARNADO E O INCULCADO

É possível perceber no decorrer da pesquisa a importância do corpo para a atuação do policial. Buscou-se como ferramenta de análise para verificar o *habitus* militar incorporado, encarnado e inculcado, características das técnicas da idade adulta apresentadas por Mauss (1934), bem como categorias propostas por Flores-Pereira (2007) no que diz respeito ao corpo artefato dinâmico e ao corpo artefato hierarquizado. Procurou-se identificar como determinadas dinâmicas do corpo relacionavam-se com a atuação profissional do policial militar. Investigou-se o uso de medicação, repouso, ornamentação do corpo, movimentos do corpo, cuidados com o corpo, gestualidade, expressão de sentimentos, sangue, suor, lágrima, nascimento, morte, sentidos (visão, olfato, paladar, audição e tato), volume do corpo, cor do corpo, deficiência do corpo e orientação sexual.

Quando diz-se que o *habitus* está encarnado, inculcado e incorporado, queremos dizer que estas novas disposições, novas características, valores, estão entranhadas, enraizadas (encarnadas), ao ponto que o indivíduo as aceita como forma de agir natural e inconsciente (inculcadas), dando forma corpórea a elas (incorporadas). Ou seja, este *habitus* está revelado na carne, na mente e no corpo como um todo do indivíduo.

5.6.1 O uso de medicação

Em função da exigência de um corpo saudável para atuação profissional, no qual trabalhar doente, ou com alguma dor que o limite, pode comprometer significativamente esta atuação, primeiramente questionou-se sobre o uso de medicação.

Elias considera-se uma pessoa sadia e diz não necessitar tomar remédios ou se automedicar.

Bom, no meu caso eu me considero uma pessoa que não me auto-medico né... eu vejo pessoas que por cultura ou por vivência as vezes se auto-medecam por qualquer coisinha.... ah mudou o tempo eu vou tomar tal remédio, me deu uma simples mal-estar vou tomar tal remédio, então eu sou diferente... não critico essas pessoas porque elas né, mas eu a princípio me considero uma

peessoa sadia e não e não me auto medico não (ELIAS).

Gerson também afirma não gostar do uso de medicação, só em casos de extrema necessidade.

Não gosto de medicação... só caso de necessidade né, doença, qualquer coisa assim e de doença quando é preciso também, senão.... tem alguns casos que não precisa né, não precisaria ter (GERSON).

Em contrapartida, Célio afirma se automedica, pois tem sérios problemas com amídalites, o que pode vir a interferir no seu desempenho profissional.

Olha eu acho normal, tipo por exemplo, eu sofro muito com problema de amídalite e volta e meia eu tô lá tomando quando me ataca a garganta ou uma gripe muito forte, a primeira coisa que me ataca é a garganta, inclusive é uma das coisas que após a formação do curso aqui de soldados é uma coisa que eu vou providenciar pra ver se eu consigo retirar as amídalas, porque eu sofro pra caramba e um remédio que eu tenho direto comigo é nimisulida, então pra mim eu acho que é uma coisa normal (CÉLIO).

Alcides acredita que o uso de medicamentos entre os policiais é elevado devido ao alto nível de estresse e cansaço inerente à profissão.

O uso de medicação na PM eu acho que deve ser muito grande pelo alto nível de estresse que a tropa tem né, o que eu já ouvi falar bastante aí é que a tropa é bastante estressada né, no regime, no trabalho e tudo que é cansativo, acho que tem déficit de pessoas né, então é preciso trabalhar bastante, cansa, trabalha resolvendo problemas de outros, que é complicado né (ALCIDES).

Amarildo, assim como Alcides, associa o uso de medicação a questões psicológicas, mas acredita que o melhor seria procurar apoio de um profissional ao tomar remédios.

É, medicação assim se for medicação pra tu conseguir trabalhar eu acho, pra mim não serve né... eu acho que mais vale um apoio psicológico né, a pessoa saber reconhecer o problema antes pra evitar isso aí, por tu não ter esse apoio hoje dentro da PM, eu acho que qualquer, se tu tivesse numa situação, ah tu matasse um cara, acho que eles deviam te tirar do serviço na hora ali e já vai e procura apoio psicológico, pra evitar problemas futuros, porque hoje não dá nada, mas acontece isso dez vezes, daqui a pouco tu já tá com problema psiquiátrico tá ligado, daí gera isso (AMARILDO).

Juvenal acredita ser necessário a utilização de remédios para o tratamento de quem está doente.

Medicação é pra tratar quem tá doente, então se a pessoa tá doente tem que ser medicada, tem que ser tratada... eu acho que é viável, tem que usar (JUVENAL).

Félix faz alusão do uso de medicação a remédios que poderiam facilitar sua aprovação no teste físico. Afirmando não ter utilizado qualquer tipo de medicação com este fim e de não ter precisado utilizar remédios durante o curso, demonstra indiretamente que tem o caráter ílibado exigido, bem como o corpo saudável.

Assim oh, eu não usei medicação nenhuma pra tá aqui dentro, para poder passar no TAF ou alguma coisa assim. Aqui dentro eu nunca precisei graças a Deus usar remédio, porque eu acho que o pior dinheiro que a gente pode empregar é com remédio porque é sinal que a gente tá ruim, mas pelo o que eu vejo as pessoas usando aí, geralmente é consultado o médico do HPM (FÉLIX).

Cristian e Celso também trazem em seu discurso questões morais, quando afirmam que são contra o uso de medicação que não seja legalizado ou prescrito por um médico.

É válido né, acho que enquanto ela for benéfica pro corpo é válida. Quando a medicação for

legalizada é uma coisa, agora se for uma medicação pra manter massa corpórea, essas coisas aí, eu não acho bom não (CRISTIAN).

Se for é, controlada, através de um médico, sem problema nenhum (CELSO).

Haroldo apesar de admitir não usar medicamentos, o que o classifica como tendo um corpo saudável, faz uma relação direta com o uso de medicamento e a atuação profissional.

Ah acho que é a coisa mais normal, acho que todo mundo quando não tá se sentindo bem precisa disso... eu não uso nenhum tipo de medicamento, mas eu acho que se é benéfico pro militar e pra corporação e pras pessoas que eu ajudar, porque se eu tiver gripado, eu vou ter que ficar em casa, isso aqui é benéfico pra corporação, pro Estado e pras pessoas que eu tô deixando de ajudar, então eu acho que é válido (HAROLDO).

Jardel também faz referência às exigências de um corpo e mente saudável para atuação do policial militar, o que pressupõe a não utilização de medicamentos.

Eu vejo que é muito ruim... porque o cara que tá com problema de saúde ele não tem que tá na rua... porque ele vai tá mexendo com vida, ele vai tá com arma na cinta, um cara desse tem que se tratar né... até como quando aconteceu em Joinville né, o policial doente, trabalhando, tirou a roupa, apontou a arma pra criança, eu acho que né... então isso faz crê, medicação é muito ruim (JARDEL).

Ildo considera perigoso o uso de medicação para atuação profissional e também faz alusão a estar com o corpo saudável para exercer a função.

Relacionado ao serviço perigoso... pô imagina tô trabalhando 24 horas, aí vou lá e tomo uma medicação que é pra me manter acordado e dá um choque anafilático, alguma coisa, perigoso, ou te deixa alucinado, um pó de guaraná da vida aí pro

cara ficar acordado as vezes o cara toma muito, tudo o que é de mais é problema né, remédio de mais vira veneno (ILDO).

Júlia diz não ver o uso de medicação ligado diretamente a polícia militar, apresentando em contrapartida, a ligação com a dor.

Se tu tá com dor é necessário... não vejo o uso de medicação ligada à polícia militar... eu vejo a dor, se tu tá com dor, relaxante muscular, se é alguma coisa que tu tá com dor de dente vai né... [risos]... (JÚLIA).

Verifica-se que os discursos dos alunos soldados a respeito do uso de medicação, frequentemente fazem alusão a questões morais, como não utilizar algo ilegal ou que não seja prescrito pelo médico e, principalmente, ao fato de não precisarem usar, forma esta de justificativa de terem um corpo saudável, conforme o exigido.

5.6.2 O repouso

O repouso, outro fator fundamental para atuação policial, é uma das técnicas apresentadas por Mauss (1934) quando aborda as técnicas da idade adulta. Para o autor, repouso está relacionado a deitar-se, sentar-se ou mesmo agachar-se, ou seja, está ligado ao descansar. Questionou-se aos alunos soldados **qual a importância do repouso para a profissão do policial militar.**

Elias discorre sobre a importância do repouso para o bom desempenho das funções e faz também uma relação instrumental com a remuneração do policial.

Bom, o repouso é uma questão que na polícia é bastante cogitado pelos mais antigos, outras pessoas que já comentam que é bastante batido na questão de escala né... então na questão de repouso o policial ele tem que ter um repouso adequado pra que na função que ele exerce, por exemplo na de rádio patrulha, ele não venha a ficar sonolento, ficar mais lento, ele tem que ficar mais atento né, então o repouso sim é bem fundamental e também não adianta ter repouso se a pessoa não é bem remunerada, porque senão ela vai usar esse tempo que ela tem de repouso pra

fazer outras atividades né, sendo que se ela tiver um salário adequado ela vai poder fazer esse repouso pra poder se capacitar... vai fazer treinamento, condicionamento físico, alguma coisa assim (ELIAS).

Célio e Félix exemplificam a importância do repouso com uma atividade que os demandaram ficar cerca de 15 horas em pé, sem descanso.

Muito importante, nós trabalhamos no Ironman, foram treze a quatorze horas em pé, cada grupo ficou em determinado local e foi muito cansativo e no outro dia, nós tínhamos a instrução aqui de manhã na academia e a gente ficou assim bem cansado, então o repouso ele é muito importante (CÉLIO).

Dentro do quartel, como eu falei, hoje no curso de formação, o nosso repouso eu vejo que é pouco quando tem escala, como o aluno soldado Gildo também falou como sugestão pro próximo curso onde tem escala que as vezes a gente ficou como o Ironman quinze horas em pé, sem poder sentar, isso foi excessivo, dor na coluna, essas coisas, outra escala que a gente chegou aqui três horas da manhã e no outro dia tinha que estar as sete, não teve repouso algum e é isso, o repouso as vezes com escala eu acho que é pouco... mas as vezes no final de semana dá pra repousar bem (FÉLIX).

Júlia, Ian, Ildo, Haroldo, Alcides, Gerson, Cristian, Jardel e Celso relacionam o descanso ao bom desempenho das funções.

Necessário... imagina, como tu vai trabalhar? (JÚLIA).

É fundamental pra recuperar as energias pra próxima atividade (IAN).

Essencial... ninguém trabalha cansado né... ou saco vazio não pára em pé (ILDO).

Corpo cansado não rende né (HAROLDO).

Importantíssimo, é fundamental ter um bom repouso né... porque o teu corpo cansado, a tua mente cansada, tu não vai fazer um bom trabalho, querendo ou não tu vai pecar em alguns aspectos né, não adianta... como dizem corpo cansado, mente cansada né, qualquer trabalho tu nunca vai chagar ao teu máximo, teu máximo nunca vai chegar, nunca vai ser dado teu máximo e o que tu pode prestar né, porque tu vai tá cansado sabe, debilitado, tu vai ta no limite estressado, vai dizer a não hoje eu não vou fazer isso, não vou fazer isso porque já tô cansado já sabe (ALCIDES).

Gerson acrescenta que de nada adianta técnica, resistência e bom psicológico se o corpo está cansado.

Necessário... se não repousar não tem quem aguento né, pode ter tudo, pode ter técnica, resistência, psicológico bom, se não repousar não vai adiantar nada disso (GERSON).

Assim como Elias, Cristian também faz uma relação entre o repouso e o fazer ‘bico’ nas horas de folga para complementar o salário.

É essencial, acho que trabalhar cansado é complicado né, é por isso que eles falam tanto de bico né, o pessoal faz bico aí chega cansado no outro dia porque faz bico... por isso que eles falam tanto em aumentar o salário do policial para que não tenha esse bico, pra que ele chegue descansado no serviço... acho que muitos acidentes podem acontecer por causa do cansaço (CRISTIAN).

Jardel discorre sobre a rotina intensa de trabalho, no qual se tem horário para entrar, mas não se tem para sair.

O repouso é o principal que o policial deve ter... ele tem que tá descansado pro outro dia né... que pra ser policial tu tem hora pra entrar, não tem hora pra sair... então a partir daquele momento você não sabe o que você vai fazer... então ele tem que tá muito descansado... já conversei com

colegas aí que entrou 7 horas da noite pra 7 horas da manhã tá em casa e saiu 4 horas da tarde do outro dia... então o repouso é fundamental (JARDEL).

Celso aborda também questões referentes à segurança.

Repouso é imprescindível né... tem que ter o repouso pra tu poder no teu próximo serviço atuar da melhor forma possível, até porque vai exigir por causa da tua segurança e da segurança de quem tá contigo e do cidadão também né (CELSONO).

Relacionando aos aspectos de ‘bico’ relatados por Elias e Cristian, Amarildo afirma que no início do curso conciliava o trabalho da polícia ao seu antigo serviço, fazendo bicos no final de semana que não tinha escala.

Importantíssimo... no início do curso eu até conciliava final de semana as vezes quando não tava trabalhando pela polícia, eu fazia uns serviços do meu antigo trabalho, hoje não tem mais isso... ao tanto que sai as escalas de serviço eu vejo o pessoal trocando, do início do curso até hoje eu não troquei uma escala de serviço minha.. eu não troco, evito problemas pro meu lado, é minha hora de folga eu folgo, pra não tá depois sobrecarregado, eu acho o repouso importante (AMARILDO).

Juvenal relaciona o descanso ao manter a saúde em dia.

Olha é essencial pra poder manter a saúde em dia né (JUVENAL).

No CFSD, o corpo e a mente saudáveis são muito exigidos para performance profissional. A rotina diária exaustiva dos alunos soldados, pressupunha a necessidade de um repouso adequado para cumprimento eficiente de suas funções. Todos os alunos soldados caracterizam o repouso como fundamental para o bom desempenho de suas funções. Relatam que as atividades desenvolvidas durante o curso são intensas e cansativas e muitas vezes não os permitem o repouso. Comparando com

as normas de condutas entregues aos alunos no dia do ingresso no curso, percebe-se que o simples sentar pelo pátio, ou escorar-se, ou agachar-se, é proibido. Enquanto estão em público, seja em forma, ou não, é necessário manter uma postura ereta e disciplinada. No entanto, enquanto estavam em sala de aula após o almoço aguardando para instrução do período vespertino, muitos alunos soldados aproveitavam para descansar e ficavam sentados com a cabeça baixa sobre a mesa, ou deitados no chão no fundo da sala.

5.6.3 A ornamentação do corpo

No que diz respeito à **ornamentação do corpo**, questionou-se sobre a utilização de brincos, piercings, tatuagens, cabelos, entre outros. Segundo Le Breton (2003), o corpo é uma superfície de projeção, cuja alteração irrisória testemunha a recusa radical das condições de existência de uma determinada juventude. As marcas corporais mudam o status radicalmente, em busca de uma singularidade pessoal. O autor discorre ainda, que por muito tempo, a tatuagem foi associada a ‘primitividade’ daqueles que a ela recorriam e conforme Lombroso e Lacassagne (*apud* LE BRETON, 2003), não havia dúvida que os indivíduos tatuados fossem selvagens, ou seja, homens menores, pouco civilizados e propensos a todas as formas de delinquência. Atualmente, ainda é possível encontrar pessoas que comunguem dessa ideia, associando pessoas tatuadas a drogados, bandidos ou delinquentes. Os piercings, outra forma possível de ornamentação, também chama atenção daqueles que os possui. Em diversas sociedades, as marcas corporais são associadas a ritos de passagem em diferentes momentos da existência, ou então são vinculadas a significados precisos dentro da comunidade. Dessa forma, a tatuagem tem valor de identidade, expressa na própria carne o pertencer do sujeito ao grupo, a um sistema social. Pode informar a inscrição do indivíduo a uma linhagem, clã, faixa etária, indicando status e fortalecendo a aliança ao grupo (LE BRETON, 2003).

No meio criminal, as tatuagens tem significado próprio. De acordo com Silva (2012) cerca de 60% da população carcerária masculina do Brasil tem algum tipo de tatuagem. Segundo o autor, as tatuagens na cadeia não são utilizadas somente como forma de enfeitar o corpo, mas sim identificam o tipo de crime praticado pelo detento, demonstrando poder, status e hierarquia perante os demais. Ou seja, a tatuagem irá tipificar o crime cometido e as facções criminosas as quais os detentos pertencem. Como forma de auxiliar os agentes de segurança pública num reconhecimento visual nas abordagens policiais a

criminosos, a Polícia Militar da Bahia, desenvolveu uma cartilha disponibilizando informações sobre tipologias de crimes ligadas as tatuagens. Segundo Silva (2012), foram realizadas coletas de mais de 30 mil fotos e documentos, dentre outros, em delegacias, presídios, Instituto Médico Legal e arquivos policiais. Silva (2012) discorre que durante as abordagens policiais, era encontrado frequentemente incidência de certos tipos de tatuagens em alguns indivíduos, que após investigação, observava-se ligação entre tais tatuagens e os tipos de crimes cometidos. Neste sentido, as tatuagens estariam vinculadas a significados específicos para os grupos de criminosos. Buscou-se identificar o que essa ornamentação do corpo significava para os alunos soldados.

Elias discorre sobre como a cultura familiar já o inibia de usar qualquer tipo de brinco ou tatuagem e afirma, ainda, que no meio militar é necessário ter uma postura que imponha respeito.

Olha eu, eu já vim de uma cultura que se eu tivesse uma tatuagem ou usasse um brinco, ou alguma coisa, eu já era criticado pela família né, principalmente na questão de brinco né... o meu pai ele já chamaria sei lá de viado, de alguma coisa assim... mas não tenho vontade de usar, não uso e não critico quem usa...só que no meio militar, eu acredito que militar ele tem que impor respeito até mesmo no próprio andar né... o próprio andar dele já tem que impor uma questão de respeito... então não iria pegar bem uma pessoa com um fardamento desleixado, lá em baixo, mostrando por exemplo a cueca ou o cabelo cumprido, de brinco... uma tatuagem sei lá, uma tatuagem muito marcante, fazendo apologia a alguma coisa... então... eu não uso, não tenho tatuagem e não faço questão, mas também não critico (ELIAS).

Assim como Elias, Célio diz não criticar quem utiliza brinco ou tatuagem, mas afirma não gostar.

Olha eu não gosto de tatuagem, não tenho brinco, não gosto de anel, até um dia se eu vier a me casar acho que vai ser um problema, porque eu não gosto de anel, é uma coisa que me incomoda, tatuagem nem pensar... não tenho nada contra

quem usa né, mas eu particularmente eu não gosto, não faria nenhuma tatuagem (CÉLIO).

Para Alcides, é importante separar a vida civil da militar, no entanto, apesar de afirmar ser necessário haver essa separação, afirma que determinados comportamentos não são adequados por quem é militar.

Eu acho que tatuagem, desde que não seja uma coisa agressiva, por mim tudo bem sabe, que vai expor todo o seu corpo né, fazer uma tatuagem em todo o teu braço e aquilo ali ficar exposto, brinco também, se tu quiser usar na tua hora de folga tudo bem, com a farda acho que não né, tu vim fardado e com essas coisas, acho que não... e no brinco nesse caso não é falando no caso de mulher né, que mulher pode usar brinco... no caso de homem... é, no caso de homem... acho que a sua vida civil, depois lá fora, cada um faz o que quer da sua vida sabe, acho que não desmoralizando a entidade no caso né, não vai ser porque tu usa um brinco quando tu tá à paisano que tu tá desmoralizando ... se tu gosta... gosto de separar bem a vida do paisano da instituição militar aí que tem que ter disciplina e hierarquia, ali dentro é uma coisa, tu não pode é seguir a outra né... [E dá pra separar?] Eu acho que em certos pontos dá, eu acho que dá pra separar, mas tu não precisa ser diferente né, não vai fazer certas coisas porque tu é policial, não pode porque é policial (ALCIDES).

Apesar de se dizer neutro em relação à ornamentação do corpo, Amarildo diz que ocupando o papel policial militar, o indivíduo tem que dar exemplo, fato este não condizente em ter, por exemplo, tatuagem.

Eu não sou contra mas também não sou a favor né, meio termo.. depende né... Eu acho que tando escondido ali, porque é uma coisa que tu vais tá exposto ao público, porque pô, acho que não fica legal tu tá andando com uma gondola curta lá e ter uma tatuagem no teu braço tá ligado, tu fazendo papel de policial militar... tu querendo ou não querendo tu tá dando o exemplo e as pessoas elas focam na polícia, hoje é assim, tudo focado

na polícia, eu acho que tem que cuidar ne, mas é cuidado eu não sou contra, eu acho que tem que cuidar... piercing assim não tem como tá ligado, não existe né, mas a tatuagem eu acho que tem que cuidar (AMARILDO).

Juvenal, Haroldo e Jardel acreditam que determinados comportamentos podem prejudicar a imagem da corporação. Principalmente por questões de estereótipos. Juvenal, assim como Alcides, faz distinção em algumas situações em relação ao homem e a mulher.

É complicado porque tem estereótipos que são criados por determinados grupos que acho que a polícia tem que ser cautelosa e não pode entrar junto nesses estereótipos, não sou nada contra tatuagem, brinco acho que brinco mulher teria que usar, liberado pra mulher, homem não, tatuagem pra ambos, a mulher que tem tatuagem, o homem que tem tatuagem, isso pra ambos, só que eu não acho certo é policial tá vindo com cabelo moicano, ou talvez com cabelo com dread pra trabalhar, nem com alargador de orelhas, acho que tem certos parâmetros que tem que manter a postura dentro da polícia, não em virtude de ter preconceito, mas em virtude de como tem grupos que adotam esse tipo de característica pra se diferenciar dos outros, acho que se a gente permitir isso não vai cair bem pra imagem da corporação (JUVENAL).

É necessário pra que tu tenha respeito sabe...pra que tu adquira o respeito, eu não vou conseguir chegar num senhor de idade que viveu a vida inteira como manezinho da ilha lá sabe, os cara não respeitam... chegar tu de moicano, chegar tu cheio de tatuagem no corpo, brinco, sabe... pega um senhor de idade aí que viveu a vida inteira na lida de campo, trabalhador ali, ele não quer nem papo contigo, porque a figura que ele tem disso é ah porque é um drogado, porque é um marginalzinho, porque é um ladrãozinho entendeu, eles assemelham essas características,

por mais que muita coisa esteja mudando...
(HAROLDO).

Eu acho que não deveria aceitar... nós somos militares e padrão é padrão... padrão militar... eu acho que cabelo, brinco e tatuagem tem uma, como é que eu vou dizer, tem uma apologia, sei lá, que alguma coisa ele tá imitando... e nós não tem que imitar ninguém... nós tem que ser militar (JARDEL).

Assim como Jardel, Ildo acredita ser necessário haver um padrão militar, mas não é contra o uso de tatuagens discretas. Ildo faz ainda ligação do estilo de corte de cabelo com questões de higiene e saúde.

Pô assim o cabelo no meio militar é raspado por causa de praga né, piolho, essas coisas... principalmente quando é aquartelado em internato assim, por isso que é raspado o cabelo, pra não ter problema de doença, pilho, essas coisas... eu sempre cortei o cabelo curto assim, acredito que é necessário sim, pra manter um padrão né, tatuagem não vejo, pô a não ser aquelas monstruosas né, que acho que tem o diabo e o infinito assim... pô mas uma tatuagem legal, um desenho bacana não vejo problema, brinco, pô homem não vai usar brinco sendo militar né, mas mulher sendo brinco discreto, problema algum, desde que não machuque ela num serviço, alguma coisa.... uma argola assim ela fazer uma abordagem alguém pode passar a mão na orelha dela e arrancar metade da orelha fora do brinco né, o problema é esse (ILDO).

Cristian e Ian também acreditam que ornamentações estilo piercing e tatuagens não passam uma imagem adequada da polícia militar.

É questionável né, bem discutível, eu acho que em excesso, muita tatuagem, muita coisa exposta, acaba dando uma visão feia da polícia né, daqui a pouco tem um policial ali com piercing no nariz, com piercing na língua, acho legal, eu já tive piercing na língua, mas eu acho que hoje em dia

não... nem pensar né, outra profissão né, outra coisa, acho que no momento que tu aborda alguém, que tu tá conversando com alguém, o cara tá te vendo, querendo ou não eles veem o policial como uma pessoa mais superior... no momento que ele tiver ali... pô tu cheio de tatuagem, tatuagem no pescoço, tatuagem na mão, cheio de piercing, não acho legal não (CRISTIAN).

A pessoa tem que se transparecer numa imagem adequada, que nada disso apareça, nem tatuagem, nem brinco, nem piercing... até porque o brinco pode se tornar perigoso né, piercing também e a tatuagem já é uma expressão assim muito individual e a polícia tem que passar uma impressão coletiva, então se transparece muita tatuagem, muita coisa assim, já fica meio descaracterizado (IAN).

Apesar de ter tatuagem, Celso diz que deve aparecer o mínimo possível, pois assim como demais colegas, acredita que pode trazer uma má impressão para corporação.

O menos possível... pode ter, tranquilo, só que o menos possível né, brinco, mulher usar brinco sem problema nenhum, só não adianta ela tá fardada e usar uma argola gigante, um policial militar ter o braço todo tatuado... eu tenho tatuagem, mas as minhas tatuagens é escondida, então um negócio que apareça tanto... por exemplo essa aqui ainda aparece, se eu levantar muito, mas que seja o mínimo possível né, porque o militar ele é reconhecido pelo fardamento, agora se botar... é mesma coisa, se botar um policial militar fardado no padrão e outro, fardado também, só que com tatuagem, com brinco, com piercing, já dá outro visual... o cidadão ele já vê com outro aspecto, ele vê diferença entre esses dois policiais, que na verdade não deveria (CELSE).

Gerson e Félix, que também possuem tatuagem, dizem que a tatuagem não irá alterar o caráter da pessoa e são contra a proibição. Félix, inclusive, foi reprovado no exame médico em função de uma tatuagem e teve que recorrer à justiça para ingressar na corporação.

Eu acho que isso não muda o caráter da pessoa... Eu acho que é uma coisa que não sei porque proíbe... no edital fala que é proibido tatuagem aparente, brincos e piercings é proibido, pra homem também, mulher ainda brinco eles aceitam, cabelo tem que ser o padrão deles, não aceitam outro estilo, eles querem uma coisa igual pra todos, é padrão né (GERSON).

Apesar de não ser contra a tatuagem, em relação ao uso de piercings Félix diz que pode causar um impacto visual negativo. Discorre ainda sobre aspectos de melhora do seu corpo.

Olha na verdade eu melhorei muito em relação ao meu corpo... antes de entrar aqui eu tinha oitenta e nove quilos, hoje eu tô com oitenta e dois quilos, melhorei muito a minha saúde, melhorei muito a condição física do meu corpo e pretendo melhorar mais... assim oh, eu sou a favor de qualquer tipo de coisa... acho que a pessoa é livre pra fazer o que ela quer... piercing eu já não acho tanto que pode ter aquela orelha rasgada desse tamanho, causar um impacto visual, mas foi uma escolha que aquela pessoa fez, ela tem tempo de recuperar e fechar aquele buraco, eu tenho tatuagem, tive que entrar com recurso, com mandado de segurança, pra poder incorporar na corporação, senão... eu fui excluído no teste médico por causa de uma tatuagem que eu tenho na perna, tive que procurar um direito via justiça, pra poder tá aqui, ganhei, já foi arquivado o meu processo, não vejo nada contra, há muitas pessoas que não possuem tatuagem e tão aqui e não tem o mínimo caráter e muitas que tem tatuagem tem plenas condições de ser um bom policial militar... (FÉLIX).

Para Júlia a aparência é importante em qualquer profissão.

Eu digo que é relevante, entendeu, mas pra qualquer profissão... não pra dentro só da polícia militar... ninguém quer uma secretária mal vestida, mal arrumada né, sem um tokzinho, ninguém quer, mesma maneira aqui também... a gente chegou aqui a Tenente Roberta disse

‘PEFEM é assim, assim, assim, brinquinho, é batonzinho, é cabelinho presinho’, nunca reclamaram de unha porque sempre feitinha e se não tá também eles não reclamam também sabe, mas oh, se apresentar bem é o mínimo que tu faz cara.... eu acho pra qualquer emprego, não é só pra dentro da polícia né (JÚLIA).

Percebe-se que apesar da maioria afirmar não ser contra o indivíduo possuir tatuagem, dizem que para o papel de policial militar este tipo de ornamentação não é adequado. A utilização de piercings traz mais opiniões contrárias ao uso. Quanto aos brincos, percebem como sendo adequado quando for utilizado por mulher, desde que não ofereça riscos. Os alunos soldados discorrem principalmente sobre como a utilização de tatuagens e piercings pode ser estereotipada, fazendo com que a sociedade não tenha uma boa imagem ao ver um policial militar nessas condições. O comandante do CFAP também demonstra suas restrições à tatuagem:

Eu tenho algumas restrições, por que é uma questão regulamentar. Mesmo se a gente for analisar a história da tatuagem por exemplo, ela nasceu lá nos presídios né... A tatuagem é fruto de presidiário, do ambiente né... E a tatuagem é uma forma também de marcar a pessoa, é, tipo assim, quem foi que fez isso, ou quem é o bandido? É aquele que ta com uma sereia lá no braço, entendeu? Então, é de destacar alguém, uma certa preocupação até do militar, talvez pela nossa cultura de tanto lidar com preso e vê-los marcado né. Embora eu tenha a certeza de que com o tempo, daqui a alguns anos isso vai ser mudado, como alguns exércitos do mundo, algumas policias né, na região da Europa, por exemplo, os caras tão de barbinha, de brinco, na Alemanha também. Então talvez um dia seja assim, claro que prá quem ficou 30 anos ali como eu vendo os caras tudo carinha limpa num primeiro momento é um choque, mas depois (TEN.CEL. COUTO).

De acordo com Le Breton (2009), essas marcas corporais preenchem diferentes funções em cada sociedade, podendo ser ainda, um modo ritual de afiliação ou de separação, pois integram simbolicamente o homem no interior de uma comunidade, diferenciando-os dos de outras comunidades. Ou seja, elas produzem o status social. Neste sentido, a tatuagem e o piercing passam a ser mau vistos no meio policial, devido a estereótipos negativos trazidos culturalmente da sociedade. A exigência por boa aparência e o padrão militar de unificação da tropa e despersonalização do sujeito, contribui para esta posição a respeito.

5.6.4 Os movimentos do corpo

O movimento pressupõe a falta de repouso. Pode envolver, dentre outros, rastejar, caminhar, correr, subir, descer, segurar, saltar, movimentos de força (MAUSS, 1934). Todos esses movimentos são utilizados pelos policiais e os alunos soldados são moldados durante o curso, a fazer determinados movimentos de acordo com a técnica a ser utilizada. Mauss (1934) discorre, por exemplo, sobre a caminhada, no qual deve haver um ritmo, balanço de punhos, cotovelos, progressão do troco, posições do pé. Esses movimentos podemos relacionar com as marchas efetuadas pelos alunos soldados quando estão em forma, em que cada comando pressupõe um movimento diferente do corpo, seja do tronco, das mãos, dos pés. As fotos a seguir demonstram alguns movimentos do corpo que são moldados durante o curso.



Foto 91: Movimento de força



Foto 92: Movimento de agrupamento



Foto 93: Movimento de descida 1



Foto 94: Movimento de descida 2



Foto 95: Movimento de cotovelo



Foto 96: Movimento mão 1



Foto 97: Movimento mão 2



Foto 98: Movimento de rastejar



Foto 99: Movimento de subida

Conforme visto anteriormente, são exigidos antes mesmo do ingresso no CFSD, no Exame de Saúde e no Exame de Avaliação Física, determinados tipos de movimentos. Para identificar a percepção dos alunos soldados a este respeito, questionou-se sobre **a importância dos movimentos do corpo para atuação do policial militar.**

Elias faz referência à atividades físicas e à alimentação.

Tem que tá sempre contínuo né... principalmente na nossa função... vc tem que tá praticando um esporte, você tem que tá se movimentando, principalmente em condições físicas né... eu quando entrei na policia eu tava com 6 quilos a mais... a própria questão de alimentação que mudou... a questão de atividade física... hoje eu me sinto bem mais a vontade com seis quilos a menos do que eu estava antes... e acho bastante importante a pessoa depois que se formar aqui não se acomodar e fazer algum tipo de exercício, algum tipo de esporte (ELIAS).

Célio, Gerson, Félix, Ildo, Celso, Cristian e Ian fazem referência principalmente a questões de mobilidade, flexibilidade, força para atuação profissional.

Olha muito importante pra função do policial militar, a mobilidade de braços, pernas, ela é fundamental né, pra rotina do policial militar é muito importante, em termos de locomoção, uma instrução que tu vai fazer né, tu tem que tá com a tua saúde em dia né, pernas, pés, braços, etc. (CÉLIO).

Necessário ter bastante flexibilidade, porque a profissão exige isso né... movimentação para operar equipamento, pra correr atrás de bandido, pra pular muro, então precisa disso pra tua segurança né e pra conseguir fazer o serviço (GERSON).

Sempre fui péssimo em alongamentos, eu nunca gostei de fazer, aqui dentro a gente é obrigado a fazer alongamento em toda atividade física, porque é de extrema importância pra musculatura não criar nenhuma lesão, essas coisas e a movimentação do meu corpo ficou muito melhor do que era antes, principalmente de pernas e braços (FÉLIX).

Assim, tem a posição 1 com a arma, se tu ficar muito tempo, pô te dá uma baita de uma câimbra, então tem que tá sempre fazendo, se alongando né, acho que seria importante no caso fazer um

alongamento antes de começar o serviço e depois quando o cara sair né porque ficar muito tempo ali naquela posição cansa, trava (ILDO).

A importância dos movimentos do corpo... olha, pra mim total... porque na atividade policial militar tu vai exigir do teu corpo tudo que ele pode executar... tu tem que tá bom de alongamento, bom fisicamente, porque uma hora ou outra, em alguma ocorrência ele vai te exigir, então tu tem que tá bem preparado... tem que tá o mais bem preparado possível (CELSO).

A movimentação do corpo é fundamental, pra esse emprego, é fundamental né, agilidade, flexibilidade, tá precisando lutar com alguém a movimentação do corpo é fundamental, tá precisando correr, tá precisando sacar uma arma, tá precisando sair rápido de uma viatura, acho que é fundamental (CRISTIAN).

É força pra empurrar, força pra puxada, é... flexibilidade (IAN).

Alcides relaciona a movimentação do corpo ao ritual militar de ficar em forma e apesar de ser contra, diz fazer parte da hierarquia militar.

As vezes dependendo algumas coisas, eu vejo que não há muita necessidade, eu sou um pouco contra essas coisas de ficar em forma assim, mas é uma coisa que já é hierarquizado militar né, então... não há como mudar muito, já faz parte da hierarquia militar isso... essa parte de forma, mas a gente também tem que ver... é uma instituição militar né, então ela tem algumas regras que fazem parte por ser uma instituição militar né, as vezes não tem como mudar né (ALCIDES).

Amarildo e Jardel fazem referência à força física e ao peso do equipamento. Amarildo faz uma distinção entre policiais e civis e diz que o treinamento os torna seres diferenciados, capaz de suportar situações que pessoas comum não suportariam.

Eu acho tranquilo, só o equipamento ali que as vezes não ajuda muito, mas é tranquilo, questão de as vezes ficar muito tempo em pé, no batalhão, pelo cara ser iniciante, talvez deixe o cara lá um mês só fazendo serviço a pé lá, eu acho que é um pouco cansativo mas é claro, a gente é treinado pra isso né... a gente é treinado e aí a gente acaba não se tornando mais pessoas comuns, então aquilo ali pra nós tem que ser normal pra gente... o que as outras pessoas não conseguiriam a gente vai ter que fazer né (AMARILDO).

É muito importante... hoje você pega uma partida de futebol você fica de pé, então você tem que ter um preparo físico bom... se tiver subindo morro, não se fala morro né, mas vai subir uma comunidade aí que não sobe viatura, você vai ter que subir a pé, você vai ter que tá carregando armamento pesado, colete, então tu tem que ter um preparo físico bom.... educação física o policial militar tinha que ter dentro do quartel e não ter que fazer fora do horário... deveria ter um dia específico dele tá dentro do quartel, fazer exercício físico, principalmente a academia... deveria ter isso (JARDEL).

Assim como Jardel, Juvenal e Júlia também discorrem sobre a importância do treinamento e atividade física.

É importante tá sempre em treinamento, sempre se movimentando, sempre, sempre (JUVENAL).

A importância dos movimentos do corpo é demais né, sempre é bom fazer uma atividade física né, tá em condições caso tu precise fazer um esforço a mais que o teu natural assim... é importante (JÚLIA).

Para Haroldo, o fato de já praticar dança por um longo período o ajudou a ter facilidade com a movimentação do corpo.

Eu vou te dizer que eu tive bastante facilidade por causa que eu dava aula, faz 18 anos que eu danço dança de salão, então digamos que eu tenho um

pouco de desenvoltura, mas tem muita gente que tem dificuldade até do pó-de-chinelo, então é necessário para que tu tenha a padronização... é necessário que tu tenha uma desenvoltura, pra marchar... pra prestar continência... tu tem que ter uma desenvoltura, pra padronização do próprio grupo (HAROLDO).

Dessa forma, percebe-se que a movimentação do corpo é essencial para o policial militar exercer sua função. Seja na padronização dos movimentos para aplicar a técnica correta, por exemplo, a empunhadura da arma, movimentos cadentes nas marchas, perseguição a pé a elementos suspeitos, subida de morro, horas em pé em alguma operação, incursão em locais diversos com subidas íngremes e obstáculos. Para os alunos soldados, a segurança, a eficiência e a eficácia da operação, dependerá da boa movimentação de seus corpos.

5.6.5 Os cuidados com o corpo

Sejam físicos, higiênicos ou estéticos, os cuidados com o corpo também estão presentes no dia a dia do policial militar, inclusive em suas normas de conduta. É exigido do policial asseio pessoal adequado a função militar. Não conservar o asseio pessoal, não raspar a barba ou bigode ou apresentar-se com o cabelo fora do padrão, é considerado, por exemplo, transgressão disciplinar e acarreta anotação no Livro de Fatos Observados. Mauss (1934) discorre principalmente sobre os cuidados com higiene, no entanto, os alunos soldados relataram, em sua maioria, sobre os cuidados físicos e estéticos do corpo e sobre alimentação.

Elias, Célio, Cristian e Ian falam sobre a necessidade de um bom condicionamento físico para exercer a função.

É bastante importante... porque na nossa função, se você for subir um morro ou fazendo uma patrulha, ou até mesmo no próprio ostensivo, se você não tiver um corpo bem condicionado, você vai acabar, te estressando né... por exemplo, tanto uma patrulha no morro ou uma patrulha no centro da cidade, se você não tiver bem condicionado, no próprio andar, no próprio ficar parado você já se cansa né (ELIAS).

Importante né, sempre bom praticar uma atividade física pra ti manter o pique né, as vezes tu tá numa

instrução que ela é bem puxadinha, então a pessoa se cansa fácil, ou não tem um condicionamento físico adequado praquela função ela logo né, fica cansada, então acho que sempre procurar manter uma atividade física, independente da função do trabalho que exerça né, acho que saúde é uma questão importante pra vida toda... e o restante, barba, cabelo, tem que tá sempre bem apresentável né, bem asseado (CÉLIO).

Acho que é muito importante, eu vejo por mim, eu antes de entrar na polícia se me colocasse pra correr quatro voltas naquela pista eu não corria em hipótese alguma, não corria... eu tinha doze quilos a mais do que eu tenho, então eu vi diferença bastante em mim sabe, eu vi bastante diferença na minha mudança no corpo, agilidade pra subir uma corda, pra descer uma árvore, pra subir uma escada, acho que é bem importante, por eu ter visto essa mudança em mim eu posso dizer que é bem importante (CRISTIAN).

É fundamental né, a atividade exige um alto nível de uma performance física (IAN).

Alcides e Gerson discorrem sobre a questão do repouso.

Cuidados com o corpo... podia ser até melhor, ser melhor cuidado, isso na parte do pelotão, mas daí já bate na parte do tempo né, não tem tempo o pessoal, aí geralmente se quisesse cuidar melhor do corpo as vezes em vez de fazer tu quer tá em casa descansando, tu já não tem tempo, daí entra a questão do repouso, daí tu tem pouco tempo de repouso daí tu prefere tá repousando do que ter cuidados com o corpo, então é bem dúvida... é fundamental também né, é inerente a profissão, já tá... a gente precisa, a gente trabalha com ele... então é outra coisa fundamental, tem que ser cuidado, porque geralmente as vezes a gente não dá valor, vai esperar acontecer alguma coisa pra depois dar o devido valor né (ALCIDES).

Os cuidados com o corpo também é necessários... o repouso, até a atividade física, pra não cair na

necessidade do remédio, pra não ficar doente e precisar do remédio (GERSON).

Celso, Amarildo e Ildo falam sobre a importância dos cuidados com o corpo serem constantes.

Os cuidados com o corpo tem que ser diariamente... diariamente... (CELSONO).

Amarildo e Ildo exemplificam a importância do cuidado de determinadas partes do corpo.

Eu acho que tem que cuidar né, por ser um serviço de que a gente depende muito, a gente depende do nosso corpo, hoje se eu tiver alguma coisa que falha, ah falhou o joelho, como é que tu vai trabalhar né... então tu tens que te cuidar, teu corpo tem que tá toda vida 100% né (AMARILDO).

Ah tem que ser importantes, principalmente com o pé né, principalmente o pé pra não dar nenhum calo, bolhas, porque tu trabalha vamos supor 24 horas ali se tu tiver com o pé machucado tu não consegue concluir um serviço completo né, precisa correr atrás de alguém, ficar em pé, caminhar (ILDO).

Haroldo além da questão da saúde, discorre sobre a estética e aparência.

Ah é necessário né... a primeira coisa que tu vê numa pessoa é a estética, tu olha pra ela, tu vê a estética dela, por mais que a pessoa seja uma analfabeta, mas se ela é bonita, ela já vai te chamar a atenção do lado de uma pessoa que é uma médica renomada no país, daí tá ali toda esbangelada do lado, toda errada, né... porque a primeira impressão é a estética, que é a primeira impressão é a que fica, daí tu vai chegar numa patrulha lá, chega um cara desse tamanho, com um barrigão desse tamanho, ah subiram pelo morro ali, tu vai começar a rir, que o cara vai

querer subir o morro lá gigante e vai sair todo bufante, quem chamou vai rir, porque esses marginalzinho aí são tudo assim e correm pra caralho, então eu acho que não é só pela estética mesmo, pela própria saúde, pelo próprio bem né da profissão, tem que ter o corpo em dia (HAROLDO).

Juvenal, Félix, Júlia e Jardel relatam principalmente os cuidados com a alimentação.

Acho que alimentação saudável, bastante liquido, bastante água, exames periódicos pra gente poder tá controlando e cuidando, porque qualquer tipo de doença que possa vir aparecer, se a gente constatar antes, é mais fácil de curar né, de tratar, eu acho que é fundamental (JUVENAL).

Os cuidados com o corpo mudou também, a minha alimentação me preocupeí muito, a gente tem que tá sempre em forma, com boa condição física, pra poder tá atuando na rua... então pretendo melhorar cada vez mais a minha condição corporal ainda (FÉLIX).

Os cuidados com o corpo são importante também... tipo... come besteira, só besteira, pô o rim, o fígado, já não consegue trabalhar bem, tudo, o próprio corpo vai sentindo né, então se tu não se alimenta bem, se tu pô, tem cara aí, colega meu que trabalha, oh vive só de lanche cara, lanche, lanche, lanche, tu não tem vitamina, tu não tem nada tá ligado, daí pô, o corpo não sobrevive, não dá, então a nossa ferramenta de trabalho é o corpo, querendo ou não é né, então (JÚLIA).

Tem que cuidar com bebida, cigarro, droga... Depois a gente sai na rua conhece um monte de policial aí que é usuário de droga né... muitos são... então acho que... as vezes tu faz alguma coisa, o policial militar ele vai fazer alguma coisa, ele se perde, cai na bebida, então a bebida ela já te descontrola muito... eu sou fumante né, desde pequeno e isso é uma coisa que me atrapalha bastante, muito, me atrapalha muito e eu não

gostaria de ver um policial na rua agora fumando... então isso me atrapalha no serviço porque as vezes eu tenho que me esconder pra fumar... porque eu se fosse um civil andando na rua eu ia se sentir envergonhado de ter um policial, um defensor público né, fumando... que exemplo que ele tá dando? Policial militar tem que dar exemplo né... [E no teu físico te atrapalha?] Atrapalha muito... tô esperando terminar o curso pra fazer um tratamento, pra parar de fumar, que a coisa tá feia, tô usando até meu soro já pra destrancar o nariz... de noite me acordo ofegante, isso aqui vicia... não consigo parar... atrapalha muito a tua vida (JARDEL).

Apesar de serem exigidos constantemente pelo asseio pessoal e de demonstrarem isto em outros momentos, nenhum aluno soldado fez esta relação direta ao asseio pessoal ao responder sobre os cuidados com o corpo. A maioria afirma ser importante cuidar do corpo, mas relacionam estes cuidados a questões estéticas, físicas e de alimentação. Asseveram ser fundamental um corpo bem cuidado para o exercício da profissão.

5.6.6 A gestualidade

A gestualidade refere-se, dentre outros, as ações do corpo quando indivíduos se encontram em um ritual de saudação ou despedida, nas maneiras de consentir ou negar, movimentos da face ou do corpo que acompanham a emissão da palavra, maneiras de tocar ou evitar o contato (LE BRETON, 2003). No meio militar, há diversos gestos que fazem parte do cotidiano dos policiais. Nas saudações, por exemplo, é utilizado a continência, em operações que exigem silêncio e os policiais não podem ser ouvidos a tropa se comunica por meio de determinados gestos. Há gestos específicos também para operações de trânsito.

Elias diz ter dificuldade em não gesticular enquanto está em posição de sentido ou de descansar e afirma que na profissão os gestos são utilizados principalmente para patrulha.

No meu caso eu falo bastante, eu falo bastante e comunico bastante com as pessoas, então... e eu também gesticulo bastante... eu não vejo nenhum problema... só que no meio militar hoje você tem que ter, por exemplo, principalmente com um, pra

um oficial, alguma coisa, você não pode tanto gesticular né... isso já tá no teu condicionamento né... então você tem que estar ou na posição de sentido ou na posição de descansar e conversar... e pra pessoa que gesticula bastante acho que isso é bem complicado... eu não vejo nenhum problema em gesticular.... é uma forma de estar verbalizando e ficando mais a vontade pra poder se expressar... E na atuação o gesto serve principalmente em patrulha né, é bastante usado gestos, comunicação de pontos distantes (ELIAS).

Célio, Cristian, Gerson, Alcides, Félix, Celso, Haroldo, Ian e Júlia também discorrem sobre a utilização dos gestos em patrulha, operações de trânsito ou continências.

Eu particularmente falo pouco com gestos, eu sou mais centrado na fala mesmo, uso muito pouco assim os gestos, mas se precisar usar a gente usa... [...] em operações realmente daí é realizado bastante gestos, se tu tá numa operação, numa instrução, num patrulhamento no morro, tu não fala, tu usa só ou mímica né ou com mão ou com os lábios, essa questão da gestualidade é bem importante (CÉLIO).

É bem importante também, questões de trânsito, questão de tu abordar alguém, até entre a gente né, fazer uma patrulha, quando a gente não pode ser visto a gente se comunica com gestos, acho que é trabalhado pouco os gestos, acho que tinha que ser mais combinado, tinha que ter uma coisa mais concreta pra gente entender esses gestos, um entre o outro (CRISTIAN).

Seria mais continência, essa parte né, porque gestos, continência, eu não consigo muito falar porque eu acredito que é uma parte militarizada assim sabe, essa parte já tá, já é embutida na parte militarista, então não tem... acho que pra mim é normal sabe... bem normal (ALCIDES).

Aqui os gestos a gente percebe que a hora que for se apresentar pra um superior a gente não pode fazer muito gesto, tem que ficar naquela posição

de sentido, mas eu tinha muito na vida civil em tá falando com as pessoas gesticulando, mostrando... e aqui a gente é um pouco regado a isso, a gente tem pouca liberdade pra tá fazendo gesto, o único gesto que a gente mais faz é a continência (FÉLIX).

A atividade policial militar ela exige alguns gestos né, então acredito que seja só esses, porque outros... que não foi aprendido na academia não deve botar em prática, não deve utilizar né, a não ser os gestos normais do corpo, que a gente faz... [Mas é utilizado gestos na prática de vocês?] É utilizado na questão de trânsito, tudo isso aí é utilizado né... sinalizar, apontar, tudo isso aí... sinais e gestos convencionados né, isso aí a gente utiliza, mas algo que foge disso aí acredito que não deva ser utilizado (CELSO).

Haroldo e Ian são contraditórios quanto ao repasse de gestos nas instruções.

Muitas vezes tu não pode se comunicar diretamente né, mas tem meio que uma padronização esses gestos assim... [E foi passado isso pra vocês?] Foi passado mas é que muita coisa... a gente vai aprender na rua também... o básico foi passado (HAROLDO).

Os gestos são fundamental também... no trânsito, comunicação com os colegas de trabalho, até com a própria população né e isso não foi passado na academia (IAN).

Para Júlia, o gesto como uma comunicação não verbal ajuda a traduzir a fala.

A gente trabalha muito com as pessoas e o gesto ajuda a traduzir né, é uma comunicação não verbal né, ajuda a traduzir o que a gente quer, querendo ou não né (JÚLIA).

Gerson diz que apesar de ser padrão militar, não gosta de alguns gestos, como prestar continência, pois a mesma ao invés de significar saudação, é vista como uma obrigação.

Eu não gosto muito... palavras seria melhor... mas tem o gestos que a gente usa... os gestos pra operar trânsito, pra comunicação em local de risco, favela, que é necessário isso pra não pra não ser ouvido... essa parte do militarismo, continência, entrar em forma, posição de descansar, tudo é gestos que a gente faz, que já vem do militarismo... mas tem algumas coisas que eu acho que não seriam necessário... [Por exemplo?] A parte dessas posições... ser imóvel, entrar em forma, continência que é um cumprimento mas se tornou uma obrigação, não um cumprimento né, tu faz porque tu é obrigado, não porque tu conhece aquela pessoa, porque seja teu amigo ou convive contigo... como tu tem com qualquer outra pessoa (GERSON).

Amarildo afirma usar gestos com frequência, mas não consegue perceber até onde auxilia na atuação profissional. O aluno soldado não identifica como gestos a continência e os utilizados nas operações de patrulha e trânsito.

Pô eu utilizo muito, eu não sei até que ponto isso é bom né, mas eu uso bastante gestos... na questão o policial precisa entender o que tais falando, acho que gesto não envolve muito (AMARILDO).

Para Juvenal a utilização de gestos tem que ser padronizada para haver uma identidade da corporação.

Acho que tem que ser meio padronizado sim, pra criar uma identidade da corporação, oh a polícia age dessa forma, pra se mostrar que aquilo é o correto e não aceitar nenhum tipo de deslize ou de alguma coisa que alguém fala assim ou fala assado, ou dá um tapa na cara, ou faz alguma coisa, então eu acho que tem que ter um padrão, praquele padrão ser seguido e criar a imagem da corporação daquela maneira, pra não se desvirtuar tanto (JUVENAL).

Ildo e Jardel acham ‘feio’ a utilização de gestos por policiais militares. Ildo não identifica na corporação a utilização de gestos profissionais. Já Jardel, acredita que quando chegarem na ‘rua’, muitos aprendizados não serão utilizados na prática, como a utilização de alguns gestos.

Assim oh, pô, a pessoa que fala com muitos gestos é feio até né, chega a ser ruim, acredito que tem que tentar como é que eu vou te dizer, tentar diminuir o máximo o uso de gestos né.... [E vocês usam gestos dentro da profissão?] Não, não chega a tanto (ILDO).

Eu acho que o gesto pro policial militar é muito feio... já tive em jogos aí, trabalhando em jogo e policiais militares fazendo gestos, trabalhando pelo time e um monte de torcedor do lado... acho que a partir do momento que tu usa farda tu é policial militar, tu não é torcedor do figueira, tu não é torcedor do Avaí, tu não é torcedor do inter nem do grêmio, tu é PMSC, que quem ta fazendo lá não é o policial militar, é a farda né... e a farda ela suja toda a instituição como o caso da vaquinha né... [E na profissão não é utilizado gestos?] É utilizado alguns gestos que na profissão, é e não é também né... porque aqui tu se aprende um monte de coisas na rua é diferente né... ou tu se enquadra lá naquilo da rua, ou amanhã ou depois vão acabar te matando... aquele padrão senhor, polícia, põe a mão na cabeça, polícia, acho que na rua não existe isso daí né... a partir do momento que o cara tá armado deita no chão, algema e deu... e aqui, o que se aprende aqui você usa muito pouco lá fora, em termos de sinais assim... porque aqui tu vai aprender um sinal por exemplo de trânsito, lá a sociedade não sabe o que significa aquele sinal, então tu tem que ir pelo o que a sociedade sabe (JARDEL).

A maioria dos alunos soldados percebem os gestos como importantes quando são utilizados em patrulhamento e operações de trânsito, bem como nas continências. No entanto, percebem como inadequado a utilização de gestos que estejam fora do padrão militar.

5.6.7 A Expressão dos sentimentos

O meio militar é marcado pela exigência de indivíduos viris, fortes, aptos a enfrentarem os riscos e perigos inerentes à profissão. Como manter o papel de forte e inabalável se expressar suas emoções?

A emoção diz respeito aos sentimentos ou respostas afetivas que resultam de ativação fisiológica, pensamentos e crenças, avaliação subjetiva e expressões corporais. De acordo com Huffman, et. al (2003), os psicólogos definem e estudam as emoções tendo como referência seus três componentes básicos: cognitivo, fisiológico e comportamental.

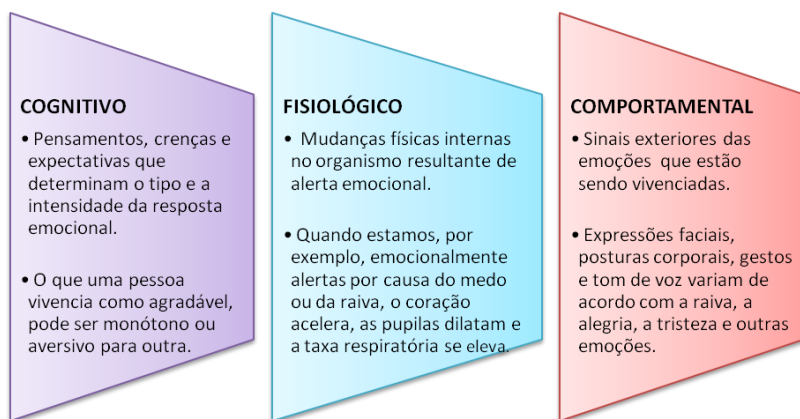


Figura 4: Componentes básicos das emoções

Fonte: Huffman, et. al (2003), com adaptação

Quando esses três componentes são combinados de forma bem sucedida, temos o conceito de Inteligência Emocional (EQ). A EQ inclui conhecer as próprias emoções e lidar com elas, ser empático com os outros e manter relações satisfatórias (GOLEMAN, *apud* HUFFMAN, et. al, 2003).

Os autores destacam, também, que os pesquisadores concordam sobre o que constitui a emoção, mas há pouca concordância sobre como nos tornamos emocionais. As principais teorias discutidas nesta área são as de James-Lange, Cannon-Bard, a hipótese do *feedback* facial e a dos dois fatores de Schachter.

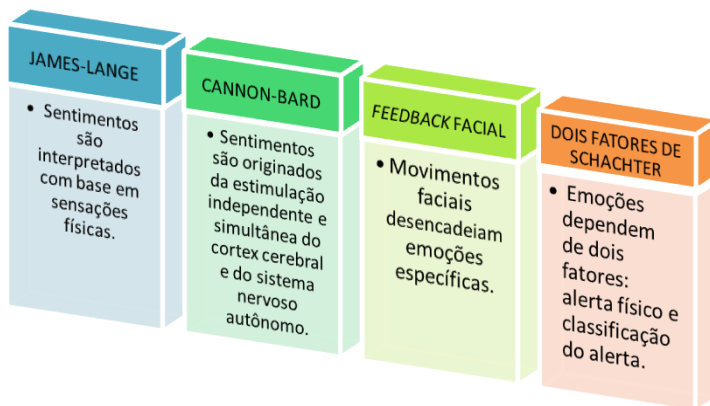


Figura 5: Teorias Gerais da emoção

Fonte: Huffman, et. al (2003), com adaptação

É importante salientar que cada teoria possui suas limitações e desta forma, não deve ser levada como verdade absoluta. Além desses aspectos, fatores como nossa história evolutiva, treino cultural e gênero, também influenciam nossas emoções (HUFFMAN, et. Al, 2003).

Marcel Mauss publica em 1921 no Journal de Psychologie “A expressão obrigatória dos sentimentos”, no qual afirma que as expressões dos sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais. Para Le Breton (2009) Marcel Mauss (1921) sustenta a dimensão social e cultural dos sentimentos e sua formalização no comportamento do indivíduo. Ou seja, os sentimentos são emanções sociais que se impõem por seu conteúdo e sua forma aos membros da coletividade, colocados em determinada situação moral. De acordo com Le Breton (2003), os sentimentos que vivenciamos e a forma como repercutem e se expressam fisicamente nos indivíduos, estão enraizados em normas coletivas implícitas. As condições de seu surgimento e a maneira como são simbolizados aos outros implica uma mediação significativa. Essas normas coletivas implícitas podem ser identificadas nos relatos dos alunos soldados a respeito de suas **percepções sobre a expressão de sentimentos na Polícia**.

De acordo com Elias, no meio militar a expressão de sentimentos é criticada, e, principalmente durante o CFSO, pode ser levada aos alunos soldados sofrerem buling.

Bom, dentro do meio militar a expressão dos sentimentos é.... as vezes é criticada e as vezes é levada pra questão de buling né... por exemplo, começam a rir, as vezes pegam uma pessoa mais sensível, não consegue por exemplo ver uma filmagem forte ou uma ação forte, então o pessoal já começa um pouco pegar no pé, mas acredito que é mais por estar dentro de sala de aula... agora se for numa questão de um caso real, uma ação real, eu acredito que isso não vai interferir né... o pessoal vai levar muito mais a sério (ELIAS).

Assim como Elias, Haroldo afirma que a expressão de sentimentos pode refletir deboches por parte dos demais colegas e diz ser ainda mais difícil para os que são de outras cidades, pois os alunos soldados que possuem família perto, podem recorrer a eles para expressar seus sentimentos.

Olha vou te dizer, aqui dentro o pessoal evita ao máximo... porque o pessoal aqui eles sabem que eles não são amigo um do outro e eu só me abro pra quem é meu amigo, isso aqui é um preceito pô, sabe... eu só me abro pra quem é meu amigo, pra quem é meu companheiro, então tu não vai ver alguém chorando, alguém desabafando aqui... aqui todo mundo tem suas famílias aqui, é mais fácil tu ver tipo eu, o Jardel, o pessoal que tenha família de fora, mas aqui tu não vai ver porque todo mundo tem a sua família aqui toda hora, então eles não... vem aqui, faz o que tem que fazer e vão embora.. daí chega em casa, se tiver que desabar, desaba... se tiver que chorar desaba, chora, mas em suas casas, aqui dentro tu não vê, até pelo fato que eles podem achar que alguém vai debochar, alguém vai rir (HAROLDO).

Célio, Alcides, Amarildo, Juvenal e Cristian discorrem sobre a importância de se controlar em relação aos sentimentos, pois o papel de policial militar exige isto.

Olha, o importante que eu aprendi, é que tu tem que ficar o mais centrado possível no exercício da tua função né, por exemplo se tu tá no trânsito e se deparar com um acidente de trânsito que tenha

mortos, tenha feridos, ou um indivíduo com perca de membros e tal, procurar manter a calma né, não se apavorar diante da situação e fazer o que tem que fazer né (CÉLIO).

É um pouco difícil, as vezes tu tem que ser bem daquela.... tudo cai no militarismo né, tá aí tu tem que ser forte, tem que ser aquilo, as vezes tu não pode expressar, se tu expressar os sentimentos tu vai ser tachado como fraco, não sei o que.. mas eu acho que tá caindo um pouco, cada vez tá diminuindo isso, a pessoa consegue se expressar um pouco melhor, não tem que ser aquela coisa de militar durão, brabo sabe, ser aquela pessoa dura, gelado, mas acho que pode melhorar muito ainda sabe... tem aquela coisa, militar tem que ser aquela coisa certinha, bravo, não rir, falar as coisas, então... (ALCIDES).

Juvenal e Cristian retratam a crença de que o policial militar tem que ser contido em seus sentimentos, pois ao assumirem o seu papel, devem transparecer-se forte, inabalável, o indivíduo que está ali para ajudar e socorrer no que for preciso.

Eu acho que o policial tem que ser mais contido, o bombeiro militar que tem que salvar vidas, eu acho que ele pode ter sentimentos, só que eu acho que ele tem que segurar pra não demonstrar no calor, na hora dos fatos, porque eu acho que a população espera da gente que a gente esteja sempre impecável, acima de qualquer suspeita, acima de qualquer sentimento, acima de qualquer demonstração, então acho que tem que dar uma segurada nesse momento (JUVENAL).

Cristian discorre ainda sobre questões de gênero, no qual é mais fácil expressar os sentimentos para uma mulher.

Expressão de sentimentos.... e agora... ah é... eu acho que tem muita gente que não expressa aqui dentro, acho que policial tem mania de ser durão né e não expressar os sentimentos, acho que até por tu pegar os teus superiores por ser homem, de repente se fosse uma superior mulher tu

expressaria melhor, dá aquela choradinha, dá aquela reclamada, pô não tô bem, não tô legal, no momento que é um superior chatão tu já, tu não fala nada entendeu, tu fica quieto e prefere não falar (CRISTIAN).

Amarildo diz ser mais fácil expressar os sentimentos perante os colegas, ao passo que expressá-los diante de superiores se torna mais complicado.

Sentimentos é complicado, porque o polic... tu trabalhando ali tu não pode as vezes tá atendendo a ocorrência e levar pro lado pessoal né... pô atender pensando que poderia tá acontecendo com algum parente meu aquilo ali e acaba cometendo alguma coisa, algum crime né... então acho que a pessoa tem que se controlar bastante. [E como é que é aqui dentro da polícia expressar seus sentimentos?] Olha, perante meus amigos é bom, eu tenho pessoas que ouve a gente, a gente troca, faz essa troca, mas, é, questão de superiores aí acho que aqui é meio complicado, por ser escola, muitos dizem que lá fora é diferente né, dizem que a instituição é muito boa, mas aqui dentro acho meio complicado e o pessoal fica mais retraído né, com medo de chegar lá... é igual quando eu passei por aquele problema psicológico lá, várias pessoas tavam passando por vários problemas, só que niguem tinha coragem de assumir, pô vou lá, vou falar com o psicólogo tá ligado, porque acha que isso é anormal, só que quando tu vai lá assume, tu trata antes né e vê o que se deu problema.... que é por isso que as vezes tu tem medo de se abrir aqui dentro, é complicado... medo que dê alguma coisa né, tu quer se formar né, é complicado (AMARILDO).

Gerson afirma ter conseguido expressar seus sentimentos durante o curso.

Expressão de sentimentos... e agora... essa ficou difícil... [Tu consegue dentro da polícia expressar teus sentimentos, há abertura, não há?] Isso sim... no treinamento que a gente teve aqui, a gente

conseguiu... não há certo ou errado, sabe mediar pra também tentar resolver os problemas sem prejudicar, prejudicar menos possível as pessoas né, acho que é isso (GERSON).

Ildo diz não ter se deparado ainda com situações que necessite expressar seus sentimentos, no entanto acredita ser importante expressá-los.

A expressão de sentimento? Pô é difícil tu não expressar os sentimentos quando tu te depara com algo grave né, a gente, eu, até agora em serviço, eu não me deparei com nada significativamente pro sentimento vir a flora né, mas o nervosismo que ataca, mas é normal, se expressar, não é feio né, não é feio (ILDO).

Para Félix era possível em alguns momentos expressarem seus sentimentos e pensamentos, no entanto, às vezes eram tolhidos já no início.

Aqui no curso as vezes deixam a gente dar uma opinião, expressar o nosso sentimento, o que a gente acha, o que a gente não acha e as vezes a gente é cortado na raiz, já no início do nosso pensamento... isso eu acho um pouco errado aqui dentro também...(FÉLIX).

Já Jardel, Júlia e Celso acreditam ser complicado expressar os sentimentos no meio militar. Jardel destaca a questão da hierarquia, Júlia aspectos de gênero e Celso a importância do predomínio da razão pela emoção.

Pra começar aqui tu nem pode expressar os sentimentos que tu tem né, então melhora tu ficar quieto né... Nós somos uma hierarquia aqui né e se nós não seguir a hierarquia nós somos punido...(JARDEL).

Melhor não... [Porque?] É melhor não, ooo dá um rolo... mulher quando começa a chorar é mal amada ou mal comida, aqui dentro, ah deixa que eu resolvo, tem sempre um que levanta a mão... então não chora muito não, deixa pra chorar em

casa, melhor, ah aqui.... ah, a chorona de novo entendeu... é assim... chorou uma vez na vida, é assim... não acho muito bom não (JÚLIA).

Esse é bem complicado... porque a gente deve... eu tenho em mente sempre usar a razão e não a emoção... sempre, sempre isso, pra tudo... usar a razão e não a emoção... pra mim só essa frase aí já... porque... é... como é que eu vou te explicar.... antes de policial tu é uma pessoa normal né, então é que nem o exemplo que todo mundo dá, tu vê uma pessoa estuprando uma criança, a vontade que tu tem de matar uma pessoa dessa, bater, xingar, né... é... pode até dá essa vontade em ti, só que tu tem que agir sempre pela razão... agir pela parte correta e deixar que a justiça resolva essa questão se vai ser preso ou se não vai, se vai cumprir pena no presídio, se não vai... aí não cabe a gente né... então pra mim, agir sempre com a razão e não com a emoção (CELSONO).

Ian relata sobre os seus sentimentos a respeito da polícia militar.

Realização profissional 50% e 50% de decepção com a instituição... porque eu acredito que a policia militar deveria sim fazer uma coisa bem feita, segurança pública, só... depois que ela fizer isso bem feita ela vai inventar moda de fazer outras coisas entendeu, como é que é o nome disso aí? Ajuda humanitária, entendeu e etc... primeiro faz a segurança pública, trata o cidadão com educação, independente dele ser lá do morro, dele ser um drogado, dele ser filho do prefeito, a abordagem tem que ser da mesma forma, com licença senhor, mão na parede, senhor mão na parede, com licença, eu vou te revistar com licença, revista o cara, muito obrigada pela colaboração com a policia militar de Santa Catarina, fiz isso todos os dias aqui, em todas as minhas abordagens, todos olhavam pra mim com uma cara de respeito e agradeciam pela minha abordagem, lá no campo de futebol, todas as vezes, com licença senhor, revistava, depois que eu terminava de revistar, tenha um bom jogo, todos olhavam pra mim com um olhar diferente,

ao contrário as vezes de um colega antigo que tava ali do lado que não falava com ninguém, que não pedia licença pra ninguém, que não agradecia ninguém, que mandava por a mão na parede, que mandava calar a boca e já vi até tapa na cara e nada foi feito entendeu, fizeram um monte de merda, então eu acho que se fizer isso, só isso, bem feito, aí sim a gente começa a pensar em outras coisas... então eu tive instrução aqui na academia, onde um tenente me falou vários métodos, várias normas e o dia que ele me levou pro campo, ele fez tudo ao contrário e em sala de aula eu perguntei pra ele, qual o procedimento daquele dia? Como deveria ter sido feito? Ele falou pra mim chegar no quartel e pedir pra trocar de guarnição... não, não é pra trocar de guarnição... é pra pegar aquele policial que fez uma coisa errada e prender ele entendeu e se o superior não fizer, prende o superior também, aí sim eu acho que a polícia vai começar a mudar, agora se ficar desse jeitinho aí, enfiando o rabinho debaixo das pernas, ah que eu não posso fazer, ah que eu... aí não vai mudar, então se fizer o feijão com arroz bem feito, não precisa de fazer mais nada, não precisa ficar inventando moda entendeu, são coisas simples, são coisas básicas, o cara não precisa bater em ninguém... ele não é pai do cara, ele não é pai daquele menino pra bater nele, ele não precisa mandar o menino comer maconha, porque ele não precisa mandar o menino comer nada ele também não é pai do menino, ele é um policial militar, que deveria pegar aquele menino, algemar ele, colocar na viatura, entrar em contato com o juizado de menores e encaminhar pra delegacia, só, mais nada, entendeu... então é simples, é básico e o povo fica inventando moda, inventando coisa, não precisa inventar entendeu, é isso... [E como é que é tu expressar esses sentimentos aqui dentro? Tu consegue, não consegue?] Então, expresso e todos ficam assustados com a minha reação, todos, entendeu... e eu não tenho problema nenhum, nenhum de falar isso na frente de tenente, na frente do coronel, na frente de quem for entendeu, porque eu sou assim, eu vou ser esse policial militar, então talvez eu

tenha problema lá fora por isso, porque eu vou tratar o filho do prefeito da mesma forma, eu vou tratar o outro cara da mesma forma e vou tratar o meu superior da mesma forma como um talvez menos antigo do que eu e não vou levar essas coisas pra minha casa não... se fizer coisa errada na minha frente, eu vou tomar as medidas porque eu sou um policial militar entendeu...então talvez, eu realmente hoje, consiga entender, apesar de tá realizado, eu tô no lugar errado ainda, quero a área de segurança? Quero, mas talvez não seja aqui nessa instituição entendeu, porque se eu ver esse tipo de coisa, eu vou criar problema talvez pra mim mesmo entendeu, seria isso (IAN).

Percebe-se, então, que a expressão dos sentimentos no meio militar retrata aspectos de normas implícitas desta comunidade, no que diz respeito ao policial carregar o mito de herói, de um sujeito que deve ser a todo momento forte, ‘durão’, livre de sentimentos que possam prejudicar a execução de sua ‘nobre tarefa de proteger e salvar vidas’. Apesar de afirmarem ser difícil expressar seus sentimentos dentro da corporação, estas expressões ficam mais explícitas quando discorrem sobre suas emoções nos ritos de passagem analisados anteriormente. Ao falarem sobre situações como fazer incursão, portar uma arma, atirar, vestir a farda, bem como a experiência prática do Rio Vermelho, emoções como alegria, medo, surpresa, ansiedade, e, suas reações no corpo, são relatadas pelos alunos soldados, demonstrando os aspectos cognitivos, fisiológicos e comportamentais destas emoções (HUFFMAN, *et. al* (2003).

5.6.8 O sangue

O sangue pode representar tanto uma dimensão biológica, quanto também social ou simbólica. Farmer (1988) por exemplo em seu trabalho denominado “Bad Blood, Spoiled Milk” desenvolve um estudo sobre uma doença generalizada no Haiti rural, que afeta principalmente as mulheres adultas e, em caso de gestantes, pode vir afetar diretamente o leite materno. Trata-se do *Move San* e do *lèt gate*. O *Move San*, traduzido como ‘sangue ruim’, é um distúrbio do sangue que pode espalhar-se rapidamente em todo o corpo, de modo que a cabeça, membros, olhos, pele e útero podem ser todos afetados. Quando mulheres grávidas ou lactantes são acometidas do *Move San*, seu leite é

afetado, o que gera a patologia conhecida como *lèt gate* (leite estragado), causa essa, por exemplo, de desmame precoce.

O *Move San* é causado por experiências somáticas de estresse emocional, originadas, por exemplo, de raiva nascida do conflito interpessoal, choque emocional, tristeza e preocupação crônica (FARMER, 1988). Por meio dessas doenças culturalmente construídas, segundo Flores-Pereira (2007), o autor interpreta que a percepção de enfraquecimento desses dois produtos do corpo (leite e sangue) funciona como um sinalizador de uma desordem social.

No campo militar, pode-se observar também aspectos tanto biológicos, como simbólicos e sociais. Questionou-se aos alunos soldados **o que o sangue representava para profissão**. Elias, Juvenal, Félix, Ian, Gerson, Haroldo e Ildo identificam aspectos simbólicos em relação ao sangue. Célio, Alcides, Amarildo, Cristian e Júlia relatam aspectos biológicos e Jardel e Celso questões sociais.

Para Elias, Félix e Haroldo o sangue representa a dedicação ao exercício da função.

O sangue pra mim ele representa a força de vontade né... que você tem em adquirir as coisas... é assim, tem que ter amor naquela função que tá fazendo né... outra expressão usada é vestir a farda mesmo... [E o sangue, sangue mesmo?] Sangue, sangue é aquilo que você tem que fazer no dia a dia né... você tem que dar o suor, o sangue na função que você tá fazendo... procurar fazer da melhor forma pra poder voltar pra casa e encontrar sua família né... acho que se a pessoa não se empenha naquilo que ela tá fazendo, ela pode tá bastante vulnerável a ações... ações externas né (ELIAS).

Na verdade eu não sei nem o meu tipo sanguíneo... na corporação... assim oh a questão do sangue representa muito... que aqui realmente tu dá o sangue pra salvar a vida de outras pessoas...então o que corre na nossa veia no sangue é polícia militar e a nossa população... e tu tem que tá sempre ali pra tá salvando as vidas e salvando a tua própria vida... então é o que corre na minha veia atualmente (FÉLIX).

Além de questões simbólicas, Haroldo também discorre sobre o sangue biológico.

Tipo tu tá dando o teu sangue pelo o que tu tá fazendo, se tu daria teu sangue pelo o que tu faz... Tu daria teu sangue pela profissão que tu tá abraçando? A primeira impressão que eu tenho é essa... pô, tu tem que se doar pelo o que tu tá fazendo, pra que seja bem feito, que nem os caras falam, tem que suar sangue pra que seja bem feito... e a questão do ver o sangue de repente numa ocorrência eu não vou saber te dizer porque eu não passei por isso ainda sabe, eu não passei, eu nuca vi um... já vi um cara sangrando, já vi... eu já vi um cara morto ali nos ingleses um tempo atrás, já vi, só que eu nunca vi um corpo espalhado pelo chão assim sabe, então eu não vou te dizer qual seria a minha reação... os corpos que eu vi assim, do cara caído no chão e tal não vou te dizer que foi normal (HAROLDO).

Juvenal, Ian e Gerson fazem alusão à vida e à morte.

O sangue é a minha vida né, é a tua vida... (JUVENAL).

É complicado né, da mesma forma que representa a vida também representa a morte né, mas o sangue seria a vida... (IAN).

Sangue? Sentido ruim morte, ferimento, que não é boa né... no sentido bom pode salvar vida né, como fez essa campanha agora que eles tão fazendo de doar sangue aí, pessoal indo pra doar (GERSON).

Ildo faz referência à frieza necessária para lidar com determinadas situações cotidianas do policial militar.

Ah a gente tem que ter muito sangue frio as vezes né, porque já pensou tu entrar dentro de uma casa, tem uma pessoa batendo numa criança, é como aqui assim, tu tens que tentar não mentalizar um filho, um sobrinho, porque é ruim né, tens que ter

sangue frio né, se tiver sangue quente já perde a cabeça, já perde a profissão (ILDO).

Célio, Alcides, Amarildo, Cristian e Júlia, discorrem sobre o sangue biológico e, em sua maioria, dizem não ter problemas ao se depararem com situações que o envolvam.

O sangue... olha eu nunca tive problema com o sangue não, assim, é... cortar um dedo, vê sangue assim em grande quantidade, pra mim não me assusta não (CÉLIO).

Pra mim... o sangue... é, eu consegui só ver agora do lado mais militarista, que tinha aquela coisa de sangue... pra mim... nunca tive esse medo de sangue, não sei te dizer assim sobre o que que o sangue... o sangue é o sangue mesmo de sangue sabe... (ALCIDES).

Quanto a isso eu não tive problema, nunca tive... depende, vai ser outra coisa que vai depender da ocorrência também né, tem coisa que pode ser que choque mais, mas eu acho que a princípio sangue assim não é um grande problema (AMARILDO).

Sei lá, acho que nada, sangue todo mundo tem né, desde a pessoa melhor do mundo até a pior né... não é como se fosse um caráter, uma honestidade, tem gente que tem gente que não... sangue tem que ter, não adianta (CRISTIAN).

Tranquilo... faz parte, se tiver que ver vou ver, se tiver que ver morto tenho que ver...eu já vi sangue jorrando, não tenho medo (JÚLIA).

Jardel e Celso relacionam o sangue a questões sociais, pois simbolicamente representam, por exemplo, a violência, por meio de tiros, acidentes de carros, atropelamentos, tráfico de drogas.

O sangue representa acho que tudo que o cara que não presta é, assalto, o tiro, atropelamento e o culpado é a sociedade... o sangue o culpado é a sociedade, que tem um monte de cara aqui que sobe o morro pra comprar droga, achando

simplesmente que ele tá usando o baseado dele, usando a maconha dele e não tá incomodando ninguém, mas aquele dinheiro que tá ali tá financiando o sangue, tá financiando a morte de muitas pessoas, as pessoas usam droga, encham a cara de cachaça e saem aí, saem atropelando, matando (JARDEL).

Algo que sem ele a gente não vive, sei lá... sangue é primordial... Dentro da atuação da polícia é uma coisa que a gente deveria ver menos né... deveria ver menos, até na prática, a gente vai ver muito questão de cidadão ou policial alvejado, acidente de trânsito, vamos supor um acidente de trânsito não tem como um policial militar ele combater isso né, porque vai de cada cidadão.... se o cidadão sair correndo a cem quilômetros por hora e bater lá no poste, a gente vai ver sangue, lógico, só que eu digo assim na parte de ocorrência onde a gente possa alvejar e possa ser alvejado né... então nessa questão eu acredito se a gente conseguir aplicar bem a técnica direitinho, fazer tudo certo como deve ser, a gente vai ver muito menos sangue (CELSO).

Percebe-se assim que o sangue pode representar não somente o tecido conjuntivo líquido que circula em nosso sistema vascular, mas ter significados simbólicos e sociais. Além do significado biológico, foi identificado nas entrevistas aspectos relacionados à dedicação e empenho a profissão, no qual o policial deve ‘vestir a farda’ e se empenhar; frieza nas ocorrências cotidianas; a vida e a morte, quando é possível identificar o ato de salvar vidas, ou o tiro, o indivíduo alvejado, o ferimento; problemas sociais com drogas, violência e acidentes de trânsito. Dessa forma, o sangue pode estar representando, por exemplo, problemas sociais de segurança pública.

5.6.9 O suor

Assim como o sangue o suor representa tanto aspectos biológicos, como simbólicos. Segundo o Ten. Cel. Couto há uma máxima no quartel que diz ‘o suor do treinamento poupa o sangue do combate’. Esta frase é repetida diversas vezes em sala de aula por instrutores e utilizada, também, em materiais didáticos, conforme figura a seguir:

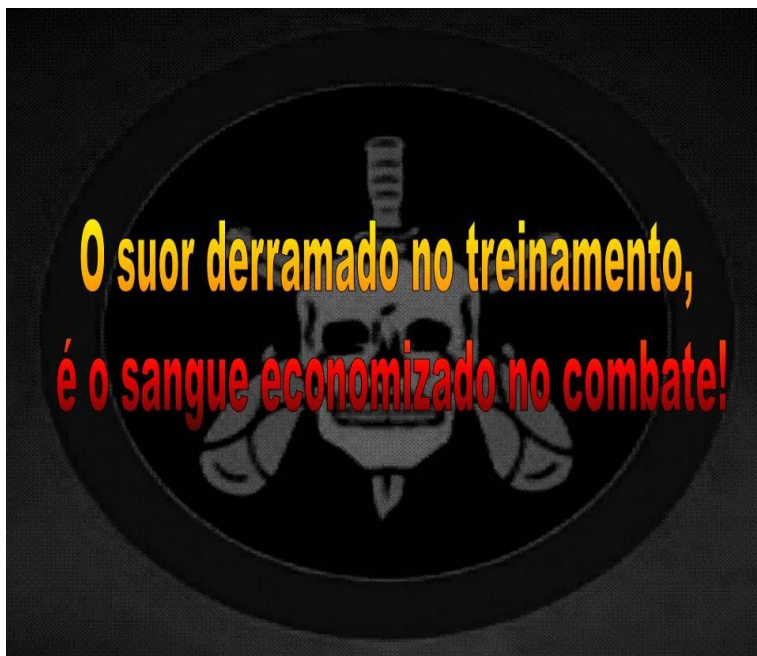


Figura 6: Frase de inculcação

Fonte: Material de aula CFSD (2012)



Foto 100: Aula teórica

Essa ‘máxima’ é inculcada frequentemente nos alunos soldados e pode ser percebida pelos relatos dos mesmos. Alcides, Gerson, Juvenal, Ian, Haroldo, Cristian, Félix transparecem esta condição ao afirmarem que o suor representa o trabalho duro, a dedicação, o treinamento.

O suor é o suor do trabalho, acho que o suor foi de trabalhar, o suor... trabalho, conseguir... (ALCIDES).

O suor... nosso trabalho, dedicação por tá fazendo alguma coisa (GERSON).

Treinamento, trabalho (JUVENAL).

Trabalho (IAN).

O cara tem que se doar, tem que suar sangue né, pelo o que tá abraçando, pra que seja bem feito (HAROLDO).

O suor é bom, o suor é bom... é importante suar, acho que quando a gente sua a gente tá mostrando que tá trabalhando né, mostrando que o trabalho tá sendo bem feito... mostrar serviço (CRISTIAN).

Félix e Jardel fazem alusão às dificuldades e riscos enfrentados pelos policiais e diz ser importante ‘cada gota de suor’.

O suor também representa muito, a gente tá aí na batalha diária, a gente que sabe que não é fácil, há muitos bandidos aí, muito melhores ou as vezes até condicionados, aplicando técnica policial também, muito mais equipados do que a própria polícia, então cada gota que escorre ali é valiosa pra cada um (FÉLIX).

O suor é difícil falar porque o suor de um policial militar só quem é policial pra saber o que é suor do policial militar, do risco que ele corre todo dia... pode sair de casa e não voltar mais né, como já aconteceu recentemente esse mês dois casos né... o cara sai de casa e não sabe se vai voltar... então o suor que o cara derrama aqui, é guerreiro mesmo (JARDEL).

O suor é o que o combatente hoje né tá buscando, os soldados por exemplo é... em mudar muito os paradigmas que tem no meio militar né... uma coisa que está sendo quebrada, acredito... pelo o que a gente escuta aí é que já foi bastante diferente... hoje o soldado pode se expressar né... então esse suor aí é o suor de quem busca... pro soldado que é a base da instituição, é melhores condições (ELIAS).

Celso, Célio, Amarildo, Júlia e Ildo relacionam-no ao suor do corpo físico e discorrem principalmente de aspectos relacionados ao calor e ao uso dos equipamentos, como o colete balístico, por exemplo.

O suor ele expressa não só o calor que tu tá sentindo na hora mas a adrenalina que de certa forma a ocorrência vai te trazer... (CELSO).

Olha o suor realmente quando tu trabalha bastante, o esforço físico, tu te impõem bastante numa patrulha, subindo morro, tu soa bastante né, acho que faz parte do trabalho (CÉLIO).

É complicado... o suor é complicado... eu não sei se isso aí já pode entrar a questão do fardamento aí... pô é... porque o policial acaba se tornando uma máquina né... portanto tens que lidar aí as vezes o verção lá e colete balístico e tudo, só que pô tua segurança, aquilo ali já complica um pouco (AMARILDO).

Constante [risos], quer vê dentro daquele colete ali (JÚLIA).

Pô o suor vai ser intenso né, trabalhar com aquele material todo, mas é importante suar um pouquinho pra perder a alimentação ruim que a gente come aqui (ILDO).

Observa-se, então, que a busca pelo corpo perfeito e saudável para a performance eficaz na função, é feita constantemente nos treinamentos durante o CFSD e representa o suor do trabalho duro e dedicação. As fotos a seguir demonstram este suor ‘derramado’.



Foto 101: O suor na incursão 1



Foto 102: O suor na incursão 2



Foto 103: O suor da pesquisadora



Foto 104: O suor na incursão 3

5.6.10 A lágrima

A lágrima é considerada um ‘tabu’ no meio militar, principalmente por estar ligada à expressão dos sentimentos. Quando

questionados sobre a relação da lágrima com a Polícia Militar, a maioria dos alunos soldados fez relação a emoção e expressão dos sentimentos.

Elias a relaciona com o sentimento, no entanto, despersonaliza, não fazendo referência ao seu individual. Para ele é o sentimento de ‘uma pessoa’, mantendo assim a dor longe do seu ‘eu’.

Acho que a lágrima é o sentimento de uma pessoa ou de uma família que tem um ente perdido... ou seja combatente ou seja por medida de doença, alguma coisa assim... acho que a lágrima é um sentimento né, uma dor de uma pessoa (ELIAS).

Célio e Juvenal utilizam-se da mesma expressão para retratar que nem mesmo o policial militar, do qual se exige o máximo de frieza possível para atuação, está livre de passar por emoções.

Ninguém é de ferro, de repente uma hora ou outra, tu exercendo a tua função de policial militar pode ser que ela venha surgir (CÉLIO).

Ah ninguém é de ferro... é tristeza né... a lágrima dentro da profissão eu acho que sempre vai tá relacionado com alguma coisa de ruim que aconteceu, alguma coisa ruim, alguma coisa triste (JUVENAL).

Alcides, Gerson, Celso, Félix, Cristian, Ian e Amarildo também fazem relação com as emoções e expressão de sentimentos.

Expressão dos sentimentos (GERSON).

Alcides, Celso e Ildo no entanto afirmam que no meio militar não se deve expressar.

Ah lágrima, sentimento mesmo, só mesmo a lágrima como um sentimento... emoção... no meio militar não pode... pôde, pode, mas não deve... por questão militar, de ser forte, como eu disse pode, não deve, a questão do forte, militarismo... o militar tem que ser forte... questão militarista mesmo (ALCIDES).

A lágrima... uma coisa que a gente vai ter que conter em ocorrências, questão de como eu falei antes de razão, emoção... agir com a razão e não com a emoção... só... (CELSO).

Ah muitas vezes tem que ser segurada, nem sempre a gente pode soltar lágrima aqui, as vezes tem que ser um pouquinho gelado sim... porque tais representando ali prum civil, eu vejo assim, pô, prum civil, as vezes o ponto forte ali é o policial... pô se tu perder a estribeira ali assim, começar a chorar numa ocorrência, o civil vai se ver nos apuros também né, pô o cara que veio aqui pra me proteger, que era para ser o forte, tá com o sentimento a flor da pele, tá descontrolado, tá chorando ali assim, aí... acho que complica, não é bom, escondidinho lá atrás da viatura pode ser [risos] (ILDO).

Félix, Cristian e Ian relacionam-na com a polaridade positiva e negativa, representando tanto situações boas, como ruins.

Toda lágrima ou de felicidade ou de tristeza pra mim é bem vinda, aquela lágrima de emoção é extremamente gratificante, a gente tá podendo ajudar as pessoas e aquela pessoa vim retribuir com um gesto de carinho, muito obrigado, a gente se emocionar e aquela lágrima sair... mas a lágrima de tristeza, tu ver um parceiro de farda caído, alvejado, pedindo socorro, acho que isso é gratificante também, ele tá dando a vida dele pra tá salvando as outras e a gente tá ali pra ajudar ele também, quando escorre aquela lágrima é uma lágrima de tristeza né, a gente não quer ver nenhum amigo sofrendo esse tipo de risco, sendo alvejado aí por vagabundo, mas é isso que representa (FÉLIX).

É bom, é bom... as vezes é bom as vezes é ruim né, mas que nem na nossa formatura tenho certeza que muita gente vai chorar ali de felicidade, as vezes é bom. No nosso trabalho fora acho que a maioria das lágrimas vai ser de tristeza né, mas antes aqui na academia acho que chorar as vezes vai ser bom (CRISTIAN).

Seria a perda de alguma coisa, decepção e talvez a alegria, a realização (IAN).

Amarildo afirma ser emotivo e diz que a lágrima é importante para o desenvolvimento da função.

É complicado também, eu sou bastante emotivo então... eu acho importante também saí do serviço... o cara não pode só focar e querer fazer ali e também as vezes não se sensibilizar com as coisas que acontecem né... eu acho que isso é importante pra ti se desenvolver no teu serviço... eu acho que lágrima aí é importante (AMARILDO).

Haroldo, assim como Amarildo, acredita que a lágrima é importante e diz já ter chorado muitas vezes durante o curso como forma de alívio das pressões sofridas.

Eu acho que é necessária né, por causa que tu vê tanta coisa ruim sabe, tu vai começar a ver tanta coisa ruim, que uma hora tu vai desabar, tu vai desabar, uma hora tu vai chorar e muito com certas situações... eu comigo mesmo já chorei muito nesse curso, de saudade de casa, saudade da minha família, chorei e acho que foi muito necessário todas essas lágrimas... esse meu choro, esse meu pranto, porque me descarregou sabe, me descarregou o peito, no outro dia eu tava melhor, tava mais vivo pra poder seguir mais um dia (HAROLDO).

Jardel associa lágrima à morte, no entanto, afirma não saber explicar na prática o que representaria, pois nunca passou por esta experiência.

Olha eu nunca passei por isso então eu não sei te dizer... mas acho que deve ser muito difícil... sei lá... conversando um dia com esse cara que foi morto aqui na Palhoça, esse cabo, faz um mês e pouco né, que mataram ali na favela, conversando com o colega dele, os cara trabalharam 10 anos junto, então... não sei o que falar, não tem.... (JARDEL).

Júlia faz relação da lágrima não com a instituição Polícia Militar, mas com as pessoas que fazem parte da organização.

Não vejo ligação com a polícia... eu vejo ligação com quem tu convive dentro da polícia. A polícia militar nunca me fez chorar na real, nunca me fez, agora, as pessoas que estão dentro da polícia né, aí é complicado (JÚLIA).

Constata-se assim, que os alunos soldados relacionam a lagrima as emoções e a expressão dos sentimentos. Em sua grande maioria, associam-na a situações ruins que possam vir a passar na profissão, como a morte, por exemplo. Outras emoções relacionam-se a tristeza, dor, sofrimento, saudade, decepção, perda. Além dos aspectos negativos, há alunos soldados que afirmam que a lágrima também possa representar felicidade, alegria e realização.

Apesar de ser natural do ser humano e dos alunos soldados afirmarem que a lágrima auxilia no alívio das pressões que a profissão impõem, discorrem que no meio militar é preferível não transparecê-la, ou quando fizer, deixar que ‘caia’ em algum momento ‘escondido’. Este paradoxo representa o papel de ‘herói’ que é imposto ao Policial Militar assumir. O policial militar tem que ser um indivíduo capaz de proteger a população e salvar vidas, sendo representante da força, do poder e da emoção inabalável, como exemplifica a fala de um aluno soldado: ‘nós somos como uma máquina e somos treinados para fazer coisas que as pessoas normais não fariam’ (AMARILDO).

5.6.11 O nascimento

O nascimento faz parte de uma das técnicas estudadas por Mauss (1934). A este respeito, o autor discorre sobre as posições de nascimento dos bebês, técnicas do parto, modo de pegar a criança, ligadura e corte do cordão umbilical, cuidados com a mãe ou com a criança, escolha da criança, abandono dos fracos, dentre outros. Já o significado da palavra no dicionário, temos “ato de nascer”, “vinda ao mundo” (PRIBERAM, 2014). Procurou-se identificar o que o nascimento representava para os alunos soldados.

Elias, Félix e Haroldo, simbolicamente representam este ato de nascer, esta vinda ao mundo, ao nascimento do ‘ser militar’.

O nascimento ele é renovação... no caso é um novo ente querido, por exemplo, daqui um mês

nós vamos ter o nascimento de 38 pessoas no meio militar, onde vão puxar 29, 30 anos de carreira né... então acaba sendo nascimento né... e ainda bateu aí nove meses... então vão ter 38 cabeças pensantes aí, atuando na corporação (ELIAS).

Olha o nascimento aqui a partir do curso de formação de soldado, eu sou um novo Félix, porque a gente aprende muita coisa que lá no mundo civil a gente não sabe nem da metade do que acontece aqui dentro... então aqui nasce um novo soldado Félix (FÉLIX).

O que é que eu vou te dizer do nascimento... eu acho que agora morreu o civil Haroldo José da Silva pra nascer uma pessoa que vai se dedicar a ajudar os outros, que foi sempre o propósito sabe, eu sempre quis poder ajudar os outros, então a partir desse curso, a partir do dia treze, tá nascendo uma pessoa que vai poder querer fazer o que sempre quis (HAROLDO).

Gerson, Ian, Amarildo, Alcides relacionam o nascimento a algo novo, renovação.

Nascimento, uma vida nova (GERSON).

O novo, a esperança (IAN).

Pô o nascimento pra mim eu acho importante, porque dá pra tu pensar no nascimento como uma coisa nova né, uma coisa nova e normalmente coisas novas tendem a ser coisas boas... então eu acho que sempre representa coisa boa o nascimento (AMARILDO).

Ao contrário de Amarildo, Alcides pensa que o novo além de bom, também pode ser ruim.

O nascimento, surgimento... algo novo, pode ser bom, pode ser ruim, algo novo que pode ser bom e que pode ser ruim (ALCIDES).

Célio, Juvenal, Celso Cristian e Ildo discorrem sobre o nascimento no sentido físico do ato de nascer.

É um momento muito bom né na vida da gente, nascer, viver (CÉLIO).

O nascimento... é... uma coisa espetacular né, uma outra vida que... uma obra prima... (JUVENAL).

O nascimento... melhor coisa né (CELSE).

O nascimento é importantíssimo né, seja de quem for é importante né, ninguém nasce ruim né, então todo nascimento é bem vindo (CRISTIAN).

Oh vou falar do meu filho, foi tudo assim não tem.... nascimento de um pessoa, ou de algo, tipo uma profissão, é um começo... (ILDO).

Júlia não percebe ligação entre o nascimento e a polícia militar.

O nascimento, putz... nada a ver... não vejo uma ligação assim (JÚLIA).

Constata-se a partir dos relatos, que o nascimento de uma forma geral é visto como algo positivo, seja de forma simbólica, ou não. Simbolicamente, o nascimento representa para os alunos soldados, a entrada no mundo militar. Conforme alguns relatos, a partir do momento da solenidade de formatura, eles deixarão de ser o 'Fulano da Silva', para ser o 'Policial Fulano'. Assim, todo o processo de socialização ocorrido no CFSD durante os nove meses de formação, culminará no dia da formatura, no nascimento de um 'novo ser', o 'ser militar'.

5.6.12 A morte

A morte apesar de poder estar bem próxima do dia a dia do policial militar, ainda é um tabu em nossa sociedade. Este fato pode ser demonstrado no relato de Cristian:

Morte é complicado né, vê alguém de perto morrer, é uma coisa que não precisava existir (CRISTIAN).

Segundo Baudrillard (*apud* LE BRETON, 2000) a morte funciona nas sociedades ocidentais como proibida e é selada em sua repressão, indizível. De acordo com Le Breton (2000) quaisquer buscas de limites, evoca a morte para garantir a existência. Ela marca a posição do indivíduo no mundo e evoca o medo difuso relacionado a indeterminação dos significados e dos valores. A morte simbolicamente superada permite viver sob a luz de uma nova legitimidade. Além da tomada de risco, ocorre uma outra significação mais difícil de detectar e descrever, o que o autor chama de ‘*ordalie*’ (provação). A provação é o abandono de si ao julgamento de Deus, ou ainda, a submissão mais ou menos passiva às circunstâncias após uma iniciativa onde a provocação da morte é clara (LE BRETON, 2000).

Podemos constatar esta afirmação no relato de Félix a respeito da morte. Ele, enquanto policial militar, se propõem a correr o risco de morte para ajudar as pessoas e delega a ‘responsabilidade’ da morte a Deus.

Olha a morte é esperada por todos, todos vão partir um dia, mas espero ter muito tempo aqui dentro da corporação, pretendo ajudar muita gente, ajudar amigos, ser companheiro de todos e vamos deixar na mão de Deus pra que ela aconteça... (FÉLIX).

Bom, morrer todos nós sabemos que um dia a gente vai partir desse mundo né, aí dentro da profissão é aquela coisa, tu tens que agir dentro do que tu aprendeu, dentro do curso da academia né, com maior segurança possível, pra ti evitar uma baixa né, como a gente conhece aqui dentro, agir sempre com profissionalismo né (CÉLIO).

Juvenal, Ildo e Haroldo relatam ser algo inevitável. No entanto, Juvenal e Ildo afirmam que as pessoas nunca estão preparadas para passar, enquanto Haroldo diz que precisaram saber enfrentar, pois a própria profissão exige quando prega ‘defender as pessoas com o risco da própria vida’.

A morte a gente nunca tá preparado... até a gente tava outro dia conversando em sala de aula, daí o instrutor parou assim, ‘pô vocês já pararam pra pensar que com o tempo fulano pode não tá mais

aqui, sicrano pode não tá mais aqui, beltrano pode não tá mais aqui, pode ser alvejado em ocorrência', começou a dar um discurso ali em sala de aula, pô todo mundo assim ficou meio chocado, meio parado que pensando pô realmente é verdade, mas as vezes a gente acha que tá preparado, mas quando se toca no assunto é um assunto delicado, espero que não chegue tão cedo (JUVENAL).

Inevitável, porém espero que venha bem tarde né, a gente nunca tá preparado né... acha que tá... (ILDO).

Inevitável né... eu não vou te dizer que é uma coisa... porque eu não perdi familiares ainda sabe, então eu não posso te dizer se a morte dói, se a morte é boa, se a morte é ruim, bom não deve ser pra quem fica, mas eu não vou poder te dizer por causa que eu não sofri com isso ainda e não pretendo sofrer tão cedo, mas vamos ter que ter cabeça pra encarar, tanto como fala com o risco da própria vida né (HAROLDO).

Assim como Haroldo, Júlia diz ser necessário saber encará-la. E diz que o meio de atuação faz com que se perca o medo da morte.

É encarável né, tem que encarar, fazer o que... tá na pista... tu meio que perde um pouquinho do medo da morte assim... pô tu sobe o morro, tu sabe que pode levar um tiro a qualquer momento... tu não vai? Entendeu, tu vai... então chega uma hora, pa, tu tá lá na incursão, tu não tem mais medo velho, não sei... acho só se tivesse assim uma arma apontada na tua cara talvez tu teria medo, agora... mas morte é comum (JÚLIA).

Elias traz oculto em seu discurso, aspectos que podem ser relacionados à morte prematura e repentina de seu pai, demonstrando com isso, como as situações vivenciadas no meio particular também influenciam o meio profissional.

A morte é algo que deprime as pessoas né... principalmente se for de uma forma imatura, uma

forma assim repentina... então... se você tem uma morte por questão de doença, você a principio você já tá esperando... você já tá tentando resolver aquele problema, mas quando já tá num nível mais avançado você já espera a morte, agora em questão de algo que tá hoje aqui, tá rindo e amanhã já não tá é frustrante assim... é pesado (ELIAS).

Amarildo e Alcides afirmam ter repensado sua relação com a morte após entrarem para polícia, principalmente pelo fato de terem o poder legitimado de tirar a vida de outra pessoa quando necessário.

A morte é complicado... uma das coisas que mudou na minha cabeça é tu entrar na PM e tu achar que pô cheguei lá vou matar o bandido.. eu já acho que não é bem assim tais entendendo... eu já acho que essa coisa mudou um pouco a minha cabeça... antes eu pensava muito nisso...eu sou uma pessoa muito preocupada com a morte, eu sou daquela opinião pô, as vezes os cara vão subir o morro, daí tu tá dentro do ônibus com o cara, daí tu olha pro cara, o cara do lado tá dormindo porra, daí tu diz pô como é que tu tá dormindo cara, pô tu vai subir o morro cara, tens que ter medo, porque quem tem medo se cuida mais né.... eu tenho bastante medo da morte tá ligado... eu procuro nunca achar que eu vá atender 100 ocorrência de som alto e achar que as 100 ocorrências de som alto é normal tais entendendo... eu acho que a pessoa tem que chegar e sempre tem que ter um pé atrás com aquilo ali porque pô, aquilo ali pode causar tua morte ali pô.... acabar tua vida tá ligado, o mais importante... eu tenho medo, eu tenho medo da morte (AMARILDO).

A morte... um certo fim... Dentro da profissão... não sei te dizer, não consigo te dizer porque nunca experimentei, então não vou conseguir te dizer... mas pelo o meu sentimento que eu tenho de morte não deve ser bacana, uma coisa que eu vou falar que eu pensei a morte agora que eu fui pro enterro do meu pai, daí ía pensando no ônibus assim, hoje eu tô triste por causa dele, imagina agora tu voltar

nesse ponto que eu de repente eu possa né matar alguém... pra mim de repente vai ser uma coisa ali simples, né, eu vou tá dentro da lei, vai ser minha profissão, vou ter que... eu certamente te digo, não vou matar alguém sem necessidade sabe, se tiver que acontecer vai ter que ser por uma necessidade mesmo né, então daí eu fiquei pensando... de repente nessa necessidade eu matei essa pessoa, pra mim vai... eu acho que eu não vou sentir muito, de repente não sei, não posso te dizer agora, o que eu vou sentir ou não... mas eu acho que não vou sentir muito, matei porque eu precisei, por uma necessidade mesmo, mas eu digo... o que pensa a família desse que morreu... ela vai tá triste, ela não tem o mesmo pensamento... pra mim entre aspas de repente vai ser mais um que eu matei, claro não é bem assim, matei na necessidade, mas foi um... fui entre aspas também obrigado a matar, matei, precisa, era eu ou ele, então entre eu e ele, ele com certeza... mas do outro lado vai ter uma pessoa triste chorando, não quer saber se era ladrão... é o pai dele, é o irmão dele, é a mãe dele, que gostava dessa pessoa, é uma coisa complicada, o que me fez repensar que pra matar uma pessoa não é... acho que só mesmo numa extrema necessidade... morte pra mim não é agradável, de maneira nenhuma... (ALCIDES).

Assim como Alcides, Celso também relata uma situação de morte na família que passou durante o curso e afirma que o ocorrido lhe deu ânimo para prosseguir.

Triste, muito ruim, mas que a gente vai passar diversas vezes vendo isso né, eu passei agora por uma, só que daí foi familiar né, foi durante o curso, meu vô veio a falecer, então... e meu vô pra mim, como eu fui criado junto com o meu vô né, meus avós moravam junto com meus pais, então meu vô era meu pai realmente, era meu pai mesmo... então pra mim foi bem sofrido mas tentei trabalhar com aquilo da melhor forma né, pra não poder prejudicar o curso aqui também [olhos lacrimejados...]... eu usei o que aconteceu pra me dar mais ânimo ainda entendeu... porque

meu vô, era meu pai, então eu me espelho nele até hoje, vou sempre me espelhar nele, até a questão de ser funcionário público, sempre quis ser funcionário público até mesmo porque meu vô foi funcionário público e porque ele pôde dar uma vida pra família dele né, então é o que eu quero pra minha família, então pra mim a base foi isso também e eu utilizei o falecimento dele pra isso... é que nem eu falei, até lá em casa eu já tinha comentado que o curso eu dedico totalmente pro meu vô né, que poderia tá aqui pra ver, não vai tá, mas... faz parte né, mas eu tentei me fortalecer no que aconteceu... (CELSONO).

Além de Alcides, Gerson, Ian e Jardel associam a morte ao fim de um ciclo.

O fim.. o fim da expectativa, fim de... como é que eu vou falar isso... um ponto que tu chega que não tem mais como continuar, é isso (GERSON).

O fim, de algo que já deu os frutos (IAN).

Acho que a morte é o fim de tudo né... não o fim de tudo né, mas a morte significa que aquilo que você fez aqui acabou, já era... (JARDEL).

Embora seja um fato biológico, a morte traz consigo, dentre outros, aspectos sociais, culturais, psicológicos, religiosos e simbólicos. Apesar da morte ser algo inevitável e vivenciada universalmente, cada sociedade se comporta de maneira diferente diante dela. Os indivíduos também irão encará-la de forma diferente uns dos outros, no entanto, na maioria das vezes, terão influência da forma cultural que sua sociedade lida. No que diz respeito aos alunos soldados, observa-se que de uma forma geral, a morte está relacionada com o fim, a perda, algo complicado de se lidar, mas que no entanto, deve ser encarada, pois a profissão muitas vezes fará com que se tenha que ‘encará-la de frente’. Esta dificuldade de se lidar com a morte, retrata a forma como nossa sociedade culturalmente a encara.

5.6.13 Os Sentidos (visão, olfato, paladar, audição, tato)

As pesquisas aplicadas ao corpo, não devem limitar-se somente as ações do corpo, além disto, é necessário considerar as corporificações do funcionamento regular do mundo (LE BRETON, 2009). Segundo o autor, as pessoas decifram sensorialmente o mundo de maneira diferenciada, seja de cultura para cultura ou de uma classe social para outra. A configuração dos sentidos e seu desenvolvimento, são de natureza não somente fisiológica, mas também social. A todo momento decodificamos sensorialmente o mundo, transformando-o em informações visuais, auditivas, olfativas, táteis ou gustativas. Desta forma, determinados sinais corporais escapam ao controle da vontade ou consciência do indivíduo, o que não faz perder, no entanto, sua dimensão social e cultural (LE BRETON, 2009). O autor assevera que cada comunidade humana elabora seu próprio repertório sensorial como universo de sentido, ou seja, as atividades perceptivas utilizadas pelo indivíduo durante a vida, são fruto do condicionamento social. No entanto, cada indivíduo apropria-se do uso desse repertório, de acordo com a sensibilidade e acontecimentos que marcam sua história pessoal (LE BRETON, 2009). Já que o indivíduo decodifica sensorialmente o mundo a cada instante, buscou-se identificar a importância desses sentidos para a atuação do policial militar. Exemplificando com os relatos de Gerson e Celso, em sua maioria corroboram da opinião que ter os cinco sentidos básicos bem desenvolvidos é necessário para atuação profissional.

Necessários pra profissão também (GERSON).

Tem que tá bem aguçado pra questão da nossa atividade policial militar, não que sem ele a gente não consiga fazer a atividade, mas se tiver bem todos os sentidos, vai ser melhor ainda a atuação (CELSONO).

Os alunos soldados discorrem sobre a importâncias dos cinco sentidos para atuação profissional e destacam principalmente a importância da visão e a audição. Elias, Alcides e Haroldo trazem em seu discurso um significado figurado para os sentidos.

Acho que vamo começar pela visão... a visão é algo que a gente almeja na corporação... o paladar, o paladar é o alimento que a gente tem que ter

todo dia pra poder enfrentar as situações dentro da corporação... a respiração ali a gente tem que ter bastante focado pra não poder desanimar... o tato, você tem que ter muito tato principalmente na questão do companheiro que você vai ter do seu lado... você vai ter que ter maneiras de falar com aquela pessoa... e a audição você tem que escutar a pessoa também... as vezes a gente tira uma conclusão e aí só acha que a gente tá certo e a outra pessoa não tá... então tem que entrar num consenso aí (ELIAS).

Acho que é essencial né essa parte pra nós... a gente precisa de ver, ouvir, a audição né que também é muito importante né, ouvir as pessoas, acho que um dos principais né, acho que ouvir, saber analisar, depois tem a reação, sem reação eu acho que... a audição é umas das nossas principais... principais sentidos importantes, que é difícil dizer um mais importante que o outro (ALCIDES).

O que tu vai fazer tu vai precisar ver, tu vai precisar escutar muita coisa, tu vai escutar muita coisa que tu não quer escutar, tu vai ver muita coisa, principalmente vê o que tu não quer ver, tu vai falar coisa errada na hora que não deve, mas como tudo tem um pós, também tem o contra (HAROLDO).

Célio, Amarildo, Félix, Cristian, Ildo, Júlia e Jardel, discorrem sobre a importância principalmente da visão e audição e exemplificam suas utilidades na prática.

Pra função do policial militar é muito importante, tu tem que tá com a tua saúde, com esses sentidos né... Visão...obviamente ver né, o cheiro se tu tá fazendo um patrulhamento, questão do tráfico, uso de entorpecentes, maconha, esse tipo de coisa né, audição tu ouvir questão de radiopatrulha, se tu tá usando o teu ht²⁵, isso é muito importante né e tato né questão de armamento mesmo, assim, pra tu identificar, as vezes se tu... tu tá com ela na mão

²⁵ Rádio de comunicação

mas tá com o dedo fora do gatilho né, tu tá no escuro tu só procura ali aonde tu tem que pressionar e tal... (CÉLIO).

Dentro da profissão pô, é tudo né... tu acaba saindo daqui, tu sai com... visão mesmo tu... hoje não passa nada por ti né... acho que trabalha tudo... aqui dentro é importantíssimo tudo, ter tudo bem desenvolvido (AMARILDO).

Ah de extrema importância, principalmente tu ter uma visão e uma audição boa... a visão te proporciona um amplo campo visual pra que tu observe tudo ao mesmo tempo... policial tem que tá sempre atento a tudo, então... a audição muito mais ainda, tais olhando pra um lado, mas se tu escuta do outro tu já tem que tá atento pra virar que pode ser o teu inimigo do teu lado, então todos os sentidos aqui é extremamente importante.... o tato, o olfato, pra ti tá identificando se tem alguma pessoa morta dentro daquele recinto, as vezes tu não tá encontrando mas só pelo cheiro você já sabe que ali tem algo de errado, então todos os sentidos na nossa vida é importante (FÉLIX).

Acho que quanto mais aguçado melhor né, quanto mais a gente trabalhar esses sentidos aí, visão, audição.... as vezes tu não tá ouvindo uma coisa e tá bem perto de ti, tem que aquecer o ouvido (CRISTIAN).

Visão muito importante, paladar foi estragado nesse tempo aí com a comida daqui, pretendo recuperá-lo, mas o tato também é muito importante na profissão... Pô tu as vezes vai ter algum lugar que tu não vais conseguir enxergar né, tu vais acender um, pô imagina um pessoa sem tato, como é que tu vai acender uma luz no escuro sem sentir aonde é que fica, aonde é que acende, essas coisas assim (ILDO).

Ah, muito utilizados pra gente né, visão mesmo (JÚLIA).

Engraçado porque a única coisa que eu me preocupo é a visão, porque se tem que tá hoje trabalhando tem que tá ligado em tudo né, mas o restante nunca... [os outros não são tão importantes?] Não (JARDEL).

Apesar de perceber todos os sentidos como essenciais para atuação profissional, ao contrário de Jardel, que se preocupa fundamentalmente com a visão, Ian diz ser possível atuar mesmo com deficiência na visão.

Eles são muito importantes, dentro da profissão tem que ter todos né, senão vai ficar complicado exercer a profissão, talvez a visão não, trabalhar no copon, acho que eu vi uma matéria com um cara em São Paulo ele fazia esse trabalho, ele ficava no telefone e comunicando no rádio e ele era muito eficiente, seria interessante (IAN).

Para Juvenal pode representar a linha entre a vida e a morte do policial. Além disto, acredita que a intuição, o sexto sentido, pode ser importante também para a atuação policial.

As vezes pode representar a vida e a morte né... se ele tiver com todos os sentidos, respiração, vendo, bem atento, as vezes até o sexto sentido, que fugindo dos cinco, que é alguma coisa que tu perceba extra, quando o ambiente tá pesado, alguma coisa diferente, eu acho que é fundamental pra rotina do dia a dia do policial, tá bem atento, tá ouvindo bem, tá com todos os sentidos bem aguçados assim, acho que é fundamental né, pode definir entre a vida e a morte do policial (JUVENAL).

Apesar das particularidades de vida de cada aluno soldado, na ‘comunidade Polícia Militar’, percebe-se que os cinco sentidos são percebidos como essenciais para atuação profissional. Os alunos soldados destacam principalmente a visão e a audição, sentidos esses que quando possuem deficiências específicas, conforme abordado anteriormente, podem ser, inclusive, condições incapacitantes para o candidato ser aprovado no concurso.

Le Breton (2009) demonstra que qualquer aquisição de uma nova técnica, é também aprendizado sensorial. O autor exemplifica que o aprender a cozinhar se relaciona com a olfato, com o gosto, com a visão; escalar rochedos, com o tocar; o aprender a tocar um instrumento musical com a audição. Ou seja, ao mesmo tempo em que se manifesta, a experiência corporal modela as percepções sensoriais pela integração de novas informações.

Dessa forma, as percepções sensoriais dos alunos soldados serão essenciais no seu processo de socialização e aprendizado de novas informações. Terão que ter, por exemplo, a visão bem apurada para identificar a longa distância se o indivíduo perseguido possui uma arma ou um celular na mão; barulhos que podem representar perigo numa incursão; tato em locais que possam vir adentrar sem iluminação adequada, olfato para identificação de substâncias ilícitas. De acordo com Silva e Rosa (2012), instrutores da disciplina Qualidade na prestação de serviço policial (QSP), é importante o policial militar desenvolver habilidades sensoriais para sua atuação. Segundo eles, os sentidos são importantes para melhor atender as pessoas no dia a dia, bem como para colher informações que possam ser úteis nas ocorrências. Sobre os sentidos, discorrem aos alunos soldados (p. 16):

- Não restrinja sua audição somente ao prazer de ouvir uma boa música.
 - Não impeça sua visão de ver além do necessário para lhe guiar.
 - Não transforme seu tato apenas numa ferramenta.
 - Não deguste somente seus alimentos.
 - Não utilize o olfato só para detectar fragrâncias fortes.
 - Não acredite na sua intuição somente ao lidar com sentimentos.
- Esteja aberto a todas as informações que puder captar da pessoa que pretende atender.

Os sentidos básicos também são abordados em outras disciplinas, como nas aulas de tiro policial (TRP) a respeito de medicina legal; nas aulas de Atendimento Pré-Hospitalar (APH), quando se trata da identificação de determinados sintomas; ou mesmo nas aulas de Direito Penal, quando se estuda, por exemplo, aspectos relacionados à lesão corporal. Sendo assim, percebe-se que esses fatores estão presentes no dia a dia do policial militar, seja na forma deles próprios valerem-se de

suas percepções sensoriais, ou por meio de conhecimentos específicos que adquirem em diversas áreas de atuação.

5.6.14 O volume do corpo

A aparência corporal relaciona-se ao modo de se apresentar e de se representar do indivíduo. Envolve, dentre outros, maneira de vestir, de se pentear e de cuidar do corpo (LE BRETON, 2009). Um dos constituintes da aparência, segundo o autor, diz respeito ao aspecto físico do indivíduo, por meio da altura, peso, qualidades estéticas. Flores-Pereira (2007) analisa o volume do corpo na Livraria Cultura e evidencia que nossa sociedade aprecia os corpos magros, visto que possuem uma significação coerente com os valores contemporâneos de autonomia, firmeza, competitividade, juventude, autocontrole, velocidade, eficácia e produtividade. A autora analisou o significado de ser gordo na Livraria Cultura. Num primeiro momento, identificou que a crença dos vendedores é a de que o volume do corpo não é importante como padrão estético para se trabalhar na Livraria Cultura, no entanto, ao final de sua análise, constatou contradição nos discursos proferidos na organização: “um discurso e uma ação, ao menos frente aos clientes, de defesa da diversidade de corpos e uma demanda de desempenho que dificulta a presença de corpos volumosos para a execução do trabalho de vendedor” (FLORES-PEREIRA, 2007, p. 107).

No caso da polícia militar, o volume do corpo também está relacionado não só com a aparência, mas com a capacidade física de realização das atividades que o papel de policial exige.

Antes de entrar para o CFSD, a exigência por um corpo saudável e ‘perfeito’ já pode ser percebida por meio do edital. O índice de massa corpórea e relação de altura e peso do candidato, são aspectos avaliados durante o concurso. Conforme já relatado, para ser considerado apto para ingresso na PMSC e matrícula no Curso de Formação de Soldados, o candidato deve ter Índice de Massa Corpórea (IMC) no limite de 18,5 a 30 e proporcionalidade de peso e altura conforme tabela (ANEXO F) apresentada no edital (EDITAL N° 008/CESIEP/2011). A partir dessas evidências de exigência por um perfil específico de corpo para ingresso na polícia e posterior atuação profissional, questionou-se aos alunos soldados qual a importância do volume do corpo para a atuação do policial militar.

Elias e Célio fazem referência a importância de fazer atividades físicas regularmente.

Cada pessoa tem uma massa corpórea, mas pra função que ela exerce ela tem que procurar sempre tá melhorando, sempre buscando, novos esportes, novas atividades físicas, então, não deixar relaxar... se deixar relaxar as vezes... mas eu acredito que a própria atividade vai fazer com que a pessoa se cuide né, ou não (ELIAS).

Olha, a gente sabe que atualmente na polícia tem bastante gente né fora do peso e tal, aí entra a questão de sempre, tu procurar fazer uma atividade física, não digo pra ti ficar magro a vida toda né, mas pra ti ter disposição física pro exercício da tua função, a questão da alimentação é muito importante né, porque se tu exerce um serviço operacional ou um administrativo né, isso vai influenciar bastante no teu organismo, no teu corpo (CÉLIO).

Alcides acredita que deva ter um padrão a ser seguido de acordo com as atividades a serem desenvolvidas.

É um limitador das atividades né, as atividades que tu vai ter que exercer se tu consegue, então... tem que ter um padrão, um limite eu acho, tu tem que por um limite, daí tem que ver... de acordo com as suas ações né, acho que deve ter um (ALCIDES).

Assim como Alcides, Ian, Jardel, Amarildo, Juvenal, Celso e Gerson relacionam o volume do corpo as habilidades e capacidade de ação do policial militar. Dizem que é fundamental atingir o objetivo do papel exercido.

Para Ian, Jardel e Amarildo o sobrepeso prejudica a atuação profissional.

Tem que ter força mas ao mesmo tempo tem que ser ágil, então se tiver muito músculo atrapalha, se tiver muita gordura atrapalha, eu perdi 20 kgs pra tá aqui, foi muito complicado... Antes de entrar... muito complicado, perdi 20 kg em três meses... [E como é que foi esse processo de perda de peso?] Foi dolorido, porque eram 14 anos de sedentarismo, 20 kg a mais, então eu não conseguia me erguer porque eu era muito pesado,

não tinha músculo, ao mesmo tempo que eu tinha que emagrecer eu tinha que ganhar músculo então era uma situação meio complicada né, mas graças a Deus eu consegui entrar né e consegui assim concluir todos os exercícios, vou voltar a malhar, vou voltar a treinar e tal, mas por enquanto não dá, a academia militar é muito sufocante, você chega em casa você quer descansar (IAN).

Ah, muito importante... o cara muito pesado ele já vai pagar um pouco pelo fato de ser pesado... até no patrulhamento, no jogo, se tu é muito pesado, tu não consegue se abaixar, fazer uma revista, tu não consegue ter aquela habilidade (JARDEL).

Pô isso aí é complicado cara... porque como eu já fui gordinho e eu sou gordinho ainda né, eu tenho 100 kilos, eu acho que... é... por essa falta de tempo aí que acaba o policial não tendo, tende a mais a gente ter esses problema né, pô devia ter um apoio legal aí pra incentivar a pratica do exercício físico, essas coisas aí, pra gente se manter com saúde né, é complicado (AMARILDO).

Já Juvenal, Celso e Gerson afirmam que independente do volume do corpo, o importante é realizar as funções necessárias ao cargo.

Acho que cumprindo o requisito, acho que cada um é cada um entendeu, o ser humano não existe um padrão de ser humano e todo mundo é diferente, ninguém tem uma raça definida, uma cor definida, cada um é cada um, então eu acho que o pré requisito ele tem que ser estabelecido, ah a pessoa tem que fazer tantas barras, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, a pessoa tem que saber atirar, eu acho que ela ultrapassando todas essas barreiras, acho que independente se tiver um metro e cinquenta ou dois metros e cinquenta, tiver 70 quilos ou como eu que tenho 115, até empombaram no dia da pesagem pra entrar, 'pô tá pesadinho heim'... daí pegaram no meu pé... mas acho que se desempenhar o papel que tem que desempenhar aqui dentro que é o requisito, acho que não tem problema nenhum (JUVENAL).

Não tem nenhuma restrição... a pessoa pode ser alta, baixa, magra, sobrepeso, pode ser de qualquer forma, desde que ela atinja o objetivo do policial militar, não tem problema nenhum (CELSO).

Não tem importância.... [Dentro da profissão não faz diferença?] vai depender... depende da capacidade dessa pessoa né, por exemplo um colega nosso, pode ser forte, tem um físico bom, pra algumas determinadas atividades e pra outras não tem e eu sou magro, não tenho a capacidade que ele tem naquelas atividades e tenho outras muito melhores que ele não tem... aí depende... não importa porque tem vários setores na produção que tu pode usar, qualquer tipo de corpo que tenha que tu vai ter uma utilidade (GERSON).

Félix faz uma relação do volume do corpo com a resistência física.

O volume do corpo não tanto... tem gente que é forte e grande e parece um trator mas não tem resistência física alguma, pode ter aquela força imbatível em apenas um minuto, enquanto aquela pessoa que é bem treinada fisicamente, tem uma força bruta, uma força real, ela terá, ela estará muito mais bem preparada do que os brutamontes (FÉLIX).

Para Cristian, o peso será indiferente, pois o policial poderá exercer determinadas funções que não exijam o preparo físico.

Acho que não muda muito, muda pouca coisa, acho que não é tão importante não... o pessoal fala muito ah o cabo velho gordo, não sei o que, mas as vezes ele tem tanta inteligência que ele não precisa trabalhar na rua... as vezes um cara do tamanho dele não precisa tá na rua, o policial não trabalha só na rua, só correndo (CRISTIAN).

Ildo, Haroldo e Júlia acreditam que o volume do corpo está diretamente relacionado a impressão visual que o policial militar irá

passar para sociedade nas ocorrências atendidas. A este respeito, Le Breton (2009) afirma que a apresentação física de si, parece valer socialmente pela apresentação moral. Ou seja, os policiais militares que possuem um porte grande, são fortes, musculosos, irão passar uma sensação maior de segurança para a sociedade.

Eu não sou muito contente com o meu corpo não... acho que eu sou muito magro pra idade, queria ter um pouquinho mais de massa, mas a preguiça de fazer uma academia é maior, não consigo, sei lá.... [E a importância do volume pra profissão?] Impõe respeito cara, imagina um carinha magrinho assim e um armário do lado, qual que tu vai né... o impacto visual é maior (ILDO).

Quanto maior o cara mais medo mete né, só que o tamanho não é muita... o tamanho... não adianta o cara ser grandão e ser desengonçado, acho que tu tem que tá satisfeito com o volume do teu corpo, pra que tu desempenhe um bom trabalho, tem que tá satisfeito com tudo, com teu corpo, com teu cabelo, tu tem que tá satisfeito com a tua altura, senão tu vai ser uma pessoa frustrada (HAROLDO).

Ah, sinceramente é uma opinião minha, muito baixinho, não passa... pô, uma vez eu cheguei tava o Celso, o Arlindo e o Décio lá no jogo, tu fazia assim o tssss hum [acompanhando com o olhar]... pô, ele é policial? Pô um metro e meio velho, não é sendo, não é preconceito meu não é nada, discriminação, não é, é que realmente esteticamente não fica legal, não fica, sabe, não é legal... a pessoa muito baixinha, eu não acho massa. Além do que ele tinha cara de criança pequena entendeu, bah cara... pô uma mulher apanhando do marido o cara vai pegar ela pufff.... tá foi esse pintcher que veio me ajudar, não é um policial, eu quero um policial, entendeu... duvido que ele nunca escutou isso, que ele não é policial, porque é muito pequeno, tem que ter um portizinho né cara... talvez o Décio seja um dos melhores policiais que a gente tem aqui dentro né,

mas ele não passa a impressão, querendo ou não ele não passa, ele pode ser muito bom mas... é que nem mulher, mulher não passa a impressão de ser boa policial, nunca vai passar entendeu, ainda mais pra homem (JÚLIA).

Percebe-se que para os alunos soldados, o volume do corpo está relacionado diretamente com o desempenho da função, podendo ser limitador para determinadas atividades. Observa-se algumas contradições de opiniões quanto a importância da aparência. Para alguns, o volume do corpo não tem importância, desde que se consiga cumprir uma padrão de desempenho pré-estabelecido. Já para outros, a aparência visual será determinante num primeiro momento na ocorrência policial. Estas contradições demonstram que apesar de haver uma tendência social de valores partilhados, cada indivíduo irá tecer opiniões a partir de seu próprio repertório individual e experiências de vida. Os alunos soldados discorrem ainda sobre a boa alimentação e necessidade de busca constante por atividades físicas.

5.6.15 A cor do corpo

O corpo é lugar de imaginários do qual é preciso compreender suas lógicas sociais, sendo, o racismo, uma possível relação imaginária com o corpo (LE BRETON, 2009). Para Neto (2012) a cor surge para o branco como uma vantagem na ocupação de melhores posições sociais, ao passo que para os negros e seus descendentes, como um acúmulo de desvantagens de geração a geração. O autor desenvolve um trabalho na Polícia Militar da Bahia no que diz respeito a cor dos oficiais. Seu objetivo é analisar o ingresso dos oficiais policiais militares baianos, a mobilidade na hierarquia policial militar e a ocupação de funções de prestígio e mando na Polícia Militar do Estado da Bahia (PMBA). Neto (2012) conclui que a PMBA pode ser vista como uma instituição composta por uma oficialidade mestiça. É a partir do final da década de 60 que o ingresso de indivíduos de “cor” se inicia nos quadros de oficiais, no entanto, ao longo de trinta e cinco anos não significou uma absorção equilibrada dos indivíduos oriundos dos segmentos mais populares de origem étnico-racial descendente dos africanos.

No estudo de Flores-Pereira (2007), a autora constatou que a cor de pele escura não se vincula à rede de significações da cultura cult-intelectual-erudita que está à venda na Livraria Cultura. Segundo ela, os pardos e negros afastam-se desse ethos na medida em que sua histórica

de exclusão sócio-econômica e o posterior processo de auto-exclusão que se estabelece minimizam suas possibilidades de acesso a instituições que promovem tal acervo cultural.

De acordo com Le Breton (2009), o corpo estrangeiro torna-se corpo estranho e a presença do outro se resume à presença de seu corpo, ou seja, ele é seu corpo. Assevera, assim, que aos olhos do racista, o homem nada mais é do que um artefato da aparência física, do corpo imaginário ao qual a raça da nome. Buscou-se compreender, então, o que essa cor do corpo representava na PMSC.

Todos os alunos soldados afirmam que a cor do corpo não interfere na profissão. Segundo eles, o caráter e as atitudes é que serão importantes no dia a dia da profissão, independente da cor.

Acho que a pessoa ela tem que tá bem fisicamente, mentalmente e a questão da cor do corpo... ela tem que buscar sempre tá disponível, tem que tá sempre procurando melhorar cada dia... então acho que a cor ela não influencia muito não, pra um aspecto sadio acho que não é importante (ELIAS).

Como eu falei eu tenho amigos dentro da polícia que são, inclusive essas duas capitão e a sargento elas são pessoas de cor né e exercem a função delas assim no maior respeito né (CÉLIO).

Não interfere em nada (ALCIDES).

Tranquilo também, sem problemas (AMARILDO).

É indiferente (JUVENAL).

Não tem importância nenhuma... qualquer cor... cor não impede a pessoa de fazer alguma coisa (GERSON).

Acho que não tem relevância alguma, independente da cor a pessoa tem que tá aqui dentro e prestar um bom papel (FÉLIX).

Não importa, não tem importância nenhuma (CRISTIAN).

Pra mim é indiferente cor... se é branco, se é amarelo, se é rico, se é pobre, todo mundo tem a mesma coisa na barriga, merda... pra ser bem assim rude... a minha classificação é essa entendeu... então não vejo ninguém diferente, ninguém (IAN).

Não é importante não.... de ser negro, amarelo, azul, não tem importância não (ILDO).

A cor do corpo... pra profissão... eu acho que... é indiferente né, se tu vai prestar um bom trabalho, a cor é indiferente cara (HAROLDO).

Nunca parei pra pensar nisso (JARDEL).

Na atividade policial militar não... eu não vejo nada na cor, eu vejo na farda né... na farda e nas atitudes (CELDO).

Ah porque o policial é preto tu diz ou o policial é branco? Ou o policial é ruivo, não vejo distinção (JÚLIA).

Apesar de afirmarem ser indiferente a cor do corpo para a atuação profissional, percebe-se no Centro de Ensino a pouca quantidade de alunos soldados negros. No perfil dos alunos soldados do segundo semestre de 2011 elaborado pela coordenação pedagógica da divisão de ensino, constatou-se que dos 347 ingressantes no CFSD, somente 22 declararam-se pardos e apenas 09 negros, o que representa somente cerca de 10% dos ingressantes. Esse percentual é refletido também no pelotão acompanhado, onde dos 37 alunos soldados que responderam o questionário, apenas 01 declarou-se negro e 03 pardos.

Para Elias a cor do corpo não define a capacidade cognitiva e o caráter do indivíduo e acredita ser possível não existir mais preconceito futuramente.

Eu acredito que isso é um preconceito que futuramente vai ser banido até mesmo da sociedade... porque não quer dizer que aquela pessoa pode ser negra e ela ser super inteligente tá entendendo, ou ela ser super honesta, ou ela ser super competente e ainda mais do que qualquer outra pessoa de raça... então acredito que a pessoa

que tem isso na mente ela não vai muito longe assim... eu não sinto isso na polícia que haja preconceito, se tem não ficou muito explícito durante o curso (ELIAS).

Alcides destaca a quantidade escassa de negros na instituição e acredita que a entrada de negros será ainda mais restrita devido à exigência de nível de escolaridade superior para o ingresso.

Pouquíssimos dentro... pouquíssimos, acho que poderia haver uma inclusão maior, mas agora fica um pouco até mais difícil pelo curso superior, por ser uma minoria que tem curso superior, então agora fica um pouquinho mais difícil... acho que a tendência é diminuir com o curso superior, mas não vejo pré-conceito na corporação (ALCIDES).

Para Jarbas e Ian deveria ter mais negros na corporação. Apesar de afirmar que não há preconceito na polícia militar, Jarbas diz que são feitas algumas brincadeiras entre colegas relacionadas a negros, fato este que pode trazer preconceitos ocultos embutidos. Assevera ainda que por parte da sociedade é possível perceber preconceito por meio de alguns estereótipos.

Nada contra, igual... inclusive acho que deveria até ter mais pessoas negras na corporação, mas não sei porque não aparece mais, no nosso pelotão é só um, porque o Elias não conta né... [Mas tu acha que há preconceito dentro da polícia?] Não... tipo assim, dentro da corporação não há, porque dentro da corporação tu tá com uma pessoa negra, ou branco, ou ruivo, é tudo a mesma coisa, só aquela coisa de chacota né, aí negão, esse negócio de brincadeira assim entre parceiros, mas quando tu vai pra rua, acaba tendo, eu não sei se é uma coisa que a gente trás lá dos nossos antepassados negros, ah o negão é mais sujeito a ser ladrão, a gente trás já isso aí no subconsciente da gente, trás da família, meu vô mesmo era racista pra caramba, a gente trás isso, se tiver uma pessoa negra, não sei porque, o branco e o negro, o negro parece que é mais suspeito, é uma coisa da gente, mas fora isso não... é porque até então também a gente vê muito noticiário, a gente vê favela e a

maioria é pessoas negras, é difícil ter um branco, tem um branco mas quando é branco a gente vê que acha normal, não sei se é uma coisa assim natural né, ah o branco, pô o cara tudo sem vergonha, mas quando é o negão, ah já é normal... é uma coisa racista queira ou não queira né, mas a gente faz isso aí um pouco (JARBAS).

Deveria ter mais, pois somos todos iguais, independente da cor (IAN).

Assim como Jarbas, Amarildo discorre sobre estereótipos preconceituosos em relação ao negro e preconceitos ocultos nas falas de instrutores.

Tranquilo também, fui criado com o pessoal, meus vizinhos tudo lá, outra raça e nunca tive problema quanto a isso.. [E tu observa que dentro da polícia há algum problema, algum preconceito ou não?] Assim, é aquela coisa... tu cria características que a gente chama de ambrosianas né... que é aquela característica que tudo que tu olha tu acha que tem cara de mala e tu chama e eu vejo assim que as vezes alguns instrutores vão fazer uma brincadeira e ah, por ter um negro dentro da sala eles ficam todo sem jeito tais entendendo, porque eles acabam tendendo dá uma puxada tá ligado, mas assim, eu acho que não tem nada a ver, eu acho que é tranquilo porque pelo fato da pessoa ter passado por todos os requisitos lá, ter feito o psicológico e tudo, é uma pessoa apta, tanto que no decorrer do curso acontecem alguns cortes aí por causa de investigação e tudo, o que pode acontecer com uma pessoa negra pode acontecer com uma pessoa branca também, acho que é normal (AMARILDO).

Cristian afirma ainda haver um pouco de preconceito na polícia, principalmente pelas brincadeiras que são feitas em relação ao negro. O aluno soldado também faz alusão ao preconceito contra mulher.

Tem que ter também, igualmente. [...] Olha, eu acho que preconceito tem em tudo que é canto, na PM ainda tem, bem pouco, mas ainda tem, ainda

tem...a gente vê uma brincadeirinha ou outra, um ou outro fazendo uma piadinha ainda tem, mas é bem pouco né, minoria né... mesmo jeito que tem gente ainda que fala mal de mulher (CRISTIAN).

Celso, Célio, Jardel e Ildo afirmam não terem preconceitos, no entanto, para Jardel ainda é possível perceber tanto na corporação, como na sociedade. Jardel relata um fato ocorrido em uma atividade realizada na rua que demonstra este preconceito e Ildo destaca que ainda possa ocorrer preconceitos em relação aos negros na instituição, principalmente por parte dos mais antigos.

Normal... [Tu acha que há algum pré-conceito ou alguma resistência na PM?] Não, jamais (CELSO).

Diria que não penso nada, pra mim ou é branco ou é preto, é indiferente, não sou racista, não tenho preconceito algum contra cor, pra mim é indiferente (CÉLIO).

Jardel sugere ainda a possibilidade de existência de cotas para ingresso na PM.

Não tenho nenhum preconceito... eu acho que eles tem todos direito que nós temos... [E dentro da polícia tu vê que tem algum preconceito ou não tem?] Tem... Tem o preconceito daquele que acha que talvez pelo fato do amigo ser negro, vão trabalhar junto, ainda tem isso aí... eu vejo que deveria ter uma porcentagem como em concurso de faculdade federal que tem pros negros, deveria ter pra polícia também, porque hoje é muito difícil tu ver um negro na polícia... muito raro... tem, mas é bem pouco... [Porque que tu acha que é difícil ver negro na PM?] Até um pouco pelo preconceito principalmente da sociedade... a sociedade tem um preconceito danado... [...] nascemos num Estado, principalmente aqui em Santa Catarina, de pessoas ainda que tem essa índole aí de nazismo. O nosso colega negro, trabalhei com ele um dia e teve uma mulher que se ela falasse mais alguma coisa eu ia dar voz de prisão pra ela por preconceito... nós chegamos pra

fazer tipo daquele senso, um mapeamento de assaltos, nas casa num bairro de classe média alta e tal, aí a senhora, a mulher falou assim ‘é, hoje não dá mais pra acreditar mais em nada’ aí eu falei assim, você tem razão né, daí ela falou ‘porque vem um moço como esse aí até a porta da minha casa, dessa cor, eu vou pensar o que?’... então quer dizer que porque ele é preto ele é bandido? Então ela fez uma injúria ali, mas o colega engoliu, ficou quieto, ficou calado... aí ela falou ‘não, muito obrigado, eu não vou atender vocês’... se ela fala mais alguma coisa eu dou voz de prisão pra ela... porque eu tenho a minha autoridade... a minha autoridade lá na rua ninguém pode discutir comigo... autoridade lá na rua sou eu... eu podia dá voz de prisão nela, pegar ela e levar pra delegacia... porque pelo fato dele ser negro que ele... qual a diferença de um branco ou de um negro chegar na tua porta, na porta da tua casa, um polícia... culpado de tudo isso é a sociedade... outras casas também... tinham pessoas que atendiam nós super bem... mas tinham pessoas que já olhavam, pra ele né... pediam a identificação dele... primeiro pediam a identificação dele pra depois pedir as dos outros né (JARDEL).

Nada contra, são iguais... Na instituição se tem eu não vi ainda... mas acredito que possa ter, mais antigamente, é impossível né, alguém ainda não ter, aqueles dinossauros que já tão se aposentando, alguns sim, porque já contaram história pra nós que tinha guarnição negra e guarnição branca antigamente, a guarnição que era só negros, num turno, só negros na guarnição de serviço e no outro dia só de pessoas branca, pô é ridículo isso (ILDO).

Juvenal e Félix também fazem comparação do negro com a mulher. Félix faz ainda uma distinção entre negros e brancos no que diz respeito a capacidade física.

Negros? É igual a feminina... tem que ter, não tem distinção nenhuma com relação a isso, acho que negro é negro, branco é branco, alemão é alemão,

[E tu acha que há racismo, preconceito dentro da corporação?] Eu acho que não, pelo menos a gente tem uns ali na sala, que são mais escuros e não vejo discriminação nenhuma com eles (JUVENAL).

O negro o Brasil todo tem... então não vejo problema algum, assim como as femininas, eu acho de extrema importância, são pessoas como todos, tem o mesmo valor dentro da sociedade, mas alguns não vê desse tipo, a resistência física deles é dez vezes maior do que as dos brancos e é de extrema importância pra corporação... qualquer tipo de pessoa, sendo negro, sendo pardo, sendo índio, sendo feminina, não vejo problema, acho muito gratificante o espaço que eles ganharam no mundo (FÉLIX).

Apesar de afirmar não ter preconceito, Gerson traz em seu discurso uma distinção entre brancos e negros quando diz “falo com todos como se fossem brancos”.

Não tem diferença nenhuma... nunca tive problema desse gênero, tenho muitos amigos negros, falo com todos como se fossem branco, não tem diferença nenhuma, tudo a mesma coisa, são gente igual a mim... [E dentro da instituição?] Não tem.... são iguais a gente e tem a mesma capacidade e os mesmos direitos (GERSON).

Haroldo também afirma não ter preconceito, mas em sua fala, é possível perceber um tom jocoso ao se referir ao negro.

O que que eu penso dos negão? Eu vou te dizer rápido e rasteiro que entre esses 5 amigos que eu consegui aqui, um dos principais amigos que eu conheci é o negro, então eu acho que sabe qual é a única diferença dele pra mim, e pros outros? Da turma ali, dos alemães, pros outros lá... eu acho ele um cara que respeita mais, eu tô dando o exemplo dele porque ele é o mais moreno do CFAP... moreno, moreno... jeito moderno de falar que o cara é um negão... sabe... daí eu acho que a diferença dele é a cor e só e o respeito que ele tem

pelos outros, por causa que tu não vê ele tirando sarro de ninguém, ele é um grande cara, inclusive já convivi com ele fora daqui, a gente já saiu e tomou uma cerveja e tal, o cara é maravilhoso pô, ele não é aquele cara chato, aquele cara sarcástico que ninguém aguenta mais, ele é um cara que eu gostaria de viver os próximos 30 anos de PM assim no quartel mesmo... tem gente aqui que eu não queria nem passar perto da cidade de onde ele vai trabalhar (HAROLDO).

Júlia faz um posicionamento crítico em relação ao preconceito e diz que o mesmo está ‘dentro’ do negro.

Não vejo diferença... até nunca tinha me questionado, porque pra mim são tão iguais, não é homem, não é mulher e não são capaz de correr e de andar e tem as duas pernas? [Tu acha que tem algum preconceito aqui dentro por parte da corporação?] Não, não... na realidade eu sempre achei que o próprio preconceito tá dentro do negão mérmoo sabias, pra mim tá dentro do negão, porque só o nosso colega da sala passou nesse concurso, tinha vaga sobrando porra, porque os negão não vinha também fazer o concurso, tinha alguma coisa dizendo cota pra negro, não tinha, é porque não quer mesmo... desculpa não querem, estudei em escola pública a minha vida inteira, eu saía da aula e ía pra biblioteca estudar, ah porque eu sou negro... ah porque é negro nasceu com menos neurônios? é mais burro? ah não tem condições... vai pra biblioteca, a biblioteca pública tá aberta ali até as oito da noite, entendeu... tsc... é fácil né... botar na cota é fácil (JÚLIA).

Apesar de afirmarem não ver importância na cor do corpo para a atuação como policial militar e de não terem preconceitos em relação ao negro, observa-se muitas vezes contradições nas falas dos alunos soldados, que revelam preconceitos ocultos, seja pelas brincadeiras feitas ou pelos estereótipos em relação ao negro.

5.6.16 A deficiência do corpo

A deficiência no corpo é algo impeditivo para ingresso na PMSC. Além das diversas exigências por um corpo saudável e perfeito feitas para entrada na polícia, o item 1.2.3 do Edital n° 008/CESIEP/2011 versa sobre a não disponibilidade de vagas para portadores de deficiência. Segundo o edital

Não haverá reserva de vagas para portadores de deficiência em razão da incompatibilidade para o exercício das atribuições do cargo.

Questionou-se também aos alunos soldados o que a deficiência no corpo representava na PMSC. A maioria dos alunos soldados discorreram sobre a necessidade de um corpo saudável para atuação profissional.

Célio discorre sobre algumas características exigidas para o serviço operacional que não são condizentes com um corpo deficiente.

Olha, tu tem que realmente ser uma pessoa saudável, tipo... pro operacional né, pro dia a dia que tá lá na rua todo o santo dia, conforme a sua escala de serviço, a pessoa tem que ser saudável né, tem que ter boa movimentação, coordenação motora e tal, uma pessoa que tem deficiência numa perna por exemplo já vai ter mais dificuldade de exercer a função (CÉLIO).

Para Amarildo a profissão policial militar é restrita ao corpo deficiente. O aluno soldado discorre ainda ter convivido com um primo deficiente, o que o fez ter uma afeição maior a pessoas com deficiência.

Eu por ter um primo que tem problema também e sempre convivi muito bem com ele, é... hoje tenho uma paixão enorme, se tem uma coisa que pra mim não é tolerável é violência com criança, pessoas deficientes e idosos, porque eu acho assim uma coisa muito... pô a pessoa não tem como se defender né... é complicado... [E pra atuação de policial militar, ter alguma deficiência no corpo?] Pô assim, por tu ter aquele status meio que máquina né, tem que trabalhar, eu acho que as vezes pra nós não tem problema, mas pra

instituição, eles querem uma coisa que tu sirva pra tudo né, então tu tens que tá completo, não sei se tu me entende, tem que... a vamos supor, ah o cara é surdo, como é que o cara surdo vai conseguir trabalhar na profissão de PM, acho que não tem como tais entendendo, acho que essa profissão é meio que restrita né... fica meio restrito (AMARILDO).

Jardel, Celso, Júlia, Juvenal, Gerson, Félix e Haroldo discorrem sobre a dificuldade do corpo deficiente para atuação profissional. Assim como Célio, afirmam ser complicado principalmente para o desenvolvimento de atividades operacionais. Félix e Haroldo relativizam e afirmam que dependendo da deficiência pode-se fazer atividades específicas. Júlia aponta o setor administrativo como uma possibilidade de atuação para o ‘corpo deficiente’.

Bom a deficiência do corpo é complicado... porque tem pessoas que tem a... são bons policiais, mas com a deficiência do corpo não conseguem realizar um monte de coisas né (JARDEL).

Pode ser complicador em algumas atividades de policial militar... de ocorrências... é... que nem anteriormente da visão, se tu perde uma visão, tu já fica comprometido, tu fica mais vulnerável, se tu tem o movimento da perna restrito, já é mais um complicador entendeu, que pode implicar em alguma ocorrência, pode implicar pela tua pessoa em alguma ocorrência (CELSONO).

É um fato difícil, difícil porque... tipo assim, eu conheço uma pessoa que ela não tem o movimento dos dedos muito bons assim, como é que ela vai atirar? Como é que vai manejar alguma coisa, é complicado... então não sendo preconceito mas a pessoa também se ela quisesse ser policial ela não seria policial cem por cento, não digo, vão supor, tem uma cota agora que tem que ter deficiente físico vão supor dentro da polícia, pô, de boa, faz o concurso, tem o administrativo, coisas que eles poderiam assumir entendeu, agora, ir pra rua.... é complicado, como

é que uma pessoa com cadeira de roda vai pra rua sendo policial, ainda não parei pra pensar e acho que ninguém parou pra pensar né, como que um cara vai me ajudar se ele não pode nem entrar na porta da minha casa porque não passa a cadeira de roda né, estranho, não é preconceito é a realidade né... eu acho que não tem condições de ser o policial em si ali, aquele de rua, mas porque não no administrativo né, num setor desse aí (JÚLIA).

Aí ela tem que ser trabalhada paralelamente, complicado eu tá trabalhando com uma pessoa que de repente não tenha os dois braços, ou que não enxerga, ou se eu tivesse numa situação dessas, tivesse sem os dois braços, acho que cada um tem que se adaptar no meio que consiga desempenhar aquele papel, aquela função com uma certa obriedade (JUVENAL).

Pra profissão não serviria... por causa das atividades que são... por isso que no edital mesmo fala que não é aberto vaga pra portadores de alguma deficiência porque a profissão exige, é uma profissão de risco, exige alguém que possa se defender sozinho e qualquer atitude né, mas não seria uma pessoa pra ajudar assim numa situação de risco, ter que salvar a vida de alguém, não conseguiria fazer isso (GERSON).

A deficiência do corpo... dependendo da deficiência aqui dentro acredito que não é permitido alguma coisa, já é reprovado dependendo da deficiência no próprio teste médico, mas alguma coisa como por exemplo o dedo mindinho amputado, alguma coisa, acho que poderia tá aqui tranquilamente, porque não vai afetar em alguma coisa a atividade policial, mas algumas deficiências como perna, braço, eu acho que não tem o perfil pra tá aqui dentro porque a gente utiliza muito (FÉLIX).

É que depende né da deficiência, depende de cada deficiência... tem pessoas que não tem a metade da orelha nem por isso deixam de escutar, eu acho que não existe... só uma coisa muito ruim assim

sabe, tipo uma falta de um braço, não vai poder pegar uma arma, falta uma perna, não vai poder correr, mas por isso que eu digo assim que depende muito da deficiência, tem umas que não faz diferença (HAROLDO).

Assim como Haroldo e Félix, Alcides afirma que há determinadas deficiências que não afetarão o desenvolvimento da atividade policial e, dessa forma, a deficiência do corpo não seria um problema.

Daí tem que também pautar mais nas ações ali que tu vai exercer como policial, se tu pode, senão também não... acho que tu podendo exercer certas funções que não vai te limitar, acho também que não vai interferir né (ALCIDES).

Cristian e Elias afirmam que cada pessoa tem sua deficiência, no entanto, quando são deficiências mais limitadoras do desempenho das exigências do cargo, a situação deva ser analisada.

Eu acho que cada um tem um, sua deficiência, cada um tem um.... é complicado pegar uma pessoa com cadeira de roda e colocar pra trabalhar na rua... ainda mais em Florianópolis, não tem um lugar pra ele andar.... pegar uma pessoa de muleta e trabalhar na rua, mas cada um deveria ter um espaço certo né, cada um teria o seu local de trabalho mas é... é pela função desempenhada por ele que seria importante avaliar, mas por pessoa não tem nada, mais pela função (CRISTIAN).

A deficiência, cada pessoa vai ter a sua deficiência... tanto na questão de força... então ela tem que tá dentro da corporação ela tem que buscar um ambiente onde ela se sinta bem né... tem que saber todas as áreas, não é saber, mas, ter o conhecimento... mas a força física ela vai adquirindo conforme treinamento e assim por diante (ELIAS).

Ildo e Ian discorrem sobre as limitações de cada indivíduo, de quando muitas vezes a mente quer realizar determinada função, mas o corpo físico, limitado, não consegue.

Pô a deficiência do corpo... é ser limitado as vezes ao exercício físico né... tu achar que consegue mas o corpo diz que não.... a mente querer fazer alguma coisa e o corpo botar barreira né, dizer que não, que não vai dá (ILDO).

É problemático, as vezes quer realizar coisas e você não consegue fazer né, cada um tem as suas limitações e aqui na academia quem não respeitou essas limitações, acabou sendo prejudicado, talvez não deveria ter se esforçado tanto entendeu, eu fui uma delas, que eu realmente me via com dificuldades, eu nunca fui ao limite... ao meu limite e pessoas que foram e acabaram se prejudicando, tiveram lesões, não conseguiram as vezes concluir as atividades físicas quando realmente precisava entendeu, então nessa profissão realmente é imprescindível assim, se for atuar realmente na rua né, tem que tá bem disposto... o simples fato de entrar e sair da viatura, é muito complicado, você tá com o equipamento pesado, você tá com aquele colete te sufocando, te prendendo, então eu acredito que se tiver um pouco mais de volume, se eu realmente tivesse com aqueles 20 kg a mais, pra mim seria muito difícil entendeu (IAN).

Constata-se então, que a opinião dos alunos soldados vai ao encontro do que afirma o edital sobre a não disponibilidade de vagas para portadores de deficiência. A incompatibilidade da deficiência do corpo para o exercício das atribuições do cargo de policial militar, parece ser um limitador para o ingresso de indivíduos que não possuam um corpo ‘perfeito’. Segundo Le Breton (2009), a relação social estabelecida com o indivíduo que tem uma deficiência, é um importante analisador da maneira pela qual um grupo social vive a relação com o corpo e com a diferença. No caso da Polícia Militar, essas diferenças serão divisoras de quem ‘está dentro’ e de quem ‘está fora’ deste campo.

O autor afirma ainda, que há uma ambivalência característica das relações entre as sociedades ocidentais e o homem que tem uma deficiência. Segundo Le Breton (2009), esta ambivalência reside no fato de haver um discurso social no qual o indivíduo que possui a deficiência é um homem normal, membro da comunidade, cuja dignidade e valor pessoal não são enfraquecidos por causa de sua forma física ou suas disposições sensoriais, no entanto é objetivamente marginalizado,

mantido de certa forma fora do mundo do trabalho, assistido pela seguridade social, ou mantido muitas vezes afastado da vida coletiva em função das dificuldades de locomoção e infra-estruturas urbanas frequentemente inadequadas. Cabe deixar alguns questionamentos para refletir a relação da deficiência do corpo e o papel do policial militar: Seria possível a inclusão de corpos deficientes na Polícia Militar? De que forma? Como seria o processo de socialização e ‘unificação dos corpos’ na academia militar, a partir deste contexto? A deficiência do corpo é realmente um limitador para atuação profissional do policial militar? Questionamentos estes não respondidos nesta tese mas que servem de reflexão para (re)pensar esta relação.

5.6.17 A orientação sexual

O ‘mundo militar’ é reconhecido popularmente por ser um meio machista, no qual a virilidade e a força, representadas no ser heterossexual, são reconhecidas como características típicas. No entanto, podemos nos deparar na vida em sociedade, não somente com heterossexuais, mas também com indivíduos homossexuais ou ainda, bissexuais. Segundo Flores-Pereira (2007) a categoria gênero permite, ao questionar a ideia de uma “natureza” (grifo da autora) feminina ou masculina, que se pense o corpo e suas práticas a partir de um processo inicial de identificação dos sujeitos com os atributos que, culturalmente, definem o que é ser homem e mulher. Desta forma, um indivíduo classificado anatomicamente como homem, poderá expressar os seus ‘modos de ser’ a partir de caracterizações culturais do que é tipicamente feminino e vice-versa (FLORES-PEREIRA, 2007). Ou seja, O homem, assim definido a partir de suas características biológicas, pode se comportar por meio de um *ethos* feminino, da mesma forma que a mulher, pode vir a se comportar com predominância de características que representariam socialmente um *ethos* masculino.

Este estereótipo do militar viril, ‘machão’, pode ser percebido no discurso dos alunos soldados.

Cristian afirma que no meio militar é complicado aceitar que um homem se comporte com um *ethos* típico feminino.

Acho que é complicado tu vê uma pessoa fardada, um homem maquiado, mas no momento que ele... pode todo mundo saber, pode agir fora do batalhão, mas dentro do batalhão é complicado né, no momento que tu tá na rua, imagina um homem

vestido de mulher, maquiado, fardado, sempre falo isso, entre quatro paredes tu faz o que tu quiser, é tua vida, agora é complicado tu tá na rua né, acaba ficando feio para corporação né (CRISTIAN).

Juvenal discorre sobre a necessidade de respeito para com a população, o que remete a ‘ocultação’ de uma orientação sexual homossexual.

Homossexualismo dentro da polícia acredito que exista sim, acredito que exista mas se tiver é só não ser tão escancarado, não ser de uma maneira que passe isso pra população né, porque eu acho que a população tem que ser respeitada também nesse sentido (JUVENAL).

Apesar de Alcides afirmar que a orientação sexual não interfere na atuação profissional, segundo ele ainda há preconceito na sociedade e principalmente no meio militar.

Não interfere em nada [E tu vê, tu percebe que há alguma resistência? Algum preconceito dentro da polícia?] Há, há... ainda mais que é militarizado né... a sociedade é preconceituosa, imagina uma instituição militarizada, que é a visão mais reta de ser... né... (ALCIDES).

Jardel é contraditório em sua fala. Apesar de afirmar não ter preconceito com homossexual, diz que não aceita esta condição.

Não tenho preconceito nenhum, mas não aceito... dentro da polícia não tenho preconceito nenhum... mas dentro de mim eu não aceito... Até pelo fato da minha religião, acreditar muito em Deus... Eu sou católico... dentro de mim, mas fora da minha boca... e os caras batem nos cara aí que eu sei que são homossexuais e carregam um monte de gente aí que se acha o machão... até polícia e cara muito bom.... instrutores muito bom ainda, que tivemos aí... instrutores bom mesmo... não tenho preconceito né, mas eu não aceito... um monte de polícia aí que eu conheço que são homossexuais e são uns caras excelentes... então eu não tenho

preconceito nenhum, desde que ele siga a hierarquia ta tudo certo (JARDEL).

Félix diz que é uma característica do mundo militar não aceitar ‘gay’ e afirma que se no processo de inclusão o indivíduo revelar sua condição homossexual, pode ser excluído da corporação.

Olha, acho que no meio militar não é aceito a opção sexual da pessoa por ela ser de um grupo vulnerável, que é o GLBTTS, eu não vejo problema algum, se a pessoa é gay ou lésbica e tá aqui dentro desempenha um excelente papel, aplicar as técnicas corretamente, não vejo problema nenhum dela tá aqui dentro. Mas pra inclusão se a pessoa diz que é gay ela não entra na polícia... mas eu acredito que deve ter gente aqui dentro com esse perfil... [Não entra porque, é uma característica exigida?] É uma característica acho do mundo militar... eu não sei porque eu não sou e não tenho esse impacto pra mim, mas acredito que é um meio que vai ser muito discriminado aqui dentro... vai ser cogitado por todos (FÉLIX).

Haroldo também discorre sobre o preconceito no mundo militar e relata, ainda, sobre estereótipos culturais que também revelam preconceitos.

No meio militar faz muita diferença... por causa que todo mundo pode achar que não, mas nas próprias salas de aula assim sabe, qualquer deboche eles já levam pra parte homossexual, qualquer deboche, qualquer sarcasmo, já é levado pra parte homossexual e ninguém debocha de uma coisa que não tem preconceito... então eu acho que existe muito pelo militarismo, pelo militarismo assim existe muito preconceito ainda, nós como gaúcho, eu não consigo entender porque gaúcho é estereotipado de viado, mas enfim... ninguém me chama de gaúcho honesto, oh gaúcho bonito... ninguém me chama de gaúcho bonito... mas em compensação gaúcho viado, gaúcho putão, sabe, é esse tipo de coisa, então assim se usam esses tons pra denegrir então (HAROLDO).

Ildo afirma que o preconceito ainda existente em relação à orientação sexual.

Pô essa é importante, hetero sempre né... dentro da instituição policia militar não vi, não presenciei, mas dizem que tem homossexualismo, tem aquela né, não me incomodando, problema nenhum, desde que não interfira na minha vida ou na vida de outros, é assim, cada um na sua né... mas tem preconceito, homossexualismo ainda tem né, é novidade ainda né, entre aspas né, é uma novidade ainda, apesar de ser algo que já vem acontecendo h séculos né, dizem que na idade média, na Roma antiga lá, na Grécia, já existia (ILDO).

Assim como Jardel Ian diz não ter preconceito, mas afirma não gostar de manifestações do *ethos* extravagantes.

Eu não tenho preconceito com ninguém desde que me respeitem entendeu, então por exemplo, lá na minha cidade tem pessoas por exemplo, a minha tia tem um amigo que é cabeleireiro e aí ele se desmunheca lá entre elas e tal mas quando as vezes eu encontrava o cara na casa da minha tia, ele sempre me cumprimentou com aperto de mão firme e conversava comigo igual homem, não tenho problema nenhum entendeu, tanto da parte do homem como na parte da mulher, só não gosto muito daquelas coisas muito extravagantes assim, eu não sou muito chegado de tá perto não entendeu, mas não tem problema nenhum... [E pra instituição em si? Tu vê alguma barreira, algum preconceito?] Não, não, a instituição eu me surpreendi assim, aqui tá tudo muito liberal e as vezes liberal até de mais... eu esperava uma polícia mais rigorosa entendeu (IAN).

Júlia afirma que a orientação sexual não atrapalha a atuação profissional, no entanto, diz ser complicado assumir no meio militar uma orientação sexual que não seja a convencional.

Não atrapalha mesmo, caráter e porte, todo mundo tem que ter entendeu, se tu tem porte de bicha o

problema é teu, ou se tu é também o problema é teu, o cú é teu como diz o outro né [risos], eu vou me importar com o teu cú, eu vou me importar é com o meu... tem que cuidar é do meu não é do teu... sinceramente eu não vejo não, mas é complicado, tu assume ser bichinha aqui dentro nego, fudeu, é só pegação no pé... então é melhor não falar, tem um cabo amigo meu que agora, vinte e sete anos de polícia, que falou que era gay, todo mundo já sabia, mas ele mesmo falar só agora entendeu... porque pô, já sofreu um monte sem falar, imagina falando, foda, mas não interfere não (JÚLIA).

Para Elias, Célio, Celso, Gerson e Amarildo a orientação sexual não irá influenciar na atuação profissional à medida em que o indivíduo souber separar a vida pessoal da vida profissional, não deixando que qualquer ato interfira na atividade policial.

Assim... por mim, cada um tem uma escolha, tem sua opinião, tem a sua religião, tem a sua crença... então eu não... desde que não interfira na atividade policial, na atividade do dia a dia, acho que não tenho problema nenhum (ELIAS).

Cada um é dono da sua vida né, o importante é fazer, exercer sua função... o que a pessoa faz lá fora, se tem a sua vida social acho que é irrelevante (CÉLIO).

Não atrapalhando a atividade policial militar... saber separar profissional com pessoal, só isso, tranquilo (CELSONO).

Não tem problema né... fora daqui cada um faz o que quiser, sendo aqui dentro, tendo o respeito que todos tem, que qualquer um tem, sendo uma mulher, sendo um superior, homem, ou sendo homossexual, tem que ter o mesmo respeito aqui dentro e na rua cada um faz o que quiser em casa né (GERSON).

Sem problema, isso aí eu nunca tive preconceito... [E dentro da polícia?] Também acho que não tem problema algum, isso aí é hoje, pô já mudou pra

caramba né... não tem nada a ver... acho que desde que faça o serviço ali, um respeito o outro, não tem problema algum, a convivência pra mim seria normal (AMARILDO).

Percebe-se que a orientação sexual, apesar de alguns alunos soldados demonstrarem não ter preconceito e não haver interferência na atividade policial, no meio militar ainda é um tabu, pois reflete o preconceito para aqueles que assumem uma condição que não seja a de heterossexual. Observa-se ainda, contradições no que diz respeito ao discurso do aluno soldado e a afirmação de não possuir preconceito.

Vale ressaltar que o objetivo central da tese não era discutir questões de gênero, preconceito ou discriminação, não se propondo assim, a uma análise teórica profunda a respeito. A intenção foi demonstrar como essas dinâmicas corporais se relacionavam com a atuação do policial militar, no que diz respeito ao seu processo de socialização e incorporação do *habitus militar*. Pôde-se constatar, então, a partir da descrição dessas dinâmicas e hierarquização dos corpos, a relação do corpo com a atuação profissional do policial militar.

No que diz respeito as práticas do corpo, abordou-se o uso de medicação, o repouso, a ornamentação do corpo, os movimentos do corpo, os cuidados com o corpo, a gestualidade e a expressão de sentimentos. Quanto aos produtos do corpo, analisou-se o sangue, o suor e a lágrima. Já em relação aos processos do corpo, o nascimento e a morte. No que tange aos sentidos do corpo, a visão, olfato, paladar, audição e tato. Por fim, em relação aos corpos hierarquizados, descreveu-se sobre o volume do corpo, a cor do corpo, a deficiência do corpo e a orientação sexual.

Para Bourdieu (2008) o corpo é produto social portador de sinais e produtor de signos. De acordo com o autor (2008, p. 179) o corpo é ‘a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, manifestado sob várias maneiras’. Destaca-se, dentre outros, o que tange as suas dimensões (volume, tamanho) e formas (rígidas ou flexíveis, retas ou encurvadas) de sua conformação visível, que se exprime, por exemplo, por meio da maneira de tratá-lo, de cuidá-lo de alimentá-lo, de sustentá-lo, sotaque, maneira de andar. Para o autor, estas características são reveladoras das disposições mais profundas do *habitus*. Assevera, ainda, que a distribuição entre as classes das propriedades corporais é determinada tanto pelas preferências de consumo, quanto pelos usos do corpo no trabalho e no lazer. Bourdieu (2008) destaca a importância de ter o físico apropriado ao desempenho da profissão e afirma que as diferenças

de conformação do corpo que se exprime na relação com o mundo social, são, simbolicamente, acentuadas pelas diferenças de atitude, diferenças na maneira de portar o corpo, de apresentar-se, de comportar-se. Além de observadas características do corpo no campo, questionou-se aos alunos soldados, o que era, na percepção deles, **importante para incorporar o *habitus* militar**. Alcides afirma que o sujeito se molda por meio do cotidiano.

Bom... primeiro tu vai ter que conhecer né, a gente chega, não conhece, tu vai ter que... importante... não sei se gostar, porque gostar é uma palavra meio difícil, não é que tu goste 100% da coisa, mas... é uma questão de perseverança, se tu olhar aí, tu não vai gostar 100% dessa coisa militar, não sei se tem alguém que goste 100%... eu tô falando por mim né, eu não gosto desse militarismo 100%, eu consigo me moldar a ele. Tem que ter um pouquinho de afeição, acho que é só tu vir, pra tu sentir e aí tu vai ver... é isso, eu consigo moldar, é isso que eu quero sabe, [...] perseverança consegue se moldar um pouco sabe, mas tem que gostar um pouquinho, se tu não gostar nada tu não fica... e como é que tu vai se moldando? Ah tu vai aprendendo, tem que vir... isso aí é de casa... tu tem que gostar e conseguir ir se moldando, tem que vim provar e aí tirar as suas conclusões (ALCIDES).

Assim como Alcides, Ildo, Celso, Amarildo, Juvenal e Ian abordam o cotidiano e destacam a rotina do CFSD como essencial para o processo de incorporação do *habitus* militar.

Internato... a vivência dentro do quartel seria maior né... a cobrança seria um pouco maior, então é importante o internato, tu terias instrução não só na parte do dia né, mas na parte da noite também né, é bem importante o internato (ILDO).

É através de instruções, exemplos, atitudes, é... comprometimento (CELDO).

O mais importante é o espírito militar, é tu começar pela escola aqui né, tu entrar e as pessoas fazerem tu ter o prazer em seguir né... não tu pô

chegar aqui e fazer tu pagar, pagar, pagar, tu acaba não gostando do serviço militar, saindo da escola com pô não gostei da escola, pagava pra caralho, eu acho que vai muito é dos instrutores já né, é botar tu, fazer tu ter prazer, porque tem bicho que chega na sala completamente negativando ali, oh a polícia não sei o que, não sei o que... falando mal... acho que tem que chegar ali, o importante é chegar, botar o pessoal pra cima, pô é importante o nosso serviço, tu sabe que tu não vai salvar o mundo, mas tentar fazer o serviço certo, que se todo mundo começar a pensar assim começa a ficar legal o serviço da polícia... é complicado (AMARILDO).

Esse curso... o curso que a gente fez, acho que não vai ser no dia do juramento, não vejo como significante, coisa assim sabe, não vejo a no dia do juramento tá preparado... é uma mera figura ilustrativa, não tem peso a mais nenhum assim, claro que com certeza o dia que tiver fazendo vai dar um friozinho, vai dar uma adrenalina assim mas é o dia a dia que a gente vem tendo até então, essa formação... aquilo lá é simplesmente uma simbologia, não representa muita coisa assim... o que representa é o dia a dia do curso mesmo (JUVENAL).

Realmente tem que ter rotina, tem que vivenciar né o militarismo e hoje tá tão complicado essa questão de policia militar, militarismo, tá meio assim entrando em contradição isso aí, porque na verdade são agente de segurança pública entendeu, o militarismo aqui na verdade serviria mais pra poder tentar é controlar a tropa, controlar o pessoal em termos de organização e tal, o militarismo seria basicamente isso e realmente tem que ter esse controle, senão o pessoal se perde mesmo, porque comandar essa turma aí sem nenhuma norma de organização, é complicado, tanto é que hoje, apesar de tá terminando o curso, a gente ainda é assim meio, entendeu... meio desorganizado né, então tem que ter realmente rotina pra esse princípio entendeu (IAN).

Célio e Cristian discorrem sobre alguns valores fundamentais, que podem ser relacionados aos exigidos no perfil de policial militar.

Olha... essa é uma pergunta difícil né... como eu já mencionei anteriormente, tu ser uma pessoa de bem, agir dentro do que a lei permite, eu acho que isso só vai engrandecer a tua corporação né, porque a mídia tá aí né e qualquer ato que tu vier a fazer e que não seja agradável ao mundo civil, a primeira a te botar lá em baixo né, a questão da mídia, pela comunicação e é mais fácil tu sujar o nome do que tu te manter né dentro do que é certo, do que é errado (CÉLIO).

Companheirismo, tu nunca vai trabalhar sozinho aqui, então acho que companheirismo é... companheirismo, honestidade, mas o principal, o principal da polícia acho que é honestidade, depois acho que vem o companheirismo, no momento que tu sabe trabalhar com outra pessoa o trabalho flui (CRISTIAN).

Jardel, Gerson e Félix salientam características típicas do militarismo.

Aprender a obedecer ordem... porque o militar ele é mandado... você não faz nada se você não for mandado (JARDEL).

Vontade de ser militar... capacidade de obedecer sem enfrentar né, sem ponderar como eles falam aqui né (GERSON).

O que eu acho mais importante é a pessoa ter força de vontade e querer sair da vida civil e vim pra vida militar, alguns esquecem que aqui é um quartel e pensam que é tudo do seu jeito, então o mais importante é tu querer ser um militar e saber que aqui tem regras e que tu deve cumprir essas regras (FÉLIX).

Assim como Félix, Haroldo também destaca a força de vontade e discorre sobre a importância do equilíbrio psicológico.

Tu tem que ter um psicológico muito forte, tu vai passar por muitas provas aqui dentro, por muitas aprovações e tu vai ter que ter um psicológico muito forte, é... força de vontade, muita força de vontade também, porque quem não sabe se é o que quer abandona o barco bem rapidinho (HAROLDO).

Júlia salienta o ‘se entregar’ para a função.

Ah velho eu acho que... abraça... eu já vi que não adianta, pô tem que trabalhar domingo, não adianta ir pra lá de mau humor entendeu, não adianta, abraça, tens que ir de qualquer maneira... acho que se tu ficar contente passa mais rápido do que se tu ficar de bico entendeu, pô abraça, tem que ser, fazer o que (JÚLIA).

Elias destaca aspectos relacionados a linguagem, além de demonstrar a marcação das posições estabelecidas no campo.

Eu acho que o mais importante é a maneira que conversa com a pessoa... isso é o mais importante... você pode até expor aquele problema pro pelotão, mas sem humilhação, sem expor aquela pessoa ao ridículo, então acho que isso é bem... acho que a educação é fundamental né... tanto de superior pra inferior e assim por diante (ELIAS).

Os discursos apresentados pela maioria dos alunos soldados, vai ao encontro do que foi abordado no referencial teórico. Além dos valores morais, segundo eles, a incorporação do *habitus militar* pressupõe um processo de socialização por meio do CFSd. Evidencia-se que o cotidiano e a predisposição a ‘jogar o jogo militar’ e aceitar as ‘regras do jogo’, fazem parte do processo de socialização no meio militar. O treinamento por meio da rotina diária intensa, auxiliará na aquisição das disposições necessárias para assumir o papel de policial militar. Ian destaca que mesmo estando no final do curso, essas disposições não estão totalmente consolidadas, o que demonstra que o *habitus* pressupõe um processo contínuo de socialização e interação, que continuará no campo profissional após formados.

A socialização militar, por meio da forma intensa de seu processo, mostra-se como um dos principais exemplos sociológicos de ‘mudança de mundos’ (BERGER; LUCKMANN, 2012; CASTRO, 2014). Segundo Mills (1968, p.232)

a iniciação severa nas academias militares revela a tentativa de romper com os antigos valores e sensibilidades civis, para implantar mais facilmente uma estrutura de caráter o mais nova possível. É essa tentativa de romper a sensibilidade adquirida que determina a domesticação do recruta, e a atribuição, a ele, de uma posição muito inferior no mundo militar. Ele deve perder grande parte de sua identidade anterior para que então se torne consciente de sua personalidade em termos de seu papel militar.

Para Vidich e Stein (*apud* CASTRO, 2004), o processo de tornar-se um soldado pressupõe uma dissolução da identidade civil anterior e aquisição de uma nova identidade militar. Castro (2004) salienta a importância de considerar-se os mecanismos simbólicos no processo de construção da identidade. Estes aspectos vão ao encontro dos resultados obtidos com o presente estudo.

5.6.18 A Polícia Militar e a mulher

Assim como os negros, as mulheres são vistas em sua minoria na Polícia Militar. Segundo Soares e Musumeci (2005), a iniciativa de admitir mulheres nas polícias militares brasileiras não parece ter respondido a uma demanda da sociedade por serviços policiais específicos, ou pela abertura de um espaço profissional até pouco tempo exclusivamente masculino, sendo a participação das mulheres no contingente total das PMs somente 6%.

O Edital nº 008/CESIEP/2011 ao qual o pelotão acompanhado se submeteu, não previa vagas para o sexo feminino. Conforme o item 1.2 do presente edital, este concurso destinou-se ao preenchimento de 500 (quinhentas vagas) para o sexo masculino. A aluna soldado do pelotão era proveniente de chamada de concurso anterior. Podemos observar já na denominação aspectos de gênero do mundo militar. A aluna PFEM (Policia Feminina) é denominada aluna soldado. Ou seja, não há variação da palavra soldado para o feminino. Buscou-se com a tese, demonstrar como a mulher é percebida neste meio durante o processo de

socialização e não fazer análises profundas de discussão sobre gênero, pois sairia do foco principal da pesquisa. Primeiramente buscou-se identificar qual era a **visão dos alunos soldados sobre as policiais femininas**.

Célio discorre sobre PFEMs de diversos níveis hierárquicos, mas ao se dirigir a elas, não atribui o gênero feminino para designá-las.

Olha, é válido, tem excelentes profissionais dentro da corporação né, é... eu tenho a irmã do meu amigo hoje ela é capitão, assim ela é um excelente profissional que eu conheço, tem uma amiga que ela é primeiro sargento, eu já conheço ela há dez anos e também é uma excelente profissional, tem a própria colega de pelotão, a Júlia, que ela é assim pulso firme, bem guerreira mesmo e eu acho que só tem a acrescentar dentro da corporação a policial feminina (CÉLIO).

Jardel, Alcides, Elias e Amarildo acreditam que o número de PFEM em cada tropa poderia ser maior.

Eu acho muito importante pra polícia... elas deveriam ter mais oportunidades (JARDEL).

Não tem nada de diferente assim do masculino, entre aspas seria sabe, nada de diferente, mas nunca entrei no mérito de tá pensando, acho que seria indiferente, é o mesmo padrão, é claro tem que avaliar várias características do que que seria, mas no geral, sou até a favor, sou a favor que abra mais vagas (ALCIDES).

Elias afirma ainda que a mulher é mais criteriosa.

Eu não tenho nada contra, sou super a favor, pelo fato da policial feminina ela ser mais criteriosa, ela ter uma visão é.... muito boa das coisas né, então eu não vejo nenhum problema trabalhar com policiais femininas, [...] quando tem ocorrências que tem a vítima lá feminina e você querer ajudar aquela pessoa e deixar ela ainda mais constrangida, a policial feminina ela ajuda bastante... eu acredito que teria que ter mais... questão de revista, questão de critérios... acho que

teria que ter mais, tipo 70% homens, 30% mulheres em todas as tropas (ELIAS).

Amarildo, Juvenal e Gerson fazem distinções de características entre o homens e a mulheres. Ao homem é atribuído características voltadas mais para a parte física, ao passo que para mulher, as atribuições estão relacionadas ao lado emocional, pensamento característico da nossa sociedade.

Sou totalmente a favor... acho até que deveria aumentar o número de vagas ali... porque as vezes um homem e uma mulher trabalhando junto é legal, porque por alguns homens terem esse instinto de agressividade, de calor da ocorrência e tal acho que tendo uma pessoa do lado e seria bom trabalhar com... e normalmente a pessoa feminina ali ela é mais calma... tu poder trabalhar um mais esquentado com uma pessoa mais calma acho que pro desenvolver da ocorrência fica legal, evitaria um monte de problemas futuros né (AMARILDO).

Juvenal acredita ainda, que a falta de equilíbrio entre a quantidade de homens e mulheres faz com que haja machismo em sala de aula.

Acho que é importantíssimo na corporação, acho que demorou muitos anos pra polícia perceber a falta e que eu acho que deveria ter muito mais pra não criar esse tipo de problema que a gente tem na sala de aula, que é ter uma feminina só e acaba ficando ruim, tipo se fosse metade, metade, que nem numa faculdade, é normal, não fica aquela coisa machista, pesada na sala de aula que fica, acho muito bem vindo... [Tu acha que tem esse machismo assim dentro da polícia?] Tem, dentro da corporação acho que tem, muito coisa só de homem, claro tem atividades realmente que vai exigir um esforço físico maior, uma destreza, uma habilidade maior, mas com certeza a mulher tem vários outros atributos assim de as vezes uma percepção melhor, as vezes um cuidado, mais cautelosa, que as vezes falta um pouco, as vezes analisar de uma outra situação, até situações que ocorram junto com alguma feminina no caso, que

se fosse minha mãe ou minha irmã, ou minha namorada, eu não gostaria que fosse um policial masculino atendendo entende, preferia que fosse um policial feminina atendendo, então eu acho que a comunidade precisa disso, precisa ter policiais femininas pra atender uma população feminina que tem e que tá cada vez maior cometendo crime, cometendo delito (JUVENAL).

Muito bom, parte de... principalmente na visão da mulher, é um aspecto que o homem num mundo mais ríspido não pensa, a mulher pensa algumas coisas que a gente não pensa, parte de direito que tem coisa que homem não pode fazer que só mulher pode fazer, por isso tem que ter os dois (GERSON).

Félix, Cristian, Ian, Ildo, Celso e Haroldo discorrem que a mulher tem um papel fundamental na polícia militar, no entanto, esta visão pode conter resquícios de uma visão ‘machista’, quando a justificativa pela importância da mulher está relacionada a fazer busca pessoal (revista) em outras mulheres, o que é obrigado por lei, e, atuar no papel de ‘conversar’ com a sociedade que está sendo atendida. Estas características relacionadas à mulher, demonstram, ainda, o pensamento popular de que a mulher é mais frágil, tem desvantagem em situações que demandem a força física e pelo instinto maternal é capaz de ser acolhedora e conversar calmamente com outras pessoas.

Olha no mundo de hoje eu acho de extrema importância e acho uma falta de planejamento um concurso como esse nosso ter duzentos e quarenta e quatro policiais e na nossa sala de quarenta alunos ter apenas uma feminina... então eu acho que há uma falta de planejamento pelo comando geral em buscar na sociedade o crescimento da mulher na vida sendo privada ou sendo pública...um exemplo foi num jogo último que eu trabalhei onde tinha apenas duas policiais femininas pra fazer revista nas torcedoras que ali entravam e formaram uma fila de mais ou menos umas cento e cinquenta torcedoras, aquelas duas policiais poderem revistarem todo mundo... então se transtornou um caos tremendo na entrada, dificultando até o nosso serviço de revista

também, que alguns passavam correndo sem a gente revistar, por causa daquela fila, então eu acho que precisa muito mais de efetivo feminino na rua (FÉLIX).

Excelente, acho que tem que ter bastante, tem muita coisa que a gente se priva de fazer, que o masculino não pode fazer, então a mulher tem que tá lá né, até porque a nossa legislação proíbe muito, acho que a mulher pode cumprir tudo o que o homem faz sem dúvida nenhuma, lógico muitas vezes o homem é muito mais forte, acaba a mulher não tendo tanta força pra fazer, mas mulher tem condições de fazer tudo o que o homem faz... aqui no quartel a gente tem uma tenente coronel, porque que uma mulher não pode? Só essa coisa, as vezes ela não tem tanta força, mas... a nossa legislação também, como eu tava falando, a legislação as vezes não nos deixa fazer uma revista numa mulher, tu não pode tocar a mão numa mulher, tem que ter PFEM, ela tem que tá lá, tem que ter mulher... então ela vai lá e faz o serviço (CRISTIAN).

Deveria ter mais... porque as vezes na atuação diária assim, no rotineiro, a policial feminina faz falta, as vezes não consegue fazer uma busca numa outra feminina, acho que a patrulha em sim deveria ser uma policial feminina e um policial masculino entendeu (IAN).

Muito bom, ótimo, importante, porque tu não pode fazer uma revista numa mulher né e se tens uma PFEM no lado, teu trabalho já é 100% melhor e o pensamento da mulher é diferente do homem né cara, a mulher as vezes, as vezes tu pode ficar com pena de uma pessoa, tá falando lá passando de coitadinho, muitas vezes a mulher tem o sexto sentido né entre aspa, então é excepcional, acho que deveria ter mais mulher aqui dentro e a dupla devia ser assim um homem e uma mulher, pro serviço nunca ser interrompido. [...] e é mais fácil as vezes encontrar mulher na rua fazendo coisa errada que homem né, fora de suspeita... o homem as vezes tá ali todo mulambo,

uma mulher tá toda certinha lá, mas pode ser mais ladra do que o mulambo ali.... (ILDO).

Pra mim é excelente na questão de público, sociedade né, porque a gente tem que ter policiais femininas, até na questão de busca pessoal, conversa, conversa com o civil, eu acredito que seja o contato melhor de uma policial feminina com uma civil feminina né, só que eu acredito que pra parte de atuação na rua, a gente precisa ter mais policiais femininas né (CELSO).

O Ten. Cel. Couto também atribui à PFEM características mais emocionais do que físicas.

Acho que elas exercem um papel importantíssimo aí na policiamento, principalmente no trato com as mulheres, as crianças, não só o atendimento de ocorrência, mas elas passam um sentimento um pouco diferente. Mais afeto né, mais carinho no trato, isso é legal (TEN. CEL. COUTO).

Essas características vão ao encontro dos estudos realizados por Soares e Musumeci (2005) quando demonstram a dificuldade que as mulheres enfrentam para se afirmar como policiais em sentido pleno, já que geralmente lhes cabe o papel sobretudo, de prevenir, cuidar e orientar.

Haroldo faz algumas distinções entre características tipicamente masculinas e femininas, como ter que fazer a barba todos os dias. Em tom jocoso faz alusão a questão sexual da presença da mulher na polícia e discorre, ainda, que presenciou uma mulher comportando-se com um *ethos* e a *hexis corporal* (BOURDIEU, 2003; 2007) tipicamente masculino, o que o fez se sentir ‘uma guriiazinha’. Apesar de dizer não ver distinção entre homens e mulheres, seu discurso apresenta características contraditórias em relação a esta afirmação.

Ah tem umas que eu penso que são padrão [risos]... é que eu não tenho muito o que falar por causa que eu não vejo muita distinção sabe, policial feminina, policial masculino, eu não vejo muita distinção, só o fato delas não precisarem fazer a barba e fazer o pezinho, por causa que elas fazem tudo o que os policiais fazem, elas fazem

tudo. A única diferença é que elas fazem revistas em mulheres e os cara não, porque o resto elas fazem tudo... oh eu já vi mulher se tratando de soco com os homens lá no jogo, teve uma mulher ali que ela fazia esses dias curso pra cabo, oh pensa numa mulher bagual... nossa senhora, me senti uma guriuzinha perto dela... (HAROLDO).

Para Júlia a responsabilidade de haver poucas vagas para PFEM é da própria mulher, pois ao desenvolver o serviço operacional no dia a dia na ‘rua’, não conseguem exercer a função como deveriam.

É difícil cara, porque os demonho passam o curso todo aqui querendo igualdade, somo boa também, pô os guris se formaram em abril agora já tem duas no administrativo no vigésimo segundo cara, nem mostraram serviço ainda, ganharam administrativo porque chegavam chorando dizendo que não tinham como ir pra rua, tá ligado, porque não conseguiram.... são umas frescas na realidade, desculpa mas são... quando a polícia militar não dá vaga pra mulher, é por causa disso cara, entendeu, porque são umas frescas, chegam no batalhão e não querem trabalhar, querem fica no administrativo... não que quem trabalha no administrativo não trabalha, claro que trabalha, não quer trabalhar na rua entendeu, então por isso que tem duas vagas pra feminino e cem pra masculino, porque os cara trabalham entendeu (JÚLIA).

Apesar de afirmar ter uma posição neutra (nem a favor, nem contra) a respeito da mulher na polícia militar, Jarbas traz em seu discurso diversos aspectos discriminatórios na relação homem *versus* mulher. Faz distinção na capacidade física e de atuação e diz que é preciso serem mais esforçadas e dedicadas.

Não tenho nada contra, nem a favor [risos]... não tenho nada contra, mas daí toda vez que é cobrado das mulheres a mesma coisa que é cobrada dos homens, elas tão sempre reclamando, ah eu não consigo, ah eu não sei o que lá, eu acho que elas não poderiam fazer assim, ou faz um pelotão só de mulher, pra treinar todas juntas porque daí não

tem desigualdade, oh mulher com mulher, homem com homem, porque daí a mulher vai ter o treinamento, ah dez barra, se não conseguir é um defeito de todo mundo, agora botar uma mulher junto com os homens é injusto da parte... lógico que é injusto, mas se ela quer estar dentre os homens ali pra direitos e deveres, elas tem que fazer as mesmas coisas, a gente tem a mesma dificuldade que a Júlia, só porque... tá certo, é mulher, concordo, é difícil, é ruim, mas pô, tentar... ah tô tentando mas não consigo... mas a maioria dos treinamentos que a gente faz, ah não consigo, ah eu não quero, é bem assim, tá certo que ela é mulher, que tem os problemas femininos, menstruação, TPM, tudo mais, mas se ela quer tá dentro dos homens, ela tem que tá preparada pra tá dentro dos homens, ou faz uma corporação só pra mulher, pra treinar só as mulheres separadas, que não tem nada demais fazer separado, não tem nada de discriminação, ou se ela quer tá ali junto com os homens ela tem que ser o mesmo treinamento, mesmo preparo físico, porque no dia que tiver num ocorrência com uma mulher, a tua vida tá na mão de dois, se tu virar as costas e tu ver que ela não vai dar o resultado que tu quer, tu não vai poder mandar ela, porque ela não vai dar conta da ocorrência, vamos supor imobilizar o cara, tu vai ter que ir, aí quem é teu apoio? É ela, se ela não preparou aqui na academia, lá ela não vai tá preparada também, o tenente acabou de falar pra nós 'oh, quem é bisonho aqui vai ser bisonho a vida toda lá', não adianta o cara dizer ah agora eu vou melhorar, não vai... a gente sabe disso, então ou a gente treina as mulheres separadas, ou se for treinar junto elas tem que tá preparadas psicologicamente pra encarar aquela vida ali né, feminino com masculino e fora isso, pra mim a mulher é igual em todos os lugares, tanto numa ocorrência, como no administrativo, inclusive até te prejudica um pouco a mulher nessa parte aí porque é difícil ter uma vida social e policial também, porque mulher acaba sendo mãe, gerando filho, tendo problemas em casa sociais, mas eu não tenho nada contra mulher na polícia junto, só acho que ela tem que

se dedicar mais, se ela quer mesmo aquilo ali, ela teria que ser mais esforçada, ou fazer um batalhão só de mulher pra treiná-las diferentemente, mas fora isso... (JARBAS).

A partir dos relatos, pôde-se constatar que quando perguntados sobre o que pensavam sobre PFEM, a maioria dos alunos soldados afirmavam ser importante a presença de mais mulheres na corporação, no entanto, seus discursos são ainda discriminatórios, quando dizem que o papel da mulher esta mais relacionado a aspectos emocionais/afetivos, reflexos esses da sociedade androcêntrica (BOURDIEU, 2003) à qual vivemos. A importância da mulher para os alunos soldados, limita-se ao trato afetivo nas ocorrências, a visão criteriosa e a função de busca pessoal em mulheres. De acordo com Soares e Musumeci (2005) é comum ouvir a afirmação na PM do Rio de Janeiro, principalmente entre os oficiais masculinos, de que as mulheres cumprem um papel humanizador na corporação. Indagou-se, também, se achavam que **as mulheres poderiam exercer as mesmas funções que os homens na PM.**

Novamente os fatores físicos aparecem como limitadores às mulheres ao exercício das funções de policial militar. Elias, Célio, Alcides, Ildo, Jarbas e Celso fazem distinção entre a capacidade física de homens e mulheres. Apesar de afirmarem que muitas vezes as mulheres podem desempenhar determinadas funções melhores do que os homens, em sua maioria, essas funções estão atreladas aos aspectos emocionais ou de comando.

Sim... e até mesmo algumas funções elas podem até mesmo desenvolver melhor né... não em capacidade física né.. as vezes a gente tira isso como conclusão, mas a gente também pode encontrar pelo caminho mulheres bem mais fortes do que qualquer outro homem... tanto psicologicamente como fisicamente... então não tenho nenhum preconceito não (ELIAS).

Pode exercer sim... a questão claro, tem diferença da força física né, mas se for pra comandar realmente acho que a policial feminina tem capacidade sim pra exercer essa função (CÉLIO).

Acho que quase todas sim, tirando fatores as vezes que requeira mais algum esforço físico, mas acho

que estamos quase iguais, tirando essas pequenas diferenças (ALCIDES).

Com certeza, acho que com exceções as de força, mas o restante... algumas exceções é com a força né, nem toda mulher consegue exercer bastante o ato de força, mas oh eu fiquei de cara, o exemplo maior é uma do PPT, que se formou em março, hoje ela tá no PPT, hoje ela é soldado do PPT, então... aí já te responde... as atribuições de um grupamento especializado e ela tá lá, uma mulher... mais capaz que outro homem (ILDO).

Não todas... não na parte de comando, porque comando qualquer um comanda, da ordem, da um poder pra uma pessoa que ela já comanda entendeu... mas é o que eu tô falando, como é que tu vai botar uma mulher pra trabalhar no choque, não é querer discriminação assim, mas os próprios caras do choque falam, que tem três ou quatro lá que não guentam, não aguentam a corrida, não aguentam o pique de um homem tá ligado, queira ou não queira se tu for analisar fisiologicamente o homem tem um potencial maior do que a mulher nesse sentido, a mulher as vezes é mais atenta, é mais observadora, as vezes a mulher pega coisas que o homem não pega, mas na parte física, tipo onde é choque, BOPE, as mulheres entram porque tem que ter uma mulher lá, porque as vezes pra abordar uma mulher tu tem que ter uma mulher, apesar que a lei já embasa homem a fazer, mas pra evitar essa crítica da sociedade, já botam a mulher lá, mas eu acho que na parte física a mulher deixa muito a desejar em relação ao homem, só na física (JARBAS).

Apesar da grande maioria dos alunos soldados relacionarem as mulheres às funções emocionais ou burocráticas, para Celso a mulher tem um equilíbrio emocional inferior ao do homem. Celso diz que são poucas as funções que as mulheres não podem exercer, no entanto, para o aluno soldado, funções que envolvam força, equilíbrio emocional e agilidade deveriam ser executadas preferencialmente por homens. Considerando as atribuições do cargo de policial militar, cabe o

questionamento: Excluindo-se essas características, o que ‘sobraria’ para mulher fazer?

Em partes, porque algumas coisas, tem funções que algumas coisas não deve ser a mulher, na questão de força né, equilíbrio emocional, que na maioria das vezes o equilíbrio emocional da mulher é um pouco mais baixo do que o do homem, por causa disso... não que o homem seja melhor que a mulher, porque tem muita mulher que é bem melhor que o homem, normal, só que tem algumas é... poucas, mas algumas funções que deveria ser homem, questão de força, equilíbrio emocional, agilidade, né... que nessas funções a maioria das vezes o homem se sai melhor, por causa disso (CELSONO).

Já para Amarildo, Juvenal, Gerson, Félix, Ian, Haroldo, Jardel e Júlia, não há limitações para mulher. Segundo seus relatos, em muitos momentos, as mulheres exercem de forma mais eficaz do que o homem as atividades que o papel de policial militar exige.

Com certeza, eu tenho a prova disso né, eu tenho a minha namorada que sofreu um bocado lá no bombeiro e tranquilo, mesmo coisa (AMARILDO).

Com certeza, todas, todas (JUVENAL).

Pode, tem muita mulher que tem muita mais capacidade do que muito homem de fazer coisas que eles acham que só homem podem fazer agora, exemplo esse grupo tático que tem aí, esse grupo especializado, que é difícil ver mulheres fazendo isso, até no exército também é assim, mas tem muita mulher que é muito melhor do que muito homem aí que não consegue fazer aquilo né, tem mais capacidade pra essas parte aí (GERSON).

Félix discorre sobre o papel que a mulher possui na sociedade atualmente. Segundo ele, a mulher ganhou espaço no mercado de trabalho e o *ethos* tradicional de provedor do homem e de dona de casa da mulher, muitas vezes se invertem.

Acredito que sim... hoje o mundo mudou muito, não sou machista, a mulher tem o mesmo espaço no mercado que a gente, o mundo mudou muito... hoje eu acredito que o mundo é da mulher, o homem perdeu muito mercado, alguns homens tão se tornando chefe de família, que já eram, mas tinham que ir pra fora conseguir o alimento da família, hoje é a mulher que sai fora da sua casa pra trabalhar, adquirir a renda, sustentar o marido que tá cuidando em casa do filho e limpando a casa pra ela, porque o mercado de trabalho hoje eu acho que tá muito mais fácil pra mulher do que pro homem (FÉLIX).

Sim, porque ela tem completa capacidade pra isso... tanto é que tem uma no nosso pelotão que supre muitos masculinos, em todas as atividades, principalmente na intelectual né, mas nas físicas também entendeu (IAN).

Com certeza, inclusive eu acho que pelo fato delas serem mais delicadas, pelo fato delas serem mais cabeça, elas com certeza as funções que elas... eu tô te falando isso pelo respeito que eu tenho, porque eu fui criado única e exclusivamente por mulheres sabe, então eu aprendi a respeitar muito, eu aprendi a respeitar, eu aprendi a conhecer, lá em casa era só mulher que tinha pô, ou eu seria um bicha ou eu seria sabe... daí eu aprendi a conhecer o mundo das mulheres sabe assim, eu aprendi a conviver com elas, eu aprendi a respeitar e daí eu comecei a ver... elas tem muito mais jeito do que muito homem sabe... elas conseguem as coisas mais fácil, não vou te dizer que é por causa do peito ou por causa da bunda, que é determinante também, mas sabe, elas tem muito mais delicadeza, tem muito mais jeito pra conseguir as coisas, eu vou te botar um exemplo assim, tu chega num cara, vai pedir oh senhor eu quero que o senhor tire o seu carro daqui agora porque eu... daí chega uma mulher, feminina, por gentileza, será que o senhor poderia fazer a gentileza, sabe... existe esse contexto, essa diferença... então... eu acho que elas não só podem como elas sabem e fazem as coisas em

determinadas funções melhor do que muitos homens, isso é fato (HAROLDO).

Uhum... e exercem ainda melhores que muito homem que tem aí... principalmente que usa estrela no ombro... mulher tem mais pensamento que eles... o homem tá naquele machismo ainda... mulher não... mulher é a que pensa, ela faz a coisa certa... e quando ela tá errada ela pára e a maioria das mulheres são assim... ela pára, conversa e o homem tá naquilo ainda de machismo, eu posso, eu mando então eu vou fazer (JARDEL).

Podem, com certeza... Não há limitações, pra mim, não há limitações, tanto é, que no dia do gás tu viu, que limitação que eu tive lá no gás, que limitação que um monte de homem teve lá no gás, chorando que nem rapaz pequeno... (JÚLIA).

Percebe-se divergências de opiniões entre os alunos soldados a respeito do exercício das funções de policial militar desempenhado pelas mulheres. Para alguns, atividades que envolvem, principalmente, força física, devem ser executadas preferencialmente por homens, ao passo que para outros, não há limitações para mulheres exercerem as atividades designadas ao policial militar. Em estudo realizado por Soares e Musumeci (2005), observou-se que nas entrevistas realizadas tanto com homens, como com mulheres da PM, há quase um consenso de que as mulheres não devem atuar em confronto direto com os bandidos, o que também demonstra certas limitações em relação à atuação profissional da PEFEM.

Constata-se assim, que não somente a ‘força’ da estrutura, no caso militar, terá influência sobre as opiniões e comportamentos dos indivíduos. A ‘carga’ pessoal do indivíduo, sua trajetória de vida, valores pessoais e outros processos de socialização ocorridos anteriormente, também afetarão seus posicionamentos. O *habitus primário* (WACQUANT, 2013), conforme podemos constatar no relato de Haroldo, adquirido na infância por meio da imersão familiar, se apresenta como base para aquisição e constituição de *habitus secundários*, neste caso o *habitus militar*.

Ainda no que se refere ao papel da mulher na polícia, questionou-se **como era receber ordens de femininas**. Em sua maioria, os alunos soldados não veem problemas em serem comandados por mulheres.

Tranquilo também, não vejo problemas (AMARILDO).

Tranquilo, sem problema nenhum (CRISTIAN).

Pra mim é indiferente (IAN).

Elias, Félix, Gerson e Celso discorrem sobre a hierarquia e disciplina presentes no mundo militar, características essas que despersonifica o indivíduo, fazendo com que a obediência seja atribuída a patente e não ao gênero de quem está comandando.

É meio militar né, é hierarquia... então... e eu não vejo problema nenhum em receber ordens de uma feminina... (ELIAS).

Eu acho normal... aqui dentro tem uma hierarquia e uma disciplina e a gente tem que seguir a risca, seja feminino ou masculino a gente tem que seguir, não vejo problema algum (FÉLIX).

Sendo superior, uma ordem como qualquer outra... no dia que eu trabalhei aqui, fiquei de sentinela aqui, a oficial de dia era uma tenente e o sargento de dia era uma sargento também, duas mulheres comandando e foi muito bom, é a mesma coisa que fosse dois homens, mesmas ordens (GERSON).

Tranquilo, sem problema nenhum, cada um na sua função, que nem eu falei hierarquia e disciplina, quem tem hierarquia e disciplina, se a pessoa tiver, souber bem sobre hierarquia e disciplina e isso tá na massa do sangue, ela, sem problema nenhum... quando eu era oficial, eu tinha que dar ordem pra subtenente que tinha trinta anos de serviço... o cara tinha cinquenta e cinco, tinha idade pra ser meu pai e ele tinha que me chamar de senhor, pra mim era normal pela hierarquia e disciplina... e quando tinha um coronel que era mais velho, um capitão, um major, coronel que fosse mais velho que eu, eu também atendia como senhor, um subtenente que ele era subordinado a

mim, ele tinha que me chamar de senhor, eu chamava ele de senhor pela questão de idade, questão de respeito, então pra mim é tranquilo e na parte feminina também, mesma coisa, já recebi ordem de capitão, major, quando eu era do quartel e hoje também se receber na polícia militar é tranquilo (CELSO).

Assim como Celso, Alcides também faz uma comparação do receber ordens de mulheres com a questão de idade, ou seja, de receber ordens de pessoas mais velhas ou pessoas mais novas.

Não vejo diferença mesma coisa questão de idade, ah uma pessoa mais nova do que tu te dá ordens também... é a mesma coisa, na verdade vai da qualificação, se ela tem essa capacidade, se ela teve a capacidade de ter uma qualificação melhor e ser teu superior, não há problema, sendo mulher, sendo mais velho (ALCIDES).

Juvenal, Haroldo e Ildo ‘extrapolam os muros militares’ e dizem receber ordens de mulheres inclusive em casa.

Nenhum problema, recebo em casa, namorada, mãe, irmã, moro com três, são três feras lá, não tenho problema nenhum com isso não (JUVENAL).

Depende do contexto, tem horas que eu adoro [risos]... não pô... como é que é pra mim... é coisa mais normal do mundo, eu sempre recebi ordem de mulher, inclusive minha irmã que é mais nova do que eu mandava em mim, então eu não vejo diferença nesse comando assim sabe, tem determinadas coisas que é até melhor tu ser subordinado de uma mulher porque ela vai saber tratar contigo, ela vai saber te respeitar, depende da mulher também, por causa que ela sabe pedir, elas tem jeito pra pedir, então é diferente pô (HAROLDO).

Normal, eu recebo em casa [risos], não muda em nada... ela já fica até com meu cartão do Banco [risos] (ILDO).

Célio compara com outras atividades profissionais as quais já tinha sido subordinado a mulheres.

Pra mim é normal porque não é só porque eu estou na polícia militar que eu nunca recebi ordens de uma feminina, quando eu realizei um trabalho por duas vezes em outros lugares, o meu chefe era uma mulher entendeu, uma excelente profissional, até aprendi bastante coisa com ela e é indiferente receber ordens de homem ou mulher (CÉLIO).

Assim como Haroldo, Jardele afirma que a ordem recebida por uma mulher é mais educada, tornando assim o convívio melhor.

Sem problema nenhum... recebo com maior prazer porque todas as ordens que eu recebi de feminina é uma educação, sabe falar contigo, tem uma educação... fenomenal a educação delas.... elas sabem falar com alguém... diferente de muito cara ignorante que tem aí (JARDELE).

Júlia afirma nunca ter gostado de receber ordem, algo que teve que modificar após entrar para uma instituição militar. Este aspecto, demonstra uma nova disposição adquirida no processo de socialização do CFSD, para assumir o papel de policial militar. Assevera, ainda, preferir receber ordens de mulheres do que de homens.

Normal, nunca gostei muito de receber ordem tá, nunca gostei muito, mas aprendi aqui dentro e de feminina melhor ainda, porque todas que eu trabalhei aqui, não tive problema não... nunca tive um problema mesmo com policial feminino, nenhum (JÚLIA).

Para Jarbas é indiferente receber ordens de mulheres, desde que as mesmas também realizem o que está sendo mandado. Em relação a este aspecto, vale a reflexão: todos os homens que estão no comando executam o que esta sendo ordenado, ou essa relação pode refletir um preconceito em relação ao papel da mulher?

Indiferente, nada contra, mas aquele negócio, indiferente quando? Em todas as partes, agora

quando ela quer cobrar uma coisa que a gente sabe que ela não consegue fazer, deixa a pessoa bem indignada tá ligado... ah vamos correr... vamos correr, aí começa a correr, tipo assim um homem corre com um homem, agora tu vem com uma mulher, ah vou fazer isso, ah tudo bem, mas quando a pessoa faz junto contigo, te dá mais vontade, te dá mais coragem, agora a pessoa não vai fazer e tu sabe que ela não consegue fazer, aí te deixa meio indignado, mas fora isso indiferente (JARBAS).

Observa-se a partir dos relatos, que a hierarquia militar se sobrepõe ao gênero no que diz respeito a comandar/obedecer. A maioria dos alunos soldados dizem não se importar de receber ordens de mulheres, o que em alguns casos, é reflexo do que ocorre também no núcleo familiar.

Percebe-se que apesar de não declararem diretamente determinados preconceitos em relação as mulheres, os discursos dos alunos soldados muitas vezes deixam transparecer determinadas distinções de gênero.

5.7 O CURSO DE FORMAÇÃO DE SOLDADOS, A PESQUISA E A PESQUISADORA

Assim como o pesquisador recebe influencia do campo, o campo também sofre interferência com a presença do pesquisador. Como a observação participante foi realizada durante todo o curso de formação, desde a primeira semana até o último dia, procurou-se saber como havia sido para esses alunos soldados **fazer parte desta pesquisa durante o curso de formação**.

Para Elias, a pesquisa possibilitou trazer a ‘voz’ do aluno soldado. Voz esta, tolhida frequentemente no curso de formação.

Foi tranquilo... eu acredito que isso só engrandece o serviço da policia militar, essa pesquisa ela vai engrandecer porque ela vai trazer desabafos, opiniões, sugestões, de cada policial... então... e cada cabeça tem uma ideia de vida, tem uma cultura, isso é bastante importante (ELIAS).

Célio discorre sobre mudanças que ocorrem e traz em sua fala aspectos relacionados às exigências feitas aos neófitos.

Foi muito válida né, a gente só vem a engrandecer aí o teu trabalho né, porque realmente como tu pode observar muda bastante coisa né, da vida de civil pro militar, tu te policia bastante, tu muda muita coisa, tipo quem já é organizado né só vem a acrescentar, mas tem gente que falando vulgarmente é todo errado e aqui mudou bastante né, tu pode ver lá no começo quando tu chegou aqui os nossos colegas todos retraídos, todo... questão da comunicação né, tem gente que é mais tímido, que é mais calado né, durante o curso acabou se soltando até porque lá fora né tu vai ser obrigado a conversar, a dialogar com o cidadão, enfim... (CÉLIO).

Diversos alunos afirmam que a presença de um civil a todo momento possa ter influenciado a postura dos instrutores, no entanto, acreditam que isto possa ter sido falado somente como uma forma de pressão psicológica sobre eles.

Amarildo diz que apesar da reclamação de algumas pessoas, não percebe que houve grandes problemas.

Tranquilo, algumas pessoas reclamam, por achar que essa pesquisa ela pode ter influenciado de alguns instrutores não falarem o que que acontece realmente na vida real, por as vezes tu tá lá dentro da sala tais entendendo e eu pra mim é tranquilo, eu nunca tive problema, ao tanto que eu sempre falava, vai ter Rio Vermelho, manda a Aniele junto... tem mais gente lá é coisa pra gente se dar bem ainda... era um avacalhado entre a gente né... eu pra mim eu não senti grande problema não (AMARILDO).

Juvenal discorre haver o lado bom, pois poderá estar mostrando 'lá fora' a realidade de um campo que é fechado e ruim, pela possibilidade da presença da pesquisadora ter influenciado de alguma forma a postura dos instrutores.

Eu achei bom e ruim, eu achei bom no sentido de que é alguém civil, observando e analisando com uma cabeça fria, de repente uma cabeça já treinada pra observar e tá levando lá pra fora, olha é assim, assim, assado que acontece lá dentro,

porque é muito fechado, entende... achei excepcional, mas achei ruim de vários aspectos como no Rio Vermelho, acho que não deveria ter ido lá, como algumas instruções que a gente teve na sala de aula que a gente perguntava tá instrutor isso, isso e aquilo a ocorrência tá tendo assim e assado... no dia a dia como é que as pessoas atendem, aí as vezes ele respondia é... aí olhava pra ti, é, não... faz assim, na teoria tá pra fazer assim faz assim entende, então as vezes a gente perdeu um pouco do conteúdo do que realmente acontece na rua ou como a gente poderia realmente tá atuando ou malandragem, macete pro dia a dia pela tua presença, acho que inibiu bastante isso aí... [Teve influencia na atitude dos instrutores?] Com toda certeza, 100% de certeza teve, tanto que depois ficaram gozando da nossa cara ali 'ah vocês tiveram sorte no Rio Vermelho porque tinha civil lá, essa aí não valeu'... várias piadinhas assim... eu achei que foi padrão assim, foi pesado, foi punk, eu achei legal cara, aí a gente até depois viu uns vídeos ali, não achei tão diferente, até achei o dos outros mais fáceis assim, em virtude do tempo que ficaram com o spray no olho, em virtude da quantidade de spray que tomou, tinha várias fotos ali o pessoal tomando jato tipo assim na testa sabe, pegando no olho ali, na gente fez questão de botar no olho, esfregar, botar no outro olho, esfregar, deixar uns quarenta, cinquenta minutos lá sentado, então eu não senti tanta diferença, mas essa pressão teve entende, teve, então eu acho desculpa, porque tu fica naquela dúvida pô será que eu passei lá e aguentei bem e gostei, será que realmente é aquilo lá? Ou será que se tu não tivesse lá teria sido diferente e eu não teria aguentado, tu fica com essa pulga atrás da orelha... mas pelas fotos, pelos relatos, todo mundo diz que é punk, que é horrível, falam horrores assim, como o nosso pelotão também fala, mas com relação as fotos e vídeos que eu vi, não achei nada extraordinário assim que pudesse piorar tanto a situação entende (JUVENAL).

Félix discorre sobre a importância da colaboração com a pesquisa, pois já foi acadêmico e conhece o processo. Nesse caso, a

familiaridade com o campo acadêmico fez com que o aluno soldado se identificasse com a pesquisa.

Eu sei porque eu já fui acadêmico, que é de extrema importância pra você que tá fazendo este trabalho, engrandece a riqueza do trabalho e de pesquisas futuras também, por isso que eu vim aqui e dei essa entrevista, porque eu já fui acadêmico e sei como é fazer parte do processo, então pra mim foi de extrema importância tá colaborando com a sua pessoa de tá dando essa entrevista. [Tu acredita que a minha presença durante o curso tenha inibido alguns instrutores, de alguma coisa na formação ou que tenha sido normal como se eu não tivesse ali?] Assim, alguns instrutores até brincavam na sala quando você não estava, ah agora a civil não tá a gente pode falar alguma coisa a mais, de palavrão, essas coisas no mundo militar, aquelas brincadeiras que eles fazem, mas eu não vejo que teve influência por tua parte dos instrutores não de tá passando as matéria deles (FÉLIX).

Ian diz não ter prejudicado o CFSD. Acredita que possa ter influenciado positivamente, no sentido dos instrutores darem uma aula melhor em função da presença de um civil.

Tranquilo, sou muito transparente... [Tu acha que ela influenciou de alguma forma a formação em relação a postura dos instrutores?] Sim, beneficiou... Talvez eles se apresentavam melhor, tentavam dar uma instrução melhor né, porque tinha uma pessoa ali de fora, não penso que eles aliviam alguma coisa ah, não pagamos apoio porque ela tava ali.. não... pelo contrário... acho que a gente fez tudo e as vezes até mais um pouco do que os outros, tanto é pela fotos assim, a gente tem várias fotos do Rio Vermelho dos meninos lá e eles não fizeram o que a gente fez não, eu acho que não prejudicou em nada, eu acho que fez foi engrandecer o nosso curso de formação (IAN).

Gerson discorre que a postura dos instrutores era diferente principalmente na linguagem, no entanto, coisas que os mesmos diziam

que não era feito devido a presença da pesquisadora, aconteciam da mesma forma.

Foi diferente né... ter sempre alguém acompanhando o que tais fazendo... Alguns instrutores falam que com a tua presença, de alguém gravando alguma coisa, batendo foto né, não sentem a vontade de falar algumas coisas, vamos dizer assim né, as coisas que queriam que ficasse só interna aqui, não queriam divulgar, só que eu não sei se isso é verdade, porque nunca vão saber ao certo, não sabe como é que é que ia ser sem ter alguém junto... desde o começo sempre teve alguém junto... foi normal né... [mas por exemplo em aulas que eu não estava, em momentos que eu não estava, tu sente que teve alguma mudança?] alguns instrutores sim... liberdade de falar, jeito de falar, bem diferente... como uma vez, teve uma aula que a gente chegou atrasado na aula, o instrutor chegou e falou se não fosse a civil ali em cima vocês iam pagar bastante, coisa assim que não iam fazer nada de mais com a gente, mas nós ia pagar apoio, aquelas coisas que tu já viu a gente fazendo também né, que alguns instrutores não se importam e falam na frente de qualquer um aqui mesmo, mas muitos falavam isso aí né (GERSON).

Para Haroldo, o foco no CFSD fez com que muitas vezes nem notasse que estava sendo pesquisado. Assim como Gerson, diz que a presença da pesquisadora em sala de aula possa ter influenciado a linguagem utilizada por alguns instrutores, mas não a matéria repassada.

Muitas vezes eu nem percebia sabe, que tava sendo... o foco assim era realmente outros que a gente nem percebia que tava sendo pesquisado até então né... foi bom... [Tu acha que a minha presença influenciou alguma coisa na postura dos instrutores?] Não... Em alguns momentos sim, os instrutores principalmente de matérias mais sem ser da sala de aula, assim como é que eu posso dizer... matérias mais operacionais, eles ficavam meio assim de falar algumas coisas, de xingar sabe, de levar mais ao pé da letra, mas na matéria

em si, no aprendizado em si não... não diferenciou nada, porque muita gente aqui vai sair com a bagagem de outros pelotões que já entraram e já saíram, de outros que vão entrar e que vão sair, é o mesmo aprendizado pra todos (HAROLDO).

Celso também traz em seu relato aspectos relacionados à linguagem utilizada pelos instrutores.

Normal, pra mim não teve... tendo ou não tendo... pra mim ía ser questão de atitudes, coisas assim ía ser mesma coisa.... [Tu acha que a minha presença influenciou de alguma forma, alguns instrutores, ou algumas instruções, ou não?] Eu acredito que sim... pra mim não... pra mim a minha atitude que tu viu até hoje é aquela ali... não teve nada que eu fiquei receoso de fazer ou de não fazer, ou de falar, mas eu acredito que na questão de instrutores sim, de instrutores e de outros alunos né, eu acredito que influenciou um pouco, mas.... [Em que sentido?] Ah questão de alunos com atitudes né, verbais, corporais e na questão de instrutores também na parte do diálogo né, na verbalização, na questão de práticas na rua né, exemplos que eles davam, as vezes ele não ía falar, sei lá um exemplo... o vagabundo, ele falava o cidadão, entendeu... mas pra mim foi bem tranquilo, nessa questão... mas eu acredito que teve uns instrutores que não falavam, sei lá o traficante, falaram o cidadão que coordena o tráfico, sei lá, alguma coisa assim entendeu, foi só nessa questão... [Mas tu sentia diferença enquanto eu estava presente nas aulas e enquanto eu não estava? Na postura deles...] olha... postura deles, olha, não... na questão deles não... só, é... pode ser que sim né...sim, porque só nessa questão as vezes de falar alguma coisa que eles... daí eu percebia que eu acho que eles viam que tu tava ali daí eles pô não vou falar né, então... eu acredito que só isso (CELSONO).

Jardel assim como Juvenal, acredita que em alguns momentos os instrutores deixavam de falar alguns ‘bizous’, malandragens da rua.

Jardel questiona também sobre a minha visão sobre a polícia, afirmando acreditar que tenha mudado.

Normal... [Tu acha que a minha presença modificou alguma coisa em termos de treinamento, postura das pessoas?] De alguns instrutores sim... aluno não... mas alguns instrutores mudou... porque ainda nós semos aquele militarismo né do polícia ainda... militarismo é bom, é muito importante, pra você manter uma tropa dessa você tem que ser militar mesmo, senão você não mantém uma tropa dessa... num é que os instrutores mudaram, foi pelo fato de um civil tá aqui, de algumas... bizous de rua eles não passaram pra nós muitas vezes... que muitas vezes que você não tava aqui foi falado do real lá fora, do bicho pegar mesmo lá fora... né... [Por exemplo?] Morte, troca de tiro, foi falado as coisas pesadas sabe... 'ah o cara tá atirando em ti, tu vai deixar ele continuar atirando? Tu vai matar ele... tem que matar'... essas coisas... não que alguma instrução, que eles deixaram de passar pra nós... tu tava junto no Rio Vermelho, tu viu o que foi... foi foda... então por instrução, momento algum, mas muitas coisas deixaram de comentar e esperavam você não tá pra comentar com nós... [...] tem um monte de coisas aí da polícia que nós tem que por um pouquinho de respeito... porque senão nós não temos controle das coisas né... tem algumas atitudes que o policial tem que tomar, que se tu não tomar, tu não tem controle da situação... e coisas fora da lei né, mas não que abuse da autoridade, não... só pra tu manter o controle das coisas... [Por exemplo?] Por exemplo, eu já vi um Coronel dando um tapa na orelha de um menor na frente do Desembargador... bom, eu também acho que você hoje tem outra visão da polícia né? Ou você não tem? Quando você entrou aqui, qual era a tua visão? A mesma de hoje? Acho que não né, então... pô Aniele... tem um monte de coisas assim, não um monte de coisas, algumas outras conversinhas fora, isso aqui foi passado pra nós né... mas no mais assim não... o cara tem que aproveitar esse momento aqui porque depois lá na

rua não vai ter mais não... tu vai trabalhar na Chico Mendes da vida, tu viu muito bem aquele dia lá né... já pensou que aqui em Florianópolis existia aquilo ali? Acho que você nunca pensou né... tu ali no batalhão, os cara atirando, você ouvia os disparos também né... tem gente aqui em Florianópolis que tu conta e ele não acredita não... só pro cara tá lá mesmo pro cara sentir.... (JARDEL).

Ildo acredita ter sido importante a pesquisa principalmente porque será um registro da memória do curso. Desde as fotos, filmagem e o documento final gerado. Acredita também que a postura de alguns instrutores era diferente enquanto da minha presença ou não. E relata ainda, que alguns alunos reclamavam por não receber todos os materiais que eram registrados.

Pô foi uma coisa bem legal porque dificilmente, assim oh, passa o curso e tu não tem documentação do que tu fez... fotos, as fotos que tu bateu, é... até a tua presença assim documentando tudo, acredito que tu vais deixar a gente ter acesso ao teu trabalho depois, porque vai falar muito da nossa evolução aqui dentro, então pô, no exército eu tenho poucas fotos, então é uma coisa que depois... todo mundo fala ah tu vai sentir saudade e realmente, vai mesmo... uma coisa que não volta mais e só vais poder lembrar por foto ou algo escrito né, filmagem e dificilmente outras pessoas vão ter aqui dentro e a gente vai ter essa experiência né, acho que foi bem importante mesmo pra nós, esse trabalho que foi feito junto aí... depois vou poder mostrar pros meus netos, olha de quando o vô era policial e fez o curso.... [E em relação a postura de alunos e de instrutores tu acha que teve...?] teve, teve mudança de instrutor de quando tu tava e de quando tu não tava, o modo de agir dele era totalmente diferente, teve aluno ali que ficou putinho só porque tu não deu foto, depois vinha chiar, a não sei que, a foto.... mas o trabalho é dela, ela só deu o acordo que ela ia fornecer algumas fotos pra nós... mas se ela não pode fornecer, paciência... a foto, a câmera é dela, não

tá cobrando nada, então, teve uns que ficaram putinhos ali mas... tão chiando até hoje (ILDO).

Cristian, assim como Alcides e Júlia, acreditam que a presença de um civil em sala não tenha influenciado em nada as instruções.

Normal... [Tu acha que influenciou em alguma coisa a minha presença?] Não, nada... pra mim não... de repente pra um ou outro que ficaram com medo, alguma coisa, mas pra mim nada, normal, tranquilo... [E em relação as aulas, as instruções?] Não... ter alguém civil na sala, nada a ver... não influenciou nada não (CRISTIAN).

Pra mim não interferiu (ALCIDES).

Tranquilo, não alterou em nada, é tipo, ah a Aniele atrapalhou em tal aula... não... pra mim não... não vi assim que tu, tipo desviou o foco ou um professor não falou tal coisa porque tu tava ali entendeu, essa desculpa também que eles ah se não tem mulher os professores são mais, entendeu... pô, todo mundo falou tudo na minha frente cara, nenhum professor foi menos ou mais por causa de mim entendeu, é desculpinha, tá entendendo... e tu a mesma coisa, tu fosse muito bode expiatório pra um monte de coisa entendeu... ah porque ela tá aqui vocês não vão levar gás o suficiente, né, porque ela tá aqui no Rio Vermelho, nam, nam nam... mentira, panhamo igual, a gente viu as fotos dos outros pelotões tava bem melhor que o nosso... o nosso a gente levou oh [estalou dedos] e eles diziam que o nosso ía ser melhor entendesse, mas ah, não tem nada... valeu, valeu (JÚLIA).

Os alunos soldados sentiam-se divididos entre o achar importante a pesquisa e questionarem-se de como seria o CFSD sem ter alguém os acompanhando a todo tempo. Alguns alunos acreditam que a postura de determinados instrutores possa ter mudado, principalmente em relação à linguagem utilizada e a passagem de ‘malandragens’ do cotidiano na rua, no entanto, creem que em termos de conteúdo repassado não foram prejudicados.

A pesquisadora também sofreu, influências do campo, tanto em sua rotina diária, como no corpo e na forma de pensar. Com a intensa rotina de acompanhamento, meus horários eram feitos de acordo com a agenda do CFSD, para que fosse possível participar das atividades desenvolvidas como um todo. O cansaço e esgotamento físico e mental experimentado pelos alunos soldados com a rotina intensa do curso também faziam parte do meu dia a dia. Além disso, minha visão acerca da Polícia Militar mudou positivamente, pois com o acompanhamento diário do curso de formação de soldado, foi possível perceber o desenvolvimento intelectual que é investido na formação. Diante desses relatos, pôde-se perceber, então, como há influência mútua na realização de uma pesquisa. Tanto no que se refere às transformações do pesquisador, quanto as dos próprios pesquisados.

6 A PASSAGEM DO “MUNDO CIVIL” PARA O “MUNDO MILITAR” SOB O OLHAR DA PESQUISADORA

O intuito desta seção foi demonstrar por meio de fotos, o percurso dos alunos soldados no processo de socialização durante os nove meses do Curso de Formação de Soldados (CFSD), acompanhando a transformação da saída do ‘mundo civil’ para entrada no ‘mundo militar’. Serviu como apoio visual para demonstrar o processo de incorporação do *habitus* militar e sua manifestação no corpo. Por meio das fotos, é possível perceber a evolução dos treinamentos, bem como os corpos e movimentos eram modificados e padronizados.

6.1 O PRIMEIRO MÊS



Foto 105: Chegada ao CFAP



Foto 106: Aguardando para formação matinal nos primeiros dias de curso



Foto 107: Treinando ficar em forma



Foto 108: Treinando marchar



Foto 109: Alinhamento 'em forma' nos primeiros dias



Foto 110: ‘Em forma’ nas olimpíadas



Foto 111: Interação inicial 1



Foto 112: Interação inicial 2



Foto 113: Formando o 'espírito de corpo'

6.2 O SEGUNDO MÊS



Foto 114: Treinando ‘o andar com arma’ 1



Foto 115: Treinando ‘o andar com arma’ 2



Foto 116: Treinando ‘o olhar’



Foto 117: Treinando a resistência física 1



Foto 118: Treinando a resistência física 2



Foto 119: Treinando a resistência física 3



Foto 120: 'Em forma' em dia de manutenção do Quartel Escola



Foto 121: Fazendo a manutenção do Quartel Escola



Foto 122: Interação na festa de encerramento do ano

6.3 O TERCEIRO MÊS



Foto 123: Treinando abordagem



Foto 124: Treinando a resistência física 4



Foto 125: Praticando o Alinhamento



Foto 126: Treinando direção defensiva

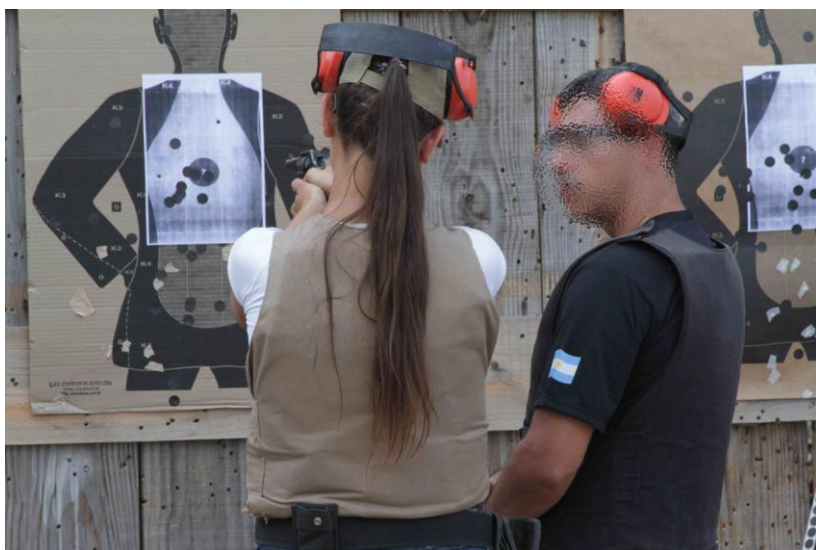


Foto 127: A prática do tiro sob o olhar do instrutor 1



Foto 128: A prática do tiro sob o olhar do instrutor 2



Foto 129: Treinando colocação de algema



Foto 130: Praticando a colocação de alga sob o olhar dos instrutores



Foto 131: Aula de defesa pessoal



Foto 132: ‘Em forma’ na visita técnica ao presídio



Foto 133: Visita técnica ao presídio 2

6.4 O QUARTO MÊS



Foto 134: ‘Em forma’ no estande de tiro



Foto 135: Praticando tiro



Foto 136: Conferindo os tiros



Foto 137: Aula de meditação e relaxamento com professora convidada 1

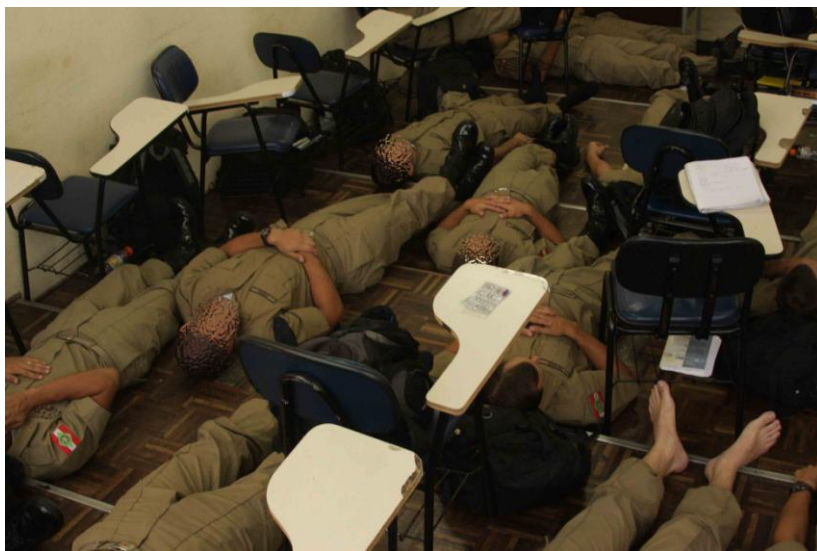


Foto 138: Aula de meditação e relaxamento com professora convidada 2

6.5 O QUINTO MÊS



Foto 139: Treinando incursão



Foto 140: Treinamento no Rio Vermelho 9



Foto 141: Treinamento no Rio Vermelho 10



Foto 142: Atividade prática com a taser 1



Foto 143: Atividade prática com a taser 2



Foto 144: Treinando subida



Foto 145: Treinando descida



Foto 146: Alinhamento ‘em forma’ no quinto mês

6.6 O SEXTO MÊS



Foto 147: Treinamento de atendimento pré-hospitalar



Foto 148: Manutenção do quartel 3

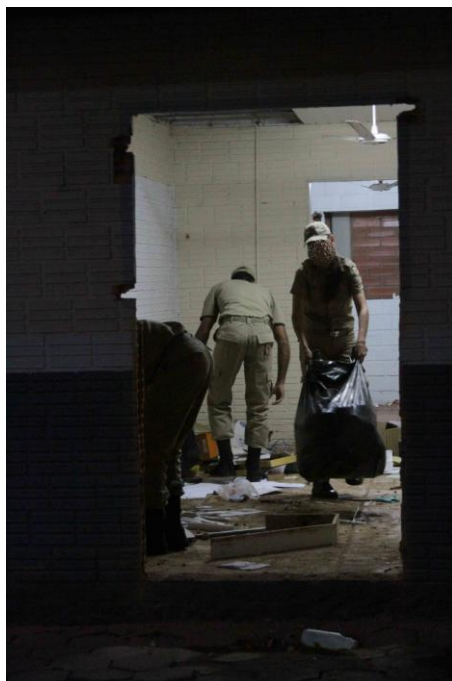


Foto 149: Manutenção do quartel 4



Foto 150: Estágio supervisionado em jogo de futebol



Foto 151: 'Em forma' no Rio Vermelho



Foto 152: Treinamento no Rio Vermelho 11



Foto 153: Treinamento no Rio Vermelho 12



Foto 154: ‘Em forma’ para atividade prática



Foto 155: Alinhamento ‘em forma’ no sétimo mês



Foto 156: Aula teórica

6.7 O SÉTIMO MÊS



Foto 157: 'Pagando' apoio



Foto 158: Atividade prática de barreira policial



Foto 159: Treinamento no estande de tiro 7



Foto 160: Simulação de confronto no paintball



Foto 161: 'Em forma' no paintball



Foto 162: Incursão diurna 7



Foto 163: Incursão noturna 2



Foto 164: Atividade prática com o radar



Foto 165: 'Em forma' na visita técnica à Polícia Militar Rodoviária



Foto 166: Recebendo a carteira funcional

6.8 O OITAVO MÊS



Foto 167: Apreensão em incursão noturna



Foto 168: Prática em barreira policial noturna



Foto 169: Prática de abordagem



Foto 170: Percurso da viatura para visita técnica ao Batalhão de Choque



Foto 171: Percurso a pé para visita técnica ao Batalhão de Choque



Foto 172: 'Em forma' para apresentação do pelotão



Foto 173: Hasteamento da bandeira no Batalhão de Choque



Foto 174: Visita técnica ao Batalhão de Choque



Foto 175: Avaliação no estande de tiro

6.9 O NONO MÊS



Foto 176: Alinhamento ‘em forma’ no nono mês



Foto 177: Expectativa na escolha de vagas



Foto 178: Treinamento de Ajuda Humanitária



Foto 179: Final do treinamento de Ajuda Humanitária



Foto 180: Aguardando autorização para ‘avançar ao rancho’



Foto 181: Almoçando no ‘rancho’



Foto 182: Palestra aos alunos soldados



Foto 183: Ensaio para formatura 1



Foto 184: 'Em forma' no ensaio para formatura



Foto 185: Movimentos sincronizados no ensaio para formatura



Foto 186: Movimentos padronizados no ensaio para formatura



Foto 187: Missa de formatura 2



Foto 188: Missa de formatura 3



Foto 189: Cerimônia de formatura do CFSD



Foto 190: Ritual de ‘revista à tropa’ na formatura do CFSD



Foto 191: Emoção partilhada com os familiares na formatura do CFSD



Foto 192: Juramento na formatura do CFSD



Foto 193: Alinhamento dos corpos conformados após nove meses de formação

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de Anselm Strauss e Pierre Bourdieu, centrais nas discussões do presente trabalho, não fazerem parte da mesma corrente epistemológica, foi possível fazer determinadas aproximações entre os conceitos de identidade e *habitus*, resguardando as diferenças epistemológicas. Com isso, a tese pretendeu trazer uma contribuição teórica com um diálogo que se inicia entre esses conceitos e que mostra-se interessante para futuras pesquisas aprofundando o debate.

Na perspectiva interacionista, a identidade é vista como um processo de socialização e o sentido atribuído as coisas constitui-se como base do processo de interação. Strauss (1999) discorre sobre a impossibilidade de entender as identidades individuais sem compreender a atividade coletiva. Em sua obra ‘Espelhos e Máscara’ o autor tem como tema central “a forma de lograr a incapacitadora dicotomia estrutura social *versus* interação social” (p.22). Ou seja, para o autor é importante considerar aspectos tanto micro, como macrossocial quando se trata de identidade. Segundo Strauss (1999) a vinculação da identidade individual à coletiva conduz a uma igual associação explícita entre a estrutura e a interação. As interações ocorrem entre indivíduos, no entanto, os indivíduos também representam diferentes coletividades que são expressas por meio das interações.

Segundo Joas (1999), no interacionismo simbólico a ação não obedece a regras fixas, pois as regras são estabelecidas numa ação negociada à medida que a interação vai ocorrendo. Porém, embora o foco da observação interacionista seja em interações e negociações subjetivas, ao considerar que os indivíduos assumem papéis sociais nesses processos de interação, evidencia-se articulações entre a interioridade do indivíduo e as exterioridades sociais que o mesmo encontra. Isto quer dizer, que a interiorização do processo de interação, pressupõe uma identificação com a representação simbólica proporcionada pelas vivências em espaços distintos e que sempre ocorre como uma construção social da realidade.

Pierre Bourdieu também considera aspectos micro e macrossociais no processo de incorporação do *habitus*. O mesmo é adquirido mediante interação social e fornece a articulação, a mediação entre o individual e o coletivo. Assim como Berger e Luckmann (2012) trazem o conceito de socialização primária e socialização secundária, Bourdieu discorre sobre o *habitus* primário e o *habitus* secundário (BOURDIEU; PASSERON, 1977; WACQUANT, 2013). O *habitus* primário diz respeito às disposições adquiridas lentamente e de forma

imperceptível quando criança na imersão familiar. Este *habitus* constitui a base social da personalidade do indivíduo, segundo o autor. Já o *habitus* secundário pressupõe as disposições adquiridas em processos de interação social subsequentes, por meio de trabalho pedagógico especializado nos diversos campos sociais que o indivíduo pertence. Bourdieu (2007) considera, ainda, que o *habitus* é adquirido no curso de uma experiência social situada e datada, ou seja, assim como Strauss (1999), considera a historicidade no processo de socialização.

Considerando, ainda, que a condição humana é corporal e as ações cotidianas dos indivíduos envolvem a mediação da corporeidade (LE BRETON, 2009; 2011), em que o corpo é o dispositivo pelo qual o *habitus* é revelado (BOURDIEU, 2007; 2008), buscou-se compreender a relação e importância do corpo para a atuação profissional do policial militar, utilizando-se principalmente dos conceitos de Marcel Mauss e David Le Breton. Por meio destas aproximações feitas com base no referencial teórico, definiu-se a identidade e o *habitus* como categorias de análise centrais do estudo e buscou-se desmembrá-las em subcategorias com suas respectivas unidades de análise (conforme o quadro 4 do método).

Em termos de organização do trabalho, primeiramente tem-se a introdução que fundamenta a realização do estudo, apresentando sua relevância científica e social. A seguir, foi feita a revisão da literatura, que focou três capítulos principais: A identidade e o processo de socialização; o *habitus* e seus elementos; e, o corpo e sua importância para atuação profissional do policial militar. Logo após, o campo de pesquisa foi descrito, trazendo elementos sobre a Polícia Militar de Santa Catarina e, em específico, sobre o Curso de Formação de Soldados. Em seguida, no método, foi caracterizado o estudo, bem como os procedimentos utilizados e apresentado o perfil dos participantes. Por fim, encontra-se a descrição, análise e interpretação dos dados. Optou-se por fazer uma descrição detalhada tanto do campo de pesquisa, como das falas dos sujeitos, para que se pudesse com isso, identificar os padrões que evidenciavam e sustentavam as relações propostas na tese.

Quanto aos resultados da pesquisa, no que tange ao processo de socialização, buscou-se identificar elementos relacionados a historicidade, a interação, familiaridade, linguagem, desenvolvimento e treinamento;

Com a **historicidade** foi possível colocar em perspectiva temporal e espacial as ações mais significativas para os alunos soldados no decorrer de sua vida diária, primeiramente até a chegada à polícia e, em seguida, após a entrada na polícia. Identificou-se algumas

características do processo de socialização primária e da socialização secundária dos alunos soldados. Apesar das particularidades da trajetória de cada indivíduo, constatou-se determinados padrões de respostas sobre seus percursos. A maioria quando questionada para relatar sobre sua história de vida, discorria sobre o capital escolar e profissional, destacando principalmente a educação informal recebida pelos pais. O ‘exemplo’ dado pelos pais, avôs, ou outros familiares, era recorrente, demonstrando, assim, a importância da herança cultural. Alguns buscavam superar determinadas ‘heranças’, como o alcoolismo, a ausência paterna, a pobreza e a falta de capital escolar, rompendo assim com algumas características do seu grupo primário. Em alguns casos, a polícia proporcionou este rompimento, marcando a saída da posição social do grupo familiar destes indivíduos. Observou-se, ainda, a naturalização de determinadas características impostas pela sociedade como ‘normais’.

Os principais elementos observados na trajetória dos alunos soldados (QUARO 5) dizem respeito ao percurso escolar, percurso profissional, pertencerem a família humilde, a forma de relacionamento entre os familiares, baixo capital escolar dos pais e avôs, importância da educação formal e informal recebida na socialização primária, o sonho de infância de ser militar, processos de socialização militar anteriores em alguns casos, distinções de gênero no que diz respeito ao papel do homem e da mulher em sociedade, herança cultural herdada na ‘continuidade da linhagem’, rompimento com determinadas características do grupo familiar como o alcoolismo, pobreza e ausência paterna, busca de estabilidade financeira por meio de concurso público e o fascínio pelo mundo militar.

Em relação à **familiaridade**, constatou-se que os alunos soldados que já haviam passado por outros processos de socialização que envolvesse o ‘mundo militar’, seja nos grupos primários com o convívio de familiares militares, ou participação em outras atividades profissionais militares que não fosse a polícia, tiveram facilidade no processo de socialização no CFSD. Em contrapartida, os alunos soldados que não tiveram contatos anteriores com o ‘mundo militar’, ou não haviam passado por processos de socialização secundários similares, demonstraram distanciamento do cotidiano militar, estranhamento ao campo e significados ainda não compartilhados. A partir do momento que estes alunos soldados avançavam no seu desenvolvimento dentro do curso, iam se tornando familiares com as situações que, antes, lhes pareciam ‘estranhas’. Contatou-se que a

familiaridade com o mundo militar na infância, foi o que fez despertar o interesse em alguns alunos soldados em seguir a carreira militar.

Quanto à **interação**, constata-se a importância dos grupos primários e secundários no processo de socialização dos indivíduos. Foi possível observar que a socialização como policial implica em interações e inserção em novos grupos secundários. Constatou-se aspectos relacionados à identificação, quando nos grupos secundários ou há o apoio, ou a necessidade de se afastar dos que são ‘maus elementos’. Percebeu-se que as situações cotidianas tendem a gerar menor grau de ansiedade e insegurança e fazer com que as interações ocorram mais continuamente na formação identitária.

No CFSD, a interação se dá por meio dos relacionamentos. No mundo militar, os **relacionamentos** perpassam sempre pela hierarquia e se dão basicamente de duas formas: entre colegas de mesmo nível hierárquico e entre superiores e subordinados. Em relação aos relacionamentos de mesmo nível hierárquico, constatou-se que apesar da maioria afirmar ter tido um bom relacionamento, poucos são os que dizem terem construído vínculos efetivos de amizade. As brincadeiras sem limites e a disputa para uma boa classificação em função da preferência na escolha de vaga, foram os principais fatores contribuintes para que houvesse algumas brigas e intrigas durante o curso de formação. Os relacionamentos com os superiores, de uma forma geral, são baseados no respeito. A disciplina, hierarquia e obediência às regras aparecem como requisitos fundamentais para este bom relacionamento, demarcando a distinção das posições assumidas no campo. O convívio diário de doze ou mais horas durante os nove meses do curso fez com que, dentre outros, as diferenças de cultura, pensamentos, comportamentos e valores, gerassem desconfortos em alguns momentos.

No que diz respeito à **linguagem**, constatou-se padrões verbais e corporais nos processos de interação. Quanto aos verbais é importante principalmente a entonação de voz ao dar-se um comando. Esta entonação demonstra poder e legitimidade e deve ser firme e clara para que haja a compreensão dos envolvidos. A linguagem revelou-se importante tanto na interação com os ‘pares militares’, sejam eles praças ou oficiais, como perante a sociedade, quando os futuros policiais terão que expressar-se com ela. No meio militar, por exemplo, o aluno soldado terá que saber se portar como chefe de turma, dando os comandos necessários ao pelotão, ou ainda, na apresentação para um superior, no qual há uma linguagem padrão a ser seguida – ‘Aluno Soldado PM Nunes, primeiro pelotão da segunda companhia, solicito autorização para entrar em forma’ –. Em relação à sociedade, o aluno

soldado aprende, por exemplo, comandos como ‘Atenção cidadão, polícia, ponha as mão na cabeça’ (DIÁRIO DE CAMPO). Há, ainda, a linguagem não verbal observada nos movimentos do corpo e gestualidade. Os padrões corporais dizem respeito à toda domesticação do corpo que passaram.

O **treinamento** por meio da rotina diária intensa, auxiliará na aquisição das disposições necessárias para assumir o papel de policial militar. As atividades do Curso de Formação de Soldados (CFSd) são reguladas pelo Plano de Ensino (PE), que tem como referência para a sua elaboração as normais Gerais de Ensino, a Matriz Curricular do SENASP (Secretaria Nacional de Segurança Pública), o Projeto de Implantação das Bases Curriculares para a Formação dos Profissionais de Segurança do Cidadão no Ensino da PMSC/DIE, os Relatórios de Avaliação do CFSd/02, CFSd/03, CFSd/04, CFSd/06, CFSd/08, CFSd/2011/01 e a Portaria n.º 677/Cmt-G/2011 de Julho de 2011(MARCINEIRO; DALRI, 2011). O CFSd tem duração de 35 semanas, com carga horária total de 1.445 horas aula, com regime escolar de 50 horas-aula semanais.

Em relação ao **desenvolvimento** tanto pessoal, quanto do grupo, constata-se que se dava progressivamente com o cotidiano e as interações diárias. Em sua maioria, os alunos soldados esperavam que o curso fosse mais direcionado para aspectos físicos, no entanto, o foco principal foi o desenvolvimento intelectual. Apesar dos conhecimentos adquiridos durante o curso, afirmam que a atuação na ‘rua’ será importante para colocar em prática o que foi aprendido, bem como para adquirir novos conhecimentos. Além disso, evidenciou-se que o aprendizado desta ‘nova forma de ser’ pressupõe que sejam utilizados conhecimentos já adquiridos em socializações anteriores. Constatou-se que é preciso incorporar as disposições das funções do novo papel que estão assumindo na sua multiplicidade, ou seja, considerando aspectos físicos, psicológicos, pessoais e sociais. Destacou-se neste processo de treinamento, o papel dos instrutores como ‘guias’ para o que estava sendo internalizado. O FON, FOP e PAD serviram como instrumento disciplinador, que demarca o *status*/posição do sujeito no campo. O entrar em forma mostrou-se fundamental na domesticação dos corpos e para criar uma unidade entre a tropa e pode ser visto como uma ferramenta de inculcação e despersonalização dos indivíduos

Constata-se, então, que o principal papel dos treinamentos realizados durante o CFSd diz respeito a fazer com que os alunos soldados incorporem, encarnem e inculquem a ‘nova visão de mundo’ ao qual estão adentrando, para que se possa com isso formar a

identidade militar. É por meio do treinamento recebido que se tornarão um ‘ser militar’.

Evidenciou-se que há diversos **ritos de instituição** que marcam a vida dos neófitos na Polícia Militar. Os mais significativos são o rito de chegada, a aula prática de tiro, a atividade de campo no Rio Vermelho, a formatura de fogo, a incursão na favela e a formatura do CFSD.

O **rito de chegada** marca o início do processo de socialização no CFSD. Percebe-se que na chegada, as primeiras atribuições são administrativas e é onde o neófito terá contato com os primeiros valores e normas da corporação, dando início ao processo de domesticação dos corpos. A **formatura de fogo** demarca simbolicamente o momento ao qual os alunos soldados estão aptos a usar a farda e é onde a maioria começará a criar um ‘senso de identidade militar’. O **ato de portar uma arma e atirar** pela primeira vez, mesmo sendo em um estande de tiro, é uma importante passagem para os alunos soldados, pois estarão em contato direto com um artefato organizacional que possui grande simbolismo na organização, a arma. A **incursão à favela** é um rito de passagem que colocará a prova, todos os treinamentos recebidos durante o CFSD. Neste momento os alunos soldados agem não mais em um cenário preparado pelos instrutores, mas em uma operação real. A **atividade prática do Rio Vermelho** consistiu em uma aula prática sobre a aplicação e os efeitos de agentes químicos. Neste rito de passagem, exige-se que o aluno soldado demonstre sua capacidade de controle físico e emocional e, simbolicamente, que são fortes o suficiente para enfrentar a dor e o sofrimento, tornando-se sujeitos capazes de lidarem com todas as situações adversas que a profissão poderá exigir, reforçando, assim, o mito de herói que o policial militar possui. Além disso, tem um caráter domesticador e disciplinador, haja vista que o objetivo principal dos instrutores é fazer com que seus corpos estejam preparados para passar pelos efeitos físicos e psicológicos da aplicação de agentes químicos, bem como fazer com que tenham consciência da necessidade de utilização. A **formatura do CFSD** é o fechamento do longo processo de socialização para a passagem do ‘mundo civil’ para o ‘mundo militar’. É a partir do ato da formatura do curso que os até então, alunos soldados, são efetivamente considerados Soldados Policiais Militares.

No que diz respeito ao **campo**, buscou-se caracterizar a Polícia Militar de Santa Catarina e, especificamente, o Curso de Formação de Soldados, identificando características de sua estrutura, principalmente relacionadas aos valores, normas e regras, condutas prescritas, jogos de poder, distinções e sentidos compartilhados.

A entrada para a Polícia Militar é feita por meio de concurso público e o ingresso no serviço público se dá no ato da matrícula no Curso de Formação de Soldados. Ao ingressar, o candidato aprovado é considerado aluno soldado e possui o cargo de soldado não qualificado. Somente após o término do Curso de Formação de Soldados (CFSD), os aprovados passarão à graduação de Soldados 3ª Classe.

A Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC) presta serviços públicos na área de segurança pública e é um órgão da administração direta do Governo do Estado de Santa Catarina, tendo como jurisdição a totalidade do território catarinense (PMSC, 2013). Sua missão é “proporcionar segurança ao cidadão, preservando a ordem pública através de ação de polícia ostensiva, de forma integrada com a sociedade, visando o exercício pleno da cidadania”. Já sua visão é “ser reconhecida pela sociedade como instituição de excelência na área de segurança pública”. E finalmente como valores, a PMSC prega: “Atuação com ética; Responsabilidade social; Comprometimento; Hierarquia; Disciplina; Respeito aos Direitos Humanos e ao Meio Ambiente, e; Melhoria contínua (PMSC, 2013).

Os valores prescritos podem ser vistos frequentemente no quartel-escola, tanto na fala dos instrutores, como nas falas dos alunos soldados, principalmente a disciplina e hierarquia, considerados ‘pilares’ no ‘mundo militar’. Esses valores são inculcados diariamente nos alunos soldados por meio dos treinamentos. O Curso de Formação de Soldados (CFSD) faz parte do Centro de Ensino da Polícia Militar (CEPM) e é submetido diretamente ao Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP). A rotina diária é intensa e os alunos soldados são submetidos a diversos regulamentos e normas de conduta.

Os jogos de poder em campo estão relacionados principalmente as disputas por melhor classificação no curso e pela distinção de posições ocupadas no mesmo – praças *versus* oficiais –. Observa-se ainda, jogos de poder em relação ao papel que irão assumir ao se formarem. No discurso dos alunos soldados, é possível perceber um mito de herói, no qual o policial militar possui o poder tanto para sancionar aqueles que não agem de acordo com as regras estabelecidas em sociedade, quanto para ajudar àqueles que estão em perigo.

As principais distinções percebidas dizem respeito ao ‘paisano’ *versus* militar, aos praças *versus* oficiais e a atuação profissional da policial feminina.

Em relação ao **capital econômico**, constatou-se que a maioria dos alunos soldados vem de família humilde e busca na polícia, uma forma de conseguir estabilidade financeira, rompendo com a condição de

pobreza da família. No que diz respeito a profissão dos pais, observa-se predominantemente atividades no serviço público ou de baixa renda/valorização. Quanto a profissão dos avôs, assim como os pais, está relacionada a atividades de baixa renda e desvalorizadas. Quanto aos irmãos, tal como na escolaridade, observa-se uma melhora no que diz respeito ao nível de valorização da profissão em relação aos pais e avôs.

Constatou-se que o **capital cultural** dos alunos soldados aumentou em relação aos seus pais e avôs. Como atualmente há exigência de curso superior para entrada na PMSC, todos possuem graduação. A concentração maior divide-se entre os cursos de Administração, Teologia, Direito e Ciências Contábeis. Nenhum aluno soldado possui nível de pós-graduação *strictu sensu*, sendo que apenas trinta e cinco por cento possuíam algum tipo de pós graduação *lato sensu* já concluída ou em andamento. Em relação aos cursos complementares, a maioria diz já ter feito algum tipo. Evidenciou-se que a busca por capacitação profissional em termos de atualizações científicas da área, é baixa. Em relação ao idioma estrangeiro, o percentual de alunos soldados que possui algum conhecimento é baixo e dos que alegam possuir algum conhecimento, classificam-no como domínio básico. Quanto ao conhecimento em informática, a maioria afirmou possuir conhecimentos básicos em internet e editores de texto. A maioria possui o hábito de leitura e de assistir televisão, sendo o principal, em ambos, o jornal.

Identificou-se também que o capital escolar familiar é baixo. Apenas oito pais e cinco mães possuem curso superior completo. A maioria possui entre o ensino médio e 2º grau completo. Há ocorrência também de pais analfabetos. Quanto aos avôs, constatou-se que a maioria dos respondentes deixou em branco ou não soube informar. Dos que declararam, a maioria encontra-se entre analfabetos e ensino fundamental. Já em relação aos irmãos, percebe-se que dezesseis possuem curso superior completo e nenhum é analfabeto, o que demonstra que o perfil escolar em relação aos avôs também vem aumentando em termos de nível de escolaridade.

No que diz respeito ao **capital social** dos alunos soldados, observou-se que a entrada da PM resultou em diversas mudanças na sociabilidade, principalmente no que diz respeito ao afastamento de amigos e familiares em função da longa rotina com os treinamentos cotidianos no CFSD. Evidenciou-se, também, que ao inculcar determinados valores pregados pela instituição no que tange a conduta

moral, houve por identificação e valores compartilhados, a aproximação ou afastamento de pessoas de seu convívio.

O **capital simbólico** foi percebido no conjunto de rituais que fornecia poder e legitimidade no campo, tanto individualmente como em grupo. Ele é evidenciado principalmente nas relações de distinção entre os praças e os oficiais. Esta distinção demarca claramente a posição que cada um ocupa no campo, demonstrando o reconhecimento dos que estão ali ‘para mandar’ ou ‘para obedecer’. Ritual como o ‘entrar em forma’, a separação de refeitório dos praças e oficiais e diferenças salariais, por exemplo, evidenciam esta legitimidade.

Em relação ao corpo, constatou-se a importância do mesmo para a atuação profissional do policial militar. O quadro 8 a seguir demonstra as principais características observadas em relação às técnicas do corpo investigadas:

Subcategorias analisadas	Principais observações feitas
Uso de medicação	<ul style="list-style-type: none"> - Alusão à questões morais; - Demonstração de possuírem um corpo saudável.
Repouso	<ul style="list-style-type: none"> - Rotina diária exaustiva; - Fundamental para o bom desempenho das funções; - Restrições em relação à algumas normas de conduta (não sentar-se no chão, escorar-se, ou agachar-se enquanto nas dependências do quartel escola).
Ornamentação do corpo	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de seguir um padrão militar para o corpo; - Despersonificação do sujeito por meio da unificação dos corpos; - Relações estereotipadas de algumas práticas, como uso de piercings ou tatuagens.
Movimentos do corpo	<ul style="list-style-type: none"> - Essencial para o exercício da função de policial militar; - Padronização dos movimentos para aplicação correta das técnicas; - Segurança e eficiência relacionadas à boa movimentação do corpo.
Cuidados com o corpo	<ul style="list-style-type: none"> - Importância do asseio pessoal; - Cuidados relacionados à questões estáticas, físicas e de alimentação. - Importância do corpo bem cuidado para a atuação profissional.

Gestualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Importantes quando utilizados em patrulhamento, operações de trânsito e continências, respeitando-se um padrão militar; - Inadequados quando fora deste padrão.
Expressão dos sentimentos	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de expressá-los no meio militar; - Retrata o mito de herói do policial militar, de um indivíduo ‘durão’, acima de qualquer sentimento.
Sangue	<ul style="list-style-type: none"> - Significado biológico (sangue visto em ocorrências); - Significados simbólicos (dedicação, empenho, frieza); - Significados sociais (violência, problemas de segurança pública); - Representa a vida e a morte;
Suor	<ul style="list-style-type: none"> - Significado biológico (resultado de treinamento para busca pelo corpo perfeito e saudável); - Significados simbólicos (trabalho duro e dedicação); - Máxima da corporação: “o suor derramado no treinamento, é o sangue economizado no combate!”.
Lágrima	<ul style="list-style-type: none"> - Associação com as emoções e expressão dos sentimentos; - Representações ruins (tristeza, dor, sofrimento, saudade, decepção, perda); - Representações boas (felicidade, alegria e realização); - Preferência por não demonstrá-la no meio militar.
Nascimento	<ul style="list-style-type: none"> - Representa o nascimento de um ‘novo ser’ com a passagem do mundo civil para o mundo militar;
Morte	<ul style="list-style-type: none"> - Relação com o fim de um ciclo e com perda; - Algo difícil para lidar; - Algo que será enfrentado cotidianamente.
Os Sentidos (visão, olfato, paladar, audição, tato)	<ul style="list-style-type: none"> - Percepções sensoriais fundamentais para o exercício da função. - Conhecimentos específicos recebidos em diversas disciplinas.
Volume do corpo	<ul style="list-style-type: none"> - Relacionado ao desempenho da função; - Limitador de determinadas atividades; - Contradições em relação à importância da aparência; - Relação com a boa alimentação e necessidade de busca constante por atividades físicas.
Cor do corpo	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa presença de negros ou pardos na

	corporação; - Indiferente para a atuação profissional; - Identificação de preconceitos sociais e institucionais; - Contradições nos discursos dos alunos soldados que revelam preconceitos ocultos.
Deficiência do corpo	- Não disponibilidade de vagas para portadores de deficiência; - Incompatibilidade da deficiência do corpo com o exercício das atribuições do cargo de policial militar; - Limitador para ingresso na PMSC.
Orientação sexual	- Preconceitos e esteriótipos em relação ao homossexual; - Dificuldade para se assumir ser homossexual no meio militar.

Quadro 8: O corpo e suas relações no processo de incorporação do *habitus* militar e da formação identitária

Fonte: Dados da pesquisa

Foi possível perceber que os corpos dos sujeitos eram moldados no cotidiano de acordo com as necessidades inerentes a profissão e refletia o *habitus militar* que estava em processo de incorporação.

Constatou-se que a passagem do ‘mundo civil’ para o ‘mundo militar’, pressupõe diversas mudanças, tanto físicas, como psicológicas e sociais. Há influência da estrutura militar no processo de socialização desses indivíduos, em que o processo de incorporação do *habitus militar*, está atrelado aos conhecimentos repassados e as práticas exercidas. O cotidiano e a predisposição a ‘jogar o jogo militar’ e aceitar as ‘regras do jogo’, fazem parte do processo de socialização no meio militar. Conclui-se, então, que a formação identitária militar do policial, inicia-se quando o indivíduo começa incorporar, encarnar e inculcar o *habitus militar*, por meio do processo de socialização secundária que ocorre durante o CFSD. No entanto, vale considerar que este *habitus* não estará ainda totalmente ‘cristalizado’ com o término do curso. Ele será aprimorado no decorrer do cotidiano desses indivíduos a partir das interações que irão ocorrer também no campo profissional após formados.

Recomenda-se estudos futuros que observem este processo no Curso de Formação de Oficiais, bem como estudos que verifiquem o processo de formação identitária e incorporação do *habitus militar*, após

o término do CFSD, com as novas interações que irão passar no campo de atuação profissional.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, L. E. Imagem e fotografia: aprendendo a olhar. In: LEAL, O. (Org.). **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995. p.423-434.
- AGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre : Artmed, 2009.
- ALBUQUERQUE, C. L. de; MACHADO, E. P. Sob o signo de marte: modernização, ensino e ritos da instituição policial militar. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n° 5, jan/jul 2001, p. 214-237.
- BECKER, H. S. **Outsiders**: estudo de sociologia do desvio. Rio de Janeiro : Zahar, 2008.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 12. ed. Petropolis : Vozes, 1995.
- _____. **La construction sociale de la réalité**. Paris : Armand Colin, 2012.
- BITTENCOURT, A. A. ; VIEIRA, J. **SOS segurança pública**: soluções práticas para questões emergentes. Florianópolis : Alaor Bittencourt, 2010.
- BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. 2. Ed. Petrópolis : Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 2009.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo : Edusp, 2008.
- _____. **Meditações pascalianas**. 2. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2007.
- _____. O camponês e seu corpo. **Revista Sociologia Política**. Curitiba, v. 26, p. 83-92, jun. 2006.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 6. ed. São Paulo : Papius, 1996.

_____. **Le sens pratique**. Paris: Minuit, 1980.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, 26, p. 31-39, jun. 2006.

BOURDIEU P.; PASSERON J. C. **Reproduction in Education, Society and Culture**. London : Sage, 1977.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. The purpose of reflexive sociology. *In*: BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago : The University of Chicago Press, 1992. p. 61-215.

BRASIL. **Decreto nº 2.243**, de 3 de junho de 1997. Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas (R-Cont).

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. Portaria nº 816, de 19 de dezembro de 2003. Regulamento Interno e dos Serviços Gerais. Brasília : Ministério da Defesa, 2003.

BRIDI, A. C. Procedimentos administrativos padrão. *In*: PMSC. **Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças**: Aspectos Gerais e Relevantes, 2011.

CASTRO, C. **O espírito militar**: um antropólogo na caserna. 2. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2004.

CORBIN, A. Introdução. *In*: CORBIN, A.; COUTRINE, J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: da revolução à grande guerra. 3. ed. Petrópolis : Vozes, 2009.

DALRI, C. L.; DUARTE, A. P. **Manual do aluno**. Polícia Militar de Santa Catarina. Diretoria de Instrução e Ensino, 2011.

DEWEY, J. **Experience and nature**. Chicagó : Open Court, 1925.

DUBAR, C. **La socialisation**. 4. ed. Paris : Armand Colin, 2013.

DURKHEIM, É.; MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas. *In*: MAUSS, M. (Org.). **Ensaio de Sociologia**. São Paulo : Perspectiva, 1978.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1976.

FARIAS, P. Corpo e classificação de cor numa praia carioca. *In*: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. p.263-302.

FARMER, P. Bad blood, spoiled milk: bodily fluids as moral barometers in rural haiti. **American Ethnologist**, v.15, n.1, p.62-83, 1988.

FISCHLER, C. A "McDonaldização" dos costumes. *In*: FLANDRIN, J.-L. e MONTANARI, M. (Org.). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoas e organização. **Organização e Sociedade**. Salvador, v. 17, n. 54, p. 417-438, Jul./Set., 2010.

_____. **Cultura organizacional, corpo artefato, e embodiment: etnografia em uma livraria de *shopping Center***. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007, 215 p.

FLORES-PEREIRA, M. T.; CAVEDON, N.; DAVEL, E. O Corpo como Artefato Organizacional: “Botando Corpo” nos Estudos de Cultura Organizacional. *In*: XXX ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006. CD-ROM.

_____. Explorando a dinâmica dos artefatos: a simbologia do corpo humano nas organizações. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. S. (Org.). **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo : Atlas, 2007.

FRY, P. Estética e política: relações entre "raça", publicidade e produção de beleza no brasil. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. p.303-326.

GAGLIARDI, P. Artifacts as pathways and remains of organizational life. In: GAGLIARDI, P. (org.) **Symbols and artifacts: views of corporate landscape**. Berlin : Valter de Gruyter, 1990.

GASPAR, M. D. Zoólitos, peixes e moluscos: cultura material e identidade social. In: VELHO, G. *et. al* (org.). **Cultura material: identidade e processos sociais**. Rio de Janeiro : Funar, CNFCP, 2000.

GOFFMAN, E. **Stigmata**: les usages sociaux des handicaps. Paris : Printice-Hall, 1963.

_____. **La mise en scène de La vie quotidienne**. Paris : Éd. de Minuit, 1959.

_____. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis : Vozes, 1985.

GOLDENBERG, M. e RAMOS, M. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. p.19-40.

GONÇALVES, N. G. GONÇALVES, S. A. **Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução**. Petrópolis : Vozes, 2010.

HATCH, M. J. The dynamics of organizational culture. **Academy of Management Review**. v.18. n.4., p.657-693, 1993.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. **Religião e Sociedade**, n.6, p.99-128, 1980.

HUFFMAN, K.; VERNON, M.; VERNON, J. **Psicologia**. São Paulo : 2003.

HUGHES, E. C. **Dilemmas and contradictions of status**. American Journal of Sociology, p. 353-359, 1945.

JOAS, H. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.) **Teoria social hoje**. São Paulo : Unesp, 1999. p. 127-174.

KAUFMANN, J. C. **A invenção de si: uma teoria da identidade**. Porto Alegre : Armand Colin, 2004.

KOSSOY, Boris. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. São Paulo : Ateliê Editorial, 2007.

LALLEMENT, M. **História das ideias sociológicas: de Parson aos contemporâneos**. 3. ed. Petrópolis : Vozes, 2008.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre : Artmed, 1999.

LEAL, O. Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas. In: LEAL, O. (Org.) **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995. p.15-36.

LE BRETON, D. **Pasions du risque**. Paris : Éditions Métailié, 2000.

_____. **Les passions ordinaires: anthropologie des émotions**. Paris : Armand Colin, 2001.

_____. **La sociología del cuerpo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

_____. **La peau et la trace: sur les blessures de soi**. Paris : Éditions Métailié, 2003.

_____. **L'interactionnisme symbolique**. Paris : PUF, 2004.

_____. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 2. ed. São Paulo : Papirus, 2007

_____. **A sociologia do corpo**. Petrópolis : Vozes, 2009a.

_____. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. São Paulo : Autores Associados, 2009b.

_____. **Antropologia da dor**. São Paulo : FAP-UNIFESP, 2013.

LIMA, R. S de.; BUENO, S. (Coord.). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo : Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 7, 2013.

LOCK, M. Death in technological time: locating the end of meaningful life. **Medical Anthropology Quarterly**, v.10, n.4, p.575-600, 1996.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipelagos da Nova Guiné Melanésia. 2. ed. São Paulo : Abril Cultural, 1978.

MARCINEIRO, N. **Normas Gerais de Ensino (NGE)**. Polícia Militar de Santa Catarina. Diretoria de Instrução e Ensino, 2011.

MARCINEIRO, N.; DALRI, C. L. **Plano de Ensino do Curso de Formação de Soldados**. Polícia Militar de Santa Catarina. Diretoria de Instrução e Ensino, 2011.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo : Cosac & Naify, 2003.

_____. **Sociologie et anthropologie**. Paris : Presses Universitaires de France, 1950.

_____. **Les techniques du corps**. Communication présentée à La Société de Psychologie, 1934.

_____. **L'expression obligatoire des sentiments**. Journal de Psychologie, 1921.

MEAD, G. H. **L'esprit, le soi et la société**. Paris : PUF, 1963.

_____. **Espiritu, persona y sociedad** : desde el punto de vista del conductismo social. Buenos Aires : Paidós, 1980.

MILLS, C. W. **A elite do poder**. Rio de Janeiro : Zahar, 1968.

MISOCZKY, M. C. Ciência e política na obra de Pierre Bourdieu. **Notas de aula** [texto não publicado], 2011.

MUCCHIELLI, A. L'Identité. 5. ed. Paris : PUF, 2002.

MUNIZ, J. A crise de identidade das polícia militares brasileiras: dilemas e paradoxos da formação educacional. **Security and Defense Studies Review**. Vol. 1, winter 2001.

NETO, J P.R. Farda & “cor”: um estudo racial nas patentes na polícia militar da Bahia. **Afro-Ásia**, 45, 2012, 67-94.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte : Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, R. C. de . **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. São Paulo : UNESP, 2000.

OMS. **Rapport mondial sur la violence et la sante**, 2002. Disponível em:
<http://whqlibdoc.who.int/publications/2002/9242545619_chap1_fre.pdf>. Acesso em: 02 de jan. 2014.

PMSC. **A Missão da Polícia Militar**. Disponível em:
<<http://www.pm.sc.gov.br/institucional/valores/missao-visao-valores.html>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

_____. **Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças**: Aspectos Gerais e Relevantes, 2011.

_____. **Edital nº 008/CESIEP/2011**.
<<http://www.pm.sc.gov.br/cidadao/concursos.html?id=90>>. Acesso em: 25 out 2012.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam**. Nascimento. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/NASCIMENTO>>. Acesso em: 20 jan

2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANT'ANNA, D. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTA CATARINA. Decreto 12.112 , de 16 de setembro de 1980. **Regulamento Disciplinar da Polícia Militar de Santa Catarina**. Florianópolis, 1980.

SCHEPER-HUGHES, N.; LOCK, M. The mindful body: a prolegomenon to future work in medical anthropology. **Medical Anthropology Quarterly**, v.1, n.1, p.6-41, 1987.

SCHIEBINGER, L. Skeletons in the closet: the first illustration of the female skeleton in eighteen-century anatomy. In: GALLAGHER, C. e LAQUEUR, T. (Org.). **The making of the modern body: sexuality and society in the nineteenth century**. London: University of California Press Ltd., 1987. p.42-82.

SELLTIZ; WRIGHTSMAN e COOK. **Método da pesquisa em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: EPU, 1987.

SILVA, F. A. da. **Tiro Policial**: Programa de Matéria. Curso de Formação de Soldados, PMSC, 2011.

SILVA, A. J. L. da. **Tatuagem**: desvendando segredos. Salvador : Mágic Gráfica, 2012.

SHIBUTANI, T. **Reference groups as perspectives**. American Journal of Sociology, LX: 565-567, 1955.

SOARES, B. M.; MUSUMECI, L. **Mulheres policiais**: presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2005.

SPRADLEY, J. P. **The ethnographic interview**. Fort Worth : Harcourt Brace Jovanovich College, 1979.

STRAUSS, A. **Espelhos e máscaras**: a busca de identidades. São Paulo : Edusp, 1999.

TAKAHASHI, E. E. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, FACULDADE DE EDUCAÇÃO. **Homens e mulheres em campo**: um estudo sobre a formação da identidade militar. 278 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP** Rio de Janeiro, 40(1): 27-55, Jan./Fev. 2006.

TRIVIÑOS. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo : Atlas, 1994.

VALLE, I. R. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n. 1, p. 117-134, jan-abr, 2007.

WACQUANT, L. Notas para esclarecer a noção de habitus. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 6, n. 16, p. 5-11, 2007.

_____. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba , v.26, p. 13-29, jun. 2006.

_____. **Corpo e alma** : notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002a.

_____. O legado sociológico de Pierre Bourdieu : duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, v.19, p. 95-110, nov. 2002b.

_____. **Homines in Extremis**: what fighting scholars teach us about habitus. *Body and Society*, p.1-15, 2013.

_____. Putting habitus in its place: rejoinder to the symposium. Forthcoming in *Body & Society* 20, no. 2 (June), 2014: in press. Disponível em: <http://loicwacquant.net/assets/Recent-Papers/PUTTINGHABITUSPLACE-final.pdf> >. Acesso em: 08 abr. 2014.

YIN. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. São Paulo: Bookman, 2004.

ZANATTA, M. S. **As identidades possíveis na articulação entre família e trabalho**: um estudo a partir de colegas de trabalho. 2008. 122f. (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008

_____. Nas teias da identidade: contribuições para a discussão do conceito de identidade na teoria sociológica. **Perspectiva**, Erechim. v.35, n.132, p.41-54, Dezembro 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é **Aniele Fischer Brand** e estou desenvolvendo a pesquisa denominada “O processo de incorporação, inculcação e encarnação do *habitus*: um estudo etnográfico na Polícia Militar de Santa Catarina”, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Suzana da Rosa Tolfo e co-orientação da Prof^a. Dr^a. Ione Ribeiro Valle, com o objetivo de analisar o processo de incorporação, encarnação e inculcação do *habitus* militar. Este estudo é importante porque contribuirá para o campo teórico, além de proporcionar à organização pesquisada, como também a outras organizações, um entendimento mais aprofundado sobre o *habitus* militar. A coleta das informações se dará por meio de objetivação participante e entrevistas, as quais serão gravadas e posteriormente transcritas para fazer uma análise qualitativa de seus conteúdos. Durante o processo de observação, será feito o uso de fotografias, vídeos e gravação de áudio. Este estudo não deverá trazer riscos ou desconfortos, mas trará como benefícios a construção de conhecimentos.

Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser fazer parte do mesmo entre em contato pelo telefone (48) 84653432/ (48) 37218575/ (48) 37218577 ou pelo *e-mail*: aniele.adm@gmail.com.br. Se você tiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas serão confidenciais e só serão utilizadas para a pesquisa. Os participantes não serão identificados e receberão nomes fictícios na análise dos dados.

Agradeço antecipadamente sua participação.

Aniele Fischer Brand

Eu, _____ fui esclarecido(a) sobre a pesquisa “O processo de incorporação, inculcação e encarnação do *habitus*: um estudo etnográfico na Polícia Militar de Santa Catarina” e concordo que as informações que repasso possam ser utilizadas na realização da mesma, bem como autorizo o uso de imagens, vídeos e áudios nos resultados da pesquisa.

Florianópolis, 24 de novembro de 2011.

Assinatura: _____

RG: _____

APÊNDICE B – Diário de Campo

DIÁRIO DE CAMPO

TURMA OBSERVADA:	LOCAL VISITADO:
ATIVIDADE OBSERVADA:	DATA DA OBSERVAÇÃO:
HORÁRIO DE INÍCIO:	HORÁRIO DE TÉRMINO:
RELATO DE CAMPO	
SÍNTESE DOS FATOS OBSERVADOS PELO PESQUISADOR	
PRINCIPAIS RELATOS INFORMAIS DOS PESQUISADOS	
INTERPRETAÇÕES DA PESQUISADORA BASEADAS NA RELAÇÃO COM A LITERATURA	

APÊNDICE C – Questionário Perfil dos Respondentes**PERFIL ALUNOS SOLDADOS EM FORMAÇÃO / PERFIL
POLICIAL FORMADO**

Roteiro nº:	Data: / /
Pelotão:	CIA:
Data de ingresso na PM:	

1 PERFIL DO RESPONDENTE**1.1 Idade:** _____**1.2 Estado civil**

- Solteiro ()
- Casado ()
- Divorciado ()
- Viúvo ()
- União estável ()

1.3 Cor ou raça: _____**1.4 Religião:** _____**1.5 Possui filhos?**

() Sim () Não
Quantos? _____

1.6 Naturalidade: _____**1.7 Está em Florianópolis só por causa do CFSD?**

() Sim () Não

1.8 Escolaridade/Formação Acadêmica (especifique todos que possui):

	CURSO	INSTITUIÇÃO	ANO DE OBTEN- ÇÃO DO TÍTULO / EM ANDA- MENTO
1.8.1 Graduação:			
1.8.2 Especialização(ões):			
1.8.3 Mestrado:			
1.8.4 Doutorado:			
1.8.5 Outros:			

1.9 Capacitação Profissional

1.9.1 Frequentou ou frequenta curso(s) complementares(s) na área de atuação ou fora dela? (aperfeiçoamento, extensão, outros)

☐ Sim ☐ Não

Qual(ais)? _____

1.9.2 Tem o hábito de participar de eventos, congressos, seminários, workshops ou palestras?

☐ Sim ☐ Não

Em que área(s)? _____

Com que frequência anual?

☐ 1 à 2 vezes ☐ 3 à 4 vezes ☐ mais de 5 vezes

1.9.3 Tem conhecimentos em idioma estrangeiro?

☐ Sim ☐ Não

Especifique: _____

1.9.4 Tem conhecimentos em informática?

☐ Sim ☐ Não

Especifique: _____

1.10 Hábitos Culturais

1.10.1 Tem o hábito de leitura?

☐ Sim ☐ Não

Especifique:

☐ literatura em geral ☐ literatura técnica ☐ literatura de ficção
☐ revistas em geral ☐ jornais ☐ artigos científicos
☐ revistas técnicas da área ☐ outros:

1.10.2 Tem o hábito de assistir televisão?

☐ Sim ☐ Não

Que tipo de programação?

☐ jornais ☐ documentários ☐ novelas ☐ filmes
☐ programas esportivos ☐ programas de entrevistas ☐ noticiários
☐ outros:

1.10.3 Costuma viajar e conhecer outras culturas?

☐ Sim ☐ Não

Com que frequência anual?

☐ 1 a 2 vezes ☐ 3 a 4 vezes ☐ mais de 5 vezes

1.11 Perfil familiar

1.11.1 Escolaridade/Formação Acadêmica (especifique o curso):

1.11.1.1 PAI:

1.11.1.2 MÃE:

1.11.1.3 AVÔ PATERNO:

1.11.1.4 AVÓ PATERNO:

1.11.1.5 AVÔ MATERNO:

1.11.1.6 AVÓ MATERNA:

1.11.1.7 IRMÃOS:

1.11.2 Profissão:

1.11.2.1 PAI:

1.11.2.2 MÃE:

1.11.2.3 AVÔ PATERNO:

1.11.2.4 AVÓ PATERNO:

1.11.2.5 AVÔ MATERNO:

1.11.2.6 AVÓ MATERNA:

1.11.2.7 IRMÃOS:

1.11.3 Você tem parentes em algum desses órgãos (especifique o grau de parentesco):

() Polícia Militar:

() Polícia Civil:

() Polícia Federal:

() Corpo de Bombeiros:

() Marinha:

() Exército:

() Aeronáutica:

() Guarda Municipal:

() outras profissões afins:

1.11.4 Você já fez parte de algum desses órgãos (especifique por quanto tempo):

() Polícia Militar:

() Polícia Civil:

() Polícia Federal:

() Corpo de Bombeiros:

() Marinha:

() Exército:

() Aeronáutica:

() Guarda Municipal:

() outras profissões afins:

1.11.5 Qual sua última profissão antes de entrar para a Polícia Militar?

Você gostaria de participar da entrevista na pesquisa?

() Sim () Não

Justifique:

Obrigada pela participação!

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista alunos soldados

Entrevista nº:	Data:
Duração entrevista:	
Pelotão: 5º	CIA: 1ª
Data de ingresso na PM:	

1 HABITUS MILITAR

- 1.1 Fale um pouco sobre sua história de vida... desde a infância, os aspectos mais importantes, mais relevantes, as coisas mais marcantes, conta um pouco sobre a sua história de vida...
- 1.2 Como era a sua vida antes de ingressar na PM?
- 1.3 Fale das motivações que te levaram a escolher esta carreira... fale um pouco dessas motivações...
- 1.4 O que a entrada para a PM mudou em sua vida?
- 1.5 Quais foram as reações de familiares/amigos com seu ingresso na PM?
- 1.6 Como você descreveria sua entrada na polícia?
- 1.7 Como está sendo seu curso de formação na PM?
- 1.8 Quais as maiores dificuldades enfrentadas em sua rotina diária de formação?
- 1.9 O que significa/como foi sair do “mundo civil” e entrar no “mundo militar”?
- 1.10 Quais as principais mudanças que você observou no seu comportamento após a entrada na PM?
- 1.11 Seus familiares/pessoas próximas notaram mudanças em você? Quais?

- 1.12 Para você, quais os principais requisitos para ser um policial militar?
- 1.13 Que atributos seus você acredita terem sido determinantes para sua entrada na PM?
- 1.14 Como acredita ser a rotina diária do policial militar após formado?
- 1.15 O que você pensa sobre policiais femininas?
- 1.16 Você acha que as mulheres podem exercer as mesmas funções que os homens na PM? Justifique.
- 1.17 Como é para você receber ordens de femininas?
- 1.18 O que você pensa sobre os negros na PM?
- 1.19 Gostaria que seu filho (a) entrasse para a PM? Por quê?
- 1.20 Quais as suas expectativas ao terminar o curso de formação da PM?
- 1.21 Comente a respeito das dinâmicas do corpo a seguir em relação à profissão Policial Militar:
 - a. Uso de medicação
 - b. Repouso
 - c. Ornamentação do corpo
 - d. Os movimentos do corpo
 - e. Os cuidados com o corpo
 - f. A gestualidade
 - g. Expressão de sentimentos
 - h. O sangue
 - i. O suor
 - j. A lágrima
 - k. O nascimento
 - l. A morte
 - m. Sentidos (visão, olfato, paladar, audição, tato)
 - n. O volume do corpo
 - o. A cor do corpo
 - p. A deficiência do corpo
 - q. A orientação sexual

- 1.22 Comente aspectos mais relevantes/importantes da sua formação de policial militar.
- 1.23 Como foi vestir a farda pela primeira vez?
- 1.24 Como foi atirar/portar uma arma pela primeira vez?
- 1.25 Como foi subir o morro pela primeira vez numa operação (relate sobre a incursão de dia e a incursão noturna)?
- 1.26 Fale sobre a experiência do ritual do “Rio Vermelho”?
- 1.27 Como são os relacionamentos entre colegas?
- 1.28 Como são os relacionamentos com os superiores?
- 1.29 O que significa para você levar um FON / FOP? (especifique caso tenha levado algum)
- 1.30 O que significa para você o PAD? (comente caso tenha respondido algum)
- 1.31 O que significa para você o juramento: “defender as pessoas com o risco da sua própria vida”?
- 1.32 Você vivenciou situações de humilhação e constrangimento durante o curso de formação no trabalho? A quais e por quanto tempo?
- 1.33 Como foi fazer parte desta pesquisa durante seu curso de formação?
- 1.34 Há algum comentário final que você gostaria de fazer que não foi contemplado na entrevista?

PERGUNTAS INCORPORADAS APÓS O PRÉ-TESTE

- 1.35 O que é importante para incorporar o habitus militar?
- 1.36 Qual a importância de aspectos psicológicos para atuação do Policial Militar?

- 1.37 Qual a sua visão sob a Corporação/Instituição Polícia Militar antes e depois de entrar para Polícia?
- 1.38 Como foi ser chefe de turma?
- 1.39 O que representa o ‘entrar em forma’?
- 1.40 Qual a importância / o que representa a carteira funcional para você?
- 1.41 Em algum momento pensou em desistir?

APÊNDICE E – Roteiro de entrevista comandante do CFAP

1. Fale um pouco sobre sua história de vida.
2. Como era a sua vida antes de ingressar na PM?
3. Porque você quis ser policial militar?
4. O que a entrada para a PM mudou em sua vida?
5. Como foi seu curso de formação na PM?
6. Há diferenças entre o curso de formação quando de seu ingresso e o atual?
Comente-os.
7. O que significa sair do “mundo civil” e entrar no “mundo militar”?
8. Para você, quais os principais requisitos para ser um policial militar?
9. Que atributos seus você acredita terem sido determinantes para sua entrada na PM?
10. O que é/representa o corpo do policial no ambiente de trabalho?
11. O que é esperado do sujeito que ingressa na Polícia Militar?
12. O que representa o ‘entrar em forma’?
13. Comente a respeito das dinâmicas do corpo a seguir em relação à profissão Policial Militar:
 - a. Uso de medicação
 - b. Repouso
 - c. Ornamentação do corpo
 - d. Os movimentos
 - e. Os cuidados
 - f. A gestualidade
 - g. Expressão de sentimentos
 - h. O sangue
 - i. O suor
 - j. A lágrima
 - k. O nascimento
 - l. A morte
 - m. Sentidos (visão, olfato, paladar, audição, tato)
 - n. O volume do corpo
 - o. A cor do corpo
 - p. A deficiência do corpo
 - q. A orientação sexual

APÊNDICE F – HORAS DIÁRIAS DE ACOMPANHAMENTO EM CAMPO**Tabela 1: Horas diárias de acompanhamento em campo**

DATA	HORA CHEGADA	HORA SAÍDA	TOTAL H/D
18/11/2011	16:30	20:00	3:30
21/11/2011	14:00	19:00	5:00
23/11/2011	7:00	20:00	13:00
24/11/2011	7:10	20:15	13:05
29/11/2011	7:35	13:00	5:25
30/11/2011	12:30	19:00	6:30
02/12/2011	7:00	12:00	5:00
07/12/2011	12:00	19:00	7:00
08/12/2011	7:35	19:00	11:25
09/12/2011	14:15	15:50	1:35
10/12/2011	7:30	19:35	12:05
20/12/2011	7:10	19:20	12:10
21/12/2011	13:30	2:30	13:00
22/12/2011	7:10	10:30	3:20
17/01/2012	7:15	18:10	10:55
23/01/2012	9:30	18:25	8:55
24/01/2012	13:30	18:15	4:45
31/01/2012	7:30	18:20	10:50
01/02/2012	9:30	11:30	2:00
02/02/2012	7:10	18:30	11:20
03/02/2012	16:00	18:10	2:10
05/02/2012	7:20	19:10	11:50
08/02/2012	7:30	19:00	11:30
09/02/2012	13:30	20:50	7:20
13/02/2012	7:30	10:00	2:30
15/02/2012	13:50	17:50	4:00
17/02/2012	12:30	17:00	4:30
27/02/2012	7:10	12:20	5:10
01/03/2012	7:20	12:00	4:40
06/03/2012	7:30	12:35	5:05
08/03/2012	7:40	18:05	10:25
09/03/2012	13:45	18:30	4:45
13/03/2012	15:30	18:30	3:00
14/03/2012	7:45	18:00	10:15
15/03/2012	13:20	18:10	4:50
19/03/2012	7:45	18:10	10:25
20/03/2012	13:05	19:10	6:05
21/03/2012	13:40	17:35	3:55
22/03/2012	7:40	14:10	6:30
27/03/2012	12:35	17:00	4:25
29/03/2012	13:40	18:00	4:20

30/03/2012	15:25	18:45	3:20
02/04/2012	14:00	18:30	4:30
05/04/2012	6:40	19:40	13:00
09/04/2012	8:00	12:10	4:10
10/04/2012	8:20	17:30	9:10
11/04/2012	7:35	17:35	10:00
19/04/2012	7:30	18:30	11:00
20/04/2012	23:30	5:30	6:00
21/04/2012	10:00	12:40	2:40
23/04/2012	7:30	19:00	11:30
24/04/2012	7:40	18:00	10:20
04/05/2012	7:15	12:30	5:15
06/05/2012	10:10	21:30	11:20
16/05/2012	7:30	18:30	11:00
18/05/2012	13:30	19:00	5:30
21/05/2012	7:40	12:20	4:40
22/05/2012	8:30	17:20	8:50
24/05/2012	7:10	18:35	11:25
25/05/2012	7:15	11:40	4:25
29/05/2012	15:00	19:30	4:30
30/05/2012	7:25	23:30	16:05
31/05/2012	13:00	18:35	5:35
01/06/2012	13:20	18:30	5:10
05/06/2012	13:45	18:10	4:25
06/06/2012	7:40	12:10	4:30
11/06/2012	13:50	16:30	2:40
12/06/2012	8:45	18:45	10:00
13/06/2012	8:10	14:45	6:35
14/06/2012	7:25	15:45	8:20
18/06/2012	13:45	18:10	4:25
19/06/2012	8:45	18:15	9:30
21/06/2012	15:30	18:00	2:30
26/06/2012	8:10	18:25	10:15
27/06/2012	9:10	22:30	13:20
28/06/2012	9:30	18:00	8:30
29/06/2012	9:30	12:50	3:20
02/07/2012	14:40	19:35	4:55
03/07/2012	12:40	18:20	5:40
06/06/2012	8:30	11:40	3:10
10/07/2012	13:40	17:40	4:00
11/07/2012	8:05	13:40	5:35
12/07/2012	7:50	15:40	7:50
12/07/2012	22:00	4:30	6:30
24/07/2012	13:30	18:40	5:10
25/07/2012	8:20	19:50	11:30

26/07/2012	8:10	19:00	10:50
27/07/2012	12:30	14:10	1:40
08/08/2012	8:10	11:40	3:30
08/08/2012	13:40	18:00	4:20
09/08/2012	14:10	19:10	5:00
10/08/2012	12:30	16:50	4:20
13/08/2012	7:00	12:30	5:30
TOTAL HORAS			645:45:00

ANEXOS

ANEXO A – CERTIFICADO DO CURSO DE DIREÇÃO TÁTICA ANTI-SEQUESTRO

CERTIFICADO

Temos a honra de expedir o presente certificado a

ANIELE FISCHER BRAND

que completou com sucesso o curso de
Direção Tática Anti-sequestro
com carga horária de 12 h/a.

Florianópolis, 05 de Fevereiro de 2012.

Ass.: 

Rafael Ledenir Bernardo
2º Sgt. PM Instrutor

ANEXO B - MODELO DA PÁGINA DE FATOS OBSERVADOS NEGATIVOS (FON) DO ALUNO

[illegible]

ANEXO C - MODELO DA PÁGINA DE FATOS OBSERVADOS POSITIVO (FOP) DO ALUNO

[illegible]

ANEXO D – CANÇÃO DO POLICIAL MILITAR

(Original PMERJ - Cel Horsea / Adaptação Ten Cel João Henrique e Ten Von Knoblauch)

Em cada momento vivido
uma verdade vamos encontrar.
Em cada fato esquecido
uma certeza nos fará lembrar.
Em cada minuto passado
mais um caminho que se descobriu.
Em cada Soldado tombado
mais uma estrela no céu do Brasil!

Aqui nós todos aprendemos a viver
demonstrando valor, pois o nosso ideal
é algo que nem todos podem entender,
na luta contra o mal!
Ser Policial
é sobretudo, uma razão de ser.

É enfrentar a morte,
mostrar-se um forte
no que acontecer.

Em cada pessoa encontrada
mais um amigo para defender.
Em cada ação realizada
um coração pronto a agradecer.
Em cada ideal alcançado
uma esperança para outras missões.
Em cada exemplo deixado
mais um gesto inscrito em nossas tradições.

Em cada instante da vida
nossa Polícia Militar
será sempre enaltecida
em sua glória secular!
Em cada recanto do Estado
Catarinense e altaneiro
faremos ouvir nosso brado,
o grito eterno de um bravo guerreiro!

ANEXO E – CANÇÃO DA POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA

Letra e musica: Ten Cel Roberto Kel

Na grandeza do nosso passado
Na bravura que o tempo guardou
Nossa Farda é um atestado
Que o heroísmo já glorificou
A defesa da Lei e dos lares
Essa Farda nos faz garantir
Os deveres são nossos altares
Destinados ao crime banir

Salve PM Catarinense
O teu nome havemos de honrar
Na batalha que o bem sempre vence
Para a Lei na vanguarda ficar
Na batalha que o bem sempre vence
Para a Lei na vanguarda ficar

Quer na paz patrulhando à cidade
Quer na guerra ou em pleno sertão
Onde faça mister a verdade
Onde faça mister a razão
Ao tombarem a serviço da Lei
Nossos bravos heróis destemidos
Esquecidos soldados da grei
Jamais sejam por nós esquecidos

Salve PM Cartarinense
O teu nome havemos de honrar
Na batalha que o bem sempre vence
Para a Lei na vanguarda ficar
Na batalha que o bem sempre vence
Para a Lei na vanguarda ficar.

ANEXO F – EDITAL Nº 008/CESIEP/2011



GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA MILITAR
DIRETORIA DE PESSOAL
CENTRO DE SELEÇÃO, INGRESSO E ESTUDOS DE PESSOAL

EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO Nº 008/CESIEP/2011

O Secretário de Estado da Segurança Pública do Estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições e considerando o Artigo 7º, Inciso I, da Lei Complementar nº 381 de 07 de maio de 2007, combinado com o Decreto Estadual nº 1.158 de 18 de março de 2008, artigo 2º, inciso III e combinado com o inciso III do Art. 1º da Lei Complementar nº 454, de 05 de agosto de 2009, alterada pela Lei Complementar nº 528 de 17 de janeiro de 2011, faz saber através do presente Edital que estão abertas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO PARA O CURSO DE FORMAÇÃO DE SOLDADOS – Quadro de Praças Policiais Militares da Polícia Militar de Santa Catarina.

1. DAS INFORMAÇÕES PRELIMINARES E DAS VAGAS

- 1.1. Havendo candidatos aprovados no Concurso Público – Edital 002/CESIEP/2010, estes candidatos terão precedência na respectiva nomeação, desde que esta se dê até a data, prazo final de validade, do Concurso Público – Edital 002/CESIEP/2010.
- 1.2. O Concurso Público destina-se ao preenchimento de 500 (quinhentas) vagas para o sexo masculino para matrícula no Curso de Formação de Soldados.
 - 1.2.1. As vagas serão distribuídas para as regiões policiais militares após o Curso de Formação de Soldados (CFSd) e obedecerão critérios técnicos.
 - 1.2.2. A escolha das vagas obedecerá a ordem de classificação no Curso de Formação de Soldado.
 - 1.2.3. Não haverá reserva de vagas para portadores de deficiência em razão da incompatibilidade para o exercício das atribuições do cargo (art. 142, X, Constituição Federal e art. 11 da Lei 6.218 de 1983 (Estatuto dos Policiais Militares de Santa Catarina)).
- 1.3. A investidura no serviço público se dá no ato da matrícula no Curso de Formação de Soldados, cargo de soldado não qualificado.
- 1.4. Após o término do curso, os aprovados passarão a graduação de Soldados 3ª Classe.
- 1.5. Os vencimentos iniciam a partir do primeiro mês do Curso de Formação de Soldado, no valor básico de R\$ 1.943,68, (Um mil novecentos e quarenta e três reais e sessenta e oito centavos). Após a conclusão do Curso de Formação de Soldado, somando-se estímulo operacional e adicional noturno o vencimento poderá alcançar R\$ 2.435,51 (Dois mil quatrocentos e trinta e cinco reais e cinquenta e um centavos), não incluídos eventuais vantagens pessoais.

2. DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

- 2.1. O Concurso Público, na inscrição e nas etapas de prova objetiva e avaliação psicológica, será realizado sob a responsabilidade do Instituto de Estudos Superiores do Extremo Sul - IESES, obedecidas as normas do presente Edital.
- 2.2. O Concurso Público, nas demais etapas de sua operacionalização será realizado sob a responsabilidade da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, obedecidas as normas do presente Edital.

3. DAS INSCRIÇÕES

- 3.1. O processo de inscrição a este Concurso Público dar-se-á através da Internet.
- 3.2. O Processo de inscrição ao Concurso Público previsto neste Edital pela Internet, ocorrerá em 2 (duas) etapas distintas, devendo o candidato proceder conforme descrito nos itens 3.2.1. e 3.2.2. a seguir:
 - 3.2.1. A primeira etapa do processo de inscrição ao Concurso Público – Edital 008/CESIEP/2011 pela Internet consiste em acessar o site www.cfsd2011.pmsc.ieses.org apontando para “INSCRIÇÕES ONLINE” e, a partir do link específico, preencher a Ficha de Inscrição e indicar a forma de pagamento que pretende adotar, no período de **quarta-feira, 25 de maio de 2011 a segunda-feira, 27 de junho de 2011.**
 - 3.2.2. A segunda etapa do processo de inscrição ao Concurso Público – Edital 008/CESIEP/2011 pela Internet consiste em efetuar o pagamento da taxa de inscrição na forma escolhida, até o último dia de inscrições, **segunda-feira, 27 de junho de 2011.**
 - 3.2.3. O candidato que optar em realizar a inscrição ao presente certame fica ciente e aceita tacitamente que:
 - a. O IESES não se responsabiliza por solicitações de inscrição via Internet não recebidas por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, bem como outros fatores de ordem técnica que impossibilitem a transferência de dados;
 - b. A taxa de inscrição dos candidatos inscritos via Internet deverá ser paga por meio de Documento de Arrecadação de Receitas – DARE, emitido pela Secretaria de Estado da Fazenda, do Governo do Estado de Santa Catarina;

- c. As inscrições efetuadas através da Internet somente serão acatadas após a efetivação do respectivo pagamento. O simples agendamento e o respectivo demonstrativo não se constituem em documento comprovante de pagamento do Valor de Inscrição;
- d. O inteiro teor do Edital estará disponível no endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, sendo de responsabilidade exclusiva do candidato a obtenção desse documento; e,
- e. Os candidatos inscritos via Internet não deverão enviar cópia de documento de identidade, sendo de responsabilidade exclusiva dos candidatos, a inserção de seus dados cadastrais, informados no ato de inscrição.
- 3.2.4. Não serão aceitos pedidos de isenção de pagamento da inscrição, exceto para os candidatos amparados pela Lei nº 10.567, de 07 de novembro de 1997 (doadores de sangue).
- 3.3. Os candidatos amparados pela Lei Estadual nº 10.567/97 (Doadores de Sangue), deverão efetuar sua inscrição nos termos do item 3.2.1, imprimindo o respectivo Documento de Arrecadação de Receitas – DARE, não efetuar seu pagamento e entregar a seguinte documentação para a obtenção da isenção da taxa de inscrição, protocolando estes documentos na Sede Administrativa do Instituto de Estudos Superiores do Extremo Sul - IESES, localizada na Rodovia SC 401, nº. 8600 – Corporate Park – Conj. 6/6, Santo Antônio de Lisboa – Florianópolis – SC, das 09h às 18h, **sexta-feira, 10 de junho de 2011.**
- a. Cópia do DARE impresso;
- b. Requerimento preenchido (formulário obtido no site do Concurso – **Item A do Anexo VI**)
- c. Comprovante de sua situação como doador e das 3 (três) doações efetuadas, nos termos da Lei citada (doações no período de **23 de maio de 2010 a 10 de junho de 2011**).
- 3.3.1. Alternativamente, por opção do candidato, este poderá remeter os documentos solicitados no item 3.3. para CONCURSO EDITAL 008/CESIEP/2011, A/C Caixa Postal 6545 – CEP 88036-970 Florianópolis (SC), por SEDEX-ECT, com postagem **até sexta-feira, 10 de junho de 2011.**
- 3.3.2. Nos termos da orientação do Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina, estão habilitadas a fornecer declaração que ateste a condição de doador de sangue, as seguintes entidades:

Cidade	Unidade
Blumenau	Centro Hemoterápico de Blumenau
Chapecó	Hemocentro Regional de Chapecó (HEMOSC)
Concórdia	Hospital São Francisco
Criciúma	Hemocentro Regional de Criciúma (HEMOSC)
Florianópolis	Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (HEMOSC-Coordenador)
Florianópolis	Hospital Universitário – UFSC
Joaçaba	Hemocentro Regional de Joaçaba (HEMOSC)
Joinville	Hemocentro Regional de Joinville (HEMOSC)
Lages	Hemocentro Regional de Lages (HEMOSC)
Rio do Sul	Fundação de Saúde do Alto Vale do Itajaí
Tubarão	Posto de Coleta (vinculado ao Hemocentro Regional de Criciúma)

- 3.3.3. Até **quarta-feira, 15 de junho de 2011**, às 18 horas, será disponibilizado no site do concurso, ato deferindo ou indeferindo os pedidos de isenção nos termos do item 3.3.
- 3.3.4. Os candidatos cujos pedidos forem indeferidos deverão efetuar o pagamento da respectiva DARE, até a data limite estabelecida no item 3.2.2 deste Edital.
- 3.4. São condições mínimas de inscrição:
- a. Ser brasileiro nato ou naturalizado;
- b. Encontrar-se no pleno gozo de seus direitos civis e políticos;
- c. Estar quite com as obrigações militares e eleitorais (brasileiro nato); e,
- d. Não ter completado 30 anos até o último dia de inscrição;
- e. Conhecer e estar de acordo com as exigências do presente Edital.
- 3.5. No preenchimento da Ficha de Inscrição são campos obrigatórios:
- a. Nome do candidato;
- b. Data de nascimento;
- c. Código do cargo;
- d. Código do local de prova;
- e. Número de inscrição no Cadastro Nacional de Pessoas Físicas (CPF) válido e em nome do candidato;
- 3.6. O Processo de Inscrição somente se completa e se efetiva:
- a. Com o atendimento às condições estabelecidas no item 3.4;
- b. Com o correto preenchimento dos campos obrigatórios estabelecidos no item 3.5;
- c. Com o pagamento correto do valor de inscrição ou com o deferimento ao pedido de isenção apresentado no item 3.3;
- d. Com a concordância do candidato no requerimento de inscrição, efetuada por marcação específica no processo de inscrição.
- 3.7. O valor de inscrição para este Concurso Público é de R\$ 80,00.

- 3.7.1. O pagamento da taxa de inscrição deverá ser feito em moeda corrente nacional (dinheiro).
- 3.7.2. O valor da inscrição, uma vez pago, não será restituído.
- 3.7.3. Não serão aceitas inscrições pagas por depósito em caixa eletrônico, via postal, fac-símile (fax), transferência ou depósito em conta corrente, ordem de pagamento, condicionais e/ou extemporâneas ou por qualquer outra via que não a especificada neste Edital.
- 3.8. Cada candidato poderá efetuar somente 1 (uma) inscrição neste Concurso Público.
- 3.8.1. Havendo mais de 1 (uma) inscrição, em desacordo com o item 3.8, serão canceladas as mais antigas, permanecendo a mais recente.
- 3.9. Será indeferida a inscrição do candidato que não atender aos itens 3.4 e/ou 3.5 e/ou 3.6.
- 3.10. Ao preencher sua Ficha de Inscrição e efetuar o pagamento do respectivo DARE, o candidato está declarando tácita, expressa e formalmente que preenche as condições de inscrição relacionadas neste Edital.
- 3.11. Ao completar e efetivar sua inscrição, o candidato está declarando tácita, expressa e formalmente que conhece e aceita as condições estabelecidas no inteiro teor deste Edital e demais instruções específicas, expedientes dos quais não poderá alegar desconhecimento.
- 3.12. São considerados desistentes os candidatos que tenham realizado sua inscrição via Internet e não efetivado o pagamento do valor de inscrição, nos termos do item 3.2.2.
- 3.12.1. Os candidatos que agendarem pagamentos e não tiverem seu agendamento convertido em pagamento efetivo até o último dia das inscrições, ou tiverem pagamentos realizados após a referida data, não terão seus pagamentos considerados como realizados, implicando na desistência do certame, conforme o item supracitado.
- 3.13. Uma vez efetuada a inscrição, não serão aceitos pedidos de alteração quanto à identificação do candidato, exceto correção de grafia, bem como de alteração de local de realização das provas.
- 3.14. O candidato que necessitar de condições especiais para a realização de provas deverá remeter para CONCURSO PMSC – EDITAL 008/CESEP/2011, A/C Caixa Postal 6545 – CEP 88036-970 Florianópolis (SC), por SEDEX-ECT, com postagem até **segunda-feira, 27 de junho de 2011**, requerimento dirigido ao IESES indicando as condições especiais de que necessita, juntado o fotocópia de seu comprovante de pagamento.
- 3.14.1. Observando os restritos termos da Lei Estadual 12.870/2004, os candidatos portadores de deficiência que necessitem de tratamento diferenciado no dia da prova, ao requerê-lo, deverão indicar as condições diferenciadas de que necessitem para a realização das mesmas.
- 3.14.2. Face incompatibilidade para o exercício das atribuições do cargo (art. 142, X, Constituição Federal e art. 11 da Lei 6.218 de 1983), não serão oferecidas provas em Braille ou "ampliadas".
- 3.14.3. Não haverá realização de provas fora dos locais e horário marcados para todos os candidatos, todavia, o candidato portador de deficiência que necessitar de tempo adicional para realização das provas deverá requerê-lo, com justificativa acompanhada de parecer emitido por especialista da área de sua deficiência, no prazo estabelecido no edital do concurso.
- 3.15. A não veracidade de declaração apresentada na Ficha de Inscrição ou em decorrência deste Edital, verificada a qualquer tempo, implicará no cancelamento da respectiva inscrição ou na eliminação do candidato do Concurso Público, se a inscrição já estiver homologada.
- 3.16. É vedada a inscrição neste Concurso Público de quaisquer membros, parentes ou assistentes, da Comissão do Concurso, tanto da POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, como do IESES.
- 3.17. Não haverá inscrição condicional e nem por correspondência.
- 3.18. Verificado, a qualquer tempo, o recebimento de inscrição que não atenda a todos os requisitos, será ela cancelada.
- 4. DA CONFIRMAÇÃO DAS INSCRIÇÕES, LOCAL E HORÁRIO DE PROVAS E DO INDEFERIMENTO DE INSCRIÇÕES**
- 4.1. O deferimento e o indeferimento de inscrição serão efetivados por ato do IESES, disponibilizado na página do concurso, endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, até às 18 (dezoito) horas de **quarta-feira, 06 de julho de 2011**.
- 4.1.1. No ato de indeferimento das inscrições, somente serão informados a causa do indeferimento e o CPF do candidato e, na falta deste, do número do documento de identidade e/ou da ficha de inscrição, não sendo informado o nome do mesmo.
- 4.2. O local e horário de provas se fará por documento onde estarão indicados o horário, a sala e o estabelecimento em que o candidato fará a prova objetiva, expedido até **quarta-feira, 13 de julho de 2011**, às 18 horas, para o endereço eletrônico que o candidato indicou ao efetuar sua inscrição.
- 4.3. Os candidatos que não tiverem recebido o Documento de Confirmação de Inscrição **após as 18 horas de quarta-feira, 13 de julho de 2011**, deverão retirá-lo no endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, com a indicação de seu CPF e data de nascimento.
- 4.4. O candidato é responsável pela conferência do Documento de Confirmação de Inscrição que receber.
- 4.4.1. Em caso de ocorrência de divergência do Documento de Confirmação de Inscrição, o candidato deverá solicitar a correção ao IESES, indicando o campo a ser corrigido, através do e-mail correcao@ieses.org e, obrigatoriamente, indicando seu nome, seu número de inscrição e cargo a que concorre.
- 4.4.2. Será indeferido qualquer pedido relativo ao item anterior (4.4.1), quando o mesmo se constituir em alteração das condições expressas na Ficha de Inscrição, nos termos do item 3.13 deste Edital.

5. DAS FASES DO CONCURSO

5.1. O concurso público será dividido nas seguintes fases:

- 1ª Fase: Prova Objetiva de Conhecimentos, de caráter eliminatório e classificatório;
- 2ª Fase: Questionário de Investigação Social, de caráter informativo e eliminatório;
- 3ª Fase: Exame de Saúde e apresentação do Exame Toxicológico, de caráter apenas eliminatório;
- 4ª Fase: Exame de Avaliação Física, de caráter apenas eliminatório;
- 5ª Fase: Exame de Avaliação Psicológica, de caráter apenas eliminatório;

5.1.1. A primeira fase será realizada em uma única etapa, prevalecendo para todo o concurso.

5.1.2. As fases seguintes, segunda a quinta, serão realizadas periodicamente, sob demanda da PMSC, com convocações específicas.

5.2. Os candidatos que não comparecerem à realização de qualquer das fases previstas, na data, local e horários determinados, serão eliminados deste concurso público.

5.3. Para a entrada nos locais de prova, exames e testes, os candidatos deverão apresentar cédula de identidade ou carteira expedida por órgãos ou conselhos de classe que tenham força de documento de identificação (OAB, CORECON, CRA, CREA, etc.), Registro Nacional de Estrangeiro (RNE), carteira de trabalho e previdência social, carteira nacional de habilitação com foto, passaporte brasileiro ou certificado de reservista, com foto.

5.3.1. Os documentos apresentados deverão estar em perfeitas condições, de forma a permitir, com clareza, a identificação dos candidatos.

5.3.2. Não serão aceitos protocolos ou quaisquer outros documentos (como crachás, carteira estudantil, identidade funcional, título de eleitor, boletim de ocorrência policial de perda ou roubo de documentos, protocolos de segunda via, certidão de nascimento ou casamento, carteira nacional de habilitação ou certificado de reservista sem fotografia, etc.), diferentes dos estabelecidos no item 5.3.

5.3.3. Não serão aceitas cópias de documentos ou papéis, em substituição aos exigidos no item 5.3, quer eles estejam autenticados ou não.

5.4. Recomenda-se aos candidatos que compareçam aos locais de prova, de exames e testes com antecedência mínima de 30 (trinta) minutos em relação ao horário de fechamento dos portões.

5.5. Não haverá segunda chamada para nenhuma das provas, de exames ou testes, qualquer que seja a causa ou hipótese que ocorrer.

5.6. Não serão fornecidas, por telefone, informações a respeito de datas, locais e horários de realização das provas.

5.7. O candidato que requerer condição especial de prova nos termos do item 3.14 participará do Concurso em igualdade de condições com os demais, no que se refere ao conteúdo, à avaliação, ao horário e à aplicação das provas.

5.8. A SSP/SC, a POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA e o IESSES não assumem qualquer responsabilidade quanto ao transporte, alimentação e/ou alojamento dos candidatos, quando da realização das provas, exames ou testes deste Concurso Público.

6. DA PROVA OBJETIVA DE CONHECIMENTOS

6.1. A primeira fase do Concurso Público será efetuada mediante aplicação de prova objetiva, em língua portuguesa, em que serão avaliados os conhecimentos dos candidatos em relação às matérias relacionadas ao cargo objeto deste Concurso Público.

6.2. Todos os programas objetos das provas e respectivos quantitativos de questões constam do **Anexo I** ao presente Edital.6.3. As provas objetivas serão realizadas na data de **domingo, 17 de julho de 2011**, no local e horário que constar do Documento de Confirmação de Inscrição, devendo os candidatos optar por uma das seguintes cidades de prova:

Código	Cidade de Prova
9010	Blumenau
9024	Chapecó
9038	Criciúma
9041	Florianópolis
9055	Itajaí
9069	Joaçaba
9072	Joinville
9086	Lages
9090	São Miguel D'Oeste
9100	Tubarão

6.3.1. O IESSES reserva-se o direito de, na hipótese de força maior, conveniência administrativa ou falta de locais adequados, com a devida aprovação da Comissão do Concurso, realizar a Prova Objetiva em outras cidades próximas aquelas apresentadas no item anterior 6.3.

6.3.2. O IESSES reserva-se o direito de, na hipótese de força maior, conveniência administrativa ou falta de locais adequados, com a devida aprovação da Comissão do Concurso, realizar a Prova Objetiva em outra data, diferente daquela apresentada no item supracitado (6.3), comunicando aos candidatos a referida alteração com prazo não inferior a 15 dias, ressalvado motivo de força maior ou de calamidade pública, no qual o referido prazo pode não ser respeitado.

- 6.4. Os portões dos locais de prova serão fechados às 8 (oito) horas do dia da prova.
- 6.4.1. O início das provas será autorizado quando todos os candidatos presentes estiverem alocados nas respectivas salas de prova.
- 6.5. Não haverá funcionamento de guarda-volumes nos locais de realização da prova objetiva e redação e o IESSES não se responsabilizará por perdas, danos, ou extravio de objetos e documentos durante o concurso.
- 6.6. Durante a realização das provas é vedada a consulta a livros, revistas, folhetos ou anotações.
- 6.7. No dia de realização das provas não será permitido aos candidatos entrarem e/ou permanecerem na sala de provas com aparelhos eletrônicos (telefones celulares, *paggers*, *walkman*, agenda eletrônica, *notebook*, *handheld*, receptor, gravador, máquina fotográfica, máquina de calcular, relógios com qualquer uma das funções anteriormente citadas, etc.) ou armas de qualquer tipo.
- 6.7.1. Caso o candidato esteja portando algum dos aparelhos/equipamentos citados no item 6.7, exceto armas, este deverá ser acondicionado em invólucro distribuído pelos fiscais de sala, antes do início das provas e somente poderão ser removidos do invólucro após a saída do candidato da sala de provas.
- 6.7.2. Caso o candidato esteja portando alguma arma, esta deverá ser entregue na sala da Coordenação Local de Aplicação de Provas e retirada após a conclusão da mesma.
- 6.8. O candidato que necessitar ausentar-se da sala de prova durante sua realização somente poderá fazê-lo acompanhado de um fiscal.
- 6.9. O candidato não poderá ausentar-se da sala de prova, a qualquer tempo, portando material de prova (cadernos de questões e/ou cartão resposta).
- 6.10. O descumprimento dos itens 6.6, 6.7, 6.7.1, 6.7.2, 6.8 ou 6.9 implicará a eliminação sumária dos candidatos, constituindo tentativa de fraude.
- 6.11. O IESSES, visando preservar a veracidade e autenticidade do Concurso Público, poderá proceder no momento da aplicação das provas, à autenticação digital dos cartões de resposta, podendo também assim proceder com outros documentos pertinentes.
- 6.11.1. A Polícia Militar de Santa Catarina e o IESSES, através de seus representantes, objetivando garantir a lisura e a idoneidade em todas as etapas do concurso público, farão o procedimento de identificação civil dos candidatos mediante a verificação do Documento de Identidade Oficial, da coleta de assinatura, podendo fazer uso de detectores de metal nos banheiros, nos corredores e/ou nas salas de prova, se necessário, fazendo vistoria rigorosa.
- 6.11.2. O candidato que se negar a identificação terá a sua prova anulada.
- 6.11.3. É de inteira responsabilidade do candidato qualquer transtorno por ele ocasionado.
- 6.12. O IESSES reserva-se o direito de manter todo material de prova por um período de 180 (cento e oitenta) dias a contar da divulgação dos resultados do Concurso Público. Após este período o material será destruído.
- 6.13. DA PROVA OBJETIVA**
- 6.13.1. A prova objetiva terá 100 (cem) questões objetivas, todas de múltipla escolha, com 04 (quatro) alternativas de resposta, de "A" a "D", e dessas alternativas somente 1 (uma) deverá ser assinalada como correta.
- a. As questões objetivas da prova, cujo programa encontra-se no Anexo I a este edital, serão assim distribuídas quanto ao conteúdo: 30 (trinta) questões de Língua Portuguesa, 20 (vinte) questões de Raciocínio Lógico, 10 (dez) questões de informática, 20 (vinte) questões de Legislação Institucional e 20 (vinte) questões de conhecimentos gerais.
- 6.13.2. A prova objetiva terá duração de 05 (cinco) horas.
- 6.13.3. Para a realização das provas objetivas, respondidas em cartão de respostas, os candidatos deverão dispor de caneta esferográfica preta ou azul.
- 6.13.4. O preenchimento do cartão é de total responsabilidade dos candidatos, sendo expressamente vedado o auxílio de terceiro na execução dessa tarefa, qualquer que seja o pretexto, sob pena de ser atribuída nota 0 (zero) às provas.
- 6.13.5. A prova será avaliada na escala de 0 (zero) a 10 (dez), com duas decimais, tendo todas as questões de cada prova igual valor.
- 6.13.6. Serão considerados aprovados na Prova Objetiva os candidatos que obtiverem nota igual ou superior a 5,00 (cinco inteiros).
- 6.13.7. Na hipótese de anulação de questão(ões) da prova, quando de sua avaliação, será(ão) considerada(s) como respondida(s) corretamente por todos os candidatos.
- 6.13.8. Nas provas, será atribuída nota 0 (zero):
- a. à(s) questão(ões) da prova cuja(s) resposta(s) no cartão de respostas contenha(m) emenda(s) e/ou rasura(s), ainda que legível(is);
- b. à(s) questão(ões) da prova cuja(s) resposta(s) no cartão de respostas contenha(m) mais de uma opção assinalada;
- c. à(s) questão(ões) da prova que não estiver(em) assinalada(s) no cartão de respostas;
- d. à(s) prova(s) e/ou questão(ões) da prova cujo cartão de respostas for preenchido fora das especificações contidas ali ou nas instruções da prova, ou seja, preenchidas com canetas não esferográficas ou com canetas esferográficas de cor diferente de azul ou preta, ou ainda, com marcação diferente da indicada no modelo previsto no cartão; e,
- e. à(s) questão(ões) respondida(s) incorretamente.
- 6.14. DO ENCERRAMENTO DAS PROVAS OBJETIVA**
- 6.14.1. No encerramento das provas deverão ser observados os seguintes preceitos:
- a. os candidatos somente poderão se retirar da sala de provas depois de 2 (duas) horas de seu início;

- b. os 3 (três) últimos candidatos de cada sala de provas somente poderão entregar as respectivas provas e retirar-se do local, simultaneamente;
- c. os candidatos, ao se encerrarem as provas, entregarão ao fiscal de prova/sala: 1) o cartão de respostas das provas, devidamente assinado no local especificado para tanto e; 2) o caderno de provas;
- d. os candidatos poderão reter para si apenas os gabaritos-rascunho, entregues para fins de marcação das respostas assinaladas.
- 6.14.2. Os candidatos aprovados na Prova Objetiva serão classificados em ordem decrescente da nota que obtiverem (somatório das questões acertadas), expressa essa média com 2 (duas) decimais.
- 7. DAS FASES SUBSEQUENTES DO CERTAME**
- 7.1. O Questionário de Investigação Social será realizado de forma fracionada, conforme Editais específicos de convocação, na ordem de classificação dos aprovados na prova objetiva.
- 7.2. As demais fases do certame (terceira a quinta) serão também realizadas de forma fracionada, na sequência do Questionário de Investigação Social, respeitadas as normas previstas neste edital.
- 7.3. Os candidatos faltosos serão considerados NÃO APTOS.
- 8. DA INVESTIGAÇÃO SOCIAL**
- 8.1. Os candidatos aprovados na Prova Objetiva, conforme o item 6.13.6, serão convocados para preencher o Questionário de Investigação Social (QIS), que visa comprovar que mantém conduta social ilibada, com adequação à carreira, em local e horário publicado no DOESC, até **09 de agosto de 2011**. A mesma informação será disponibilizada no site do concurso, ali informados datas, locais e horários e no Quadro de Avisos da sede do Centro de Seleção, Ingresso e Estudos de Pessoal – CESIEP da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina - PMSC.
- 8.2. A investigação social será realizada pela Agência Central de Inteligência da PMSC (ACI).
- 8.3. A Investigação Social tem por finalidade apurar a idoneidade moral, conforme o art. 11 da Lei 6.218 de 10 de fevereiro de 1983, o Estatuto dos Policiais Militares. Levantando a vida pregressa e atual do candidato em todos os aspectos de vida em sociedade, quer seja social, moral, profissional, escolar, dentre outras possíveis, impedindo que pessoa com perfil incompatível Ingresse na Polícia Militar.
- 8.4. Investigação Social deverá identificar condutas que indiquem ou contra indiquem o candidato para matrícula no estabelecimento de ensino da Corporação.
- 8.5. O candidato deverá autorizar e fornecer dados para a Agência Central de Inteligência, através do Questionário de Investigação Social, para proceder à investigação social.
- 8.6. A não autorização pelo candidato, para que se proceda à investigação social a seu respeito, faculta a Agência Central de Inteligência, contra indicar o candidato para matrícula no estabelecimento de ensino da Corporação.
- 8.7. Serão considerados contra indicados os candidatos que na vida pregressa ou atual enquadrem-se, em uma ou mais situações abaixo:
- a) Toxicômanas ou drogadictas;
 - b) Pessoas com antecedentes criminais e registros policiais nas condições de averiguada em crime ou autora nos termos da Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995;
 - c) Traficantes;
 - d) Alcoolatras ou alcoolistas;
 - e) Procuradas pela Justiça;
 - f) Ociosas, sem pendor para o serviço policial militar, bem como aquelas que possuam registros funcionais desabonadores em seus locais de trabalho;
 - g) Violentas e agressivas;
 - h) Inadimplentes em compromissos financeiros;
 - i) Possuidoras de certificados escolares inidôneos ou inválidos e não reconhecidos pelo Ministério da Educação ou órgão estadual de educação.
- 8.8. Na data marcada para efetuar o preenchimento do Questionário de Investigação Social, o candidato deverá entregar independente dos já entregues na inscrição, os seguintes documentos:
- a) (uma) cópia simples da Cédula de Identidade (RG);
 - b) (uma) cópia simples da Certidão de Nascimento ou de Casamento;
 - c) (uma) cópia simples do Diploma ou Certidão de conclusão curso universitário de graduação superior ou equivalente expedidos por estabelecimentos de ensino oficial público ou particular, devidamente reconhecidos pela legislação vigente.
 - d) Certidão expedida pelo órgão em que estiver lotada ou a que pertenceu, informando se responde ou já respondeu a algum processo administrativo, contendo, em caso positivo, breve resumo dos fatos, caso seja ou tenha sido funcionária pública pertencente à União, Estados, Distrito Federal ou Município;
 - e) (uma) foto recente e datada com no máximo 06 (seis) meses, no tamanho 5x7 cm;
 - f) (uma) Certidão Negativa de Antecedentes Criminais (original), com até no máximo 03 (três) meses da data de emissão;
- 8.9. A inexistência de dados fornecidos pelo candidato ou constatação de irregularidades na documentação apresentada, ainda que verificadas posteriormente, bem como o não cumprimento dos prazos para apresentação de documentos ou para apresentação do termo de defesa, contra indicam o candidato em qualquer das fases do concurso.
- 8.10. A investigação social terá caráter unicamente eliminatório e considerará os candidatos APTOS ou NÃO APTOS.

- 8.11. Os candidatos que deixarem de cumprir, rigorosamente, o estabelecido no item anterior serão considerados NÃO APTOS na Investigação Social e estarão eliminados do Concurso Público.
- 8.12. No caso de apurada alguma irregularidade poderá ser efetuada, pelo Setor de Contra Inteligência, entrevista com o candidato a fim de se dirimir quaisquer dúvidas.
- 8.13. Ficarão os candidatos sujeitos a desligamento e cancelamento de matrícula, ainda que estejam frequentando o Curso de Formação de Soldados, caso surja fato novo, informação não declarada, omitida ou declarada falsamente, ou que seja reconhecida a existência de fato da vida pregressa dos candidatos que os desabone, e seja considerado incompatível com o exercício da função, mesmo que apurado posteriormente.
- 8.14. O resultado da Investigação Social será divulgado somente para os candidatos ou para os seus representantes legais, os quais assinarão documento informando terem sido cientificados do resultado da Investigação Social.
- 8.15. O candidato considerado como NÃO APTO na Investigação Social poderá ser excluído pela Comissão do presente Concurso.
- 8.16. Sendo considerado NÃO APTO na Investigação Social, o candidato, caso queira, terá o prazo de 48 horas, para comparecer na Agência Central de Inteligência, a fim de tomar ciência dos motivos que levaram a contra indicação, apresentando no prazo de 48 horas recurso administrativo.
9. DO EXAME DE SAÚDE E APRESENTAÇÃO DE EXAME TOXICOLÓGICO
- 9.1. Todos os candidatos do presente Edital de Concurso Público, aprovados na prova objetiva serão convocados, de forma parcelada, para o preenchimento do QIS, Exame de Saúde e apresentação do Exame Toxicológico.
- 9.1.1. Ficam convocados os candidatos aprovados na 1ª fase, até o limite de 2.500 (Dois Mil e Quinhentos), para preenchimento do QIS, Exame de Saúde e apresentação do Exame Toxicológico, conforme ANEXO IX.
- 9.1.2. Em caso de empate na posição de ordem 2.500, serão convocados todos os candidatos com o mesmo número de acertos.
- 9.1.3. Os candidatos aprovados com colocação superior a 2.501 (Dois Mil Quinhentos e um) serão convocados para preenchimento do QIS, Exame de Saúde e apresentação do Exame Toxicológico, por Edital de Convocação atendendo as necessidades da administração pública.
- 9.2. As avaliações do Exame de Saúde serão expressas por meio de conceito APTO ou NÃO APTO.
- 9.2.1. Serão considerados aprovados no Exame de Saúde os candidatos que obtiverem conceito APTO.
- 9.2.2. Os candidatos que obtiverem conceito NÃO APTO no Exame de Saúde serão considerados reprovados no Exame de Saúde e, por consequência, neste Concurso Público.
- 9.3. Os candidatos deverão comparecer em data, local e horário conforme ANEXO IX, com roupa apropriada para o exame de saúde, munidos do documento de identidade original.
- 9.4. Para realização do Exame de Saúde o candidato deverá, obrigatoriamente, apresentar no dia da inspeção de saúde os seguintes exames:
- Hemograma completo;
 - Glicemia de jejum;
 - Creatinina sérica;
 - Colesterol total e HDL colesterol;
 - Parcial de urina;
 - Radiografia de tórax PA, com laudo;
 - Radiografia de coluna cérvico-tóraco-lombo-sacra, PA e Perfil, com laudo;
 - Eletrocardiograma de repouso, com laudo;
 - Gama GT;
 - TGP;
 - Audiometria com laudo e,
 - Exame Toxicológico.
- 9.5. O candidato cujos exames citados no item anterior apresentarem resultado duvidoso que possa comprometer a inspeção de saúde, deverá procurar médico especialista particular para ser examinado e esclarecer o diagnóstico, devendo comparecer na data do Exame de Saúde munido com o parecer especializado, exames complementares com os respectivos laudos, se for o caso.
- 9.6. Os exames de que trata o item 9.4 deste Edital devem ter sido realizados no máximo há 90 (noventa) dias anteriores à data da realização do Exame de Saúde.
- 9.7. A Junta de Inspeção de Saúde Especial poderá solicitar outros exames, se necessário, com a finalidade de esclarecer dúvidas diagnósticas ou suscitadas pelos laudos dos exames apresentados. O novo exame deverá ser apresentado pelo candidato até o término das inspeções de saúde.
- 9.8. O candidato portador de deficiência visual deverá apresentar-se munido de óculos e/ou de lentes de contato atualizados, quando fizer uso dos mesmos, devendo comunicar a Junta de Inspeção de Saúde Especial o uso de tais aparelhos, devendo colocá-los para uso somente quando for determinado pelos membros da JISE.
- 9.9. Será julgado pela Junta de Inspeção de Saúde Especial NÃO APTO para o serviço e o cargo de soldado da Polícia Militar, bem como para frequentar o CFSD, o candidato que:
- Não preencher os índices mínimos e/ou incidir nas condições incapacitantes ou exceder a proporcionalidade de peso e altura exigidos pelo presente Edital de Concurso Público, constantes no ANEXO II deste Edital;
 - Apresentar alterações nos exames complementares consideradas incompatíveis com o serviço e o cargo de Soldado da Polícia Militar, bem como para frequentar o Curso de Formação de Soldados;

- c. Deixar de apresentar algum exame previsto neste Edital ou com o respectivo laudo ausente ou incompleto;
- d. Incidir em condição clínica que embora não conste do presente Edital, seja considerada inapta para o serviço e o cargo de Soldado da Polícia Militar, bem como para frequentar o Curso de Formação de Soldados, pela Junta de Inspeção de Saúde Especial.

9.10. Demais informações a respeito do Exame de Saúde constarão de edital específico de convocação para essa fase.

9.11. DO EXAME TOXICOLÓGICO

- 9.11.1. O candidato deverá providenciar junto ao Laboratório de Análises Clínicas autorizado, o Exame Toxicológico.
 - a. Os Laboratórios de Análises Clínicas autorizados serão divulgados no site do concurso e, também, no site da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, no endereço eletrônico: www.pm.sc.gov.br.
- 9.11.2. O Exame de Avaliação Toxicológica (maconha e metabólicos derivados do Delta 9 THC, cocaína, crack, metabólicos e derivados do merla, solventes, hidrocarbonetos, opiáceos, psicofármacos e "ecstasy" – MDMA e MDA), deverá ser realizado a partir de amostras de materiais biológicos (cabelos, pelos ou raspas de unhas) doado pelo candidato, devendo ter uma larga janela de detecção mínima de 90 (noventa) dias.
- 9.11.3. O candidato que obtiver referência "POSITIVA" para uma ou mais drogas será considerado NÃO APTO e, consequentemente, eliminado automaticamente do Concurso Público.
- 9.11.4. É de inteira responsabilidade do candidato a entrega do resultado do Exame Toxicológico na data prevista. Recomenda-se ao candidato verificar junto ao laboratório o tempo necessário para a entrega do resultado.

10. DO EXAME DE AVALIAÇÃO FÍSICA

- 10.1. A quarta fase deste Concurso Público constará de Exame de Avaliação Física, de caráter eliminatório, e visa avaliar a capacidade dos candidatos para desempenharem as tarefas típicas do cargo.
- 10.2. Estarão aptos a participar do Exame de Avaliação Física os candidatos considerados APTOS no Exame de Saúde.
 - 10.2.1. O Exame de Avaliação Física, será realizado em local, data e horário previstos nos ANEXOS IX e X.
- 10.3. O Exame de Avaliação Física constitui-se na realização de um conjunto de provas compostas de exercícios físicos que avaliam parâmetros de resistência aeróbica, força, coordenação, flexibilidade, potência muscular e velocidade, permitindo classificar o estado físico no momento da execução dos testes. O candidato deve cumprir com habilidade o que lhe é proposto obtendo os índices previstos na tabela única constante do ANEXO III.
- 10.4. O Exame de Avaliação Física a ser aplicado aos candidatos será composto das provas de: flexão de braço na barra fixa, abdominal – remador, velocidade – corrida de 100 metros, apolo de 4 tempos – meio sugado, e prova de corrida, conforme consta no ANEXO III deste Edital.
- 10.5. Um dos professores avaliadores fará a correta demonstração para execução dos exercícios.
- 10.6. O professor avaliador, para cada candidato, fará a contagem em voz alta da quantidade de cada exercício corretamente realizado.
- 10.7. As avaliações do Exame de Avaliação Física serão expressas por meio de conceito, APTO ou NÃO APTO.
 - 10.7.1. Serão considerados aprovados no Exame de Avaliação Física os candidatos que obtiverem conceito APTO em todos os testes a que se submeterem.
 - 10.7.2. Será considerado NÃO APTO o candidato que não obtiver índice mínimo em cada uma das provas dos testes, não obtiver 200 (duzentos) pontos na soma das provas dos testes ou não realizar o Exame de Avaliação Física (ANEXO III) sendo considerados reprovados no Exame Físico e, por consequência, neste Concurso Público.
- 10.8. Os candidatos deverão comparecer em data, local e horário a serem determinados em edital próprio, com roupa apropriada para a prática de educação física, munidos do documento de identidade original.
- 10.9. Os casos de alteração psicológica e/ou fisiológica temporários (indisposições, câlbras, contusões, luxações, fraturas, etc.) que impossibilitem a realização dos testes ou diminuam a capacidade física dos candidatos não serão levados em consideração, não lhes sendo concedido qualquer tratamento privilegiado.
- 10.10. Recomenda-se que, para realização dos exercícios, os candidatos façam sua última refeição com uma antecedência mínima de 2 (duas) horas antes da prova.
- 10.11. Ficará a cargo dos candidatos o aquecimento para a realização dos exercícios.
- 10.12. Caberá ao Coordenador Local dos Testes decidir a respeito de quaisquer imprevistos ocorridos durante a sua execução.
- 10.13. Caberá aos candidatos o conhecimento de todos os testes relacionados nesse informativo e sua execução. Não serão aceitas quaisquer alegações de desconhecimento dos aspectos exigidos.
- 10.14. O resultado final de cada um dos Testes do Exame Físico será informado aos candidatos, em no máximo 48 horas úteis após o término da sua realização.

11. DO EXAME DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

- 11.1. A quinta fase deste Concurso Público constará de Exame de Avaliação Psicológica que será realizado mediante o emprego de um conjunto de procedimentos científicos capazes de permitir a identificação de aspectos psicológicos dos candidatos, para fins de prognóstico do desempenho das atividades relativas ao perfil profissiográfico do cargo pretendido.
 - 11.1.1. O perfil profissiográfico exigido para ingresso no Curso de Formação de Soldados da Polícia Militar foi homologado pela Portaria nº. 037/PMSC/2007, publicada no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina sob nº. 18.080, de 09 de março de 2007, e consta no ANEXO IV, deste Edital.
- 11.2. Estarão aptos a participar do Exame de Avaliação Psicológica os candidatos considerados APTOS no Exame de Avaliação Física.

- 11.2.1. O Exame de Avaliação Psicológica, será realizado em local, data e horário previstos nos ANEXOS IX e X.
- 11.3. No Exame de Avaliação Psicológica serão utilizadas técnicas psicológicas devidamente reconhecidas pelo Conselho Federal de Psicologia.
- 11.4. Os aspectos psicológicos avaliados deverão indicar os candidatos que possuem características intelectivas, cognitivas e de personalidade compatíveis com a multiplicidade de atribuições do cargo para o qual se inscreveram, e contra-indicar aqueles que apresentam características psicológicas incompatíveis para as atribuições do cargo a que concorrem.
- 11.5. Serão ainda analisados aspectos psicológicos de capacidade de concentração e atenção, raciocínio, memória, fluência verbal, julgamento e percepção, devendo os candidatos obter desempenho mínimo de nível médio, e possuírem atributos de personalidade que permitam concluir pela adequação ao perfil profissiográfico do cargo pretendido, como condição para serem considerados APTOS no Exame de Avaliação Psicológica.
- 11.6. Não serão consideradas como razões de recurso os casos em que os candidatos alegarem alteração física ou patológica como sendo a desencadeadora do rendimento apresentado durante a realização dos testes (doença, efeito de substância medicamentosa, luto, cansaço excessivo, tensão extrema, etc.).
- 11.7. As sínteses de parecer psicológico enunciarão as condições de habilitação dos candidatos ao cargo, considerando-os APTOS (candidatos apresentaram perfil psicológico compatível com o perfil profissiográfico exigido para o cargo) ou NÃO APTOS (candidatos não apresentaram perfil psicológico compatível com o perfil profissiográfico exigido para o cargo).
- 11.8. Os laudos NÃO APTOS no Exame Psicotécnico implica a convocação dos candidatos para realização de nova avaliação. A confirmação do resultado anterior atribui aos candidatos parecer NÃO APTOS. A não confirmação do resultado NÃO APTOS tem como critério de desempate o resultado de uma terceira avaliação, cujo resultado será o definitivo.
- 11.9. A confirmação do laudo de NÃO APTOS aos candidatos implica a sua eliminação deste Concurso Público.
- 11.10. Os laudos deverão ter circulação reservada, respeitado o sigilo profissional.
- 11.11. Para o Exame de Avaliação Psicológica recomenda-se aos candidatos que estejam no local de realização com, pelo menos, meia hora de antecedência em relação ao seu início, e que estejam munidos de lápis preto nº 02 e caneta esferográfica com tinta azul ou preta.
- 11.12. Ficarão impedidos de realizar o Exame de Avaliação Psicológica os candidatos que comparecerem em horário que não o estabelecido no documento de convocação.
- 11.13. Não haverá, em hipótese alguma, segunda chamada para o Exame de Avaliação Psicológica, nem sua realização ocorrerá fora do horário e local marcados no documento de convocação.
- 12. DA CLASSIFICAÇÃO E DA HOMOLOGAÇÃO DO RESULTADO DO CONCURSO PÚBLICO**
- 12.1. Os candidatos aprovados na Prova Objetiva, e considerados APTOS no Exame de Saúde e Toxicológico, no Exame de Avaliação Física e no Exame de Avaliação Psicológica, serão classificados em ordem decrescente da nota da prova objetiva.
- 12.2. Ocorrendo empate na nota da prova objetiva, aplicar-se-á, para o desempate, beneficiando sucessivamente, o candidato que:
- obteve o maior número de acertos em Língua Portuguesa;
 - obteve o maior número de acertos em Legislação Institucionais;
 - obteve o maior número de acertos em Raciocínio Lógico;
 - for mais idoso.
- 12.3. A homologação do resultado deste Concurso Público será efetuada a critério do Secretário de Estado da Segurança Pública e do Comandante Geral da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.
- 12.4. O Concurso Público, para todos os efeitos, tem validade de 01 (um) ano, a contar da data de publicação do ato de homologação classificação/resultado previsto neste Edital, podendo ser prorrogado por igual período, a critério da Secretaria de Estado da Segurança Pública de Santa Catarina.
- 12.5. O resultado final, contendo a lista dos candidatos aprovados e classificados, será afixado no mural do hall da sede do CESIEP (CENTRO DE SELEÇÃO INGRESSO E ESTUDO DE PESSOAL DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, disponibilizado no site do Concurso e publicado no DOESC, quando da homologação.
- 13. DA NOMEAÇÃO E INCLUSÃO NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA**
- 13.1. A homologação do resultado do Concurso gera, para os candidatos classificados, apenas a expectativa de direito à nomeação, ficando a concretização desse ato condicionada às disposições legais pertinentes, ao interesse e às necessidades da POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA.
- 13.2. Os candidatos que tiverem os nomes homologados no resultado final do Concurso Público aguardarão, a critério de conveniência e oportunidade da autoridade competente, inscrição para o Curso de Formação de Soldados e nomeação em caráter de provimento efetivo na classe inicial da respectiva carreira da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.
- 13.3. Para a nomeação e inclusão na Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, o candidato, quando convocado, deverá apresentar a seguinte documentação:
- Diploma e/ou Certificado e Histórico de Conclusão de Ensino Superior original e fotocópia autenticada;
 - Carteira Profissional: se possuir, com o registro do último emprego - original e fotocópia autenticada;
 - Cédula de Identidade (RG): original e fotocópia autenticada (frente e verso);
 - Certidão de nascimento ou casamento: original e fotocópia autenticada;
 - Título de eleitor - original e fotocópia autenticada (frente e verso);
 - Cartão de inscrição do PIS ou PASEP: se possuir - original e fotocópia autenticada;
 - Cartão de Identificação do Contribuinte - CIC ou Cadastro de Pessoa Física - CPF: original e fotocópia autenticada (frente e verso);

- h. Certidão negativa dos Cartórios de Protestos ou do Cartório de Distribuição: da cidade/município ou circunscrição onde residir nos últimos cinco anos, expedida, no máximo, há seis meses - original;
 - i. Certidão de nascimento dos filhos: se possuir - original e fotocópia autenticada;
 - j. Declaração de bens: documento a ser preenchido no ato da entrega dos documentos - **ANEXO VII** - Item A;
 - k. Comprovante de exoneração do último emprego/cargo: original e fotocópia autenticada;
 - l. Declaração negativa de acumulação de cargo público a ser preenchida no ato da entrega dos documentos - **ANEXO VII** - Item B;
 - m. Declaração de não ter sofrido no Exercício de Função Pública: as penalidades previstas no Artigo 137 e seu Parágrafo Único da Lei Federal nº. 8.112/90 e as correspondentes, constantes da Legislação de outros Estados e Municípios - original a ser preenchida no ato da entrega dos documentos - **ANEXO VII** - Item C;
 - n. Ato de Exoneração do cargo que exercia: se funcionário público - fotocópia autenticada;
 - o. Certidão de antecedentes criminais da Justiça Federal: dos últimos 05 (cinco) anos, expedida no máximo, há seis meses - original;
 - p. Certidão de antecedentes criminais da Justiça Estadual para fins empregatícios: dos últimos 05 (cinco) anos, expedida no máximo, há seis meses - original;
 - q. Certidão de antecedentes criminais da Justiça do Distrito Federal: para os candidatos residentes no Distrito Federal dos últimos 05 (cinco) anos, expedida no máximo, há seis meses - original;
 - r. Certidão de Antecedentes Criminais da Justiça Eleitoral: dos últimos 05 (cinco) anos, expedida no máximo, há seis meses - original;
 - s. Certidão de Quitação com a Justiça Eleitoral: dos últimos 05 (cinco) anos, expedida no máximo, há seis meses - original;
 - t. Ex-militar estadual (policial militar ou bombeiro militar), licenciado do estado efetivo deverá apresentar declaração de que estava no mínimo no "bom" comportamento e atender as demais exigências deste Edital - original;
 - u. O candidato que estiver servindo as Forças Armadas deverá apresentar permissão por escrito de seu Comandante para inclusão, informando se o mesmo encontra-se no mínimo no "Bom" comportamento e declaração de seu Comandante, constando que será licenciado da Força para ingressar na Polícia Militar de Santa Catarina, na data prevista neste Edital de Concurso Público - original;
 - v. Reservista de Força Armada, o candidato deverá apresentar declaração original constando ter sido licenciado no mínimo no comportamento "bom";
 - w. O candidato do sexo masculino deverá comprovar situação militar entregando documento em via original e fotocópia;
 - x. Comprovante de residência: (conta de água, luz ou telefone) - original e uma fotocópia autenticada; e
 - y. Carteira Nacional de Habilitação (CNH) - original e fotocópia autenticada.
 - z. Ficha Cadastral conforme **ANEXO VIII**.
- 13.4. São requisitos obrigatórios para a inclusão na Polícia Militar do Estado de Santa Catarina:
- a. Ter no mínimo a altura de 1,65m;
 - b. Não ter sido condenado por crime doloso;
 - c. Ter boa conduta social, reputação e idoneidade moral ílibadas e não registrar antecedentes criminais, conforme o art. 11 da Lei 6.218 de 10 de fevereiro de 1983, o Estatuto dos Policiais Militares;
 - d. Se reservista das Forças Armadas, deverá ter sido licenciado no mínimo no comportamento "Bom";
 - e. Se militar da ativa, deverá estar classificado no mínimo no comportamento "Bom";
 - f. Se possuir tatuagem, a mesma não deverá ficar exposta;
 - g. Não ter sido excluído ou desligado de curso ou escola policial, policial militar ou militar, por motivo de conduta disciplinar ou incapacidade moral;
 - h. Não ter respondido e não estar respondendo a processo administrativo cujo fundamento possa incompatibilizá-la com a função policial-militar, se agente público;
 - i. Como servidor público, não ter sido demitido a bem do serviço público ou por ato de improbidade administrativa.
- 13.5. Os candidatos que não apresentarem a documentação obrigatória exigida no item 13.3 e seus subitens, ou que não cumprirem os requisitos obrigatórios apresentados nos itens 13.4 e seus subitens serão excluídos do presente concurso.
- 13.6. Os candidatos aprovados no presente Concurso Público, classificados dentro do limite de vagas disponibilizadas, deverão obrigatoriamente, após a posse, quando convocados, cursar e obter aprovação no Curso de Formação de Soldados, disponibilizado pela POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA.

14. DO CURSO DE FORMAÇÃO DE SOLDADOS

- 14.1. A cidade e local de realização do curso de formação serão informados no término deste Concurso Público, por ocasião da entrega dos documentos obrigatórios para ingresso na PMSC.
- 14.2. Depois de movimentado por término do Curso de Formação de Soldado, o Policial Militar deverá permanecer lotado em Órgão Operacional da PMSC pelo período mínimo de 5 (cinco) anos, sendo durante esse período vedada a sua movimentação para Órgão Administrativo.
- 14.3. Pedidos de transferência em situação de troca poderão ser atendidos desde que avaliado o interesse da Corporação.
- 14.4. Não serão validadas, para efeito deste Curso, disciplinas cursadas e concluídas em quaisquer outros cursos quer tenham sido realizadas no âmbito externo ou interno à Corporação.
- 14.5. Não serão chamados candidatos para substituir aqueles que forem desligados do Curso de Formação de Soldados, após a inclusão.

- 14.6. O Curso de Formação Profissional:
- terá avaliação de desempenho e será eliminatório e classificatório, com regimento estabelecido em regulamento pela POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA;
 - terá seu regulamento aprovado pela POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, a qual será entregue aos matriculados antes do seu início e a cujas normas estarão sujeitos todos os Alunos.
- 14.7. A aptidão para o exercício do cargo será aferida em função da adequação e da capacidade demonstrada pelos Alunos, no desempenho de atos e de atividades inerentes ao cargo e pela presteza, correção e segurança demonstradas na realização dos exercícios teóricos e práticos que lhes forem solicitados.
- 14.8. O candidato que solicitar licenciamento da Corporação antes do prazo de 5 (cinco) anos após a formatura deverá indenizar o Curso, conforme dispositivo legal (item II do Art. 119 da Lei nº. 6218 de 10 de Fevereiro de 1983 – Estatuto dos Policiais Militares de Santa Catarina).
- 14.9. O Curso de Formação de Soldados da PMSC com dedicação exclusiva é previsto em regime de internato, semi-internato e externato, de forma progressiva;
- 14.10. Os alunos devidamente matriculados no Curso de Formação de Soldados farão jus ao recebimento de valor pecuniário, conforme disposto na legislação pertinente.
- 14.11. Serão excluídos do Curso de Formação de Soldados e, em consequência, reprovados e eliminados, os alunos que incidirem nas seguintes situações:
- tiverem ausência não justificada;
 - mantiverem comportamento inadequado;
 - usarem de meios ilícitos no período de avaliação;
 - não demonstrarem aptidão para o exercício do cargo.
- 14.12. Durante o Curso de Formação Profissional os candidatos poderão ser avaliados, em caráter informativo, por especialistas (psiquiatras ou psicólogos) integrantes do quadro de pessoal da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.
- 14.13. O aluno reprovado no Curso de Formação Profissional ou desligado do Curso de Formação Profissional por motivos disciplinares será exonerado por ato do Chefe do Poder Executivo, tendo em vista, nestas hipóteses, não ter cumprido os requisitos do estágio probatório.
15. DOS PEDIDOS DE REVISÃO E DOS RECURSOS
- 15.1. É admitido pedido de revisão quanto:
- ao não deferimento de pedido de isenção da taxa de inscrição;
 - ao não deferimento de inscrição;
 - ao não deferimento de condições especiais de prova;
 - à formulação das questões e respectivos quesitos;
 - à opção considerada como certa na prova objetiva;
 - ao resultado do questionário de investigação social;
 - ao resultado do exame de saúde e apresentação do exame toxicológico;
 - ao resultado do exame de avaliação física;
 - ao resultado do exame de avaliação psicológica e,
 - aos resultados finais do Concurso Público.
- 15.2. Os pedidos de revisão relativos ao item "15.1.a" deverão ser interpostos das 9 (nove) horas de quinta-feira, 16 de junho de 2011 até as 18 (dezoito) horas de sexta-feira, 17 de junho de 2011.
- 15.3. Os pedidos de revisão relativos ao item "15.1.b" e "15.1.c" deverão ser interpostos das 9 (nove) horas quinta-feira, 07 de julho de 2011 até as 18 (dezoito) horas de sexta-feira, 08 de julho de 2011.
- 15.4. O gabarito oficial das provas objetivas será tornado disponível no endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, até as 10 (dez) horas de segunda-feira, 18 de julho de 2011.
- 15.4.1. As provas objetivas serão disponibilizadas no endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, até as 10 (dez) horas de segunda-feira, 18 de julho de 2011, ali permanecendo até as 18 (dezoito) horas do segundo dia útil subsequente.
- 15.4.2. O candidato que desejar interpor pedido de revisão quanto à formulação das questões e respectivos quesitos (item 15.1.d) ou quanto à opção considerada como certa na prova objetiva (item 15.1.e) deverá fazê-lo a partir das 10 (dez) horas de segunda-feira, 18 de julho de 2011 até as 18 (dezoito) horas de quarta-feira, 20 de julho de 2011.
- 15.5. Os pedidos de revisão relativos ao item "15.1.f", "15.1.g", "15.1.h" e "15.1.i" deverão ser interpostos até as 18 (dezoito) horas do segundo dia útil subsequente a divulgação do referido do resultado.
- 15.6. Os resultados finais e, para os aprovados, as listas de classificação, serão disponibilizadas no endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, após as 18 (dezoito) horas de quarta-feira, 21 de setembro de 2011.
- 15.6.1. Os candidatos poderão obter seu Boletim Individual de Desempenho, acessando o endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, ícone "Resultados" e informando seu CPF e data de nascimento, no formato solicitado.
- 15.6.2. Os pedidos de revisão relativos ao item "15.1.j" (resultados finais do Concurso Público para cada cargo) deverão ser interpostos das 8 (oito) horas de quinta-feira, 22 de setembro de 2011 as 18 (dezoito) horas de sexta-feira, 23 de setembro de 2011.
- 15.7. Os pedidos de revisão relativos ao item "15.1" serão respondidos nos seguintes prazos e formas:
- 15.7.1. Se relativos ao não deferimento do pedido de isenção da taxa de inscrição – até as 09 horas de sexta-feira, 24 de junho de 2011.
- 15.7.2. Se relativos ao indeferimento de inscrição e ao indeferimento ao pedido para condições especiais de prova,

- através de ato tornado disponível no endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, até as **18 horas de quarta-feira, 13 de julho de 2011**;
- 15.7.3. Se relativos à formulação das questões e respectivos quesitos de prova e à opção considerada como certa nas provas objetivas – de forma conjunta para todos os candidatos em relação a cada uma das questões da Prova Objetiva de um mesmo cargo, objeto de Pedido de Revisão, por ato disponibilizado no momento da divulgação dos resultados finais.
- 15.7.4. Se relativos aos resultados finais do Concurso Público – por documento individual a cada candidato, encaminhado ao endereço eletrônico que constar de sua ficha de inscrição, até **terça-feira, 27 de setembro de 2011**.
- 15.8. Somente serão apreciados os pedidos de revisão expressos em termos convenientes e que apontem as razões e circunstâncias que os justifiquem, bem como observarem rigorosamente o procedimento estabelecido neste Edital.
- 15.8.1. Os pedidos de revisão referentes aos itens “15.1.a”, “15.1.b”, “15.1.c”, “15.1.d”, “15.1.e” e “15.1.j”, deverão ser elaborados exclusivamente através de formulário digital disponibilizado no ícone “Pedidos de Revisão” do endereço eletrônico indicado no item 3.2.1, a partir da indicação do CPF e data de nascimento do candidato.
- 15.8.2. Nos formulários digitais não haverá necessidade de qualificação do candidato ou de seu procurador, tendo em vista que cada formulário estará vinculado diretamente ao registro do recorrente.
- 15.8.3. Ao optar por pedido de revisão, o candidato deverá proceder conforme orientação no referido formulário.
- 15.8.3.1. Não haverá hipótese de solicitação do pedido de revisão por outro meio senão aquele disponibilizado para tal na respectiva página, considerando-se deserto o pedido cujo preparo seja efetuado de outro modo.
- 15.8.4. As razões do pedido e os respectivos requerimentos deverão ser elaborados previamente em processador de texto de escolha do candidato; uma vez concluídos (razões e requerimentos), estes deverão ser trasladados ao arquivo do processador de textos para a respectiva área no formulário digital.
- 15.8.4.1. As razões do pedido e os respectivos requerimentos deverão ser desprovidos de qualquer identificação do recorrente, timbre de escritório e/ou empresa, etc., permitindo-se assim a sua análise sem a identificação do postulante.
- 15.8.4.2. Não é permitida qualquer identificação no corpo das razões do pedido ou de seus respectivos requerimentos, sendo indeferidos sumariamente os que não atenderem a esta condição.
- 15.8.4.3. O reconhecimento e a consequente consideração de marca distintiva como elemento de identificação do recurso está contido no poder discricionário do julgador.
- 15.8.5. Uma vez terminado o procedimento de formulação do pedido de revisão em seu formulário eletrônico, deverá o candidato, imprimi-lo e remetê-lo, devidamente assinado, para CONCURSO PMSC – EDITAL 008/CESIEP/2011, A/C Caixa Postal 6545 – CEP 88036-970 Florianópolis (SC), por SEDEX-ECT, com postagem até o último dia de cada um dos prazos de pedido de revisão.
- 15.8.6. Os recursos interpostos fora do respectivo prazo não serão conhecidos, sendo para tanto consideradas as datas de expedição do SEDEX-ECT.
- 15.9. Os pedidos de revisão referentes aos itens “15.1.f”, “15.1.g”, “15.1.h” e “15.1.i” deverão ser protocolados junto à Sede da POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, no Centro de Seleção, Ingresso e Estudos de Pessoal – CESIEP da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina - PMSC, na Avenida Mauro Ramos, 1264 – Centro – Florianópolis/SC, das 13h às 19h, com a menção expressa que se relacionam a este Edital.
- 15.10. Pedidos de Revisão inconsistentes e/ou fora das especificações estabelecidas neste edital serão preliminarmente indeferidos.
- 15.11. É admitido recurso quanto:
- a. à homologação dos resultados finais.
- 15.12. Os recursos relativos aos itens 15.11.a. deverão ser interpostos até o primeiro dia útil após a publicação e ciência do respectivo aviso ou ato.
- 15.12.1. Os recursos relativos aos itens 15.11.a. deverão ser protocolados junto à Sede da POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, no Centro de Seleção, Ingresso e Estudos de Pessoal – CESIEP da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina - PMSC, na Avenida Mauro Ramos, 1264 – Centro – Florianópolis/SC, das 13h às 19h, com a menção expressa que se relacionam a este Edital.
- 15.13. Somente serão apreciados os recursos expressos em termos convenientes e que apontem as circunstâncias que os justifiquem, bem como tiverem indicados o nome do candidato, número de sua inscrição, cargo e endereço para correspondência.
- 16. DO FORO JUDICIAL**
- 16.1. O foro para dirimir qualquer questão relacionada com o Concurso Público de que trata este Edital é o da Comarca de Florianópolis (SC).
- 17. DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIA**
- 17.1. Fica delegada competência aos IESES para:
- 17.1.1. divulgar o Concurso;
- 17.1.2. efetuar os procedimentos e obter os dados de inscrição;
- 17.1.3. deferir e indeferir os pedidos de isenção das taxas de inscrição;
- 17.1.4. deferir e indeferir as inscrições e os pedidos de condições especiais de prova;
- 17.1.5. elaborar, aplicar, julgar, corrigir e avaliar as provas objetiva e de avaliação psicológica;
- 17.1.6. julgar os pedidos de revisão previstos nos itens “15.1.a”, “15.1.b”, “15.1.c”, “15.1.d”, “15.1.e”, “15.1.f” e “15.1.j” deste Edital;
- 17.1.7. prestar informações sobre o Concurso.

18. DISPOSIÇÕES FINAIS

- 18.1. O Concurso Público terá validade de 01 (um) ano, a contar da data do ato de homologação do resultado para cada cargo, podendo ser prorrogado por igual período, a critério da POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA.
- 18.2. A homologação do resultado deste Concurso Público será efetuada a critério da POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA.
- 18.3. O candidato que não apresentar todos os documentos exigidos para inclusão e matrícula em tempo hábil não será incluído nem matriculado;
- 18.4. Recomenda-se ao candidato militar uso de trajes civis durante a realização de todas as etapas deste concurso público.
- 18.5. O candidato ao apresentar-se deverá trazer consigo o envelope determinado em norma interna da APMT, publicado no site da PMSC.
- 18.6. Após a formatura o Policial Militar recém formado, inclusive através do presente Edital, serão distribuídos nas 11 (onze) Regiões de Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.
- 18.7. O candidato aprovado e classificado para o Curso de Formação de Soldados que não for incluído e matriculado na primeira chamada deste Edital, deverá providenciar novos exames médicos e submeter-se a nova avaliação médica e avaliação física, por ocasião da segunda chamada, se transcorrido um prazo maior que 06 (Seis) da Avaliação de Saúde e Física, deste Edital.
- 18.8. A íntegra deste Edital será afixada no hall de entrada da Sede do Centro de Seleção, Ingresso e Estudos de Pessoal – CESP/PM do Estado de Santa Catarina - PMSC e publicada no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina.
- 18.9. O inteiro teor deste Edital será disponibilizado o endereço eletrônico indicado no item 3.2.1.
- 18.10. O resultado final (Ato de Homologação do Concurso) será publicado Diário Oficial do Estado de Santa Catarina apenas dos candidatos aprovados e classificados no Concurso público.
- 18.11. Será excluído do Concurso o candidato que fizer, em qualquer fase ou documento, declaração falsa ou inexata;
- 18.12. O candidato deverá manter atualizado seu endereço. Em caso de alteração do endereço constante da "FICHA DE INSCRIÇÃO", o candidato deverá encaminhar documento à POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA indicando seu cargo, número de inscrição e fazendo menção expressa que se relacione ao Concurso Público objeto deste Edital.
- 18.13. Será excluído do Concurso, por Ato do IESES, o candidato que:
 - 18.13.1. tornar-se culpado de incorreções ou descorteses com qualquer membro da equipe encarregada da realização das provas;
 - 18.13.2. for surpreendido, durante a aplicação das provas, em comunicação com outro candidato, verbalmente, por escrito ou por qualquer outra forma;
 - 18.13.3. for apanhado em flagrante, utilizando-se de qualquer meio, na tentativa de burlar a prova, ou for responsável por falsa identificação pessoal;
 - 18.13.4. ausentar-se da sala de prova, sem o acompanhamento de fiscal;
 - 18.13.5. recusar-se a proceder a autenticação digital do cartão resposta ou de outros documentos.
- 18.14. Os casos não previstos, no que tange à realização deste Concurso Público, serão resolvidos, conjuntamente, pela POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA e pelo IESES.

Florianópolis (SC), 23 de maio de 2011.

CÉSAR AUGUSTO GRUBBA
Secretário de Estado da
Segurança Pública

NAZARENO MARCINEIRO
Comandante Geral da Polícia Militar
do Estado de Santa Catarina



GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA MILITAR
DIRETORIA DE PESSOAL
CENTRO DE SELEÇÃO, INGRESSO E ESTUDOS DE PESSOAL

EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO Nº 008/CESIEP/2011

ANEXO I – PROVAS E PROGRAMAS

Em todas as provas, quando da citação de legislação, devem ser consideradas as alterações da legislação publicadas até 30 de junho de 2011.

1. Prova Objetiva de Conhecimentos - 100 (cem) questões

Língua Portuguesa – 30 (trinta) questões

I – Gramática: Classes de palavras: flexões nominais e verbais. Análise sintática: relações e sentidos entre orações, períodos e funções sintáticas dos termos. Sintaxe de regência: verbos e sua predicação; regência verbal e nominal, crase. Sintaxe de concordância: concordância nominal e verbal; concordância gramatical e ideológica (silepse). Colocação de pronomes: próclise, mesóclise e ênclise. Estilística: denotação e conotação; figuras de linguagem: metáfora, metonímia, prosopopeia, antítese e pleonasmo. Semântica: sinonímia e antonímia. Pontuação: vírgula, ponto-e-vírgula, dois pontos, ponto de exclamação, ponto de interrogação e ponto final.

Raciocínio Lógico – 20 (vinte) questões

I. Conjuntos: Notação, representação, pertinência, inclusão e igualdade e operações. Conjuntos numéricos: Naturais (N), Inteiros (Z), Racionais (Q), Reais (R): representação, ordenação, operações e problemas; Números proporcionais: razão, proporção, regra de três simples e composta. II. Trigonometria: Unidades de medida de arcos e ângulos; circunferência trigonométrica e arcos conjuntos. Funções trigonométricas, gráficos, valores, redução ao primeiro quadrante. Relação trigonométrica fundamental, valor numérico de uma expressão trigonométrica e equações. Relações trigonométricas no triângulo retângulo e num triângulo qualquer. (Lei dos senos e lei dos cossenos). III. Funções: Funções: definição, notação, domínio, contradomínio e imagem, composta, inversa, crescente, decrescente e gráficos. Função Polinomial do 1º grau: definição, zero da função, gráfico, equações e inequações; Função Polinomial do 2º grau: definição, zero da função, vértice da parábola, gráficos, equações e inequações; Função Exponencial: definição, gráficos, equações; Função Logarítmica: definição, representação, gráficos, propriedades, mudanças de base, equações; IV. Progressões: Sucessão ou sequência numérica. Progressão Aritmética. Progressão Geométrica. V. Matrizes: Matriz: definição, tipos, propriedades e operações. Determinantes: definição, propriedades e cálculo. Sistemas lineares: resolução, discussão e aplicação. VI. Análise Combinatória: Contagem e fatorial; Permutação, Arranjo e Combinação. VII. Noções de Matemática financeira: Taxa de porcentagem, problemas. Lucro e prejuízo. Juros simples. VIII. Geometria: Introdução à geometria: ponto, reta, plano, ângulos, polígonos convexos, círculo e circunferência. Triângulos: classificação, propriedades, congruência, semelhança. Segmentos proporcionais: Teorema de Tales, Teorema da bissetriz interna. Quadriláteros: classificação e propriedades. Circunferência: relações métricas, comprimento da circunferência, polígonos inscritos e circunscritos. Perímetro e área das figuras planas. Geometria Espacial: prisma, pirâmide, cilindro, cone e esfera, cálculo de áreas e volumes. Geometria Analítica: Ponto, Reta e Circunferência..

Informática – 10 (dez) questões

Conceitos básicos de computação e micro-informática. Conhecimentos em aplicativos e funções do Windows. Conhecimentos em Microsoft Office. Conhecimentos básicos de banco de dados. Conhecimentos básicos para a utilização da Internet.

Legislação Institucional – 20 (vinte) questões

I. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988: Artigo 5º; Artigo 42º; Artigo 125º, § 4º; Artigo 142º; Artigo 144º. Lei Federal nº 9.503, de 23 de setembro de 1997 - Código de Trânsito Brasileiro – (CTB). II. Decreto-Lei Federal nº 1.001, de 21 de outubro de 1969 – Código Penal Militar (CPM). III. Lei Estadual nº 6.218, de 10 de fevereiro de 1983 (Estatuto dos Policiais Militares do Estado de Santa Catarina). IV. Decreto Estadual nº 12.112, de 16 de setembro de 1980 – (Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina – RDPM). V. Decreto Lei Federal nº 667, de 02 de julho de 1969 – Que Reorganiza as Polícias Militares e os Corpos de Bombeiros Militares dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal, e dá outras providências. VI. Decreto nº 88.777, de 30 de setembro de 1983 - Aprova o regulamento para as Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares (R-200).

Conhecimentos Gerais – 20 (vinte) questões

Assuntos relevantes e atuais: políticos, físicos, econômicos, sociais e culturais (nacionais e internacionais) divulgados pelos principais meios de comunicação, nos últimos cinco anos.

ANEXO II – ÍNDICES MÍNIMOS EXIGIDOS PARA O EXAME DE SAÚDE**Altura:**

Mínima de 1,65m para candidatos do sexo masculino e 1,60m para candidatas do sexo feminino.

Peso:

Proporcional à altura, conforme Tabela de Proporcionalidade de Peso e Altura para ambos os sexos, constante neste anexo.

Acuidade visual:

Será observada a acuidade visual, segundo a escala de SNELLEN, sendo considerados aptos:

- (Sem correção) os candidatos em visão mínima de 0.7 (zero ponto sete) em cada olho, separadamente, ou visão 1.0 (um ponto zero) em um olho e, no outro, pelo menos, com 0.5 (zero ponto cinco);
- (Com correção) os candidatos com visão igual a 1.0 (um ponto zero) em cada olho, separadamente, com a correção máxima de 1.5 (um ponto cinco) para dioptrias esféricas ou cilíndricas;

Prescrições:

- Nas ametropias mistas, será levado em conta seu equivalente esférico.

Censo cromático:

- É admissível a discromatopsia de graus leve e médio;
- É incapacitante a discromatopsia de grau acentuado, definida de acordo com as instruções que acompanham cada modelo de teste empregado.

Dentes:

Serão consideradas como condições mínimas:

- Possuir no mínimo quatro dentes molares, desde que estejam distribuídos um em cada hemiarco, permanecendo assim ausência de extremos livres, não considerando os maiores inclusos;
- Ausência de raízes inaproveitáveis proteticamente;
- Ausência de dentes que possuam cimentos obturados provisórios;
- Ausência de anomalias de desenvolvimento de lábios, língua, palato, que prejudiquem a funcionalidade do aparelho estomatognático;
- Adaptabilidade adequada das próteses utilizadas para substituírem os dentes naturais;
- Possuir no mínimo 20 (vinte) dentes naturais, computando-se os terceiros molares, ainda que inclusos, quando revelados radiograficamente;
- Ausência de dentes cariados ou com lesões periapicais;
- A presença de todos os dentes anteriores (incisivos e caninos), tolerando-se dentes artificiais, desde que satisfaça estética e função;
- Ausência de lesões periodontais graves;
- Ausência de distúrbios da fala.

A presença de raízes hígidas que foram aproveitadas proteticamente, será considerada como dentes naturais para todos os efeitos desde que possua a referida peça protética;

Limites mínimos de motilidade:

- Limites mínimos de motilidade da extremidade superior:
OMBRO = elevação para diante à 90°; abdução à 90°;
COTOVELO = extensão completa;
PUNHO = alcance total à 15°;
MÃO = supinação / pronação à 90°;
DEDOS = formação de pinça digital.

- Limites mínimos de motilidade da extremidade inferior:
COXO-FEMURAL = flexão à 90°; extensão à 10°;
JOELHO = extensão total; flexão à 90°;
TORNOZELO = dorsiflexão à 10°; flexão plantar à 10°.

Índices cardíaco-vasculares:

Pressão arterial medida em repouso e em decúbito dorsal ou sentado:
SISTÓLICA – Igual ou menos de que 140mmHg;
DIASTÓLICA – Igual ou menos de que 90mmHg;
PULSO ARTERIAL MEDIDO EM REPOUSO – Igual ou menor que 100bat/min.

Índice audiométrico:

Serão considerados aptos os candidatos que apresentarem perdas auditivas em qualquer ouvido, por vias aérea e óssea:

- até 20 decibéis, nas frequências de 500HZ e 1000HZ;
- até 30 decibéis, na frequência de 2000HZ;
- até 35 decibéis, nas frequências de 3000 à 8000HZ.

CONDIÇÕES INCAPACITANTES

Constituem condições incapacitantes à inclusão na Polícia Militar de Santa Catarina:

Cabeça e pescoço:

- deformações, perdas externas de substância;
- cicatrizes extensas, deformantes, aderentes ou antiestéticas;
- contrações musculares anormais, cisto branquial, higroma cístico de pescoço e fistulas.

Ouvido e audição:

- em teste audiométrico será observado o índice de acuidade auditiva constantes dos índices mínimos exigidos.
- deformidades ou agenesia do pavilhão auricular; anormalidades do conduto auditivo e timpano;
- infecções crônicas recidivantes, otite média crônica, labirintopatias e tumores.

Olhos e visão:

- a discromatopsia de grau acentuado.
- infecções e processos inflamatórios, excetuando conjuntivites agudas e hordéolo;
- ulcerações, tumores, excetuando cisto benigno palpebral;
- opacificações corneanas, degenerações, seqüelas de traumatismo ou de queimaduras;
- doenças congênicas e deformidades congênicas ou adquiridas, incluindo desvios dos eixos visuais superiores a 10 graus;
- anormalidades: funcionais significativas e diminuição da acuidade visual além da tolerância permitida;
- lesões retinianas;
- doenças neurológicas ou musculares oculares.

Boca, nariz, laringe, faringe, traquéia e esôfago:

- anormalidades estruturais congênicas ou não;
- desvio acentuado de septo nasal;
- mutilações, tumores, atresias e retrações;
- seqüelas de agentes nocivos;
- fistulas congênicas ou adquiridas;
- infecções crônicas ou recidivantes;
- deficiências funcionais na mastigação, respiração, fonação e deglutição;
- doenças alérgicas do trato respiratório.

Dentes:

- estado sanitário geral deficiente;
- infecções;
- mal oclusão;
- tumores;
- restaurações, dentaduras e pontes insatisfatórias;
- deficiências funcionais, na mastigação

Para estabelecer as condições normais de estética e mastigação, tolera-se a prótese dental, desde que o inspecionado apresente dentes naturais, conforme previsto nos "Índices Mínimos".

Pele e tecido celular subcutâneo:

- infecções crônicas ou recidivantes;
- micoses extensas, infectadas ou crônicas;
- parasitoses cutâneas extensas;
- eczemas alérgicos crônicos ou infectados;
- expressões cutâneas das doenças auto-imunes;
- manifestações das doenças alérgicas de difícil resolução;
- ulcerações e edemas;
- cicatrizes deformantes, comprometendo a estética;
- nevus vasculares extensos ou antiestéticos.
- tatuagem em qualquer área do corpo, se expressando motivos obscenos, ofensivos ou de morte, que possam ser consideradas como manifestações de desequilíbrios psíquicos, de qualquer tipo. Se possuir tatuagem, a mesma não deverá ficar exposta, ou seja, em hipótese alguma, na cabeça, pescoço acima da área coberta pela gola da camiseta manga curta, no terço distal do braço, no antebraço, nas mãos abaixo do terço médio das coxas para ambos os sexos.
- piercing: em ambos os sexos, em qualquer área do corpo, constituem condição incapacitante.

Pulmões e paredes torácicas:

- deformidades relevante congênita ou adquirida de caixa torácica;
- função respiratória prejudicada;
- doenças e defeitos, congênitos ou adquiridos;
- infecções bacterianas ou micóticas;
- doenças imuno-alérgicas do trato respiratório inferior (importante a história morbida pregressa);
- fistula e fibrose pulmonar difusa;
- tumores malignos e benignos dos pulmões e da pleura;
- anormalidade radiológicas;
- anormalidade radiológicas; exceto se insignificantes e desprovidas de potencialidade mórbida e sem comprometimento funcional.

Sistema cardíaco-vascular:

- anormalidades congênitas ou adquiridas;
- infecções e inflamações;
- arritmias;
- doenças do pericárdio, miocárdio, endocárdio e da circulação intrínseca do coração;
- anormalidade do feixe de condução e outras, detectadas no eletrocardiograma;
- doenças oro-valvulares;
- hipotensão arterial com sintomas;
- hipertensão arterial e taquiesfigmia;
- alterações significativas da silhueta cardíaca no exame radiológico;
- doenças venosas, arteriais e linfáticas.

Abdome e trato digestivo:

- anormalidades da parede perceptíveis à inspeção ou palpação(ex. hérnias, fistulas), à inspeção ou palpação;
- visceromegalias;
- infecções, esquistossomose e outras parasitoses graves, (ex. doença de Chagas, calazar, malária, amebiose extra-intestinal);
- micose profundas;
- história de cirurgia significativa ou ressecções importantes;
- doenças hepáticas e pancreáticas;
- lesões do trato gastrointestinal;
- distúrbios funcionais, desde que significativos;
- tumores benignos e malignos.

Aparelho gênito-urinário:

- anormalidades congênitas ou adquiridas da genitália, rins e vias urinárias;
- tumores;
- infecções e outras lesões demonstráveis no exame de urina;
- criptorquidia;
- varicocele, volumosa e/ou dolorosa

O testículo único não é incapacitante, desde que não resulte de criptorquidia do outro testículo. A hipospádia não é incapacitante.

Aparelho osteo-mio-articular:

- doenças e anormalidades dos ossos e articulações, congênitas ou adquiridas, inflamatórias, infecciosas, neoplásicas e traumáticas;
- desvios ou curvaturas anormais significativos da coluna vertebral;
- deformidades ou qualquer alteração na estrutura normal das mãos e pés;
- próteses cirúrgicas e seqüelas de cirurgia.
- diferença de mais de 1,0 cm no comprimento dos membros inferiores.

No caso de pé plano e curvatura discreta da coluna vertebral, à critério da JISE poderá ser solicitado parecer especializado para avaliação de sintomas, distúrbios funcionais orgânicos e vício postural.

Doenças metabólicas e endócrinas:

- diabetes mellitus;
- tumores hipotalâmicos e hipofisários;
- disfunção tireoideana sintomática;
- tumores da tireoide, exceto cistos insignificantes e desprovidos de potencialidade mórbida;
- tumores de supra-renal e suas disfunções congênitas ou adquiridas;
- hipogonadismo primário ou secundário;
- distúrbios do metabolismo do cálcio e fósforo, de origem endócrina;
- erros inatos do metabolismo;

- desenvolvimento anormal, em desacordo com a idade cronológica.

Sangue e órgãos hematopoiéticos:

- alterações significativas do sangue e órgãos hematopoiéticos significativas;
- doenças hemorrágicas; (importante a história morbida pregressa);

Alterações hematológicas consideradas significativas, à critério da JISE poderão ser submetidas a parecer especializado.

Doenças neuropsiquiátricas:

- distúrbios neuromusculares;
- afecções neurológicas;
- anormalidades congênicas ou adquiridas;
- ataxias, incoordenações, tremores, parestias e paralisias, atrofia e fraquezas musculares;
- Síndromes convulsivas, distúrbios de consciência, distúrbios comportamentais e de personalidade (avaliar cuidadosamente a história morbida pregressa, para identificar estas manifestações);
- Tartamudez (gagueira) que prejudique a fluência da fala.

Tumores e neoplasias:

- tumor maligno;
- tumores benignos, dependendo da localização, repercussão funcional, potencial evolutivo ou comprometimento estético importante.

Doenças sexualmente transmissíveis:

- doença sexualmente transmissível em atividade;
- serão toleradas cicatrizes sorológicas.

PROPORCIONALIDADE DE PESO E ALTURA:

Será julgado apto para ingresso na PMSC e matrícula no Curso de Formação de Soldados da PMSC, o candidato, de ambos os sexos, cujo Índice de Massa Corpórea (IMC) situa-se no limite de 18,5 a 30, conforme tabela de proporcionalidade de peso e altura, constante neste processo seletivo.

O Índice de Massa Corpórea, conforme preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), será aferido da seguinte forma:

$IMC = P/A^2$ (peso em quilogramas dividido pela altura em metros, elevada ao quadrado), sendo, IMC = Índice de Massa Corpórea, P = peso do inspecionado em quilogramas e A = altura do inspecionado em metros, descalço e descoberto.

Tabela de Proporcionalidade de Peso e Altura, ambos os sexos:

Altura (m)	Peso Mínimo (Kg)	Peso Máximo (Kg)
1,60	47,5	77,0
1,61	48,0	78,0
1,62	48,5	78,5
1,63	49,0	79,5
1,64	49,5	80,0
1,65	50,0	81,5
1,66	51,0	82,5
1,67	51,5	83,5
1,68	52,0	84,5
1,69	53,0	85,5
1,70	53,5	86,5
1,71	54,0	88,0
1,72	54,5	89,0
1,73	55,5	90,0
1,74	56,0	91,0
1,75	56,5	92,0
1,76	57,0	93,0
1,77	58,0	94,0
1,78	58,5	95,0
1,79	59,0	96,0
1,80	60,0	97,0
1,81	60,5	98,0
1,82	61,5	99,5
1,83	62,0	100,0
1,84	62,5	101,5
1,85	63,5	102,5
1,86	64,0	104,0
1,87	64,5	105,0
1,88	65,5	106,0
1,89	66,0	107,0
1,90	67,0	108,5
1,91	67,5	109,5
1,92	68,0	110,5
1,93	69,0	111,5
1,94	69,5	113,0
1,95	70,5	114,0

ANEXO III – NORMAS E PROCEDIMENTOS PARA REALIZAÇÃO DAS PROVAS DA AVALIAÇÃO FÍSICA - TAF

PROVA DE FLEXÃO DE BRAÇO NA BARRA FIXA – BARRA (SOMENTE PARA O SEXO MASCULINO)

Os procedimentos a serem adotados pelo candidato para execução correta da prova de flexão de braço na barra fixa são:

Posição Inicial:

Pegada na barra com as palmas das mãos voltadas para fora (pronação); braços estendidos, pernas estendidas, corpo na posição vertical, e perdendo o contato com o solo. (0)



Posição Inicial (0)

Execução:

Flexionar simultaneamente os braços até ultrapassar o queixo da barra horizontal, sem executar movimentos de pernas ou da região abdominal. (1);

Voltar à posição inicial pela extensão completa dos braços. (2);

Realizar, nestas condições, o maior número de flexões de braço, até o limite da resistência do candidato.

O comando para iniciar a prova será dado pelo professor avaliador.



Posição (1)



Posição Final (2)

PROVA DE ABDOMINAL - REMADOR - 1 MINUTO (AMBOS OS SEXOS):

Os procedimentos a serem adotados pelo candidato para execução correta da prova de abdominal – remador (1 minuto) é:

Posição inicial:

Deitado em decúbito dorsal, pernas unidas e braços esticados atrás da cabeça, tocando o solo (0);



Posição Inicial (0)

Execução:

Flexionar, simultaneamente, o tronco e membros inferiores na altura dos quadris, lançando os braços à frente, de modo que as plantas dos pés se apoiem totalmente no solo e a linha dos cotovelos no mínimo coincida com a linha dos joelhos. (1);

Voltar à posição inicial, com as pernas e os braços estendidos, tocando o solo, completando desta forma, uma repetição (2);

Realizar, nestas condições, o maior número possível de repetições no tempo de 1 (um) minuto;

Os comandos para iniciar e terminar a prova serão dados pelo professor avaliador.



Posição (1)



Posição Final (2)

PROVA DE VELOCIDADE - 100 METROS:

Os procedimentos a serem adotados pelo candidato para execução correta da prova de velocidade – corrida de 100 metros é:

Posição inicial:

De pé, em posição de largada, estando o pé da frente alinhado com a linha de partida.

Execução:

Ao comando de “ATENÇÃO”, “JÁ” (execução), ou “ATENÇÃO”, seguido de um silvo breve de apito (execução) dado pelo professor avaliador, o candidato deverá percorrer a distância estipulada no menor tempo possível.

PROVA DE APOIO DE 4 TEMPOS – MEIO SUGADO - 1 MINUTO - (AMBOS OS SEXOS):

Os procedimentos a serem adotados pelo candidato para execução correta da prova de apoio de 4 tempos – meio sugado (1 minuto) é:

Posição inicial:

Tomar a posição fundamental (anatômica). (0);



Posição Inicial (0)



Posição (1)



Posição (2)

Execução:

Realizar o flexionamento das pernas com os joelhos unidos, braços por fora das pernas, apoiando-se com as palmas das mãos no solo (1);

Após esse movimento estender as pernas, tomando a posição para flexão de braço (2);

Voltar novamente a flexionar as pernas com os joelhos unidos, retornando assim à posição 1 (3);

Em seguida, retornar a posição inicial (0), completando desta forma uma repetição; (4)

Realizar, nestas condições, o maior número de repetições possíveis no tempo de 1 (um) minuto;

Os comandos para iniciar e terminar a prova serão dados pelo professor avaliador.



Posição (3)



Posição Final (4)

PROVA DE CORRIDA:

Os procedimentos a serem adotados pelo candidato para execução correta da prova de corrida são:

Posição inicial:

De pé, junto à linha de partida.

Execução:

O percurso da prova será realizado em pista de atletismo, ruas ou estradas.

Quando realizada em ruas ou estradas, evitar-se-á locais muito movimentados e o percurso deverá ser o mais plano possível.

O candidato deverá percorrer a distância estipulada pelo professor avaliador, no menor tempo possível, o qual será transformado em pontos de acordo com a Tabela Única de Provas do Exame de Avaliação Física.

TABELA ÚNICA - PROVAS DO EXAME DE AVALIAÇÃO FÍSICA

P R O V A S															
Barra	Desenv com Halter 10Kg	Abdominal remador (1 minuto)		Velocidade metros) (Em segundos)				(100 Meio Sugado (1 minuto)		Corrida		Pontos			
										MAS	3200 m				
										FEM	2400 m				
MAS	FEM	MAS	FEM	MAS		FEM		MAS	FEM	(Em minutos)					
03	20	29	24	18,6	a	19,0	19,6	a	20,0	14	9	16,56	a	17,05	20
	21	30	25	18,3	a	18,5	19,3	a	19,5	15	10	16,41	a	16,55	25
04	22	31	26	18,0	a	18,2	19,0	a	19,2	16	11	16,26	a	16,40	30
	23	32	27	17,7	a	17,9	18,7	a	18,9	17	12	16,11	a	16,25	35
05	24	33	28	17,4	a	17,6	18,4	a	18,6	18	13	15,56	a	16,10	40
	25	34	29	17,1	a	17,3	18,1	a	18,3	19	14	15,41	a	15,55	45
06	26	35	30	16,8	a	17,0	17,8	a	18,0	20	15	15,26	a	15,40	50
	27	36	31	16,5	a	16,7	17,5	a	17,7	21	16	15,11	a	15,25	55
07	28	37	32	16,2	a	16,4	17,2	a	17,4	22	17	14,57	a	15,10	60
	29	38	33	15,9	a	16,1	16,9	a	17,1	23	18	14,41	a	14,56	65
08	30	39	34	15,6	a	15,8	16,6	a	16,8	24	19	14,26	a	14,40	70
	31	40	35	15,3	a	15,5	16,3	a	16,5	25	20	14,11	a	14,25	75
09	32	41	36	15,0	a	15,2	16,0	a	16,2	26	21	13,56	a	14,10	80
	33	42	37	14,7	a	14,9	15,7	a	15,9	27	22	13,41	a	13,55	85
10	34	43	38	14,4	a	14,6	15,4	a	15,6	28	23	13,31	a	13,40	90
	35	44	39	14,1	a	14,3	15,1	a	15,3	29	24	13,21	a	13,30	95
11	36	45	40	Até		14,0	Até		15,0	30	25	Até		13,20	100

Para a prova de flexão de braço na barra fixa, será considerada a maior pontuação.

ANEXO IV – PERFIL PROFISSIOGRÁFICO EXIGIDO NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA.

Publicado no Diário Oficial do Estado nº. 18.080, de 09 de março de 2007.

O presente perfil profissiográfico consta das características exigidas ao candidato a ingresso no Curso de Formação de Soldados da PMSC, bem como suas respectivas descrições e dimensões (níveis). As dimensões classificam-se em “elevado” (muito acima dos níveis medianos), “adequado” (dentro dos níveis medianos), “baixo” (abaixo dos níveis medianos) e “ausente” (não apresenta a característica).

1. CONTROLE EMOCIONAL (AUTOCONTROLE):

- Descrição: habilidade de reconhecer as próprias emoções diante de um estímulo, controlando-as de forma que não interfiram em seu comportamento;
- Dimensão: elevado.

2. ANSIEDADE:

- Descrição: aceleração das funções orgânicas, causando agitação emocional que pode afetar a capacidade cognitiva do candidato; devido à antecipação de consequências futuras, a preocupação antecipada leva a um estado de preparação física e psicológica para defender a incolumidade pessoal contra uma possível adversidade, o que deixa o indivíduo em constante estado de alerta (fase 1 do ciclo de estresse);
- Dimensão: baixo.

3. ANGÚSTIA:

- Descrição: mal estar psicofísico caracterizado por temor difuso, podendo ir da inquietação ao pânico;
- Dimensão: baixo.

4. IMPULSIVIDADE:

- Descrição: incapacidade de controlar as emoções e tendência a reagir de forma brusca e intensa, diante de um estímulo interno ou externo;
- Dimensão: ausente.

5. AUTOCONFIANÇA:

- Descrição: atitude de autodomínio do candidato, presença de espírito e confiança nos próprios recursos, estabelecendo contatos de forma resoluta e decidida. Capacidade de reconhecer suas características pessoais dominantes e acreditar em si mesmo;
- Dimensão: adequado.

6. RESISTÊNCIA À FRUSTRAÇÃO:

- Descrição: capacidade de absorver e lidar objetiva e eficazmente com situações frustrantes;
- Dimensão: elevado.

7. POTENCIAL DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO:

- Descrição: grau de inteligência geral (fator G), dentro de faixa mediana padronizada para a análise, aliado à receptividade para incorporar novos conhecimentos e reestruturar conceitos já estabelecidos, a fim de dirigir adequadamente seu comportamento;
- Dimensão: adequado.

8. AGRESSIVIDADE:

- Descrição: manifestação de tendência ao ataque em oposição à fuga de perigos ou enfrentamento de dificuldades;
- Dimensão: ausente.

9. DISPOSIÇÃO PARA O TRABALHO:

- Descrição: capacidade para lidar, de maneira produtiva, com tarefas sob sua responsabilidade, participando delas de maneira construtiva;
- Dimensão: adequado.

10. INICIATIVA:

- Descrição: capacidade de agir adequadamente sem depender de ordem ou decisão superior em situações específicas;
- Dimensão: adequado.

11. POTENCIAL DE LIDERANÇA:

- Descrição: habilidade para agregar as forças latentes existentes em um grupo, canalizando-as no sentido de trabalharem de modo harmônico e coeso na solução de problemas comuns, visando atingir objetivos pré-definidos. Facilidade para conduzir, coordenar e dirigir as ações das pessoas, para que atuem com excelência e motivação, estando o futuro líder disponível para ser treinado em sua potencialidade;
- Dimensão: adequado.

12. **SOCIABILIDADE (RELACIONAMENTO INTERPESSOAL):**
- Descrição: capacidade de perceber e reagir adequadamente às necessidades, sentimentos e comportamentos dos outros;
 - Dimensão: adequado.
13. **FLEXIBILIDADE DE CONDUTA (FLEXIBILIDADE):**
- Descrição: capacidade de diversificar seu comportamento, de modo adaptativo, atuando adequadamente, de acordo com as exigências de cada situação em que estiver inserido;
 - Dimensão: elevado.
14. **FLUÊNCIA VERBAL (COMUNICABILIDADE):**
- Descrição: capacidade em comunicar-se de forma compreensível e agradável;
 - Dimensão: adequado.
15. **SINAIS FÓBICOS:**
- Descrição: medo irracional ou patológico de situações específicas como: animais, altura, água, sangue, fogo, etc., que levam o indivíduo a desenvolver evitação ou crises de pânico;
 - Dimensão: ausente.
16. **RESPONSABILIDADE:**
- Descrição: capacidade do indivíduo em tomar decisões, assumindo suas consequências;
 - Dimensão: elevado.
17. **AMBIÇÃO:**
- Descrição: desejo de alcançar aquilo que valoriza, os bens materiais ou o amor próprio;
 - Dimensão: adequado.
18. **ASSERTIVIDADE:**
- Descrição: capacidade de expressar-se corretamente, deixando clara a sua vontade, agindo ativamente para sua aquisição;
 - Dimensão: adequado.
19. **CORAGEM:**
- Descrição: qualidade de quem além de ter vontade, enfrenta situações adversas ou que representem risco pessoal;
 - Dimensão: adequado.
20. **DISCIPLINA:**
- Descrição: capacidade de ater-se a um método, uma ordem, uma maneira de ser e de agir;
 - Dimensão: elevado.
21. **ORGANIZAÇÃO:**
- Descrição: capacidade de desenvolver atividades, sistematizando as tarefas;
 - Dimensão: adequado.
22. **PERSEVERANÇA:**
- Descrição: capacidade para executar uma tarefa, vencendo as dificuldades encontradas até concluí-la;
 - Dimensão: adequado.
-

ANEXO V – FORMULÁRIO DE RECURSO AO EXAME DE AVALIAÇÃO FÍSICA.

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA DO CIDADÃO
POLÍCIA MILITAR
DIRETORIA DE PESSOAL
CENTRO DE SELEÇÃO, INGRESSO E ESTUDOS DE PESSOAL

RECURSO

Nome:

Número de inscrição: CPF:

RG nº:

Indique com um "X" o Exame de Seleção que deseja impetrar recurso:

☐

Exame de avaliação física

☐

Exame de avaliação psicológica

Motivo do recurso:

.....

Fundamentação do Recurso:

.....

Florianópolis,dede 2011

Assinatura do candidato

Parecer da Comissão avaliadora:

.....

Decisão:

.....

.....

.....

.....

Florianópolis,..... de de 2011

Assinatura do Presidente da Comissão

ANEXO VI – Modelos

A - Requerimento para isenção de taxa de inscrição – Lei Estadual n.º 10.567/97

Ao Instituto de Estudos Superiores do Extremo Sul - IESES

Nome do Candidato -

Número da Inscrição -

CPF -

Cargo -

Função -

O candidato acima qualificado vem pelo presente requerer seu enquadramento para isenção da taxa de inscrição, no amparo da Lei Estadual n.º 10.567/97, juntando os documentos exigidos pelo Edital 008/CESIEP/2011 de Concurso Público da POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA.

Local, Data e Assinatura.

B - Requerimento para condições especiais de prova

Ao Instituto de Estudos Superiores do Extremo Sul - IESES

Nome do Candidato -

Número da Inscrição -

CPF -

Cargo -

Função -

O candidato acima qualificado vem pelo presente requerer as seguintes condições especiais para realização das provas objetivas previstas no Edital 008/CESIEP/2011 de Concurso Público da POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA.
[Descrever as condições que necessita]

Local, Data e Assinatura.

ANEXO VII – Declarações

A – Declaração de Bens

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA DO CIDADÃO
POLÍCIA MILITAR
DIRETORIA DE PESSOAL
CENTRO DE SELEÇÃO INGRESSO E ESTUDOS DE PESSOAL

DECLARAÇÃO DE BENS

Nome do candidato:		
CPF:	CI:	
Bens a declarar:		
01: Nada a declarar () - assinalar com X, caso não possua bens		
02:	Ano Aquisição:	Valor:
03:	Ano Aquisição:	Valor:
04:	Ano Aquisição:	Valor:
05:	Ano Aquisição:	Valor:

Florianópolis, de de 20__.

ASSINATURA DO CANDIDATO

B – Declaração de não cumulação de cargo, emprego ou função pública Federal, Estadual ou Municipal.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, conforme prevê o Artigo 24 e Parágrafo Único da Constituição do Estado de Santa Catarina, de 05 de outubro de 1989, que o signatário não exerce Cargo, Emprego ou Função Pública Federal, Estadual ou Municipal.

Florianópolis, de de 20__.

ASSINATURA DO CANDIDATO

C – Declaração de não ter sofrido no exercício da Função Pública penalidades previstas no Artigo 137 e seu Parágrafo Único, da Lei Federal nº. 8.112/90, e as correspondentes constantes da Legislação de outros Estados e Municípios.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que no exercício da Função Pública não sou penalidades previstas no Artigo 137 e seu Parágrafo Único, da Lei Federal nº. 8.112/90, e as correspondentes constantes da Legislação de outros Estados e Municípios.

Florianópolis, de de 20__.

ASSINATURA DO CANDIDATO

ANEXO VIII – Dados Cadastrais do Servidor

DADOS CADASTRAIS DO SERVIDOR:

Nome:.....

CPF:.....Sexo: Masculino() Feminino:()

Raça/Cor:.....Estado Civil:.....

Nome da Mãe:.....

Nome do Pai:.....

Ano Primeiro Emprego:.....Data de Nascimento:.....

Município de Nascimento – Naturalidade:.....UF – Estado:.....

Nacionalidade:.....PIS/PASEP nº:.....

Logradouro:(Endereço): Rua/Avenida.....

.....nº:.....Complemento:.....

Bairro:.....Município:.....

Referência/próximo:.....CEP:.....

Telefone: Celular:.....Fixo:.....

Nº Certificado Reservista:.....Categoria:.....Série:.....

Região Militar:.....CSM/OAM:.....

Data Emissão:.....Unidade:.....

NºTítulo Eleitor:.....Zona:.....Seção:.....UF:.....

Nº Carteira Trabalho:.....Série:.....

Nº Carteira Motorista (CNH):.....

Nº Carteira de Identidade:.....ÓrgãoEmissor:.....UF:.....

DADOS BANCÁRIO (SOMENTE BANCO DO BRASIL OU BBBSB)

AGÊNCIA Nº:.....CONTA Nº:.....

ANEXO IX

CRONOGRAMA DOS EXAMES ESPECÍFICOS

EXAME DE SELEÇÃO	DATA	HORÁRIO DO 1º DIA	RESULTADO
QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO SOCIAL (QIS) (REGIÕES)			
1ª E 11ª REGIÕES.....	16-08-2011	08:30hs	
6ª E 8ª REGIÕES.....	18-08-2011	08:30hs	
3ª E 7ª REGIÕES.....	20-08-2011	08:30hs	
5ª REGIÃO.....	22-08-2011	08:30hs	
2ª REGIÃO.....	24-08-2011	08:30hs	
10ª REGIÃO.....	26-08-2011	08:30hs	
4ª E 9ª REGIÕES.....	28-08-2011	08:30hs	
EXAME DE SAÚDE (REGIÕES) COM ENTREGA DO EXAME TOXICOLÓGICO			
1ª E 11ª REGIÕES.....	17-08-2011	08:00hs	18-08-2011
6ª E 8ª REGIÕES.....	19-08-2011	08:00hs	20-08-2011
3ª E 7ª REGIÕES.....	21-08-2011	08:00hs	22-08-2011
5ª REGIÃO.....	23-08-2011	08:00hs	24-08-2011
2ª REGIÃO.....	25-08-2011	08:00hs	26-08-2011
10ª REGIÃO.....	27-08-2011	08:00hs	28-08-2011
4ª E 9ª REGIÕES.....	29-08-2011	08:00hs	30-08-2011
EXAME DE AVALIAÇÃO FÍSICA			
1ª E 11ª REGIÕES.....	20-08-2011	08:00hs	Resultado Parcial Até 02-09-2011
6ª E 8ª REGIÕES.....	22-08-2011	08:00hs	
3ª E 7ª REGIÕES.....	24-08-2011	08:00hs	
5ª REGIÃO.....	26-08-2011	08:00hs	
2ª REGIÃO.....	28-08-2011	08:00hs	
10ª REGIÃO.....	30-08-2011	08:00hs	
4ª E 9ª REGIÕES.....	01-09-2011	08:00hs	
EXAME AVALIAÇÃO FÍSICA - RECURSOS	06-09-2011	08:00hs CEPM	RESULTADO FINAL 08-09-2011
DIVULGAÇÃO DO LOCAL DO EXAME DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	01-09-2011		
EXAME DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA			
PARA TODAS AS REGIÕES.....	10 e 11-09-2011	08:00h	13-09-2011
SÍNTESE DO PARECER DISPONÍVEL PARA RECURSO DO EXAME DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA			
PARA TODAS AS REGIÕES.....	13-09-2011		
PRAZO FINAL PARA RECURSO DO EXAME DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA – TODAS AS REGIÕES	15-09-2011	Até as 14:00h	

OBSERVAÇÃO: Em todas as fases do concurso o candidato deverá se apresentar no primeiro dia da avaliação/exame, conforme cronograma das atividades.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE RESULTADO E OUTRAS INFORMAÇÕES

Internet: www.cfsd2011.pmsc.ieses.org e www.pm.sc.gov.br

ANEXO X

LOCAL DO EXAME DE SAÚDE E APRESENTAÇÃO DO EXAME TOXICOLÓGICO

OBSERVAÇÃO: Durante o exame de saúde será informado aos candidatos presentes o local do EXAME DE AVALIAÇÃO FÍSICA.

REGIÕES	ENDEREÇOS
1ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR E 11ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	Hospital da Polícia Militar de Santa Catarina Rua Major Costa, 221, Centro, Florianópolis CEP: 88020-400
2ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	6ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua: Mato Grosso, 297 Cep: 88509-220-São Cristóvão - Lages - SC
3ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR E 7ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	12ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua México, 1191 Cep: 88.338-223- Bairro das Nações - Balneário Camboriú SC
4ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR E 9ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	2ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Av. Getúlio Vargas, 1965N Cep: 89805-001 - Passo dos Fortes - Chapecó -SC
5ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	8ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua Aquidaban, 75 Cep: 89.216-295 - Glória - Joinville - SC
6ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR E 8ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	9ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua Ver Matias Ricardo Paz, s/nº - Cep: 88.815.205 Jardim Maristela Criciúma - SC
10ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	26ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua: Nereu Ramos, 620 Cep: 89.610.000 - Centro - Herval D'Oeste - SC

LOCAL DO PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO SOCIAL

REGIÕES	ENDEREÇOS
1ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR E 11ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	Academia de Polícia Militar da Trindade Av. Madre Benvenuta, 265, Trindade, Florianópolis CEP: 88036-500
2ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	6ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua: Mato Grosso, 297 Cep: 88509-220-São Cristóvão - Lages - SC
3ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR E 7ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	12ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua México, 1191 Cep: 88.338-223- Bairro das Nações - Balneário Camboriú SC
4ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR E 9ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	2ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Av. Getúlio Vargas, 1965N Cep: 89805-001 - Passo dos Fortes - Chapecó -SC
5ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	8ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua Aquidaban, 75 Cep: 89.216-295 - Glória - Joinville - SC
6ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR E 8ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	9ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua Ver Matias Ricardo Paz, s/nº - Cep: 88.815.205 Jardim Maristela Criciúma - SC
10ª REGIÃO DE POLÍCIA MILITAR	26ª BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR Rua: Nereu Ramos, 620 Cep: 89.610.000 - Centro - Herval D'Oeste - SC

ANEXO XI – CIDADES SOB A CIRCUNSCRIÇÃO DOS COMANDOS REGIONAIS

1ª REGIÃO – Florianópolis (sede)

2ª REGIÃO – Lages (sede), Bocaina Do Sul, Paineira, São José Do Cerrito, Anita Garibaldi, Celso Ramos, Cerro Negro, Campo Belo Do Sul, Campo Alto, Abdon Batista, Otacilio Costa, São Joaquim, Bom Jardim Da Serra, Urupema, Uribici, Rio Rufino, Correia Pinto, Ponte Alta, Alfredo Wagner, Bom Retiro, Palmeira, Canoinhas, Porto União, Irineópolis, Matos Costa, Tres Barras, Bela Vista Do Toldo, Major Vieira, Mafra, Italoópolis, Papanduva, Monte Castelo, Curitibaanos, São Cristóvão Do Sul, Ponte Alta Do Norte, Lebon Regis, Santa Cecília, Timbo Grande, Frei Rogério.

3ª REGIÃO – Balneário Camboriú (sede), Camboriú, Tijucas, São João Batista, Canelinha, Nova Trento, Major Gercino, Itapema, Bombinhas, Porto Belo, Navegantes, Barra Velha, São João Do Itaperiú, Penha, Balneário Piçarras, Luiz Alves, Itajaí.

4ª REGIÃO – Chapecó (sede), Coronel Freitas, Caxambu Do Sul, Planalto Alegre, União Do Oeste, Nova Itaberaba, Aguas Frias, Guatambu, Cordilheira Alta, Pinhalzinho, Saudades, Nova Erechim, Palmitos, Cunhataí, Calbi, Jardinópolis, São Carlos, Aguas De Chapecó, Xanxerê, Bom Jesus, Faxinal Dos Guedes, Abelardo Luz, São Domingos, Ipuçu, Ouro Verde, Ponte Serrada, Vargeão, Passos Maia, Xaxim, Lageado Grade, Marema, Entre Rios, São Lourenço Do Oeste, Quilombo, Santiago Do Sul, Jupiá, Formosa Do Sul, Galvão, Coronel Martins, Irati, Novo Horizonte, Concórdia, Irani, Presidente Castelo Branco, Peritiba, Alto Bela Vista, Arabuta, Lindóia Do Sul, Ipumirim, Seara, Xavantina, Arvoredo, Ita, Paial

5ª REGIÃO – Joinville (sede), Jaraguá Do Sul, Corupá, Guaramirim, Massaranduba, Schroeder, São Bento Do Sul, Campo Alegre, Rio Negrinho, São Francisco Do Sul, Itapoá, Garuva, Araquari, Barra Do Sul

6ª REGIÃO – Criciúma (sede), Forquilha, Nova Veneza, Siderópolis, Treviso, Araranguá, Maracajá, Balneário Arroio Do Silva, Sombrio, Santa Rosa Do Sul, Balneário Gaivotas, São João Do Sul, Praia Grande, Passo De Torres, Turvo, Timbé Do Sul, Morro Grande, Meleiro, Ermo, Jacinto Machado, Içara, Urussanga, Morro Da Fumaça, Cocal Do Sul, Orleans, Lauro Muller

7ª REGIÃO – Blumenau (sede), Timbó, Pomerode, Rio Dos Cedros, Benedito Novo, Doutor Pedrinho, Indaial, Acurra, Apiuna, Rodeio, Rio Do Sul, Agronômica, Laurentino, Aurora, Lontras, Presidente Nereu, Rio Do Oeste, Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma, Witmarsum, Victor Meirelles, Jose Boiteux, Taio, Pouso Redondo, Mirim Doce, Salete, Rio Do Campo, Santa Terezinha, Agrolândia, Trombudo Central, Braço Do Trombudo, Ituporanga, Petrolândia, Chapadão Do Lageado, Petrolândia, Imbuia, Vidal Ramos, Leoberto Leal, Brusque, Guabiruba, Botuvera, Gaspar, Ilhota, Atalanta

8ª REGIÃO – Tubarão (sede), Pedras Grandes, Capivari De Baixo, Jaguaruna, Treze De Maio, Sangão, Imbituba, Imaruí, Garopaba, Paulo Lopes, Braço Do Norte, Grão Pará, Rio Fortuna, Santa Rosa De Lima, São Ludgero, Gravatal, São Martinho, Armazém, Laguna.

9ª REGIÃO – São Miguel Do Oeste (sede), Descanso, Anchieta, Guaraciaba, Romelândia, Paraíso, Belmonte, Bandeirantes, Barra Bonita, Itapiranga, São João Do Oeste, Tunápolis, Santa Helena, Maravilha, Cunha Porã, Flor Do Sertão, Iraceminha, São Miguel Da Boa Vista, Tigrinhos, Modelo, Serra Alta, Sul Brasil, Bom Jesus Do Oeste, Mondai, Iporã Do Oeste, Riqueza, Dionísio Cerqueira, Campo Eré, Palma Sola, Santa Terezinha do Progresso, São Bernardino, Saltinho, São José Do Cedro Guarujá Do Sul, Princesa.

10ª REGIÃO – Joazeiro (sede), Caçador, Videira, Arroio Trinta, Pinheiro Preto, Salto Veloso, Tangara, Ibiá, Iomerê, Rio Das Antas, Macieira, Calmon, Fraiburgo, Monte Carlo, Herval Do Oeste, Erval Velho, Água Doce, Ibicaré, Treze Tilas, Luzerna, Catanduvas, Jaborá, Vargem Bonita, Capinzal, Ouro, Lacerdópolis, Piratuba, Ipira, Campos Novos, Zortea, Vargem, Brunópolis.

11ª REGIÃO – São José (sede), São Pedro De Alcântara, Palhoça, Biguçu, Antonio Carlos, Governador Celso Ramos, Santo Amaro Da Imperatriz, Aguas Mornas, Rancho Queimado, Anitapolis, Angelina, São Bonifácio.

ANEXO G – APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pro-Reitoria de Pesquisa e Extensão
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

CERTIFICADO Nº 2343

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Pro-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA N.º 0584 GR-99 de 04 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o contido no Regimento Interno do CEPSH, **CERTIFICA** que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.


APROVADO

PROCESSO: 2343 FR: 477267

TÍTULO: O PROCESSO DE INCORPORAÇÃO, INCULCAÇÃO E ENCARNAÇÃO DO HABITUS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA

AUTOR: Suzana da Rosa Tolfo, Aniele Fischer Brand

FLORIANÓPOLIS, 27 de Fevereiro de 2012.


Coordenadora do CEPSH/UFSC
Prof.ª Andréa Ferreira Delgado
Subcoordenadora
CEPSH/PRPE/UFSC